

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Rebello da Silva

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

Maria de Fátima Marinho

INTRODUÇÃO
NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

*No princípio do século passado toda Lisboa
corria ao mosteiro de Santa Clara,
de religiosas seráficas, atraída pela
sumptuosidade das funções divinas,
e pelo agrado sedutor do locutório.*

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE

POR

L. A. REBELLO DA SILVA.

SEGUNDA EDIÇÃO.

TOMO I.



PORTO,
EM CASA DE VIUVA MORE — EDITORA,
PRAÇA DE S. PEDRO.

A mesma casa em Coimbra, | Casa de Commisaires em Paris,
Rua de Galyada. | 2^{da}, Rua d'Arcade.

1862.

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Rebello da Silva

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

Maria de Fátima Marinho
INTRODUÇÃO
NOTA BIBLIOGRÁFICA

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/impresanacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© 2020, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

As obras da BFLP observam
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

Publicado em agosto de 2020

Depósito legal

471 064/20

ISBN

978-972-27-2688-7

Edição n.º

1023946

Nota prévia

Carlos Reis

A «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa» é uma série editada pela Imprensa Nacional que surgiu motivada por um propósito claro: reunir numa coleção coerente um conjunto de textos da literatura portuguesa, considerados, de acordo com aquilo que o título indica, como *fundamentais*. Para além disso, os títulos que aqui podemos ler são devidamente enquadrados por elementos de apoio à leitura e à análise crítica a que ela pode conduzir. A «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa» trata, assim, de colmatar lacunas que têm retirado do nosso convívio a produção literária de escritores sobretudo do passado — e não necessariamente de um passado muito remoto. Ao mesmo tempo, procura-se realçar e valorizar aquelas obras em que reconhecemos um certo significado patrimonial e uma relevância literária e social que não podem ser ignorados. A literatura e a literatura portuguesa em particular assumem, deste modo, uma dimensão institucional que se projeta no ensino da língua e no valor formativo que o sistema de ensino atribui a muitos dos autores da «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa».

O romance de Rebelo da Silva, agora publicado em edição preparada por Maria de Fátima Marinho, dirige-se a um público

relativamente alargado e faculta um texto que, provavelmente, não será muito fácil de encontrar, em livrarias ou em bibliotecas escolares; note-se que a edição mais recente deste relato, tal como está registado na base de dados da Biblioteca Nacional, tem a data de 1985. Por isso, o aparecimento d'*A Mocidade de D. João V* nesta série contribuirá, seguramente, para facilitar o acesso a este que foi, no seu tempo, um romance com uma certa projeção pública.

O que leva a considerar *A Mocidade de D. João V* (1851-52) um texto *fundamental* da literatura portuguesa? Antes de mais — e mesmo sabendo-se que este não será um critério definitivo —, podemos dizer que estamos perante uma obra e um autor que, no seu tempo, receberam uma consagração que se foi esbatendo com o passar dos anos. Figura grada da vida literária e da vida política de meados do século XIX, Rebelo da Silva pertence à geração que sucedeu aos primeiros românticos, mais propriamente a Almeida Garrett e a Alexandre Herculano. Deste último procurou o autor d'*A Mocidade de D. João V* colher a lição do romance histórico, sem, todavia, ter atingido o patamar qualitativo do seu mestre. Convém lembrar que, conforme lembra Maria de Fátima Marinho na sua circunstanciada introdução, a história e a Idade Média foram, para muitos românticos, um «motivo apreciado e justificado»; assim, escrevendo num país que carecia de legitimação, depois «de invasões traumatizantes e de uma guerra civil devastadora, os autores românticos sentem a atração dos tempos primordiais, aliando a vontade de ensinar ao gosto de criar ambientes aterrorizadores, macabros, mas geradores de sensações fortes».

Entretanto, n'*A Mocidade de D. João V*, Rebelo da Silva desloca o tempo da ação para uma época mais próxima do presente em que escreve, sem, contudo, abandonar o princípio norteador que estampou na introdução de *Ódio Velho não Cansa* (1848) e que Maria de Fátima Marinho cita no seu texto introdutório: «Em assumptos históricos, o dever do romance consiste em cunhar com a verdade mais aproximada a expressão fiel do viver e crer de

Portugal, ou de qualquer outra nação, n'uma designada epocha.» Foi isso que o romancista procurou fazer também neste romance; trabalhou nesse sentido a atração de Rebello da Silva pelo estudo e pelo ensino da história, resultando daí a publicação de diversos trabalhos e, em particular, de uma *História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII* (1860), com a chancela da Imprensa Nacional.

Curiosamente, o labor de Rebello da Silva, como ficcionista que tematizou a história e algumas das suas figuras, teve prolongamentos um tanto enviesados em romancistas de outro gabarito. E assim, o processo crítico e metaficcional que Eça de Queirós levou a cabo n'*A Ilustre Casa de Ramires* não o impediu de engendrar uma ação romanesca que, pelo que já foi dito, lembra a de *Ódio Velho não Cansa*; quase um século depois, foi José Saramago quem refigurou, em *Memorial do Convento*, o monarca a que a historiografia oficial chamou Magnânimo, situando-o, contudo, numa etapa mais tardia da sua vida.

A presente edição d'*A Mocidade de D. João V* surge consideravelmente valorizada pelo trabalho que lhe foi consagrado por Maria de Fátima Marinho. Trata-se de uma especialista nas relações entre literatura e história que a essa temática tão fascinante como complexa tem dedicado investigação metódica e análises muito fecundas, com destaque para o volume *O Romance Histórico em Portugal* (1999). A introdução e a nota biobibliográfica que de seguida podem ler-se são, para aquilo que a este volume interessa, contributos preciosos para a leitura ou para a releitura deste romance de Rebello da Silva.

Introdução

1. Rebello da Silva e a sua época

O século XIX, liberal e burguês, pressentiu a necessidade de legitimar a identidade nacional que, subitamente, se via em sério risco de derrocada. Os valores que, até ao fim de Setecentos, tinham sido considerados como inamovíveis, desabavam para dar lugar a um jogo de forças sociais, económicas e políticas que pressupunham um novo xadrez cujo equilíbrio nem sempre estava definido ou se podia considerar estável. De igual modo, as preocupações que os enciclopedistas do século XVIII já denunciavam não podem deixar de ter continuidade numa sociedade que começava a perceber a importância de separar definitivamente crenças atávicas e raciocínio cientificamente sustentado. Nesta conjuntura, de inquietação epistemológica e de fragilidade identitária, urgia construir um imaginário sólido, isto é, uma ficção (Benmakhlof, 2011: 34) que substituísse a descontinuidade temporal pela continuidade, legitimadora de uma nacionalidade em perigo de permanência.

A realidade que se adivinha perante a radical mudança do poder político e consequente alteração da sociedade parece ser favorável ao aparecimento de um género literário que reúne

o gosto pelo conhecimento às intenções didáticas, imprescindíveis para formar novas elites, burguesas, endinheiradas, mas incultas. O romance histórico aliava as várias vertentes ao convocar episódios e cenas do passado, afirmando a veracidade dos factos e dos ambientes. As estratégias da construção narrativa, atestando a verdade dos relatos e reconstruindo episódios históricos à medida que eles se tornavam oportunos para manipular a opinião dos leitores, legitimando opções políticas e económicas do presente, destinavam-se a estabelecer a versão oficial (e oficiosa) do passado. Autores como Alexandre Herculano ou Rebelo da Silva preocupavam-se em ensinar história e em dissimular a aridez da possível aprendizagem através de enredos atraentes e de personagens contraditórias, anjos ou demónios, que atraíam a atenção dos leitores. Normalmente, a uma erudição inatacável, traduzida em descrições minuciosas de ambientes (topografia de cidades, monumentos, vestuário, alimentação) e de acontecimentos (políticos, sociais, culturais), contrapunham-se fragilidades difíceis de ultrapassar e que consistiam sobretudo na construção das personagens cujas características as afastavam das pessoas reais do tempo evocado. A ausência de diferenças significativas, ao nível da linguagem, do comportamento e das atitudes, entre Joanhina de *Viagens na Minha Terra* e Aninhas de *O Arco de Sant'Ana*, nos dois romances de Almeida Garrett ou das várias personagens camilianas, sejam elas protagonistas de obras cuja ação se desenrola em épocas tão distintas como *O Romance de um Homem Rico* (século XIX) ou *O Senhor do Paço de Ninães* (século XVI), tem uma consequência evidente e inquestionável: apesar de os ambientes serem medievais, seiscentistas ou do século XVIII, as personagens possuem sempre os ingredientes românticos que lhes emprestam as atitudes próprias dessa corrente.

A anacronia que, inevitavelmente, surge condiciona a credibilidade total do narrado, na medida em que se percebe que, na época retratada, as personagens não poderiam atuar e pensar como

se fossem contemporâneas do escritor. A sensação de artificialidade, que então se gera, impede que as afirmações de Herculano ou Arnaldo Gama de que o romance ensina mais do que um livro de história, não possam ser tomadas à letra e que se equacione uma nova forma de analisar e valorizar os textos. Sabemos bem que os dois autores citados tinham consciência plena da relativa verdade do que escreviam, o que é demonstrado por outros momentos em que, veladamente, o fazem sentir. Rebello da Silva, quando, na «Introdução» a *Ódio Velho não Cansa* (1848), explica a sua conceção de romance histórico («Em assumptos históricos, o dever do romance consiste em cunhar com a verdade mais aproximada a expressão fiel do *viver e crer* de Portugal, ou de qualquer outra nação, n'uma designada epocha», Rebello da Silva, s/d, I: 16) está a assumir um desejo que sabe não poder cumprir na íntegra. Isso justifica a afirmação em *A Pena de Talião* de que «guardadas as leis da verosimilhança, [o autor] pode lavar como entender a moldura da sua fábula» (Rebello da Silva, s/d, II: 338) e que «na meia idade o maior perigo consiste em se lhes [aos personagens] errar a expressão, atribuindo às paixões e sentimentos, linguagem e carácter que lhes foram desconhecidos, e que transportam a ação para anos muito posteriores» (Rebello da Silva, s/d, II: 340).

Aceitas estas premissas não se torna difícil perceber as características do romance histórico romântico e os constrangimentos que se sentiam, na falta de uma verdadeira noção da anacronia e das diferenças de mentalidades, que, rigorosamente, só foram elucidadas em meados de Novecentos.

Rebello da Silva começa a sua produção literária, tal como Herculano ou Garrett, usando temas da Idade Média, como é o caso de *Rausso por Homízio* (1842-43) e *Ódio Velho não Cansa* (1848), bem como de alguns textos de *Contos e Lendas*. A Idade Média, início da nacionalidade, transforma-se num motivo apreciado e justificado. Apostados em legitimar um país que acabara de sair de invasões traumatizantes e de uma guerra civil devastadora, os autores românticos sentem a atração dos tempos

primordiais, aliando a vontade de ensinar ao gosto de criar ambientes aterrorizadores, macabros, mas geradores de sensações fortes. A partir da publicação de *A Mocidade de D. João V*, o autor vai privilegiar os séculos XVIII e início do XIX, trocando o remoto e macabro por um tempo mais próximo, onde as preocupações e reações têm maiores semelhanças com as do presente da enunciação.

Os contemporâneos de Rebelo da Silva cedo o distinguiram com referências elogiosas e o romance que agora se edita foi dos que melhor apreço tiveram da crítica coeva. Ernesto Biester já em 1856 o considerava um dos expoentes máximos da literatura nacional, na esteira de Garrett e Herculano:

Sabe dar vida, expressão e movimento aos personagens; relevo e similitude aos objectos. Desenha com igual vigor e correcção a humanidade e a natureza, assemelhando uma, e realçando a outra nas suas múltiplas e variadas alternativas. [Biester, 1856: 20.]

E o mesmo autor ressalta ainda o seu importante papel como crítico literário:

Na qualidade de crítico, Rebelo da Silva tem como em tudo mais títulos superiores e incontestáveis á consideração publica nas letras pátrias. O seu lugar está marcado por obras d'um merecimento geralmente reconhecido, e em que a copia de boa licção se allia á sagacidade e fino espirito de observação. [Biester, 1856: 34.]

Camilo Castelo Branco, nos *Esboços de Apreciações Literárias*, a propósito dos romances *A Mocidade de D. João V* e *Lágrimas e Tesouros*, sublinha o seu poder de evocação do passado (Castelo Branco, 1993: 1193), chamando a atenção para a limpidez da linguagem, a «ciência da propriedade do termo», «o estreme lusitanismo da frase» e a «locução irrepreensível» (Castelo Branco, 1993: 1194).

A Mocidade de D. João V, publicado pela primeira vez na *Revista Universal* em 1851-1852, é, como dissemos, um dos

romances que melhor foi acolhido na época. Ernesto Biester considera-o uma obra-prima (Biester, 1856: 22):

Os quatro tomos de *Mocidade de D. João V* encerram mais erudição verdadeira, mais aguda analyse, mais sagacidade investigadora, mais profundo conhecimento d'uma epocha do que muitos fólhos volumosos. É dos livros raros em que os personagens vivem de sua vida própria. [Biester, 1856: 24.]

José Maria de Andrade Ferreira, no entanto, num ensaio escrito em 1859, embora publicado em 1871, considera que o romance tem algumas falhas: «urdidura frouxa» e «ausência de sentimento» (Ferreira, 1871: 54). Na sua opinião, ele é «principalmente, um magnífico quadro histórico» (Ferreira, 1871: 55), onde se nota um «espírito fino e satyrico» (Ferreira, 1871: 57).

Na mesma linha de pensamento, Pinheiro Chagas chama a atenção, num artigo publicado nos *Novos Ensaios Críticos*, a propósito de *Casa dos Fantasmas*, para a tendência de Rebello da Silva em amenizar o caráter das personagens, demonstrando a inconsistência de algumas construções:

Do que elle [D. João V] foi depois deduzimos que nunca poderia ter sido tal qual se nos pinta alli, e ainda assim é esse um ponto que depende da apreciação que se fizer do carater do rei fidelíssimo.

Depois de advertir os leitores d'esta ligeira tendência do snr. Rebello da Silva para embelezar os seus heróes, nada mais temos a fazer na apreciação dos retratos da sua galeria, se não admirar-os. [Chagas, 1890: 28.]

A análise do romance levada a cabo por Fidelino de Figueiredo, na *História da Literatura Romântica Portuguesa*, de 1913, sustenta que o romance, «sendo uma obra bella, é uma obra imperfeitíssima» (Figueiredo 1913: 180), na medida em que o título, decetivo, promete mais do que revela: «o papel de D. João V é dispensável. Qualquer outra personagem poderia ter na intriga

uma idêntica interferência.» (Figueiredo, 1913: 180-181.) Estas ilações permitem perceber o papel das personagens referenciais no romance histórico romântico: o cuidado posto no seu tratamento nem sempre consegue escapar à tentação de os transformar em figuras românticas bem semelhantes às personagens inventadas que são quase sempre o núcleo do enredo.

Mais recentemente, a obra de Rebelo da Silva não tem sido alvo de muitos estudos. Excetuam-se breves páginas nas histórias da literatura portuguesa (Lopes e Saraiva, s/d: 772-774) e nos dicionários literários, como o organizado e dirigido por Álvaro Manuel Machado (1996), e referências um pouco mais longas nas obras de Castelo Branco Chaves, *O Romance Histórico no Romantismo Português* (1979: 38-40 e 45-48), Maria Laura Bettencourt Pires, *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), e Maria de Fátima Marinho, *O Romance Histórico em Portugal* (1999: 70-75).

A presente edição de *A Mocidade de D. João V* segue a 2.^a edição de 1862, corrigindo dois pequenos erros de numeração de capítulos (aliás já corrigidos nas edições seguintes): na 2.^a edição passa-se do capítulo XXVI para o XXVIII.

2. *A Mocidade de D. João V*: da 1.^a à 2.^a edição

Não sendo objetivo desta coleção a apresentação de uma edição crítica, limitar-nos-emos a apontar as principais diferenças ou as principais correções que o autor fez da 1.^a para a 2.^a edição.

Tentaremos demonstrar as preocupações do autor em melhorar a expressão linguística e, regra geral, em apostar mais na economia narrativa, evitando as redundâncias, as interrogações ou as reticências.

É o próprio autor quem, no prólogo da 2.^a edição justifica as alterações, concluindo:

O fim principal das correções feitas nesta edição foi dar ao estilo do romance certa unidade, e que muito carecia, sobre tudo nos dois primeiros tomos, amputando ao mesmo tempo alguns episódios, que por demasiado cómi-

cos na expressão, desmentiam a indispensável compostura das situações e da frase. [Rebello da Silva, 1862, 1.º: VIII.]

Pelo título do capítulo I se vê a tendência para privilegiar a contenção: «A verdade de um rifão no adro de S. Domingos» (Silva, 1851, 1.º: 1) transforma-se em «A verdade de um rifão» (Silva, 1862, 1.º: 1), evitando a particularização desnecessária. Ainda no que se refere a títulos, note-se a diferença no capítulo IV, quando se muda uma proposição condicional, seguida da subordinante por uma frase afirmativa, seguida da restrição provocada pela adversativa: «Se o hábito não faz o monge, o véu não faz a freira» (Rebello da Silva, 1851 1.º: 55) / «O hábito não faz o monge, mas o véu não faz a freira!» (Silva, 1862 1.º: 42). A exclamação colocada no fim da frase acentua o carácter excepcional da asserção.

Nota-se também a tendência para encurtar os parágrafos (Silva, 1851, 1.º: 12 ou 174, e Silva, 1862, 1.º: 9 ou 132), tornando-os mais numerosos a partir da edição de 1862.

Regra geral, a partir da 2.ª edição há mais contenção no estilo, como se poderá ver pela sistematização que aqui deixamos:

- 1) Omissão de frases intercaladas: «o andador das almas, apesar da bravura, limpava o suor frio da testa» (Rebello da Silva, 1851, 2.º: 106) / «o andador das almas limpava o suor frio da testa» (Rebello da Silva, 1862, 1.º: 275);
- 2) Diminuição da subordinação: «O engano torna-se fácil; porque a imaginação muitas vezes toma o lugar da verdade.» (1851, 3.º: 201) / «o engano é tão fácil! A imaginação muitas vezes toma o lugar da verdade» (1862, 2.º: 272);
- 3) Omissão do ponto de exclamação: «Filippe da Gama não podia consolar-se!» (1851, 3.º: 51) / Filipe da Gama não podia consolar-se. (1862, 2.º: 150);
- 4) Diminuição de comentários do narrador: a expressão «Pobre Jeronymo!» que fecha o capítulo xxx não existe a partir da 2.ª edição;

- 5) Traços caricaturais mais acentuados na 1.^a edição;
- 6) Mudança de termos no sentido de criar uma maior propriedade vocabular ou uma maior subtilidade de sentido: «abbadeça» (1851, 1.º: 175) / «freira» (1862, 1.º: 133); «finura» (1851, 3.º: 19) / «mordacidade» (1862, 2.º: 125), «bramidos» (1851, 4.º: 133) / «estampido» (1862, 3.º: 144); «desastre» (1851, 4.º: 168) / «infortúnio» (1862, 3.º: 174); «era a elle que o Sindbad portuguez fustigava em effigie, malhando implacável sobre o casquete inofensivo» (1851, 3.º: 52) / «Era a ele que o Sindbad português fustigava em effigie, punindo implacável no inofensivo casquete as ofensas do erudito.» (1862, 2.º: 150);
- 7) Mudança de tempo verbal, com as consequências que tal alteração acarreta: «Foi sempre um homem activo» (1851, 2.º: 107) / «Sempre era um homem ativo» (1862, 1.º: 276), «A nuvem tinha passado» (1851, 2.º: 203) / «A nuvem passara» (1862, 2.º: 74), «há de vencel-o» (1851, 3.º: 50) / «o vencerá» (1862, 2.º: 148), «Cecilia abria os olhos» (1851, 4.º: 132) / «Cecília abriu os olhos» (1862, 3.º: 143);
- 8) Mudança de tom e de modo de tratamento: «Diogo de Mendonça retire-se...» (1851, 2.º: 152) / «Diogo de Mendonça, até logo...» (1862, 2.º: 31);
- 9) Interjeição que dá lugar a uma negação violenta: «— Jesus!» (1851, 2.º: 226) / «— Não. Não!» (1862, 2.º: 93).

Pelos exemplos citados compreende-se o trabalho de Rebelo da Silva no sentido de aplicar os pressupostos que enuncia no prólogo.

3. A Mocidade de D. João V: construção romanesca

Numa «Nota geral» que termina a 1.^a edição, Rebelo da Silva alude às personagens criadas e coloca-se diretamente sob a égide de Walter Scott e de Cervantes, justificando o tipo de figuras que

criou, sem nunca deixar de proclamar a sua liberdade de romanista, como se pode ver numa nota no capítulo xxxiv, quando se refere a Caetano José da Silva Sotto Maior, o Camões do Rossio:

A introdução de Caetano José da Silva Sotto Maior, por antonomásia o Camões do Rossio, peca contra a história quanto ao cargo, que se lhe supõe já neste ano. Entretanto o autor julgou-se autorizado a cometer esta inexatidão, prevenindo sempre de que ela existe. É quanto deve bastar para os escrupulosos. [3.º: 97.]

O facto de o autor se reclamar uma certa autonomia não constitui novidade entre os cultores do romance histórico: Garrett, Herculano e, evidentemente, Camilo Castelo Branco, todos eles se arrogam, de modo mais ou menos direto, da possibilidade de modificar a história ou as personagens, se tal for importante para o enredo. A cautela em atribuir a personagens referenciais (sobretudo se se trata de reis ou príncipes, com imagens já estabelecidas no espírito do leitor) características que sabemos falsas, pode constranger os autores, na linha do que refere Scott em *The Monastery*:

Mistakes of place or inanimate things referred to, are of very little moment; but the ingenious author ought to have been more cautious of attaching real names to fictitious characters. [Scott, 1868: 389.]

Apesar destas precauções, a verdade é que, mesmo na caracterização de personagens que tiveram uma existência real, há frequentemente interferências, isto é, contaminação de temas e motivos da época em que o texto é produzido.

Não bastam os *topoi* da data e do lugar («Resta dizer que o lugar da cena era o adro do convento de S. Domingos de Lisboa; e a hora as sete da manhã do dia 20 de novembro de 1706») ou a explicitação de antigas topografias («Frei João rondou de passeio a arcada até à escadaria do grandiosos hospital de Todos os Santos, pelo sítio aonde estão hoje S. Domingos e a Praça da

Figueira») para, automaticamente, criar uma atmosfera distinta da da atualidade e garantir o rigor da cor local e da ressurreição dos seres de outras eras. A inevitabilidade da anacronia, ou seja a impossibilidade de reconstruir, rigorosa e efetivamente, o passado, é colmatada com pequenos artifícios narrativos que permitem dissimular a real incapacidade. Se o narrador, ao escrever «Diogo de Mendonça Corte Real, secretário das mercês de el-rei, D. Pedro II, nosso senhor.», usa o pronome possessivo adjunto de primeira pessoa do plural, incluindo-se nos súbditos de Sua Majestade, isso não pode deixar de ser um modo, indireto, tácito, sub-reptício, de tentar implicar o leitor na cena e na época retratada. De igual modo, a focalização ligeiramente externa («Via-se que o reverendo batalhava com a ira») acentua a preocupação com o efeito de verosímil, se o de real se torna mais improvável.

A recusa em antecipar sucessos que o narrador, na sua qualidade de focalizador omnisciente, deveria conhecer, resulta na criação de uma técnica dilatória, que obriga o narratário a permanecer na ignorância, prolongando o interesse pelo enredo:

A quem se referia o jesuíta?

Brevemente ele o dirá. Escusado é, portanto, sermos indiscretos.

Os processos narrativos, que Rebelo da Silva utiliza traduzem-se em variados artifícios que se destinam a sublinhar traços caracterológicos, a antecipar descobertas (des)agradáveis, a dosear a intriga amorosa com episódios políticos, funcionalmente imprescindíveis para os intentos didáticos desejados.

As técnicas enunciadas atualizam-se de formas variadas consoante o propósito e o efeito pretendido. Num diálogo entre Catarina e Cecília, a primeira recita uma quadra e conta a história de um príncipe cuja identidade se desconhecia, criando uma sequência de subentendidos só perceptíveis ao leitor atento, mas completamente inoperantes para a sua interlocutora, que não desconfia estar apaixonada pelo futuro rei. Esta espécie de estrutura

em abismo antecipa o reconhecimento, muitas páginas depois, e favorece um jogo de sentidos duplos, sempre erradamente interpretados pela principal interessada, prolongando a intriga e dando azo a intervenções políticas e/ou económicas, que vão alternando com as amorosas. O recurso frequente ao diálogo legitima leituras antecipatórias, uma vez que a apresentação imediata das personagens dispensa descrições pormenorizadas e considerações indiretas. Frequentemente, também, o emprego de determinado adjetivo ou de um substantivo mais negativamente marcado, manipula a opinião do leitor e concorre para a estabilização dos caracteres: «O todo deste embirrento figurão era mais astuto do que boçal.» Ao classificar, poucas páginas depois do início do romance, o irmão Tomé de «embirrento figurão», o narrador está a condicionar imediatamente a leitura e a dar indicações claras dos pactos de adesão ou repulsa em relação a certas personagens.

A ironia que, por vezes, acompanha a descrição ou o comentário a uma atuação funciona como um alerta para fornecer o significado implícito que, por razões de estratégia narrativa, nem sempre é conveniente revelar:

Estavam então em moda «os amores freiráticos» indigno termo aplicado por legulejos malcriados à casta adoração, que ardendo sobre si mesma, se consumia em suspiros, não ousando profanar o objeto querido. Pelo menos assim explicavam os amadores estas embiocadas paixões tão melindrosas e sentimentais. Se era isto só, ou alguma coisa mais, responda a consciência deles; a nossa, queridos leitores, deve supor sempre o melhor.

Outro tipo de ironia, mais escondida sob a capa do comentário inócuo, é a da referência explícita ao estilo, dissimulando o verdadeiro código utilizado. Vejamos como se articulam estes dois aspetos. No início do capítulo xv, lemos:

Pediremos vénia agora ao leitor para entrarmos com ele, como se dizia em estilo pastoril na época desta mui verídica história, na choupana do honrado Tomé das Chagas [...]

Ignorando, de momento, a ironia patente na classificação de «honrado» em relação a Tomé, concentremo-nos na referência ao estilo e na tentativa de convencimento inerente ao facto de apelar para a criação de uma cor local perfeita, destruidora de qualquer tentação de anacronia. A verdade, porém, é que o vocabulário romântico atraiçoa as intenções do narrador e temos nitidamente a percepção de que as personagens não poderiam pertencer a outro código estético:

Enquanto as duas meninas falavam a seu respeito, Jerónimo sentindo-se triste tinha descido ao jardim. Não era mágoa, nem uma vaga melancolia o que lhe cobria o coração. O dia sereno, o sol e as flores não o distraíam. Tinha dentro em si um receio, uma apreensão, cuja causa ignorava, cujo efeito debalde combatia.

A indefinição do sentimento e o inerente convencionalismo (Díez, 2009), acompanhado da construção codificada da emoção (Bloch, 2010) demonstram a pertença inequívoca do texto à estética romântica, mesmo se as descrições do ambiente pretendem a todo o custo dar a ilusão de um cenário setecentista, desde a referência a uma rua que viria a ser destruída pelo terramoto de 1755 até à alusão aos outeiros, verdadeiros centros culturais do século XVIII:

No ano de 1706, todos os dias ao cair da tarde, belos ranchos de fidalgos, mais ou menos numerosos, saíam pelo postigo do arcebispo, e de galope vinham desfilarem ao adro de Santa Clara. À mesma hora, também as gelosias do mosteiro deixavam entrever as lindas cativas, que não se cansavam de aplaudir o garbo e destreza dos cavaleiros. [...]

O soneto, o poema-rei destas palestras de Apolo, ou sem sabor, ou sibilino, coxeava atrás do conceito obrigado; e as freiras de cima, e os cavaleiros de baixo ligavam aqueles alambicados trocadilhos, favos de mel libados no famoso livro dos *Cristais de Alma*.

Igual funcionalidade tem a minúcia descritiva que é posta no relato das iguarias de um banquete em casa de Lourenço Teles, exemplo acabado do cortesão:

A sopa, chamada à *italiana*, por exemplo, sob aparências substanciais e inocentes, ocultava a pior de todas. Quem visse as rubras tiras de presunto, e as vermelhas rodas de paio com estufado de carneiro e quartos de limão, nunca esperaria que o caldo em que se aboboravam fosse um misto nauseante de gemas de ovos, açúcar e canela! A sopa à francesa, coroada de pombos, adens e meias línguas de porco, sorteados de olhos de alface e de chicória no meio de capelas de cheiros e de cebolas cravejadas, recomendava-se pelo defeito oposto, ardendo em especiarias que faziam voar a boca!

A preocupação em retratar o mais fielmente possível a época evocada leva os autores a alongar-se em descrições e narrações detalhadas de ambientes, isto é, de exterioridades, como as atrás citadas, ou como as intrigas políticas e/ou palacianas, de que são exemplo as referências ao conde de Castelo Melhor, a D. Pedro II ou à influência da Companhia de Jesus.

No entanto, e como já dissemos, as personagens, intrinsecamente românticas, movimentam-se em meios artificiais, que não correspondem aos seus modos de ser e de atuar. Se quisermos criar uma tipologia das personagens evocadas no romance, facilmente perceberemos a simplicidade de caracteres e a previsibilidade das suas formas de agir: um par fulcral, enamorado, mas cujos amores são impossíveis; adjuvantes e oponentes do par; outros pares apaixonados; vilões; personagens identificadoras de tipos sociais.

O par nuclear é constituído por Cecília e o futuro D. João V. O desconhecimento da identidade deste último cria falsas esperanças na protagonista e implica o seu afastamento final (ida para o Brasil) a fim de não quebrar o equilíbrio social exigido pelos convencionalismos protocolares. Em torno deste par condenado ao fracasso, gravitam Catarina e Teresa (esta, irmã de

Cecília) e respetivos parceiros amorosos. Apesar de pequenas hesitações, conducentes a um maior adensamento da intriga, mesmo se parcialmente improdutivas, o desenlace reservado a estes casais é feliz e percebe-se que a sua funcionalidade é intrinsecamente reduzida, só sendo operativa na relação que mantêm com o casal nuclear.

Tal como referimos, Cecília é uma personagem romântica com todos os ingredientes próprios para transformar uma menina apaixonada numa desgraçada vítima de convenções inultrapassáveis, onde não falta a referência ao convento como solução para a infelicidade, embora esta solução se transforme num providencial afastamento geográfico. Mulheres anjo, estas personagens femininas são capazes da maior abnegação e Cecília, em lances próprios da heroína romântica, que abdica por amor, renuncia ao amado, que tem um papel mais passivo e de menor grandeza:

E verdadeiro, é santo o amor que se despede assim!
Adeus, para nos encontrarmos no céu. Lá ninguém impede os serafins de exaltarem a glória de Deus, e de se unirem. Adeus!... Sinto que o ânimo foge, e que mais tarde não teria forças para me separar daqui. João, amo-te, adoro-te como nunca mulher te há-de amar! Pela última vez o juro!

[...]

Um instante depois, o rei, a quem tudo isto se figurava sonho, viu-a afastar o reposteiro, abrir a porta, e desaparecer no corredor. Ia a lançar-se adiante para a ver ainda, quando o desalento e a reflexão o detiveram. Era inútil!

Jerónimo, o apaixonado da Teresa, possui todos os ingredientes para captar a simpatia do leitor, mesmo quando pequenos incidentes o levam a interpretar erradamente indícios pouco seguros, ao confundir Cecília com a sua amada Teresa, instaurando uma série de percalços aventureiros. De igual modo, o velho D. Luís de Ataíde, pai de Catarina, revela, na cena com o rei, a importância da honra e dos valores mais elevados.

Os traços românticos caracterizam também outras personagens, como o rei D. Pedro II, que se consome em remorsos pela deposição do irmão, expiando os crimes passados com os desgostos provocados pelo Infante D. Francisco. A figura do irmão de D. João V assume foros de maldição, incarnando a personagem romântica, de maldade extrema e gratuita. O castigo de D. Pedro encontrará paralelo em inúmeras personagens românticas, sejam elas protagonistas de romances históricos ou não.

Na galeria das personagens-anjo, mesmo se esta classificação nem sempre pode ser entendida de modo absoluto, deveremos ainda considerar Lourenço Teles e Filipe da Gama, bem diferentes de atitudes e comportamentos, mas semelhantes na bondade da índole. Lourenço Teles, cortesão e afetado, acolhera em sua casa a mãe de Cecília a suas duas filhas enquanto o pai, Filipe da Gama, andara embarcado. A descrição do seu vestuário indicia não só a classe social mas também, e principalmente, o modo afetado e antiquado que o situa na charneira do ridículo e do protocolar:

A cabeleira penteada e lustrada de preciosos óleos, soltava em toda a frescura dos polvilhos as bolsas de canudos anelados, a que só dava a sezão devida o calor do forno. Os sapatos de salto, com tacões vermelhos, tinham o verniz transparente, que o gosto exigia imperiosamente. Os topes ou rosetas de fitas, longe do peito do pé, disfarçavam a sua grandeza, tornando-o mais breve e airoso. A volta da cambrieta de rendas era daquelas, que enroladas no pescoço por uma ponta, devia o criado apertá-las com força até ficarem justas, e o sangue quase a rebentar das faces. [...] Toda aquela múmia (porque a magreza do comendador era extrema) rescendia aos aromas mais custosos.

No polo oposto situa-se Filipe, grotesco de tão caricato. As suas maneiras grosseiras, de embarcadiço, são hiperbolicamente pormenorizadas, não escapando ao narrador nenhum detalhe (desde o latim macarrónico às referências aos hábitos

alimentares) para lhe criar uma presença, por vezes, incómoda, mas nunca maldosa:

Filipe entretanto ia preludiando com energia, capaz de ombrear com a voracidade atribuída aos Ciclopes. Uma das mãos fez presa no primeiro melão de inverno que encontrou, enquanto a outra, profanando as virentes capelas de salsa, forrageava nas tiras de presuntozinho de Melgaço e no real paio alentejano.

Apesar da patente falta de decoro, a ingenuidade que demonstra em mais de uma ocasião, tem como consequência a sua colocação num espaço moral privilegiado, exclusivo dos heróis:

— O senhor come papagaios? — acudiu o Comendador espavorido, e abanando as mãos para chamar o sangue às extremidades.

— Como, sim senhor, e também macacos. Digo-lhe que são gostosos. Parecem crianças assadas! — E Filipe ria-se com visível satisfação.

A par destas personagens de sinal positivo, mesmo se com crimes passados ou características grotescas, encontramos os vilões, como Tomé ou Perpétua, destinados a entravar o desenrolar dos acontecimentos. Perpétua tem sobretudo o papel de personagem embraiadora, fundamental para fazer avançar a intriga, levando e trazendo recados de Tomé, o verdadeiro vilão. Na descrição deste todos os elementos concorrem para criar um efeito de distanciação, desde o ridículo da peruca («Uma peruca insolente arrepiada em molhos, e cor de laranja, caía-lhe aos lados em sanefas, e terminava em um bico à flor das sobrance-lhas, espavoridas à raiz da mais deprimida testa.») até à manifesta hipocrisia e desonestidade. O castigo final (o degredo) joga um papel bem diferente do da expiação de personagens que, apesar de tudo, sentem o peso do remorso, como é o caso do rei D. Pedro II. Tomé terá de expiar os seus crimes de modo exemplar, na linha de uma moralidade discreta mas firme.

Finalmente, resta analisar o papel de Padre Ventura e da Companhia de Jesus. São visíveis os crescentes poderio e influência da congregação, bem como os meandros de intriga e de jogos de poder. Padre Ventura, nome suposto, para encobrir o do geral da Companhia, revela-se como um *deus ex machina*, na linha de heróis como Rodolphe de *Les Mystères de Paris* (1842-43), de Eugène Sue, ou do que será Padre Dinis, nos romances *Mistérios de Lisboa* e *Livro Negro de Padre Dinis*, de Camilo Castelo Branco (respectivamente de 1854 e 1855).

Esta faceta, ainda devedora do romance-folhetim, legitima o papel do jesuíta, que consegue manipular todas as outras personagens de acordo com interesses nem sempre facilmente identificados. Na sua mão, Cecília, os outros padres, os reis ou os nobres são meros títeres, que desconhecem a verdadeira força superior que os controla.

As falsas identidades não se esgotam no enigma em torno de Padre Ventura. Um sem-número de situações equívocas legitima equívocos, imprescindíveis para atrasar ou fazer avançar a ação: o conhecimento dos antecedentes criminosos de Tomé, enquanto Onofre, justifica a sua deslealdade e traição; o segredo à volta do futuro rei e da sua verdadeira identidade favorecem o envolvimento de Cecília, o enredo amoroso que se quer encenar e a situação desconfortável que se gera no confronto entre ele e Jerónimo e no engano deste ao tomar Cecília por Teresa. O culto do segredo, fundamental para o prolongamento da intriga, favorece também o aparecimento de lances surpreendentes, de reconhecimentos inesperados: Filipe dá-se a conhecer à mulher e às filhas depois de longa ausência; Tomé é desmascarado por Padre Ventura, como sendo o ladrão Onofre; D. João de Vila Viçosa é afinal o futuro D. João V; Padre Ventura é Miguel Tamburini, geral da Companhia. Os reconhecimentos, que implicam a prévia existência de mal-entendidos, funcionam como motores de construção romanesca e de criação de pontos de viragem que desencadeiam o interesse do leitor. A espetacularidade ligada à descoberta, mesmo se esta se tornara já previsível,

concorre para o adensamento do enredo e para a acentuação das características românticas.

A História quase desapareceu, apesar das preocupações didáticas e eruditas do autor. As anacronias intensificam-se à medida que se avolumam os detalhes aventureiros. As personagens referenciais aproximam-se perigosamente das completamente inventadas.

As razões enunciadas deixam entrever as dificuldades inerentes à construção de uma ficção com base histórica e os perigos que os leitores podem correr se acreditarem (ou fingirem acreditar) piamente no que lhes vai sendo revelado. O engodo encenado pelo Romantismo ainda não foi totalmente desfeito — é demasiada grande a tentação de se deixar envolver por uma história bem contada, que parece descobrir o reverso da máscara, penetrando, ilusoriamente é certo, nos meandros de um passado que nos obceca.

Só assim se entende o fascínio por um tempo feito à nossa medida, um passado que se adapta às necessidades de um presente (de vários presentes) cujo controle frequentemente nos escapa. Controlar ficticiamente o passado é ainda a tentativa desesperada de manipular o tempo, de criar uma simulação de poder.

Bibliografia citada

- BENMAKHLOUF, Ali (2011), *L'Identité une Fable Philosophique*, Paris: Presses Universitaires de France — Philosophies.
- BIESTER, Ernesto (1856), *Uma Viagem pela Literatura Contemporânea*, Lisboa: Tipografia do Panorama.
- BLOCH, Béatrice (2010). «La Construction chez le Lecteur». *Poétique* 163, pp. 339-348.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1993), *Esboços de Apreciações Literárias, Obras Completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida, Porto: Lello & Irmão, vol. xvi.
- CHAGAS, Manuel Pinheiro (1890), *Novos Ensaios Críticos*, Porto: Livraria Elysio de Joaquim Elysio Gonçalves — Editor.
- CHAVES, Castelo Branco (1979), *O Romance Histórico no Romantismo Português*, Lisboa: Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, Ministério da Ciência e da Cultura.
- DÍEZ, Luis Gonzalo (2009). *Los Convencionalismos del Sentimiento*. Barcelona: Círculo de Lictores S. A. / Galáxia Gutenberg.
- FERREIRA, José Maria de Andrade (1871), *Literatura, Música e Belas-Artes*, Porto: Livraria Académica.
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1913), *História da Literatura Romântica Portuguesa (1825-1870)*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- LISBOA, Eugénio, coord. (1990), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Lisboa; Instituto Português do Livro e da Leitura, Publicações Europa-América, vol. II.

- LOPES, Óscar, e SARAIVA, António José (s/d), *História da Literatura Portuguesa*, Porto: Porto editora, 16.^a edição.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1996), organização e direção, *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa: Editorial Presença.
- MARINHO, Maria de Fátima (1999), *O Romance Histórico em Portugal*, Porto: Campo das Letras.
- PIRES, Maria Laura Bettencourt (1979), *Walter Scott e o Romantismo Português*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- RIBEIRO, Paula Isabel Castelo Branco de Sequeira (2001), *A Retórica da Descrição no Romance Histórico de Rebelo da Silva*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, inédita.
- SCOTT, Walter ([1820] 1868), *The Monastery*, Edimburgo: Adam and Charles Black.
- SILVA, Luís Augusto Rebelo da (1851-1852), *A Mocidade de D. João V*, Lisboa: Tipografia da Revista Universal, 4 vols.
- ([1851-1852] 1862), *A Mocidade de D. João V*, Porto: Em Casa da Viúva Moré, 3 vols.
- (1909), *Apreciações Literárias*, Lisboa: Livraria Barateira.
- (1910), *Apreciações Literárias*, Empresa da História de Portugal.
- ([1860] s/d, I), *Contos e Lendas*, Porto: Livraria Civilização.
- ([1848] s/d, II), *Ódio Velho não Cansa*, Lisboa: Empresa Lusitana Editora.

Nota biobibliográfica¹

Maria de Fátima Marinho

Luís Augusto Rebello da Silva nasceu em Lisboa, na freguesia das Mercês, no dia 2 de abril de 1822¹, e faleceu, também em Lisboa, a 19 de setembro de 1871.

- 1 O ano do nascimento de Rebello da Silva, 1822, oferece, curiosamente uma peculiaridade, já que, nos textos anteriores à nota aposta pelos editores à edição de 1907 de *Rausso por Homízio* (Silva, 1907: 6), se indica como ano de nascimento o de 1821, tal como se pode ver em Biester (1856: 5), Inocêncio Francisco da Silva (1860: 228) e Teófilo Braga (1892: 118); José Maria de Andrade Ferreira escreve que, «a este tempo [fevereiro (?) de 1838]» (Ferreira, 1871: 44), Rebello da Silva tinha 17 anos, o que pressupõe, até, que ele teria 17 anos incompletos; ora, nascendo em 1822, ele teria apenas 16 anos incompletos; Fidelino de Figueiredo (1913: 174) e, mais recentemente, Óscar Lopes (s/d: 772) e Álvaro Manuel Machado (1996: 455) referem o ano de 1822; no *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (Lisboa, coord., 1990: 96), a data é a de 1821. No entanto, apesar de haver dois assentos de nascimento, a verdade é que nunca se põe em dúvida o ano: Arquivo Distrital de Lisboa, Paróquia de Mercês, Livro de Registo de Baptismos, B9, fl.184 (PT/ADLSB/PRQ/PLSB22/001/B9): «Aos nove de Abril de mil oitocentos e vinte e dois o Reverendo Thesoueiro Domingos Francisco baptizou a Luis que nasceo a dois deste mês filho de Pai Incognito e foi conduzido a esta Igreja pela Comadre Anna Joaquina moradora na freguezia de S. Catarina Padrinho Luis Antonio sacristão desta Igreja. Prior João Carvalho.» Na margem direita, o pároco escreveu: «Este assento fica de nenhum efeito, e em lugar d'elle fica validdo o que vai lançado no Livro 15 a fl. 228 por despacho do Reverendo Vigario Geral» – Arquivo Distrital de Lisboa, Paróquia de Mercês, Livro de Registo de Baptismos, B10, fl. 228 (PT/ADLSB/PRQ/PLSB22/001/B10): «Aos nove de Abril de mil oitocentos e vinte e dois o Reverendo Thesoueiro Domingos Francisco batizou a Luis que nasceo a dois deste mes filho legitimo do Illustrissimo Dezembargador Luis Antonio Rabello da Silva e de D. Anna Joaquina da Conceição Rabello, recebidos

Logo em 1856, Ernesto Biester, no livro *Uma Viagem pela Literatura Contemporânea*, oferece-nos um retrato físico, acompanhado de um evidente juízo de valor:

É um homem de estatura mediana e porte modesto. As linhas da sua physionomia denunciam logo a origem arabe. Olhos pequenos, mas rasgados, vivos e penetrantes, nariz aquilino e tez morena. Os lábios delgados, fecham nos cantos por duas linhas que lhe dão uma expressão satyrica, e que segundo Lavater revelam d'algum modo o espirito epigramático e sarcástico que tão bem sabem verberar. A fronte larga e espaçosa deixa adivinhar a vasta intelligencia que ali reflecte. A cabeça pende-lhe ordinariamente sobre o peito, como inclinada sob o pezo das idéas, denotando ao mesmo tempo o espirito pensador e reflectido que o caracteriza. A sua figura não impõe; entre a multidão passará até desapercebida, confundindo-se com o vulgo, porque não fere a vista, nem chama a atenção; mas quando a alma se lhe derrama na physionomia, aquecida pelo fogo da palavra, quando esta lhe rebenta espontânea dos lábios, transforma-se. [Biester, 1856: 4.]

Em 1877, Bulhão Pato, em *Sob os Ciprestes — Vida Íntima de Homens Ilustres*, não se afasta muito da descrição anterior, embora acentue alguns pormenores mais íntimos:

Estatura mediana; débil, lymphatico; fronte espaçosa e abobadada, na forma da testa de Shakespeare, segundo representam o Eschylo inglez. Cabelo basto, excessivamente negro e fino. Olhos pretos, faiscando como dois brilhantes negros das

na freguezia de Nossa Senhora da Lapa desta cidade. Neto pela parte paterna do Doutor Manoel Rabello da Silva, e de D. Caetana de Jezus de Mattos naturais do Arcebispado de Braga, e pela materna de Joaquim da Costa, e de D. Joanna do Espírito Santo naturais deste Patriarchado, e foi Padrinho Luis Antonio morador nesta freguezia de Nossa Senhora das Mercês = Declaro que este assento foi lavrado por ordem do Illustrissimo Reverendo Vigario Geral deste Patriarchado, cujo fica no cartório desta igreja em 3 de Fevereiro de 1834. O Prior Francisco Antonio Prezado.» Na margem direita, o pároco escreveu: «Este assento refere-se ao do Livro 14 fl.184.»

mais finas aguas. Bôca voltairiana. [...] Ainda na adolescência, o corpo acurvava-se, como se estivesse na senectude. Tinha o vício de Bocage: roía desesperadamente as unhas. A sua physionomia, olhada perfunctoriamente, parecia vulgar, estudada com atenção era a physionomia de um homem superior. [Pato, 1877: 239-240.]

Estabelecido o aspeto físico, passamos a apresentar os dados mais importantes da existência do escritor.

Em 1838, com 16 anos, Rebelo da Silva faz parte da Sociedade Escolástico-Filomática, onde o seu talento de orador dá nas vistas, apesar de Teófilo Braga sustentar que «o brilhantismo da phrase encobria a falta de estudo dos caracteres, dos costumes, e das grandes leis da civilização moderna» (Braga, 1892: 120). No *Cosmorama Literário*, órgão da Associação, faz o autor a sua estreia como escritor.

Em 1840 (ou 1839, como escreve Inocêncio da Silva) entrou para a Universidade de Coimbra, «estudando o primeiro anno mathematico e philosophico, e provando n'elle a mais decidida repugnância pelas sciencias exactas, e mais ainda, póde ser, pela disciplina das aulas, regulada pela corda do sino» (Silva, 1860: 229). Por isso, quando, em 1841, é obrigado a interromper os estudos devido a uma grave doença pulmonar, regressa a Lisboa para nunca mais voltar a Coimbra.

De 1843 a 1865 tem grande atividade como colaborador da imprensa, destacando-se a sua participação nos seguintes periódicos: *O Cosmorama Literário*, *Revista Universal Lisbonense*, *Época*, *Panorama*, *Revista Peninsular*, *Anais das Ciências e Letras*, *Arquivo Pitoresco*, *Arquivo Universal*, *Revista Contemporânea*.

Filiado no partido cartista, passa, em 1845, a redator do *Diário do Governo* e é, no mesmo ano, eleito sócio do Conservatório. É ainda em 1845 que é nomeado oficial ordinário do Conselho de Estado, tornando-se «secretario interino do mesmo conselho em 1849» (Biester, 1856: 38), de onde se demitiu em dezembro desse mesmo ano.

Em 1846, é nomeado fiscal do Teatro de D. Maria II e em 1848 é, pela primeira vez, eleito deputado. Dos seus discursos no Parlamento, destacamos a estreia oratória, como membro da oposição, sendo Garrett um dos ministros do Governo (cf. Pato, 1877: 240-241). Biester refere que, em 1852, ele e Garrett se digladiaram verbalmente: «Era um duelo magnifico em que os louros da victoria coroavam um e outro, repartindo-se por ambos. Nunca o verbo colorido e imaginoso subiu tão alto, e a poucos será dado igualá-lo.» (Biester, 1856: 16.)

Entra em 1854 para a Academia Real das Ciências e faz, nesse ano, o elogio fúnebre de Garrett: «Nunca a saudade do amigo arrancára mais sublime vôo á melancholica e solemne eloquência dos túmulos! N'aquella dôr houve uma sublimidade sem esforço, porque gemeu no fundo de alma, antes que o talento o tomasse nas azas douradas da inspiração.» (Ferreira, 1871: 62.)

Inocência da Silva refere que nos «*Almanachs de Portugal* para 1855 e 1857 [se] lê que é condecorado com a comenda da Ordem de Christo» (Silva, 1860: 229), embora transcreva de imediato uma passagem daquele que Inocência, sem identificar, chama «um dos seus biógrafos», e que é Ernesto Biester, onde este afirma que Rebelo da Silva nem pediu nem aceitou essa honraria (Biester, 1856: 39).

Em 1858 é nomeado professor de História no Curso Superior de Letras e, no ano seguinte, membro do Conselho da Ilustração Pública. Em 1869, estava na Câmara dos Pares, onde fez alguns dos seus mais importantes e veementes discursos (cf. Pato, 1877: 256-265), sendo nomeado Ministro da Marinha².

Gravemente doente, o gabinete ministerial é reformulado e ele retira-se para a sua casa do Vale de Santarém; agravando-se a doença, regressou a Lisboa, onde viria a falecer, a 19 de setembro de 1871, de um aneurisma da aorta.

2 Cf. Braga, 1892: 167: «A actividade jornalística e litteraria serviam em Rebelo da Silva para realizar uma aspiração política, um sonho comum a todas as naturezas mediocres mas hábeis – o ser ministro.»

José Maria de Andrade Ferreira transcreve a alocução do Marquês de Ávila:

Sr. Presidente, pedi a palavra para cumprir a triste e dolorosa missão de participar a V. Ex.^a e á camara, que o nosso ilustre colega, o sr. Rebello da Silva, um dos ornamentos d'esta camara, e uma das glorias d'este paiz, deixou de existir esta manhã, e tem de ser sepultado ámanhã ás doze horas do dia. [Ferreira, 1871: 65.]

Bulhão Pato tece-lhe os maiores elogios fúnebres:

Havia sido jornalista, orador, romancista, historiador, ca-thedratico e homem de estado, porque o maior e melhor ministro da marinha – pelo seu largo alcance de vista – foi elle.

Era uma das mais bellas cabeças que tem gerado Portugal, e um dos melhores corações que tenho conhecido. [Pato, 1877: 265.]

Resumindo, Rebelo da Silva teve uma grande atividade literária, jornalística, política e de historiador. Hoje ele é sobretudo conhecido como historiador e romancista, apesar de críticas negativas, como as de Fidelino de Figueiredo, que o qualifica como «um impressionista leviano, um espírito de pouco mais ou menos, que nos seus júzoz se contenta com as aproximações de gosto pessoal» (Figueiredo, 1917: 119). Esta apreciação negativa está na esteira da formulada por Teófilo Braga, que lhe chama medíocre, improvisador de romances históricos e com uma «ignorância completa do espírito da Edade-média» (Braga, 1892: 121).

Bibliografia ativa selecionada³

Contos, romances e dramas

Rausso por Homízio (1842-43).

Ódio Velho não Cansa (1848).

A Mocidade de D. João V (1851-52).

A Mocidade de D. João V (com a colaboração de Ernesto Biester),
comédia-drama em cinco atos (1856).

Contos e Lendas (1860).

Lágrimas e Tesouros (1863).

A Casa dos Fantomas (1865).

De Noite Todos os Gatos São Pardos (1871, póstumo).

Outras obras

Fastos de Igreja: história da vida dos santos ornamentos do cristianismo (1854).

*Memória Biográfica e Literária acerca de Manuel Maria Barbosa du Bocage:
do caráter das suas obras, e da influência que exerceu no gosto e nos pro-
gressos da poesia portuguesa* (1854).

História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII (1860).

Memória acerca da vida e escritos de D. Francisco Martinez de la Rosa (1862).

Elogio Histórico de Sua majestade el-rei D. Pedro V (1863).

³ Uma bibliografia completa (até 1860) encontra-se em Silva, 1860, e em Silva, 1907: 38-40 (edições da Empresa História de Portugal)

Compêndio de Economia Rural para uso das escolas populares criadas pela lei de 27 de junho de 1866 (1868).

Memória sobre a população e a agricultura de Portugal desde a fundação da monarquia até 1865 (1868).

Compêndio de Economia Industrial e Comercial para uso das escolas populares criadas pela lei de 27 de junho de 1866 (1868).

Compêndio de Economia Política para uso das escolas populares criadas pela lei de 27 de junho de 1866 (1868).

Apreciações Literárias (1909), compilação póstuma dos seus artigos de crítica literária.

Bibliografia citada

- BIESTER, Ernesto (1856), *Uma Viagem pela Literatura Contemporânea*, Lisboa: Tipografia do Panorama.
- BRAGA, Teófilo (1892), *As Modernas Ideias na Litteratura Portuguesa*, Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Casa Editora Lugan & Genelioux, Sucessores.
- FERREIRA, José Maria de Andrade (1871), *Literatura, Música e Belas-Artes*, Porto: Livraria Académica.
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1913), *História da Literatura Romântica Portuguesa (1825-1870)*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- (1917), *História da Crítica Literária em Portugal da Renascença à Actualidade*, 2.^a edição revista e seguida de apêndices documentários, Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- LISBOA, Eugénio, coord. (1990), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Lisboa; Instituto Português do Livro e da Leitura, Publicações Europa-América, vol. II.
- LOPES, Óscar, e SARAIVA, António José (s/d), *História da Literatura Portuguesa*, Porto: Porto editora, 16.^a ed.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1996), organização e direcção, *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa: Editorial Presença.
- PATO, Bulhão (1877), *Sob os Ciprestes — Vida Íntima de Homens Ilustres*, Lisboa, Livraria Bertrand.

SILVA, Inocência Francisco da (1860), *Diccionario Bibliographico Portu-
guez — Estudos Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, Lisboa: Imprensa
Nacional, t. v.

SILVA, Luís Augusto Rebelo da ([1842-1843] 1907), *Rausso por Homízio*,
Lisboa: Empresa da História de Portugal.

A Mocidade de D. João V

Prólogo da primeira edição

Escrevendo esta novela, protesta o autor que não quis fazer senão um romance.

Será pouco, não duvida, mas basta-lhe. Se a leitura dele distrair, e se algumas das cenas esboçadas nestas páginas não desagradarem, fica tão satisfeito como se lhe coroassem o livro dos louros ressequidos, que têm andado por todas as ovações da praça pública, desde Masaniello até Jerónimo Paturot, de ridícula memória.

Depois de acabado este quadro, quase familiar, dos costumes portugueses no século XVIII, devia conformar-se com a moda, encarregando os personagens de um papel filosófico-social, profundamente regenerador; mas apesar do lustre, que o romance podia receber da novidade, resistiu à tentação; porque entendeu sempre que a arte não precisa do foro pequeno da política para ser a primeira das ilustrações intelectuais.

O que o famoso romancista escocês conseguiu com os seus heróis, procurou o autor imitar de longe a respeito das figuras deste ensaio. Era seu desejo animá-las de modo que, portuguesas nas feições, nas ideias e no viver, entrassem mais facilmente na intimidade do público, quase como amigos, ou conhecidos antigos dele.

O que receia é ter ficado muito atrás da realidade poética; porque na passagem do mundo ideal para a manifestação do mundo positivo, raras vezes se conserva aquela admirável mas difficilissima semelhança, que deu a immortalidade às primorosas obras, que são a glória dos príncipes da arte.

Desenhando nas horas vagas os lineamentos deste painel imperfeito, a sua ideia era compor uma espécie de trilogia, em que debuxasse o vulto e a cor da época essencialmente dramática, que entre nós é dominada pela figura de D. João V, espécie de rei popular apesar do seu governo absoluto. As qualidades e os defeitos do monarca, o seu fausto e generosidade, e as paixões amorosas, que se lhe atribuem, apontam-no no meio dos nossos reis modernos como o valido da saudade popular. Parecido a Luís XIV, que desejou imitar, e inclinado a aventuras inopinadas como o califa de Bagdade, D. João V sempre saiu dos seus encontros como cavalheiro, ou como soberano magnânimo.

A *Mocidade*, que hoje se publica, serve de prólogo a todo o drama. As outras duas obras, talvez mais vivas na ação e no colorido, hão de seguir-se à exposição (se ela for feliz), e completarão o quadro. O rei, que na *Mocidade* aparece ainda com o carácter incerto que a verdura dos anos permitia, nas outras duas partes há de já acusar com mais vigor a fisionomia histórica. Dos personagens deste livro alguns morrem e sepultam-se com ele, em consequência da sua provectora idade; e os mais interessantes, com as modificações de tempo e de pensamentos indispensáveis, acompanharão nas outras partes o Salomão português, tão devoto e pecador, sobretudo nos últimos anos da sua vida.

Se este ensaio merecer alguma atenção, o autor não desanimará, e espera pôr na tela do romance toda a época que, a seu ver, representa uma das mais curiosas do século XVIII em Portugal.

Se o livro se mergulhar no esquecimento, como receia, há de senti-lo infinitamente, mas ganhará ao menos um desengano, ficando livre para se ocupar de coisas mais da sua vocação.

Depois disto nada resta a acrescentar. Pertence à crítica louvar ou castigar o que a obra tiver de bom ou de mau; e sem vaidade, nem servidão, entrega-lhe a sua causa. Nada mais insulso, do que a mania de querer remar à força de prolóquios e citações contra a corrente da opinião, incutindo a leitura de volumes, que o gosto enjeita.

O milagre de animar as estátuas não cabe nos dias em que vivemos. Não estamos no século das Galateias e Pigmaliões. Se a obra tiver por onde se salve, viverá; se não, há de morrer do frio incurável da execução, caso desesperado, que não remedeiam os vesicatórios impertinentes de uma estirada e aborrecida alegação.

I A VERDADE DE UM RIFÃO

— **Ninguém diga: «desta água não beberei».**

Não somos nada neste mundo, padre procurador.

— É verdade, Tomé das Chagas. Mas que quer? Os pecados pagam-se.

— E eu sem pregar olho toda a santíssima noite para nos sair uma destas! Os nossos padres como estão?

— Mortificadíssimos! Isto, apesar de toda a grandeza de alma, sempre chega ao vivo.

— Decerto! E o excomungado papel, não há meio de lhe acudir?

— A provisão do desembargo do paço? Não sei, por mais que cisme. É *Cæsar in Cæsar*! E ir de el-rei para el-rei! Como os padres de São Roque não rirão a esta hora!

— Pois eles têm nisso alguma coisa?

— Tudo, irmão Tomé; vossa mercê não percebe? A pedra veio daquelas mãos; e os padres da Companhia atiram certo. Não importa! O jogo não acabou, e até ao lavar dos cestos é vindima...

— Ora esta! Com que então os jesuítas andam no forro desta heresia?

— Andam em tudo, irmão Tomé. Nestes reinos nada se faz que eles não cubram com a sua roupeta.

— Parece impossível! Até no desembargo do paço?!...

— Em toda a parte. A Companhia aparece à cabeceira de el-rei, se está doente, no seu oratório, se reza, à mesa dos tribunais, se despacha...

— Mas então é como Deus, está em toda a parte?

— Sabe e aconselha tudo. Só na Santa Inquisição é que não meteu por ora o braço, nem há de meter, enquanto florescer a Ordem dos Pregadores, instituída para confusão dos hereges e hipócritas... Belo texto para o meu primeiro sermão na capela real. Que me refutem os seus casuístas e doutores!... Só lhe digo, irmão Tomé das Chagas, que o plano dos jesuítas, o negro e maldito plano deles...

— Jesus da minha alma!

— É abolir a Santa Inquisição, e enterrar nas suas ruínas a Ordem de São Domingos. A inveja rala-os.

— Por isso as profecias são tantas, e o povo anda inquieto. Sabe vossa reverendíssima o que dizem? Que há de nascer em Babilónia o Anticristo! E é certo que para as bandas da Sé já apareceu um lobisomem; que ao pé de Santa Engrácia se queixam os vizinhos de verem sair à meia-noite...

— Um... parvo como eles e vossa mercê. Pois atreve-se com essa chocha cabeça a querer perscrutar os altos mistérios de Deus? O Anticristo nasceu.

— Santa Bárbara! São Jerónimo! *Abrenúncio! Vade retro!*

— Cale-se, homem. Que escarcéus são esses? A culpa é minha. Para que lhe estou eu a falar de coisas superiores à sua razão? Deixemo-nos disto. Mas a provisão, esta pedrada na cabeça, havemos de ficar com ela?

— Uma esmolinha por alma dos fiéis defuntos, minha devota! — gritou o Sr. Tomé, interrompendo *ex-officio* o diálogo, já cortado pela súbita meditação em que o padre-mestre se abismara.

Enquanto este, preocupado, passeia falando só, e aquele apara a esmola na bandeja mareada, observemos de perto os protagonistas da cena.

Principiaremos pelo mais graduado.

O mestre Frei João dos Remédios, da Ordem de São Domingos, ex-definidor e digníssimo procurador do convento de Lisboa, era um frade de conceito na corte e na Igreja. A opinião dos eruditos vacilava entre ele e o padre Chagas, pregador de grande fama. Se o padre Chagas limava melhor os sermões e possuía o segredo de comover o auditório, Frei João não conhecia émulo na veemência dos afetos e nas explosões da voz sonora. Formado *in utroque jure*, no foro granjeara a reputação de um segundo Pegas. Quando valia a pena, sua reverendíssima fechava-se na riquíssima livraria do convento, cobria de letra garrafal quatro cadernos de papel, e disparava sobre a parte adversa uma alegação, que fazia pular as venerandas cabeleiras do desembargo do paço, enquanto as unhas ao douto patrono contrário, roídas até aos sabugos, atestavam o seu dissabor.

Quando muito, o padre-mestre inculcava cinquenta anos, embora a certidão de batismo, menos citada por ele do que as ordenações, adicionasse mais cinco ou seis à conta redonda. Apesar de gordo, os seus movimentos não eram acanhados nem desairosos, e a figura tinha mais de vistosa do que de esbelta. O rosto arredondado e cheio, graças a duas covinhas no meio das faces, espiritualizava-se com o riso; e a boca fina e chistosa dava-lhe grande animação. As mãos, bem tratadas e macias, e o pé sempre bem calçado e pequeno, não pareciam de frade. Já se vê, que se vivesse no século, podia contar com o voto feminino, voto absoluto em coisas de tanta importância.

Sem ser Lavater, notar-se-ia que a constante aplicação às letras sagradas e profanas, e o uso do púlpito, tinham gravado em sua reverendíssima um cunho particular. As inflexões e os gestos do padre procurador ressentiam-se da exageração teatral, que se converte em segunda natureza para os que falam em público por muitos anos. Seria desempenada a sua estatura, se o trabalho do bufete a não houvesse curvado um pouco. O olhar teria mais viveza, e o sorriso mais agrado, se o primeiro não adormecesse tanto a miúdo, e se o segundo brincasse com menos ironia nos

cantos dos beijos. A oscilação do lábio superior, alguma coisa grosso, e a das asas do nariz bastante vivas, mostravam que o frade doutor era menos humilde e paciente, do que pedia o seu estado monástico. Enfim, as grandes entradas da elevada e espaçosa testa, e a ruga de profunda reflexão cavada na fronte, acusavam a agudeza do espírito e do talento, como compensação dos defeitos de um carácter sincero, mas irascível e imperioso.

Mais gordo do que magro, como já se disse, mesmo até mais obeso do que gordo, as cores fluorescentes do seu rosto prestavam testemunho irrefragável à inclinação pelas doçuras da vida, e sobretudo pelos prazeres da mesa. Frei João usava de barretinho curto, caído para a nuca. A provisão do desembargo do paço, enrolada na mão, servia-lhe de leque, ou de compasso, segundo a ira lhe fazia subir o sangue às faces, ou lhe descompunha o gesto em acionados violentos. Durante o diálogo que ouvimos, o padre-mestre tinha puxado e repellido o barretinho da nuca para a testa, e da testa para a nuca umas poucas de vezes, batendo o pé com ímpeto. Via-se que o reverendo batalhava com a ira, e que a cólera obscurecia, mais do que fora para desejar, este novo astro da doutrina teológica.

O segundo interlocutor era em tudo o antípoda do sábio jurisconsulto; trinta anos seria a idade do milagreiro, se caras, como a sua, denunciasses idade possível, ou a deixassem apanhar em flagrante. Era um esqueleto desengonçado, com os ossos sempre em reação contra a carne. Parecia um paradoxo da figura humana, desses a que a natureza logo quebra o molde, para não multiplicar as cópias.

Aos doze anos media a altura de um homem razoável, e tinha a magreza de um galgo; depois dos vinte espigou de modo que fazia rezear que nunca acabasse de crescer.

Sobre o esganado pescoço tremia a cabeça do Sr. Tomé, cabeça esguia na fronte, alterosa na coroa, e empinada na nuca. Uma peruca insolente arrepiada em molhos, e cor de laranja, caía-lhe aos lados em sanefas, e terminava em um bico à flor das sobrancelhas, espavoridas à raiz da mais deprimida testa.

Seguia-se a cara do servo de Deus. Imaginem-se dois queixos afunilados, e revirados; sobre os queixos e maçãs do rosto grude-se uma pele cor de coquilho, áspera como lixa; arme-se esta quase caveira de um nariz agudo como ponta de lanceta, ornado do cavalete de rigor; e bem considerado este escândalo de carne e osso, digam todos se acaso seria possível criar Deus uma figura mais exótica e repugnante.

Os gestos condiziam com a pessoa. É pecado escarnecer do próximo; mas quem não riria vendo aqueles pés eternos e inchados de cotovelos, com os calcanhares a meia légua de distância um do outro? Quem ficaria sério quando o esqueleto caminhava em passo fúnebre, içado sobre duas pernas de cegonha, volteando os braços com a elegância de um morcego?

A todas as outras prendas juntava certo ar à bolina no lado esquerdo e um mau jeito no pescoço.

Enormes óculos de aselha, apertados no nariz, proporcionavam ao devoto a comodidade de frechar a todos com a vista de lince por baixo dos vidros. As canelas embainhavam-se em meias bicolores de lã parda com passagens azuis tomadas nos buracos numerosos. Calções velhos e sujos, matizados de um xadrez de remendos, cobriam-lhe as delgadas coxas. A véstia, cor de pulga, encolhia-se no encovado peito, para dançar em plena folga sobre o suposto ventre; e o gibão verde-garrafa, já no fio, e de uma baeta lãzuda, fugia do corpo ao dono, como os judeus ao fogo do Santo Ofício.

O Sr. Chagas (Deus tenha misericórdia da sua alma!) animava as graças da fisionomia com um risinho amarelo e beato. Se alguma coisa merecia o seu agrado (caso raro) ouviam-se em aplauso estrepitoso as suas estrídulas gargalhadas, desafinadas em falsete. Debaixo dos beiços sorvidos encavaleiravam-se os mais negros e limosos dentes, arremetendo pela boca fora. Os olhos vesgos viesavam-lhe o olhar, e a voz de tiple agro-doce salgava as reticências e momices abeatadas, a que tinha a condescendência de chamar as suas boas maneiras.

Sobre o traje profano, o irmão Tomé pendurava o inseparável balandrau das almas, desbotado e roto, com um registo de

São Domingos e do Rosário cosido à murça, e um relicário de prodigioso tamanho, pendente de vistosas camândulas. Em uma das mãos trazia a salva, representando as almas do Purgatório entre chamas. A outra dava a beijar aos fiéis um nicho de porta de vidro, ralo de mealheiro por baixo, e dentro São João Baptista com a ovelhinha.

O todo deste embirrento figurão era mais astuto do que boçal. A simplicidade era à superfície; mas por dentro tudo era velhacaria. Eis em resumo a vera efigie do Sr. Tomé das Chagas, andador das almas, primeiro servente do padre Frei João dos Remédios, e sacristão da missa dos domingos e quintas-feiras no oratório de Diogo de Mendonça Corte Real, secretário das mercês de el-rei D. Pedro II, nosso senhor.

Resta dizer que o lugar da cena era o adro do convento de São Domingos de Lisboa; e a hora as sete da manhã do dia 20 de novembro de 1706.

Já se vê que o diálogo entre os dois fora matinal. Nossos avós madrugavam, porque seguiam o adágio; não dizia ele: «deita-te ao sol-posto, e ergue-te com as estrelas»? Demais, tendo a provisão do desembargo sobre o bufete, como havia o padre procurador de conciliar o sono? Depois de muitas voltas na cama, levantou-se; chegou à janela; espreitou o dia; e por fim, aos primeiros clarões da aurora, resolveu-se a tomar um banho de ar. Vestiu-se; pegou na provisão; desceu à portaria; e como o inverno corria seco, daí a instantes tinha o gosto de tiritar de frio.

Deitando os olhos pela praça viu-a deserta. Perto do cunhal fitou os vinte e cinco infaustos arcos, que abriam sobre o Rossio, desde a Betesga até ao adro do convento, e aumentou-se-lhe a melancolia. Tudo dormia. Nem uma das duzentas lóginas portáteis, armadas debaixo deles, aparecia ainda. Ninguém pregava o toldo diante da testada dos lugares; não se movia um adelo, um capelista, ou um fanqueiro a arrumar o pano de linho, as rendas, ou as chitas da sua feira. Os próprios mariolas, tão buliçosos e ativos, ressonavam profundamente nas pocilgas. Defronte de primeiro arco, ao murmúrio das águas, o Neptuno do chafariz estendia o seu tridente com marmórea indiferença.

Frei João rondou de passeio a arcada até à escadaria do grandioso hospital de Todos os Santos, pelo sítio onde estão hoje São Domingos e a Praça da Figueira.

Depois, quando voltava cismando, descobriu as estiradas canelas do irmão Tomé, a quem o zelo emprestava asas, para pedir as alvís-saras do resultado da demanda, que estava longe de supor perdida.

Duas palavras agora para explicar a provisão, que tirava o sono ao padre procurador, e fazia da cara do Sr. Tomé a pública-forma de um *Miserere*.

O hospital de Todos-os-Santos era proprietário de alguns dos arcos do Rossio, e arrendava-os aos lojistas a dois mil-réis anuais cada arco. A Ordem de São Domingos possuía os que ficavam do lado do adro e debaixo do dormitório de cima, e os frades contentaram-se por muito tempo com a metade do preço exigido pelo hospital. Corria isto em santa paz, quando, eleito novo provincial, este, contra o voto do seu definitório, levantou a renda, a ver se dava uma bofetada sem mão na soberba do vizinho. Ardeu Troia! Os vendilhões gritaram «aqui d'el-rei!» protestando sem pejo nem temor contra a lesão enorme, que lhes fazia pagar as culpas de terceiro.

Em tão melindrosas circunstâncias, o antecessor de Frei João, chamado Frei Crisóstomo Borrego, caiu na simplicidade de citar os refratários para arredarem as tendas da parede, sob pena de dois mil-réis de multa. Não esperaram os vendilhões por segunda intimação; e, requerendo vistoria ao senado da câmara, vieram pôr a feira diante da testada dos arcos. Daqui se originou a perdição dos frades. Com o auto de vistoria os belfurinhos provaram que não ocupando terreno do convento lhe não deviam nada; e a demanda, muito feia desde o princípio, concluiu pela famosa provisão do desembargo, declarando as testadas dos arcos livres, e absolvendo os feirantes de arrendamento e aluguel por as ocuparem. Ainda por cima o convento pagou as custas! Foi assim que os padres de São Domingos deram os seus arcos de graça por os quererem alugar muito caros.

Quando Frei João dos Remédios entrou a servir, estava muito mal figurado o negócio; tratou de lhe valer, mas já tarde. Pouco

habituação a reveses, caiu-lhe este como um raio em cima da cabeça, e não o querendo imputar à notória injustiça da causa, preferiu atribuí-lo ao ódio e antiga rivalidade de São Roque com São Domingos, dos Jesuítas com os Pregadores. Se ele se enganava, não sabemos; mas que a provisão deu gosto aos padres da Companhia, é caso averiguado.

Desta opinião do procurador da comunidade nasciam as pesadas reflexões, que lhe ouvimos, a respeito dos filhos de Santo Inácio, vizinhos e inimigos da ordem inquisitorial.

O padre-mestre Remédios ainda estava informando o Sr. Tomé do sucedido, e o nosso andador, moralizando o caso com o notável adágio — «ninguém diga: eu desta água não beberei» —, quando um homem, escapando pelas costas do domínico e do seu acólito, ainda no maior calor da conversação, passou por eles como sombra, e foi coser-se com a pilastra do primeiro arco, depois de observar os oradores. O chapéu de abas largas e copa baixa era um chapéu de jesuíta, e, carregado na testa, encobria-lhe a parte superior do rosto. A capa de pano preto, embuçada, escondia-lhe a barba e todo o corpo.

Donde se colocou podia ver e ouvir perfeitamente.

Um quarto de hora depois, outro homem, atravessando do palácio do duque de Cadaval, entrou na igreja, e, feitas as suas devoções, tomou água benta, e veio para o adro assentar-se no poial da cruz, defronte da portaria. Ali, cofiando uma cabeleira mal empoada e de cachos à antiga, pôs o chapéu de lado sobre a copa, arregaçou os punhos de Holanda encardidos, afinou o laço da gravata, e sacou por fim do bolso da esbeiçada casaca de tafetá um tinteiro de chifre e um coto de pena. Depois, montando o joelho direito sobre o esquerdo, principiou a rabiscar em um papel com o maior sossego do mundo.

Assim dispostas as figuras, sucedia que o sábio teólogo tinha nas suas costas o homem embuçado, e que o andador das almas cobria com a longa pessoa o risonho escrevente; tudo isto de certo sem nenhum deles se ter ajustado, nem o pensar, à exceção do jesuíta. Esse provavelmente sabia por que razão viera ali.

II

VALE MAIS SÓ QUE MAL ACOMPANHADO

Depois do episódio da esmola, o padre procurador e o devoto acólito ficaram calados, um defronte do outro, por alguns instantes.

As sobranceiras do Sr. Tomé das Chagas ora subiam à raiz do cabelo, ora baixavam a tocar nas capelas dos olhos, o que significava que esta honrada pessoa, refletindo no caso, não percebia, e desejava perceber. Frei João cismava carregando as rugas frontais, e dobando os polegares. Era o seu gesto usual quando compunha.

Afinal o andador arremeteu com as dúvidas, expeliu da garganta o pigarro matutino, e com a vozinha arrastada como preguiça do Brasil, continuou o diálogo interrompido pela jaculatória às almas.

— Com que — disse em tom insinuante — vossa reverendíssima julga que o papel não tem cura, e é obra...

— Dos hereges, dos cristãos-novos, dos inimigos de Deus e da sua glória. Digo, creio e afirmo, irmão Tomé — respondeu Frei João, irado.

— É muito, padre-mestre. Atrever-se esta gente... Jesus! E então no desembargo do paço! Bem rosna o povo, e no fim de tudo ele

sempre tem razão. Lá de cima, donde se espera o exemplo, vir o pecado! Estamos perdidos, devoto São Domingos da minha alma!

Mas Frei João dos Remédios já não o escutava. Voltou-se com impaciência, foi direito ao homem do tinteiro, pôs-se diante dele sem o ver, e abrindo a provisão leu-a a meia voz, corando a cada linha. Tomé das Chagas cuidava que o padre-mestre estava ditando, e que o outro servia de escrevente; por isso não fez reparo, e entrou a cismar também, olhando para os sapatos com a complacência com que o peru admira nas pernas do pavão a gentileza das suas.

Quem estava em brasa era o homem do poial, vítima inocente do procurador, que a dois passos lhe tirava a luz, abanando-lhe ainda em cima o papel com o vento da capa, que traçava com ímpeto amiudadas vezes.

Por fim o pobre homem pôs-se de pé, cortejou-o com ar suplicante, e disse-lhe com extrema polidez:

— O padre-mestre dá licença? Sou poeta de casa do senhor duque, e amigo íntimo do escudeiro particular de sua excelência. Saí de casa, e vim arejar-me, a ver se acho a chave de um soneto que se me engasgou na segunda quadra... Agora mesmo...

De tudo isto chegou apenas aos ouvidos do frade a penúltima palavra. Nem via sequer aquele homem curto, roliço e flexível, com o pé em quarta posição de dança, e a boca cheia de riso, que o cumprimentava, meneando o chapelinho amassado, e mostrando-se o mais obsequioso possível.

— Agora? — atalhou o padre, cuidando que respondia ao irmão Tomé. — Agora! Sabe o que se há de fazer?

— Sei, sim, senhor; segue-se acabar eu o meu soneto, ouvir a minha missa, e ir almoçar do que Deus nos dá, se vossa reverendíssima não ordenar o contrário...

Dizendo isto, o poeta dobrava o braço na mais elegante curva, e com o pé lançado airosamente parecia esperar uma cortesia, e o campo livre; mas se esperava, iludiu-se.

— *Opus et oleum perdidit!* — gritou ele, ouvindo pagar os seus primores com a mais impertinente interjeição.

— Hum! — exclamou Frei João, dando aos ombros, e mudando de posição. Desta vez ficou às escuras o poeta.

— Vossa reverendíssima há de perdoar, mas já tive a honra de lhe dizer que medito um soneto. Prouvera a Deus que me visse livre dele!... O consoante é obrigado... Mas estou pregando aos infieis; o padre não vê, nem ouve; e pegou de estaca defronte de mim!

— É irremediável — prosseguia Frei João, passeando do mesmo lado, e falando alto ao pé do poeta.

— Irremediável! mas, reverendíssimo, tenha consciência! Deita-me a perder — gritou o cerzidor de metáforas desesperado. — Irremediável é só a morte. Deixe-me dois minutos ver a Febo, o divino Apolo, e se consultando com ele não achar a rima...

— Não acha nada, não tem saída! — replicou Frei João ab-sorto. — Digo-lhe que não tem saída. Não é capaz...

— Pois sustento que sim, e que sou capaz; e tanto, que já achei. Ouça o padre...

*Temendo ser enfadonho,
Agora os sonhos envio;
Sendo que foi desvario...*

Frei João parecia escutá-lo atento.

— Então? É magnífico, não? O que foi o sonho senão o que são todos os sonhos: erros do capricho, cuidados da alma, catálogos da memória, e enganões da ideia? Logo os sonhos são desvarios. E o que é desvario? Sonho, perfeito sonho. Eis, *secundum artem*, como o seu criado Bernardo Pires achou o mais engenhoso conceito e a mais opulenta rima... Mas isto sucede só á quem bebe do fino em Aganipe, como provarei na dedicatória que servirá de postilhão a Apolo...

E o modesto cultor das musas, no entusiasmo do seu triunfo, amarrotava de gosto as calças imperiais, largo e imper-tinente anacronismo; e com a outra mão sacudia pela manga o

padre procurador, que, tendo o índice curvado diante da boca, em ar de quem apanha uma ideia vadia, o fulminou com um furibundo «deixe-me!»

— O frade não está em si — resmungou o poeta descontente. — Que demónio! Que o deixe? Mas é inverter as rimas. Eu é que morro porque ele me desassombre. Não se irá daqui? Ao menos, reverendíssimo — gritou com força — livre-me da sua capa, por todos os santos do Paraíso! É o manto de Níobe, é a noite da imaginação, é o cárcere das musas. Ora graças a Deus. Por lá o tenham bastante tempo; não deixa saudades.

Sendo que foi desvario...

Veremos se fecho agora a quadra!

Na abstração o padre procurador deixando o poeta, esfregou a testa, e abrindo a caixa do tabaco foi procurar o primeiro pouso. Ali tomou a sua pitada de amostrinha, sorvida devagar, e em três tempos, escorvou e carregou o nariz, e recolhido o lenço na manga, tocou na tampa da caixa o rufo do costume com os dois dedos da mão direita. Então é que de todo caiu em si, e olhando deu por Tomé das Chagas de joelhos e braços abertos à porta da igreja, com a bandeja das almas e o nicho de São João adiante de si.

Mas o padre-mestre tinha necessidade de desaforo, e o andador das almas servia-lhe de vaso para expetorar as iras.

— Tomé, irmão Tomé! — exclamou o reverendo impaciente.

— Estou à primeira missa, meu padre. Vou já aos pés de vossa reverendíssima.

— Ande! Tenho que lhe dizer. Irá logo da minha parte à Rua da Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça com uma carta. Quero por fim saber!... Esta provisão não é natural. Tratam de meter o alvião aos cunhais do nosso convento; tentam arrasá-lo pelos alicerces...

— Santa Maria, Mãe de Deus — gritou o irmão das almas desenroscando a sua eterna pessoa. — Deitar abaixo uma Babilónia destas, quem é o ímpio?...

— Tomé das Chagas, vossa mercê excede-se. Chama Babilónia ao convento do nosso padre São Domingos? Lembre-se de que era a cidade da profanação, a mãe dos vícios, e veja o seu erro. Não responda. Sei que não o fez por mal: pecou venialmente...

— *Mea culpa, mea maxima culpa!* Prometo duas coroas a Nossa Senhora, e uma estação ao Santíssimo, mais o jejum de pão e água sexta-feira...

— Está bom. Não é preciso tanto. Gosto de o ver com temor de Deus. Tornando ao que ia dizendo: esta gente não descansa enquanto não subverter tudo. Atira de longe à inquisição, porque tem medo de se chegar; mas em nós se vinga e por nós começa. *Inde irae!* A ordem dos pregadores primeiro, e o santo ofício depois, eis o plano. O seu fim é meter-se de dentro, como na universidade e nas escolas, e em toda a parte, segundo o costume.

— Perdoe, padre procurador, mas não creio. Pois há herege capaz de tirar os autos-de-fé ao povo, uma consolação tão grande aos fiéis de Cristo?...

— Por isso mesmo! Por causa do povo aborrecem mais a Inquisição. Da primeira vez foi o padre António Vieira o que traçou o projeto. Deus lhe tenha perdoado! Ficaram mal? Não importa; agora emendarão a mão. A que horas estará levantado Diogo de Mendonça?

— Com as seis o acha vossa reverendíssima ao bufete.

— E são?...

— Sete, quando muito. Mas daqui à Calcetaria é um bocado.

— Não importa, esperemos pelas oito. Digo-lho eu, Tomé das Chagas, o último cometa não apareceu debalde. Prognostica mortes, guerras e ruínas. Veremos aonde isto vai dar consigo. Meteram o reino nesta guerra por causa do alemão...

— Do arquiduque, segundo diz el-rei da França?

— Do rei católico, D. Carlos III, segundo dizem el-rei D. Pedro em Portugal, e os seus amigos hereges em Londres...

— Bem mo prognosticou ontem a santinha da tia Perpétua das Dores, dando-me a beijar o rosário depois do terço. «Tomé,

encomende-se muito a Deus. O Anticristo anda solto por Espanha, e de Espanha a Portugal é só um pulo».

— Coitada da serva de Deus! Oxalá que houvesse muitas como ela! Mas a culpa sabe de quem é? Esta provisão dizem que foi feita no Terreiro do Paço; é falso; não foi. Quem a ditou foram os padres de São Roque. É obra da Companhia de Jesus.

— Pois não há temor de Deus? Padre-mestre, esses hereges são da Companhia de Judas, e não da de Jesus. Mereciam, Deus me perdoe! que lhes queimassem as roupetas na fogueira, e os entaipassem vivos no Santo Ofício.

— Tomé, não diga isso...

— Digo e afirmo. E ao desembargo da mesma maneira. Eu cá arrastava-o de carocha e sambenito ao primeiro auto-de-fé.

— E o presidente da mesa também?

— Porque não? Reverendíssimo, quem acompanha com hereges é herege.

— O duque de Cadaval, D. Nuno Álvares Pereira, meu senhor? — exclamou o poeta que há bocado roía as unhas de desesperação, interrompido pelo diálogo. — Não é no presidente do desembargo do paço, no duque meu amo, que o mochila deste gato-pingado põe a boca excomungada? Ouçamos o colóquio.

— Tomé das Chagas — observou Frei João que se tinha rido da justiça muçulmana do milagreiro — sabe que mais? Se o ouvisse alguém de casa do duque, ou de São Roque, vossa mercê não via Sol nem Lua. Tome um conselho. Fale menos, e respeite mais os padres da Companhia, e o duque de Cadaval.

— Salva não seja a minha alma, padre-mestre! Jesuítas, desembargadores e judeus, todos são o mesmo, e eu levava-os de sociedade até ao auto-de-fé. Quanto ao duque, ouço rosnar que está sendo alma e correio dos hereges; e, apesar de dizerem que é esmoler e temente a Deus, cá para mim creio, *que nem tudo o que luz é oiro...* De el-rei não admira; depois da doença anda-lhe a cabeça à roda...

— Ah! mofino judas! — exclamou o poeta exacerbado. — Felizmente apanhas-me de papel e pena. Os padres da Companhia e o desembargo ao lume. Bem! Cá escrevo. O duque, meu amo,

alma e correio de hereges. Não tem dúvida; cá assento. Enfim el-rei, nosso senhor, que Deus guarde, maluco, ou pouco menos, pois lhe anda a cabeça à roda. Fica registado. Deixa estar, meu Longuinhos chupado das bruxas, que hás de dar um par de voltas à roda da forca. Nós veremos; por esperar não perdes.

E o nosso poeta, assentando o chapéu sobre a cabeleira, arrancou a trote para o paço do duque, com a espada a bater-lhe nas barrigas das pernas, e as abas da ampla casaca, enfunadas ao vento. Ia aos pulinhos, e cantarolava estes maus versos espanhóis:

*Non dirá mi señor padre,
Si es de menor sentimiento,
Ver muerto al dueño querido
Que verlo en poder ajeno.*

Nem o senhor Frei João, nem o virtuoso Tomé o viram atravessar a praça, porque o primeiro olhava para um velho que estava falando com um soldado, e o segundo passava miúda revista às peças do seu mealheiro. Assim o nosso Bernardo Pires escapou às reflexões dos dois respeitáveis inquiridores; e qual outro Orestes, vexado das fúrias, foi depositar no seio do escudeiro, seu amigo, os segredos que lhe enchiam o coração de fel.

Entretanto o padre-mestre não tirava os olhos do velho; e este, a passos lentos, também se aproximava da portaria, conversando com o soldado. A vista do reverendo exprimia assombro, e uma espécie de terror; o seu espírito lutava com a memória.

Excessivamente abertos e sem pestanejar, os olhos do teólogo não largavam o recém-chegado, estudando-lhe feições e gestos; via-se que o procurador de São Domingos duvidava e cria ao mesmo tempo; observava-se que lhe subia do coração à boca um nome, mas que temia iludir-se, julgando impossível que existisse ainda a pessoa a quem pertencera. Eis a causa da sua curiosidade, se era só curiosidade o sentimento que o agitava.

Por fim não se pôde ter, e foi direito aos dois homens, que, naquele momento, chegavam ao cruzeiro do convento. O Sr. Tomé,

apesar de bem pouco feminino, herdara de nossa mãe Eva boa dose do pecado original, e não perdia ocasião de escutar quanto se passava à roda da sua veneranda pessoa; o Sr. Tomé, pois, como verdadeiro discípulo da devota Perpétua das Dores, a melhor bruxa golhilheira do bairro, foi-se aproximando com passadas de lã, e o ouvido alerta. O rosto piedoso do santarrão dava ares do focinho do gato quando fareja a presa, e cosido com o chão faz a polícia da gula, para não lhe escapar a ceia. Mas, por mais cauteloso que se mostrasse, o nobre Tomé ficou sem o melhor da cena. Talvez pecasse por excesso de prudência! À sua chegada estavam concluídos os preliminares da conferência, e o padre-mestre, benzendo-se e chorando de alegria, apertava nos braços com extremo o mesmo velho espigado, rijo, e esperto, que lhe causara tamanha sensação, apenas o vira.

O andador das almas teve portanto de se contentar com a parte menos interessante da peripécia.

O procurador de São Domingos estava perguntando ao seu amigo Filipe da Gama como ali viera ter direito.

— Eu to digo em duas palavras — respondeu este. — Para ir bater à porta duas coisas são precisas: ter casa, e saber aonde. Com mil demónios! Estou fora há doze anos, e sem notícias há sete completos. Quem tem boca vai a Roma, diz o rifão, mas esta Lisboa é uma loba; e um homem não há de andar a perguntar a toda a gente se faz favor de lhe dar notícia do sujeito da capa parda? Portanto, pus-me a cismar, e eis o que fiz. Lembrei-me do meu antigo amigo Frei João e do seu convento. «Se não deu ainda os fios à teia, ninguém melhor para me ensinar a casa. Se morreu, paciência! Talvez algum dos frades me valha neste apuro». Vim por isso direito como um fuso até ao Rossio. Na Rua dos Ourives vejo um homem parado, e pergunto-lhe: «Conhece o padre Frei João dos Remédios, da Ordem de São Domingos?» Que resposta cuidas que me deu o excomungado?

What do you say?

Era inglês! Entro na Rua dos Escudeiros, acho outro estafermo embasbacado para uma porta, pergunto o mesmo, e diz-me:

Was verlangen sie!

Era alemão. Cáspite! Já muito azoado chego ao Rossio, e descubro um soldado, falo-lhe, e chapa-me:

Che siete voi per capo di Caio Mario?

Fiquei varado! Por fortuna passava aquele soldado português, ou galego, não sei ainda o que é, e com um boticão arranquei-lhe meia dúzia de palavras, que o maldito vendeu a tostão cada uma.

— Diz, Frei João, isto é Portugal, ou que demónio é? O que anda por cá cheirando tanta gente de todas as nações?

— Veio na armada dos aliados, e chupa-nos a olha da panela portuguesa. Edificam a Torre da Asneira, e repetem a confusão das línguas, como vês. Vamos ao que importa. Já almoçaste?

— Estou em jejum natural.

— Vamos então à minha cela. Temos que falar, e enquanto almoças saberás notícias...

— Haja método, Frei João! O homem não vive só de pão. Minha mulher?

— Está boa. Inconsolável com a tua perda, e chorando seu marido como deve, e ele merece.

— Obrigado, muito obrigado. Com que escapou à mágoa da minha morte aquela santa criatura? E as pequenas?

— Louvado Deus, estão lindas, são duas pérolas. Mas a mãe queixa-se de que a mais nova é um tanto leve de cabeça. Verduras da idade!

— Está feito! E onde está?

— Quem, Cecília?

— Sim, homem, a mais nova?

— Meteu-a sua mãe em Santa Clara, no mosteiro, a ver se lá assentava mais. A mais velha, tua filha Teresa, tem muito juízo, e é a menina dos olhos do comendador, tio dela, homem honrado, bom católico, e menos mal de bens da fortuna.

— Hum! Muito me contas. Veremos isso.

— Não tens mais pressa do que eu. Almoçamos, e pomo-nos a caminho.

— Devagar, Frei João, mais devagar. Uma ressurreição não é coisa que se leve de corrida. A gente não sai da cova para aparecer assim à família. Dêmos tempo ao tempo. O pior está passado.

— Já não digo nada, Filipe. Tu o lês, e tu o entendes.

— Está claro. A propósito — disse Filipe, virando e revirando o chapéu apresilhado e guarnecido à antiga — podes dizer-me se minha mulher tomou estado em segundas núpcias?

— Ora essa! Uma senhora virtuosa e recolhida! Deus te perdoe. Pois se te digo que ainda não deixou de chorar a tua falta...

— Aí é que a pulga morde! Não gosto de fontes de lágrimas, nem mesmo em Coimbra. Mulher que muito chora seu marido, procura outro. E se chora o primeiro diante do segundo, conta que lhe quer meter ciúmes. Entendo, agora entendo. O tio, o comendador, que espécie de homem é? Aposto que não fez quarenta anos, e que ambos choram a minha falta em santa paz?

— E eu que não te percebia! Põe mais quarenta, e acertas a idade do comendador.

— Oitenta anos?

— Pois atreves-te a supor?...

— Frei João, nada de juízos temerários! Visto continuar viúva minha mulher, e ter oitenta anos o comendador, mudo de opinião. Em almoçando vamos de passeio. Servirei de procurador aos meus falecidos direitos.

— Então já estás bom da moléstia?

— Frei João, o que dizem as obras de misericórdia? Consolai os tristes e visitai os enfermos. Vou consolar os tristes.

— Ainda bem. Mas almoçemos. Espere, Tomé, eu não tardo. Há de levar a carta à Calcetaria.

— Sim, reverendíssimo.

O padre subiu depois para a cela com o seu amigo Filipe, e o nosso andador, depondo o devoto nicho de São João, pôs-se à porta da igreja caçando as esmolas dos fiéis. O seu ar

compungido e penitente era um íman abençoado para atrair a piedade das beatas, sobretudo a das velhas jubiladas.

Neste momento, o homem que no capítulo antecedente deixamos escondido atrás da pilastra do primeiro arco, saiu do pouso a furta-passo, torceu pelas costas do milagreiro, e pondo-lhe de leve a mão no ombro, disse com suavidade:

— Irmão Tomé, *pax Christi!*

Uma cobra, levantada de repente, não fazia dar ao andador das almas tamanho pulo, nem o obrigava a virar-se logo com tanto sobressalto. Aquela era a saudação usual da Companhia de Jesus; restava saber se quem a dava seria jesuíta. Era! A palidez do Sr. Tomé não enganava. Tinha diante de si a fatal roupeta.

O jesuíta inculcava setenta anos. Os seus cabelos raros, e brancos como a neve, ornavam-lhe a cabeça, que tinha a pureza e a poética inspiração dos mais belos tipos do apostolado, como o pincel dos grandes mestres os concebeu. Alguma coisa curva, a estatura, apesar disso, parecia majestosa e elevada. Segundo se via, a idade, e mais ainda talvez os trabalhos, carregando sobre ela inclinavam a fronte para o chão, como a árvore antiga que se vai quebrando a pouco e pouco até beijar a terra; mas nos momentos de ardor religioso, ou de vivo entusiasmo, a fronte do jesuíta sabia aliviar-se do peso, e sacudindo os anos, era capaz de se levantar orgulhosa e firme, pondo no céu a vista, a esperança e o pensamento, e doirando-se de um resplendor particular.

As rugas cruzavam-se na testa, cujas entradas iam perder-se nas raras madeixas aneladas, acompanhando o rosto, cujas feições nobres eram sobre o comprido, cujas faces tinham a palidez usual nos que, vivendo de mais a vida do espírito, trazem estampados no rosto os cuidados da inteligência.

Ainda belos, eram pequenos, mas expressivos os seus olhos. Meigos no repouso, e um pouco tocados da transparente doçura, que sabe afiar a vista ou enturvá-la, para ferir ou esconder, podiam iluminar-se e refletirem em chamas concentradas, ou em relâmpagos terríveis toda a eloquência da paixão, da cólera e da amizade... Nestes momentos operava-se uma transfiguração

completa: a fisionomia remoçava-se, os sinais da idade apagavam-se, a cabeça pousava-se ereta, e os olhos diziam tanto, como os do mancebo novo e forte nos trabalhos.

Ninguém mais simples e afável; os seus braços estavam sempre abertos; o sorriso dormia e acordava com ele; o coração, morto para o rosto, e a alma, sem espelho na vista, se gemiam ou se alegravam, era sempre longe do exame e da indiscrição dos homens. Aquela face passiva e risonha; aquela voz igual e sem paixão; aquele olhar transparente e tão fundo que não deixava entrever um segredo, eram abismos aonde perdia o estudo e a análise o observador mais sagaz. Nunca o semblante humano foi uma máscara tão perfeita; nunca ninguém, antes ou depois, escravizou mais despoticamente o espírito e a matéria!

Só uma coisa não podia ocultar: — o génio! Poucos seriam tão humildes, e, apesar disso, e talvez por isso, era tal a dignidade do seu porte, as maneiras respiravam tanta grandeza, daquela que vem de Deus; e mesmo serena e de propósito apagada, a sua vista raiava com tanto poder, que, sem o conhecer, quantos o viam inclinavam-se em espírito diante dele, adivinhando um desses homens que são potências da terra por ordem e lei da inteligência, como os reis pelo direito do sangue e do nascimento.

Ao andador das almas sucedeu assim. Apenas o encarou, e achou fitos nos seus os olhos do jesuíta, dizendo tanto, e parecendo inertes, apenas sentiu aquele sorriso fino descer-lhe à alma, e tocar-lha no mais íntimo, pareceu-lhe que a mão posta de leve pesava no seu ombro como uma torre; e abismado ficou sem acordo nem vontade.

Entretanto, sua paternidade não lhe dizia mais do que isto:

— Filho, dali vi e ouvi tudo. Sabe que gostei do seu modo? Vossa mercê foi bem, foi otimamente. Quer dar-me uma palavra?

Porque o seguiu o Sr. Tomé sem resistência, mudo como um defunto, e cambaleando como um ébrio?

Porque a Companhia de Jesus era aquele padre. Impenetrável nos designios, suave nas falas, terrível nas obras!

III

UM RETRATO NO CONVENTO

No princípio do século passado toda Lisboa corria ao mosteiro de Santa Clara, de religiosas seráficas, atraída pela sumptuosidade das funções divinas, e pelo agrado sedutor do locutório.

Ali desciam as belas devotas tão compadecidas, e brilhando com tanta graça, que o mundo desmaiava ao pé da sepultura, onde os olhos das defuntas eram tão lindos e sabiam dizer tudo... segundo afirmam os poetas contemporâneos. A prisão dos corações do califa Haraun-Al-Reschid não era nada ao pé do encanto dos maviosos sorrisos que os seduziam. E a verdade é que rescendem hoje ainda aos perfumes freiráticos aqueles sonetos e glosas em que os vates, acesos na sacra chama, refinavam a vida muito mais ideal que a ronqueira existência desta época de prosa e algarismos.

Estavam então em moda «os amores freiráticos», indigno termo aplicado por legulejos malcriados à casta adoração, que ardendo sobre si mesma, se consumia em suspiros, não ousando profanar o objeto querido. Pelo menos assim explicavam os amadores estas embiocadas paixões tão melindrosas e sentimentais. Se era isto só, ou alguma coisa mais, responda a consciência deles; a nossa, queridos leitores, deve supor sempre o melhor.

Mas el-rei D. Pedro e os rabugentos ministros do seu conselho diziam das paixões seráficas certas coisas, capazes de ericar os cabelos a um cossaco do Volga! Como a raposa achava as uvas verdes, eles achavam imoral a pasmaceira no locutório, e deitaram por fim um alvará contra os Narcisos, que levantou medonhos alaridos. O efeito da carrancuda lei, e era de esperar, foi salgar mais o gosto ao pecado (se pecado havia) com a desobediência pública. A ala dos freiráticos ficou firme, jurando exterminar os meirinhos e alcades até à quinta geração.

Assim, a ferocidade teológica de sua majestade serviu apenas para empoar de pasquins e sátiras os devotos cabeleiras do conselho. Clero, nobreza e povo riram-se da Justiça; e as freiras, teimosas e queixosas, continuaram a vir chorar à grade *com os parentes* a tirania da lei, zombando das penas do fanático decálogo.

E como não havia de suceder assim? Eram tão delicados os seios que o burel castigava, e tão gentis as faces que a toalha ciosa amortalhava! Não seria crueldade grande obrigar as belas cativas, tão cedo enterradas em vida, a romperem de todo com o século? Porquê, e para quê? Se bem serviam a Deus, faziam mal, acaso, as inocentes olhando por distração duas horas para o mundo? É certo que nem elas fugiam, nem os homens deixavam as portas do paraíso, onde moravam anjos tão meigos e amigos da terra. Reinava ali em toda a força o verso de Goethe:

Amor, és immortal! sorris nas campas!

As memórias do tempo vêm cheias destas paixões, flores sem fruto, todas gelo por fora como a sepultura em que se criaram; mas por dentro ainda quentes do incêndio que as abrasou. Século singular, em que as dores excruciantes do amor se consolavam com a severidade; em que a espiritualidade do afeto imperava sobre os sentidos!... A poesia, escrava dos impossíveis sentimentais, procurava as trevas, cantando em um limbo, donde a esperança nunca descobria o Céu, por mais que subisse, onde os anjos não podiam trazer a redenção, por mais que descessem!

E apesar disto eram felizes, ou julgavam sê-lo. Pudesse falar a sombra de D. João V, do rei freirático por excelência, que ela o diria.

Quando o Salomão português buscava o devoto asilo do mosteiro de Odivelas, a magia da solidão era grande. Destas viagens ao Céu, como rei discreto, D. João V guardou segredo; e dos contos que o povo fez, e do mais que então se disse, Deus sabe só a verdade!

No ano de 1706, todos os dias ao cair da tarde, belos ranchos de fidalgos, mais ou menos numerosos, saíam pelo postigo do arcebispo, e de galope vinham desfilar ao adro de Santa Clara. À mesma hora, também, as gelosias do mosteiro deixavam entrever as lindas cativas, que não se cansavam de aplaudir o garbo e destreza dos cavaleiros.

Até à noite recebiam-se as visitas no locutório; depois de escurecer vinha tudo para o adro iluminado, o teatro desta corte primorosa. O mote cruzava-se com a glosa; as palmas do repentista com a estrepitosa ovação do seu antecessor. A serenata interrompia o madrigal, e o solau, acompanhado à viola, sufocava o pomposo elogio de ignorada deidade.

O soneto, o poema-rei destas palestras de Apolo, ou sem sabor, ou sibilino, coxeava atrás do conceito obrigado; e as freiras de cima, e os cavalheiros de baixo ligavam aqueles alambicados trocadilhos, favos de mel libados no famoso livro dos *Cristais da Alma*.

Nada igualava as delícias destes serões ao divino, em que a reclusa, pondo a vozinha em ponto, lembrava o acróstico, esse terrível «capo lavoro» do outeiro, cujo enigma, ajustado e decorado entre a musa e o vate, cantava as finezas de um novo Petrarca aos ouvidos nada cruéis da segunda Laura.

Choviam então em maná de abundância os papeliços de pastilhas e os gulosos fartes com o sabido sobrescrito de equívocos, agudezas galantes e zelos refinados. De ordinário, a despesa poética do outeiro era feita pela imaginação alugada de famintos elpinos, que vestiam de suas penas as gralhas loquazes a preço de uma casaca, ou de um jantar.

Na tarde do mesmo dia, em que nascia o sol tão aziago para o convento de São Domingos, as noviças e educandas do opulento mosteiro, assentadas em estrado baixo nas deleitosas varandas que circundavam os jardins do claustro, sonhavam com a hora de deixar a costura pelo passeio da tarde. Umhas defronte das outras, estas lavravam, ou cosiam, finíssimas cambraias; aquelas bordavam de branco, ou de matiz; e algumas faziam as rendas à francesa, eterna desesperação dos bilros contemporâneos.

Da sua poltrona de pau-santo, com assento de moscóvia e espaldar esguio, cravejado de pregos amarelos, a sóror regente espreitava por cima do livro, e por debaixo dos óculos a inquieta falange confiada à sua vigilância. E apesar do *scio!* sacramental da venerável madre, e em desprezo da sua autoridade, o murmúrio chilreado de risitos e de vozes não parava. A conspiração tramava-se mesmo em face do poder despótico, tão severo em reger aquele povo feminino.

Das duas meninas, assentadas ao lado oposto da regente, uma trajava o hábito e o véu branco das noviças, e a outra vestia à secular com elegante simplicidade. A janela regnal, abrindo sobre a varanda, estava no meio delas, e por isso, ou combinando os bordados, ou falando entre si, espaíreciam a vista pelo céu e pelas flores, cochichando naquella voz tímida e suave, que faz o deleite das confidências íntimas de duas formosas amigas.

A secular teria dezasseis anos, quando muito, e era Cecília, a filha de Filipe da Gama, de quem o senhor Frei João falara ao seu antigo amigo.

A noviça chamava-se D. Catarina de Ataíde, e pertencia a uma família pobre, mas ilustre. Perdendo sua mãe em tenra idade entrou para o convento de nove anos; esperava pelo tempo de pronunciar os votos.

Cecília era um tanto baixa. Tinha aquella estatura que de mimosa e delicada parece frágil nas donzelas; acrescentando um atrativo mais à mulher feita, quando a simetria das proporções realça a graça.

A flexibilidade do corpo, cedendo com natural desleixo às mais caprichosas ondulações, revestia-lhe de infinita gentileza os menores gestos.

O rosto não tinha a pureza séria e quase sempre fria do tipo clássico; era animado da expressão meridional, menos correta e mais ideal, cuja mobilidade reflete a alma, e traduz a vida em toda a opulência juvenil.

Sem ser da alvura deslavada e marmórea das ruivas, a tez era branca, corando-se a miúdo das rosas transparentes, que a menor comoção acende na fisionomia portuguesa.

As posições da cabeça com o requebro da voluptuosidade casta exprimiam sempre alguma coisa na graça e abandono quase infantil, em que se esqueciam.

Pequena e engraçada, a boca não se descompunha com o riso solto, que tanto desforma a formosura; mas abria-se como a flor abre o botão; e se de alguma coisa podia ser acusada, era do seu excessivo recato em esconder de mais os dentes admiráveis na pureza do esmalte.

Sobre o colo, pousado em toda a elegância grega, verdadeiro colo de garça dos poetas, brincavam em espiras luxuriantes os cabelos castanhos cendrados. Uma fita, posta em *bandó*, retinha as tranças, que, depois de emoldurar o rosto, espreguiçavam os anéis perfumados pelo mantinho de seda preta, que tanto fazia sobressair o mimo e alvura da pele.

Os cabelos assedados, que soltos arrastavam pelo chão, apanhados na coroa de uma cabeça do mais perfeito modelo, parecia que os sustinha apenas a rosa branca, seu único enfeite.

Vendo-se o pé estreito e arqueado dir-se-ia que só veludos e alcatifas pisaria sem se molestar, tão breve e subtil pousava no chão. As mãos, na brancura transparente azulada de veias finíssimas e esfumadas, mostravam o melindre aristocrático, que é a sua beleza. Os dedos, de um cor-de-rosa túbio, afilavam-se nas pontas com o jeito provocador que faz julgar a vida paga, sentindo-os castos e trementes entre outros dedos extremosos.

Mas o prestígio da vista dava-lhe irresistível enlevo.

Eram negros os olhos, não daquele preto escuro e firme, que diz império; mas do outro preto, também fechado como a noite, mas raro ainda, que fuzila reflexos azulados, inflamando-se nas

pupilas; e estas debaixo das sobranceiras, desenhadas com extrema correção sobre arcadas de uma curva ideal, acetinavam-se banhando a vista em tão cristalino brilho, e húmidas de suave fluido vinham sobressaltar a alma com tanto encanto, que o coração vencido nunca mais se libertava do seu poder.

Era fascinadora e invencível a sensação elétrica de tais olhos! E quer os seus raios, aveludados pela sombra das pálpebras, temperassem a intensidade da luz, quer na sua magnética transparência se ateasse o fogo da paixão, é certo que dizia tanta coisa rara a ternura deles, é provável que fosse tão deslumbrante a explosão da sua ira, que depois de vistos uma vez ficavam para sempre a arder na alma.

Nenhuma frase pode exprimir a celeste melancolia que tomavam, quando, meio adormecidos, se levantavam para o céu, parecendo subir em um raio de sol, e perderem-se com ele no infinito.

A graça e a sedução fascinadora de tais olhos, mais árabes que peninsulares, mais de israelita que de circassiana, sem as covinhas arredondadas aos cantos da espirituosa boca, sem a animação daquelas feições portuguesas, faria supor que o berço de Cecília fora um rosal de Bagdade, ou mais exato, algum oásis da Palestina.

O justilho, com guarnições de telilha, modelando o seio virginal, apertava sobre a esbelta cintura, deixando adivinhar elegantes formas, que a idade prometia arredondar. Se no corpo, como disse, predominava o mimo delicado e um pouco frágil da flor, a perfeição de alguns contornos revelava já em muitas coisas a mulher, cuja beleza, rica de seiva, é tenra e melindrosa ainda. Olhando para Cecília via-se que o rosto, em acordando as paixões, havia de agitar-se; que o sangue impetuoso seria pronto em subir ao coração; e que a vista, agora serena, se acaso se volvesse irada, poderia fuzilar todas as tempestades em um instante.

D. Catarina de Ataíde era formosa também, porém de uma beleza mais severa. Muito regulares as suas feições tinham uma seriedade que infundia respeito.

No rosto, pálido sempre, pouco se refletia da alma; a tranquilidade era a sua expressão ordinária. A luz dos olhos, em que brilhava o fino azul da safira, parecia um tanto frouxa, temperada pela quietação reflexiva a que os acostumara, para nunca denunciarem os segredos mais íntimos.

A estatura não excedia a usual, mas o ar de nobreza um pouco perpendicular fazia-a supor uma ou duas linhas mais alta. Bonitas mãos, apesar de magras, e uma cor de pele tirante à alvura fria das louras, completavam a fisionomia da noviça, fisionomia séria, grave, pouco expansiva, e por isso mesmo inculcando um carácter capaz de nutrir profundos afetos, e de morrer deles, sendo infeliz, sem se humilhar com o menor queixume.

A oposição entre o génio sensível e buliçoso de Cecília e a terna e concentrada amizade de Catarina, fora, sem dúvida, a verdadeira causa da intimidade que as unia.

D. Catarina de Ataíde podia ter mais dois anos do que a sua amiga, mas a experiência quase sempre se adianta à idade em caracteres assim. Costumada a conter-se e a observar, não cedia nunca às sensações repentinas, desconfiando muito de si, e um pouco também dos outros. A honrada pobreza da sua casa, desatendida pela ingratição real, servia-lhe de estímulo para redobrar o resguardo do seu trato.

Se vivesse em opulência, a bondade do coração incliná-la-ia à convivência familiar das outras meninas; mas com a sua estreiteza de meios, entendeu que devia ser cortês e agradável, sim, mas sem esquecer o sangue donde procedia, nem permitir aos outros que o esquecessem.

Cecília era a única exceção no invariável sistema de D. Catarina. À educanda sofria e perdoava tudo.

Com a impetuosidade de génio natural na filha de Filipe da Gama, esta ria e chorava sem motivo, e quase sem provocação; e momentos depois, passando da altivez à humildade, e do desdém à compaixão, não sabia nem desculpar as lágrimas, nem justificar o riso.

Como às vezes acontece, enganar-se-ia com ela quem tomasse a exagerada sensibilidade por fraqueza de vontade. Debaixo de aparências enganosas, encobria grande firmeza de ânimo. Um pouco travessa, maliciosa até, e viva como fogo, Cecília, o ídolo do convento, merecia que todos a adorassem.

Julgando seu pai morto na Índia, amava a mãe com um extremo arrebatado, e o comendador com afeição quase filial. Este, da sua parte, idolatrava a «menina bonita», e não podia passar um mês que a não visse. Com sua irmã Teresa, Cecília mostrava-se mais seca e reservada, o que procedia do ar de autoridade da mais velha em muitos casos.

No fim de tudo, a educanda tinha um coração de ouro, ainda verde nas ilusões da mocidade, ainda virgem nos infinitos tesouros de abnegação e sensibilidade que o enriqueciam.

Mas aquele a quem chegasse a amar com verdadeira ternura, por ditoso devia reputar-se.

Depois do retrato que acabamos de fazer, a um «sim» de lábios aonde sorria o amor com tanta graça, a uma promessa de olhos tão eloquentes na paixão, só Deus podia pôr o preço, se é que há preço que os pague.

IV

O HÁBITO NÃO FAZ O MONGE, MAS O VÉU NÃO FAZ A FREIRA!

Como dissemos, as duas amigas estavam sentadas na casa do lavor. Cecília, bordando uma escarpa com a sua atividade febril; Catarina, matizando um pano de frontal com o costumado sossego.

A educanda, com a barba entre os dedos, jogava de vez em quando um sorriso travesso à sua companheira; e, apesar da provocação direta, esta não levantava os olhos, mas sorria-se.

Ambas pareciam cansadas de falar do que tinham longe do coração, sem se atreverem a tocar no que sentiam ocultamente.

Por fim a impaciente Cecília deixou escorregar o bordado, e, atirando a agulha com enfado, inclinou-se para a sua amiga. Esperou assim que uma palavra lhe desse a nota do diálogo; porém de balde: D. Catarina não dizia nada; e a pobre Cecília, afrontada com o silêncio, e exalando um grande suspiro, resolveu-se a romper o tiroteio.

— Que dia aborrecido, Catarina! — exclamou com ímpeto.
— Ai, menina, muito feliz és!

— Sou, bem vê — replicou a noviça com o mais duvidoso sorriso.

— Olha, minha Consolação — continuou Cecília, dando-lhe este nome, segundo o costume das amigas nos colégios — não sabes o que eu podia dizer da tua resposta se fosse má?

— Diz, minha Alegria? — observou Catarina com suma tranquilidade.

— Tenho medo desse teu ar. Depois, se eu falasse, afligias-te.

— Não, minha joia, nunca me aflijo contigo.

— O calado sempre é o melhor.

— Pois eu digo-te o que pensas, já que tu não queres. Achas que vivo muito triste para ser feliz! Pois enganas-te, meu amor; sempre fui séria. Cuidas que choro com saudades do mundo, e que não me separo dele sem pena? O coração chora, sim, porque é de carne; mas o espírito está contente. Não se serve a Deus sem sacrifício, nem há merecimento em o servir. Disse-te que era feliz, e sou; não tenho eu tudo o que desejo?

— Não, Catarina; leio-te por dentro. Basta de brinco!

— Sabes que sou pouco amiga de rir. Falei sério.

— Sério? Diz-me, dissimulada, dás-me notícia de certo retrato, que vi de relance uma vez?

— Que retrato?... Tens lembranças!

E a bela noviça, vermelha e assustada, levou as mãos ao seio com gesto de sumir alguma coisa. Cecília olhava para ela sorrindo-se, e este olhar, malicioso, aumentava mais a confusão da sua amiga.

— Não te assustes, menina — disse a educanda. — Não é coisa do outro mundo. Falava daquele retrato que disseste que se perdeu. Ora se não me engano, achado está, e bem perto do teu coração.

— Percebo — acudiu Catarina gracejando. — Falas do retrato de meu pai.

— De teu pai? Fazia-lhe três idades mais. Sabes com quem se parece a figura?

— Não. Alguma ideia tua!

— Com certo oficial, que por horas de sesta todos os dias vejo parado na rua, defronte da tua janela, donde não tira os olhos...

— Pelo amor de Deus, Cecília!

— Jesus, que medos! E por tão pouco ficas branca? Então que tem, menina? Se vi um homem olhar da rua, não hei de morrer mais cedo por isso, creio.

— Mas é que são tudo suposições tuas. Esse retrato... digo, esse moço não tem nada que se esconda. É... há de ser meu irmão.

— Ora vejam! Tens dois irmãos, e nunca me falaste senão de um? Estavas mal com este?

Era tão penetrante a ironia de Cecília na sua falsa inocência, que duas lágrimas saltaram dos olhos da noviça, desenrolando-se vagarosas pelas faces.

A azougada menina, cuja travessura as fazia correr, estava morta por desatar a rir; mas em presença daquela dor, deitou-se-lhe nos braços, e abraçando-a e beijando-a com extremosa efusão, exclamou:

— Perdoa, Catarina! Foi malfeito. Não merecias... Mas também porque te encobres da tua amiga?... Cuidas que não sei guardar segredos?

— Não, minha joia. Sei que tens juízo, mas não usas dele sempre.

— Obrigada! Estou absolvida? És minha amiga?

— Sou. Mas não tornes. Afligiste-me, meu amor.

E sorrindo com bondade por entre as lágrimas mal enxutas, D. Catarina deu-lhe um beijo com infinita amizade.

— Não há remédio! — prosseguiu depois. — Confessar-me-ei a este padre tão curioso; vejamos! O que se há de dizer, menina?

— Quero saber tudo.

E o dedo de Cecília, erguido, ameaçava a penitente.

— Prometes segredo?

— Juro. E tu, a mim, prometes?

— Tão nova, e já com segredos, Cecília?

— E porque não? Talvez maiores do que julgas... A gente agora cresce depressa. Olha, amor, sei muitas coisas, e adivinho outras: uma delas, por exemplo, é esta: tu amas! Quero principiar a confissão pelo primeiro mandamento.

— Amo! — murmurou a noviça, trémula de voz, e quase ao ouvido da sua amiga. — Amo sem esperança, sem mais esperança que a de não chegar a ver o fim do meu engano, se é engano, da minha ilusão, se me iludo. Bem vêes que triste amor!

— E não juras em vão? Crês e amas como em ti?

— Firmemente! Mas para quê?

— Não professaste; és livre; podes dar-lhe a mão...

— Ai, Cecília, não! O hábito é mortalha. Devo a meu pai este sacrifício. No mundo não há lugar para mim senão na cela do convento... Dos bens, que tivemos, há só em nossa casa a glória de um nome que há de acabar como principiou, honrado e puro. Uma filha dos Ataídes não entra em casa de ninguém mendigando; e não podendo ser esposa, serei esposa de Cristo... É como se faz na minha família.

— Pois tanta beleza, e levando-lhe um coração assim, não lhe levas dote que não tem preço?

— Achas? Talvez ele dissesse o mesmo, porque o amor cega-nos. Mas depois?... Não! Ficarei sepultada aqui.

— Então porque o vês ainda, porque não o desenganas?

D. Catarina olhou fita para Cecília; e, pegando-lhe na mão com força, disse, naquele tom sufocado, que às vezes é mais veemente que a voz mais alta:

— Porque a paixão que lhe tenho pode mais que o dever. No dia em que o perdesse, estalava-me o coração no peito. Tenho medo de mim, tenho medo dele, nesse dia, vês?! Deus te livre, pela sua graça, de um amor como este; é a alma e a fé, é a salvação, ou a morte de uma vida inteira. Não o desengano, porque me desejo ainda enganar a mim. Sou uma fraca mulher, e faz-mo horror a morte, sobretudo a morte lenta e inconsolável que me espera. Quero esgotar esta ilusão suave. Como acordarei eu dela, meu Deus!?... Entendes agora porque me calo, devendo falar? porque não lhe digo que morro, que morri para o mundo, e para ele, e vivo só em cada dia os poucos momentos que o vejo.

Ela chorava dizendo isto, e Cecília unia as suas lágrimas ao pranto, que a desesperação espremia dos olhos da noviça.

Cingindo-a com os braços e cobrindo-a de carinhos, a pobre menina exclamou com entusiasmo ao mesmo tempo:

— Minha amiga, minha irmã, hei de salvar-te; se eu lhe disser, ele também há de...

— Ele! quem? — interrompeu Catarina com terror. — Cecília, será certa mais essa desgraça? Amas? Diz! aonde o viste, quando, como? Olha bem, põe a vista em mim!

Cecília ouviu-a, sorrindo-se com tristeza.

Pouco a pouco os olhos acenderam-se, a vista fuzilou, e bela como um anjo que se eleva acima das misérias humanas, envolta na auréola radiosa da sua inocência, disse exaltada e convencida:

— Olha, Catarina, se foi bem, se mal, não sei; o que digo só é que o sinto ao pé de mim em tudo o que vejo e penso. Ainda não cheguei, e já me está falando, já olha para mim e me chama: a alma está encantada com a sua imagem, o espírito vive com o dele na ausência. Dia e noite repete-me o coração com júbilo duas palavras, que são o seu nome, e o meu amor. Por este homem, Catarina, deixava-te sem pensar, eu que te adoro... Minha mãe, que me estendesse os braços, via-me fugir até do Céu para o seguir!... Não chores, amor, perdoa! Vês? Ele pode mais do que eu! Não padeces tu? não sofres tanto ainda! Quando duas almas chegam a unir-se assim, diz, não se apagam em minutos e em um sorriso todas as lágrimas de muitos anos?

— Cala-te! Essa vida a esperança promete-a, mas não a dá o mundo, não se vive senão no Céu.

— E também na Terra. Ama e crê como eu, e verás...

— Oxalá! Mas, Cecília — acrescentou Catarina com afetuosa tristeza — és tão nova, tão sincera! Esse coração engana-se, confia de mais... Toma sentido! meu amor, acautela-te, não tens irmão para te vingar.

— Bem sei, Catarina. Sou órfã, mas o nome de meu pai é obrigação, e, na falta doutrem, eu o defenderei até de mim. Não tenho irmão, mas tenho ânimo e vontade: e para não precisar de vingança basta que me respeite. Eu mesma servirei de irmão e de pai ao meu amor; e Deus, que lê na alma, sabe se prometo com fé, e se creio com fervor...

E por um gesto sublime, Cecília, refletindo nos olhos a esquisita sensibilidade do coração, ajoelhou lentamente aos pés de Catarina, levantando a mão, como quem pronuncia um voto irrevogável.

A noviça olhou para ela. Conhecia-a muito para duvidar da abnegação das suas palavras. Sabia que esta paixão, embora fosse um mal, já era um mal irremediável. Por experiência sabia mais, que no primeiro amor, quando se adora assim, o amor é a vida, e só com ela expira. Foi, portanto, para sondar a chaga, e sem esperar remédio, que perguntou com melancolia:

— Dir-me-ás como se chama?

— O nome que todos lhe dão, não sei. De mim quer só aquele nome tão doce, que diz a boca da irmã e da esposa. Chama-se João.

— É fidalgo?

— Não sei; mas todos me parecem pequenos ao pé dele.

— É nobre?

— Se eu o amo!

— É rico?

— Não te disse que o adoro?

— E se fosse pobre?

— Era o mesmo.

— Se fosse mecânico?

— Amava-o!...

— Se te levasse longe dos teus e de mim?

— Amava-o!... com amor de filha, de irmã e de amiga, com todo o amor que nos dá o Céu e o coração encerra.

— E enganando-te não o aborrecias?

— Não!

— E preferindo outra não o odiavas?

— Não!

— E se ele não pudesse, ou não quisesse senão amar, aceitavas?

— Morria, mas não aceitava! — murmurou Cecília sem hesitar.

— Mesmo um amor sem nome, digamos tudo, mesmo um amor sem esposo?

— Morria. Tudo menos arrancar a alma do corpo, menos arrancar daqui a sua imagem.

— Então, Cecília — exclamou Catarina, soluçando e com as mãos erguidas — então, boa ou má, eis a tua sorte. É o primeiro

e o último amor. Colheram-te, pobre coração! A tua alma, e eu conheço-a, está aos pés desse homem, vencida, escrava, para ele a perder ou a salvar! És já mulher. Não procures as ilusões da meninice, porque não tornam. Se o teu senhor mandar, o coração até do Céu havia de baixar à sua voz, como a ave ferida cai na terra para morrer.

— E que importa, se ele amar, se for feliz?

— Deus o permita. Possam amar-te, querido anjo, como deves ser amada. É a hora do passeio. Vamos ao jardim; lá saberei tudo.

E, dando o braço a Cecília, a noviça desceu adiante de todas para o sítio que desejava. Com efeito, apenas o sino bateu a hora suspirada, as agulhas no ar não deram mais ponto, e os bastidores desertos não viram mais fio. Em toda a casa operou-se uma verdadeira mutação de teatro.

Aquele bando de pombinhas, doidejando e correndo em tropel, rindo, falando alto, e a saltar os degraus, foi precipitar-se na cerca, sem esperar por ninguém, nem olhar para trás.

A regente meteu os óculos entre a folha do livro ascético que estava lendo, e, coxeando de ciática, saiu logo para acompanhar o enxame, já dividido em ranchos, que vagueava pelas areadas ruas do jardim; estas regando a roseira ou o alecrim predileto, aquelas esmigalhando pão aos peixes do tanque, e as mais novas provocando com travessuras a paciência das devotas e idosas matronas, vigias incansáveis das suas recreações.

Entretanto, debaixo de um caramanchão retirado, Cecília e Catarina, de mãos dadas, conversavam com viveza e recatadas.

V PETRUS IN CUNCTIS EST PETRUS IN VINCULIS

A passo cheio, mas não precipitado, o jesuíta adiante e o andador das almas atrás, chegaram ambos ao arco das portas de Santo Antão.

O primeiro risonho e sereno, o segundo cada vez mais preso de terror.

Amanhecera o dia limpo e claro; o ar estava seco e frio; e, nas ruas, o silêncio era completo. As portas e janelas fechadas davam testemunho do recolhimento dos vizinhos.

O jesuíta parou debaixo do arco, e de leve, muito de leve, pôs de novo a mão no ombro do honrado Tomé. Se visse desabar a abóbada não se encolhia tanto o milagreiro trémulo.

A voz do padre acompanhou o gesto; era uma voz límpida e vibrante, quase tão suave como o timbre da voz feminina; mas apesar da melodia tinha um timbre que penetrava mais do que a rudeza de certas falas ásperas.

Certo jeito estrangeiro na acentuação das vogais dava cunho particular às menores frases.

Algumas vezes, a sua vista parecia desbotada, armando-se de felina doçura; e então fazia esfriar as pessoas para quem olhava. O sorriso impenetrável e acerado de ironia cortava como o fio de um estilete.

Nestas ocasiões a amabilidade do padre metia medo.

Em geral, o semblante do jesuíta era espirituoso e reflexivo; a vista profunda, dessas que medem num relance e veem tudo; e a boca, séria ou risonha, nunca descobria o pensamento.

As feições bem acusadas, a testa alta, e o nariz aquilino e bem formado, caindo com graça, retratavam na mais pura expressão o tipo das fisionomias italianas, cuja finura engana facilmente os observadores pouco afeitos a interpretá-las. A idade, rareando os cabelos, coroava de cãs e de majestade uma figura aonde o dedo de Deus imprimia o selo indelével do génio e da grandeza.

A sorrir, e a cada momento mais meigo nas palavras, o reverendo padre rompeu as hostilidades, deixando cair amigável, mas um pouco mais pesada, a mão no ombro da sua vítima, como dissemos.

— Segundo lhe disse, filho, gostei de o ouvir, e gostei muito. O seu zelo pela religião e o grande temor de Deus é louvável. Depois mostra ser bom católico, porque ama e respeita a Santa Inquisição. Falou bem, falou otimamente. Convenceu-me!

Este elogio amargava como absinto ao honrado andador. Extático, e com os olhos de sentinela ao sorriso do Padre, Tomé afiava os ouvidos, penando a fogo lento.

O jesuíta observava, sorria-se por dentro e por fora, e fingia-se desentendido.

— Não responde? agora noto. Vossa mercê não está bom; tem alguma coisa?

— Estou melhor!

O devoto não teve fôlego para mais. Desejaria acrescentar: «Tão bom te visses tu, desalmado hipócrita!» mas faltou-lhe o ânimo.

— Está melhor? ainda bem. Não nos adoença. Sabe do que procede provavelmente? Do seu calor a bem da religião. A carne não pode com o espírito... E eu, filho, receio que venha ainda a fazer-lhe muito mal o seu espírito... Ora pois! Repito, que gostei de o ouvir; o padre Frei João é que me pareceu tíbio; desconheci-o! Esperte-o. Olhe, Sr. Tomé, tenho cismado. O seu conselho

de curar a heresia a ferro e fogo, digo-lhe que o acho menos mau! Com pequenas correções na forma, estou em que será útil e agradável a Deus e à Igreja.

— Misericórdia! *Peccavi*, reverendo padre, *peccavi*!

— Quem não peca, filho? Como ia dizendo, acho-lhe razão; as obras de misericórdia mandam castigar os que erram. Disse muito bem. Vossa mercê tem génio e habilidade... para casos de consciência. Tirei informações a seu respeito e satisfizeram-me. Não havemos de consentir que a luz dum entendimento claro se esconda em tanta humildade. Não deseja figurar? Pois sim! É louvável; mas todos hão de conhecê-lo ao menos! As nossas missões da América querem homens zelosos da cura das almas e do serviço de Cristo.

— Valha-me Deus! Errei contra a Companhia; mas vossa paternidade acuda-me pelas chagas do Salvador! Não me deite a perder.

— Sossegue. Se lhe digo que estimo a sua habilidade! E que vossa mercê tem muita, é inegável. Ora, falou da Companhia de Jesus. A esse ponto ia eu agora. Ainda assim! Teve caridade conosco. Castigando o corpo, lembrou-se da alma. Foi o que gostei mais de lhe ouvir. Parecia inspirado! O embusteiro, o hipócrita, pondo a nossa capa, nem por isso é mais jesuíta que o moiro ou o idólatra; porque no coração escarneceu de Deus e da Companhia; e entre a salvação de um, e a salvação de todos, optar pelo maior interesse foi sempre a doutrina do instituto.

— Milagrosa Virgem do Cabo, valei-me! — murmurou o irmão das almas, cujo pavor crescia em proporção da sinistra amabilidade.

— Invocando a Mãe de Deus, boa fonte procura! Tornando à Companhia. Dizia eu que o seu conselho era bom; e refletindo, acrescento que o acho ótimo. É preciso um exemplo, e vamos dá-lo. É da cidade de Évora?

— Lá nasci e me criaram.

— Muito bem. Então está no caso de nos ajudar a servir a Deus. Sendo de Évora, conheceu por força um tal Onofre Crespo,

algum tempo familiar do padre Simões. Havia de conhecer! É da sua idade, trinta anos, pouco mais ou menos.

O Sr. Tomé, ouvindo a citação, sentiu fugir o lume dos olhos. Três vezes apalpou o chão com os pés para experimentar as pernas em uma boa corrida, e outras tantas consultou o rosto do jesuíta com os olhos ansiosos. Inutilmente! A eterna afabilidade do padre desarmava toda a penetração.

A pergunta era naturalíssima; e não assustaria o milagreiro, se não refletisse que os jesuítas, por desgraça, sabiam quanto queriam. A intensidade do medo, e a violência do ataque, restituíram-lhe a clareza do entendimento.

Apenas percebeu por onde vinha o assalto, armou-se de prudência e de simplicidade. O padre advertiu a mudança, e sorriu-se de novo.

Aplaudia-se talvez de encontrar o adversário mais forte do que supunha.

— Que figura tem esse Onofre Crespo, meu padre? — perguntou o devoto com a possível serenidade, depois de poucos instantes de pausa. — Por força há sinais. Vossa paternidade decerto os mandou tirar. Está averiguada a história do crime? Com esse apontamento talvez pudesse lembrar-me. Ainda que saí tão novo da cidade, que me recordo pouco.

— Vossa mercê tinha vinte anos, quando mudou de terra, segundo me disseram. Foi por esse tempo.

— Esteja vossa paternidade certo. Farei tudo pelo interesse da santa religião.

Como bom tático, o Sr. Tomé cobria a retirada por uma demonstração sobre a frente do inimigo. «Sendo comigo — dizia para si — o jesuíta descalça-se, e apanho-o. Sendo com outro, denuncio-o, do Céu lhe venha o remédio; e se não o conheço, ambos estamos salvos. Em todo o caso a caridade começa por nós».

Mais animado, o andador armou-se da não vulgar e dissimulada impudência. O jesuíta, com um risinho falso, estava-o lendo por dentro. Era evidente que o padre assistia em espírito a esta comédia.

— Fala com juízo — respondeu sua paternidade com sossego. — Nem menos esperava do seu zelo. Quer ouvir os crimes do hipócrita e conhecer a árvore pelo fruto? Felizmente temos aqui as cópias. A Companhia sabe que os seus inimigos não descansam, e conta com eles. Ora leia.

E metendo a mão no seio, tirou um maço grosso, e entregou-o ao Sr. Tomé, sempre com o riso na boca; ao mesmo tempo, disse:

— Sabe ler, e com seus princípios de gramática? Sei aonde estudou, e quem foram seus mestres.

— Gosto pouco disto — rosnava o devoto entre dentes. — Este padre sabe de mim pelo menos metade do que eu sei, e queira Deus que não saiba tudo. Enfim, há de correr como uma lebre o que me apanhar.

E abriu o maço com algum tremor. Enquanto lia, arrepiando as sobrancelhas, a vista escrutadora do padre não perdia o menor dos seus movimentos; era um exame de consciência feito *in anima vili* segundo o método jesuítico.

Em substância rezavam os papéis das proezas de um Roberto Macário, verdadeiro cavalheiro de indústria ao divino e famoso mestre na consumada arte de enganar o próximo.

Onofre Crespo, natural de Évora, e filho de pais incógnitos, fora recolhido por caridade em casa de uma beata viúva, chamada Perpétua das Dores.

Antes de ser conhecida por hipócrita, a beata era confessada do padre Simões, lente de teologia no Colégio dos Jesuítas, e engomava roupa para aquela piedosa casa.

Quando Onofre tinha doze anos, entrou nas classes do colégio, e estudou latim, lógica e retórica. Aos dezoito principiou a ouvir teologia e a ajudar à missa ao seu mestre e protetor, o padre Simões.

Parecia o exemplar do perfeito devoto. Ninguém falava menos, nem rezava tanto, conservando-se de joelhos e braços erguidos.

Vejam como se aperfeiçoaram estas prendas.

O padre Simões costumava distrair-se depois de jantar com um passeio pela cidade, levando em sua companhia o Sr. Onofre Crespo. Uma tarde entrou com ele na loja de certo ourives, seu amigo, homem rico e honrado, e pôs-se a apreçar alguns trastes de prata lavrada até ao valor de cem moedas, tudo objetos diversos. Era uma encomenda e, querendo servir, regateou, saindo por fim muito suado, e sem concluir o ajuste, porque desejava saber a vontade do comprador. Fazia vento quando voltaram para o colégio; o padre constipou-se e ficou surdo de defluxo.

Três dias depois, justamente no dia em que fazia vinte anos, o virtuoso Onofre apareceu de manhã na loja para levar a prata, dizendo ao ourives que fosse com ele se queria receber o dinheiro. Ainda era cedo quando entraram na igreja, e o padre Simões estava confessando a Sr.^a Perpétua. «Espere um instantinho — disse o devoto ao ourives — eu aviso o padre-mestre.»

Com efeito chegou-se e, enquanto a penitente começa em jaculatórias espirituais que atroam a igreja, o Sr. Onofre abaixa-se e, chegando ao jesuíta, profere algumas palavras, que o ourives não percebeu, graças às exclamações da beata; mas que não o inquietaram em virtude da resposta do padre, dada muito alto, como é costume dos surdos. Virando-se o confessor, disse-lhe: «Pois sim. Com muito gosto, é um instantinho enquanto avio esta devota, e já lhe falo». Depois reparando no cesto que o Sr. Onofre trazia na mão, acrescentou: «Leve-me isso para o meu quarto, e com cuidado».

O nosso Onofre não esperou por segunda ordem; rodou sobre os calcanhares, e saiu imediatamente da igreja, fazendo a sua cortesia aos santos com espremada compunção.

Quando a beata se levantou, o padre Simões, chamando o credor, assoou-se, saudou-o com a mão e disse-lhe: — Ajoelhe e diga o ato de contrição. — Vossa paternidade perdoará, mas não venho confessar-me. — Essa é boa! pois não quer que eu o ouça? — Sim, senhor, mas não é de confissão: vim para receber as ordens do padre-mestre. — Quais ordens? — Aquela continha que sabe. — Não percebo! Vossa mercê está em seu juízo? — E por

sinal ainda em jejum; vossa paternidade é que parece distraído. Falo da prata... — Ah! pois não! Desculpe! esta cabeça! É negócio feito. Apareça por cá amanhã cedo, para o acabarmos. Não quer mais nada? — Beijo as mãos de vossa paternidade. — Não se esqueça. Traga a conta e o recibo. — Vem tudo, padre-mestre.

Naquele dia faltou ao jesuíta o seu andarilho Onofre; mas não lhe deu cuidado; tinha pedido licença para ir a uma romaria, a seis léguas de distância da cidade, e julgou-o de viagem. Na manhã seguinte davam nove horas, e entrava o ourives pela cela do padre-mestre com a saudação usual: — Deus seja nesta casa! — E o ajude a vossa mercê! — respondeu o religioso, chegando-lhe um mocho para defronte do maciço contador de pausanto torneado. — Aqui está agora a relação da prata, e o preço das peças marcado à margem. — Dê cá. Assim é que eu gosto. Contas claras. — Agora se vossa paternidade quer, vamos conferir o dinheiro. — Se o acha certo, para que é isso? E a prata? — Veio a que o padre-mestre mandou. — Pois sim; mas que é dela? — Naturalmente está aonde vossa paternidade a pôs, replicou o ourives, rindo — Aonde eu a meti?! Está zombando? Pois não me dá a prata e quer que eu saiba aonde a guardei? — Não dei a prata? — acudiu o mercador fazendo-se branco. — Desde omdem aonde está ela senão em poder do padre-mestre?

— Não brinque. Fale sério. — Muito sério falo eu! Por sinal que vossa paternidade me disse que voltasse hoje pelo dinheiro. — Pelo dinheiro? Aí temos outra. Oh Sr. Inocêncio Pires, não me faça cair em cismas! Pelo amor de Deus! Pois o rapaz, o Onofre, não lhe levou ontem o dinheiro, seriam oito horas da manhã? Cem moedas em dobrões de oiro, contados pela minha mão?

— Vossa paternidade fala muita verdade, mas eu não vi nem um ceítíl, quanto mais cem moedas em dobrões! Quando mandou buscar a prata... — Eu? Não mandei tal! Até lhe pedi que ma guardasse! Não leu a minha carta? — A sua carta? Qual? Não me deram senão este recado ontem da parte de vossa paternidade, que entregasse a prata e fosse ao colégio. O Sr. Onofre depois

meteu a prata no cesto, e eu acompanhei-o à igreja, onde, por ordem do padre-mestre, esperei que a devota acabasse a confissão.

Um raio fulminava menos. O jesuíta percebeu que estava roubado, e roubado duas vezes. — Não recebeu o dinheiro? perguntou convulso. — Nem cinco réis! E o padre-mestre não tem a prata? exclamou o ourives atterrado. — Nem uma colher! Meu amigo, estamos roubados, vossa mercê na sua prata, e eu no dinheiro alheio... O que é isto?

E o jesuíta, empurrando com força uns papéis em cima do contador, deu com a vista em uma carta fechada, lacrada, e com sobrescrito para ele. Abriu-a, leu-a, e roxo de raiva passou-a em silêncio ao ourives. Este pôs os óculos, e todo trémulo leu alto o que se segue:

«Meu respeitável mestre! Vossa paternidade e eu enganámo-nos um com o outro. Servia-o para ganhar algum remédio para a velhice, e até hoje afirmo-lhe que não sei a cor do seu dinheiro. O padre-mestre supôs que eu me habilitava para santo, por isso me pôs quase a jejum de pão e água. Ora o nosso moralista, o padre Baunius, previu na *Summa Peccatorum, editio quinta, pag. mihi 213 e 214*, este caso de consciência, aonde diz: — Que pode o servo a quem não pagam, pagar-se por suas mãos, contanto que não tire mais do que lhe deverem, sendo pobre e desamparado. — Sou pobre e órfão. Levo portanto, seguindo tão bom conselho, os vinte dobrões e mais a prata no valor de duzentas moedas. Calculo que as devia receber em oito anos de serviço, e não é caro. Ficam os calções e a roupeta, que vossa paternidade me deu; tenho escrúpulos sobre a sua velhice. Também deixo a *Summa* de Baunius, marcada *citato loco*, mas descanse vossa paternidade, decorei-a primeiro. Ajuízo que o padre-mestre dará o dinheiro por bem empregado, vendo o fruto das doutrinas de um dos melhores casuístas da Companhia. Com eles protesto viver e morrer, dando ao excelente mestre que mos ensinou os agradecimentos devidos. Conto acabar muito rico, e ir depois para o Céu. Recomende-me a Deus nas suas orações, e seja sempre amigo deste seu discípulo, que lhe beija as mãos. *Benedicite, padre-mestre!*»

— Ah, patife, ah, hipócrita! — gritou o jesuíta desesperado com o roubo, e sobretudo com a citação do padre Bauny, invocado pelo Sr. Onofre Crespo. — Para isto aqueci a víbora! Bem feito! Sabe o que ele me disse na igreja? Que tinha vossa mercê grande devoção de se confessar comigo. — Percebe vossa paternidade? A prata não saía das minhas mãos se não oiço o padre-mestre dizer: «Leve-a ao meu quarto!» — Mas eu julguei que era a minha roupa! — Era a minha prata. — Velhaco! Patife!

Enquanto os padecentes deploram o roubo e apertam as mãos na cabeça, o devoto por ares e ventos chegava a Montemor. Perto da vila descobriu de longe um cavaleiro muito bem montado. «Ali está o que me era preciso. Vinha do céu um cavalo assim!» Dizendo isto consigo entrou a cismar, e apeou-se do macho, que estava no lastimoso estado da mulinha do Palito Métrico:

Cortabat fios almœe cuicumque videnti!

Quando o marchante (era marchante o homem) se chegou ao pé dele, achou-o à borda do poço desfeito em lágrimas.

— Salve-o Deus, que tem vossa mercê?

— Ah, senhor, não me diga nada.

— Qual! O que o aflige? Diga; desafogue!

— Não tem remédio. Caiu-me no poço a imagem de Nossa Senhora. Era de ouro, e não sei nadar.

— É só isso?

— Acha pouco? Se não fosse prenda de minha mãe, não me afligia. Mas deu-ma à hora da morte...

— Console-se, homem! Eu nado como um peixe, e se não lhe tiro a imagem do poço, ninguém a tira. Segure o cavalinho, e livre-o de algum couce do macho; olhe que não se confessa. Cuidado com essas bolsas, que não estão vazias! Sentido! Se larga da mão esse demónio, saiba que não o apanha senão em Aldeia Galega; é um virote.

Dizendo isto, o marchante despia-se na maior boa-fé e deitava-se ao poço. A água andava funda, e o bocal não se podia alcançar

de baixo com a mão. Apenas mergulhou o pobre homem, o devoto Onofre saltou no cavalo, segurou as bolsas, e enrolando a roupa numa trouxa, prendeu-a à garupa. Depois chegou-se à boca do poço e perguntou para baixo.

— Está lá?

— Estou!

— Pois fique. Ainda não achou?

— Não vejo nada!

— Pois eu achei. Aonde quer que deixe o cavalo e as bolsas?

— Ah, ladrão! Aqui d'el-rei! Espera!

— Não se enrouqueça sem precisão. Fique em paz, e dê muitas graças a Deus. Sai depois como uma alface. Adeus! O seu fato vai na garupa, escusa de procurar por ele. Para outra vez seja mais leve em vir ao de cima de água, e menos fácil em se deitar a nado.

O marchante esconjurou-se dentro do poço umas poucas de horas, e o honrado Onofre não parou senão em Aldeia Galega, aonde entregou o cavalo quase arreventado, dizendo da parte da sua vítima, que a esperassem por todo o dia seguinte infalivelmente.

Depois destas duas proezas veio para Lisboa, e constou que mudara de nome, metendo-se donato na Penha de França. A Sr.^a Perpétua das Dores, digna mãe adotiva do bom moço, vivia também na corte, e ambos se remediavam, comendo os ovos da galinha de ouro, apanhada em Évora e Montemor.

O andador, acabando de ler os papéis, estava frio de neve. O jesuíta não tinha tirado os olhos dele.

Apenas viu concluída a leitura, estendendo a mão, disse-lhe:

— O que diz, filho? Tinha génio o hipócrita! Forte pena! Vamos aos sinais... esquecê-los-ia? Cá estão. E esta!... É vossa mercê por uma pena. Nem dois irmãos gémeos. Que singularidade!

— Jesus! Bento nome de Maria! Vossa paternidade aterra-me! É engano por força.

— Está claro. Mero acaso! Entretanto sempre é mau. Bem sabe os inocentes que morreram por semelhanças falsas: diz-se

depois, cuidei, supus, mas o morto não ressuscita. Deus nos livre de inimigos, e de más parecenças, sobretudo em devassa aberta, ou denúncia ao Santo Ofício.

— Vossa paternidade zomba! — acudiu o devoto com uma visagem.

— Falo sério. É pior parecê-lo do que sê-lo. Não disse, nem digo outra coisa.

— Corpo Santo do meu Deus! É possível que o justo pague pelo pecador! Que sirva a cara de crime ao inocente?

— Então! Nunca ouviu, que pela boca morre o peixe? Aqui o inocente morre por ter a cara do pecador. Não se amofine, porém, o homem há de aparecer...

— Mas vossa paternidade percebe que o nome, a menor diferença de feições...

— Valha-nos Deus, valha-nos Deus! Bem vê que percebo. Os moralistas são da sua opinião, e também eu; mas que quer! Se os ministros teimam, e não sentenciam senão pela contrária! Noto a reconvenção, não é preciso que a faça. Vossa mercê defende-se com a diferença do nome? Muito bem. Mas os juizes respondem, e aqui para nós com razão talvez, que os nomes mudam e as pessoas ficam! Terá de justificar, e não é nada para um homem honrado, que nunca se chamou Onofre, que sempre foi Tomé. Isto é falar por exemplos. Não se assuste.

— É que vossa paternidade pinta tanto ao vivo! — observou o devoto cheio de terror.

— Do vivo ao pintado vai muito, não tenha receio. Mas parece um laço do Demónio. Ora oiça os sinais: «Rosto comprido e olhos pardos. Um pouco vesgo». Observe, escute! «Altura? Um palmo acima da ordinária». Tal e qual!

Tomé encolheu-se.

— «Cor esverdeada, tirante a cobre.»

O devoto sentia a cara em brasa, e julgou-se cor de pimentão.

— «Nariz aquilino e uma verruga na ponta.»

O nosso amigo meteu as unhas a igual verruga para a degolar.

— «Maneiras beatas e um ar no lado esquerdo.»

— É mentira — gritou o milagreiro — é mentira! Isto foi jeito de nascença.

— *Reum habemus confitentem!* — disse o padre de modo que o andador ouvisse; e mais alto acrescentou: — Ora pois! Nele é ar, e em vossa mercê jeito de nascença; pode admitir-se. Digo-lhe, porém, que a semelhança é fatal... Agora me ocorre. Temos o remédio ao pé de casa. Dê cá um abraço pelo que vou dizer. Sabe que chegou o nosso padre Simões e que está em São Roque? Pois é certo. Muito velhinho, coitado, mas ainda rijo. Quis assistir aos exames. Iremos vê-lo, e ele nos dirá... Tem alguma coisa, filho?

A impudência do irmão das almas soçobrou com o último golpe. Conheceu que tinha caído no laço, e que todos os meios tinham sido previstos com astúcia superior. Então, mas tarde, entendeu o conselho salutar do domínico: — «Que a respeito dos jesuítas, o melhor era falar menos e acautelar-se mais».

A força e a fogueira já lhe dançavam diante da vista. Sentia o corpo em brasa, e a garganta presa.

Por isso, depondo a dissimulação, deitou-se aos pés do padre que o levantou com benevolência, mas sempre com o mesmo sorriso.

— Pelo que vejo teme que os olhos do padre Simões se enganem? Não estranho. Mas que remédio? Vossa mercê queixava-se da heresia e da impiedade, e no seu zelo até confundia a nossa roupeta com os pecadores que a vestem. Um exemplo parece indispensável. Magoa-me vê-lo aflito; mas diga, no meu lugar o que fazia?

— Fui temerário, meu padre, e Deus castiga-me. Se a justiça sabe, estou perdido...

— Não se precipite. Não posso acreditar que vossa mercê tenha medo de si a esse ponto. Seja forte. Ora pois! Falou da Companhia sem temor de Deus, e com pouca caridade cristã? Se o coração lho diz, (que eu, por mim repito, gostei de o ouvir e acho que falou muito bem) se o coração o acusa, pense, excogite coisa do serviço da Companhia, em que faça a reparação... O mal paga-se com o bem, há de ter ouvido alguma vez.

— Oxalá que eu pudesse, meu padre!

— Todos podemos. Há inimigos, e mal de quem os não tem; ajudemo-nos uns aos outros... Siga o tema, e há de acertar. Diga: porque se não há de pôr uma pedra em cima do tal roubo de Évora? O dinheiro assim como assim está perdido; o que lhe parece? Deixemos o homem, e não se fale mais nisso.

— Acho excelente!

— Previ que merecia a sua aprovação. Então não acha nada no capítulo das reparações morais?

— Meu padre — exclamou o devoto em ânsias — não atinjo, não descubro.

— Admira! Ora torne a refletir: vá devagar. O adágio diz: ajuda-me que eu te ajudarei. Temos inimigos. Ora se vossa mercê pudesse, se vossa mercê quisesse, a Companhia por exemplo resistia melhor aos seus; e com os padres de Jesus da sua parte o Sr. Tomé achava-se também mais forte. Figurei a hipótese: agora tire a conclusão. Não entendeu ainda?

— Começo a perceber, meu padre.

— Vamos otimamente. Com verdade, responda, não leva uma carta à Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça, da parte do padre Frei João dos Remédios, ao secretário de estado de el-rei nosso senhor? Tenho uma ideia confusa... Ajude-me, estou perdido de memória!

— É como vossa paternidade diz. Levo-a em sendo oito horas.

— Ótimo! Pode dizer agora o caminho que leva para casa de Diogo de Mendonça?

— Irei por onde vossa paternidade quiser.

— Valha-o Deus, homem! Pois eu quero, ou peço alguma coisa? Se deseja servir a Companhia, se o seu coração o acusa de ter formado juízos temerários a respeito dela, digo só que eu iria de caminho por Santo Antão, para me reconciliar com algum dos padres, comigo por exemplo, antes de entregar a carta.

— Mas meia légua de jornada, reverendo padre...

— E por um pedaço mais, duvida ganhar as indulgências da viagem? Indo logo direito chega mais depressa, é verdade, mas

pode cair nas mãos dos inimigos. Indo de volta demora-se, mas chega com certeza. A paciência, filho, faz prodígios.

— Mas se não levo a carta fechada, se a entrego aberta...

— Aberta ou fechada, quem falou da carta? depois vossa mercê há de notar que há olhos para lerem tudo, até por cima do sobrescrito. O Sr. Tomé põe a carta aonde quiser, e trata da sua alma, que é o importante. Observe que não estou sugerindo traição, nem inconfidência — longe de mim tal ideia! Vossa mercê não abre, não mostra, nem lê. Se outro por interesse ou curiosidade o fizer, que temos nós com isso? *Non mea culpa*, acabou-se!

— Irei por Santo Antão, *de caminho*, como vossa paternidade aconselha...

— Observo-lhe que não aconselhei nada. Deus me livre. Entendamo-nos! Quem aconselha participa do ato praticado... O que tenho feito é dizer: Em seu lugar, no caso de vossa mercê ia à Calcetaria, passando por Santo Antão. Percebe?

— De mais, meu padre.

— Por onde tenciona voltar?

— Pela casa professa de São Roque para pedir a absolvição.

— Muito bem. É preciso tempo para se formar uma verdadeira contrição. Vejo que entende as coisas, e havemos de dar-nos perfeitamente. Ouve? Em chegando, mande chamar o padre Simões; há de reconciliá-lo com muito gosto.

— O padre Simões!

— Sossegue. O nosso querido irmão tem a vista cansada, não conhece ninguém. Há de tratá-lo com caridade!

— Posso então ficar certo?

— Certíssimo, filho. Tudo bem pensado, estou pela sua opinião. Diga, sabe de uns papéis da Inquisição, que tinha o padre Frei João dos Remédios há coisa de dois dias? Tenho aqui a nota...

— Eu verei. Sendo preciso, vossa paternidade pode contar...

— E conto! Por ora não. Veremos depois. Vá com Deus, que se faz tarde. Não quero que o padre procurador espere por culpa minha. Quanto ao Onofre Crespo, se ouvir falar dele...

— O que hei de fazer? — exclamou o devoto ainda trémulo.

— Rezar-lhe por alma, filho. Agora me lembro de que faleceu.

— Deus o tenha à sua vista — disse o andador, levantando os olhos ao Céu.

E com um sorriso falso ambos se apartaram, cada qual para seu lado. O Sr. Tomé para São Domingos, e o jesuíta entrou para o seu colégio.

VI DE UM ARGUEIRO FAZ-SE UM CAVA- LEIRO

O padre Frei João dos Remédios e o seu amigo Filipe, descendo do dormitório, chegavam ao cruzeiro, quando o relógio dava oito horas da manhã; ao mesmo tempo, ainda trémulo da visão do terrível Onofre Crespo, o Sr. Tomé das Chagas aparecia do lado de Santo Antão. O procurador entregou-lhe a carta, e o devoto, depois de lhe beijar a manga, como Judas beijou a Cristo, partiu para o Colégio dos Jesuítas.

— Agora estamos desembaraçados; podemos ir — disse o domínico ao seu amigo.

— Frei João, cada qual é como Deus o fez. Assim não vou. Sou teimoso; escusas de te cansar; a mim ninguém me leva pelo beíço.

— Valha-te Deus, Filipe! Queres que eu apareça primeiro, e prepare tua mulher?...

— Quem te pega? Ouves? diz-lhe que sou o maior amigo do herói elogiado, que não a enganas. Tens licença até para fazeres um poema. Anda; põe-te ao fresco; dispõe essa gente...

— Só uma coisa te peço, Filipe; trata o comendador com respeito. É homem de qualidade, grande sábio, e está costumado a muito respeito; talvez o aches um tanto esquisito; mas o coração é excelente. Ninguém deixa de ter defeitos, bem o sabes.

— Pois sim, vai sossegado. Poremos o comendador macio como veludo, não tenhas cuidado. Acredita que não me obriga a virar de bordo com toda a sabedoria! Ao primeiro tiro disparo-lhe a metralha, e bum! leva salva real; verás.

— Deus permita! Então daqui a meia hora?...

— Está dito. Daqui a meia hora. Ouve cá. O comendador é curioso, gosta de raridades?

— Foi sempre o seu vício.

— Famoso homem! E de animais? Tenho uma ideia. Bem! Dou-lhe um presente de deitar a mão a baixo. Mas ele merece-o. Quem levou para casa minha mulher, e aturou as verduras das raparigas? Adeus, Frei João.

O comendador Lourenço Teles morava na Rua das Arcas. A sua casa, de dois andares, tinha varanda sacada. A parede saía por cima da porta, abocetada em forma de armário, muito semelhante a algumas que ainda hoje vemos no antiquíssimo bairro de Alfama. A rua era menos estreita e menos mal-assombrada que as da vizinhança; podia até passar por alegre em vista delas. Lourenço Teles ocupava a casa toda; e, em perto de cinco anos, só três ou quatro vezes tinha saído a pagar algumas visitas de cumprimento.

Na sala aonde o comendador persistia mais rasgavam-se três janelas grandes por onde a claridade entrava à vontade. As paredes eram forradas de coiro vermelho com labores de prata; a papeleira de pau-santo, lavrada com primor, e ornada nos cantos de cabeças de querubins, de colunas torcidas e capitéis floridos, atestavam a opulência do velho erudito. Um escritório (secretária) de charão precioso, embutido de figuras chinas, e ornado de armários de portas de espelho, defronte da papeleira, tinha a gaveta caída, e sustentava uma escrivaninha de feitio e dimensões curiosas. Cadeiras de costas e pés arrendados, abertas em belíssima talha, vestiam o aposento; nos assentos representavam-se, em matiz delicado, algumas cenas da Eneida, e os espaldares variados retratavam aves raras do Ganges e do Nilo. Eram bordadas na Ásia com perfeição inimitável. As altas estantes, torneadas e

entalhadas a capricho, vergavam com o peso dos volumes. Em um bufete, coberto de damasco, brilhavam duas jarras do Japão, daquele barro transparente como vidro, daquele azul e oiro finíssimos, cujo segredo se perdeu talvez. Duas talhas da Índia, grandes e majestosas, aos cantos da casa descansavam sobre leões doirados. As cortinas das janelas, e os reposteiros das portas, em varetas prateadas, ondeavam as pregas de vistosa tela verde, apanhadas em cordões de seda com bolotas de oiro.

A cadeira do comendador era semicircular, assento de estofos carmesim, costas abertas em grinaldas de rosas, imitando um açafate de flores; pés de garra com seu globo nas unhas. Feitio esbelto e caprichoso, em que a arte se combinava com a comodidade. Diante de si um velador grande, também de pau-santo, de pé lavrado de passarinhos em ramos de acanto, servia de banca de escrever a Lourenço Teles, e viam-se em cima dele vários livros, um covilhete com arroz cozido, e um púcaro de geleia especial. Ao lado, um contador de pau da Índia, marchetado de grifos de madrepérola, com esfinges nos pés, sustentava dois pagodes de marfim e uma curiosa fonte chinesa.

O comendador devia ter sido o que se costuma dizer um bonito homem; e, apesar dos oitenta anos, e dos estragos da doença, a sua velhice não era repugnante. Os olhos azuis, um pouco destingidos, porém de uma luz ainda clara; a pele rosada e branca, posto que cheia de rugas; a boca fina e pequena; e as boas proporções do corpo davam-lhe agradável aparência. As feições regulares e o ar obsequioso infundiam respeito, e não constrangiam. O sorriso, abrindo a fisionomia, era jovial e chistoso, porém rara vez irónico. Via-se no sábio octogenário o tipo cortesão em toda a pureza. Na realidade poucos homens tinham visto e observado mais o mundo; poucos o teriam gozado tanto, vivendo na sociedade escolhida sem cometer um solecismo de cerimonial, ou esquecer a mais insignificante formalidade. Nestes pontos era e fora sempre o manual da polidez; e em toda a parte por onde viajou deixara honrosa memória. Escravo da moda, Lourenço Teles parecia o Matusalém mais namorado de Lisboa. Um moço

peralvilho, um frança, como então se chamavam os petimetres, não o excedia no apuro, que dedicava ainda às ruínas da eclipsada elegância.

A cabeleira penteada e lustrada de preciosos óleos, soltava em toda a frescura dos polvilhos as bolsas de canudos anelados, a que só dava a sezaõ devida o calor do forno. Os sapatos de salto, com tacões vermelhos, tinham o verniz transparente, que o gosto exigia imperiosamente. Os topes ou rosetas de fitas, longe do peito do pé, disfarçavam a sua grandeza, tornando-o mais breve e airoso. A volta de cambraieta de rendas era daquelas, que enroladas no pescoço por uma ponta, devia o criado apertá-las com força até ficarem justas, e o sangue quase a rebentar das faces. Calções estreitos do feitio mais moderno; botões de diamante nos punhos do camisote; bordadura esplêndida na véstia; franjões de oiro no canhão das luvas, esquecidas em cima da cadeira; e roupas de chambre de seda «primavera», de flores e ramos largos, soltas por cima do fato, completavam o esmerado vestido do velho-menino. O chapéu, guarnecido e apresilhado com primor, estava ao lado do espadim de copos doirados, e punho cravejado. A bengala de unicorne, de castão de oiro com sua esmeralda engastada, via-se ao lado da cadeira. Toda aquela múmia (porque a magreza do comendador era extrema) rescendia aos aromas mais custosos.

Um gato de casta francesa, da espécie hoje chamada «Angorá», estava deitado aos seus pés, branco e assedado como um arminho, indolente e gordo como um sultão. Enroscava-se em um coxim com as patas debaixo da cabeça, e o corpo na voluptuosa curva, que exprime a suprema beatitude da raça felina. Um dos olhos espreitava a sala, enquanto o outro, piscando-se com delícias, parecia dizer à réstia do sol que o aquecia: — Sou completamente feliz!

De outra parte, sobre meia coluna de nogueira pousada em uma peanha, um papagaio cabeceava no poleiro, dando bicadas no comedoiro, e soltando risadas estrídulas.

De vez em quando Lourenço Teles dava uma colher de arroz ao pássaro; e pedia-lhe o pé, interrompendo para isso a mais

interessante leitura; ou deixava engolir uma sopa de geleia ao gato, com eminente risco de uma farpa nos calções, ou na meia de seda cor-de-rosa. O que se notava neste velho singular era a graça inata com que realçava todas as ações, ainda as mais ridículas, era a naturalidade e o ar de grandeza, que revestiam este misto de ancião e de mancebo, falando de erudição como um sábio, discorrendo como um filósofo, e figurando como, peralvilho impenitente!

Em cima do velador estavam abertas muitas cartas com as assinaturas de D. Luís da Cunha, do conde de Tarouca, e de Diogo de Mendonça, provando que era ativa a sua correspondência com os homens eminentes. Papéis de versos em francês e castelhano, as obras de Tácito e de Virgílio, o *Orlando* de Ariosto, e as tragédias de Pedro Corneille, encadernadas em veludo, a par do livro de Horácio, aberto e sublinhado quase em cada verso, atestavam que ao velho erudito era familiar a conversação das musas antigas e modernas.

O comendador não estava só; fazia-lhe companhia um homem alto e delgado, de presença gentil e trato mavioso. Não ornava a cabeça com os fatais maçacros de canudos, que se enrolavam pelos ombros de Lourenço Teles.

Entradas grandes em uma testa elevada e calva da mais bela expressão; a pele fina, e cor-de-rosa desbotado; o rosto comprido sobre o oval, os olhos rasgados e cheios de animação; e uma boca pequena e séria, com sofríveis dentes, compunham aquela profunda, clerical e serena fisionomia, capaz de inspirar um excelente painel de São João Crisóstomo.

Os gestos do personagem eram sempre graves e compassados; o riso discreto; as palavras poucas e pesadas a minutos.

A estatura alguma coisa arqueada, como é de uso nos eruditos, e o corpo esbelto, apesar de magro, tinham certa elegância. As tíbias extensas e pouco grossas tornavam-lhe as passadas longas e majestosas.

Vestia sempre fato escuro; e o corte meio secular, meio profano, não desmentia a gravidade da presença. A bengala de castão

de porcelana japonesa, de feitio exótico, servia-lhe mais de tabuleta que de encosto; assim como o antiquíssimo anel egípcio, de um só rubim, metido no dedo à maneira episcopal, era ostentado com estudado desleixo. Sinetes de camafeus, em vidrilhos pretos, pendiam dos dois relógios que trazia. Este uniforme científico-prelatício tinha a vantagem de poder figurar aos crédulos, que o sábio era pelo menos um bispo *in partibus infidelium*. Toques originalíssimos no gesto solene, e na contração mímica do rosto, completavam este retrato. A caixa de ouro oval, de tampa lavrada, abria-se lentamente, e levantava o sabor das citações, ajudando-as com a pausa solene das pitadas.

Esta figura agradável, e nada antipática, chamava-se o abade Silva, posto que muitos lhe negassem a abadia, e que alguns maliciosos até jurassem que nunca fora ordenado. O abade honrava de frequentes visitas as casas dos fidalgos; e servia de conselheiro áulico aos seus ilustres amigos nos casos intrincados. Com as senhoras era dócil e sociável a ponto de lhes prestar os serviços de escudeiro servente; umas vezes, (oh excesso de civilidade!) servindo de ama carinhosa, e levando nos braços os cachorrinhos de fralda; outras, como estribeiro cortês sustendo na fuga a hacaneia valida. Finalmente, senhor dos segredos de toucador, pegava no lápis e desenhava à francesa, ou à alemã, esses empinados toucados, cujas grimpas foram as delícias de nossos avós.

Génio universal para ele a arte poética e a arte da cozinha, os tratados científicos e os roteiros de bailes eram coisas de importância igual.

Não admira, pois, que esta utilidade humana, no teatro da boa companhia, tivesse de mais a rara prenda de ser um arquivo ambulante de notícias microscópicas para os estudiosos, e um catálogo eterno de supostos manuscritos, que se dignava condecorar de títulos imaginários. O erudito cobria a pobreza do espírito com a dignidade perpendicular da pessoa, e afetava a ciência infusa, esbrugando as frases, e deixando-as cair como pérolas. Era autor de cinco trataditos notáveis pela magreza do texto e a

inchação das notas, e ainda mais pela esquisita puerilidade dos assuntos.

No primeiro confessou dez anos de aturadas escavações nas minas históricas para averiguar se acaso certo vizo-rei da Índia morrera de bexigas doidas ou de sarampo.

No segundo (a obra-prima), doze anos consumidos em apurar a natureza do milagre que despegou as pernas a Afonso Henriques, pareceram-lhe doze meses. E para eterna glória da sua época, descobriu um pergaminho cheio de nódoas, que era, dizia ele, uma doação autêntica do punho do conquistador de Lisboa «*de mui buena letra*» na qual se declarava ter sido curado sua mercê el-rei pela virtude da famosa receita da po-draga, achada na caveira de Santo Tirso pelo seu aio Egas Moniz.

Terceiro opúsculo (coisa sublime!) reuniu uma coleção de máximas autógrafas de todos os reis de Portugal, começando em Luso e Abidis, e acabando em D. João IV, com a qual vingou os reais gatafunhos do esquecimento caligráfico.

Finalmente, as páginas mais variadas da sua pena eram sem questão duas memórias consagradas a provar que as barbas de D. João de Castro entraram ruivas quando as empenhou em Goa, e saíram pretas quando as resgatou. Cinco páginas de texto, em cada uma, locupletadas com setenta páginas de notas, enchem de erudição este ensaio capilar; e só a venda avulsa rendeu para se vestirem seis órfãos de ambos os sexos com o fruto de tão rara lucubração.

O comendador e o abade conversavam, havia tempo, acerca das obras clássicas e de estilos literários. O Aristarco eclesiástico opinava a favor dos modernos, o erudito secular defendia a sábia antiguidade. Ambos revolviam nomes, datas e títulos de livros, com pasmosa facilidade, e às vezes com suma irreverência.

— Sustento! — exclamou o comendador. — Abram Tácito, e verão. Nenhum moderno era capaz de escrever assim. Dou o melhor diamante se aparecer exemplo.

— Ah, comendador, e a poesia? Faça uma exceção a favor de Ariosto, o divino!

— Abade, antes de Ariosto existiu Apúlio! Antes do Orlando houve o Burro de Oiro. Gosta de pinturas livres, de fantasias vivas? Aí as acha. Os modernos não o excedem.

Observando isto, Lourenço Teles sorvia com delícias uma pitada, e, fechando a caixa, cuja tampa representava uma Vénus saindo nua das águas, deu na tira da camisa dois piparotes para sacudir o tabaco.

Nenhum dos modernos — continuou ele depois — nenhum soube dizer com uma frase o que Tácito insinua quando quer. Por exemplo: «*ipsa etiam pace saevum!* Era cruel até na paz! Meu amigo, hoje há outras glórias, mas em história, *caput obnube!* Esconda-se o rosto! Os Tácitos e os Políbios não se repetem.

— Mas a clareza, passando por Tácito, faz-se obscura como a noite — sugeriu o padre.

— Ditos escolásticos! Não o conhece quem quer, é verdade; mas conversado com familiaridade, percebe-se — acudiu o erudito esfregando as mãos com velocidade.

— O que é defeito, há de concordar — prosseguiu o abade pouco lisonjeado da esfregação de mãos do seu amigo. — Lembra-se de Horácio?... A brevidade torna-me sibilino? *Brevis esse laboro, obscurus fio?*

— Parece-lhe então Horácio claro? Pois eu não acho; e lido com ele todos os dias. Veja a ode *Cur me querelis exanimas tuis!* o poeta jura ser inseparável de Mecenas até na morte...

— Jurou falso! — interrompeu o eclesiástico, rindo estrepitosamente — Mecenas, se esperou o amigo inseparável, fez muito mal...

— Perdoe! Calunia Horácio: *Non ego perfidum dixi sacramentum!* E é verdade. Não pronunciou voto perjuro. Para eterno luto das musas, seguiu o seu *carpere iter comites parati*; morreu no mesmo ano.

É a versão vulgar — atalhou com um sorriso vaidoso o crítico abade. — Mas os homens doutos, Sr. Lourenço Teles, separam-se do vulgo dos comentadores. Em um manuscrito raríssimo, que achei na biblioteca do duque, enriquecido de preciosas notas de Petrarca, descobri a verdadeira data da sua morte.

— Abade, está bem certo de o ter visto? — perguntou o comendador com ironia. — Pode saber-se o título desse prodígio, se existe o título?

— Vi o manuscrito, Sr. Lourenço Teles. Digo-lhe que o vi — respondeu o eclesiástico corando e balbuciando.

— Pois, senhor abade, já não é pouco; mas parece-me que ninguém mais tornará a vê-lo. A mim basta-me isto. *Obiit Horatius anno ætatis 59, eodem quo Mæcenas*. O que significa: Horácio morreu de cinquenta e nove anos de idade, no mesmo ano em que faleceu Mecenas. É o que dizem todos, até nova ordem do seu manuscrito imaginário. Será modesto, mas é verdadeiro.

— Imaginário! — exclamou o abade alçando a dextra com dignidade — imaginário! Sr. Lourenço Teles, louvado Deus, sei latim, e agradeço-lhe a tradução infantil com que me regalou. Quanto ao Petrarca, ele e eu rimo-nos da simplicidade dos remendões de livros, que são o seu Evangelho.

— Linda imagem! Pois não! O senhor abade já não pode acompanhar senão com Petrarca para se rir da minha simplicidade. Excelente! Mas sabe uma coisa? O seu manuscrito aposto que existe na Lua, aonde para aquele famoso livro dos *Pavões*, que me fez procurar três meses, e que teve a crueldade de imputar ao pobre Garcia de Resende, que Deus tem em santa glória!

— Quem não vê, não acha — respondeu o eclesiástico em ar de mofa. — O senhor comendador entende mais de cortesias e medidas, do que de letras antigas.

— *Non ego offendar nugis!* Os piparotes não me tocam — exclamou Lourenço Teles com os olhos cintilantes. — Conheço-me! Oxalá que outros fizessem o mesmo!

— Oh modéstia rara! — atalhou o abade com indignação.

— Decerto — prosseguiu o erudito com as faces acesas — mas, graças a Deus, ainda não fiz o ridículo papel de muita gente, traduzindo *centimanus Gias*, por Gias de mão na cinta.

— É falso — gritou o abade, dando um pulo.

— Não se agonie! falo de um parvo, não falo de um sábio da sua reputação. O sócio de Petrarca!...

Lourenço Teles aqui abaixou a cabeça com malícia, e riu-se alto e muito tempo.

— A alusão errou o alvo! — bradou o reverendo crítico, fulo de raiva.

— Não me parece! — respondeu o velho secamente.

— Sr. Lourenço Teles — continuou o abade — saiba que desprezo as sátiras, e que me compadeço dos satíricos.

— Faz muito bem! Dão-lhe numa face, e oferece a outra. Que mais?

— Que mais? — prosseguiu o eclesiástico recrudescendo com a zombaria provocadora do velho sábio. — Não ignoro que a velhice é caduca e pueril.

— Obrigadíssimo! Isso é tão falso como grosseiro. Continue!

— Sim senhor, continuo. E sendo, pouco admira que o vento da vaidade entre na cabeça de algumas pessoas, e sussurre lá dentro. É disto que procede haver tanto sábio inédito, tanta sanguessuga de citações!... A plebe dos autores é maior do que a plebe de Atenas, que vendia o voto...

— Pare um momento, abade, deixe-me extasiar! Nunca houve retrato mais parecido: dou-lhe os parabéns!

Dizendo isto, Lourenço Teles estava roxo de cólera, tinha-se encostado à sua muleta, e tomava rapé a miúdo e com sofreguidão, indício veemente do furacão que o revolia.

— Olhe, não falta à sua maravilha senão um rótulo — prosseguiu exaltado. — Ponha-lhe o nome do indigesto coletor de patranhas, do inimigo jurado da verdade e da razão, e diga afoito: *Ecce homo!* Aqui está o pavão! Perdoe a tradução livre. Decerto, quem inventou as garatujas latinas dos reis Luso e Abidis, e teve o despejo de afrontar a seriedade pública atribuindo a uma caveira a cura das pernas de Afonso Henriques, quem fez isto sem lhe caírem as faces no chão, está julgado!

— Não me altera com a invetiva! — acudiu o abade, rangendo os dentes. — Estou sereno, rio-me, veja!

De feito quis rir-se, porém o esforço heroico malogrou-se, e saiu-lhe uma ejaculação, que era o meio termo entre um frouxo de choro e um espirro.

— Deixe a capa de César, abade! — exclamou o implacável comendador. — Não se ria assim, olhe que faz dó. Sirva-lhe isto de lição para não se expor outra vez. Não falo da carta autêntica de Afonso I; está abaixo da crítica. São romances que, em morrendo o autor, ninguém mais faz, como ninguém os tinha feito antes... A propósito! apure-nos bem a moléstia do vizo-rei. Há muita gente boa capaz de morrer de bexigas doidas.

— A baba de um Bávio não deslustrou as páginas de Ênio! — disse o eclesiástico repoltreando-se, branco de cera, e cruzando a perna com indiferença olímpica.

— Julga? — perguntou o velho erudito com escárnio. — O senhor abade é um poço de ciência, pertence já à posteridade. Salve, modesto Ênio!

— Compadeço-me da sua ignorância — acudiu o abade com a voz cava e irritada. — O Sr. D. Afonso Henriques, filho da rainha D. Teresa...

— E do conde D. Henrique... — ajuntou Lourenço Teles, rindo.

— Neto do rei de Castela... — continuou o eclesiástico.

— Justo! Neto de seus avós. Pelo amor de Deus; não me recite uma das suas notas.

— Chamado pelos contemporâneos o *Conquistador*...

— Pelo contemporâneo Faria e Sousa? Querem ver que lhe achou a letra como lhe descobriu o retrato?

— Não me confundem as interrupções, esteja certo. Continuarei. Soube escrever como um clérigo.

— *Comme un clerc!* Francês puro. Belíssimo! É digno da veracidade caligráfica de Luso e Abidis!

— Repito-lhe, a sua ignorância é lastimosa — acudiu o abade aceso em vivíssimas cores e com uma aurora boreal na frente.

— Tem razão. Sem ela não se escrevia um livro sobre as barbas de D. João de Castro.

— As barbas são históricas!

— As barbas sim, mas a cor não. Porque omitiu o barbeiro que as cortou? A posteridade devia conhecê-lo. Tenha paciência! Não nos deixe a história coxa à falta desta perna especial.

— Escarneça, zombe dos heróis. Meta a ridículo as glórias pátrias.

— Rio-me da miséria da apologia.

— Os morcegos do Parnaso espantam-se da novidade...

— Fazem-no pior; mordem-se de inveja!

— As gralhas honram-se não publicando nada.

— Se os papagaios abocanham tudo!

Estava neste grau de amenidade a disputa, e chamejavam os olhos dos dois atletas, quando Jasmin, o escudeiro do comendador, ousou devassar o tear de Penélope com o recado de Filipe da Gama, que bateu à porta durante o conflito dos eruditos. O padre-mestre Remédios tinha prevenido Lourenço Teles da visita do seu amigo, e este era já esperado. A próxima entrada de um estranho lembrou aos beligerantes o famoso: *Quos ego!... Sed motus præstat componere fluctus.*

Olharam, pois, um para o outro com indizível expressão, e a um tempo correram a mão pela testa, enxugaram a boca com o lenço almiscarado, e deram à fisionomia a serenidade, que muitas vezes encobre o maior ódio, servindo de máscara aos bons atores da sociedade culta. Depois Lourenço Teles sentou-se, engatilhou um sorriso obsequioso, consultou um espelhinho oval e doirado que tinha ao pé de si, e achando-se irrepreensível no semblante e no vestido, ordenou a Jasmin que fizesse entrar o capitão, preparando-se para o receber com a graça primorosa da sua experimentada polidez.

VII

ULISSES ABRAÇA PENÉLOPE!

O domínico tinha dito ao comendador que Filipe, recém-chegado da Índia, era amigo velho do marido da senhora; acrescentando que trazia duas excelentes notícias, consistindo a primeira em ser falsa a nova da morte, e a segunda em que deveriam esperá-lo por todo o mês na volta da nau de viagem, próxima a chegar. Executando as instruções recebidas, o padre dispôs o ânimo de Lourenço Teles para suportar como cristão a entrada de seu sobrinho. Enquanto os dois antiquários se feriam no pugilato literário, Frei João passou ao interior da casa e principiou a confortar a Sr.^a Madalena da Gama para a dispor a resistir à alegria repentina, que vinha anunciar-lhe.

Assim precedido pelo seu embaixador, Filipe apresentou-se no *Sancta Sanctorum* do sábio latinista, devidamente anunciado pelo cartaz. Entre portas o capitão da Índia, com o tremendo chapéu de três quinas arvorado na mão, inclinou-se, piscou os olhos, como se lhos deslumbrasse o sol, e, com o balanço de corpo, característico nos embarcações, decidiu-se a introduzir a sua pessoa sem mais preâmbulos.

O comendador, afável e obsequioso, pousou as mãos no maticio velador, levantou-se algum tanto, firmado nelas, e fez-lhe uma profunda cortesia.

O abade, *regis ad exemplum*, empunhou a bengala, e apoiado no seu castão, elevou-se à altura requerida, abaixou a cabeça as linhas precisas, e tornou a cair lento e solene no assento da cadeira.

Filipe da Gama tinha prometido ao religioso, seu amigo, duas coisas pouco fáceis: lutar com a erudição do comendador, e deixá-lo encantado.

Com a sinceridade desabrida e o génio inflamável, que lhe conhecemos, a tentação do marido da Sr.^a Madalena sobre o seu erudito parente devia exceder as forças do tentador. Dos bons estudos que tinha cursado, o nosso capitão apenas tinha de memória os farrapos dos cartapácios, e esses mesmos sem os entender. Quanto à cultura e delicadeza das maneiras em conflito com o primoroso Lourenço Teles, o digno Sindobad português o que podia fazer, senão cerzir alguma lentejoula mareada às felpudas amabilidades do marujo e do soldado, formado nas pragas do convés, e doutorado na escola do sertão?

O capitão empregou a meia hora de espera, concedida ao padre seu amigo, em engenhar o plano de operações em casa do tio sábio; em coordenar o drama da sua vida, dispondo o desenlace, a peripécia final em que devia dizer o «conheces-me» de rigor, nos braços da esposa!

A par da importância do assunto não se esqueceu de beliscar a memória, e de vilicar o cérebro, a fim de obter o sacrifício de três frases de Cícero, e de uma sentença moral, bagagem científica bem leve, mas a seu ver suficiente. Depois de armado dos pés até à cabeça, levantou a aldraba, e com grande confiança deu entrada na sala, achando-se em presença dos Aristarcos ainda ensanguentados da discussão horaciana.

— Faz favor de entrar! — acudiu logo o obsequioso comendador. — Queira desculpar se recebo tanta honra assentado, mas estou preso por ordem de quem pode — acrescentou com um sorriso amargo. — O senhor abade Silva, meu amigo, fará as minhas vezes. Então vem cansado? Está suado? O seu chapéu incomoda-o?

— Nem cansado, nem suado, muito agradecido. Tenho andado milhares de léguas pelo sertão sem me virem os bofes à boca, quanto

mais com duas passadas do Rossio até aqui. Eu não costumo suar no inverno com frio. Safa! Está de fazer a gente em caramelo!

— Vê-se que viajou muito no sertão! — sugeriu o abade, forçando debalde por desapossar Filipe do chapéu.

Isto passava-se ainda ao pé da porta da entrada. De repente o capitão, resolvido a entrar em batalha, e pouco agoniado pela requintada polidez dos dois eruditos, sacudiu o pescoço, carregou o sobrolho, desviou o abade com a mão sem nenhuma cerimónia, e dizendo consigo: «vou deixá-lo embaçado!», dirigiu ao comendador a seguinte frase de Cícero: — *Meam erga te benevolentiam facile perjicies!*¹

Ao mesmo tempo arremetia à cadeira de Lourenço Teles, cuja vista exprimiou o maior espanto, diante da veemência e crueza sapiente do hóspede. O abade Silva, encolhendo os ombros, tornou a sentar-se, tocando cravo em cima do castão japonês da aparatosa bengala.

Entretanto o comendador, citado em latim, julgou que a honra o mandava acudir à língua sábia no estilo de Cícero: — «*Mihi in vestris commodis augendis grata animi benevolentia defectura non est.*»²

O erudito pronunciava cada palavra com o rigor e o perfume clássico. Todavia murmurava consigo: — «Que espécie de homem é este?»

Por desgraça, Filipe da Gama, segundo notamos, tinha o ouvido latino bastante surdo; repetia de cor, e sem perceber o que dissera, nem o que lhe responderam. Por isso, enquanto o douto interlocutor se banhava na pura latinidade, o capitão, perdendo os arções do primeiro bote, valeu-se dos cachorros de proa, e, segundo tinha protestado ao frade, disparou ao acaso outra bala rasa: — «*Quæro cur tam subito mansus est?*»³

1 Facilmente verás a benevolência que me inspiras. Filipe estropia o latim, dizendo: *perjicies* em lugar de *perspicies*.

2 Tenho o maior desejo de vos ser em tudo agradável.

3 Pergunto, qual é o motivo por que tão de repente amansaste? Filipe estropia a frase, dizendo *mansus est* em vez de *mansuetus fueris!*

Lourenço Teles deu um pulo, e chegou para si a campanha de prata, para esconjurar as silabadas e os erros que lhe escorcharam os ouvidos. O despropósito era flagrante. O abade levantou os olhos ao Céu, desencruzou as extensas pernas, e aproximou o chapéu de borlas verdes. Ambos se julgaram em presença de um maníaco.

— *Medoro torce il nazo!* — acudiu o autor do opúsculo sobre as bexigas do vizo-rei.

O capitão lanhava o latim, mas de italiano entendia alguma coisa, assim como de inglês e espanhol, em virtude da sua intimidade com os negociantes destas nações. Sem demora deitou ao abade um olhar mortífero, e voltando-se mais para ele, chamou-lhe muito sério a memorável sentença:

Bellum est sua vitia nosse!

Um salto do compilador de notas, e o risito amarelo do comendador ao epigrama clássico, recompensaram o capitão da sua fadiga literária.

Filipe, obedecendo aos repetidos sinais de Lourenço Teles, tinha arrastado um tamborete, e, procurando a melhor posição, não reparou que um dos pés ameaçava a cauda de *Minete*. Ao sentar-se caiu em peso sobre ela, e arrancou ao martirizado gato os lamentos que retalhavam o coração do sábio comendador. Este, desesperado, agitou-se, fazendo por sorrir, e, consolando a vítima, disse ao mesmo tempo com agrado ao seu hóspede:

— Não é nada! Agradeço infinitamente o seu incómodo! Toma um copo de vinho, uma colher de doce? Se me fizesse o obséquo de se chegar mais... sou um pouco surdo.

Era o meio delicado de salvar o gato de segundo encontro; porém, o raio foi cair mais longe. Ainda não tinha dito estas palavras, já uma espécie de terramoto abalava a coluna na sua peanha, sacudia a gaiola, e derrubava o papagaio de cabeça para baixo. Filipe voltou-se admirado, ao passo que Lourenço Teles, branco e convulso, exclamava: «Santa Bárbara!» precipitando-se em socorro do papagaio. Chegou, tarde, porém; a mão nervosa

do capitão já tinha posto a ave no poleiro, magoada mais do socorro, do que da queda.

— Pelo que vejo, o senhor comendador é amigo de brutos? — perguntou Filipe, limpando a língua aos cantos da boca, e introduzindo a furto um rebuçado de tabaco.

— Sim, senhor, sou curioso — replicou o velho com certa finura irónica. — Já criei quatro cães, oito gatos, e três papagaios. *Minete*, que vê, é bisneto da «Sultana» que trouxe de França na minha última viagem. Estou com muita pena! Morreu o meu saquim de uma cólica de uvas...

— São animais friorentos! Sabe? Este seu papagaio não é mau. Fala bem?

— Ensinei-o eu!

— Pois, senhor, eu se o apanhasse no Brasil, quando fui à roça em Minas Gerais...

— Não o deixava escapar?...

— Está brincando! Sal, pimenta, e espeto com ele! olhe que é um bocado saboroso.

— O senhor come papagaios? — acudiu o comendador espavorido, e abanando as mãos para chamar o sangue às extremidades.

— Como, sim senhor, e também macacos. Digo-lhe que são gostosos. Parecem crianças assadas! — E Filipe ria-se com visível satisfação.

— Que homem! — disse o abade recuando a cadeira, enquanto os olhos azuis do seu amigo se espantavam com assombro.

O capitão estava tão contente, que julgou magnífica a sensação causada pelas suas opiniões quase antropófagas.

— É verdade — continuou com certo orgulho. — Prefiro o papagaio. É carne vermelha, aromática e saborosa, quero ensinar-lhe a cozinhá-lo. Suponha o senhor comendador que matamos este. Agarram-se-lhe as asas...

A ação ia seguir a palavra, quando Lourenço Teles, seriamente assustado, lhe suspendeu brandamente o braço, dizendo:

— Então o senhor pretende matar-me o papagaio?

— Por ora não. Era para dar ideia...

— Mas eu não gosto de ideias; digo, não gosto de guisados exóticos.

— São cismas. Vai do costume! Na América, por exemplo, quando me deram carne de cobra a primeira vez, nem à mão de Deus Padre. Depois de costumado...

— Às cobras? Também come serpentes! — murmurou o comendador, estupefacto.

— O congro é pior. Pois o lagarto? Delicioso! Branco e tenro como frango.

— Este homem, se entra na arca de Noé deixa só os ossos! — rosnava o abade.

Lourenço Teles torcia-se como um parafuso, e reprimia a custo o que lhe vinha à boca. Vendo os olhos do hóspede fitos no gato com certa complacência, disse-lhe rindo:

— Ia apostar que também diz que não desgosta de gato, e que é bom?

— Decerto. Parece lebre. E em mojangé, asseguro-lhe que se grita por mais.

— *S'il a le cœur aussi dur que la tête, nous sommes perdus!*⁴ — observou o comendador ao abade, que respondeu com um gesto de aquiescência. E tocando a campainha com força, virando-se para Filipe, disse:

— Vou mandar chamar a senhora. Há de estar ansiosa de o ver.

— Estou às ordens do senhor comendador.

A cortesia refinada do erudito penava a fogo lento. A entrada do capitão, o seu latim salpicado, e as violências cometidas contra o gato e o papagaio, a par da nauseabunda saliva do tabaco e dos cruentos dogmas a respeito da arte da cozinha, causavam-lhe um tédio e uma aflição, que o cobriam de suores frios, inspirando-lhe a deliberação de sacudir pela porta, ou pela janela, o grosseiro personagem, introduzido em sua casa com tanto desafogo. Mas, escravo da polidez, levou a heroicidade a ponto de continuar o diálogo.

— Viajou muito, segundo observo?

— Menos mal! Tenho visto meu bocado de mundo. Andei pela China, pela Índia e pela América... mas como o senhor comendador ainda não vi senão uma pessoa.

— Lisonjeia-me! E em que me pareço eu com ela?

— Em ser um janeiro penteado.

— Com efeito?

— Pelas sete orelhas de Belzebut! Aposto que o senhor comendador não morre antes de encomendar a mortalha para ir como um palmito para a cova!...

Lourenço Teles agradeceu o insulto como se fosse elogio. Estava ardendo, mas reprimia-se.

— Acha-me exótico?

— Nada! Acho-o divertido. Assim embonecado e com os pés na tumba, sabe quem me parece? O rajá de Singapura! Com noventa anos feitos deu-lhe em casar com uma rapariga de quinze. Mas dois dias depois afundou-se de uma vez.

O abade desatou a rir e o comendador acompanhou-o, visto não haver outro remédio.

Neste momento Jasmin, o criado francês de Lourenço Teles, entrou na sala, participando que a senhora vinha já. Jasmin era muito formalista, e dez anos mais novo do que seu amo. Trazia na cabeça uma cabeleira imensa, tendo comprado a mais farta de que teve notícia.

Daí a pouco entrava na sala a Sr.^a Madalena da Gama, e o comendador saía encostando-se ao braço do abade, precedido por Jasmin com o papagaio nos braços, e seguido de *Minete*, que se retirava majestoso com as honras da guerra. Lourenço Teles ao pé da porta viu o padre Frei João, e a despeito da sua polidez não pôde conter-se, que lhe não dissesse:

— Padre-mestre, o seu amigo é um homem inaudito. Come lagartos e papagaios; desfecha em latim com as pessoas que não conhece; e vem a minha casa chamar-me janeiro penteado, e outras misérias mais. Por um segundo que não almoça o meu papagaio. Não gosto de o ver com a senhora. Em todo o caso Jasmin não o perderá de vista.

Ce monsieur du lion-lá
Est parent de Caligula.

Ah, inimitável Lafontaine! Até logo, Frei João; é nosso hoje?
O frade abaixou a cabeça, e encolheu os ombros.

— Valha-me Deus com Filipe! Hão de sempre vir a pararnisto as suas graças!

E foi atrás do comendador para lhe desvanecer os preconceitos.

Entretanto no honrado Filipe o coração era melhor do que a cabeça.

Vendo sua mulher com o luto de viúva, e lendo-lhe no rosto as saudades e lágrimas de muitos anos, custou-lhe a reprimir-se para não a apertar logo nos braços. Passou-lhe da ideia a novela que tinha urdido, e faltou-lhe o ânimo para exacerbar a dor nas chagas vivas daquela alma contristada. Em presença de Madalena esqueceu-se do que sofrera, e lembrou-se do muito que a sua ausência a fizera padecer. A felicidade que o mundo pode dar prometia sorrir-lhe naqueles olhos ainda belos, quando os enxugasse; chamava-o por a boca fiel em guardar os juramentos que uma vez pronunciava. Confuso e perplexo, o capitão ora olhava para o chão, ora embebia a vista em sua mulher, cismando sobre o que devia dizer.

Depois de breve pausa Madalena rompeu o silêncio:

— Aqui estou, senhor. Venho receber da sua boca a vida ou a morte. Frei João disse-me...

— Frei João é um asno! — exclamou Filipe. — Se lhe disse que seu marido era morto, enganou-a. Posso jurar-lhe que está vivo; e ninguém o sabe melhor do que eu.

Madalena levantou os olhos com viveza, mas não os fitou na pessoa que lhe falava. Percebia-se contudo que o som da voz a fazia estremecer.

— Frei João é incapaz de mentir — respondeu com alguma severidade. — Apenas me informou de que tinha chegado da Índia um amigo seu e de meu marido, que Deus haja. — E com um suspiro Madalena acrescentou: — Frei João disse-me depois

que havia esperanças vagas... Enfim, que notícias exatas só o senhor as podia dar.

— Frei João falou bem — acudiu Filipe com entusiasmo. — Mais exatas ninguém, Sr.^a Madalena. Ora diga-me: tinha muito apego a seu marido?

— Ah, senhor!...

— Não há rosa sem espinhos, bem sei; Filipe é vivo, mas pode ter casado na Índia...

— Meu marido sabia que tinha mulher e filhas, meu marido não casava. E o senhor se fosse amigo dele, também não dizia essas coisas à sua viúva.

— Salva tal agoiro! Mas se lhe afirmo que Filipe não morreu! É boa teima! Acredite, Sr.^a Madalena, o seu homem não tem maior amigo do que eu e Frei João. Acredite. Mas a verdade primeiro. Filipe escapou duas vezes por milagre, está vivo e são, e volta qualquer dia...

— Bendito sejais, meu Deus! — soluçou Madalena, levantando as mãos com efusão. — Agora, Senhor, já me podeis levar, que não faço falta. Minhas filhas têm o amparo de seu pai!

E as lágrimas desta vez serenas correram de alegria por aquelas faces, que o pranto cavara tantos anos.

— A Sr.^a Madalena é boa mulher de seu marido, é excelente mãe de suas filhas, e Deus lho pagará! — disse o capitão, que sentia os olhos arrasados de água, e que roía as unhas para disfarçar.

— Cumpro o meu dever.

— Só por dever não se ama assim. Extremo é mais do que dever.

— Amo-o com a ternura que a mulher deve ao esposo da sua alma, ao pai de seus filhos, à alegria do seu coração... Não sei que haja no mundo maior extremo.

— Esquece o amor de mãe?

— Tem razão. Pode ser que estremeça mais a minha Cecília, talvez ame tanto a minha Teresa.

— Hem! Sabe que Filipe está velho, rabugento e sovina? é verdade.

— Acha leve a sua cruz, para ele a trazer sem tristeza e enfermidade? Quinze anos de trabalhos, ausente de mulher e filhos, exposto a tantos perigos mortais, um rapaz (quanto mais ele que já não era moço) não o suportava sem ficar velho e desenganoado, sem perder o gosto do mundo, como eu perdi.

— Pois minha senhora... Faz favor de olhar para mim! Que tal me acha?

— Eu? O que hei de achar?

— Perdoe, alguma coisa há de achar por força. Que tal lhe pareço? diga sem cerimónia.

— É boa! Muito bem.

— Esperto e bem conservado? Hum? Graças a Deus sempre rijo e valente, e mesmo pobre como Job, alegre que nem um passarinho.

— É a maior fortuna que pode ter.

— Diz muito bem, Sr.^a Madalena. Que lhe palpita esse coração de um marido nos meus termos?

— Senhor capitão! Lembre-se de que sou a mulher de um amigo seu!

— Lembro, lembro. Aqui para nós, Filipe não merecia uma senhora tão virtuosa... É um maganão!

— Se para isto desejou falar-me, há de permitir...

— Não permito. Quero, e mando que fique. Tenho direito...

— Caia em si, veja o que diz. Sinto ser obrigada a observar-lhe que tem pouca delicadeza de sentimentos. Como senhora, deve respeitar-me; como mulher, e mulher infeliz de um amigo seu, devia ter compaixão de mim. Entretanto há meia hora...

Filipe estava extasiado; mas ainda lutava para não revelar o incógnito. Enfim não se pôde ter, e no estribilho popular disse estas palavras da cantiga:

Ai, esposo da minha alma,

Ai, triste de mim sem ti!

— Que darias tu, senhora,

A quem no trouxera aqui

Madalena escutou com sobressalto a cantiga de seu marido. Via-se que os olhos ansiosos adivinhavam o segredo, mas que receava enganar-se ainda.

— Há meia hora que te falo, e não me ouves; que te chamo, e não me respondes? Madalena, o que davas tu a quem trouxesse teu marido aqui? Um beijo por ti, outro por nossas filhas, querida mulher... Deus não quis que morrêssemos separados, quando sempre vivemos unidos.

— Filipe! Filipe! marido da minha alma!

— Muito mudado estou, pois nem minha mulher me conhece aqui.

— Agora, agora! Sinto, conheço!... Perdoa. Custava-me a crer tanta felicidade. Estou costumada à desgraça, Filipe!

— Pois julgaste, querida mulher, que outro primeiro do que eu havia de dizer-te que teu marido vivia? Olha o teu anel, lembras-te? O retrato de nossa filha, vê-lo?

— O coração devia dizer-me, os olhos deviam ver, esposo da minha alegria. E duvidei! Meia hora pude estar ao pé de ti sem te conhecer! A voz tinha-a na alma, mas as feições é que não me pareciam tuas. Estás tão mudado, tão branco, barba e cabelos! E não admira. Com tantos trabalhos!... E eu pareço a mesma?

— Estás a mesma, a mesma és sempre; a minha santa mulher! Que é de nossas filhas? Quero vê-las, quero beijá-las. Estou só-frego. Duas vezes que tive a morte ao pé de mim chamei por elas e por ti, primeiro que chamasse por Deus!

— E sem Deus, estavas comigo agora? Fizeste mal, Filipe.

— Madalena, tens razão. Vamos ver...

— Hoje achas só Teresa. Cecília está em Santa Clara.

— Não por freira, espero em Deus. Louvada seja a Providência, temos cabedal para nossas filhas ambas.

Neste momento a porta da sala abriu-se, e o comendador entrou pelo braço de Frei João dos Remédios, que vinha contendo o riso. O abade seguia-o, solene, pausado, e taciturno como sempre.

— Então, minha sobrinha, falou bastante de seu marido com este senhor? — perguntou Lourenço Teles, sentando-se na cadeira. — Trouxe-lhe boas notícias? Como se demorava...

— Ah, meu tio, trouxe-me a consolação única que podia ter neste mundo. Trouxe meu marido!

— Seu marido? — exclamou o comendador estupefacto. — Onde está?

— Aqui, em corpo e alma — atalhou Filipe saudando-o. — *Ecce homo!* Este é o marido, e esta a mulher, falta a sua bênção, tio!

— Seja feita a vontade de Deus! — gritou Lourenço Teles engolindo uma grande colher de geleia para se reanimar. — *Post fata quiescit!* Sobre queda couce — murmurou contrito. — Sobrinho, esta casa chega, escusa de procurar outra.

— Obrigado, tio. Era a minha tenção.

— Mas podia não ser a minha. Agora, como parentes e com franqueza, vou pedir-lhe três coisas.

— Diga, tio.

— Não coma diante de mim cobras nem gatos. Quanto ao papagaio...

— Fica perdoado? Concedido, tio, e eu ganho por cima. Preste João!

Um negro corcunda chegou-se.

— Leva o meu cão de fila à cela do senhor Frei João, em São Domingos; e depois volta, que tens que fazer.

— Ponho embargos! A minha cela não é covil de feras.

— Cala-te, Frei João, não sejas criança. Deixa-me viver bem com meu tio.

— Agora, sobrinho, tenho a honra de lhe apresentar o senhor abade Silva, erudito respeitado de toda a corte, e autor de várias obras — acudiu o comendador quase abrandado.

— Sou um seu admirador.

— Espere! Iam-me esquecendo duas coisas essenciais. Se lhe não custar, fale-me sempre em português, e se quiser mascar esse nauseabundo tabaco...

— Mau! — resmungou Filipe.

— Pode mascá-lo...

— Bem! — exclamou o capitão reanimado.

— Na cozinha, ou no quintal. Na minha sala, nunca.

— Ámen! Se dá licença, tio, adeus até ao jantar.

— Sem cerimónia, se acaso se desgostar do papagaio...

— Vossa mercê come-o?

— Nada, dou-o de presente. Tenho uma arara, e gostava...

— Veremos! A casa é grande; é natural que chegue. Adeus, filhos, vão; estejam à sua vontade.

E vendo-os sair, acrescentou:

— Então que diz a isto o nosso Frei João?

— Que altos são os juízos de Deus!

— E o abade?

— Que vai tudo bem, e melhor iria se seu sobrinho soubesse mais da terra, e menos do mar.

— Pois eu digo que há meia hora tinha vontade de o deitar da janela abaixo; fez um barulho incrível, padre-mestre! Mas agora...

— Comendador, veja...

— Agora, para que hei de mentir? Acho-o bom homem e de excelente coração. No fim de tudo queria obsequiar-me... Há de polir-se; há de polir-se com o uso da corte. Jasmin! Hoje é festa nesta casa. Jantam cá o abade, o senhor Frei João, e meu sobrinho Filipe... quero um ou dois pratos da tua mão. Um dia não são dias.

VIII

PELO AMOR SE GANHA O CÉU!

Catarina e Cecília conversaram muito tempo, no jardim, e na mais íntima confiança.

Desmaiou o sol na copa das árvores; principiou o céu a empalidecer com as primeiras sombras do ocaso; e a cantiga dos rouxinóis foi adormecendo em notas expirantes, até se calar de todo. Vinha próxima a hora em que a terra se banha na luz pálida do crepúsculo.

Entretanto, nem os raios do sol já descorados, nem o bulício nos tufos de mirto e nos tabuleiros de flores, nem a alegria das companheiras, que passavam a rir e a correr por diante delas, desapertavam as mãos às duas amigas, ou lhes secavam as lágrimas que fugiam quase despercebidas pelos olhos de ambas.

Algumas vezes as rosas coravam-lhes o rosto; e logo depois vinha a palidez da comoção afugentá-las. O mundo para elas encerrava-se no coração que vivia no fervoroso amor, que a esperança inflama de saudades.

Cecília foi a primeira que fez um esforço, e que rompeu a fascinação deste colóquio.

Levantando-se de repente, e arrancando a mão dentre as da sua amiga, olhou com viveza em redor de si; Catarina seguia-a com sobressalto.

Apenas entravam na rua principal do jardim, viram a regente e um padre da Companhia de Jesus.

O modo inquieto e escrutador com que observavam tudo, sem alterar a solenidade dos passos, indicava o seu cuidado.

— É sóror Mónica — exclamou Cecília.

— É o padre Ventura! — disse Catarina com alvoroço.

— Não te dizia eu? — tornou a primeira.

— Não sabes que desespera quem espera? — respondeu a segunda.

A presença de um jesuíta no jardim de Santa Clara, e sobretudo nas horas de recreio, era acontecimento pouco ordinário. Parecia evidente contudo que sua paternidade tinha merecido as simpatias das noviças e educandas, porque em lugar de fugirem dele, procuravam-no, beijando-lhe a manga, e fazendo-se vermelhas, quando tocava de leve com o dedo na face de alguma.

Havia já três meses que o conheciam, e sabendo a qualidade de visitador e reformador, em que fora investido pela Santa Sé, (o que o trazia ao convento repetidas vezes) imploravam a sua intercessão, sempre eficaz, para mitigar o rigor dos castigos.

Sua paternidade não se escusava, e salvo um pequeno sermão à paciente, acudia sempre em auxílio das oprimidas. Assim tinha atraído a confiança daquela feminina população, que debaixo do glorioso pendão de São Francisco, caminhava pela estrada da graça e salvação.

Cecília não podia demorar-se muito na mesma ideia. Enquanto o padre e a regente mediam as passadas, virou-se para Catarina e disse em ar magoado:

— Hoje morre à sede a minha roseira branca!

— E o meu craveiro amarelo? — respondeu Catarina.

— Olha — acudiu Cecília — o padre já nos viu, e chama-nos! Então! Éramos nós a quem procurava?!...

— A ti, pode ser; mas a mim, porquê?

— Não sei; mas é a ambas. Olha o dedo da regente como um ponteiro... Estás desenganada?

E partiram ligeiras e airosas como duas graças, que fugissem ao belo grupo de Canova.

No meio da alameda encontraram o religioso e sóror Mónica. O jesuíta por caridade encurtava o passo para não estafar a pobre freira, à qual o cansaço tomava a respiração. A ciática não concorria menos para tornar desiguais e lentos os seus movimentos.

Sua paternidade, desde que chegou a distância própria falava à freira com os lábios, e às duas amigas com a vista; o justo é acrescentarmos, que a linguagem muda dos olhos foi mais eloquente do que as doudas palavras da homília.

— Vai muito bem, leia a madre Santa Teresa, que lê um santo livro. Grande doutrina! *A Mística Cidade de Deus* também. Vou mandar-lha com os *Exercícios* do nosso patriarca Santo Inácio... Bons guias lhe dou neles para acertar no caminho da graça... Mas aonde está esta querida sóror, a madre abadessa?

— Já lhe mandei recado, e são horas de ter acordado da sua sesta — respondeu sóror Mónica no tom plangente e precioso, característico das freiras velhas.

— O pior é demorar-se... Se tivesse a bondade, sóror Mónica! Se repetíssemos o recado!

A regente exalou um suspiro capaz de comover um Adamastor, acrescentando com enfado:

— Não percebo, padre-mestre. Vossa paternidade não é pesoa que se faça esperar... Eu mesma vou. Meninas, fiquem.

— Os deveres desta santa casa desculpam tudo — observou o jesuíta, sorrindo-se. Não lhe era desconhecida a luta capitular, que fizera inimigas mortais as duas veneráveis religiosas, e tinha boas razões para se limitar à mais perfeita neutralidade.

Sóror Mónica retirava-se, quando Cecília e Catarina chegavam ao pé do jesuíta, e, beijando-lhe a manga, tomavam a sua bênção.

Apenas a regente chegou a certa distância, o padre Ventura deu uns passos para elas e, pegando na mão a ambas, respondeu à saudação com bondade paternal.

A sua voz era entre séria e jovial. Toda a intenção estava na vista, segundo o costume.

— Deus as faça umas santas, filhas, e as abençoe! Então, D. Catarina, vamo-nos alegrando mais? Estamos conformados com o hábito, ou ainda há saudades do mundo, que não nos deixam amar a Deus, unicamente como boa religiosa?

Catarina corou. Trémula e confusa não respondia; mas Cecília acudiu com a impetuosidade costumada:

— Vossa paternidade entende que Deus quer promessas superiores às nossas forças?

— Cecília! — interrompeu a sua amiga.

— Ah, a minha doutora! — observou o jesuíta com o seu riso fino. — Respondo com outra pergunta: ponha o caso em si a minha donzela Teodora, e diga: se tivesse de escolher entre os deveres de boa filha, e a ilusão dos sentidos, que o século chama amor, deixava morrer seu pai, ou obedecia-lhe, sacrificando-se?

— Não há pai que morra da felicidade de sua filha.

— Muito bem! Compara então a glória de servir a Deus com a alegria falível, que ilude os homens?

— Meu padre, só digo o que me ensinaram. Deve-se amar a Deus sobre todas as coisas, e depois a nossos irmãos como a nós mesmos.

— Excelente! A doutrina aproveita nesta casa — redarguiu o padre no mesmo tom. Depois tornando-se grave, acrescentou: — D. Catarina, meditei sobre o seu caso, e comuniquei-o sem revelar a pessoa, entende-se, aos mais sábios dos nossos padres. É verdade. E o que julga que disseram?

— Que devia professar?

— Respire. Não foi tanto; disseram que entre o amor de Deus e amor dos homens não era razoável a preferência. Não acha também?

— Decidem então que não posso escolher?

— Também não. Distinguem! Os nossos casuístas são agudos em distinções! Se o coração se entrega exclusivamente a Deus, temos a vocação sincera, e o esposo espiritual aceita a esposa. Mas se a alma recai nas saudades do mundo, e se lembra da terra,

Deus não quer, Deus não permite um vínculo, que a boca forma e o coração desmente. Não é este o seu caso, D. Catarina?

— Ah, padre Ventura! Sou indigna da graça de Deus, bem vejo!

— Aflitos nos vemos! Ora pois; ânimo e resignação! Entre dois males irremediáveis, optar pelo menor é o dever do cristão. Deus não quer impossíveis. Amor e obediência à sua lei é o que ele ordena. Abraão não matou a Isaac... Medite neste exemplo, humilhe-se, e tenha fé.

— Bem humilhada estou na presença da minha fraqueza! O que posso fazer, se Deus me não chama, se o meu coração é escravo das prisões do mundo? E meu pai, o que dirá meu pai se chega a saber?...

— Seu pai não é um tirano, há de conformar-se com a vontade de Deus. Uma aliança virtuosa e honrada é santa aos olhos da infinita bondade. Nem todos podemos servir a Deus da mesma maneira.

— Ai, padre Ventura! Conhece meu pai, e sabe a firmeza da sua vontade. Disse uma vez que não me podia casar, e essa aliança...

— Há de fazer-se... As coisas mudaram, e não seu pai, D. Catarina. Uma afeição honesta, em que o envergonha? O conde suspira pelo momento de possuir uma esposa virtuosa; sei-o; disse-mo ele. Havemos de convencer seu pai. O conde de Aveiras, amigo e valido do príncipe real, que amanhã (quero dizer), que de um instante para outro (altos juízos de Deus!) pode subir ao trono...

— Vossa paternidade não ignora a ingratidão da corte, e a nossa família...

— Sei tudo, filha! Mas confiemos. Um genro poderoso vale muito, e seu pai tem prática do mundo, e percebe as coisas. Esteja certa que não resiste. Peço oito dias...

— Oito dias? E julga vossa paternidade que meu pai aprovará?...

— Aprova.

— E Deus?

— Lembre-se que padeceu para a salvar, e veja se há de querer um sacrifício superior às suas forças? Diga: e se houvesse meio de conciliarmos as duas coisas, servindo a Deus, e vivendo no mundo, ficava mais tranquila?

— Oxalá, meu padre!

— Dê a Deus as graças, porque o meio existe. O hábito não faz o monge, tem ouvido; e a verdadeira clausura é o recato da alma e a inocência do coração. Com o vestido secular e a liberdade do corpo pode ser escrava de Deus. Temos os exercícios para mortificar o espírito, a obediência a superiores espirituais para nos impor um vínculo sagrado. Há a abnegação da pessoa e da vontade no interesse, santo interesse! de muitos... e tudo isto faz o sacrifício completo. Se quiser, D. Catarina, será mulher de seu marido e esposa de Deus, quanto à graça da perfeita religiosa...

— Aonde, e de que modo, padre Ventura?

— No instituto do patriarca Santo Inácio. Pode ser terceira da sociedade de Jesus. Quanto ao mais creia em Deus e tenha esperança. A paciência vence tudo.

O padre duplicou a força a esta promessa com um gesto majestoso e expressivo. Virando-se depois para Cecília, acrescentou em tom jovial:

— E a nossa menina bonita o que nos diz? Não há nesse coração pequeno e alegre nenhum pecado escondido de que se confesse?

— Ai, padre visitador, nenhum! — respondeu ela vermelha como uma rosa, e dando à boca o meio sorriso travesso, que a tornava tão engraçada. — Não tenho amores; ninguém me quer.

— Sim? Que loucos são os homens? Pobre freirinha! Vou dar-lhe uma notícia para a consolar.

— Não estou triste!

— Ainda bem. Lembra-se de seu pai?

— Oh, muito! — acudiu Cecília, caindo logo em melancolia reflexiva. — Tenho-o presente como se o visse. Olhe, padre-mestre, quantos são hoje do mês?

— Porquê?

— Porque fará doze anos agora que ele me teve nos braços, e me beijou a última vez. Querido pai! Não tornou... Mal sabia eu que se despedia para sempre!

— Engana-se, há de vê-lo.

— No Céu. Era bom, e lá estará.

— Esperemos em Jesus Cristo, que lá iremos todos. Mas seu pai, Cecília, não morreu...

— Meu pai? E vossa paternidade não me dizia nada! Oh! a minha mãe, a minha querida mãe!...

— Então! São coisas que não se levam a chorar. Lágrimas e desmaios? E para a tristeza o que reserva? Alegrias tais, quando Deus as manda, eleva-se o espírito, e aceitam-se com júbilo.

— Também se chora de alegria! Meu pai vivo! Tornar ainda a vê-lo!

— E mais depressa do que julga. Está em Lisboa em sua casa. Chegou hoje; e é natural que logo venha aqui. Como ficará satisfeito de ver uma filha... digna do seu amor, se proceder bem.

— Ah, padre Ventura, se ele soubesse! Catarina querida, agora mais do que nunca preciso da tua amizade. Diz-me o coração que chegou a hora...

— De alguém lhe ter amor? — atalhou o jesuíta em tom malicioso. Depois, assumindo o seu ar sério, prosseguiu; — D. Catarina percebe, e eu entendo. Sossegue. O conde de Aveiras é o maior amigo que tem um cavalheiro moço, que a viu em São Domingos faz hoje cinco meses, que lhe declarou o seu amor uma sexta-feira à noite, aqui neste jardim, quinze dias depois, e que ontem, ainda ontem, lhe escreveu por certa beata uma carta para lhe dizer que vinha ao convento esta tarde, custasse o que custasse... Não é assim, D. Catarina?

As duas meninas olharam uma para a outra pasmadas e confusas; e o padre Ventura não pôde sustentar o riso, apesar da sua gravidade. Nenhuma se atrevia a falar de envergonhada.

— Admiram-se? São milagres da nossa roupeta! Cecília, não censuro, nem aprovo. Os jesuítas, há de convencer-se, são melhores do que diz a madre abadessa, que é uma santa pessoa...

— Mas quem revelou a vossa paternidade?... — interrompeu Cecília com as faces a arder.

— Provavelmente quem o sabia. Filha, nada se faz que se não descubra. Repito: não condeno, nem aprovo, entenda-me! Isto não é o casamento de D. Catarina. Conhece o amigo do conde de Aveiras? Se não sabe, suspeita quem é, e o que há de vir a ser?...

— É o homem que amo! Não sei, nem preciso mais — atalhou Cecília em um repente de enfado.

O jesuíta olhou para ela, leu no seu rosto a verdade e a inocência, e meneou a cabeça mais pesaroso do que severo.

— Ah, Cecília, receio que a sua morte ou a sua desgraça proceda do coração. Já tem idade; medite. Olhe que o sacrifício é grande aos olhos de Deus, e imenso aos olhos do mundo.

— Vossa paternidade assusta-me! — exclamou Catarina, a quem não escapou a intenção do jesuíta nas últimas palavras.

— A verdade assusta sempre, filha — respondeu ele. — Se a sua amiga soubesse o que fazia, o mal era menor. Antes de entregar assim a alma, devia saber a quem. Deus permita que se não arrependa, e depois chore. Não digo mais; não sei senão isto.

— E eu — acudiu Cecília exaltada — sei que o amo, e que sou amada. Que não terei esposo, ou que será ele...

— Valha-me Deus! Quer fazer-me seu confidente? Não entendo de paixões mundanas. Confessor posso absolver da culpa, uma vez que o coração erre, mas seja bom, e o seu é bom, Cecília; oxalá que a cabeça assentasse um pouco! Como amigo digo-lhe que fez mal, que faz muito mal em se fiar nos olhos. Lembre-se de seu pai, veja o desgosto de sua mãe... Sobretudo cuidado com o mundo, respeite o mundo. Quanto ao mais, Deus é menos rigoroso do que alguns teólogos... e os exemplos não faltam. Se a culpa aproveitar a nossos irmãos, se a mentira os salvar, pecamos, é certo, mas o pecado anda próximo da virtude... Um instante de sincera contrição o lavarás. Judite também pecou, gloriosa culpa, que deu a liberdade do seu povo! Nada é absoluto neste vale de lágrimas; e se fôssemos todos perfeitos éramos uns santos. Mas de veras não sabe quem é o amigo do conde de Aveiras?

— E vossa paternidade? — exclamou Catarina.

— Eu?! Se lhe estou perguntando? Cecília, trate de se confirmar na verdade. Olhe para a sua consciência, e lute enquanto tiver forças. Se não puder vencer-se, procure então remir o pecado exercitando-se na virtude. A voz do mundo não diz sempre a verdade; ouça a voz do Céu. Saiba que para o serviço de Deus importam menos os meios do que os fins.

— Não entendo, padre Ventura! — replicou Cecília ingenuamente.

— Entenderá um dia. Não é a madre abadessa que ali vem? Pois sim, filhas, há diversos modos de ganhar o Céu. Cecília, a verdadeira virtude, não está na boca do mundo; D. Catarina, lembre-se do que lhe disse do nosso instituto. Amem e esperem ambas, e serão salvas!... Ora venha a nossa querida abadessa, já nos ia tardando.

— Vossa paternidade sabe o peso da minha cruz!... Deus ma tire de cima dos ombros! — exclamou a freira com maneiras beatas e afetadas.

— Louvado seja Ele por tudo!

— Aonde quer vossa paternidade que o receba?

— Aonde lhe for mais agradável; não escolho.

— Meninas, sabem que a hora do recreio acabou. Beijem a mão do senhor padre Ventura, e peçam-lhe vénia...

— Dá licença, querida abadessa? Cecília há de receber um recado de sua casa. Seu pai, que diziam morto, está vivo, e chegou a Lisboa.

— Deu graças a Deus por tamanho milagre, Cecília? — exclamou a freira.

— Já cumpriu os seus deveres. Agora parece-me que não há inconveniente em a deixarmos ver o seu parente. Creio que é parente?...

— É primo! — atalhou Cecília intrepidamente.

— Seu primo — repetiu o padre com igual denodo. — Naturalmente não são coisas que se digam diante de todos em um locutório. A gravidade do negócio desculpa...

— E onde está o seu parente, menina? — interrompeu a abadessa.

— Na grade, segundo me informam — observou o jesuíta. — É melhor irmos para a casa da secretaria, que pode reputar-se *extra clausura*; e deixaremos os dois primos em liberdade... Bem vê que este caso sai da regra.

— Mas é contra o uso. Entretanto vossa paternidade manda! Menina, vá subindo; eu dou as ordens. Assistirei à visita.

E tomando pela rua que ia à porta reservada, o padre Ventura mostrou que sabia perfeitamente o caminho. A abadessa seguia-o, rosnando:

— Não percebo este breve de Roma, nem a tal visita! O padre-santo não podia nomear o nosso guardião em lugar deste jesuíta? Nossa Senhora nos acuda!

— Não, sóror — disse o padre virando-se com ar severo. — Sua santidade sabe que não é permitido ao guardião ser juiz em causa própria. Não se esqueça, peço-lho, de que não pecamos só por obras; por temeridade de pensamentos ainda às vezes se peca mais... Cuidado em não cair!

Esta última advertência tinha dois sentidos. Podia referir-se à lição moral, que acabava de aplicar, ou aludir somente ao movimento sobressaltado que escapara à freira, colhida em flagrante murmuração contra o visitador.

Fosse o que fosse, sua paternidade continuou a subir a escada com o sossego ordinário; e a abadessa, corrigida pela finura do ouvido italiano, e seriamente assustada com o ar de autoridade que vira assumir ao jesuíta, não proferiu uma só palavra.

Assim chegaram à secretaria do mosteiro.

IX

DONDE NÃO SE ESPERA VEM O BEM!

As ordens foram cumpridas sem demora. Antes de Cecília entrar na sala da secretaria, já o seu parente a esperava.

Este não estava sem inquietação. Percebia-se pela passeio impaciente em que media o aposento, contando os minutos, pelo modo sobressaltado com que olhava para a porta em ouvindo ruído. Depois, é inútil dizer que se lhe abriu o paraíso no momento em que foi convidado para trocar a importuna publicidade do locutório pela casa reservada em que podia falar sem ser escutado por freiras, ávidas de enredos.

Fora violada a disciplina do convento. O favor que lhe concediam era exceção de que só gozavam os príncipes, os cardeais, os bispos e os confessores da Ordem. O saudável terror, incutido pelo jesuíta, conseguiu mover a venerável abadessa a autorizar uma inovação, que ia ser o pasto saboroso das murmurações para as filhas de São Francisco.

Logo que o primo de Cecília entrou, fechou-se a porta sobre ele, e apareceram, primeiro a abadessa e o padre Ventura, e logo a educanda, que veio de volta.

Os dois religiosos, sérios e revestidos da gravidade fria, que diz a um desconhecido que o recebemos, mas nos acautelamos.

Cecília, vivamente agitada, e comprimindo o trémulo coração com a mão ainda mais trémula.

Encontrando o olhar afetuoso, mas discreto, do hóspede, a pobre menina sorriu-se com tanta suavidade e timidez, que o jesuíta deixou escapar um gesto de receio; mas ela, caindo em si, pôde conter-se, e só os olhos explicaram tudo ao seu amante.

O parente de Cecília inculcava dezoito anos, e talvez ainda não os contasse completos. Tinha o corpo bem proporcionado e esbelto; a presença agradável e insinuante, apesar dos ares de grandeza que tornavam quase aprumada a sua estatura pelos ativos meneios. As sobrancelhas desenhavam uma curva muito viva; excessivamente escuras e vastas talvez descessem pesadas de mais, carregando os olhos. As pupilas pardas raiavam luz tão clara, iluminando-se à menor comoção, que bem poucas pessoas poderiam sofrer, sem abaixar a vista, o relâmpago que as fulminava. Era a mesma força de majestade que deu a Luís XIV a vantagem de aterrar com um volver de olhos.

O rosto do mancebo, sobre o trigueiro e pouco rosado, era animado e nobre de feições, e correspondia bem à expressão da vista. A testa elevada e espaçosa, estando serena refletia a inteligência, como inculcava a impetuosidade quando se contraía. Os lábios cheios e vermelhos, com o superior alguma coisa revirado, denunciavam carácter viril, e o beijo inferior muito mais grosso e descaído, indicava grande propensão aos deleites sensuais.

Menos séria a boca, aonde às vezes a ironia se espiritualizava, podia adoçar repentinamente a severidade da fisionomia. O nariz quase aquilino não descaía na ponta, e as asas, bem vincadas e fáceis de se intumescer, inculcavam um génio forte e irritável. Em todo o seu aspeto lia-se uma vontade firme, um talento pronto, e grande constância de ideias, capaz de degenerar em obstinação. A delicadeza da pele e a finura das veias, azulando-se transparentes como finíssimas sombras, provavam que o tipo aristocrático se conservava ainda puro na sua família.

Os cabelos sem pós nem peruca fugiam pelos ombros, enrolando-se em anéis de belo castanho-claro. A mão pequena, cheia

e macia, parecia mão de senhora. O pé airoso e pequeno pisava com graça; os movimentos respiravam elegância e dignidade; as maneiras eram naturais, e dotadas de esquisita distinção.

Bonitos dentes, brancos e iguais, apareciam, quando sorria, no meio do carmim dos beiços, ainda corados de todo o calor da juventude. O seu porte revelava mais o fidalgo e o militar, do que o plebeu e o negociante. Até a voz sonora tinha a firmeza de tom, e a inflexão imperiosa que dá o uso do poder às pessoas afeitas a mandar e não a obedecer.

Trajava casaca sem enfeites e bordados; porém a volta ornada de rendas preciosas, posta com o desgarre, brigava com a modesta aparência da véstia e dos calções.

O camisote de fina cambraia escondia-se mal a si e aos botões de brilhantes que o ornavam. Dois rubis de valor, esquecidos nos sinetes do relógio, desmentiam a simplicidade do resto do fato. A espada, boa folha de Toledo, própria para duelo e bem lavrada, pendia de um pobre talim. A meia cor-de-rosa vestia justa, que parecia a estalar na perna; e os sapatos com rosetas ou topes de fita, não tinham que invejar aos de um fidalgo primoroso. No dedo brilhava um anel de três diamantes, e a presilha do chapéu acomodava-se à mediania do traje. Mas a nenhum observador poderia escapar, que, privando-se de quanto faz a opulência do vestido, o mancebo não se despira dos objetos inerentes à verdadeira aristocracia. A finura da roupa, e o valor das pedras, acusavam-no de disfarçar uma posição muito superior em tudo ao que representava.

A sala, em que se achavam, tinha duas janelas altas, abertas em vãos profundos, uma quase ao fundo, mas do mesmo lado da parede, e a outra, à ilharga da porta por onde entrara o primo de Cecília.

Quem se recolhesse ao cubículo formado pela primeira janela, nem via, nem era visto pelas pessoas entretidas no recanto da segunda.

No meio da casa levantava-se um enorme bufete de pau-santo torneado, carregado de livros e papéis de escrituração.

Defronte, na parede oposta às janelas, estava um grande crucifixo sobre uma banquetta doirada, com duas lâmpadas acesas. Uma dúzia de cadeiras de assento e espaldar de moscóvia acabavam de vestir o aposento.

A vista do mancebo fitou-se primeiro nos olhos pequenos e sagazes, e na boca sumida da abadessa, que da sua parte não o examinava com menos atenção. Daí passou a estudar o rosto sereno e impassível do padre Ventura; porém a vista deste, firme e mais profunda, encontrou a sua sem se abaixar, e não disse, nem deixou adivinhar nada. A cor, subindo às faces do primo de Cecília, e a fronte carregando-se de repente, apenas chamou um ar de riso aos lábios do jesuíta. O seu aspeto era todo respeito e civilidade discreta; mas os olhos ousavam mais; e firmes declaravam que não havia segredos para ele, que sabia conhecer as pessoas, mas que se calava, e estava disposto a conter qualquer ato, ou palavra de que resultasse prejuízo.

A abadessa, respondendo com uma seca mesura à cortesia pouco profunda do mancebo, rompeu o silêncio:

— O senhor padre Ventura disse-me (expôs ela) que o senhor é primo desta menina, e traz notícias de importância... Entendemos ser mais conveniente este lugar do que o locutório para uma conversação de semelhante natureza. Pode falar; mas decerto desculpará que o dever me obrigue a assistir.

O rosto do primo de Cecília tomou de súbito as cores do orgulho ofendido; os olhos, a princípio tímidos, fuzilaram de cólera; e teve de morder os beiços para reprimir a severa resposta que lhe subiu à boca; mas conteve-se, e ficou calado.

Somente, ouvindo citar o jesuíta encarou-o de novo, e inclinou a cabeça. Era fácil perceber que cismava no modo por que um padre que não conhecia, adivinhava os seus segredos, e lhe servia de protetor silencioso. Do jesuíta, a sua vista caiu sombria e concentrada sobre a abadessa, a quem se não dignou honrar com uma só palavra.

O padre Ventura, sobretudo, o que temia eram as imprudências, e achava o primo de Cecília muito moço e muito irascível,

para subjugar as paixões diante da provocação deliberada de uma freira contumaz e quezilenta. Além disto, lia nos olhos da educanda (e o padre visitador sabia ler no rosto dos outros como em livro aberto) que ela temia iguais receios, e pressentia a tempestade próxima; por isso o jesuíta, previdente e valedor, interpôs-se a tempo para evitar uma cena violenta, recorrendo, segundo o costume, aos melífluos circunlóquios, que ninguém empregava com mais habilidade.

— Se dá licença, venerável irmã — interrompeu — não acho inconveniente em ficarem os dois primos um instante sós. São negócios de família, negócios caseiros, como se diz no mundo. Cecília não é freira, e em rigor não se lhe pode aplicar a disciplina. Depois, confesso-lhe que pouco me devo demorar, e vou comunicar-lhe coisas que não devem passar dos seus ouvidos.

— Obedeço, padre visitador! — replicou a abadessa com aze-dume. — São ordens de vossa paternidade, não posso faltar; mas sempre digo que lavo as mãos, e que não respondo senão por mim.

— E não faz pouco. Responderei eu pelo resto. Bem vê que não há escândalo. Um secular pode receber os parentes, e ouvi-los em termos honestos, à vista de pessoas maiores de toda a exceção. O perigo, respeitável madre, o grande perigo são os abusos que desgraçadamente vemos em tanta casa de Deus; não falo desta, Deus me livre. Esperemos que dê um exemplo útil, advertindo pela sua austeridade a relaxação das outras. O pecado irremissível, como dizia, é converter-se a clausura em abrigo, em aprisco de amores profanos, e quase públicos, abrindo-se os ralos dos locutórios ao vício e à sedução. Eis o mal; mas há de curar-se com a ajuda de Deus.

— Menina! — gritou a freira, convulsa e sufocada — sabe quem manda aqui? Já ouviu as minhas ordens? Veja o que o seu parente lhe quer, e peça-lhe licença depois para se retirar imediatamente. Irá fazer as suas orações àquele oratório.

E o dedo da venerável serva de São Francisco indicava uma porta, fronteira à da entrada, que dava para a capelinha interior,

onde costumava fazer as suas devoções. Cecília abaixou a cabeça; e o mancebo desfechou uma vista de mortal ódio, que, se a freira a observasse, esfriava até ao coração.

O único, a quem o rasgo de autoridade da abadessa não alterou, foi o jesuíta, a quem a seta era apontada. Apenas um sorriso desprezador lhe fugiu pelos beiços, encrespando levemente os cantos da boca.

Tornando a estatura ereta por um movimento cheio de majestade, não precisou senão de levantar os olhos para lhe abater a soberba, e a confundir.

É verdade que a chama nos olhos do padre brilhava tão viva; é certo que o seu gesto era tão firme e poderoso, que o próprio parente de Cecília, pouco afeito a deixar-se dominar, não soube encobrir as sensações, e recuou involuntariamente. Entretanto nem um dos músculos da face do jesuíta se descompôs com a ira, se ira havia nele; nem uma só nota acre ou ressentida lhe tremeu na voz; somente, por efeito natural do sentimento da superioridade, a sua voz lenta encheu o aposento, saindo vibrante e acentuada.

Aproximava-se mais do timbre metálico do sermão; mas não revia a menor expressão de cólera ou de paixão. Era fria, pausada e grave como de costume.

— Cecília — disse com a maior serenidade — pode ouvir e responder. Esteja enquanto lhe for preciso, e proíbo-lhe que deixe este quarto sem minha vénia. Fale, que há de ter muito que dizer e que saber!... Não lhe recomendo a modéstia e a circunspeção, porque lhe faço justiça. Não ignora o que deve a si e a esta casa. É quanto basta.

— Vossa paternidade esquece que estou aqui, ou julga que já não sou a prelada deste convento? — atalhou a abadessa cheia de exasperação.

— Já lhe perguntei alguma coisa, madre abadessa? Ou essa interrogação imprópria envolve a temeridade e desobediência de querer pedir-me contas? Ora bem! Espero no Senhor que a soberba e a rebelião não achem guarida nesta santa casa; mas se por desgraça se introduziram, temos na igreja de Deus o remédio...

por mais altas e seguras que se julguem. Vamos, querida irmã, não posso demorar-me.

Balbuçiante e trémula, a freira seguiu o padre visitante em tal estado, que fazia compaixão.

Viu o braço erguido, e tremeu que descesse sobre o convento. Aonde há vontade e poder não faltam ocasiões, e a consciência acusava-a de graves negligências. Decidiu-se, portanto, a evitar o conflito, e a devorar a humilhação como aviso salutar.

Da sua parte o jesuíta, satisfeito da vitória, ou não fazendo caso dela, voltou à doçura habitual. Obtido o fim, e dada a demonstração, entendia otimamente que o meio de colher as vantagens não consiste em apertar de mais o arco.

Foi, por isso, que os dois religiosos se retiraram ao cubículo da primeira janela, deixando em plena liberdade a filha de Filipe da Gama e o seu amante, que, seguindo o conselho do padre Ventura, se recolheram ao vão, aonde podiam falar sem serem vistos e ouvidos.

A abadessa e o padre desapareceram logo no recanto protetor que os separava completamente da educanda e do mancebo.

X LUZ E SOMBRA!

Apenas a freira e o jesuíta desapareceram, o mancebo recuou, quis falar, e fugiram-lhe as palavras; a alma esmorecia nos olhos, e a voz gemia nos lábios em murmúrios ternos.

No auge da comoção ajoelhou-se em silêncio e cobriu de beijos os dedos rosados, que o levantaram brandamente, e tremiam de prazer entre os seus, que se iam fazendo mais ousados em os apertar.

Ele adorava-a com a vista, em que a paixão era eloquente com meiguice. A donzela, no sobressalto do amante, gozava o seu triunfo. Sentindo-se arrebatada contava pelas suas as pulsações do coração que batia alvoroçado com o dela, abrasados ambos na chama, que arde tanto quando é viva e vem de dentro.

O seu nome, que na boca do mancebo era apenas estremecido por um suspiro, chegava-lhe aos ouvidos como suave exalação. Inclinada e tímida, não sabia de palavras que exprimissem o seu enlevo. Tinha ao pé de si o amante; roçavam pelos dele os seus cabelos; os olhos seguiam a sua imagem; aquele espírito não via outra luz... Desfalecida de ternura, com as mãos a conter o seio palpitante, e com o doce nome nos lábios, cedeu por fim ao tremor elétrico, e deixou correr a alma atrás das ilusões.

Expirando angélica doçura, a sua vista apagava-se a medo na sombra das assedadas pestanas, e em delíquio pensativo, ora fugia de si mesma, entre o véu das pálpebras descaídas, ora acesa de repente se iluminava raiando cheia de poder. Os beijos abriam-se como o botão abre a flor, e, perfumados da fragrância da inocência, voavam a colher os suspiros do mancebo. Nas faces, a cor a avivar e a sumir-se; na vista, os desejos castos a esconder-se e a aparecer; na boca, o amor brincando no meio de rosas e rubins... Que fascinante enlevo!

Aqueles curtos momentos viram em raptó sublime o coração de um fundir-se no coração do outro; a vista embeber-se na vista; e unidos em espírito serem a mesma alma, o mesmo fogo, uma só paixão.

É admirável a expressão que dá ao rosto o enlace de duas almas extremosas, felizes de quanta ventura se pode gozar no mundo. Com a mão pendente, e a cabeça sobre o colo, Cecília como que dizia: não fales!

Deslumbrado e vacilando, o mancebo, com os olhos expirantes, respondia: adoro-te!

Pelos beijos de ambos passava o ligeiro frémito, que é a melodia do afeto quando trasborda, e vem perder-se na palavra humana, incapaz de o traduzir.

Nos olhos de Cecília raiou a esperança que brilha uma vez na vida. As pupilas húmidas e as pálpebras lânguidas, a uma e uma deixavam fugir as lágrimas, que são tão doces e amargosas, se a alegria as faz correr, e a saudade as recolhe depois como pérolas.

Quanto tempo estariam calados nem eles souberam, nem pode dizer-se. Na vida ideal as horas não se contam. Somente, serenado o primeiro impulso, acharam-se outra vez na terra, e deram o último adeus ao céu.

A donzela, já pálida, já corada, tremia da comoção que a arrebatava. O corpo, se recuava um momento, era para, flexível e gracioso, se debruçar mais para o mancebo. Esquecida e carinhosa a mão, tesouro de amor, deixou-se prender entre os dedos

convulsos do amante, e estremecendo com o fogo dos beijos, não fugiu...

A sedução dos olhos e o êxtase da alma, espiritualizando o semblante, davam ao silêncio da ternura, à quase imobilidade cheia de delícias, uma expressão adorável, que fazia em vista dela pálidas e frias as carícias mais ardentes.

A boca do mancebo, primeiro assustada, e ardente depois, cobria de beijos a mão de Cecília; e mais audaz, por fim, quis atrever-se das mãos ao rosto. Bastou um aceno para a suspender. Ao mesmo tempo a voz da educanda, aquela voz infantil na frescura, maviosa na doçura e persuasiva como a paixão, veio pôr termo à cena em que ambos gozavam e padeciam tanto.

No meio de um sorriso, cuja ironia doce era toda amor, a linda menina afastou de leve o amante, e inclinando a cabeça suavemente, exclamou com certa languidez:

— Às santas nunca se beija senão a mão. A boca é para pedir a Deus pelos pecadores.

— Olha — exclamou ele, arrebatado — enlouqueço de alegria. Estou ao pé de ti, vejo-te, e ainda o não posso crer. Se soubesses com que saudade esperei este dia, e o receio que tive de ele não chegar... Cecília, a felicidade imagina-se, deseja-se, mas de repente, assim, é como a dor, custa a suportar. Diz-me que sonho! Compadece-te de mim; sou indigno de te ver: mas perdoa-me; não te ofendas. Ouve-me! Salva-me!

— Sendo a fé tão pouca, achas que será possível? — acudiu ela risonha. — Ingrato! Hei de pegar-te na mão para sentires que o peito bate menos do que o teu! Em que esperas, se os olhos estão a ver, e não acreditas?

— No teu amor!

— E não receias...

— O que receio é perder-te. Creio em ti como em mim.

— Será bastante? — atalhou ela maliciosa.

— Não! Como em Deus.

— É de mais! E amas sem fé?...

— Sem ela não podia viver!

— Morre-se por tão pouco?! — perguntou Cecília, sorrindo.

— Morre, se o incrédulo perdeu a esperança — insinuou o mancebo; e lendo-lhe nos olhos a ternura, acrescentou: — E ele poderá salvar-se?

— Talvez... se amar e crer.

— E prometem ouvi-lo? — acudiu com fogo.

— Se o não ouvissem estariam ao pé dele?

A pausa que interrompeu o diálogo nascia da ansiedade. Este gracejo, no estilo melindroso dos amores vulgares, era muito falso para corresponder ao afeto que os dominava. Entretanto, nenhum tinha ânimo de soltar a primeira frase, tão custosa de expelir, se vem do coração e não da boca.

Cecília, observando que o mancebo lutava e não se atrevia a falar, pôs os olhos no chão, e com o rosto afogueado, ousou ser a primeira.

Na altiva inocência, que nada receia, a educanda pegou na mão do amante, e exclamou em voz trémula:

— Queres que eu, mais tímida, diga que amo? Sou alegre, sou criança, como eles dizem, mas o coração nunca se esquece. A ocasião em que te vi, os momentos em que falámos, os juramentos que escrevemos, estão firmes; feitos diante de Deus, gravei-os com o sangue da minha alma! A ventura, ou a desgraça, entrego-as nas tuas mãos. O mundo, se me escutasse, acusava-me. É malfeito uma donzela dizer assim de repente a um homem o que eu te estou dizendo. Mas sabes! para me guardar é de mais o amor e a tua honra. Se abusasses, desprezava-te, e quando se despreza... a ternura perde a virtude. Tu e eu somos incapazes de lhe darmos essa morte, não é assim?

Ele estremeceu, ouvindo esta confissão ingénua. Enquanto Cecília falava, contemplou-a com o enlevo, que é a declaração mais lisonjeira. Depois, às últimas frases, tornou a ajoelhar e com respeito exclamou:

— Fia-te na minha honra! Se a boca o não soube dizer, pergunta ao coração o que lê no meu...

— Mas o que hei de eu perguntar, se é mudo, se não fala? Sabes o que jurava sem o meu espelho? Que nasci feia, Deus me não castigue! e que até a lisonja se não atreve a enganar-me.

— Por seres bela de mais, por haver nos teus olhos a pureza de um anjo, é que os pecadores não ousam levantar a vista.

— Sou mulher, e depressa desço do altar — atalhou Cecília, obrigando o mancebo a erguer o joelho do chão. — Vamos! — prosseguiu impaciente — disseste que vinhas, e...

— E vim jurar-te que és a luz da minha vida! Sou um incrédulo e um pusilânime! Estremeço-te e perturbo-me, quando o coração me estala no peito e a alma não pode com a felicidade... Cecília, de hoje o sei: o amor é só uma vez na vida. Se adivinhasses com que saudade te falo na ausência, a mágoa com que te chamo e o júbilo que me alvoroça em ouvindo o teu nome... o teu doce nome. Mas agora vês! não posso, nem sei senão deitar-me aos teus pés, repetindo até que me acredites: amo-te, adoro-te, e é a primeira vez! Cecília, pela nossa esperança o juro; ainda mulher nenhuma foi mais querida. Eu que não devo inclinar a cabeça senão a Deus, que não ajoelho senão a Cristo, estou prostrado e deixo correr as lágrimas... Diz, estes olhos chorosos, este coração tremente, não o atestam mais do que mil promessas?

— Agora! atende, João. Tenho medo de tanta felicidade. Sempre me disseram que muita ventura de repente era indício de desgraça. Sou fraca e mulher, e tremo que o amor, a minha luz se apague, não sei por que mãos, nem de que modo. Tenho medo!...

— Que loucura! — acudiu ele, pegando-lhe na mão. — Não receies senão a morte: só morto deixarei de amar-te.

— E o tempo? O mundo, as armas, outras paixões consolam depressa os homens; mas nós, coitadas, não temos senão memórias e saudades. Desculpa! Não jures, não digas nada! Estes instantes, o dia de hoje, o de amanhã são meus, bem sei, mas depois? É o meu pressentimento. Rainha, dava-te uma coroa, simples donzela, sem fidalguia e tesouros, dei-te quanto possuía: a alma,

o coração, a ventura que posso viver contigo... Não tinha senão isto... Que mais queres que sacrifique?

— Cecília! e reinar sobre esse coração é pequena glória? Porque choras? Duvidas?

— Não. Julgas que vivia se me faltasses? O dia, a hora em que o coração, procurando o teu, o não achasse, João, acredita-me, seria a última hora da tua Cecília!

— E também da minha vida! Não, anjo, sossega. Enquanto respirar, existo só para ti. Esses belos olhos estão chorosos e tristes? Quero-os firmes no império que lhes dei. Lágrimas estando juntos! O que farás na ausência? Vamos; a boca, formada pelo amor em um sorriso, hei de vê-la séria e pensativa? Cecília, não vêes que a minha alma suspira nos teus lábios, e que o meu coração geme com o teu silêncio?

Ela ouvia-o com júbilo. Alva e tremente, sem fugir, a mão deixava-se deter pela do mancebo, nos olhos do qual ardiam mil carícias. A vista, cheia de ternura, quebrava os raios lânguidos em doces lágrimas que, aveludando-lhe o brilho, a faziam extasiar elétrica e fascinante. A cabeça descaía frouxa e negligente sobre o colo, como se inclina ao sol a flor consumida...

De repente, escutando as últimas palavras do mancebo, tremeu-lhe nos beijos um suspiro; a vista fuzilou; e um sorriso indefinível encheu de espirituosa animação aquele rosto, em que renasciam ditosas as cores da esperança.

Neste momento esqueceu tudo. Um dos braços, colar delicioso, cingia o corpo do amante, apertando o coração ao seu, que não palpitava menos; e com a face unida à dele e os olhos perdidos nos seus olhos, inclinou-se tanto, que o hálito suspirava sobre a respiração ardente do mancebo. Cheia depois de pejo, escarlate de pudor, fugiu, hesitou, e voltando em um ímpeto irresistível pousou-lhe a boca ligeiramente na fronte.

O fogo, a flor de um beijo, foi estremecer a alma do amante, que voou a absorver o perfume e a gozar a doçura. O que ambos sentiram, a pureza deste ósculo, em que desmaia o amor virgem, só pode apreciá-lo quem nas ânsias deste martírio, tão

cruel e tão suave, aprendeu a conhecer o que ele dói e quanto se deseja.

Apenas a explosão serenou, Cecília envergonhada escondeu o rosto, e as lágrimas gotejaram uma atrás da outra. O mancebo, de joelhos, beijava-lhe os dedos convulsos, e entre extremos e meiguices forcejava por lhe descobrir os lindos olhos, que o pesar tornava tão perigosos.

Decorreram assim minutos até que ela, pálida da luta interior e enxugando o pranto, levantou a cabeça, e disse com tristeza:

— Foi uma fraqueza, João. Não me desprezes!...

— Quando te adoro, e me fazes o mais feliz dos homens.

— O tempo foge, ouve-me. Meu pai está vivo, e chegou ontem. Em dois dias saio do convento, aonde colhi as doces e eternas memórias da minha vida. Se não tornar a ver-te, este anel é para te lembrares de mim... Prometes uma vez no dia, ao menos, olhar para ele? Darás uma saudade à tua Cecília?

E passou-lhe no dedo uma «memória», cuja brilhante safira era pura e azul como o céu, que os escutava.

— Aceito! — exclamou ele. — Será o símbolo da nossa união. Juro diante de Deus não receber outra mulher; e sobre a minha alma e a minha honra protesto morrer se não cumprir.

— Olha — respondeu Cecília com suavidade — não sei o futuro, mas sinto que talvez estas sejam as últimas horas de felicidade... Amo-te, amo-te como não posso amar outra vez; e digo-to sem pejo. Não me envergonho. Seguir-te-ei a toda a parte, porque a minha alma és tu. Se me chamares, cheia de orgulho e radiosa de júbilo hei de vir, e ao pé de ti, e juntos, a tua alegria será a minha; companheira inseparável achar-me-ás unida à tua vida. Sabes o teu poder sobre mim; de que serviria negá-lo? Quando o amor é assim, o coração vê no outro coração. Em paga do afeto de minha irmã, e do extremo de minha mãe, pelo respeito de meu pai, por quanto estremeço, por quanto posso sacrificar, não peço senão amor, o teu amor, a única existência que hei de viver... Pela ternura dos que mais estimas, pelo carinho destes instantes, não me enganes! Jura-me que perdendo tudo acharei o amor por que suspiro!

E meia ajoelhada, o pranto corria, os soluços estalavam, e as mãos convulsas apertavam as do mancebo. A eloquência do gesto e a expressão dos olhos era quase divina. Ele erguia-a com ternura; adorava-a, e arrastado aos seus pés, repetia com fervor:

— Amo-te, adoro-te!

— Serás fiel?

— Sempre!

— Não amas outra?

— Quem te iguala!

— Serás meu, só meu?

— Cecília! Não vês que esta alegria mata! Abres-me o céu, e não reparas que nos esperam as saudades?

— A saudade consola também. Quando penso em ti vive a minha alma. Disse-te que amava, e o meu amor é assim. Já te perguntei quem eras? Mas há um segredo que ocultas. Porque não declaras o teu nome? Meu igual, quem te impede? Meu inferior, eu descerei...

— É fidalgo, e grande? — atalhou ele com um sorriso.

— Subiria para te encontrar.

— Não, querida, eu é que preciso subir para te igualar... Rainha davas-me a coroa? Juro que se desejo um trono é para te assentares nele. Um dos meus... um dos nossos reis, D. Pedro, que chamam o *Cruel*, não coroou rainha a linda Inês? Senhora do meu coração, quem diria que um império é muito pelo teu sorriso?

— Lisonja! os reis querem a liberdade, e o amor é escravidão.

— E as rosas são as cadeias? Vês, a poesia segue-te. És a bela musa deste sítio... Olha, sabes o que lhes falta a eles, aos príncipes? É quem os queira por amor. Feliz aquele que foi amante antes de ser rei!

— Mas responde! Quem és?

— Um homem que desejava ser Deus para viver contigo eternamente.

— E que não é rei, ainda que tenha os merecimentos? — acrescentou ela, sorrindo com malícia. — E conde, és?

— Não. Mas os condes...

— Valem menos. Queres saber? Desejava-te grande fidalgo. Como haviam de cair bem as galas da corte nesse airoso corpo! — prosseguiu, admirando-o com inocente desvanecimento. — E os bordados, e os diamantes, que bonitos seriam ornando esse peito, que é tão nobre!... Olha, eu fazia-te rei se fosse Deus!

— Querida — acudiu o mancebo um pouco perplexo — a verdadeira gala dum cavalleiro é a espada!

— E teu pai chama-se?...

— Pedro!

— O teu nome todo!

— D. João de Vila Viçosa.

— És fidalgo?

— Sou.

— És titular?

— Na minha família, o título é o direito, e tem custado caro.

— És militar?

— Os fidalgos portugueses nascem soldados.

— E assim mesmo queres-me? Deixas por mim as damas e as fidalgas?

— Anjo da minha alma, deixava por ti a princesa mais poderosa.

— D. João — exclamou com entusiasmo — pobre, amava-te! Mecânico, adorava-te! Sem parentes e riqueza, queria-te com igual extremo. O meu amor te serviria de pai, de fortuna e de nobreza.

— E eu, Cecília, pela alma de minha mãe protesto que por ti esquecerei família, poder e grandeza, se...

— Se Deus não ordenasse que respeitássemos em nossos pais a imagem do Criador! — disse uma voz grave atrás deles.

Virou-se e achou o padre Ventura.

Na luz dúbia do crepúsculo aparecia já de longe o hábito da abadessa, recolhendo-se ao oratório.

— Padre, cuidei que estava só! — exclamou o mancebo no mesmo tom e com espírito igual ao de Luís XIV, quando disse: «Senhores, el-rei esperou!»

— E só esteve — replicou o jesuíta serenamente. — Apenas ouvi as últimas palavras, e essas não diziam nada, porque não quero crer que dissessem muito... Entenda, Cecília, seu primo tem deveres pesados. Roguemos a Deus que o auxilie para ele os desempenhar com glória. Se o ama, segundo o século, pode contar com o seu coração; não conte com mais nada.

— E que mais posso desejar? — respondeu ela singelamente.

— Conforme! Às vezes, ignorando o valor das coisas, damos de graça grandes tesouros, e sabendo depois arrependemo-nos. Mas isto são horas de sair. Repito: seu primo tem deveres; e estou certo de que em poucos dias ele mesmo dirá...

— Padre! — gritou o mancebo, mordendo os beiços.

— O meu nome é Júlio Ventura! — acudiu o jesuíta, opondo esta observação cortês à exclamação quase incivil do mancebo. — Seu primo — prosseguiu virando-se inalterável para a donzela — foi sempre bom e justo. Sabe que o sangue que lhe corre nas veias é do mais ilustre, e conhece que um fidalgo português é o símbolo da honra... Isto bem considerado há de inspirar-lhe uma resolução virtuosa digna dele, e em harmonia com as suas obrigações.

— Se vossa paternidade sabe a quem fala, aconselho-o a que não continue — interrompeu o mancebo com modos imperiosos.

O padre sorriu-se; e no mesmo tom natural continuou:

— Aconselha mal, é o que faz. Na Companhia, há de saber, costumam experimentar-nos desde noviços para todos os lances e trabalhos... Quem prega na América, na China e no Japão conhece ao que se expõe; sabe que pode morrer pela verdade; e com tudo isso o Evangelho chegou pela nossa boca às regiões mais bárbaras, e a cruz arvorada por nós e regada com o sangue dos nossos mártires está de pé e floresce... Cuidei que lhe tinham ensinado isto.

— Sei o que me diz! — acudiu o mancebo, um pouco humilhado da lição — mas o serviço de Deus não tem nada com o que estava tratando quando vossa paternidade me interrompeu indiscretamente.

— Tem tudo; a censura é injusta. A sua conversação não podia durar; e há promessas temerárias a que é prudente valer a tempo... Diga-me: era melhor que viesse a abadessa em meu lugar?...

— Pois havia de atrever-se?...

— A separar dois primos? Fazia o seu dever. Sejam razoáveis. O que lhe disse é exato, Cecília. Seu primo tem grandes obrigações. Fidalgo, a sua honra é sagrada; português, amanhã, hoje mesmo, pode ser chamado, e há de ir...

— Hei de ir? Às ordens de quem? — clamou o amante de Cecília cheio de orgulho.

— Às de el-rei e da sua pátria, julgo... Creio que obedecerá a ambos.

— Mas isso tudo o que tem com o nosso amor? — perguntou a donzela com timidez.

— Muito, ou nada, filha. Se nos limitarmos ao estado em que nascemos, a nuvem passa por cima, e não nos toca. Se nos excedermos, pode acontecer que nos alcance. O raio procura as eminências. Deixemos, porém, as alegorias. Quer saber se tem deveres seu primo? Veja!

E tirando uma carta do seio entregou-a friamente ao mancebo. Este, apenas leu o sobrescrito, sobressaltou-se e, olhando para o jesuíta menos firme do que antes, perguntou:

— Quem lhe deu esta carta?

— A pessoa que a escreveu.

— Então sabe?...

— O que me dizem.

D. João abriu a carta e leu-a agitado. De repente fez-se branco e, dando algumas voltas pela casa, murmurava com ímpeto:

— Disseram-lhe tudo! Não importa. Comigo perdem pela força, quando não conseguem pela brandura. Veremos se o casamento se faz não querendo eu!

Acalmado o primeiro acesso, chegou-se a Cecília, e disse-lhe com ternura infinita:

— Sou obrigado a sair. Esta carta é na realidade importante; e como disse o padre... tenho deveres a cumprir; mas sossega,

querida, o primeiro é amar-te. Em poucos dias nos veremos; não posso com as saudades da ausência.

Isto foi dito a meia voz. Apesar da precaução o jesuíta sorria-se, indo adiante para lhe abrir a porta da escada particular.

Passando por Cecília, atônita com a repentina despedida, o padre segredou-lhe ao ouvido estas palavras:

— Eu não lhe dizia que seu primo tinha deveres, e que havia de cumprí-los?

Ao sair da porta D. João, olhando para ele, disse-lhe:

— Padre Ventura, fez-me um grande serviço. Se houvesse dois cavalos!?

— Esperam enfreados no pátio do mosteiro.

— Vossa paternidade é mágico?

— Deus me livre. Mas sabendo, preveni as coisas. Acha que fiz mal?

— Padre Ventura, procure-me. Preciso falar-lhe mais devagar.

O jesuíta inclinou-se profundamente, e recolheu-se para o vão da janela, deixando em liberdade os dois amantes. Vendo que o não observavam, o mancebo, ajoelhando quase aos pés de Cecília, entregou-lhe um pequeno maço lacrado, dizendo:

— É o meu retrato. Lembra-te com ele de quem fica pensando para tornar a ver-te. Adeus, adeus!

E arrancando-se de um ímpeto ao encanto que o ligava, saiu precipitadamente. A donzela, metendo o retrato no seio, pensativa levantou os olhos e, achando calado ao pé de si o jesuíta, perguntou-lhe:

— A carta, meu padre, era de muito valor?

— Filha, vale uma coroa.

— Então D. João?...

— Mais baixo, devagar!... É um homem que está para receber a maior herança de Portugal.

Ela, não percebendo, declinou a vista e suspirou; depois seguiu o padre, que lhe ofereceu a mão para a conduzir ao oratório da abadessa.

XI

MUITA BULHA PARA NADA!

Tornemos à Rua das Arcas, a casa de Lourenço Teles.

Seriam oito horas da noite, quando uma forte pancada na porta da rua despertou da sonolência em que ia caindo a família reunida no escritório do comendador.

O velho erudito, com um suspiro, pousou o livro que estava ruminando. Com o sobressalto, a Sr.^a Madalena da Gama perdeu uma estação do seu rosário, e o abade Silva quebrou o lápis nas pregas do toucado que estava desenhando. Cecília e Teresa, sentadas a bordar, levantaram a vista para Jasmin, que saiu do canto da sala, e acudiu à escada com um castiçal de três braços para receber as visitas.

Estas, já de fora da porta, faziam uma bulha intolerável, falando e rindo estrepitosamente.

No reino animal, o alvoroço foi igual. Minete espreguiçou-se, apontou as orelhas, e assentou-se na conspícua posição, que decidiu o abade Casti a honrar os gatos com a intendência da polícia.

O papagaio entufado virou-se para o abade Silva, e soltou risadas roucas.

Como dissemos, o comendador pousou o livro, e observou ao abade:

— Novas loucuras de meu sobrinho, quer ver? São umas sobre outras!

— Ouço vozes diferentes — respondeu o arcaísta.

— Jasmin! — clamou o velho erudito impaciente.

Ao som da campainha o escudeiro apareceu entre portas.

— Quem faz essa bulha? — perguntou o amo.

— O senhor capitão.

— Quem vem com Filipe?

— O senhor Frei João dos Remédios, quase de rastos...

— Frei João de rastos? O que diz? E os outros?

O rosto encarquilhado do escudeiro denunciava constrangimento. Seu amo e toda a família viam-no, e por isso porfiavam no interrogatório.

— Não conheço — replicou Jasmin, encolhendo os ombros.

— Não conhece? Quantos são, também não sabe?

— Um só!

— Que pessoa mostra ser?

O escudeiro torceu-se, e deu à luz a seguinte evasiva.

— Não tem figura possível!

— Ora essa! há de parecer-se com um homem, espero em Deus.

— Com um homem não sei, mas com o Demónio, creio que sim. Pelo menos assim o pintam nas igrejas.

Jasmin pegava-se a cada palavra. Nunca fora medroso, nem visionário, e a sua opinião, sobretudo o susto com que a manifestava, causou profundo assombro a Lourenço Teles.

O calafrio que fez aninhar a família e o próprio abade em volta da sua cadeira, visitou-lhe também a espinha dorsal.

Na véspera, ao jantar, tinha teimado com Filipe que o Diabo não podia aparecer em forma visível; e seu sobrinho, partindo nozes e regando-as de copiosas libações, apostara dobrado contra singelo em como antes de quarenta e oito horas havia de convenecer o tio sábio.

O velho erudito riu-se e citou o varão tenaz de Horácio, apelando para o abade, que encolhia os ombros com medo de Filipe.

Finalmente o nosso capitão, vendo suas filhas risonhas, sua mulher muito sossegada, e Jasmin tossindo para engolir a gargalhada seca que lhe formigava na garganta, levantou-se e emprazou os incrédulos para receberem o Diabo em casa no dia seguinte.

Eis a razão por que, mais ou menos, todos tremeram, ouvindo que o tentador se achava à porta na figura em que o pintam os homens, seus inimigos.

— O Diabo? — exclamou Lourenço Teles, pondo o espadim sobre a mesa. — Meu sobrinho atreveu-se a meter o Demónio em minha casa?

— Assim o suponho — replicou o escudeiro.

— Fechem a porta! Ponham-no fora! — gritou o latinista, branco como a tira da camisa, e olhando para o abade, que estava cor de cré e com os braços decepados.

— A quem? — perguntou Jasmin muito pálido. — Ao Demónio, ou ao senhor capitão?

— A ambos, a ambos, não excetuo! — exclamou o comendador com a maior veemência, deixando cair a caixa do tabaco, cuja tampa de rico esmalte se esmigalhou no chão.

Este golpe acabou de exacerbar o velho erudito.

— Minha sobrinha — disse irado — seu marido foi uma praga que me caiu em casa.

Mal acabava estas palavras, quando novo alarido no cimo da escada o espantou, como se as vozes respondessem em coro à sua apóstrofe.

Filipe trovejava, o procurador de São Domingos perorava, Jasmin fazia o contralto sofrivelmente; e no meio da altercação dos três, e acima deles todos, um tiple embirrento soltava risadinhas de falsete em gorjeios de semifusa.

Lourenço Teles tapou os ouvidos, e apertou as mãos na cabeça, clamando com sombria resolução:

— Jasmin, deixe entrar!... Quero ver até onde isto chega!

Apenas o velho sábio curvara o índice e o polegar para colher a pitada que salgava as citações e, achando a caixa de menos, exalava um suspiro fúnebre, apareceu na sala a passos lentos uma figura que não podia chamar-se nem satânica, nem fantástica, mas que dificultosamente caberia no molde admitido geralmente para a espécie humana.

Era um homem, decerto; mas um homem em paródia!

Vendo-o, estranhava-se pouco a opinião do escudeiro valido, e desculpava-se o sobressalto com que Lourenço Teles e a sobrinha o encararam.

Não inculcava mais de cinquenta anos; e talvez tivesse sessenta. A cabeça, nua e calva como um joelho, não parava um instante; e uma estriga de cabelos grisalhos e sedosos, eriçada com insolência, perfilava-se no meio da calva como um penacho, o que dava ar exótico e quase diabólico ao possuidor da raridade.

Descendo da cabeça ao rosto achava-se um olho desaparelhado, e o outro perfeito de mais, isto é, de uma viveza que saltava.

Desprezando a moda, cresciam-lhe das largas orelhas até à articulação da mandíbula umas suíças musgosas de três cores, branca, preta e alaranjada, que lhe armavam de bambinelas os esquinados queixos.

O ombro direito era mais alto do que o esquerdo, e jogando os braços derreava-se a compasso. Um peito excessivamente convexo; um ventre proeminente; a altura equívoca do corpo, hesitação brutesca entre a estatura do garoto e o talhe do homem feito, realçavam a pitoresca e novíssima configuração desta coisa, que a penúria da língua nos obriga a chamar humana, porque era muito aplainada para pertencer a raça suína.

A sua maior singularidade consistia na perna esquerda, torcida como um parafuso, e servindo de base a movimentos heróicos executados com suprema agilidade.

Andando, fincava o pé no chão, e sobre ele girava como sobre a ponta de uma verruma. Quando ria eram sempre gargalhadas de escárnio, e apimentadas de visagens variadas. Se falava, tinha inflexões doutorais e gestos volúveis; falava a língua;

falava a perna inquieta e aos pulinhos; falava o ombro perfurante em negaça ao ombro correto; falava enfim, mais que tudo, a pasmosa elasticidade do corpo, desencadernado em momices e trejeitos originais, que foi pena perderem-se na obscuridade do personagem.

Domingos José Chaves (era o seu nome cristão) nascera feio como Bertoldo, eloquente como Demóstenes, e velhaco como Gusmão de Alfaraxe, de gloriosa memória. Domingos José Chaves era da família de Hoffman pela figura; da de Callot pela extravagância picaresca; e da de João Paulo Richer pela verbosidade plebeia. Mandrião como a preguiça, petulante e cínico como o cinismo, fazia negócio em tudo, e venderia a carne ao judeu de Shakespeare, se lhe fosse razoavelmente indemnizada.

Por divertimento tinha aberto no pasmatório das Chagas uma aula prática de pescoções, e regia o curso, vendendo a face às bofetadas dos discípulos a tostão, pagas à vista!

A expressão do semblante era travessa, jovial e profundamente truanesca. Lia-se-lhe na vista a gíria da abençoada raça dos Lazarilhos; achava-se-lhe no sorriso pedante e sagaz, um ar de parentesco com o nosso amigo Sancho Pança.

Grande vivacidade nos momos (tinha uma coleção inexaurível), o talento da paródia, elevado ao sublime, para copiar homens e animais desde o mocho até à rã, e o jeito de passear, torcendo o corpo em piruetas, davam-lhe uma fisionomia tão esquisita, tão original, tão impagável enfim, que vivera sempre à custa alheia, pregando logros ao género humano.

Já o dissemos: a cara exprimia finura e astúcia, mas não maldade.

As maçãs do rosto eram largas e chatas, os queixos esbrugados e excessivamente devassos. O beiço superior, vincado de ambos os lados até aos cantos da boca, arregaçava-se por cima dos cinco dentes, sentinelas perdidas das gengivas. Este figurão trazia na boca um cachimbo apagado; e sobre os calções, muito risonhos nas costuras, cinco, oito, infinitas véstias e gibões de todas as cores, este verde-garrafa, aquele amarelo-sujo, uma azul, outra encarnada, enfim uma loja de adelo completa.

A camisa tinha a alvura de uma beleza de Guiné. As meias eram um estudo. A da direita, de seda e no seu tempo cor-de-rosa, mostrava as passagens de linha enroscadas como lacraus. A da esquerda, de lã parda com pontos vermelhos, parecia roubada ao mitológico Tomé das Chagas.

A dextra empunhava um cacete curto e grosso, de que se ajudava nos saltos e corridas; porque semelhante ao louva-a-deus, o Sr. Domingos José Chaves conquistava o caminho às cotoveladas na linha reta.

A outra mão segurava o carapuço, agudo na ponta, largo na boca e quase piramidal, de que a imaginação vesga de um poeta toucou a frente do sábio Abacadabro.

Logo que se viu dentro da sala, Domingos fez o seu exame em um abrir e fechar de olhos: riu da talha partida e dos pagodes chinas; meteu a mão na caixa das ameixas, e tomou-lhe o gosto; contrafez as passadas do venerável Frei João dos Remédios, que o seguia; e acabou por imitar os equilíbrios da corda bamba, rodando sobre uma perna até ao sítio donde o comendador, estupefacto, assistia às suas evoluções.

As piruetas eram regidas por umas variações de assobio, executadas com infinitas momices, no meio das risadas estrepitosas de Filipe, que se revia no hóspede; apesar da ira silenciosa de Frei João que o excomungava mentalmente, e sempre em proporção dos movimentos de retirada de Lourenço Teles, que não sabia se acreditasse na visita do Demónio, em presença deste aborto.

Frei João e Filipe tinham entrado atrás de Domingos; Madalena e Lourenço Teles benziam-se; e duas meninas ao pé dela nem pestanejavam. Ninguém tinha dito nada.

Por fim o comendador, olhando para Frei João, exclamou colérico:

— O que é isto, Frei João?

O padre-mestre encolheu os ombros, franziu a sobancelha, e puxou o barretinho para a nuca.

— Filipe, o que é isto que me trouxe para casa?

— A sua bênção, tio! — respondeu o capitão, que se divertia com o susto do erudito. — Então crê, ou não crê no Demónio? Não lho dizia?!

Domingos largou a sua risadinha de falsete, visitou de novo as ameixas, e ficou em descanso, mas sempre ativo nos trejeitos faciais.

O padre Remédios descarregava sobre ele e sobre Filipe a vista flamejante.

O comendador sentado com a sobrinha ao lado, e as netas atrás da cadeira, já mais sereno, abriu por fim a conversação.

— Meu sobrinho, vossa mercê não descansa sem dar comigo na sepultura. Anda cavando a minha morte!

E o velho, enternecido, teve a bondade de derramar duas ou três lágrimas à conta da sua falta.

Limpendo depois os olhos, prosseguiu mais irritado:

— Quem é este palhaço?

— O nosso guarda-portão!

— Fale sério; se não me respeita, respeite a casa de sua mulher e de suas filhas. Não tenho guarda-portão, nem costume ajustar criados tais.

— Tio! Este homem é o Domingos. Não conhece?

— Não tenho essa honra — acudiu o erudito, inclinándose. — Ele é que faz o favor de olhar como sua a minha casa, saqueando as melhores ameixas cobertas, que este ano recebi.

— É muito engraçado.

— De graça pesada. Mas quem é este senhor... amável?

— É o mestre do Simão.

— Que Simão? Vossa mercê fala por enigmas.

— Estou a morrer de fome, tio! O Simão? É o meu macaco...

— Não se atreva a meter-me em casa esse flagelo depois do que sei que ele tem feito em outras partes! — exclamou o comendador irado e convulso.

— Não se arreneque. Ele não veio. É verdade que lhe aluguei quarto e tomei mestres...

— Mestres?! — exclamou Lourenço Teles, cheirando vagarosamente a pitada, colhida na caixa de Frei João. — Mestres?

— Sim senhor, nada menos de três. Um de esgrima; outro de exercícios vocais; e este que é a pessoa que o ensina a dançar.

— Vossa mercê endoideceu?

— É por especulação. O macaco faz o exercício de sargento e de soldado pela ordenança nova. Joga a espada preta e o pau; e baila excelentemente. É um portento.

— Pois, Sr. Filipe, faça favor, mas poupe-me o desgosto de admirar os progressos do seu aluno. Não quero ver nem a sombra do portento! — acudiu com segunda recrudescência de cólera o comendador.

— Havia de gostar. Enfim, são antipatias. Mas ao menos corra para a sua educação! Depois vendemo-lo por um dinheiro louco.

Lourenço Teles suspendeu a pitada, e encarou o capitão.

— Eu pagar os mestres do macaco? Está em seu juízo? Há só uma despesa que eu farei de boamente, é a de o enterrar.

— Deixe-se disso.

— Sabe o que vossa mercê faz com as suas loucuras? Olhe para a minha caixa?

— Está bonita! Foi-se? — respondeu o capitão com soberano desdém.

— Foi-se? Admiro a sua indiferença; não sabe quem ma deu e o que valia?

— Mas já estava assim, quando entrei.

— Não estaria, se vossa mercê não entrasse.

— É outro caso; mas tudo se remedeia, menos a morte. Tenho duas talhas do Japão, dou-lhas, e mais uma caixa antiga de guardar os grilos da rainha Cleópatra, segundo me disseram uns judeus, que vale dez bonecas, como as da tampa da sua tabaqueira.

— Filipe, tome sentido. *Si nil, Cinna petis, nil tibi, Cinna, nego!* — exclamou o erudito mais consolado. — Entende este verso de Marcial?

— Não senhor, mas é o mesmo. E o tio entende?

— Julgo que sim — replicou o sábio com um sorriso vaidoso. — Diz o poeta «que se nada lhe pedirem, nada negará». Percebe? Aquela caixa, meu sobrinho, era um monumento, uma

raridade. Foi o capricho de um grande pintor. Enfim! *parce se-pultis!* Tornemos ao caso. Quem é esta cara de mau ladrão, que está devorando as minhas ameixas? Donde saiu aquela figura?

— Domingos José Chaves! — gritou o capitão em voz de buzina. — Faça a continência ao tio!

— Aqui estou, ilustríssimo senhor capitão Filipe da Gama! *Voluit facere uvas, fecit autem labruscas?*

— O que diz ele? — perguntou o comendador com o ouvido escandalizado dos solecismos deste Bertoldo.

— Digo, excelentíssimo doutor comendador, que o senhor capitão, querendo fazer vinho, fez vinagre!

Domingos ria-se com a boca, com a perna, e com o corpo todo, metamorfoseado numa pelotica.

— Maroto! — gritou Filipe vermelho.

— Não me faz favor, ilustríssimo senhor — respondeu o cínico, arremedando a luta do padre Remédios com o barretinho.

— Mas, enfim, quem é vossa mercê? — perguntou Lourenço Teles.

— O excelentíssimo senhor comendador, quer que fale em verso, ou em prosa?

— Como souber. O essencial é responder. O que faz vossa mercê?

— Excelentíssimo senhor, a prova de que não faço nada — replicou o réu, falando cavo — é que vim aqui fazer alguma coisa.

— E vê-se que não esteve ocioso! — acudiu o velho, olhando com saudade para a caixa das ameixas. — Mas o que sabe?

— Sei comer e dormir, sei dançar, e vestir; nas feiras e festas canto; e na comédia sou encanto!

— Não é pouco! Mas numa coisa se enganou.

— Qual, excelentíssimo senhor?

— Na porta. Vossa mercê ia, pelo que vejo, ao pátio das comédias, e aqui é a Rua das Arcas.

— *Escuta et justas, quæ tibi faço queiximonias!* O senhor comendador faz-me a esmola de uma pitada, se a tem de mais?

— Domingos José Chaves — disse o erudito divertido com o interrogatório — o que pede quando se ajusta numa casa?

— Bagatelas, excelentíssimo comendador Lourenço Teles! Além do pão quotidiano, peço vinho à discrição, e a minha pitada. *Nunquam me deixes sine cheirare pitadam!*

— Gosto do seu latim. Não pede mais?

— Sim senhor. Os sábados livres.

— Os sábados?

— Para apanhar rãs! — disse o cínico triunfante. — Apanho-as e depois fumo-as! — Dito isto representou em saltos de louva-a-deus a pantomima da caçada extravagante.

— Fuma rãs?

— É verdade. Vendo-as aos boticários e compro tabaco. Não alugo, empresto o meu zelo às casas que sirvo. Os sábados são as minhas rendas.

— Tem estado em muitas casas?

— Servi já dezassete amos e meio, excelentíssimo. A sua honrada casa faz dezanove.

— Como é a conta?

— O último amo que tive, foi o anão do duque. Era meio amo. Em casa do senhor comendador há uma arara, um gato e um papagaio, todos muito malcriados, e pelo menos dão que fazer por meio amo. Por isso o anão e os animais, um; o senhor doutor dois; dezassete e dois dezanove. Conta de giz, que não falha um triz.

— E tirou alguma coisa das casas aonde serviu?

— Muito, excelentíssimo; porém mudei-me.

— Porquê?

— Como faziam armazém de mim, pus escritos. Até o anão trepou, e teve a confiança de me dar um bofetão!

— Sim?

— Não tive remédio, paguei-lhe. à noite, bebeu ópio no vinho, e depois, calado como uma pedra, e embrulhado em uns cueiros, foi dentro de uma condessa para a roda.

— Meteu o anão na roda? — exclamou o comendador, desfechando uma risada cordial, que todos acompanharam. — E o que sucedeu?

— Mosquitos por cordas, excellentíssimo senhor! Quando em vez de uma criança acharam um anão que falava pelos coto-velos, gritou-se aqui d'el-rei! houve chufas e beliscões, ele engalfinhou-se na regente, e por fim deitaram-no à rua, e entrou descalço para casa. Por sinal apanhou o reumatismo que o tolheu das pernas.

— Muito nos conta, Domingos! Filipe, este homem é seu criado?

— Se o tio quer eu digo que sim.

— Pois que fique. Domingos, dou cama e mesa aos criados, mas não dou acepipes, nem doce. As ameixas e as sidras são sagradas; tome sentido!

— Sim, excellentíssimo senhor. Trata-las-ei como sagradas. Só em jejum farei o sacrifício de comungar com elas.

— A ceia está na mesa! — disse Jasmin entre portas.

O erudito levantou-se, deu o braço a sua sobrinha, fazendo sinal às meninas que fossem adiante. Caminhando, dizia a Frei João:

— Decididamente é dia de São Bartolomeu. O Demónio anda solto. Que é do abade?

— Espera na casa de jantar.

— Bem. Veremos se a noite se acabou.

XII

FILIPPE EM TERRA DE AMIGOS

Apenas entrava o comendador na casa de jantar, mal o abade gera três suspiros melancólicos, outra pancada na porta da rua deixou todos suspensos, e com a mão nas costas das cadeiras, porque desta vez a irregularidade da visita não tinha explicação.

— *Quid mihi cum Agamnenone?* — exclamou Lourenço Teles, virando-se com enfado para o inventor do livro dos Pavões. Este encolheu os ombros, e calou-se entrincheirado na sua dignidade.

Entretanto reluzia a prata das terrinas e talheres; a louça da China, com seus relevos caprichosos, brilhava pelas variadas cores, e pela diversidade das figuras e flores.

O caldo de arroz, e o galo do estilo: o prato obrigado de ervas, coroado de torradas recortadas; as tortas e outros acepipes perfumavam a sala. Os vinhos eram excelentes e faziam sede, espelhando-se no cristal das garrafas.

Frutas secas em cestos arrendados, uns de louça, outros de prata; e delicados doces em vasos de vidro campeavam nos magníficos aparadores de pau-santo, levantados nos topos da casa.

O abade, em virtude de posse imemorial, exercia o ofício de trinchante-mor; exato no desempenho das augustas funções, floreteava a faca e o garfo sobre o cadáver do acerejado galo.

Todos esperavam de pé a volta de Jasmin, despachado por seu amo para saber o nome do interruptor. O escudeiro pouco se demorou, voltando com uma boquinha, que na sua opinião tinha a malícia de um sorriso irônico.

Da visagem do fiel correio tirou o comendador favorável agouro, e sentou-se completamente sossegado. O resto da família imitou-o, com uma longa interjeição na vista.

O abade, impassível, recolhido e solene como sumo sacerdote que era daquele sacrifício, ameaçou as juntas do galo, usando com o garbo de uma prática feliz.

Entretanto Jasmin apoderava-se do ouvido do comendador, e dizia-lhe um segredo. O velho sábio deu um pulo, esfregou as mãos, olhou para as meninas, e sobretudo para Teresa, e em voz baixa passou algumas ordens, que o escudeiro logo cumpriu, saindo nos bicos dos pés, e em ar misterioso.

Esta cena quase teatral redobrou a curiosidade, e tornou mais repetidos os pontos de interrogação de Madalena para suas filhas, e de Filipe para Madalena.

A ceia começou pelo caldo, e Lourenço Teles, bebendo com pausa, corria os olhos pelos circunstantes, impenetrável como um cardeal no conclave, malicioso que nem um crítico roído de inveja. Quando os seus olhos encontravam os de Teresa, a boca um pouco sorvida do antiquário deixava fugir certo sorriso equívoco.

O nosso capitão era curioso como uma velha, e meneava-se impaciente, e ardendo em desejos de chapar uma pergunta na bochecha do tio sábio; porém sentindo os sinais de sua mulher continha-se.

Lourenço Teles gozava interiormente da perplexidade do sobrinho, e cada vez estava menos disposto a pôr-lhe termo. Para desviar qualquer insinuação, dirigiu-se de repente ao padre-mestre Frei João dos Remédios, assentado ao pé do abade, perguntando-lhe:

— Então que nos diz dos negócios da sua devota comunidade o padre procurador?

Era tocar na corda sensível. O procurador sobressaltou-se; puxou o barretinho para a testa; dobrou os polegares um em roda do outro; e respondeu com melancolia:

— Digo que vão o pior possível, Sr. Lourenço Teles. Está correndo o prazo fatal, e a todos os respeitos bem fatal!

— E depois?

— Ficaremos espoliados, e ainda por cima escarnecidos. Seja feita a vontade de Deus! altos mistérios seus!

— Não gosto de o ver assim, Frei João! — Horácio disse: *Altior Italix̄e ruinis*. Seja superior à desgraça. Um homem lido e prático em negócios forenses não desanima tão depressa!

— Ah, comendador, isso era noutro tempo, mas hoje!... Enfim são culpas, que se estão pagando!

— *Delicta majorum immeritus lues*. Estão penando o pecado antigo? Vamos. Ânimo grande! Talvez el-rei mais bem informado...

— El-rei? Devia dizer os jesuítas. Não espero nada. Saiba que não descansam enquanto não nos humilharem. Assim se diz em São Roque pelo menos. *Sed cor contrictum et humiliatum Deus non despiciet!* Levantaremos o coração a Deus. Sr. Lourenço Teles, a Ordem de São Domingos apelará do rei da terra para o Rei dos Céus!

— Louvo; porém antes de ceder, porque não tentam ainda a fortuna? Diga: supondo os ministros do desembargo iludidos, ainda temos os secretários de estado...

— Engana-se! — exclamou o domínico, dando largas à ira — tribunais e secretários de estado juram fidelidade à Companhia de Jesus antes de a jurarem a el-rei. Os ministros sabem que o verdadeiro despacho não é no Terreiro do Paço, mas na casa professa de São Roque. O cetro está nas mãos omnipotentes de um ministro mais poderoso que todo o clero, nobreza e povo deste reino. D. Pedro II, comendador, já não é o mesmo homem; está ascético e doente; vive triste e desconfiado da salvação... Quem reina em seu lugar é o padre confessor Sebastião de Magalhães!

— Não acredite! São histórias.

— São verdades, meu amigo. Nada se faz senão pelo voto do confessor; até o meteram no conselho de estado entre a primeira fidalguia!... Ele é que animou os vendilhões a desobedecer-nos, com ele se aconselharam, e por ele foi ditada, em pleno claustro, essa vergonhosa provisão que pôs aos pés de meia dúzia de regatões a Ordem dos Pregadores! Sabe-se tudo!

— Aí está porque vão mal as coisas... Mas empenhem-se vossas reverendíssimas, trabalhem... Preso por um, preso por mil. Queixem-se, digam a verdade a el-rei, saiba todo o reino que estamos sendo governados pela roupeta de Santo Inácio.

— Esse é, e sempre foi, o meu parecer! Mas vão lá falar em tal ao definitório? Meteram-se na demanda, chegaram às últimas extremidades, e agora encolhem-se. Esperem e verão o resto... Os jesuítas lhe dirão o mais. Vencido, mas não convencido, tentei resistir, e expor-me, sem expor ninguém. Compus o sermão da capela real, e, tomando para texto o fermento dos fariseus, carreguei a mão no retrato da soberba e da cobiça da Companhia, avisando el-rei e a corte. Ditei-o, decorei-o, e não disse nada a ninguém. O que imagina que sucedeu? Rebenta-me um aviso, em que me dizem que estava dispensado de pregar na minha semana, e que de futuro entendesse que era vontade de sua majestade que os pregadores da sua real capela se abstivessem de discussões políticas! Fiquei parvo! O sermão estava na minha gaveta, a chave no meu bolso, e apesar disso tinham-no visto, tinham-no lido!

— Alguém o descobriu...

— Ninguém, comendador! Se eu ditei o sermão ao escrevente, homem desmemoriado e fiel; estivemos sempre sós; e nunca o mostrei a pessoa alguma! Agora expliquem-me como o viu o padre confessor, porque é indubitável que o viu; e se não, como citou ele de propósito a ordem do discurso, e até as próprias palavras no seu aviso!? Não pode atribuir-se senão a bruxaria!

— É bicho de sete cabeças! Água benta — gritou Filipe.

— Parece incrível! — observou Lourenço Teles. — E o que tenciona fazer?

— Resta ainda um meio. Quero tentar o último recurso; não o declarei, nem declaro. Veremos se adivinham também.

— Há de custar!

— Digo só: veremos! Nunca fui visionário, não sou supersticioso, mas vou-me fazendo. Se traço um plano, acho-o cortado. Escrevo um papel? É contar com outro, como se o meu estivesse à vista. Os segredos do definitório, cujas atas tenho debaixo de chave, apregoam-se em São Roque no dia seguinte. De propósito escolhi um leigo e um servente, quase idiotas, que não sabem ler, nem escrever. Quem rouba o segredo das minhas chaves, e copia os papéis do meu bufete?

— Deus sobretudo, padre-mestre. Quer do peito, ou da asa deste galo? Um copo de barra a barra?

— Obrigado! Trago um fastio mortal; um dedal de vinho basta. Persisto, Sr. Lourenço Teles: a Companhia de Jesus achou modo de viver no meio de nós. Senta-se ao nosso conselho, participa dos nossos segredos, e lê por cima do ombro quanto se escreve. Sondei, pus escutas, não vi nada, não há nada. São os mesmos prelados; é a mesma gente. E apesar disso protesto e juro, que o auxílio de um homem poderoso alumia os atos da Companhia. Diogo de Mendonça, que é todo nosso, como sabe, acha-se em igual apuro, e não chega mais adiante do que eu. Se vai a expor em conselho algum negócio, dos que ele costuma estudar consigo, o padre confessor sorri-se, e el-rei entra a repetir-lhe o que se passou de mais particular! Ah, comendador, sou castigado pelo meu orgulho. Atribuí à ciência humana o que era devido ao auxílio divino.

As lágrimas caíam pela cara abaixo a Frei João; a voz sonora sufocava-se, e o desalento prostrava-lhe a fisionomia, tão rissonha dantes. Sentia-se ferido mortalmente, e nem tinha a triste consolação de descobrir o inimigo oculto, que o desassossegava.

— Ora pois, Frei João — acudiu Lourenço Teles — é preciso valor e conformidade. O mau tempo há de passar.

— Não creio.

— Deixe estar. Então, Filipe, não diz nada?

— Digo que as tortas são excelentes, e que o vinho é sofrível.

— Não diz pouco. Então isto sempre é melhor do que os lagartos que o regalavam na América?

— Lé com lé, e cré com cré. Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso!

— Famoso rifão! Muito bem; e Teresinha, não lhe diz nada o coração? Aposto que dava um beijo no avozinho se ele lhe dissesse uma coisa...

— Não sou curiosa, meu avô!

— Como Eva? Pois sim, mas está corada; porque abaixa os olhos? Ah, Teresa, mais custa a apanhar um coxo do que uma rapariga namorada...

— Meu avô, então!

— Teresa! — gritou Filipe — proíbo-lhe que se faça vermelha.

— E esta! — exclamou o comendador. — Filipe, vossa mercê não está em si. Proíbe a sua filha mudar de cor?

— Proíbo, sim senhor; os pais são senhores absolutos dos filhos. Não quero que Teresa core; sei o que digo.

— Diz uma loucura. Vamos, abade, encha o copo e deite vinho a Frei João. Cecília, peça licença a sua mãe, e seu pai que lhe dê um dedal de moscatel, mais a sua irmã. Estão prontos? À saúde de um amigo desta casa, que nos fez a honra de a procurar, e ficará nela como filho, espero eu.

Quando levavam os copos à boca abriu-se a porta e Jasmin disse alto: «É o Sr. Jerónimo Guerreiro!»

— Que vem corresponder à amizade das pessoas que respeita como segundos pais! — acudiu um mancebo esbelto e proporcionado, que entrou na casa atrás do escudeiro, e se dirigiu ao comendador e a Madalena, a quem abraçou por muito tempo, depois de lhes beijar a mão.

Todos se levantaram e o rodearam, Cecília olhando extremosa para sua irmã com um sorriso angélico; Teresa, com algum sobressalto, e as mais vivas cores. Só o pobre Filipe não conhecia o recém-chegado, e fazia um papel desgraçado, dando à cabeça e chamando Jasmin com momices telegráficas, que o escudeiro teve a malícia de não perceber.

— Quem é este senhor? — perguntou por fim ao abade.
 — Seu tio lho dirá — replicou o eclesiástico secamente.
 O capitão ficou, portanto, como estava.

Jerónimo Guerreiro tinha vinte e oito anos. — A testa espaçosa abria-se ampla aos voos da imaginação, que brilhava nos seus olhos; as bossas frontais desenvolvidas acusavam-se acima das arcadas superciliares, tornando mais funda a ruga vertical, que a reflexão costuma cavar.

O nariz, levemente aquilino, nem grande, nem pequeno, caía com graça, dando viveza às feições despidas da regularidade, que torna feminino de mais o semblante de alguns homens; porém animadas da beleza geral que é a verdadeira formosura em um rosto viril.

As pupilas pardas, luminosas e vivas sem excesso, tinham aquela força de penetração, que parece incutir a alma de quem olha no mais secreto pensamento da pessoa que é vista.

As sobrancelhas pretas e carregadas uniam-se quando a testa se contraía, formando uma linha escura e contínua, debaixo da qual as pupilas chamejantes, sem a boca se abrir, exprimiam toda a veemência de um carácter forte, de um ânimo robusto, e de um espírito acessível às paixões, e à generosidade de sentimentos. Nos olhos rasgados, firmes e penetrantes, falava o coração, e refletia-se a alma, como se observa nas fisionomias meridionais, que não degeneram do verdadeiro tipo.

Bigodes pretos bem fendidos cobriam o beiço, encaracolando as guias à oriental, apesar da moda que mandava rapar escrupulosamente. O resto da cara, barbeado em todo o rigor da época, dava realce à risonha e animada boca.

Não usava de peruca; os próprios cabelos penteados à militar, e só com um ar de pós, desciam em anéis, acompanhando as faces, e caindo sobre o ombro.

A estatura, duas linhas acima da ordinária, era elevada com elegância; o corpo esbelto; os membros secos e não magros inculcavam robustez e agilidade em todos os movimentos. Os pulsos eram fortes e a mão regular e bem feita. A pele muito fina tinha

a cor bastante queimada, como acontece aos trigueiros, quando se expõem à inclemência do tempo.

A configuração da parte anterior da cabeça, a expressão do rosto, e a sagacidade da vista diziam que o valor do soldado se unia ao engenho subtil do inventor; e que, mesmo a braços com o maior infortúnio, a firmeza do coração e a lucidez do espírito haviam de lutar e vencer até onde pudesse lutar e vencer o homem.

A esta organização moral, bem rara, juntava as qualidades físicas. Tinha uma força extraordinária; um lance de olhos infalível; uma destreza incomparável.

Na sua mão, a espada era um raio; as balas não erravam; e os cálculos do inimigo sucumbiam adivinhados por uma penetração maior.

O chapéu de uniforme, agalado, apesar de pouco airoso, assentava com desgarre militar. A farda, espécie de sobrecasaca moderna, caía um pouco acima do joelho, com bandas de forro verde, guarnecida por ambos os lados de passamanes de retrós, e duas ordens de botões da gola ao fim do saio. Sobre os quadris, cintura alta, viam-se as duas portinholas de escotilha, as casas monstros abertas em fio de seda, e os botões de rodinha prateados, clássicos nos filhos de Marte. Os canhões da manga, largos como boca de morteiro, revirados e pregados quase pelo sangradouro por dois botões, deixavam ver a camisa finíssima desde o punho até ao antebraço.

O periquito, ou tira arrocada, aparecia com três dedos de largura, entre a farda e a véstia, em toda a elegância. À roda da cinta estava passada a banda com largas borlas de seda, descendo até ao meio da perna. A espada comprida, de copos doirados, vinha suspensa em um talim bordado. Os calções justos e afivelados abaixo do joelho, e a meia puxada com esmero, completavam o traje do capitão Jerónimo Guerreiro, o oficial mais estimado do exército, e mais bem aceito das damas.

O comendador estremecia este mancebo, que tinha sido seu pupilo depois de perder o pai aos quinze anos, e a mãe poucas horas depois de nascer.

De uma casa rica, e do sangue fidalgo dos cavaleiros de província, Jerónimo Guerreiro fora desde os doze anos educado por Lourenço Teles, devendo-lhe a variada instrução que possuía, e as delicadas maneiras que o tornavam distinto. O velho erudito amava o seu pupilo como filho, aplaudindo muito o seu amor por Teresa, à qual destinou logo uma parte na herança da sua avultada fortuna.

A vocação de Jerónimo chamava-o para a carreira militar; e graças à intimidade do tutor com os homens políticos conseguiu merecido acesso.

Tendo servido cinco anos na marinha real, desgostoso de viver ausente das pessoas que prezava, passou para o exército na arma de cavalaria, e foi então que viu e conheceu a família de Filipe da Gama.

Na guerra da Sucessão obteve o posto de capitão, com que el-rei o premiou de serviços relevantes.

Forte como Aquiles, e astuto como Ulisses, tinha um corpo insensível às fadigas, e um espírito que se deleitava com os perigos, arrostando-os pelo gosto de os encontrar.

No conflito de uma carga de cavalaria viam-no amigos e inimigos, risonho, sereno e invulnerável, abrir caminho até chegar ao ponto arriscado.

Debaixo de um chuva de balas ouviam-no citar friamente um verso, ou dizer um gracejo, com a placidez do académico na sua cadeira curul.

O marquês das Minas, o primeiro capitão desta guerra, só dele confiava as empresas temerárias. Os outros generais respeitavam o seu valor, o seu talento, e o seu raro sangue-frio.

É verdade que da sua parte também ele sabia fazer-se respeitar.

Um mestre-de-campo tratou grosseiramente a officialidade do regimento; devoraram todos a afronta em silêncio; Jerónimo não disse nada, fez-se branco somente, e frisou as guias do bigode entre o índice e o polegar.

Quem o conhecia previu um desforço.

Depois de tudo concluído, o mestre-de-campo recolhia-se a Elvas, quando viu o nosso capitão correndo sobre ele com a

velocidade do relâmpago. Chegando ao pé do oficial, já transido de medo, Jerónimo perfilou o cavalo com o dele; pegou-lhe na mão, e disse-lhe secamente, mas sem alteração: «lembra-se do que disse?» O mestre-de-campo ia desculpar-se, porém não teve tempo, porque foi logo atalhado: «Não responda, que posso ter vergonha de o ouvir. Receio que a sua espada seja mais curta do que a língua. Estamos sós; trazemos armas; é o que basta». O pobre homem suava, tremia, e calava-se.

— Percebo! — continuou o capitão. — Ora bem! Podia matá-lo, ou cortar-lhe a cara com este chicote; mas não quero. Vossa mercê não vale uma carga de pistola; e respeito a farda desprezando o cobarde que a veste. Fique entendendo, porém, que se tornar a descomedir-se, torço-lhe o pescoço e viro-lho para as costas; ao menos uma vez na sua vida olhará de frente para o inimigo. Tome sentido!»

Dito isto fitou-o e sacudiu-lhe o braço com tal doçura, que uma semana esteve em tratamento.

Enquanto se deram estas explicações indispensáveis, o comendador mandava preparar o quarto do capitão, sentava-o ao lado de Teresa, e fazia-lhe o prato, sentindo-se remozado com a sua presença. Filipe já tinha obtido algumas informações, e olhava para o recém-chegado com tal curiosidade, que Lourenço Teles julgou conveniente apresentá-lo ao seu pupilo para acautelar um relance, que a delicadeza do sobrinho tornava mais que provável.

— Jerónimo, aqui está um defunto ressuscitado! É meu sobrinho Filipe da Gama, que julgamos morto, enquanto ele comia lagartos e serpentes nos sertões da América. Vem achar-nos mais felizes do que nos deixou.

É inútil acrescentar que Filipe recebeu do mancebo as devidas felicitações, dadas da abundância do coração, como era natural da parte do amante para o pai da mulher que adorava.

Acabado este incidente, tornou-se geral a conversação, e Lourenço Teles encetou o capítulo escabroso dos casamentos de inclinação, ponto que discutia todos os dias com seu sobrinho, para o trazer à observância dos respeitos consagrados ao belo sexo.

Apenas o antiquário expôs o assunto, Teresa fez-se muito vermelha; Jerónimo sorriu para disfarçar o sobressalto; Madalena suspirou; e Filipe tomou a palavra e principiou a refutação das ideias ultraliberais do velho sábio.

— Com licença do tio — disse em alta voz — esses amoricos são asneiras. Um casamento é um casamento, e não me contem histórias. Faz-se negócio, ou não se faz. Eu tenho dez, a mulher traz vinte, serve-me, e caso. Madalena que o diga. Nunca lhe pus os olhos em cima senão oito dias antes de irmos à igreja. O mais é frioleira. Sei o que digo.

O comendador estava em brasa. Tossia, escarrava, contorcía-se, e mostrava por todos os modos imagináveis o seu enleio.

— Então compara as mulheres a um fardo e troca-as a dinheiro? Casa-se por uma conta de somar?! Que seja prendada ou tola, que ame ou aborreça o marido, que traga a discórdia ou a paz ao seio da família, isso não vale nada. O essencial é que derreie os galegos com os dobrões do dote?

— Tal e qual! Eu cá penso assim. Não me falem de rolinhas e de rouxinóis; pão pão, queijo queijo; o mais é farelório!

— Bem se vê que saiu do sertão! — exclamou o erudito escandalizado.

— É a minha birra, e acabou-se! Não engulo gato por lebre. Então que quer? Chega um bonecrito de alcorce e entra a suspirar diante de uma espevitada; fazem-se piegas; piscam os olhos; pisam-se, choramingam, e dizem aos pais que estão namorados e querem casar. Belo! Se fosse eu, pegava de um pau e curava-os logo; mas há estômagos para tudo. A mãe, tão tola como eles, deixa-os ir, ou encobre-os. O pai faz beicinho e cede. Casam; e daí? No fim de dois meses foi-se o amor e fica a pobreza. Esgatanham-se e desquitam-se. Ora muito obrigado! Para cá vinham de berlinda. Meta-se alguém nisso!

— Filipe, bem diz o abade, vossa mercê é um selvagem! — gritou Lourenço Teles, vermelho de raiva.

— O abade?! — clamou o sobrinho, dardejando ao defensor dos reis calígrafos um olhar ferino. — Pois o abade tem a

confiança de me chamar selvagem? Meu amigo, feche a boca e não engula gato por lebre. Ensaboe e penteie os cãezinhos da marquesa das Minas, e deixe-se de meter o nariz na vida alheia, se não agouro-lhe que morre sem costelas.

— Sr. Filipe! — bradou o apologista das barbas históricas — não se exceda! Estou cansado de aturar a sua brutalidade.

— Sim? Porque não nos deixa em paz? Quem lhe pega? Favoreça-nos com a sua ausência.

— Filipe — disse o comendador, pondo-se em pé, cor de púrpura — dê imediatamente uma satisfação ao senhor abade Silva. E se ele lhe fizer a honra de a receber, sente-se e porte-se com decência. Se não pegue no chapéu e saia.

O capitão, olhando de revés, resmungou uma satisfação ao abade, que a ouviu com a dignidade imaginável. Esta noite cotou-se a noventa por cento acima do par o seu ódio ao perscrutador das bexigas doidas. Lourenço Teles, mais sereno depois desta penitência, supôs a ocasião oportuna para tirar uma conclusão positiva, e por isso prosseguiu:

— Sustento que o casamento de interesse é uma tirania; e Teresa que o diga; se ela não amasse o noivo quase desde criança; se ele não a adorasse também desde que a conhece, daríamos consentimento para a sua união, minha sobrinha e eu? Decerto não! Prezamos mais a felicidade de Teresa, do que as maiores riquezas; e, graças a Deus, o que temos ainda chega para a dotar... Mas que tem vossa mercê, Filipe? Que olhos tão espantados! Estamos em família; isto são coisas sabidas.

— O que tenho? — exclamou Filipe esfregando a testa e muito corado. — Tenho tudo. Pelo que vejo trata-se de casar minha filha, e por muito favor dizem-me duas ou três palavras. Vai bonita!... Aposto que a ideia saiu dos cascos daquele seressa? Aqui por força anda o abade, e a sua mania casamenteira! Isto um dia acaba mal; eu deito-me a perder com este parasita.

A alocação de Filipe e a sua apóstrofe ao abade Silva foram tão abruptas, que desataram todos a rir, menos a vítima, que repetia a meia voz:

— Não há que ver. O selvagem cada vez está pior!

Acalmado o riso, citado Filipe de novo para se conter em termos hábeis, sob pena de exclusão, continuou o diálogo:

— Posso saber quem é a joia, que o tio me encaixa para genro?

— Um cavalheiro de província dos mais ilustres; uma pessoa a todos os respeitos capaz de fazer a felicidade de Teresa. Quando vossa mercê andava pelos matos do Brasil a assar macacos, sua mulher e eu demos a nossa palavra, e ajustou-se o casamento. Cuidei que estava informado.

— Não estou, não senhor! Deixa estar, sonsinha, que tu as pagarás! — disse depois olhando para Madalena, cheio de cólera. — Sabes desta embrulhada, e não me dizes nada?! Fazes de teu marido um pau mandado! Eu te ensinarei.

— Filipe! — acudiu Lourenço Teles indignado. — Isso não são termos de falar a uma senhora, nem de falar a ninguém. Não me obrigue a dar algum passo que lhe seja sensível. Se não sabia, sabe-o agora. Bem vê, Teresa não podia casar sem licença de seu pai.

— Agradeço muito. Até aí chego eu sem ir a Coimbra. Tanto não sabia de nada, que vem cá amanhã um antigo amigo para lhe mostrar Teresa, e no caso de lhe servir, ele a levará se o tio não mandar o contrário.

— O que é mais que provável! Que idade tem o seu *antigo* amigo?

— Sessenta e oito anos. Homem maduro, pé de boi, cá dos meus, enfim.

— Famoso! Maduro que nem uma sorva? E a figura?

— Sofrível! Para dizer a verdade, um pouco pior do que eu, mas é que eu...

— Entendo! E génio?

— O génio... o génio... é fuscozito; não o nego. Homem do mar costumado a cingir com um cabo o mais pintado. Mas olhe, fora dos repentes é um cordeiro. Se a última mulher que teve...

— Ah, é viúvo?

— Três vezes! e capaz de enviuvar quarta.

— É consolador!

— Então o que fez ele à última mulher?

— Quase nada. Deu-lhe ensino. Era atrevida, e Bernardo, em estando quente (é o seu defeito! todos temos por onde perder) não sofre graças. A verdade é que lhe quebrou os braços, e abriu a cabeça umas poucas de vezes. Assim mesmo morria por ele!

— Sim? — gritou o velho erudito que se contivera. — Pois, Sr. Filipe, se esse galego tiver a lembrança de entrar, só que seja entrar nesta casa, conte que sai pela janela a pontapé dos meus lacaios. Um bêbado! Um bruto! Um marujo! Vossa mercê é idiota, é incapaz de estar diante de gente.

— Tudo isso assim será, mas pergunto: quem é o pai de Teresa?

— Vossa mercê não é nada! Quer dizer, está doido. Não se arrisque a desobedecer-me, trazendo aqui semelhante compêndio de vícios! Que os meus olhos o não vejam por seu bem, e dele. Lembro-lhe que há torres em Portugal, e que tenho amigos. Agora, se deseja conhecer o noivo de Teresa, levante a vista, e compare (se não tem vergonha de o fazer) o alarve de que falou ao meu pupilo Jerónimo Guerreiro. Dê graças a Deus! O amor que ele tem a sua filha há de decidi-lo, apesar do que houve, a ligar-se com um sogro como vossa mercê.

Os circunstantes estavam corridos da cena que presenciavam. Madalena, chorosa, soluçava; Teresa olhava para Jerónimo com ar suplicante; Cecília, vermelha como uma rosa, padecia por sua mãe e por sua irmã ao mesmo tempo.

O pupilo do comendador encolhia os ombros, frisava o bigode com os dedos, e animava Teresa com os olhos.

O abade, com as cores da ira acesas, encostava a barba à palma da mão, com silenciosa dignidade.

Frei João, convulso e envergonhado, amiudava por baixo da mesa os pontapés nas canelas de Filipe, para o advertir da incongruência, e recebia em paga uma blasfêmia, ou uma interjeição fatal.

Finalmente Jerónimo Guerreiro levantou-se, e chegando-se a Filipe, disse-lhe com respeito e delicadeza:

— O Sr. Filipe pode estar certo de que sou incapaz de receber a mão de Teresa contra vontade de seu pai.

— Estimo. Mas não tenha cuidado; até ao levantar dos cestos é vindima.

— Não gaste cera com ruins defuntos, Jerónimo — acudiu Lourenço Teles.

— Posso saber que defeitos devo corrigir para merecer a sua bondade?

— Sim senhor. Mas antes, faz favor, responde-me a uma coisa?

— Com todo o gosto.

— Esteve fora do reino?

— Cinco anos.

— Bom. Viu lá tratar algum pai como eu sou tratado? Agora quer que lhe diga a verdade? O que eu desejo para Teresa é um marido, que não caia do bote com o balanço da maré, e não enfie de medo vendo um jacaré empalhado. Quero um marido homem, e não um marido piegas, enjoado, e todo sopinhas de mel. Percebe? Isto não tem réplica. O senhor é um militar de água doce, e não me convém. Adeus, meu amigo, tenho dito.

— Jerónimo, deixe esse urso! — gritou o comendador com a raiva a fuzilar nos olhos; porém o mancebo fez que não percebia, e sem se desarmar da paciência com que ouvira tudo, continuou:

— Engana-se. Antes desta farda vesti a da marinha real. Não sei se as ondas da baía de Biscaia, e do golfo Pérsico são doces; ou se as águas de Goa, de Malaca e da América são serenas; diga-o quem as navegou. O que sei é que vi fuzilar os raios no Cabo da Boa Esperança, e ouvi rugir o pampeiro nas costas do Brasil. Creio que chega para não enfiar no mar.

— Fala sério? É dos meus?

— Muito sério.

— Bem! Porque não dizia isso, homem? Toque! O que fazia nesses assados, aqui para nós, da pele do Demónio?

— Quais assados?

— Os pampeiros!

— Ah! Pouco mais ou menos o que fiz em Malaca, em um dia de tormenta. Lembra-se da nau *Conceição do Tejo*?

— Pois não lembro! Bonita quilha, por sinal! Tanto me lembro, que se ela não viesse a Malaca estava na barriga de algum tubarão. Foi sábado, dia de São Bartolomeu, não me esquece. Saí do porto na minha lancha, com a manhã de rosas, e o mar de leite. Sobre o meio-dia carregou o tempo, e levantou-se o vento: — aquele excomungado ventinho que sabe, e que é um cavalo à desfilada. Estamos servidos! Amaina-se a vela, e a remos; qual! Pah, pah! Cada pancada no costado, que gemia a lancha. Safa! Enfim, por encurtarmos razões, uma onda como uma montanha desaba, apanha a casca de nós atravessada, e vira-ma de tampos para o ar. Não sei como, achei-me a cavalo no mastro, e agarrei-me. Digo-lhe que nunca bebi tanta água em minha vida, puf! O caso é que estava a vinte braças do porto, via os amigos falando muito, mas sem bolirem pé nem mão, e eu a afogar-me por um triz. Que amaldiçoada canalha é aquela gente baça! De repente, um escalerzinho sai pela popa da nau, e boléu daqui, boléu de acolá, proa abaixo, proa acima, vence-me a corrente, corta-me o tufão, e chega-se ao pé de mim. Nunca o perdi da ideia! Trazia só um rapaz de dezoito anos; e a chuva escorria-lhe da cabeça até aos pés. Vinha amarrado pela cintura; e remava como quatro bons malaios não remam às vezes. Mesmo já ao pé de mim bate uma rajada, e uma onda, que meteu o escaler quase debaixo de água... Estamos gualdidos, disse eu! Qual! O escaler virou com uma força, e uma rapidez, que a segunda onda não o apanhou já atravessado. Depois o rapaz deitou-me um cabo, eu segui-o, e daí a nada, achei-me dentro. No meio do perigo, com a morte diante a cada momento, juro-lhe que a criança estava sossegada, como se passasse por sua casa. Hei de lembrar-me sempre do sorriso com que me disse: «Chegue-se um pouco; o melhor da festa ainda não passou!» Com efeito, disseram-me depois que tinha sido o Diabo!

— Disseram-lhe? Pois não ia dentro? — interrompeu o velho erudito, que se agasalhava com a sensação egoísta, que dá o conchego, quando sentimos assobiar o vento e cair a chuva, achando-nos ao pé de um bom fogão.

— Disseram, sim senhor: porque um homem não é de ferro; e não sei como, ao entrar para o escaler, apanhei uma brecha na cabeça, que me esvaiu em sangue. O caso é que perdi os sentidos, e, quando tornei a mim, estava na cama e salvo de todo o perigo.

— E nunca soube quem era o rapaz?

— Nunca! Na madrugada do dia seguinte, saiu a nau, e por mais que perguntei, nem rasto dele. Dava mil dobrões a quem me desse notícias. Ia à Índia outra vez, oh se ia!

— Não é preciso, Sr. Filipe — atalhou Jerónimo sorrindo. Depois levando as mãos aos cabelos, espalhou-os pelo pescoço, deu ao rosto uma expressão risonha e audaz, e, carregando os olhos, atirou a cabeça para trás, com um gesto de suma ousadia, dizendo em voz firme: «Capitão, nestes mares, os homens trazem a vida a juros, e um descuido custa caro. Bebe um copo de aguardente de caju?»

— É ele, é ele — gritou Filipe abraçando e beijando o mancebo. — São as palavras que me disse. É a sua figura, o seu modo, a sua voz. Madalena, filhas, ajoelhem! Aqui está quem salvou vosso pai.

— Sossegue, capitão. Não me envergonhe. Isso não vale nada.

— É um herói! Devo-lhe a vida! — clamava Filipe.

— Deve-a a Deus. Sabe o que lhe peço? Para outra vez tenha mais caridade connosco, com os soldados de água doce. Conheço mil mais destemidos no mar.

— Essa não creio eu! Pois, Sr. Jerónimo, coração nas mãos, veja o que manda, porque tudo o que tenho é seu. Sem cerimónia! Gosta de Teresa e ela do Sr. Jerónimo? Casem quando quiserem. Dêmos que ela não queria, era o mesmo, casava com anjinhos nos dedos. Quer Cecília? Pronto! Quer ambas, faço-me turco, e dou-lhas. É claro como água. Salvou-me a vida. Eu cá ando assim.

Jerónimo sorria-se, e respondia a Filipe com abraços. Lourenço Teles esfregava as mãos de prazer; e as meninas choravam de alegria.

— Ah, Jerónimo! — disse o velho erudito — os rapazes de agora sabem mais do que os velhos. Conheceu Filipe, e calou-se.

Queria esperar a ocasião, e confundir esta Efigénia masculina, dando-lhe o Orestes que chorava?

— Cartas na mesa, e jogo liso! — respondeu o mancebo. — Ao princípio não conheci o Sr. Filipe. Depois de o ver e ouvir um pedaço é que me afirmei. Estimo infinito que um acaso feliz me proporcionasse a ocasião de prestar ao pai de Teresa um serviço insignificante.

— E sem saber ainda que o era!

— Decerto — acudiu Filipe. — Eu casei no Porto, e de lá parti para a Índia. Três anos depois deram-me por morto. Minha mulher veio para casa do tio...

— Seis meses depois da sua partida. É evidente. Nesse tempo nem Jerónimo conhecia ainda Teresa. Embarcou, também, um mês antes dela vir para Lisboa. Mas diga, sobrinho, que tal acha seu genro?

— Ótimo, tio. Ouve! Se amanhã vier?...

— O seu amigo?

— Justo! Domingos que o sacuda. Quando casam eles, tio?

— Se Teresa me fizer as vontades, e se roubar dois beijos ao seu noivo para dar ao avozinho, enfim, se não pedir muito... daqui a oito dias.

— Teresa, fale, dê os beijos, peça ao avô! — gritou Filipe.

— Peça eu — disse Jerónimo sorrindo.

— Devagar com os dois beijos! — acudiu o velho cheio de júbilo.

— Posso agora dizer duas palavras a Teresa, e dar uma lembrança a Cecília?

— Já lhe disse: o que é meu, é seu. O que quiser. Sei o que faço — respondeu Filipe sepultando as mãos nos bolsos da casaca.

Jerónimo disse duas palavras à noiva, que entrou logo com a irmã para a saleta imediata, enquanto o mancebo ia de volta buscar o presente que trazia à menina bonita do comendador. Apenas desapareceram, Filipe saltando aos beijos em sua mulher, com grande escândalo do abade, e muitas risadas de Lourenço Teles, exclamava:

— Tens mais juízo nas solas dos pés do que eu em toda a cabeça, Madalena. O rapaz é uma pérola. Mas há de levar um dote... de arrombar o costado aos invejosos. Tu verás! Hei de dar que falar em Lisboa.

— Pelo amor de Deus, sobrinho. É capaz de me deixar sem uma cadeira, se lhe dá para fazer bulha!

Todos se riram; e Lourenço Teles, retirando-se de parte com Filipe e Madalena, começou a tratar das condições do casamento.

XIII

NEM TUDO O QUE LUZ É OURO!

Davam nove horas na igreja do Loreto. O dia agreste e carregado estendia sobre a cidade um toldo de nuvens; a chuva caía miúda e contínua; e a espaços os ecos repercutiam o surdo e rolante estampido dos trovões, voz lúgubre da tempestade, que circulava ao longe os horizontes. O clarão açafroado dos relâmpagos lambia de vez em quando a coroa dos montes, que além do Tejo, e defronte de Lisboa, erguem uma linha cinzenta e irregular, neste momento quase fechada por uma cortina de chuveiros.

Viam-se desertas as ruas; e somente de vez em quando uma ou outra mulher, encolhida de frio e embuçada no mantéu até à altura dos olhos, pisava as sujas e mal unidas calçadas. Apenas se divisava o capote e o chapéu de quinas do homem ativo, saltando pé aqui, pé acolá, os riachos que se cruzavam dos becos e travessas. As janelas, com as rótulas corridas, e as portas cuidadosamente cerradas, inculcavam que a população, recolhendo-se, fugia da tormenta, já iminente sobre a cidade.

Na casa professa de São Roque, no dormitório de cima, havia um aposento espaçoso, agasalhado e cheio de estantes, que o vestiam de alto a baixo, chamado a secretaria reservada. A imagem

do patriarca Santo Inácio, curiosamente lavrada, levantava-se no topo em vulto quase natural, alumada por duas lâmpadas. Doze poltronas largas e maciças circundavam um desses bufetes, grandes para o maior aposento, e pesados para o melhor sobrado. Tinteiros e pastas de papéis, livros de comércio monstruosos, maços de cartas e cofres marchetados de diferentes tamanhos, cobriam o bufete. Defronte da porta da entrada abria-se outra mais estreita, cuja chave trazia sempre o superior. Esta casa fechada era um segredo impenetrável para os padres que não formavam o definitório secreto da Companhia de Jesus.

Seriam oito minutos depois das nove horas, e o sino da igreja chamava para a última missa os fiéis à oração e ao sacrifício. Cheios de ânimo, os confessores embuçavam-se nas capas, e acudiam a espertar o zelo das devotas. Os filósofos e os literatos aproveitavam o ócio forçado, revendo as mais escabrosas páginas dos seus livros, comparando textos e corrigindo notas. Os caixeiros de roupeta, sentados ao bufete, escrituravam a contabilidade da congregação, talvez mais rica e complicada ainda do que a da casa dos contos do Estado. Enfim, os políticos, os conselheiros ocultos com mil cautelas esquivavam-se, para aparecerem logo depois na secretaria reservada. Em toda esta religiosa casa unia-se a atividade à bem calculada distribuição do trabalho. Tudo se multiplicava desde o zelo até à riqueza.

Havia duas horas que funcionava o conselho secreto na casa indicada. Estavam escrupulosamente fechadas as portas, e corridos os reposteiros. As grossas paredes eram discretas; os altos sobrados não deixavam passar a voz. Em face da entrada via-se a porta duma cela, à qual, de vez em quando, assomava a cabeça branca e a vasta fronte do padre Ventura. Espreitava um momento, encolhia os ombros, e tornava a sumir-se sem denotar a mais leve alteração. Esta cena muda repetiu-se por umas poucas de vezes. De repente, ouviu-se rodar uma sege que parou à portaria; e todos viram apear um jesuíta. Minutos depois o passo firme e a alta estatura do padre notaram-se em direção à casa das conferências. Chegando à porta, o jesuíta deu com a mão certo

número de toques; esperou um instante, e foi imediatamente introduzido.

Então é que o padre Ventura saiu da cela, e de capa, com o chapéu na mão, como quem vinha de fora, seguiu as pisadas do outro sócio. Somente variou de número e de força nos sinais. Os seus eram mais rápidos e rijos. Respondeu-se de dentro com um toque de prevenção para verificar a identidade do adepto, e ouvidas nove pancadas sucessivas abriu-se a porta; a entrada foi-lhe patenteada, e todas as dificuldades desapareceram.

O padre Ventura, entrando, achou-se diante do superior, e trocou com ele o toque simbólico dos definidores ocultos da Companhia. Cinco sócios compunham o definitório secreto da província de Portugal; e destes estavam assentados quatro com grandes pastas abertas diante de si. O confessor de D. Pedro II, o padre Sebastião de Magalhães, homem gordo, corpulento e compassado em gestos e palavras, passeava pela casa olhando de revés para o recém-chegado, que provavelmente o viera interromper.

O padre Ventura não parecia o mesmo homem. Tinha despedido a fisionomia da eterna afabilidade, que lhe servia de máscara; o sorriso permanente já não florescia nos lábios, recolhendo-se nos cantos da boca em uma prega severa. Os olhos tinham luz, mais reflexiva e penetrante; as feições tinham expressão, porém fria e concentrada. Apesar dos anos, o corpo carregava direito e sem fadiga com o peso da idade; a cabeça não descaía, nem se inclinava para a terra; pelo contrário, firme e resoluta, olhava talvez de mais para cima, para as alturas do céu. As maneiras, encolhidas e humildes antes, desatavam-se agora com o desembaraço que dá a força e o poder. Do homem velho, do antigo jesuíta obscuro, obediente e passivo, que todos conheciam, não restava nada. A crisálida rompera o cárcere, voando solta e forte pelos espaços infinitos da liberdade.

Costumado aos segredos tortuosos da política jesuítica, o superior não agoirou bem de tão súbita transformação, e quis soletrar naquele rosto impenetrável a primeira frase do enigma.

Debalde! A finura da vista desarmou o seu olhar; a serenidade do semblante derrotou as interrogações. Desta vez a esfinge confundia Édipo! Desesperando da análise tácita, o reverendo padre apelou para a palavra, tentado do orgulho de levantar uma ponta ao véu, que encobria o mistério. Compondo, pois, o rosto e a voz, exclamou com a mais açucarada benevolência:

— O que é isto! Tínhamos entre nós um irmão distinto? Vossa paternidade encobrindo a sua qualidade, ignora o prejuízo que nos fez, perdendo-se um voto respeitável? Resta-nos só a satisfação de que não foi por nossa culpa! Julgámo-lo entregue à direção espiritual das almas; dizia-se que passava à Índia ou à China... Eis o que nos disseram de Roma unicamente!

Um sorriso mais do que amarelo, fugindo pelos beiços finos do italiano, provocou no ilustre areópago maior curiosidade ainda. Depois, a bela frente do padre Ventura derribou-se pesada sobre os sobrolhos; a vista cortante e aguda cravou-se no coração do interlocutor e dos ouvintes; e caiu depois indiferente em um maço de papéis, que trazia na mão o confessor de el-rei. Antes de responder, o padre Ventura tossiu de leve e inclinou-se; depois, segundo o seu costume, replicando à alusão mais próxima, redarguiu:

— É verdade; a direção espiritual foi e será sempre a ocupação preferida da minha vida. Auxiliar a pregação do evangelho no Oriente ou na América; corar o luto da túnica das vivas púrpuras do martírio, eis o voto ardente do meu coração, já frio e cansado para coisas mais ativas. Não quis, nem quero mudar de caminho... Entretanto, como sabe, não temos de nosso mais que as boas obras, que se contam no Céu. O corpo deve ir para onde o mandarem; a vontade há de ser uma escrava!... Pedi que me deixassem morrer nos sertões, cravado na árvore, atanzado no braseiro, como por mãos de selvagens acabaram tantos santos da Companhia... Esperava esta graça depois de uma velhice trabalhosa... não foi possível! A soberana sabedoria do geral quis outra coisa; seja feita a sua vontade na Terra, e a de Deus no Céu. Não me queixo; alegro-me. É mais uma dor para oferecer Àquele que tantas padeceu por nos salvar...

— Decerto! Mas estivemos todos até hoje em completa ignorância... Apenas, por ocasião da sua vinda, se nos fez saber que um sócio nosso, vossa paternidade, devia ir em março para a Índia! Era impossível adivinhar! — insistiu o provincial, derrotado e cada vez mais sequioso de devassar um segredo importante. Depois vossa paternidade pela sua parte nunca tocou em ficar, ou em sair, e de tudo isto resulta...

— Que não soube nada? É exato. Pois a mim sucedeu-me outro tanto. Posso-lho assegurar. Cheguei aqui devendo partir, e achei ordem de esperar. Vossa reverendíssima, se bem me lembro, foi quem a intimou... Mandaram-me viver só e silencioso; calei-me. Hoje quem pode, diz: o mundo há de falar, o paralítico deve caminhar; e aqui estou com tanta satisfação de obediência, como outros andam soberbos com a idolatria do paço, onde a nossa remendada roupeta podia aparecer menos, para não faltar onde tão precisa é.

Dizendo isto, os olhos do padre, como duas balas, metiam o veneno da alusão na alma do confessor de el-rei, a quem visivelmente a dirigia. Sentiu este a ferida pela dor, e levantou a cabeça com espanto. Sebastião de Magalhães mediu o agressor de alto a baixo; disparou-lhe por baixo do vidro dos óculos um olhar de dó; e acabou a réplica silenciosa por uma visagem pouco amável. Feito isto, o reverendo sábio continuou a escrever pausadamente sem fazer mais caso da ínfima criatura, que se atrevia com grosseiros chascos contra pessoa tão conspícua. O superior entendeu, porém, que seria conveniente pronunciar duas palavras para incensar o ídolo.

— Vossa paternidade não deseja decerto censurar as ordens de Roma. Se vamos ao paço, e alguém mora lá, é tudo por obediência. A nossa humildade dá-se mal naqueles ares... Lembro-lhe que no seu zelo demasiado ofendeu pessoas virtuosas, que em serviço de Deus e da Companhia se resignam às tribulações e amarguras...

— Que o poder dá aos ambiciosos? — atalhou o padre Ventura sorrindo. Depois em voz severa prosseguiu: — O pior

é que se não vê gemer a alma desses mártires clandestinos; e se a vista se volta para a carne, acha-se que floresce por milagre da penitência!... Ora bem. Sabe o padre provincial aonde Santo Inácio escreveu a nossa regra? Na cruz de Cristo. Sabe aonde a meditou? No ermo, e não no povoado. Ora a cruz diz pobreza, humildade e sacrifício. A regra quer que o homem novo dispa o homem velho; que a alma deixe o corpo, e o sangue corra das veias, se preciso for! Sublime doutrina, em que o indivíduo é imolado à humanidade, a ponto de sermos na mão dos superiores o bastão do cego, um instrumento passivo; de nos compararmos a um cadáver, coisa morta, que vai para onde a levam, e fica aonde a põem... Foi o que me ensinaram. Agora se nesta província chamam mortificação à gula, pobreza ao fausto, e humildade ao orgulho, digo só que ainda é mais falso e gangrenado o coração dos maus, do que a sua língua. As ordens de que fala, padre provincial, não vieram de Roma, são de Espanha; e, executando-as, peca duas vezes. Cuidei que já aqui sabiam que faleceu Tirso Gonçalves, e que Miguel Ângelo Tamburini, seu sucessor, é hoje o geral da Companhia!

O efeito da apóstrofe foi imediato e fulminante. O fogo da vista do padre Ventura, a dignidade do gesto e a firmeza da voz aumentavam-lhe a força, petrificando os assessores. O confessor de D. Pedro II, sobre o qual de direito recaía a melhor parte da censura, parecia possesso. Presa pelas sufocações da ira, a sua respiração gemia no peito; as faces, em listas, ou antes vergões carmesins e lívidos, cada vez se entumeciam mais; as alvas dos olhos amarelas, e as pupilas dilatadas pareciam querer saltar na cara do agressor, dardejando raios de cólera. Sua reverência estava perdido da cabeça. O queixo inferior, as duas roscas que pegavam à barba, e o vínculo trémulo que entalhava a feição das faces, tudo isto sacudido pelo abalo da fúria se encrespava, descompunha e desfigurava de um modo incrível. Escarnecido em presença dos seus aduladores, ele, o potentado que tinha nas mãos a chave da consciência real, a chave do poder! A indignação tolhia-lhe a fala. Se a sua eloquência chegasse a desatar-se, podemos afirmar que as Verrinas de Cícero achariam um rival temível.

O provincial tinha diverso carácter e oposta organização física. Magro e cadavérico, quando o punham, os olhos encovados naturalmente sumiam-se, e os beiços delgados tornavam-se imperceptíveis, ao passo que a palidez usual degenerava em uma cor térrea e biliosa. Foi o que lhe sucedeu neste lance. Houve somente de mais um sintoma novo. O sorriso lívido que lhe visitou os lábios, volteava convulso em redor da boca, mais semelhante à contração nervosa da fera, do que a um sorriso humano. Tão irritado como o confessor, e mais ansioso de vingança, mesmo no auge da raiva as palavras e maneiras do superior eram carinhosas. Frio, inexorável e dissimulado, antes de ferir calculava as dores que podia causar.

Revestido da suprema autoridade em Portugal, e afeito à servidão quase abjeta dos inferiores, o prelado com o rei da sua parte podia tudo no presente, e pouco se temia do futuro. Sentia menos a ofensa pessoal, do que a injúria feita ao seu governo. Escandalizou-o a audácia do jesuíta, e para a cortar a tempo, a sua longa experiência advertia-lhe que não devia perder a ocasião. Decerto o padre italiano contava com o apoio de Roma, e não se expunha cegamente: mas de Roma a Portugal era longe; e ele em sua casa e na sua terra pouco receava. Depois de salva a sua influência, responderia ao Geral, e se necessário fosse com uma ordem régia na mão. O todo consistia em se defender a tempo, suplantando um émulo, que na impenetrável política da Companhia não estava ali sem missão secreta.

Feitas estas reflexões preparou-se para mostrar que tinha os ombros fortes para o peso que podia cair sobre eles.

— Vossa paternidade excedeu-se! — disse ao italiano com brandura hipócrita. — Sinto que, esquecido do seu lugar, não respeitasse o meu. Esperemos em Deus, que seja pela última vez! Como irmão advirto-o do pecado; como prelado sou obrigado a corrigi-lo. Fica suspenso do voto e do exercício. Diga a culpa; e de joelhos antes de se recolher ao cárcere para recordar os exercícios espirituais, peça perdão na pessoa dos reverendos padres a toda a Companhia, que ofendeu.

O padre Ventura sorria-se e cruzava os braços, medindo-o com a vista, e fulminando-o com a serenidade.

Na resposta que deu, o que devia admirar-se era a extrema doçura da voz:

— Sabe há quantos anos choro neste vale de lágrimas, e quantos conto hoje de noviciado e de profissão?

— Diga a culpa, obedeça! — atalhou o padre Sebastião, arremetendo com ímpeto.

— Não se agaste, padre-mestre: hei de dizer as suas, as minhas, e as culpas de todos nós; temos tempo! Observe, porém. Tenho setenta anos de idade, e visto esta roupeta de escravo de Jesus Cristo, há quarenta e cinco pelo menos. Preguei na China e no Japão; estive na América e na Índia; e do ardor dos trópicos, e também dos gelos do Norte, sei por experiência o que os outros aprenderam por notícia... Padeci fome e sede; vi a morte mais cruel umas poucas de vezes diante dos olhos; os idólatras ataram-me ao braseiro; e a misericórdia de Deus valeu-me sempre...

— Padre Ventura, era melhor — acudiu o prelado — que obedecesse! Tudo isso o que prova é que a idade e as peregrinações lhe não deram o que devia ter: experiência e humildade. Sinto ver-me obrigado a notar-lho; confesse a culpa, e faça penitência, porque pecou.

— Soberbos são os juizes que sentenciam contra a lei — replicou o padre Ventura com um gesto cheio de majestosa indignação. — Soberbos e iníquos, porque têm na boca a paz, e no coração o ódio; perversos, porque renegam do exemplo e da palavra do mestre para saciarem os ímpetos da vingança. Cuida que o remorso e a verdade se calam, se a minha língua ficar silenciosa? Julga que os olhos dos outros não veem a capa do jesuíta, a pobre capa do peregrino, posta por cima do manto real? Padre provincial, com a minha idade viu nunca a ovelha acompanhar com o lobo, ou a avezinha adormecer ao pé do milhafre? Padre Sebastião de Magalhães, supõe que os quarenta anos de hábito não ensinam a separar o trigo do joio? Não se enganem. Sei o que digo; e posso o que devo!

— Nem uma palavra, padre Ventura! — exclamou o superior, cedendo finalmente à raiva. — Não teme que se abra o chão e o sepulte?

— Creio em Deus, padre superior! A justiça divina castiga a realidade, e não o nome dos pecados; se não puniu os hipócritas, espero que não punirá o moralista, porque os chama pela odiosa palavra que os designa!

— De joelhos, diga a culpa, obedeça, ou...

— Manda-me pôr a mordança na boca, como fez o geral Tirso Gonçalves a um definidor que não quis ouvir? Digo-lhe que o deseja, mas que não pode. Esse padre, há de conhecê-lo de nome, era Miguel Ângelo Tamburini, hoje sumo prelado da Companhia. Sabe o que sucedeu daí? Tirso Gonçalves morreu pouco depois, e Miguel Ângelo, exaltado pela afronta e pela resignação, subiu à cadeira do defunto por voto unânime. Lembre-se que só pode reger os outros, quem for capaz de se vencer a si!...

— É de mais! É um desprezo da minha autoridade...

— Porque a tenho superior! Porque posso precipitá-lo do alto da soberba! — exclamou o padre Ventura em voz imperiosa e com gesto soberano. — Para ler no coração do homem é preciso despi-lo da mentira. Li no seu, padre provincial, como leio no de todos os que o ajudam a arruinar a disciplina da Companhia. Ora bem! Há meia hora que lhe estou ensinando o caminho, e arredando os passos do abismo; mas está escrito que o cego será despenhado! Devia concluir das minhas palavras (e isso prova que o lugar excede a sua perspicácia), que nesta idade, e com os quatro votos, sabendo o governo e a regra do instituto, nenhum inferior fala ao prelado como eu falei sem autoridade suficiente! Chegou o dia de acudir ao navio que perde o rumo, e de tirar do leme o mau piloto. Quero que a antiga divisa da Companhia, o verbo de fogo do seu poder, o espírito da sua força, resplandeça aos olhos do mundo como nos antigos tempos. Para maior glória de Deus! *Ad majorem Dei gloriam!* Eis as letras sagradas do tenente de Deus na Terra! De hoje em diante, nesta casa, o prelado sou eu, e ninguém mais. É a minha vontade.

Dizendo isto, tirava do seio um pergaminho revestido do selo do geral, e lacrado com as iniciais do seu anel. Este diploma era a nomeação do padre Júlio Ventura para o cargo de visitador assistente nas províncias de Espanha e Portugal, com direito de suprema decisão sobre os negócios, e absoluta autoridade sobre os prelados, devendo as suas ordens serem respeitadas inteira e cabalmente como se emanassem de Roma.

É impossível descrever o estado em que ficaram o confessor, o provincial e os assessores diante da repentina revelação. O medo, o ciúme e a raiva, combatendo-se, subiram-lhes ao rosto e pintaram-se neles com todo o calor que os abrasava. Cada fisionomia era uma imprecisão muda; cada gesto uma blasfêmia tácita contra o poder invisível que os desterrava do governo para a humildade da obediência. Entretanto, o laço que os unia era de diamante; ninguém imaginou resistir.

Depois de ler a provisão do geral, com a boca cheia de fel, dando conhecimento dela a todos, o superior tirou um livro do seu armário secreto, e registou o fatal diploma; os assessores, pálidos e trémulos, assinaram com ele, e a revolução ficou consumada. De cabeça inclinada, olhos no chão e braços caídos, esperavam em silêncio que a voz do novo prelado lhes restituísse a força e o movimento.

Este observava-os calado; somente a sua vista falava por ele, quando, ferindo de repente a um ou a outro, colhia na passagem o mau pensamento que lhe devorava o coração. O sorriso, o sereno e doce sorriso do antigo padre Ventura, brincava outra vez nos seus lábios; e a luz reflexiva e penetrante dos seus olhos realçava a finura da fisionomia. Terminada a leitura e o registo, o italiano pediu e recebeu todas as chaves, quebrou a pena dobrada do prelado para indicar a suspensão do seu governo, e com passos lentos, mas firmes, foi assentar-se na cadeira de espaldar, trono donde os reis da Companhia intimavam às Índias e às Américas, à metade do mundo conhecido, as suas leis e a sua vontade onipotente!

XIV

ECCE SACERDOS MAGNUS!

Os definidores olhavam uns para os outros sem terem ânimo para proferir uma só palavra. Não se ouvia senão a respiração mais ou menos alta das seis pessoas ali reunidas. Por fim o visitador assistente deixou cair de súbito a vista cheia de severidade sobre o confessor de el-rei, dirigindo-lhe as primeiras palavras que dizia depois da sua elevação ao supremo poder na província de Portugal. A pronúncia pausada, e a acentuação estrangeira, davam ainda mais força a cada sílaba, e maior expressão a cada frase. O tom em que falou era firme sem ser altivo, frio sem ser glacial.

— Padre Sebastião de Magalhães, não lhe parece muito pesado o cargo de confessor de el-rei de Portugal? Sente-se com forças para arrostar os perigos da grande batalha, que está a romper por estes dias? Olhe bem!

O infeliz teólogo estava tão pequeno, agora, apesar da corpulência, quanto costumava inchar-se nos dias radiosos do seu poder. Ouvindo a pergunta de mau agoiro baixou ainda mais os olhos, e encolheu-se na sua roupeta sem abrir a boca. O visitador esperou um instante, e vendo que não respondia, prosseguiu:

— Deus é que dispõe do coração dos príncipes. Quem sabe que a salvação, ou a ruína de milhões de homens depende deles, treme da responsabilidade de os dirigir, porque a chave da consciência é a chave do coração dos reis. Padre Magalhães, pondere isto; e antes de responder veja se pode com a cruz. O rei quando erra só tem um juiz no Céu, que é Deus. O confessor tem dois, o do Céu, que é a infinita clemência, e o da Terra, rigoroso na justiça, que é a Companhia. Agora que o adverti, responda: está no caso de nos auxiliar *em tudo e por tudo* na corte? Afiançamos que o coração do monarca não há de variar em nenhuma circunstância? Enfim, assegura-nos o bom despacho do que se pedir a sua majestade?

O padre Ventura calou-se de repente cravando os olhos na fisionomia do confessor perturbado, deixando-lhe suspensa sobre a cabeça esta espada de dois gumes. O padre Sebastião tinha só um gesto para revelar a prostração do ânimo; quando o temporal era forte, as faces descaíam sobre a segunda barba, e metade da cara escondia-se no peito, enquanto os olhos de cor incerta enviesavam a vista por cima do empinado ventre, para chegar ao interlocutor.

Entalado entre as cunhas das três fatais interrogações, o desgraçado áulico tinha mais vontade de refrescar as fauces com um copo de excelente vinho, do que de se comprometer com uma resposta precipitada. Preso por ter cão, e preso por não o ter, era atroz em realidade!

Depois de muito cismar julgou melhor sair, do que porem-no fora; preferiu as honras do sacrifício à apupada de uma queda desastrosa. Supôs que o queriam desviar da corte, e que demorar-se nela seria o cúmulo da temeridade. Por isso levantando a cabeça, mas fazendo-se branco, deu à luz com visível dor a renúncia formal do seu elevado cargo. O visitador ouviu-o sorrindo, beliscando a orelha esquerda, gesto com que expressava o maior grau de satisfação.

— Em tempos ordinários aceitei o lugar por obediência — disse o padre Sebastião expelindo cada palavra por entre os

dentes, como se as letras lhe cortassem o coração — as coisas mudaram, e não devo fazer melhor conceito de mim do que os meus superiores. O coração dos reis está na mão de Deus, vossa reverendíssima o disse; e acrescentarei, *in cauda venenum*, de baixo dos pés do homem os trabalhos. Perguntado se em tudo o que se pedir haverá bom despacho, digo que não sei; e como alguém talvez mais hábil ouse responder que sim, resigno o cargo nas mãos do prelado, e peço licença para viver feliz no meu antigo colégio de Évora.

Um suspiro involuntário, mas sincero, revelou a pena do jesuíta por ir ser feliz. O visitador acariciou-o com a vista, amimou-o com o sorriso, e deixou-o concluir na íntima persuasão de que a sege voltava sem ele ao palácio de Alcântara, aonde residia então D. Pedro II. Depois, o italiano recolheu-se mentalmente, declinou a luz da vista e franziu os cantos da boca.

— Padre confessor — disse por fim olhando firme para a vítima — quis experimentá-lo. Se me dissesse que sim, não podia servir a Companhia, e era preciso tirá-lo da corte. Note o que vou dizer. Vossa paternidade (aqui há só irmãos) tem errado, e errado muito na direção espiritual. Não somos jansenistas! À força de escrúpulos e de terrores morais sei que fez de D. Pedro II um rei fraco e incapaz de grandes pensamentos. Se Roma lhe disser uma coisa, e nós outra, cederá ao papa com medo das censuras; e bem vê o perigo disso. Reis que não servem para si, não servem para os outros, e melhor é levar a pancada de um cetro, do que estar atado ao leito de um paralítico. Queremos príncipes que tenham vontade sua, custa a fazê-los nossos, bem sei, mas ficam mais seguros. Não edifique em areia, se deseja duração. Erraram assim com o príncipe D. Teodósio, e ele morreu-nos sucumbido! Padre Sebastião, acuda ao mal enquanto é tempo; conforte o ânimo e esclareça a razão de el-rei... não de repente, pouco a pouco. Deixe-o ver pelos seus olhos algumas coisas; leve-o pela mão ao menos metade do caminho. A respeito da cúria, lembre-se de que só em Roma somos ultramontanos. Com esta regra, que lhe dou, continuará a servir a Deus, a el-rei e à Companhia

no lugar de confessor... Tem alguma coisa a dizer?... Não aceita? Fale sem temor.

— Aceito, padre visitador! — gritou o jesuíta mais com o gesto, do que vocalmente, tão sufocado de júbilo se achava. — Aceito mil vezes... a honra de ser útil à Companhia. Mas vossa reverendíssima dá-me vénia para uma desculpa?

— Fale!

— A opinião de vossa reverendíssima foi sempre a minha; até representei para Roma o mal que podia seguir-se! Não me quiseram ouvir... Executor passivo, cumpro as ordens; fui escravo delas.

Como se vê, o respeitável teólogo ia ressuscitando, e recuperando aquela eloquência, que assentou em cheio no sermão revolucionário, meditado pelo iracundo procurador dos domínicos.

— Executou as ordens, sei... — acudiu serenamente o italiano — e por isso não é deposto. Agora entende melhor como há de haver-se? Bem! Estimo que o seu voto se conforme; prefiro a obediência voluntária. Mas sabe que não chegaram a Roma as suas representações? Ora pois! Todos perdemos muito com isso, e vossa paternidade mais do que ninguém... Há avisos dados a tempo que valem milhões. Ah, padre Sebastião, a fortuna é falsa! Valha-nos Deus. Afirmo-lhe que não sei de prêmio bastante para quem na ocasião própria fizesse o que devia ter-se feito. Paciência!

Falando assim, o padre Ventura mostrava tanta sinceridade, que o confessor de el-rei começou a acreditar que não estava tão mal com ele como supunha.

Censuravam-no de grave omissão; mas tinha provas de que estava inocente. Em todas as ocasiões delicadas escrevera com boa informação para Roma, e pedira novas ordens; de balde! Nunca tinha recebido resposta. Agora percebia a razão. A resposta faltava, porque as suas correspondências eram intercetadas, ou pelo menos mutiladas na cela do prelado, o único a quem pelo seu cargo competia expedi-las.

Com uma perfídia calculada, o superior, figurando-se amigo íntimo, roubava-lhe sistematicamente o conceito e a influên-

cia em Roma, suprimindo ou fazendo suas as informações do confessor. Conhecida a traição, ateou-se de repente no peito do padre Sebastião aquele ódio intenso, decidido e eterno, que se chama ódio de frade, e que não tem igual no mundo. Os olhos primeiro, o gesto depois, declararam ao falso amigo a rutura da antiga aliança, e a guerra implacável que ia substituí-la. Para a língua funcionar foi preciso mais tempo; decorreram minutos antes do queixo inferior cair na posição natural, deslocado pela raiva, e das ideias confundidas pela revelação do visitador assentarem, permitindo qualquer manifestação vocal.

Por fim, enquanto o provincial parecia sumir-se pelo chão, fulminado pelos olhos do amigo traído e pelo sorriso do padre Ventura que o ia morder no coração, o rubicundo e corpulento confessor respirava com mais gosto, e tomava melhor o pulso às dificuldades. Resolvido a castigar imediatamente a má-fé do superior, descarregando sobre ele a culpa que lhe imputavam, o jesuíta, ainda convulso de comoção, exclamou:

— Se o meu crime é a falta que vossa reverendíssima nota, devo justificar-me. Aqui está quem viu e ouviu ler as informações. Ali está igualmente quem as recebeu da minha mão, e as aprovou em conselho... Agora acuso-me de simplicidade e negligência por não escrever por duas vias; acuso o padre superior de ter subtraído, ocultado ou mutilado, não sei qual, as informações que dei a tempo. É o que tenho a dizer.

— Quando for ocasião eu explicarei... — disse o provincial perturbado.

— Decerto! — atalhou o visitador. — Deve explicar. Padre confessor, fico-lhe fazendo mais justiça. Sossegue; darei conta ao geral. Agora passemos aos negócios de fora; às coisas ultramarinas. Padre Teles, em que estado está o Japão? Perdemos, ou ganhamos muitas almas para Deus?

— O Japão não se converte, martiriza! — respondeu o assessor interrogado. — Todos os dias o nosso missionário, o único que ainda temos naquelas partes, nos escreve pedindo que o desobriguem...

— Do perigo de padecer pela fé? Não pode ser. Que não desanime, que tenha diante dos olhos o exemplo de São Francisco Xavier... O soldado de sentinela a um posto há de ficar ainda que saiba, ainda que veja que vai morrer. Este é o nosso caso. Padre Teles, sei o que está nos seus papéis, não precisa dizer mais. Sei também que é amigo do missionário; que procura tirá-lo do Japão, e dar-lhe uma aldeia na América. Ora pois! Os negócios vão mal, porque o zelo esfria... Para outra vez demore menos a resposta; quem está longe, já que não vê, precisa de ouvir os superiores... A propósito, diga ao padre Silva (creio que é o seu nome), que, se cumprir bem as ordens, será mudado para a outra viagem. Se cumprir, percebe? Ah, padre Simões, como vai a China? Trabalha-se muito, mas a seara não amadurece. O que nos diz de particular?

— Que não se tem posto os meios, e que por isso nada se adianta — replicou o jesuíta, cruzando a vista com o prelado. — Que se poupa em Cantão, em Pequim, e nas províncias, e que se gasta de mais em outras partes. Se não comprarmos a tolerância dos mandarins, os dentes do lobo não deixarão escapar o cordeiro. Tudo se remedeia, menos o medo da morte em gente fraca.

— Tem razão. Quando não se cultiva não se colhe. Ora bem! Os nossos missionários esquecem-se muito de que o são; e nós queremos apóstolos na China, e não sátrapas na Índia. A cruz já tem raízes fundas naquelas partes; o caso era plantá-la. Agora se a não abrigarem, cairá. Os ares ali são finos e sujeitos a temporais. Deixe estar, padre Simões, havemos de cuidar da China; as suas missões hão de florescer... Vejamos a América, padre Nunes! O que diz o seu correio?

— Há dois anos que peço providências e que não sou ouvido — respondeu o velho definidor com desgosto. — Faz-se pouco ou nenhum caso das ordens de Lisboa; e, apesar dos capítulos, todos entram pelas aldeias para vexar os índios... Não os ensinam, maltratam-nos, e todo o empenho é tirar grandes cabedais...

— De onde não os há. É verdade! Esta gente cuida que o oiro vale o sangue, e por uma rupia é capaz de arriscar alma e corpo. Continue.

— Depois, os últimos decretos de Roma desagradaram. Gasta-se muito em ostentações, em banquetes, e não se melhora nada. Tínhamos um engenheiro a canalizar os rios, e despediram-no. As plantações não se cuidam; tudo é pouco para festas e regalos...

— Não diga mais; vejo que é sincero. Na corte e em toda a parte fala-se da riqueza do nosso comércio; de que serve que os outros saibam se nós somos pobres ou abastados? A casa de Areco rendeu oito mil pesos fora o valor das mercadorias? Bem. Mas arremataram-na a um negociante de Córdova. Valha-nos Deus! Escreva ao procurador-geral que desfaça o contrato por todos os modos. Eu não quero que a mão dos estranhos tome o peso ao nosso cofre, ou que os de fora vejam tanto como nós no interior do governo. Entende? Sei as ordens que expediu para o Brasil. Reforme-as. O geral Tirso Gonçalves era espanhol, levava tudo a ferro e fogo. Tosquiam-me as ovelhas muito rentes, padre Nunes, e por mais um arrátel de lã não quero perder a rês. As aldeias dos índios são nossas, mas nossa é também a terra, e nem por isso a esgotamos...

— É exatamente o meu voto, padre visitador. Representei o perigo de uma sublevação dos índios, e mandaram-me que obedecesse.

— Mandaram mal, está claro. Se não formos melhores do que os soldados, os índios fugirão de nós e irão para quem os chamar. Os selvagens são como as crianças, querem mimo. Ganhámos aqueles territórios palmo a palmo, com a cruz na mão, e o amor de Deus na boca; chegámos com a paz a ser mais fortes do que os castelos e os terços de el-rei... Agora vexam e roubam os índios?! E se eles se levantarem? Se os Espanhóis ou os Franceses vierem? Apoderam-se da colónia, e metem-se dentro! Esta gente não vê nada! Padre Nunes, é preciso que a ignorância se desbaste com pausa e tento; nem sábios que entendam de mais, nem rústicos

que saibam de menos. Os rebanhos vão atrás do pastor; os homens nem sempre. Levem-nos pela doçura e o bom far-se-á melhor, e o inimigo tornar-se-á amigo. Lembrem-se de que o leão, até o leão, lambe as mãos que o curam. Se o coração dos índios não for nosso, ou estiver com outrem, que é o mesmo, o governo da Companhia durará poucos anos na América. Repare nisto e acautele-se. Ah, padre Nunes, tem susto da Índia? Estamos em bloqueio? Não importa, Deus proverá. Fale. Sabe, e pode dar boa conta. O que nos diz?

— Que é má questão, padre visitador! A cúria insiste; os vigários apostólicos, franceses e italianos, segundo informam de Roma, brevemente vão sair para as igrejas do Oriente por nomeação da propaganda...

— Para as tomarem de súbito? Falaram muito alto, padre Nunes, e por isso verá que perdem a partida. A batalha é perigosa, confesso, mas, querendo Deus, há de ganhar-se. Mandam à Índia, à China, ao Japão os vigários apostólicos? Bem! Pergunto agora: há pastor sem rebanho? Quem lhes dará posse, ou os seguirá, se não quisermos? Para governar não basta vontade, é preciso saber; e eles das missões não sabem nada. Vão com os olhos tapados... e hão de cair.

— Entretanto não desanimam — acudiu o assessor —; contam obrigar os nossos missionários a reconhecer a sua autoridade. Falam das censuras de Roma...

— Obrigarão, ou não, padre Nunes. De longe tudo parece fácil. Mas enganam-se. Quem lhes diz a eles que é lá, e não mais perto, que nos hão de encontrar? Roma, em bulas autênticas, não reconheceu o padroado português? Pode expedir outras, contradizendo-se em presença de tantos reis ofendidos pela usurpação? Não creia! Os vigários apostólicos não levam senão breves clandestinos... Ora a verdade não tem dois rostos. Se o papa disse em público que as igrejas do Oriente eram de quem as fundou, não pode dizer em particular o contrário. Não defendemos senão a glória e a boa-fé do pontífice, se acusarmos de falsidade os breves e de caluniadores os vigários... Percebeu? Com o cetro de el-rei

D. Pedro fechar-lhes-emos a entrada. Aquelas igrejas da Índia têm muito sangue português nos cimentos para se largarem assim de graça. Demais, a propaganda quer a cruz no Oriente, mas gosta dela encastoada em oiro e pedraria... Um prego na roda, e a roda há de parar.

— E não deixamos nenhum padre de fora nas missões? Parece-me o mais conveniente desde já — insistiu o padre Nunes, olhando para o visitador com a vista cheia de sagacidade.

— Nem um só, observa muito bem. Se lá entrassem, gostavam e ateimavam. Prudência e serenidade; não se precisa de mais. Nada de nos exaltarmos; nada de nos excedermos. O nosso escudo é el-rei de Portugal. Cubra-se a Companhia com ele, e o resto, deixe...

— As notícias de Roma falam ainda muito...

— Em quê?

— Numa reconciliação. Parece que o cardeal secretário insinuou que a propaganda não estaria longe de nomear os nossos missionários seus vigários apostólicos.

— Também tenho vagas ideias disso. E então? se a propaganda o quiser! O instituto da Companhia não é absoluto; neste caso obedeceremos. Seremos vigários apostólicos. Resistindo à nomeação dos padres de fora das missões defendemos el-rei de Portugal, senhor natural; e aceitando a nomeação de Roma servimos o papa, senhor espiritual. O mais não é connosco. Não é o seu voto, padre Nunes?

— Se vossa reverendíssima permite, observo só que ficaremos mal-olhados, e talvez expostos...

— É possível. Mas ficaremos bem em Roma. Depois, tudo se acomoda; neste mundo é assim. Cá diz-se que é melhor sermos nós vassalos da coroa, e vassalos fiéis, do que estrangeiros tirados das corporações religiosas sem raiz em Portugal. Lá faz-se valer o perigo, o sacrifício a que nos expomos por mera obediência... Ainda tem alguma dúvida?

— Há o negócio dos quindénios, que em dinheiro vale muito, que em consideração vale tudo; os dois juntos parece impossível que se vençam.

— Separados é que não se ganhavam. Optar entre dois males pelo menor é a verdadeira regra. Os quindénios não se pagam sem razão suficiente. El-rei D. Pedro comprometeu a sua dignidade a nosso favor; deste lado estamos seguros. Agora veja! Se o interesse maior disser que se paguem? Perderemos o menos para salvar o mais. Por exemplo, se pagando os quindénios a propaganda nos fizer vigários apostólicos no Oriente, não valerá a pena?

— Vossa reverendíssima decerto prevê todas as consequências! — exclamou o provincial, convulso e sufocado diante da audácia desta política.

— Prevejo?! Há de rebentar um temporal, em que um mau piloto naufragaria o baixel de Santo Inácio nesta costa de Portugal, que é um pouco brava às vezes — replicou o visitador sereno e risonho. — Hão de estranhar, censurar, exterminar até algum de nós, o padre provincial por exemplo. Mas *quid inde?* A Companhia ganha, e o indivíduo perde. O que isto prova é a necessidade de termos amigos, poderosos, e muitos. Padre confessor, padre provincial, o que há a este respeito? Contemos as forças antes da batalha... Quem não é por nós é contra nós. Estou ouvindo.

E encostando-se ao largo espaldar do seu trono sacerdotal, inclinou a face na mão, e ficou imóvel. O superior e o padre Sebastião suspenderam um instante a vista agressiva, que trocavam desde o princípio da conferência, para se consultarem sobre a resposta mais oportuna. Ambos tremiam diante dos perigos, que iam correr, obrigados a servir de instrumento a uma política, que nos seus cálculos sinuosos jogava sem escrúpulo com a coroa do rei e com a tiara do papa, desarmando um pela mão do outro. Não ignoravam que a cólera de D. Pedro II, escarnecido e ludibriado, cairia fulminante sobre os motores ostensivos da Companhia. Percebiam otimamente que os deixavam nos seus cargos para representarem o papel do bode emissário dos hebreus. A sociedade impunha-lhes os seus pecados, e deixava-os lapidar por quem quisesse. Entretanto o que

valiam, ou significavam eles em presença do engrandecimento e da glória da Companhia?

Os outros assessores estavam confundidos. De repente viam cair das nuvens, no meio do conselho, este homem, duas horas antes obscuro, e achavam-no senhor absoluto do poder na opulenta sociedade a que presidiam. Depois, mal restabelecidos ainda do abalo da transfiguração repentina, ouviam-no expor os negócios e propor as decisões com a certeza dos factos, e a ciência do mundo que constitui o génio transcendente dos talentos governativos! Eles os sábios, os experientes aprovados na política da Companhia comparando-se ao visitador, eram obrigados a confessar, que via melhor, e que lia mais longe do que os seus olhos cansados de tantos anos de estudo; eram forçados a reconhecer que em uma hora de exame e de análise o novo prelado adiantara mais a resolução das dificuldades, do que todos eles juntos, e o geral de Roma nos últimos vinte anos.

Todos se viravam para os dois definidores interpelados e viram no seu rosto uma derrota completa. O provincial primeiro, e o padre Sebastião depois, balbuciaram em frases tímidas, em explicações acanhadas, algumas desculpas sobre o desleixo que houvera em fortificar a Companhia por meio de alianças firmes com os poderosos e com o povo. O quadro nada tinha de risinho. Sem atividade, nem discernimento gozaram as delícias do poder, adormecendo sem fazer caso do passado, vivendo do presente, e desatendendo o futuro. À medida que os ouvia, o italiano carregava as duas rugas frontais, e apagava o sorriso dos lábios. Para o fim, os que o observavam pasmaram da majestade que exprimia o seu gesto e fisionomia. Crescendo na cadeira, deitando faíscas pelos olhos, não parecia um homem, mas um deus, quando, alargando o braço, impôs silêncio, e desatou afinal em torrentes a indignação, que trasbordava:

— Basta! — exclamou. — O pensamento que nos fez grandes e nos deu um império em cada estado, perdeu-se! O espírito que vivia em nós, fugiu! Tirso Gonçalves, consumou-se a tua obra! O orgulho e a riqueza mataram a Companhia. Padre provincial,

a braços com a maior luta, diz-nos que dispôs tudo para ela se perder, e que não previu nada para a ganhar. Depois de semelhante confissão não ficam sem luz os seus olhos, e sem fala a sua língua? Enterrou os talentos, como o servo mau do evangelho, e apareceu diante da face do Senhor sem ao menos se humilhar? Padre confessor, está a concluir este reinado, porque D. Pedro II (já não é segredo) não vai à próxima campanha, vai para São Vicente de Fora: o que preparou para a influência da Companhia na corte não ficar sepultada com o monarca? O príncipe real é moço, e generoso, é grande de ânimo, e maior de coração; o que fez vossa paternidade para que o filho continue a obra do pai? Os mancebos levam-se pelo coração, que é o amor; e pela cabeça, que na sua idade é a imaginação. O que deu ao coração do príncipe? A rivalidade louca, ridícula, de seu irmão o infante D. Francisco! O que ofereceu à sua imaginação? A vaidade das armas, os duelos noturnos que podem entreter um mestre de esgrima, mas que não ocupam meia hora a cabeça de um rei! O príncipe sonha com a magnificência, adora a formosura, e ambiciona tesouros, porque deseja ser generoso; quer que o amem como homem, e como senhor, e ninguém, ninguém, soube entrar na sua alma (que era tão fácil), e apoderar-se dela! Pois este príncipe, que não fizeram nosso amigo, digo-lho eu, é tímido e acanhado, porque não se conhece; ponham-lhe a coroa na cabeça, e verão se mente ao sangue real. Preparem-se, que vão sentir e peso ao cetro de Luís XIV! Não o distraiam; não o enlancem nos braços apaixonados de uma La Vallière, que o estremeça, e verão se olha fito para nós, e nos deixa sossegados reinar mais do que ele nas Índias; ser tudo, e o rei quase nada, na América! O príncipe, quando se chamar D. João V, mostrará o que é, e o que pode! Esperem, que hão de saber o orgulho, a força de vontade, e a grandeza de alma que dormem ainda, mas depressa acordarão no herdeiro do trono...

— Vossa reverendíssima não ignora que de Roma se nos disse, que entretivéssemos sempre a rivalidade do príncipe com o infante. Como na casa real muitas vezes os irmãos segundos têm reinado, julgo que foi a razão...

— Vossa paternidade crê que o infante D. Francisco pode ser o Afonso III, ou o Pedro II desta época? Imagina que a história viva é como a folha de um livro que se dobra aonde se quer, e se decora? Os filhos segundos reinaram quando valiam mais do que os primogénitos. Esta má política é a que nos levou à decadência em que nos vemos. Permita Deus que seja tempo de lhe acudir! Veremos se eu, estrangeiro, penso melhor e posso mais do que padres portugueses e encanecidos na corte! Tentarei a fortuna; e sendo feliz, aprenderão comigo a vencer os homens pelo coração. Passemos a outro ponto. Depois do príncipe há dois homens que podem muito, porque merecem muito: o marquês das Minas e Diogo de Mendonça Corte Real. O primeiro é hoje o nosso conde de Vila Flor, a melhor espada de Portugal; o segundo esconde-se, mas não tem medo de se medir com os grandes ministros da Europa. O que fez a Companhia para os ter da sua parte? nem obséquios, nem louvores, nem serviços! Ao pé de el-rei o padre confessor não se lembrou deles! É preciso que D. Pedro II escreva ao marquês uma carta do seu punho, e que o honre com as suas graças. Ainda é necessário mais que a marquesa saiba a quem deve estes favores, e a influência que os alcançou. Convém em todos os lugares fazer boas ausências a Diogo de Mendonça, e sem afetação metê-lo no coração do príncipe. O conselho do ultramar é tudo para a Companhia; e apesar disso chegamos à miséria de não ter lá um voto nosso. O conde Almirante, o conde da Vidigueira tem-nos ódio; vossas paternidades não se lembram de que ele é descendente de Vasco da Gama, e que nós, montando o Cabo da Boa Esperança todos os anos, não podemos estar mal com os netos de quem o dobrou primeiro?! Padre Sebastião, no conselho ultramarino estamos de menos, e no conselho de estado aparecemos de mais. Vossa paternidade não devia entrar lá. Os fidalgos calam-se, mas murmuram; não lhe perdoam, nem à Companhia, o arrojo de ombrear com eles. João Paulo Oliva queria na cúria e nas congregações os jesuítas, mas sem roupeta. Tinha razão. É melhor que nos sintam e que não nos vejam.

— Vossa reverendíssima dá licença?

— Diga, padre Sebastião.

— Se entrei para o conselho de estado, pedi vénia e recebi ordem expressa. Entenderam em Roma que bom seria estar um de nós no centro da política e do governo.

— Entenderam mal; diga-me: dirigindo a consciência do rei, não descobre os segredos do seu coração? Que necessidade há de que os mais conheçam a sua influência, se em particular e com humildade se conseguir o mesmo? Repare, padre Sebastião; a Companhia deve ser como a árvore; as ramas, que se veem, olham para o céu; as raízes (e é onde está a força) vão por baixo da terra, e podem chegar mais longe. Renovaram-se as antigas discórdias com a Inquisição? O que esperam? Perder tempo sem proveito. O padre Vieira, autor do plano, morreu; os apuros da Guerra da Sucessão passaram; a de hoje é uma briga de crianças; e os Judeus não podem fazer-nos bem, e pelo contrário podem fazer-nos mal. Não nos cheguemos de mais ao lume. Precisamos dos inquisidores, e eles de nós; e quando se precisa, há união e não hostilidade.

— Vossa reverendíssima sabe, julgo eu, que nos provocaram... Estávamos em paz, e de caso deliberado fizeram-nos a injúria...

— De prender um sócio nosso? Sei. Olhe, o padre Vieira, e era o homem que sabe, prenderam-no eles da mesma forma, e até o condenaram, e nem por isso foi pior. Bastava obrigá-los a soltar o nosso sócio. Uma lição pequena; uma correção fraterna, como levaram agora os domínios no desembargo do Paço... Padre superior, isto vai mal, vai pessimamente! Temos uma cruz pesada, e não vejo Cireneu que ajude a levantá-la...

— Assim mesmo há muita gente... — insinuou timidamente o superior.

— Gente há, mas devotos da Companhia, homens nossos? Dantes para tudo havia servos de Cristo; hoje falam, e não fazem nada; e as palavras o vento as leva; as obras é que ficam. Noutra tempo soube-se mais do coração humano, hoje desaprendemos! Quando nos perseguiram, apareceram os Jacques Clementes e os

Ravaillac... eram assassinos, pecaram, mas sabiam morrer. Se a desgraça nos visitasse, acha que alguém nos conhecia? Ora pois! Não ande às escuras. Padre superior, quer saber a causa do mal? Não há zelo; falta a fé. A parábola do grão de mostarda é uma divina promessa do Salvador, e vamo-nos esquecendo dela... Os montes cada vez são mais altos diante de nós! Afrouxa-se muito, há descuido no ensino da mocidade, padre confessor...

— É verdade, não vamos tão bem como íamos — redargui o superior, confuso da lucidez com que a vista do seu prelado chegava ao fundo das coisas mais recônditas — mas trabalha-se. As outras ordens religiosas por emulação não nos deixam, e às vezes...

— Sabem mais do que nós, e ofuscam-nos, padre superior — atalhou o jesuíta com o seu sorriso frio. — Disso é que eu me queixo. Se andam é porque estamos parados. Se ensinarmos melhor e mais depressa, não os vão chamar a eles. Depois, já lhe disse, sei tudo, vi tudo pelos meus olhos; por isso vivi três meses nesta casa... Ouça, e medite. Sabe como a Companhia fundou um império tão grande, que abre os braços por todo o mundo? Quer que lhe diga como conquistou sem exércitos e sem generais? Por virtude da palavra de Deus! Os príncipes têm a espada; mas a espada fere. Nós fomos de joelhos como Cristo, e levamos o amor e a caridade àqueles que oprimiam a ferro e fogo. Eles venceram pela guerra; nós conquistamos pela paz. Lembre-se de que em Roma os Césares passaram, e o Messias ficou! É porque a espada quebra-se, a coroa cai, o rei morre; mas o coração e a alma do homem são sempre os mesmos. Se uma geração acaba, vem outra nova; e o caso é reinar sobre a que está pelo amor e pela fé, e ter a que vem nas mãos pelo ensino e pela esperança... O filho respeita o pai, o discípulo crê no mestre... o mais são exceções.

— É o meu voto; é o que tenho dito e feito sempre! — acudiu o padre Sebastião de Magalhães com ar triunfante.

— Pois disse muito bem! Desgraçadamente não o atenderam. Por esta regra prosperámos, e por a desprezar havemos de cair; porque não há coisa grande e forte que possa ser eterna.

Ao menos que não seja nos nossos dias, que não vejam os nossos olhos a ruína! Consolemos os aflitos, acuda-se aos pobres, e resgatemos os cativos. Cuida que Jesus Cristo foi chamar os ricos e os felizes para edificar a sua Igreja? Não vê que os pobres e os humildes é que a fundaram tão segura, que dezoito séculos a não abalaram; tão grande, que não há parte do mundo aonde não tenha muitas portas? O nosso erro, e olhe que nos há de matar! o nosso erro tem sido esquecermos que somos ricos, não para desfrutar, mas para granjear. Se fizermos bem ao próximo, ele não fugirá de nós, mas fugirá para nós. E se todos nos procurarem, estaremos sós? Se nos quiserem, seremos fracos?

— Como observei — respondeu o confessor de el-rei — pela minha parte não me descuidei. Os príncipes e os fidalgos não chamam outros mestres...

— A corte é pouco; a corte só não é nada, padre Magalhães! — atalhou o visitador. — O estado compõe-se de clero, nobreza e povo; e repare que as duas classes são muito pelo que representam, mas ao pé da última são quase nada em número... Diga-me: não vê que o povo todos os dias sobe? E se ele subir tanto que chegue ao lado da fidalguia e do clero? Acredite-me: é preciso que todos nos ouçam e nos vejam; se não tivermos o povo por exército e o rei por ministro, não temos senão aparências; e das coisas o que importa é a realidade. Acusam-nos de querermos apagar a ciência, e escurecer a razão. Chamam-nos ambiciosos, soberbos, e exclusivos... não nos conhecem! falam sem saber o que dizem. Um dia verão! Vive cada um em sua casa, quando muito no seu reino, e nós vivemos em todo o mundo, e estamos em toda a parte... Julgam que este século é o século passado; creem que tudo são bucólicas, júbilos, e ações de graças; esperem pelo tempo, e o tempo lhes dirá o que é. Estes reis e estes ministros, padre Sebastião, andam cegos, e são muito pequenos, mais pequenos do que a terra, e não podem com o peso. Teimam que tudo está parado, e tudo corre! Pensam, nem pensam, dizem que o silêncio é a consciência, e que a razão humana pode encarcerar-se... coitados! Ambas vão tão depressa, e estão já tão longe

deles (e até de nós), que se não dobrarmos o passo para as acompanhar, hão de perder-se no caminho, doidejar porque são crianças, e deitarem por terra o bom e o mau, o sagrado e o profano. A filosofia com que se entretém tanto essa gente, as fábulas, as novelas, todas essas comédias e tragédias que aplaudem são maus sintomas; deixem andar os anos e achar-lhe-ão o gosto... Mas a Companhia é que atravessa tudo, letras e governo! Oxalá! Nós sabemos, e eles não. Conhecendo o mal, prevendo o perigo, podíamos dar a mão ao progresso, que vem cego, para se não precipitar de repente. Assim talvez a cruz, que é a civilização, não vacilasse, e o trono, que é a ordem, não caísse... Quando nos perderem, saberão se virão melhor do que nós! A razão humana há de levantar-se contra eles, e não favor deles; e o progresso, perdido e cego, passar-lhes-á por cima do corpo, deixando-os no chão, pisados e mortos... Padre provincial, ainda hão de chorar por nós até os inimigos; digo os inimigos, porque cedo ou tarde os nossos inimigos hão de ser os reis e os ministros. Eles aprenderão à sua custa.

Uma lágrima apontou nos olhos deste homem, que lia com tanta sagacidade no futuro as folhas ainda enroladas da história. A voz vibrava com as íntimas comoções da alma. Expondo a teoria audaz, mas lógica, da política jesuítica; fundando no amor e na caridade o poder temporal, a monarquia universal, a que aspirou sempre a famosa Companhia, cujo sócio era, olhava com saudade para o passado, com tristeza para o presente, e com terror para o futuro. O enigma social já então preocupava as inteligências extraordinárias. No princípio do século XVIII já alguém tremia de encontrar diante de si, repentinamente, essa força latente, invencível, que, revelada pela explosão, tomou corpo e forma nos dias de luta da Revolução Francesa. O jesuíta ainda cria no poder da autoridade para sustener ou desviar a torrente; ainda imaginava que depois da imprensa, e diante de Voltaire, negação arrojada, elegante e europeia de todas as crenças, era possível dizer ao Sol que parasse, e à luz que brilhasse menos!...

Entretanto as suas palavras saíam tanto do coração, e pintavam com tanta verdade, que os assessores, confusos, aterrados,

ou mais exato, *deslumbrados* do clarão desta imensa inteligência, que via, sabia e previa tudo, não ousavam nem descer ao fundo da alma para se interrogarem acerca dela. O visitador desde esta conferência ocupou de direito o sumo poder. Estavam tão longe dele todos, que mesmo a inveja não era possível, porque ele lhe ficava muito alto. Exaltados pelo exemplo e pela energia de um génio distinto, o seu único sentimento foi o desejo de se mostrarem dignos de o auxiliar na escabrosa reconstrução da influência da Companhia. O padre Ventura, satisfeito deste pensamento que leu no rosto e no coração dos seus executores, despediu-os, dizendo-lhes com agrado algumas frases lisonjeiras.

Quando o padre Simões, que era o último, ia a sair, o visitador deteve-o, e esfregando depois as mãos, disse-lhe com o seu plácido sorriso:

— Então, padre Simões, não lho dizia eu? Depusemos os soberbos; agora exaltaremos os humildes! Estas lições não caem no chão. Veja, examine, e avise-me como até aqui... Tem feito à Companhia e ao geral maior serviço do que imagina.

E, apertando-lhe a mão, deixou-o sair. É inútil acrescentar que às informações deste confidente perspicaz, e ignorado dos mais assessores, eram devidas as ideias exatas e o conhecimento profundo e minucioso dos factos, que habilitaram a capacidade extraordinária do visitador a ser mais sábio e prático em cada negócio do que o definitório, encanecido no estudo e na meditação das dificuldades do governo.

Apenas se viu de todo só, o padre Ventura deu duas voltas à chave, e fechou-se na secretária. Depois foi direito a um armário secreto, sumido num recôncavo da parede; tocou a mola, fez saltar a gaveta, e tirou dela um cofre pequeno, folheado de tartaruga com frisos de oiro embutidos. Dentro do cofre estavam só dois maços de cartas, cuja leitura o preocupou tanto, que a sineta repicou duas vezes, chamando ao refeitório, sem ele levantar a cabeça, apertada entre as palmas da mão, enquanto os cotovelos se firmavam sobre a mesa. Um sorriso mais agradável do que irónico, uma expressão mais curiosa do que sagaz, acompanhava

os incidentes da leitura. Finda ela, o italiano tirou duas cartas do primeiro maço e meteu-as no bolso do peito; e repondo tudo no seu lugar, dirigiu-se à porta, que abriu, enquanto dizia a meia voz, falando consigo mesmo:

— Veremos se o papel faz o milagre!... Este homem dizem eles que é nosso inimigo? Pois sim, e se dentro de quinze dias o fizermos primeiro-ministro?... Esta gente não sabe que só o Salvador era capaz de resistir levado à montanha da ambição. O tempo a ensinará.

A quem se referia o jesuíta?

Brevemente ele o dirá. Escusado é, portanto, sermos indiscretos.

XV

UMA SERVA DE DEUS!

Pediremos vénia agora ao leitor para entrarmos com ele, como se dizia em estilo pastoril na época desta mui verídica história, na choupana do honrado Tomé das Chagas, que tendo desaparecido há tempo, é preciso saber-se aonde o poderemos descobrir. Fomos ingratos esquecendo-nos de o procurar; mas ele, fino como um coral, não se há de ter deixado adormecer na ociosidade. Deve de estar ocupado. Vejamos.

A escolha das posições exalta o general; e Tomé, o devoto, não ignorava esta regra, assim como não ignorava a casuística do padre Bauny, e muitas coisas mais. O Eneias de Évora, salvando os penates, e tempos depois chamando como sua fiel Creusa a virtuosa Perpétua das Dores de Maria Santíssima, tinha farejado o sítio mais cómodo de Lisboa para assentar o seu acampamento. Depois de boas informações e atendidas as leis da higiene, da táctica e da liberdade de indústria, optou pelo Beco do *Manquinho*, posição por muitos respeitos digna das suas preferências.

O Beco do Manquinho, no ano de 1706, era, e continuou a ser até ao terremoto de 1755, uma espécie de corredor enviesado, escuro, ladeiro e lodoso, cheio de cotovelos como os pés do devoto, esbeçado de paredões e de barracas arruinadas, como

o vestido milagroso do Bertoldo Seráfico. Este logradouro dos amigos da obscuridade, que de longe mais parecia um cano de despejo do que uma rua habitável, tinha nove palmos de largo e sessenta de comprido na segunda volta que fazia para entestar com o Largo dos Escudeiros. A estas animadoras proporções juntava ainda uma aberta em forma de boca de garrafão, rasgada sobre a Alfurja, outra viela torcida na largura de sete palmos até ao Beco dos Namorados, nome vaidoso, que o lamacento e esguio passadiço devia trocar pelo apelido mais verídico de *Beco dos Ladrões*.

À vista da exatíssima descrição que acaba de se ler, tirada dos monumentos da época, pouco resta a acrescentar.

Em dia de diligências da justiça os tetos das barracas, coroadas de trapeirinhas afuniladas, podiam abrir fácil escapatória aos morcegos e abutres do bairro; e os mais delicados de consciência, e por isso mesmo os menos prontos em evitar o contacto dos beleguins, quando chovia, para não saírem de casa com água até ao joelho, preferiam atravessar uma tábua como ponte de janela para janela em toda a largura do beco, o que lhes proporcionava a comodidade de visitarem os seus amigos, viajando aereamente sem passarola.

Deus nos livre de maus pensamentos! Mas estas encruzilhadas, feitas de propósito como tocas de sapos, não se pareciam mal com uma caverna de tratantes, admitida mesmo a virtude e o amor do próximo do principal locatário, o Sr. Tomé das Chagas.

O cortiço estava sempre cheio de vespas, e como as vespas usam do ferrão só nos casos extremos, de ordinário qualquer dos moradores, vendo-se em perigo, fugia pelos telhados, e saltando aos tenebrosos desaguadoiros, facilmente deixava a justiça como parva no meio das mais bem concebidas evoluções.

O Sr. Tomé das Chagas vivia com certo conchego; herdeiro ou não do velhaco Onofre Crespo, a verdade é que se tratava às mil maravilhas. Todas as pequenas consolações com que um devoto costuma corrigir nos dias gordos a magreza do famélico jejum, estavam enfileiradas na despensa em gulosos cachos

de paios e chouriços, e em deleitosas linhas de garrafas de genuíno e maduro vinho. Fiel à modesta fortuna do seu pupilo, a tia Perpétua descontava das lidas da salvação oito horas por dia, para tratar da cozinha e da roupa do Sr. Tomé; e, resmungando o seu padre-nosso, punha toda a casa bonita e cheirosa como um palmito.

No dia em que estamos, um ato de rebelião inaudita acaba de se consumir contra os moradores do Beco do Manquinho, feridos nos sacratíssimos direitos de caminho e de passagem.

A barraca do Sr. Tomé das Chagas formava um dos inumeráveis cotovelos do corredor, aonde o braço de pouco opulento mestre-de-obras a levantara. O chão descalço abria uma cova grande entre ela e os três casebres ainda mais caducos, que lhe ficavam defronte; sendo o do meio a tenda, ou a espelunca do Sileno do bairro, coroada dos imarcescíveis loiros do estilo, fortificada com as gloriosas barricadas que o consumo tirava do porão e empurrava para a porta.

À esquerda habitava um veterano coxo, amulatado, e propenso a vingar a preguiça da muleta com os saltos mortais dos dados.

À direita vivia o sineiro da paróquia entre os flatos histéricos, e as murmurações eternas de três beatas velhas, cauda da serpente, cuja cabeça venenosa aparecia no Beco dos Namorados, quartel-general dos gatunos da cidade de Lisboa.

Eram sete horas da manhã, e talvez ainda não o fossem. Começava a aclarar o dia; e um chuveiro teimoso, puxado pelo vento, açoitava as janelas envidraçadas com papel de cantochão, quando o ilustre veterano abriu a porta, e aventurou a perna valida fora do seu tugúrio.

Segundo a sua bela expressão, ia fazer a consoada à tenda do tio Brás com dois figos passados e uma dose respeitável de aguardente, a fim de enxugar as humidades do estômago, e de reabilitar o sistema nervoso.

De repente, o glorioso monumento da Guerra da Sucessão deu um grito, e expetorou uma blasfêmia, a que respondeu, não o eco, mas a imensa boca do honrado tendeiro, que do alto degrau

da sua porta, e sepultado até às orelhas em um agudo carapuço de lã, amaldiçoava em frase clara e voz clamorosa a causa dos seus males.

Ao dueto dos dois baixos associou-se pouco depois o tenor do sineiro, e o soprano e o tiple das beatas, cujas coifas e capelos mal assentes tremiam agitados pelas convulsões de raiva do areópago feminino, alinhado diante dos degraus.

Qual era o motivo que provocava a eloquência do Beco do Manquinho?

Quem desafiava a ira das matronas, a fúria pausada do merceiro, a cólera militar do soldado, e a rouquidão teimosa do sineiro?

O mais exíguo e desprezível ente!

Um galopim de oito a nove anos?

Olhem para a rua e acharemos o corpo de delito.

A cova entre a casa do Sr. Tomé e as três barracas tinha-se convertido em lago, graças à ciência hidráulica do gaiato.

Tapando as saídas à água da chuva, que fora copiosa de noite, alagara o beco quase até à entrada da Alfurja, e resistia impávido às ameaças das beatas, capitaneadas pela tia Perpétua, e de todos os moradores, condenados a um banho inferior se ousassem sair da porta.

Em virtude deste grave acontecimento viam-se em ação bélica as velhas desgrenhadas e alvoroçadas; e no meio o tendeiro, novo Júpiter *stator*, lamentando a infernal invenção, que tornara o seu estabelecimento uma segunda Veneza.

As línguas das matronas açoutavam a insolência do rapaz; a muleta do soldado jurava-lhe pelos ossos, e a sanha do negociante de quartilhos atroava o céu e a terra.

No meio do alarido, tranquilo e impávido, o diabrete patinhava e assobiava com despalante capaz de enfurecer a própria paciência.

Entretanto, vendo arriscar o único pé ao veterano, o garoto percebeu que o assalto era iminente, e saltando teve a destreza de ir de encontro ao agressor. O Marte do Manquinho, em perigo flagrante, esqueceu a fraqueza dos alicerces, perdeu o equilíbrio

e a muleta, e caiu de costas no pântano artificial, no meio dos clamores do tendeiro, que apanhou de rosto a chuva que espirrou do baque do soldado. Entretanto, o rapaz, em dois pulos, meteu-se na Alfurja, e daí entrou no Beco dos Namorados dando risadas, que ressoaram por muito tempo.

Neste momento crítico, a tia Perpétua foi constrangida a suspender a verrina, que pronunciava contra a depravada mocidade, acudindo à voz do Sr. Tomé das Chagas. Pouco depois fechou a porta, deixando os seus aliados entregues à mofina sorte que os perseguia.

A figura do nobre andador das almas em hábitos menores faria estalar de riso um bonzo, símbolo da gravidade. Em vez da cabeleira de estopa que lhe servia de peruca, o devoto trazia empoleirada na alterosa nuca uma coifa de mulher, cujos folhos sujos e amarrotados caíam de ambos os lados até ao pescoço como duas orelhas enormes.

A canela, com a traçada meia bicolor cheia de pontos, e o enorme pé acalcanhando as chinelas, davam-lhe exótica aparência. Em mangas de camisa, o puído calção, e o babadouro esguio todo franzido em roda, tornavam-no a pública-forma de um barbeiro de entremez. Tomé das Chagas acabava de fechar o sobrescrito de um maço de papéis; e, quando a tia Perpétua entrou na casa de jantar, suspendia ao peito o relicário com o enorme colar de camândulas.

Os olhos enviesados do milagreiro fitaram-se na beata, e os dedos coçaram a nuca, gesto usual, enquanto exclamava:

— Torno a dizer-lho: isto é obra dos meus inimigos religiosos!

— Anjo bento do meu divino Jesus! — acudiu a Sr.^a Perpétua, persignando-se e lacrimejando. — Quem nos há de querer mal, filho da minha alma? Deixa-te dessas *visarmas* (queria dizer *visões*), meu santinho. Aquilo é ideia da víbora maldita do rapaz: Deus o tolha de mãos e pés, Nosso Senhor me perdoe!

— Caridade, tia Perpétua, mais caridade! — exclamou o santão com soberana dignidade. — Está escrito na sagrada página: «não desejarás o mal do teu próximo».

— Má paralisia seque o aborto e também a boa rês da mãe, que vive como um brutinho fora da lei de Cristo. Arreda-te, tentação do Demónio! Não que ele se não é, parece mesmo o Anticristo, sábado de Nossa Senhora é hoje! E lascarino? Ai Jesus! Ontem, se me descuido, não lambia aquele basilisco o especione ao nosso *mimi?! Safa!* com o demónio, concebido e criado em pecado mortal! Ave-Maria, cheia de graça...

Coroando a maledicência com a oração, a tia Perpétua acompanhou-a de três mesuras de alto a baixo à imagem da Senhora das Dores, posta em cima de uma banquetta com sua toalha de folhos muito lavados.

A beata carregava com mais de sessenta anos. Era baixa, corcovada e magríssima. Uma boca sorvida, e sem dentes; olhos pequenos, abotoados de marroquim, viúvos de pestanas, e apressilhados nos cantos, como olhos de china; pele cor de cobre, quase viscosa como pele de serpente, nariz adunco e a barba revirada, davam-lhe inquestionável direito a reivindicar a beleza pícara da famosa dama Leonarda, que Deus tem.

Vestia uma túnica sem cauda, talhada em forma de hábito, com o inevitável capelo escuro, franzido e afogado à roda do pescoço, o qual subia inteiriçado com um feixe de cordoveias, sustentando a cabeça, proporcionalmente pequena de mais, como um poste suporta uma lanterna.

Quando sorria, o riso amarelo desta boca sem dentes fugia, como um réptil, por cima dos beiços delgados, pálidos e sumidos. Quando se irava, a luz baça dos olhos encovados parecia acesa dentro das órbitas vazias de uma caveira.

O imenso rosário pendia do cinto de couro e varria quase o chão. Um registo da Senhora das Dores, com as sete espadas dispostas em forma de rosa-dos-ventos; via-se cosido sobre o lado esquerdo do peito. Por baixo da túnica percebia-se o cilício de propósito mal recatado, e de uma algibeira saía como por descuido o cabo das disciplinas.

Para maior mortificação, às sextas-feiras servia-lhe de travesseiro uma caveira, e a sua cama eram as tábuas duras do sobrado.

A par disto uma língua viperina, um carácter enredador, e uma consciência insensível ao remorso.

Tal era a virtuosa Perpétua, comadre de três sacristães, e autora de singulares remédios contra ciáticas e sezões.

A avareza igualava nela a hipocrisia. A única boa qualidade que se lhe conhecia reduzia-se à afeição verdadeiramente maternal que votara a Tomé das Chagas, que na sua opinião reunia todas as prendas imagináveis desde a formosura de Adónis até à sabedoria de Sócrates.

O milagreiro passeava pela casa com desassossego, enquanto a Sr.^a Perpétua fazia medidas à Virgem e trejeitava com a boca em sorrisos asquerosos.

Por fim o nosso amigo parou diante da matrona, e com a mansidão que lhe conhecemos, exclamou:

— Sabe, tia Perpétua, que estou ansiado de fraqueza? Não se almoça esta manhã?

— O que diz o meu santinho? — replicou a velha, cingindo a orelha com a mão, como usam os que ouvem pouco.

— Digo que tenho fome — redarguiu Tomé, levantando a voz e sentando-se com força na poltrona coxa.

— Ai, Jesus do Céu! Hoje é dia de jejum, filho, e não deveis tocar em bocado que dê gosto ao paladar. Deus nos acuda! Vade retro tentação! Rezai-me um Padre-Nosso e uma Ave-Maria às almas; é a receita de Frei Timóteo para as debilidades do jejum com que o Demónio nos tenta. Também eu, Nosso Senhor sabe o que me custa. Até a luz dos olhos me foge às vezes...

— Tia Perpétua — atalhou o Sr. Tomé sem pestanejar, nem desengatilhar um só dos músculos da face, armados à compunção — cada um faz o bem que pode neste mundo para ganhar o outro! Frei Timóteo é um santo, e eu sou um pecador: demais as almas não comem, nem bebem... Sou débil, e sujeito a espasmos, por isso tirei dispensa. Dê-me de almoçar e acabemos com isto.

— Ah! Se o meu santinho tem dispensa, é outra coisa. Olha, filho, em um pulo a tia Perpétua tempera uma açordinha, que os anjos haviam de gritar por mais. Mas primeiro a salvação!

Mundo, Diabo e carne, figadais inimigos do homem, eu vos excomungo; por vós não me quero perder para todo o sempre, amém Jesus!...

— Nem eu, tia Perpétua. Mas avie-se.

— Aí vou, aí vou!

E virando-se para a imagem da Virgem com três medidas e muitas cortesias, a beata prosseguiu:

— E vós, bendita Senhora, não comeis, nem bebeis, mas cada vez estais mais bonita. Ave-Maria cheia de graça! Fazei, estrela do Céu, que o conde se lembre da vossa serva com os seis cruzados, e prometo uma coroa de prata para essa divina cabeça, e um vestidinho novo, todo bordado. Pedi por mim, bem-aventurada Senhora, e tocai no coração à menina, que oiça o que lhe hei de pedir. Salve Rainha, estrela do mar! Bem sabeis, minha Senhora, que estão muito caros os tempos, e eu preciso de mantéu e sapatos. A renda da casa come com os pobres à mesa, e o quartel está batendo à porta. Se não me faltasse, não vos importunava. Virgem puríssima, nada quereis à vossa escrava, nem um recado para o nosso Menino Jesus, o doce Jesus da minha alma, alívio dos aflitos, viva coluna do trono de Deus Padre?! Logo em São Domingos hei de contar-lhe como estais triste com saudades suas. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por mim, pecadora!... Perdoai a minha confiança, divina Senhora; mas se ela casar com o conde, hei de comprar-vos um Menino Jesus de barro, e nunca mais estareis sozinha e chorosa como agora. Pelas sete dores da Paixão, Virgem consoladora, fazei este milagre à vossa serva, e pisai aos pés como à serpente a quantos me quiserem mal, que tenham má hora na vida e na morte, e assim seja para todo o sempre, amém!

Esta desaforada jaculatória em que a beata peitava a mãe de Deus para a converter em sua cúmplice, associando-a às torpezas das suas infames esperanças, era acompanhada de um sem-número de sorrisos e beijos na imagem. O Sr. Tomé das Chagas, apesar de acostumado a espetáculos semelhantes, enjoou-se com a cena escandalosa e pôs-lhe termo, gritando pelo almoço em tom que não admitia réplica.

À vista da perentória intimação cessaram as apóstrofes da tia Perpétua, e não se demorou a açorda e uma garrafa de vinho. Enquanto ele comia, a beata arrumava a casa, falando só e benzedendo-se a miúdo com a cruz do seu rosário.

Depois do primeiro assalto, mais tranquilo de estômago, Tomé, de óculos assestados, virou-se para a matrona e perguntou-lhe em voz açucarada:

— O conde veio ontem?

— Pois não veio! O rico fidalgo da minha alma... Olha, santinho, deu um cruzado à velha para rapé, e promessa de outros seis se arranjarmos...

— Hum! — rosnou o devoto abanando a cabeça solenemente. — Não sei o que diga... Tia Perpétua, tenho medo de a ver nestas alhadas. Honra e proveito não cabem num saco.

— Alhadas?... Alhos são tormentos, filho. Graças a Deus, sou conhecida. Aqui não entra calção de homem, que dê que falar ao mundo. Pobre sim, mas honradinha.

— Quem fala nisso? Vossa mercê mete-se muito pela terra, e um dia vem uma pedra e apanha-a. É o que digo.

— Ai não, filho, estai quietinho. O meu Jesus da minha alma sempre me há de valer. Mas o conde... bizarro, e galante moço. E depois o bonito modo... encanta. Sabes? deu-me uma carta para o convento.

— Para a freira de Santa Clara?

— Freira?! Então Perpétua das Dores de Maria Santíssima é qualquer mulherinha para andar pelos conventos desinquietando as esposas de Deus Menino? A Sr.^a D. Catarina de Ataíde ainda não professou, e se meto a mão no fogo sei o que faço pelo amor do conde e dela... Há de dar-lhe estado, e tê-la com toda a honestidade. Não me ouça o meu anjo da guarda, se eu for capaz...

— Pois sim, tia Perpétua, ninguém julga o contrário. Então o conde de Aveiras sempre casa com ela? E o pai?

— O pai está renitente. É um fidalgo muito soberbo, e como vive pobre e não tem para o enxoval, todo se torce. Ora! Por fim

está morrendo... Anda um jesuíta tratando disso, um tal padre Ventura...

— Ah, o padre Ventura! Muito bem. Pois se ele anda metido nisso, respondo pelo resto.

— O meu santinho conhece o padre?

— Alguma coisa. Porquê? — balbuciou o devoto, mudando de cor.

— Olhe, filho, estou muito mal com o padre Timóteo. Não gosto de confessores de levante. Dantes eram duas, três horas; agora não me ouve meia! Assim não presta! Vou deixá-lo. Fala-me ao padre Ventura?...

— Tia Perpétua — disse o andador das almas, desenroscando gravemente a esguia pessoa — o padre Ventura é meu confessor, e não convém que saiba todos os pecados de casa. Tenho minhas razões. Deixe ver a carta do conde.

— Deus nos acuda! Ver a carta do conde? Santa Maria, rogai por nós! O santinho não repara que nem lacrada está ao menos?

— Por isso mesmo. Gosto de saber o que vai pelo mundo para meu governo.

— Se prometeis!... filho, oiro é o que oiro vale. Temos aqui o peru da festa, e gordinho, gordinho... não mo deiteis a voar... Esta carta se eu soubesse ler!

— Sei eu; dê cá.

E o nosso Tomé desatou sem cerimónia o laço de amor com que ia dobrado o bilhete do conde para D. Catarina. Leu, releu e decorou; depois restituiu-o com profunda serenidade, tornando-o a fechar como vinha.

— Então? — exclamou a beata, ardendo em curiosidade, virando e revirando a carta nos dedos.

— É tudo santo e justo. Os meios são perigosos, porém os fins, louvado seja Deus, não podem ser melhores.

— Mas?

— Nada, quase nada, tia Perpétua. O conde pede à menina que se prepare esta noite para sair do convento. Diz-lhe que o padre Ventura em uma sege a irá depositar em casa de pessoa

virtuosa, onde ficará até se receberem... O negócio vai bem, vai excelente. Não que o padre Ventura sabe! Agora o pai que se faça fino. Tia Perpétua, é preciso levar a carta, e chegar a horas.

Bendita e louvada seja a Virgem Maria! Estou aqui e estou na rua. Em ouvindo as três missas do costume...

— Aprovo o seu zelo. E o outro fidalgo?

— Esse não diz o nome! Esteve cá mais o conde. Bonito rapaz também, mas a gente com ele tem menos confiança. Tomara saber quem é. Dava um cordão novo a Santo António.

— Tia Perpétua, cuidado! Olhe que pela boca morre o peixe. Diga-me, ele não lhe deu recado?...

— Ai, deu. Por sinal vou logo levar uma carta à Rua das Arcas a casa do comendador... Não sei porque havia de ressuscitar o tal capitão. Se soubesse o que engraço com ele, não me punha mais os olhos.

— O capitão Filipe da Gama é muito amigo do nosso padre-mestre. Livre-se de que a apanhe, olhe que ele não é para graças...

— Santa Bárbara, advogada dos trovões! Tão nova me fazeis, que deixe cova debaixo dos pés, ou me escape coisa por onde perca... Perpétua das Dores não é de hoje, nem de ontem... ele tem dois olhos, e eu por ora vejo bem sem óculos. A carta há de ser entregue, meu santinho. Ai, filho, a menina Cecília é uma flor, uma pérola! Olha, o anel que me deu a última vez, está ali ao pescoço do Menino Jesus de Santo António. É verdade que de todas as vezes que viu e conversou com o fidalgo levei-lhe o recado, e ensinei-lhe a maneira...

— Ah! então já se tinham falado?

— Há que tempos! Foi até no convento. As primeiras duas vezes só um instantinho, ele de cima do muro, ela detrás do caramanchão. Na última o padre Ventura é que arranjou tudo... O que dirá a carta?

— Deixe ver!

— Anjo bento, vem fechada.

— É obreia. Sei abri-la.

Empregando um processo usado em Santo Antão, o nosso amigo abriu a carta, leu-a e decorou-a, e tornando a pegar a obreira, entregou-a depois à beata como a do conde de Aveiras.

— O que dizeis desta, filho? — perguntou a Sr.^a Perpétua.

— Que é pior. Convidam a sua pérola, a sua Cecília, para daqui a três dias aparecer no mirante do jardim pelas dez horas da noite, aonde lhe dirão coisas que se não podem escrever.

— Ponho as mãos no fogo em como vai.

— Irá. E depois?

— O que há de ser, nas mãos de Deus está. Se dois passarinhos fugirem da gaiola fazem acaso mal a alguém? Demais, Cecília está em sua casa; a mãe e o pai que a guardem. Sou de fora, e vejo caras, não vejo corações... *Agnus Dei qui tolis peccata mundi!* Se o meu santinho não quer mais nada, vou-me arrastando à missa, e de lá darei ordem à vida... Ai! estas pernas estão para pouco. Tomé, fechai bem a porta, e a chave na mão do vizinho. Se jantais em São Domingos é escusado gastar lume... Jesus da minha alma! Bem diz o rifão: «já fui moça, já fui rosa, hoje não tenho senão espinhos». Dantes, uma jornada era para mim um pulo, agora são léguas de Deus... A bênção de Nossa Senhora te cubra! Ave-Maria, cheia de graça...

O resto da oração perdeu-se na distância, porque a Sr.^a Perpétua já saía quando a principiou. Tomé, vendo-a cerrar a porta, encolheu os ombros, enfiou as mangas da casaca, pôs por cima o famoso balandrau, e pegando depois no seu nicho e na bandeja partiu atrás da beata, fechando a porta a duas voltas, e deixando a chave na tenda, como lhe fora recomendado.

Durante o diálogo com a Sr.^a Perpétua tinha-se escoado a água, e o Beco do Manquinho já se podia passar a vau.

O andador ia a virar para a Rua dos Escudeiros, engolfado em sérias cogitações, quando sentiu, pesada como chumbo, mão estranha sobre o ombro. O primeiro gesto foi encolher o lado ofendido; o segundo virar a cabeça cautamente e reconhecer o agressor.

Achou diante de si o estupendo chapéu, a montanhosa peruca, e o rosto iluminado de sorrisos do poeta Bernardo Pires, aquele

vate engasgado em um soneto, que vimos em São Domingos jurando pelos ossos ao Sr. Tomé das Chagas por causa da incontinência da sua língua.

O poeta matinal, fresco e gracioso, trazia a capa embuçada às canhas, capa ampla e desbotada, que lhe amortalhava metade da barba.

Cruzando os pés com elegância, e dando às cortesias a mais preciosa afinação, o Sr. Bernardo Pires passou a mão direita por baixo da capa, e levou-a lenta e grave às abas do amassado chapéu; saudou o seu interlocutor, e entre dois sorrisos sonogados pelos cantos da boca, e lambidos à flor dos beiços, disse:

— Queira desculpar se o importuno; mas antes que o divino Apolo suba mais alto com os frisões de fogo, quero duas palavras em particular, sendo do seu agrado.

— Mas eu não tenho a honra de o conhecer — acudiu o devoto, pasmado em presença dos requebros measureiros do poeta.

— Não importa, prezadíssimo senhor, não importa, conheço-o eu. Não se chama o Sr. Tomé das Chagas? Não é andador das almas em São Domingos?

— Um seu criado para o servir! Nesse caso o melhor seria voltarmos atrás. Daqui a minha casa são duas passadas...

— Nada de incómodo, Sr. Tomé! *Perambulemus!* verbo latino que significa *andar de passeio*. Se faz favor, siga-me; e de caminho falaremos.

— Mas aonde? Para quê?

— Eu lhe digo: sou poeta, faço metáforas, sonetos e apólogos. Vivo de glosas e idílios, como vossa mercê das galhetas bentas... Tudo isto é noite escura, por ora, para o Sr. Tomé; mas eu lhe abro já uma janela para encher de claridade a sua alma. Explico-me em estilo vulgar, e por um momento desço do Parnaso ao aprisco dos mortais. Ontem morreu o mordomo de um fidalgo, o mais alto de quantos eu conheço e quero que se conheçam em Portugal. O mordomo partiu deste mundo um pouco à ligeira, isto é, sem confissão, sem sacramentos, porque homem morto não fala, e a sua doença foi a morte... Não sei se foi bem, se mal, com Deus,

e nós, seus amigos, queremos metê-lo no Céu; belo! Mas para o levantar pelos cabelos, porque, diga-se a verdade, o honrado mordomo pelo menos tem os pés dentro da caldeira de pez...

— Ah! — acudiu Tomé, benzendo-se e abanando o pescoço com suma circunspeção: — Ah! então julga que ele não estava em estado de graça? É grave, muito grave! De que faleceu?

— De uma indigestão! Esqueceu-se de tomar as larguras ao estômago, bebeu um garrafão de vinho, e arrebentou. Tornemos ao caso; como ia dizendo: havemos de pregar o logro ao Demónio e meter o homem vestido e calçado no Céu! Faça favor, venha ouvindo e andando, o passeio é perto. Quantas missas acha que serão precisas para fazer estalar a castanha na boca ao fero Plutão do sombrio reino?...

— Não percebo...

— Tem razão. Maldito costume!... Pergunto: quantas missas devemos mandar dizer para pôr o mordomo branco e puro como um serafim?

O andador viu um excelente negócio na apoteose do mordomo, e abrindo as largas orelhas, e jogando as eternas passadas, foi atrás do reclamo, seguindo o poeta, enquanto respondia:

— Depende! há quem diga que o sacrificio é tudo e o sacerdote nada; tenho outro modo de pensar. Ainda que a esmola seja mais avultada, ganha-se muito em ter um padre de consciência e que se interesse pelo defunto...

— Deu no vinte, meu amigo! É a minha cisma. Ora julguei sempre que só o Sr. Tomé era capaz de desenterrar o padre, já se sabe mediante um modesto honorário...

— Deixemo-nos disso — acudiu o devoto, sentindo já os dedos em volta do numerário. — Nada de simonia. No serviço do próximo posso aceitar uma esmola, porque sou pobre, mas não recebo salário. Se quer lembrar-se das almas...

Estendeu-lhe o nicho a beijar, com o ralo para fora, inculcando que o seu tesouro tinha aquela entrada. O poeta deu pios ósculos no santo, tirou o chapéu, e levou a mão ao bolso da véstia; mas tirou-a vazia, fingindo mudar de ideia:

— Não trago prata — exclamou. — E demais estamos ao pé de casa. É adiante da esquina, aquele beco.

— Mas aonde vamos no fim de tudo? — gritou o milagreiro um pouco inquieto, vendo fugir a esmola, e render o caminho, apesar da isca com que o vate o ia entretendo.

— O Sr. Tomé conhece o sítio?

— Nem sei onde estou. Fora do meu bairro sou mesmo um parvo.

— Pois eu lhe digo! Estamos em terra conhecida. Desta porta para dentro é aonde a tesoura da Parca, a cruel Átropos...

— Trapos? Mora aqui algum algibebe?

— Sim senhor. Um algibebe de obra larga. O coveiro de São Julião. Foi ele quem me encomendou as missas.

Tomé das Chagas deu um pulo e tentou virar para trás. O grito achou diante a mão do poeta; o pulo encontrou defronte o corpo de Bernardo Pires. O pobre devoto sentiu-se logo depois agarrar, e meter quase à força para dentro da porta.

XVI

NEM EU, NEM TU

O pobre Tomé das Chagas apenas se viu nas garras do poeta, e na escura lógia para onde ele o empurrara com bastante sem-cerimónia, teve logo sérios receios.

O nosso amigo era sensível e excessivamente nervoso, e alegava boas razões para não andar de dia sem cautela, e de noite sem lanterna.

Durante a conversação tinha atravessado, sem dar por isso, umas poucas de ruas, e escorregado por cima de outros tantos becos lamacentos; e quando lhe perguntaram com ar de escárnio se conhecia os sítios, achou-se desorientado, e na realidade não sabia aonde estava.

As últimas palavras do curioso diálogo tinham sido proferidas diante duma porta quase cerrada, no meio de uma viela deserta e sombria, cheia de montões de caliça e de paredões caídos; entre duas ou três barracas esbeçadas e pendidas.

A porta tinha um ar apoplético; a casa era a imagem da eternidade; as paredes esburacadas, e uma seara viçosa de arroz de telhado e mais ervas parasitas, crescendo livremente por entre as desconjuntadas telhas, davam-lhe uma aparência menos que humilde.

O poeta encostou o ombro à porta e levou-a quase às costas para a forçar a conceder entrada. Subindo a escada, cujos degraus se empinavam trémulos de velhice, e rangiam de podres, os dois heróis acharam-se defronte doutra porta irmã gêmea da porta dolorosa, que deixavam às cortesias atrás de si.

Servia de fecho um cordel, e de argola um cavaco atado a ele. O poeta puxou o cordel, meteu o joelho, e atirou logo para dentro o Sr. Tomé das Chagas. Apenas os seus olhos rodaram a casa, o milagreiro deixou cair o nicho e a bandeja; e girando sobre os calcanhares, como uma ventoinha, quis investir pela escada abaixo.

Mas a evolução estava prevista: o Sr. Bernardo Pires tinha fechado a porta.

A casa merecia os terrores do honrado Tomé. Era a antessala do cemitério.

Entre as bambinelas de teias de aranha e os listões verde-negros, que manchavam paredes e tetos, rasgava-se uma janela estreita com rótula de pau.

Cinco ou seis ossadas, ou mais exato, cinco ou seis corpos mal consumidos, estavam encostados em redor do aposento. Mortalhas quase podres penduradas, grinaldas sujas, caixões arrombados, panos de enterro pingados de cera, esqueletos meio armados, postos em arames, e muitos ossos espalhados pelo so-brado, formavam as tapeçarias e a mobília do antro fúnebre.

No meio do quarto uma mesa, uma bilha, e duas canecas pareciam a ironia viva do espetáculo da morte no que a dissolução tem de lúgubre e de horroroso. Quanto mais a vista parava no quadro, tanto mais frio se confrangia o coração.

O pobre Tomé das Chagas não tremia só, estava caindo por instantes transido de medo!

— Até que chegamos — proclamou o poeta, tirando a capa e descobrindo a prodigiosa casaca de portinholas e botões de rodinha.

Libertou-se depois do veterano chapéu, e pôs-lhe em cima da copa um par de floretes, que trazia escondidos debaixo do braço.

— Pode descansar um minuto — disse, respirando e batendo os pés no chão com força, em risco de abrir duas claraboias no sobrado podre. — Está no pórtico da eternidade, e estes moradores do escuro reino não dizem nada!

Ao mesmo tempo indicava os defuntos hirtos e encostados em roda da casa.

Tomé das Chagas nem pestanejava. A língua tinha grude. Bernardo Pires, com um sorriso boçal, escorria entretanto a bilha, dando-lhe palmadas no bojo com a familiaridade de um amador. Depois virou-a de boca para baixo, e a rir exclamou:

— Nem lágrima. Bebemos tudo por alma do mordomo. Está nos Elísios, se Caronte lhe foi propício. A propósito, Sr. Tomé, as missas que lhe disse parece-me que vêm tarde: o homem está salvo! Fiquemos no *introibo* desta noite, mais do gosto do meu defunto amigo. A respeito de missas, se vossa mercê quer, deixe algumas pratas, que eu as mando dizer por sua intenção; aqui para nós, em boa amizade, aquilo era anzol para o trazer aqui; nunca esperei tanto da sua bondade. Ora como conto despachá-lo depressa, peço-lhe que dê no outro mundo muitas saudades deste seu admirador ao velho Simão de Oliveira.

O milagreiro pegou maquinalmente no chapéu do poeta, cravou-o na cabeça, e tratou de sair sem mais rodeios.

— O que é isso, senhor andador das almas, assim nos deixa? — gritou o vate. — Vai atrás das missas, ou procura as galhetas por estar seca a dorna? (a dorna era a bilha). Então leva o meu chapéu? Deixa-me sem o seu corpo e a minha cabeça? Sacro Apolo! onde vai, onde vai? Que pressa!

— Vou dar o seu recado — replicou em voz rouca o devoto, fazendo um movimento para se apossar da porta.

— Devagar, mais devagar. Escolha primeiro o hábito e a carruagem. Repare que tem de ir pela posta até ao Averno.

— O hábito, a carruagem? — acudiu o servo de Deus sufocado.

— Decerto. Não cegue as duas estrelas da alma, que são as janelas do sentimento. Sirva-se dos seus olhos, já que as Euménides compassivas lhos não arrancaram. O que lhe disse

era metáfora. Para que viemos aqui? Para o mais infeliz se apartar do belo seio de Cibele, nome que os antigos deram à Terra, nossa mãe, e comparecer no tribunal de Minos, entrando pela porta de Prosérpina... percebe?

— Nem meia palavra! Digo-lhe que me deixe sair, senão grito «Aqui d'el-rei!»

— Oh *cæcitas mentis!* — exclamou o vate, erguendo ambos os braços ao céu com burlesca veemência. — Oh divina musa, o que te fazem estes zotes do Parnaso! Pois Sr. Tomé, uma vez que as graças de Apolo e das nove irmãs o não iluminam, prepare-se que vai ouvir a buzina de Marte. O hábito que lhe disse, em língua do povo, na língua tosca e saloia que vossa mercê fala e entende, é uma dessas mortalthas; a carruagem, um desses caixões. Sou clemente. Antes de o ferir, como Aquiles feriu Heitor, quero deixá-lo em vida determinar o seu enterro, como for mais do seu gosto. Agora já entende?

E fazendo uma visagem lúgubre, o Sr. Bernardo Pires cruzou os braços bem alto sobre o peito, queimando com a luz das pupilas cor de alface a esquálida fronte do milagreiro.

— Então matam-me aqui, sem confissão nem sacramentos? — exclamou o devoto, cor de café, fugindo com o corpo como se já visse os punhais de uma quadrilha de malfeitores.

— É verdade! — respondeu o fabricante de glosas, pondo-se no reto com desplante. — Estou aqui para servir de tesoura à Parca, e cortar-lhe os fios da vida. O que tem a dizer?

— Tenho muito, tenho tudo! Hei de resistir, vou gritar...

O poeta, encolhendo os ombros, soltou uma risada solene e harmoniosa, e pegou em um dos floretes.

— Há de gritar! porquê?

— Essa é boa! O senhor diz que me há de matar, e admira-se...

— Mas eu mato-o academicamente, com todo o preceito. Assim, digo-lho eu, é um gosto morrer.

— Morra o senhor. Estou muito contente vivo.

— Mato-o como Roldão matava os moiros, em combate singular.

— Nem singular, nem plural!... Não sou homem de brigas; está enganado.

— Olhe que perde, Sr. Tomé. Sei o jogo, e prometo varar-lhe o coração à terceira estocada.

— Obrigadíssimo! mas não quero; deixe-o como está, que está bem.

— Jesus, que teima! — gritou o poeta, assumindo o ar afável de um paladino de Ariosto, e forçando a mão rebelde do devoto a empunhar o florete desembainhado. — Deixe-se de contos; tudo é principiar. Aquiles fiou numa roca e depois foi o terror de Troia. Suba comigo à altura dos heróis; exercite-se na grande ciência de morrer com arte. Vamos, pegue no florete; mais alma, homem, mais alma! Faça-se ainda mais feio. Belo! quero dizer horrendo. Asseguro-lhe que de viseira caída pode desmamar crianças. Agora o braço esquerdo mais acima; a mão bem alta; arredonde o cotovelo... ótimo!

— Mas o que está o senhor a fazer de mim? — atalhou o servo de Cristo, obedecendo como um autómató e cada vez mais espavorido.

— Estou-o educando para não desonrar as sábias lições de Palas. Vamos. Firme! Agora rompa. Esse pé, escorregue sobre esse pé; ligeireza, flexibilidade, Sr. Tomé! Ah! Mais largo! mais... Safa! São duas pernas de compasso como a légua da Póvoa. Agora atire à muralha. Um, dois, um, dois! Tem cinco minutos para aprender a cair com graça.

— Cair, caí eu nas mãos de um doido! — gemeu o milagreiro em voz baixa. Depois virando a cabeça por cima do ombro para retificar a posição do inimigo, insistiu com desesperação. — Mas o que quer o senhor de mim?

— Quero matá-lo! — bradou o assassino das rimas com acionados olímpicos. — A vingança é o néctar dos deuses, e eu sou uma Juno masculina. O Sr. Tomé ofendeu mortalmente um amigo de Bernardo Pires, e ofender o meu amigo é ser meu inimigo. Prepare-se! O dedo da Parca está sobre o ponteiro da vida. Nas águas tenebrosas, Caronte, o barqueiro do Inferno, tem o

bote à espera. Resigne-se, e para o consolar prometo-lhe um epicedio. Pegue na espada!

— Almas bentas! Sr. Bernardo Pires, eu não sei jogar o florete.

— Melhor! Morre mais depressa — replicou o vate, magnânimo, crescendo-lhe os brios com o desalento alheio.

— Mas preciso de viver!

— Asneira! o que é a vida? um sonho...

— Ao menos dê-me tempo, deixe-me tratar da alma...

— Vá descansado; já arranjei tudo. O seu enterro está justo. Achemo-nos em campo neutro... o cemitério é ali adiante.

— Santo breve da marca!

— Em abrindo aquela porta... Até a cova há de estar feita.

— Santo nome de Jesus! Mas, Sr. Bernardo, o que fiz eu? Pelas chagas de Cristo! Diga-me o meu delito.

— Quer saber porque morre? Tem razão. Responda: quem é o duque de Cadaval, D. Nuno Álvares Pereira, meu senhor?

— Um fidalgo temente a Deus, muito esmoler, grande amigo de el-rei e da santa religião...

— Ah, Sr. Tomé! Enfim respeito a dignidade dos seus últimos instantes. Retiro a esponja do fel. Porque não falou vossa mercê assim o outro dia? Para que me expôs a carregar toda a vida com o remorso da sua morte?... Diga-me: lembra-se do cruzeiro de São Domingos; recorda-se do que lá pregou haverá uma semana? Quem blasfemou que o duque de Cadaval era herege e amigo dos Judeus; quem o quis assado com sambenito e carochas no auto-de-fé? Estes horrores, e outros mais, fui eu Bernardo Pires, ou foi o Sr. Tomé das Chagas quem os deitou pela boca fora?

O devoto, sentindo-se nos dentes do lobo, baixou a cabeça, e recolheu-se confuso na tristeza do seu coração.

Bernardo Pires, recuando o corpo sobre a perna esquerda perfilada; arremetendo às nuvens com a cabeça; e pondo o braço em posição moiresca, prosseguiu de peito inchado, e coando as frases:

— Se não tivesse de cruzar a espada com a sua, fazendo-lhe a honra de o pôr por meu igual, chamava-lhe dragão da honra

alheia. São metáforas arrojadas, porém lícitas. Dizia-lhe: uma toupeira de sacristia, um mochila de dormitório, quando morde assim atassalhando pessoas tais, corta-se-lhe a mão direita e o pé esquerdo, e furam-se-lhe os beiços com um ferro em brasa...

— Valham-me Santa Ana e São José! — balbuciou Tomé fulminado e fugindo com o corpo. — O que diz? O Sr. Bernardo Pires não há de ter a crueldade?!... Aqui há gente escondida?...

— Sossegue. Isto é hipótese; falei em hipótese. Estou só. Ministro e verdugo das minhas vindictas, sentencio e executo. Bem! As carnes tremeram do que lhe escutei; os ouvidos negaram-se a acreditar... a ira gritava: mata-o! mas a prudência respondia: espera! Optei pela prudência. Chegando a casa, chamei o escudeiro do duque e meu particular amigo; vieram a conselho mais três criados velhos; e decidiu-se que o Sr. Tomé fosse apanhado à noite, metido em uma casa solitária, esta por exemplo, e aí (trema!) engraxado vivo, puxando-lhe o lustre à escova dois robustos pretos de Guiné!...

Ouvindo a segunda hipótese, mais ignóbil e não menos crua, o Sr. Tomé atirou um formidável pulo à porta, que dava para o cemitério. Esta cedeu, e um intervalo lúcido no meio do delírio do terror mostrou ao devoto, que não podia escolher melhor posição para qualquer ocorrência.

Entretanto o sublime vate, correndo a vista orgulhosa pela exígua pessoa, e afofando o ar com a dextra cheia de majestade, depois de breve pausa continuou entre dois sorrisos, um ridículo, porque era burlesco, outro parvo, porque tentava ser irónico:

— Achei indigno de mim o suplício da graxa! Um poeta laureado em três outeiros não baixa a rival de um remendão de escada; não mancha a alvura de cisne na vil untura de pós de sapatos, mesmo para fazer preto um homem branco. Rejeitei. Encarregaram-me então da vingança geral! Lembrou-me embainhar-lhe a espada no corpo uma noite ao canto de um beco: há exemplos históricos; mas tive medo de subir com eles a escada da força. Ocorreu-me fazer-lhe sete sátiras a fio, e apregoá-lo em oitavas pelos cegos; mas podia acontecer que se não vendessem,

e por cima pagar eu o papel e a impressão. Até na vingança a economia é santa! Por fim, ontem resolvi que o mais simples era trazê-lo aqui, e fazer-lhe a honra de um desafio à espada, sem terceiros... da aparência de um duelo, porque sou o melhor discípulo de Vicente Nemour, e com uma *imbrocata* envio o inimigo às Górgones e Megeras, sobretudo não jogando outras armas senão o hissope e a caldeirinha. Tenho tido trinta desafios, e sabe porque nunca fui preso, nem se soube? Porque homem morto não fala; e homem que briga comigo é homem que não torna a pisar a terra!

Este epifonema ameaçador era acompanhado de gestos lacrimosos. Para lhe dar mais efeito, o poeta limpou dos olhos duas lágrimas supostas com um lençinho de alvura suspeita.

Esta boa alma, com o seu pranto imaginário, fazia as honras fúnebres da vítima. Era a sombra do boleiro limpando a sombra de um cavalo com a sombra de uma escova, segundo a paródia da Eneida.

Enquanto o piério vate sepultava os mortos ideais, sacrificados não com espada, mas com a língua, o andador das almas principiava a restabelecer-se do primeiro sobressalto.

Mais familiarizado com a casa, e certo de que todos os inimigos se reduziam ao poeta loquaz, tomou o pulso ao valor, e atreveu-se a estudar de perto o coração do Rodamonte do Parnaso.

Os rompantes, que lhe saíam pela boca às girândolas, fizeram suspeitar ao devoto que tudo aquilo podiam ser detonações sem bala, trovão sem raios.

O poeta laureado devia esconder boa dose de bravura negativa, e a sua fisionomia insignificante parecia o menos belicosa possível.

Tomé das Chagas, enquanto ele desatava a torrente da sua cólera, pôs-se a refletir devagar, e achou que este Ájax esbravejando com o florete, e talhando os ares, mais prometia uma cena de entremez, do que um combate sério, a quem lhe apontasse ao peito três a quatro palmos de ferro.

Aliviado da perturbação, o servo de Cristo lembrou-se de que lera uma fábula, em que o burro, orneando dentro da pele do

leão, enchera as selvas de terror; mas denunciado pelas orelhas, ficou burro, e fugiu do mais desprezível contendor.

Resolveu-se por isso a tentar fortuna, e animado pela ferocidade teórica deste leão de meias de seda, decidiu escapar ao *Miles gloriosus de Lisboa*, com o estratagemas das comédias velhas, remédio eficaz contra os valentes improvisados.

Feito este cálculo, o ilustre sacristão menor sacudiu o esguio corpo, escorvou as goelas para tomar a voz clara, e compondo os óculos, preludiou a entrada em cena por um formidável giro de florete, que fez recuar o poeta mais de quatro passos.

Ao mesmo tempo o milagreiro exclamava:

— Sr. Bernardo Pires, Deus é justo! Contava assassinar o sacristão de hissope e caldeirinha, pois saiba que antes de entrar no serviço da Igreja estive ao serviço de el-rei. Quis experimentá-lo; sofri com paciência... mas é preciso dar-lhe uma lição. Conselho por conselho! Tome as suas precauções. Olhe que os dois últimos castelhanos que matei, foi abrindo-lhes a cabeça até aos dentes. — Depois, ajoelhando, e pondo as mãos com os copos da espada entre elas, prosseguiu com devoção: — Senhor Jesus da minha alma, bem o sabeis, é em defesa própria! Tende misericórdia com este homem, que vai aparecer na vossa divina presença, tão mal preparado para as terríveis contas que tem de dar diante da vossa justiça.

Acabada a deprecação, Tomé levantou-se, imitou a posição marcial que vira em Lisboa e Évora a alguns oficiais, e gritou: — Vamos, senhor poeta! em guarda!

Dizendo isto, parecia de bronze por fora, mas sentia-se desfalecer por dentro. O momento era terrível.

Se o vate aceitava o cartel e cruzava a espada, Tomé tencionava meter os ombros à porta do cemitério e escapar-se. Se hesitasse, ou se evadisasse, ficava desmascarado, e pagava capital e juros.

O poeta é que não sabia aonde estava. Homem de pacíficas inclinações, tinha ideado este lance como ideava as suas trovas, que os zoilos mordiam com escárnio. O sangue metia-lhe

horror, e sobretudo o seu; uma espada nua fazia-lhe agastamentos de coração.

A arte de esgrima, que alardeara, era famosa impostura, como era outra desaforada mentira os dois golpes mortais de Tomé nos espanhóis. Em todo o caso, o poeta via de repente um Roldão diante de si, e faltava-lhe o ânimo para ser Oliveiros. A gente nasce, não se faz.

Os seus cálculos tinham sido admiráveis pela base. O vate esquecera-se de prever a hipótese do andador das almas levantar a luva, e de aceitar o cartel.

Esta falta desconcertou os bem elaborados projetos do nosso amigo. A sua ideia, simples como todas as grandes ideias, reduzia-se a intimidar o devoto, coagindo-o a pedir a vida; mas para isso era absolutamente necessário que o Sr. Tomé tivesse medo, e o milagreiro, deixando os lugares comuns, optara pela valentia.

Em presença desta contingência terrível, uma transpiração duvidosa, que ele depois caracterizou de excesso marcial de ardor, borbulhou na magnânima frente do filho de Apolo. Em lugar de se pôr no reto, respondendo à espada com a espada, recuou dois passos; baixou a ponta do florete, e observou pelo canto do olho se a porta da escada ficava perto.

Tomadas estas precauções, virou-se para o adversário, que tinha ainda o seu chapéu na cabeça, e entre um sorriso mavioso e um gesto açucarado, exclamou, abrindo os braços:

— *Ave, bis terque ave!* Achei um homem. O filósofo que ao meio-dia o procurava à luz da lanterna, aqui apagava a candeia, porque achava dois. *Cedant arma!* como diz Túlio Cícero. Façamos tréguas, e conversemos.

— Sr. Bernardo Pires, tenho pressa; e agora não se trata de metáforas, trata-se de brigar. De mais o tenho aturado. Estou cansado; vou livrar a terra de um malsim de sonetos, capaz de endoidecer os sábios da Grécia. Vamos, defenda-se!

E brandindo ao acaso a longa espada, descarregou-a na mesa, que servia de trincheira ao vate, e cravou nela bons dois dedos de ferro.

Bernardo, mais branco do que os bofes da camisa, que eram russos, furtou o corpo ao golpe, apesar de estar a três distâncias do alcance, encolheu-se por trás da mesa, e lembrado das terríveis cutiladas cerebrais do Sr. Tomé nos castelhanos, armou-se da bilha, que levantou como escudo, enquanto se retirava direito à porta, agitando o florete.

— Viva Marte! — gritou. — Meu belicoso donato, modere a impaciência! *Favete linguis!* Freio na língua e abracemo-nos. Deixe o frio Bóreas tiritando, e a canícula árida abrasando...

— Senhor poeta, isto não é negócio de braços. Briguemos!

— Oh! glorioso ardor! Sr. Tomé, a musa saúda-o! Como Reinaldo, dê-me a garupa do seu corcel, e paladinos inimigos vamos juntos banhar a alma na divina onda do Permesse, do rio da amizade... Ah! sacro Ariosto, quem te poderá, não digo exceder, se não imitar!

— Advirto-lhe que estou esperando — acudiu o devoto cada vez mais forte com as evoluções oratórias do adversário. — O desafio não é de versos, é de espada. Mandê passear o *Arioste*, senão ergo o braço, e não se queixe...

— Tem razão, falarei em língua vulgar. Dizia-lhe que isto não é sangria desatada ser hoje, e já. Temos tempo. Depois refletindo, creio que houve equívoco, ouvi mal talvez; o Sr. Tomé decerto queria dizer que desejava assados de carocha e sambenito os inimigos do duque de Cadaval...

— Nada, não houve equívoco. Ouviu muito bem. Sustento o que disse e o que não disse. Afirmo e confirmo.

— Então, meu amigo, dê-se ao mundo um grande exemplo! Quebremos o alfange da Parca. Retrâte-se! Tenha a bondade de dizer o contrário do que disse, duas palavras pró-forma, ou eu as digo, e o Sr. Tomé cala-se; e como *retractio non est convicium*, o que significa, que a emenda não é infâmia, arranjamos o negócio, e o sangue de dois campeões não rega de purpúreos veios os penetrais do túmulo...

— Se tem medo, confesse-o e vá-se embora. Eu não me desdigo. Acabemos com isto.

— Medo!? Esse filho de uma lebre acaso entrou nunca no coração de Bernardo Pires? Medo, eu, poeta laureado, adorador constante de todas as belas, e em especial fiel cativo da maga Belisa, cujo nome profano é Isabel, a estrela dos meus olhos, por doce alcunha a *Coração!* Medo! Essa palavra vai fazer derramar ondas de sangue, grosseiro sacristão. Primeiro a funda e depois a espada. Morre endurecido no erro já que desprezaste a vida, Deus tenha compaixão da tua alma.

Unindo o ato à palavra, e fechando os olhos para não ver o sangue da vítima, o poeta atirou a bilha pelos ares, abriu a porta, e com a espada na mão precipitou-se pela escada abaixo, gritando: «A clemência tem limites!»

No meio da estrepitosa saída, um dos degraus, de fraco e podre, estalou e foi abaixo. O pé do vate desceu com ele, e Bernardo Pires achou-se preso pela perna, e por cúmulo de desgraça dividiu por cima da cabeça a espada do andador das almas, que o perseguia denodado.

— Renda-se! — gritou o devoto açoitando os degraus a ferro frio, mas sempre a razoável distância do inimigo.

Este, apesar disso, encolhia o pescoço e fechava os olhos cada vez que a sombra da espada inocente aparecia na parede.

— Pare! Estou rendido! — clamou o poeta agitando os braços em sinal de perigo. — Olhe que me faz partir uma canela!

— Pois entregue-se! Para cá o florete — dizia o heroico Tomé. — Depois saberá as condições com que lhe perdo.

— Não abuse da desgraça. Aí tem a espada. Faça favor, ajude-me a sacar o pé aqui de dentro, e dê-me esse chapéu, que tenho frio na cabeça.

— O chapéu fica prisioneiro de guerra. Agora ouça. Conhece a *Coração*, a ciganita do pátio das Comédias? Não era dela que falava há pouco?

— Se conheço! — suspirou o vate estorcendo-se — oxalá não a conhecesse! Adoro-a. É a flor que perfuma a minha poesia, é a suave Egéria deste Numa...

— Deixe-se de histórias. Vamos ao caso. Como o trata ela?

— Com os rigores de um tigre hircano. Aqueles olhos de mel para todos ferem como balas, quando se voltam para mim. Sou o seu fiel cativo, respiro só para a idolatrar, e aquela mão de alcorce nunca me tocou de leve... Ainda ontem lhe pedi um ósculo, e deu-me...

— Ah, fale, diga!

— Duas tremendas bofetadas, uma de cada lado, para me endireitar a cara, disse ela!... Ah, tirana Belisa, as setas de teus lindos olhos...

— Deixe as setas, e sentido com as navalhas! — acudiu o mi-lagreiro, soltando a risadinha falsa do costume. — Não se meta pelo Egito, Sr. Bernardo, olhe que pode ir por seu pé, e voltar às costas de outrem.

— Então corre-se perigo? — exclamou o vate sobressaltado.

— Cá e lá más fadas há! É o que lhe digo. Ora bem. Saiba que sou seu rival segundo a carne. Ando convertendo a *Coração*, porque era pena corpo tão gentil perder a alma... Graças a Deus, ela ouve-me. Não creio nos meus merecimentos, só creio no poder de Jesus Cristo, nosso Redentor. É uma inclinação honesta, em honra da Igreja; portanto ou vossa mercê jura de não tornar a desinquietar a *Coração*, ou eu deixo cair a espada como fiz aos espanhóis, e enterro-o debaixo destes degraus.

— Tire-me a vida, mas deixe-me a escura noite dos meus cuidados.

— Muito bem. Reze o ato de contrição.

— Espere! Que génio assomado! Pois há de degolar um poeta por causa de uma figura de retórica?

— Deixe a rapariga em sossego, se não quer partir para a eternidade. O que decide?

— Fico. Tenho muito que fazer no mundo.

— Veja o que diz. Promete...

— Não prometo, reconsidero. Se ela vivo me esbofeteia, o que será depois de morto! Ature-a, que não leva mau castigo. Não lhe seguro os ossos a um ceutil.

— Isso é por minha conta e dela. Olhe que se o apanho em alguma emboscada...

— Não sou melro para andar por bosques! Abjuro o traidor Cupido, detesto a lasciva amante de Marte Rufião, e protesto viver e morrer em puro celibato. Preferir-me a osga torrada deste sacristão!...

— Visto estarmos concordes — atalhou Tomé, que não ouvira a última parte da jaculatória — não quero demorá-lo mais. Sou um seu venerador, Sr. Bernardo Pires.

— Um momento! — gritou o vate. — Solte-me os pés. Obrigado. Adeus, generoso inimigo; se quiser uma décima para o noivado, procure Bernardo Pires, poeta laureado, morador em casa do duque de Cadaval. Adeus, venturoso mortal. Diga à ingrata Belisa, que até morrer adorarei os lindos pés, que são zéfiros na dança, e as castanholas que dão mate ao coração.

— Olhe a capa, senhor poeta. Até mais ver.

E Tomé das Chagas, descobrindo em si uma qualidade nova, o valor, depois de viver trinta anos sem a achar, atirou de cima da escada a desbotada capa ao infeliz rival.

Este, que morria por estar a cem léguas do teatro da sua vergonha, fez-lhe a última cortesia, levando a mão à altura onde devia encontrar a aba do chapéu, e saiu. Já fora da porta levantou os braços ao Céu e exclamou:

— Vou tosquiado! Perdi um florete, um chapéu e uma rapariga; mas levo o corpo inteiro, e é o essencial. Nada de graças! Se mato o sacristão tinha de mudar de ares, e ainda por cima ficava sem almoço, e cheio de remorsos. Quem as armou que as desarme.

Da sua parte, o andador das almas limpava o suor frio da testa, endireitava a casaca, e pegando na bandeja e no seu nicho saiu da casa sem olhar para trás, desceu a escada a furta-passo, e já na rua, ajoelhando beato e contrito, desafogou em um suspiro, exclamando:

— Bendito e louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Escapei de boa!

XVII MENTIRA E VERDADE

Sempre era homem ativo e previsto o Sr. Tomé das Chagas!

O seu tempo valia dinheiro, e possuía memória tão exata como um cronómetro.

Mal se viu desembaraçado das perseguições do poeta laureado, olhou em redor, orientou-se e partiu pelo caminho mais curto. O passo acelerado dizia que o episódio belicoso lhe tinha roubado uma hora pelo menos; não querendo fazer esperar ninguém, multiplicava a comprida pessoa, mostrava-se igual à sua reputação.

Em virtude de um cálculo simplicíssimo, o glorioso andador das almas correu direito à portaria de São Domingos, e chegava à cela do padre Frei João dos Remédios, justamente quando o relógio do convento, compassado e grave, batia as nove da manhã.

Tomé louvou a Deus.

Tinha-se atrasado apenas meia hora no desempenho dos seus deveres. Sua reverendíssima passeava pelo gabinete, e em gestos altivos, e com voz sonora, ditava um papel forense ao desmemoriado escrevente, cuja discreta estupidez o padre-mestre abençoara em casa de Lourenço Teles. Respirou o nosso devoto, e logo foi tomando posse da situação. Depois,

apurando o sentido auricular, concentrou o espírito e corpo nas imensas orelhas, ávidas e curiosas.

A eloquência do procurador desenrolava-se, entretanto, em períodos extensos, cadentes e ameaçadores, acusando a Companhia de Jesus de rebelião premeditada contra a majestade do trono, e contra a santidade da Igreja. A minuta da alegação tremia nas mãos do orador, que a ia limando entre furiosas pitadas, e estrugidos assoados, e no meio da comoção veemente que retarda ou precipita o homem, cuja imaginação laboriosa acode com variadas expressões à tradução do pensamento.

Passados instantes, Tomé sacudiu a cabeça, e elevou os ombros à altura das infinitas orelhas. A este gesto sucedeu um sorriso verde — burlesco arremedilho do fino sorriso do padre Ventura nas ocasiões escabrosas. Feitos estes sinais telegráficos entre a alma e o corpo, o nosso amigo tirou do bolso um papel e pôs-se a escutar, de lápis nos dedos, escrevendo quanto ditava o procurador de São Domingos.

Este, em uma investida heroica, entrou pela cela dentro, de braço alto e lenço flutuante; se o andador das almas fosse homem menos acautelado, colhia-o em flagrante delito de mentira capital, descobrindo-lhe uma prenda nova e oculta — a arte caligráfica reduzida ao método mais expedito.

— Ah! estava aí, Tomé? — disse o reverendo, assoando-se e escorvando o nariz com muita complacência.

— A sua bênção, padre-mestre! — respondeu o devoto, afivelado na contrição, que lhe servia de viseira. — Peço desculpa por vir mais tarde; mas espero em Nosso Senhor, que não fizesse falta.

— Não fez. Como a noite passada estive ao bufete até às onze, principio agora mesmo a ditar... Vossa mercê, ontem, saiu tarde, muito tarde! Que horas seriam, Tomé das Chagas?

— Uma hora da noite, reverendíssimo — acudiu o milagreiro com certa escuridão nas faces, o que nele equivalia a fazer-se bastante vermelho.

— Justamente. Uma hora! É o que disse o leigo da portaria. E aonde esteve todo esse tempo, pode saber-se?

— Na capela de cima a rezar. Estive pagando uma promessa.

— Ah! Muito bem. Sabe que peguei no sono logo, e de modo que não senti mais nada?

— Que admiração! Vossa reverendíssima anda cansado...

— De espírito e de corpo, irmão Tomé; e Deus me dê forças pela sua infinita misericórdia. Arranje-me a cela e não se vá embora... E outrossim — gritou ele, continuando a ditar da porta do quarto — provará na real presença a soberba monstruosa da sobredita Companhia, que nem respeita a Deus, nem teme o condigno castigo da sua *terribilidade*...

— Iniquidade — repetiu o escrevente como eco infiel.

— Espere! — E Frei João, majestoso e vermelho da excitação mental, rodeou o grande contador de pau-santo, e, pondo os olhos no teto, firmou o período com uma tremenda punhada na mesa, que a fez tremer e à casa.

Duas horas depois o procurador expedia o ilustre Sr. Tomé com uma carta a Diogo de Mendonça. Depois a passos lentos encaminhava-se, meditando, para a Rua das Arcas, aonde o esperavam para jantar Lourenço Teles e seu sobrinho Filipe da Gama.

O devoto, pesquisando se alguém lhe seguia o rasto, em vez de seguir direito à Calcetaria, tomou para o lado de Santo Antão, e mesmo debaixo do alpendre viu uma sege parada, com os cordões, o cavalo transparente, e o esgalgado e faminto boleiro, que naquele tempo constituíam a trilogia de um veículo desta denominação, antes de aperfeiçoado com outro cavalo espectro, duas rodas de azenha, e uma capoeira suspensa, como hoje. Ia a pôr o pé no degrau, quando se encontrou cara a cara com o padre Ventura, o qual o recebeu quase nos braços, entre um sorriso mavioso, e esta jovial exclamação:

— Bem-vindo nosso andador das almas! Então o que o traz a esta sua casa?

— Venho *confessar-me*! — replicou o milagreiro, beijando-lhe a manga, e olhando para todos os lados inquieto.

— Ah! Parecem-lhe grandes as culpas? Não pôde com elas até à noite?

— É preciso dizê-las já. Até as pus neste papel para me não esquecer alguma.

— Percebo! É tudo?

— Ainda há...

— Espere! Suba... Não! Venha comigo; como são duas palavras, a cela do porteiro basta. Diga-me: vem de São Domingos?

— De lá saí.

— Ótimo! E a devota comunidade?

— Espera amanhã estar melhor.

— Deus permita! Estimarei.

Os dois entraram, e minutos depois chegou o padre Sebastião de Magalhães, trotando na sege do paço, e apesar do frio, arrendo em calma.

— Aonde está o padre Ventura? — perguntou ainda de dentro da sege.

— Aqui, aos pés de vossa reverendíssima — respondeu o italiano que vinha saindo.

O confessor de el-rei, apesar da sua corpulência, atirou-se de um pulo ao chão, e não fazendo caso de Tomé, que se lhe prostrava aos pés com momices respeitosas, pegou na mão delicada do visitador, e moeu-lha, no apertão das suas, indicando assim a gravidade do negócio.

— Devagar, padre-mestre! Percebo otimamente. Adeus, Sr. Tomé. As culpas são grandes, tinha razão; mas a penitência as expiará... Não há de ser pequena. Ora pois! Quer mais alguma coisa?

— A sua bênção, padre-mestre.

— Deus o faça um santo.

E sustendo com um gesto a impaciência do confessor, não o deixou falar senão depois de ter desaparecido o honrado Tomé.

— Aquilo é um pobre fanático que me desassossega todos os dias com os seus escrúpulos de consciência... Agora, nós. Temos novidades por palácio? Está pior el-rei?

— Sua majestade está melhor.

— Ainda bem. E o príncipe?

— Sua alteza teve ordem de prisão.

— Sinto muito.

— O infante D. Francisco trabalha...

— Também sei.

— E logo no conselho de estado...

— Decide-se o casamento do príncipe. Estou avisado.

O padre Sebastião, cheio de assombro, olhou para o superior. Parecia-lhe quase um prodígio que soubesse tudo e tão depressa.

— Entretanto receio que sua alteza...

— Não receie. Sua alteza diz *que não* redondamente ao conselho de estado, como o disse em particular a el-rei, seu pai.

— Deus nos acuda! Sabe vossa reverendíssima que el-rei fala de o meter na torre?

— Sabe vossa paternidade, que sua majestade nem sempre faz o que diz?

— Mas é que o infante embrulha tudo! E apesar de ser um pouco vivo e leve de cabeça...

— Doido, demente, diga, e não lhe faz favor.

— Mesmo doido! Sabe vossa reverendíssima que há quem o siga, e duas ou três pessoas de muito conceito para el-rei nosso senhor? Por isso temo...

— Não tema.

— Mas pode vir uma ordem perigosa, digo-lho eu, padre visitador.

— Não vem nada, afirmo-lho eu, padre confessor. Olhe, os reis que morrem, nunca meteram medo aos reis que ficam; acredite: e, apesar das suas melhoras, o senhor D. Pedro II está muito doente, muito mal... O príncipe há de casar, mas é depois. Há de casar na casa de Áustria, mas não já. Queremo-lo solteiro uns dias, mais uns dias. Falou a sua alteza?

— Da parte de seu augusto pai.

— E como o recebeu?...

— O pior possível. Não respondeu.

— Ah!... E à carta de sua majestade?

— À carta?... Eu não disse que levei uma carta.

— Mas digo eu. A resposta?

— Trago-a neste papel — murmurou o confessor cada vez mais soçobrado diante da copiosa notícia do padre Ventura. — Fala-se muito da paixão do príncipe por certa dama...

— Ah!...

— Uma D. Catarina de Ataíde, noviça em Santa Clara...

— Ah!

— E vão tomar-se providências...

— Sim?

— El-rei jurou por alma de seu pai...

— Vossa paternidade não deve deixar jurar el-rei, porque é pecado. Depois?

— Soube-se que sua alteza esteve umas três vezes em Santa Clara...

— Com efeito?

— E de todas teve grandes colóquios com a noviça D. Catarina.

— Estão certos?

— Certíssimos!

— Pois não sabem nada!

— Então o príncipe não esteve em Santa Clara? — exclamou o confessor absorto e recuando.

— Esteve!

— Não falou três vezes à mesma dama?

— Falou!

— E a dama não é D. Catarina de Ataíde?

— Não!

O padre Sebastião de Magalhães estacou: de olhos esgazeados e com as palmas das mãos viradas para o seu interlocutor parecia repelir a visão de um fantasma tenebroso. A firmeza da negativa fulminava-o.

— Se não é D. Catarina, quem é então? — gritou no estouvamento causado pelo seu espanto.

— Vossa paternidade esquece-se de que só é confessor de el-rei, e que eu pergunto e não costumo ser perguntado? — atalhou o padre Ventura, manso de tom, porém severo nas expressões. — Basta que lhe diga que está às escuras. Sua alteza ama tanto

D. Catarina de Ataíde, como vossa paternidade crê em Mafoma. Julgo que nem a viu. Descanse. A corte não dá cuidado. Dos outros negócios como vamos?

— A questão da América parou.

— Não importa.

— Os domínicos acomodam-se.

— Engana-se: estão em armas.

— Não transpira!

— Há mais alguma coisa?

— Temos el-rei de pedra e cal no caso dos quindénios.

— É preciso pô-lo de cera. Os quindénios talvez se paguem.

— Pagam-se?! — clamou o confessor aterrado.

— É mais que provável. E o padroado?

— Está nas mãos de Diogo de Mendonça. Mas D. Tomás de Almeida prometeu...

— Se prometeu nada faz. Fale a el-rei, e levem o negócio ao conselho de estado.

— E se Diogo de Mendonça o demorar?

— Não demora. Para a semana dá-o despachado.

— Então?... — acudiu o padre Sebastião com uma grande interjeição nos olhos.

— Confio que Deus nos ajudará — replicou o italiano com um ponto final na voz.

— Vossa reverendíssima sabe tudo. Só me resta pedir as suas instruções.

— São fáceis, padre Sebastião. Ouça, veja, e fale pouco; calar a tempo é a maior ciência. Estamos nas vésperas de grandes perigos. Quem são as pessoas de mais respeito para o infante D. Francisco, se ele respeita alguém?

— Não lhe quer mal o duque de Cadaval D. Nuno.

— Nem bem.

— Roque Monteiro Paim.

— Por força!

— Serve-o de rastos o secretário de estado D. Tomás de Almeida.

— É natural. Que mais?

— O conde de São João por desgosto que teve de sua alteza.

— Voltou-se para o irmão? São todos?

— São os principais.

— E vossa paternidade? Disseram-me que também era honrado com a benevolência de sua alteza sereníssima.

— Às vezes tem a bondade de me ouvir.

— Mas vossa paternidade sabe que o coração dos príncipes é inconstante, e sabe o perigo de se fiar deles? Assim o esperava. Não acredite nos médicos, padre-mestre! Dizem que el-rei melhora e sua majestade está quase na sepultura. Afirmam que sua alteza real, o príncipe D. João, não chega aos dezoito anos, e asseguro-lhe que há de vê-lo sobreviver, para glória sua e felicidade destes reinos, àqueles de seus irmãos que lhe contam os dias de vida, cobijando a herança... Padre Sebastião, quem espera por sapatos de defunto arrisca-se a andar toda a vida descalço — diz o adágio português. Estes enredos do infante D. Francisco, as suas conspirações maníacas não valem um cabelo; o que podem é meter na torre algum tonto, ou exterminar da corte dois ou três crédulos; o mais, digo-lho, é fumo. Verá! Se o infante não pode consigo, se não tem cabeça para si, como há de ser cabeça de um reino, e chefe de tanta gente!... Em poucas horas, em um acesso de loucura, põe de rastos e converte em inimigos capitais os que mais o ajudarem! É uma profecia minha. Depois, sua alteza costumado às feras do monte, não admira que tão mal conheça os homens. Às vezes no rio descuida-se com uma pontaria, e cai ferido um marujo das vergas. Quem tem a vista assim fraca, como há de achar os degraus do trono? Não é do meu voto, padre Sebastião? Os absurdos não reinam; sobretudo os de carne e osso.

O confessor de el-rei tinha o rosto vermelho como lacre, e não levantava os olhos. Por fim disse em voz baixa:

— Vossa reverendíssima ordena alguma coisa mais?

— Que tenha saúde. A propósito, poderei falar ao príncipe amanhã, e a sua majestade esta noite?

— A sua majestade decerto. El-rei estima os nossos padres.

Agora estando o príncipe com ordem de prisão não sei.

— Bem. Não importa; arranclaremos isso. Adeus, padre confessor. Beije por mim a mão de el-rei.

E sorrindo, meteu-se na sege e partiu com toda a rapidez. O padre Sebastião ficou dois minutos a olhar para o chão; depois, arrancando um suspiro, exclamou:

— Dez anos daria eu da minha vida para entender aquele homem!

XVIII

ENQUANTO VENTA MOLHA A VELA!

D. Pedro II residia quase sempre nos paços de Alcântara. Era ali que, sendo infante, pousara o primeiro ósculo de vassalo, já trémulo das ânsias do afeto, na mão da princesa D. Maria Francisca Isabel de Saboia, que ia ser rainha, e à qual o seu coração e a fortuna deram depois o suave nome de esposa.

Mal cuidava Afonso VI, armando com pompa estes reais aposentos, que a delicada mão de uma dama havia de pegar no cetro com tanta força, que lho quebrasse sem piedade. Mal previa o herdeiro dos duques de Bragança, que, envenenadas por uma paixão ardente, as ambições do infante tanto se haviam de levantar, que olhassem destemidas para a coroa, rompendo uma luta implacável, cujo prémio seria o trono, cuja esperança era o amor.

Duas vezes viúvo, e sentindo sempre o coração carregado do luto da primeira esposa, D. Pedro II buscava por instinto os sítios aonde a fortuna o fizera monarca e amante ditoso. Quando silencioso e solitário pisava as salas e as galerias desertas, nas quais em dias venturosos colhera as flores mimosas da paixão, e ouvira de uma boca adorada palavras tão ternas, a saudade, sombra plangente daquela que tanto amara, seguia-o por toda a parte, aqui lembrando um sorriso, ali um gesto, enchendo tudo

com a memória da esposa mais chorada. Próximo a acompanhar no túmulo a mulher e o irmão, inclinava a cabeça ao remorso, mas o amante, se erguia os olhos ao Céu, só era para exprimir a dor pelas lágrimas...

El-rei D. Pedro habitava os quartos da sua primeira consorte. As custosas armações, que tantos sustos causaram ao ilustre secretário António Cavide, eram as mesmas ainda; os móveis, as guarnições, as tapeçarias, e as alcatifas, dispostas ao gosto da primeira rainha, conservavam-se como ela as deixara, servindo de estímulo à mágoa do monarca, mágoa que talvez precipitou os dias da segunda esposa, D. Maria de Newburgo, inconsolável por ver a sombra de um sepulcro mais poderosa no coração de seu marido, do que a luz dos lindos olhos, desejosos de reinar sobre quem não queria ser escravo deles.

Seriam quatro horas da tarde do dia 4 de dezembro de 1706. O tempo não estava chuvoso, mas soprava um vento húmido. A manhã fora trabalhosa para o monarca; o despacho com os secretários de estado; a conferência com o ministro inglês lorde John Methwen; e o exame de alguns papéis, ocuparam el-rei até à uma hora, em que por costume inalterável se assentava à mesa de jantar. Sua majestade repetia muitas vezes a grande máxima de que em não se comendo muito, por força se trabalhava mal; e cumpria-a com o apetite curioso, que então doirava as qualidades de alguns príncipes reinantes, tornando-os sem disputa os primeiros gastrónomos dos seus estados.

A escolha e a quantidade dos manjares da real ucharia de Alcântara não deixavam nada a desejar; e pode crer-se, que a faminta imagem da dieta fugiria horrorizada, se penetrasse na casa, onde o filho de D. João IV honrava os fastos culinários dos Vitélios em copiosos sacrifícios.

D. Pedro II conservava hábitos enraizados.

Dos mais firmes e elegantes cavaleiros do seu tempo, nutria pelos exercícios equestres decidido gosto, que nem a idade nem os pesares diminuam. Apesar do conselho dos médicos, e dos incómodos, cada vez mais frequentes, que lhe minavam a saúde,

apenas acabava de jantar, descia o picadeiro, e entretinha-se duas ou três horas a cavalo no meio do aplauso dos camaristas e da admiração dos picadores, porque, sem lisonja, era mestre consumado. Quem o conhecia, não ignorava que a melhor ocasião de alcançar qualquer mercê era à entrada da missa e à saída do picadeiro. Talvez não houvesse exemplo de ninguém achar a munificência do príncipe inferior à sua devoção, ou à sua vaidade equestre em conseguindo emboscar-se nas proximidades destas duas portas da fortuna.

Neste dia, o mesmo em que tivera lugar a conferência de Sebastião de Magalhães com o seu visitador, o Sr. D. Pedro obrara prodígios, e recolhia-se radioso. À porta, sua majestade achou o padre confessor. Sacudindo com a vara o pó que lhe cobria as largas e pesadas botas; conchegando a bela casaca de picador; e compondo os punhos e a tira de renda amarrotados, o monarca sorriu-se, e deu a mão a beijar ao seu mentor espiritual. O jesuíta dobrou o joelho, e em voz submissa murmurou algumas súplicas, ouvidas com benévolo acolhimento. Depois, el-rei seguido do primeiro camarista de semana, entrou no paço e, chamando o guarda-roupa, foi mudar de traje.

A casa em que D. Pedro II expedia o despacho e dava audiência, era a antiga casa chamada do «Estrado» toda forrada de damasco escarlata com sobreportas e janelas de brocado, ornadas de guarnições de ouro. O bufete marchetado, coberto de um pano de veludo azul com os escudos reais nas pontas, servia de carteira, e, além da imensa escrivãzinha de prata, carregava com grande quantidade de livros e papéis. Um crucifixo alto de marfim levantava-se no topo da sala, defronte da cadeira do monarca: vinte lâminas grandes de bronze, em molduras pretas entalhadas, com belos painéis de fina pintura, enfeitavam as paredes. Seguia-se para o interior a casa do «Oratório» com sobreportas e guarnições de lhama carmesim repassada, abrindo duas saídas para a «galeria da rainha» armada de telas amarelas. Era por esta galeria que se passava da casa do «Estrado» e do «Oratório» para a alcova e para os quartos particulares. Segundo

a etiqueta mandava, havia mais cadeiras do que a aparatosa poltrona de veludo franjado, aonde presidia o soberano, e assentos de damasco roxo sem franja nem espaldar, para os príncipes assistirem ao conselho, sendo chamados.

Os secretários de estado despachavam de pé, ou de joelhos sobre coxins, colocados em volta do bufete. Os conselheiros de estado davam o seu voto em bancos, dispostos em semicírculo, de ambos os lados da cadeira real.

Antes da casa do «Estrado» havia mais três salas exteriores: a sala Tudescos, aonde estava a guarda alemã; a da tocha, aonde o porteiro da cana, revestido da capa e insígnias do cargo, cumpria as ordens de sua majestade, e a do dossel, imensa quadra forrada de preciosas tapeçarias, representando a vida do sábio de Israel, o rei Salomão.

Estas salas davam entrada umas para as outras, e abriam as estreitas e altas janelas para a bela varanda de pedra, que deitava sobre o Tejo, costeando esta ala do palácio, ou quinta real.

Da casa do «Estrado» uma escada particular descia ao jardim, fechado de grossos muros, e alinhado com a impertinente simetria, impreterível naquele tempo.

Meia hora depois de voltar da picaria, D. Pedro II, precedido pelo marquês de Marialva, seu gentil-homem da câmara, e por dois pajens em corpo, vestidos de preto, entrou na casa do «Estrado». Os pajens correram o reposteiro, e ficaram um defronte do outro aos lados da porta, que abria para a sala do dossel. O marquês de pé, a dois passos atrás da cadeira de seu amo, aguardava silencioso as suas ordens.

A alegria do rei tinha desaparecido.

Um véu de reflexiva melancolia entristecia-lhe o rosto, cuja expressão era severa e carregada. Robusto de corpo, D. Pedro II prometia a quem o contemplava as forças extraordinárias, de que a natureza o dotara. De elevada estatura e majestoso porte, os seus olhos pretos e vivos rasgavam-se assombreados pelas sobranceiras bem arqueadas e escuras. Antes da moléstia que o consumia, o seu brilho fora muito maior, e mesmo agora ainda

facilmente se animavam, se alguma repentina comoção lhe inflamava o ânimo. Trigueiro, e de pouca cor, o beijo inferior, bastante grosso, descaía como o de seu pai; e um modo áspero de encarar as pessoas, que o desgostavam, despedia os importunos. A cabeleira descia em três cachos de anéis até aos ombros, e lambendo-lhe a testa dava expressão triste à fisionomia, já de si pesada. Sua majestade vinha vestido com a maior simplicidade, para não dizer negligência.

O monarca, exalando um suspiro, disse ao camarista:

- Conde, chame o padre confessor.
- Sua reverendíssima espera as ordens de vossa majestade.
- Venha! E o conde de Pombeiro?
- Entrou na sala da tocha.
- Vá-o buscar.

Momentos depois, o padre Sebastião, saindo da casa do «Oratório», e o capitão das guardas, entrando pela sala do dossel, inclinavam-se beijando a mão a el-rei.

D. Pedro olhava para o jesuíta e parecia contrariado do seu silêncio. Entretanto, disfarçando o grande interesse da pergunta, abriu a conversação:

- Esteve com sua alteza, padre?
- Saberá vossa majestade que sim.
- Comunicou-lhe as ordens de seu pai?
- Obedeci a vossa majestade.
- E então?
- Sua alteza não se dignou responder.
- Ah! — exclamou o monarca enrugando a fronte com súbito brilho na vista. — Sua alteza não lhe deu resposta?
- Nenhuma, absolutamente, meu senhor.
- Avisou o príncipe de que ordenei que assista hoje ao conselho de estado?
- Cumpri as ordens de el-rei.
- O que disse?
- Que, estando preso, não podia sair sem ordem expressa de el-rei.

— Bem! Sua alteza não disse mais nada?

— Mais nada. Abaixou-me de leve a cabeça, e virou-me as costas.

— Conde de Pombeiro — acudiu D. Pedro, virando-se para o capitão das guardas — daqui a meia hora irá com o infante D. Francisco, em um coche da casa, aos paços da Ribeira, e debaixo de prisão conduzirá o príncipe à minha presença. Pode retirar-se. Padre Sebastião, fique!

— Vossa majestade permite uma pergunta? Quem há de receber a espada de sua alteza real? — replicou o conde de Pombeiro muito pálido.

— Ninguém. Diga ao príncipe que el-rei assim o ordena.

Apenas saiu o capitão das guardas, D. Pedro II levantou-se com ímpeto, e, olhando para o confessor, exclamou:

— É preciso um exemplo! Sua alteza obedece-me e tenho filho, ou mando preparar na torre os quartos em que faleceu o príncipe D. Teodósio. Não consentirei que se levante uma criança contra a minha vontade, contrariando projetos úteis à sua glória e à felicidade destes reinos... Marquês, vá a casa de D. Luís de Ataíde; diga-lhe de ordem de el-rei, que venha amanhã sem falta ao paço, depois da missa. Se D. Luís perguntar o motivo, responderá que é segredo de estado. Estas loucuras hão de acabar...

— Vossa majestade consente que faça uma observação? — atalhou o confessor, logo que o marquês se ausentou.

— Diga.

— Suspeito que os amores atribuídos a sua alteza são falsos.

— Ah!

— Sei de boa fonte que o príncipe meu senhor nem conhece D. Catarina de Ataíde.

— Informaram mal o padre!... — exclamou el-rei colérico. — Sua alteza por causa dela é que me desobedece, e não quero quem incite resistências às minhas ordens. D. Catarina sairá de Portugal, ou há de professar dentro de três dias... Veja se chegou Diogo de Mendonça, ou se estará no paço o vedor Fernão de Sousa.

Era preciso que a irritação do monarca fosse grande para tratar com tanto desabrimento o confessor. Este, vendo os ares revoltos, encolheu-se na roupeta, e saiu de costas viradas para a porta, com três profundas cortesias, muito parecidas a genuflexões. Depois, metendo as mãos na manga, tratou de procurar o vedor para lhe servir de para-raios, visto estar iminente grande tempestade no ânimo de el-rei.

Sua majestade achou-se então completamente só. Ia escurecendo, e tendo mandado vir luz, olhando impaciente para a porta umas poucas de vezes, abriu um livro de capa de pergaminho, onde estavam lançadas as *contas da vedoria*, e começou a examinar os castelos de algarismos que enegreciam as páginas. Nestes exercícios aritméticos o veio ainda encontrar o vedor da casa real.

D. Pedro encarou severamente o velho fidalgo, deu-lhe a mão a beijar com frieza, meneando a cabeça e franzindo o sobrolho. As contas que tinha diante faziam o efeito de um cáustico, porque exacerbavam a sua irritação.

— Assim não admira, não há dinheiro que chegue! — gritou, batendo no livro com o punho fechado. — Fernão de Sousa, fazem da minha casa um pinhal, todos me roubam, e tu deixas roubar.

— Saberá vossa majestade...

— Digo-te que sei! Brada ao Céu! Lançam-me de contas, sabes quanto? Seis contos e oitocentos mil-réis este ano. Mas de quê, Santo Deus, de quê? Da ucharia da rainha, que Nosso Senhor chamou para si. Depois de Deus ser servido levar a sua majestade, depois de morta, custa-me tanto ou mais do que durante a sua preciosa vida... Fernão de Sousa, há quantos anos faleceu a rainha minha senhora?

— Em 4 de agosto passado fez sete anos — respondeu placidamente o vedor.

— Para quem é então esta ucharia?... Quem me come tantos contos de réis, quem me saqueia este dinheiro?

— Ninguém, meu senhor.

— Ninguém? — exclamou o monarca absorto. — Ninguém?

— Informe-se vossa majestade.

— Matam-se as aves?

— Sim, meu senhor.

— Compram-se os mantimentos?

— Compram, meu senhor.

— Enfim gasta-se o dinheiro, perto de sete contos de réis?

— Sim, meu senhor.

— Agora o ladrão! Quem é que me engole tanto pombo e tanto doce?

— O ladrão — balbuciou pasmado o oficial-mor da casa. — O ladrão é a real munificência de vossa majestade.

— A minha munificência? — gritou o rei, levantando as mãos ao Céu, cheio de assombro. — Atreves-te a dizer que eu sou o ladrão da minha casa.

— Vossa majestade não se rouba, deixa gastar.

— Deixo gastar!... — repetiu o príncipe, cujos braços descaíram de pasmo.

— É a verdade. Todos os dias trabalham as cozinhas e se põem as mesas.

— Como no tempo de sua majestade a rainha? — atalhou D. Pedro irónico.

— Exatamente. Todos os dias, à hora do estilo, o trinchante e o copeiro levantam os pratos e mandam...

— Que os levem para onde sabem? — gritou o monarca. — Isso esperava eu.

— Perdoe vossa majestade! Mandam-nos consumir... — replicou o vedor com um gesto sublime.

D. Pedro II apertou as mãos na cabeça sem dizer palavra.

— É o costume da casa real — prosseguiu o oficial-mor serenamente. — Enquanto el-rei não ordena o contrário, tudo continua... ordenados, mesa e despesas avulsas.

O vedor falava com a grandeza de alma de um criado temente a Deus, e cónscio de seus deveres. O monarca duvidava se tinha diante de si um velhaco, ou simplesmente um idiota.

— E as rações? — perguntou o soberano com um sorriso contrafeito.

— Dão-se.

— E as damas?

— Recebem todas.

— Sem servir! E os criados da casa da rainha?

— Recebem.

— Fazem muito bem! Não morreu nenhum?

— Morreram três. O dinheiro desses é aplicado em missas pela sua alma.

— E eu pago a cera dos ruins defuntos?

— Vossa majestade paga.

— Agora quero a razão. Senhor vedor, sabe que isto não há de sair barato a alguém, já que me custa a mim tão caro?

— A razão é não ter subido ordem de el-rei para acabar o real estado da casa da senhora rainha.

— Mas faleceu ou não sua majestade há sete anos?

— Menos para a sua real casa. Lá não consta.

— Aonde aprendeste, Fernão de Sousa? — exclamou D. Pedro furioso.

— No colégio de Santo Antão — acudiu o vedor com muita inocência.

— Ensinaaram-te bem!

— A respeitar e a amar el-rei, sobre todas as coisas, depois de Deus.

— Donde a tua sabedoria colige que me deves arruinar?

— Meu senhor, os sobejos dos reis são a alegria dos pobres.

— Grande máxima! E então?

— Então, como estes seis contos e oitocentos mil-réis sustentam duzentas famílias, entendi que vossa majestade de propósito fechava os olhos.

— Nomeei-te vedor, ou esmoler, Fernão de Sousa?

— Vedor, saberá vossa majestade.

— Bem. De hoje em diante ficarás entendendo que não fecho os olhos. Quero um risco nas reais cozinhas, e outro maior nessas mesas e aparadores... Tens percebido?

Fernão de Sousa extasiou a vista, e levou o dedo indicador à boca em ar de suspensão mental. Era evidente que lhe parecia

monstruoso e inaudito, que o soberano, por amor de sete contos de réis, fizesse tanto ruído, e desse ordens tão rigorosas.

D. Pedro, da sua parte, estava perplexo entre o riso e a ira. A longa e seca figura do seu vedor, perfilada e satisfeita de si, respondendo sobre as mais estúpidas prodigalidades com o apurmo do homem seguro de ter cumprido religiosamente o seu dever, era um espetáculo tão original, tão esquisito e inesperado, que o monarca, não se podendo conter mais, encostou-se à cadeira, e desafogou em frouxos de estrondosas gargalhadas. Este acesso de hilaridade passou por cima do semblante do oficial-mor da casa, deixando-o como o achava. Fernão de Sousa continuava firme na espasmódica e engomada gravidade, incapaz de permitir que um só dos músculos da sua fisionomia se desafinasse, descompondo a solene e tesa importância do cerimonial.

— Porque me aparecem estas contas no fim de sete anos? — perguntou el-rei.

— Todos os anos vêm; mas vossa majestade só hoje se dignou examiná-las.

— Ah! E a minha aprovação?

— Entende-se que vossa majestade a dá, quando não censura.

— Bem! Mas não sou informado da apresentação?...

— El-rei sabe tudo!

— Então el-rei adivinha, Fernão de Sousa?

— Não, meu senhor. Mas o costume é não se dizer nada a vossa majestade antes de perguntar.

— Vamos! Quanto rendem as jugadas e direitos reais de Sintra?

— Um conto e quatrocentos mil-réis.

— E o pescado e os direitos de Aveiro?

— Setecentos e quinze mil-réis, nos últimos sete meses.

— Agora a despesa!... O que lhe fizeram?

— Distribuíram-se em esmolas aos conventos pobres.

— E depois? — exclamou o príncipe enfadado.

— Depois, mais nada. Eram as ordens de sua majestade — replicou o vedor, um pouco tímido.

— Eu tais ordens não dei!

— Deu-as sua majestade a rainha, de saudosa memória, e é o mesmo como el-rei sabe. Eram rendas da sua casa.

— Bem. Em todos os negócios da vedoria de hoje em diante, ouve primeiro a Diogo de Mendonça, meu secretário das mercês, e entende-te com ele. Passarei as ordens. Fernão de Sousa, acho-te liberal de mais, e não quero arruinar-me por causa das cerimónias, como um dos reis católicos sufocou ao seu braseiro por falta de criado que lho tirasse.

— Vossa majestade dá licença?

— Fala!

— Posso saber se incorri no real desagrado?

— Para quê?

— Para me retirar às minhas terras.

— Não! Mas quero saber do que é meu, e tu não sabes do teu, nem do alheio; portanto o secretário das mercês te ajudará... Ah, Diogo de Mendonça, sabes uma novidade? Sua majestade a rainha não faleceu! Pergunta ao vedor Fernão de Sousa!

Diogo de Mendonça entrava neste momento. Ouvindo el-rei dirigir-lhe esta objurgatória, sorriu-se com a metade do rosto que tinha virada para ele, dando um ar magoado à outra metade, exposta à vista do fidalgo. Para não responder logo, o astuto ministro, quebrando o corpo para o lado esquerdo, foi a passos vagarosos ajoelhar-se diante de el-rei e beijar-lhe a mão.

— Vossa majestade ordena que me retire? — perguntou o vedor muito vermelho.

— Não!... Diogo de Mendonça, como disse, sua majestade a rainha não morreu.

— Por mais que deseje, não posso ter a fortuna de entender a vossa majestade — replicou o secretário, furtando-se ao encontro.

— É verdade. Acabo de pagar sete contos de réis da sua ucharia, neste ano, pelas contas do meu vedor.

— A munificência de vossa majestade é infinita. O que são sete contos de réis? Não é el-rei o pai de seus vassallos?

O vedor respirou. O ministro tomava o seu partido. D. Pedro sorria-se.

— Parece-me que és do voto do vedor; deixas pôr a mesa aos mortos para engordar os vivos.

— Eu, senhor?! Cuidei que vossa majestade falava jocosamente. Pois há quem roube a vossa majestade, e não esteja castigado?

— Diogo de Mendonça, ninguém me rouba. Saberás que o ladrão sou eu.

— Agora não percebo; perdoe vossa majestade! Pois el-rei que é a sabedoria...

— Eu me explico. Não se expediu ordem para acabar o real estado da casa da rainha, que Deus tem; e Fernão de Sousa, meu vedor, decidiu que a despesa devia continuar, como em vida de sua majestade.

— E decidiu bem, perdoe vossa majestade.

— Decidiu bem?

— Decerto. A obediência é louvável. O vedor não teve ordens...

— Mas quem é então o culpado, porque sem dúvida alguém teve a culpa?

— Quem lhas não comunicou; mas a benignidade de vossa majestade há de valer-lhe.

— Visto isso, Roque Monteiro deve à minha casa sete contos de réis por ano?...

— Pois eu disse que era Roque Monteiro? Perdoe vossa majestade! Eu não disse.

— Que em sete anos fazem? — prosseguiu el-rei figurando não ouvir.

— Quarenta e nove contos justos — concluiu o vedor com a sua inevitável certeza de cálculo, e obedecendo à interrogação da vista de sua majestade.

Diogo de Mendonça fingia-se abismado. O seu rosto parecia a máscara da tragédia. Ajoelhando aos pés de el-rei com duas lágrimas quase visíveis nos olhos, e a mais artística rouquidão na voz, o secretário das mercês exclamou:

— Vossa majestade é clemente! Foi incúria, mas quem é perfeito, quem as não comete? Faz-se meu inimigo, bem sei, não importa, é bom ministro. Dizem mal? Também de mim! Deus sabe! Não os acredite vossa majestade. Querem persuadir que ele se avença com os compradores da casa real e recebe alças dos estrangeiros?... Ponho as mãos no fogo...

— Ah! — gritou el-rei ouvindo os capítulos acusatórios pela primeira vez.

— Não lhe dê vossa majestade ouvidos — exclamou o defensor zeloso. — Ignoro a razão por que ele me quer mal: nunca lho desejei; mas isso que tem? A verdade deve dizer-se. Roque Monteiro é devoto e honrado. Até lhe levantam que não ouve missa...

— Mau católico? — acudiu D. Pedro severamente.

— Não acredite, meu senhor. Ele tomou capelão... Não é herege. Ah! a inveja é feia. Não me imputaram a extorsão de um crucifixo de marfim feito na Índia, dizendo que desde a peanha até ao resplendor todo ele eram pedras preciosas?... pobre de mim!

— E então?

— Não era!... Salva a reverência de tão devota imagem, era um bocado de marfim bem tosco de lavor, e roído dos vermes... Indaguei quem seria o pai da notícia...

— E descobriste? — insistiu o monarca rindo.

— Fui tão feliz que sim! Mas sem ordem expressa não posso declarar...

— Vamos!

— Vossa majestade manda?

— Mando.

— Foi Roque Monteiro! Sem maldade... por desfastio.

— E acodes por ele? Depois?

— Convidei-o para almoçar, e mais às três pessoas que o tinham ouvido.

— Falaste-lhe do Santo Cristo?

— Obriguei-o a dizer maravilhas dele! Também não tinha outro remédio: os outros estavam ali.

— Que mais?

— Vendi-lho. Não quis que obra tão preciosa ficasse em outras mãos.

— Comprou-o? — gritou o príncipe, rindo muito.

— Que remédio! Ele mesmo lhe pôs o preço.

— Sem ver?

— Quem louva, estima. Custou-lhe trezentos mil-réis. Salva a devoção, o objeto não valia dez: duvido que mos dessem.

— Muito bem, Diogo de Mendonça!

— Pedirei a vossa majestade que atenda a que não disse nada em desabono dele.

— Pelo contrário! Fernão de Sousa, as contas da vedoria serão despachadas por Diogo de Mendonça. Podes sair.

O Sr. D. Pedro II era Bragança legítimo no gosto de se informar das anedotas curiosas da corte, familiarizando-se para esse fim com as pessoas que podiam satisfazê-lo. A história do crucifixo alegrou-o, e esteve-a celebrando com discretos comentários.

Ao mesmo tempo entranhava-se no seu espírito o desfavorável conceito, que o vulpino cortesão soube insinuar a respeito da probidade do seu émulo. Deste momento em diante Roque Monteiro, justificado pelo secretário das mercês *por nímia boa fé*, perdeu o crédito na opinião do príncipe; e Diogo de Mendonça, que uma difamação vulgar teria envilecido, arvorado em patrono officioso do seu inimigo, passou aos olhos do monarca por uma alma generosa e um coração de pomba.

O vedor, que era amigo de Roque Monteiro, admirado da nobreza de sentimentos do secretário das mercês, saiu da casa do «Estrado» com as lágrimas nos olhos, cantando os seus louvores.

Assim que saiu Fernão de Sousa, el-rei tomando ar sério, virou-se para o seu ministro, dizendo:

— Oxalá que fosse tudo agradável como a tua história, Diogo de Mendonça. O pior é esta guerra e não haver dinheiro. O último correio trouxe notícias do exército?

— Boas, parabéns a vossa majestade.

— Então?

— O visconde de Barbacena, mestre-de-campo general do Alentejo, acaba de dar uma lição ao marquês de Resburg, governador de Badajoz. Tomou-lhe os gados, que iam à feira de Guadalupe, e derrotou-lhe trezentos cavalos e quinhentos infantes.

— Viva o visconde! E o marquês das Minas?

— Sabe-se que entrou em quartéis com o seu exército nas fronteiras de Múrcia e de Valência.

— E os franceses não disputaram a passagem? O marechal de Berwick, esse herói que nos há de pôr sem um palmo de terra em Castela, não lhe ofereceu batalha?

— O marechal é hábil; mas confia em outro general melhor: *o tempo!* Desgraçadamente parece-me que tem razão.

— Entortaram-se muito as coisas, é verdade, Diogo de Mendonça. Os Espanhóis estão frios; passou a ocasião. Ah, se o arquiduque, digo, se el-rei católico D. Carlos III segue o nosso conselho e se reúne em Madrid ao marquês das Minas...

— Era partida ganha, meu senhor! Mas sucedeu-nos a história do general Pardinhas. Vossa majestade há de sabê-la. Vieram dizer-lhe: «O inimigo está à vista». «Que espere, enquanto acabo o meu plano». Tornaram-lhe daí a pouco: «General, já atacam as nossas linhas!» «Não importa, deixem-me resolver a equação». — Muito tempo depois levantou-se e pediu o cavalo. «Aonde vai vossa excelência?» disse um ajudante. «Essa é boa! vou comandar a batalha». «A batalha está perdida. Agora trate de fugir». «É pena! acudiu muito plácido; se esperam meia hora mais, não me escapa nem um tambor!» El-rei católico, que Deus guarde, fez o mesmo. Se não para três semanas, era hoje rei de Espanha.

— Então, Diogo de Mendonça, jogamos sem esperança?

— Longe de mim assustar a vossa majestade. Não disse tanto. Mas a verdade é que o marquês das Minas, entrando em Madrid, levantou o bolo, e que sua majestade católica o repôs por não andar depressa. O resto está nas mãos de Deus, e não pode estar melhor.

— E o dinheiro?

— Infelizmente! Não há dinheiro. Pois o tabaco rendeu! Mas nada chega.

— Os subsídios dos aliados tardam...

— É o costume. As promessas vêm depressa. São tão leves!

— E então?

— Desertam-nos os soldados, queixa-se a corte, e o reino diz que não pode com este peso...

— É preciso que possa!

— Assim digo eu; mas respondem, que madeiro velho não deita sangue.

— Diogo de Mendonça, sabe Deus que não foram levianos ou ambiciosos os pensamentos com que ajustei a liga e declarei a guerra. Filipe, duque de Anjou, no trono, seria el-rei de França na Espanha. E Castela com os Pirenéus de menos era muito grande; depois ninguém podia com ela.

— Certamente: Castela só não é nada boa vizinha, o que faria reunindo-se a Espanha com a França? É coroa muito larga para uma cabeça, e muito pequena para três. Não sou medroso, vossa majestade sabe! mas digo, que o mais provável seria não quererem vê-la senão em duas. Se os deixassem vinham a Lisboa. Porque não? Este rio dá tão bom porto!... Lá tem França ourives finos para ornar depois o diadema; e el-rei Luís XIV assim mesmo talvez ainda a achasse nobre. É verdade que seu neto pode enviar a coroa de Filipe II, feita em Tomar; essa aposto que serve!

— Diogo de Mendonça, os Franceses têm espias na corte.

— E nós espias aos espíões.

— Então conheces quem os avisa?

— Perfeitamente! Um genovês chamado Viganego.

— E não prendes o agente?

— Deus me livre. Este conheço eu, outro que venha, não sei! Demais, assim com o homem solto temos notícias de graça, e metendo-o na cadeia havemos de pagá-las.

— Por onde mandam a correspondência?

— Pelos recoveiros da fronteira.

— Seguraste os recoveiros?

— Estão seguríssimos. Comprei-os.

— Ah!

— Sabe vossa majestade que el-rei Luís XIV deseja a amizade de Portugal. Até expediu um pleno poder em branco a certo padre da Companhia. Toda a cautela é pouca com os jesuítas.

— Diogo de Mendonça, não quero que me entendam com os padres da Companhia.

— Deus nos livre! Sabe vossa majestade que o conde da Ericeira, D. Francisco, é bom poeta? O soneto que fez à morte do visconde de Fonte Arcada merece ser lido. Se estivesse ainda no meu tempo...

— Ah, Diogo de Mendonça, temos-te outra vez com saudades de Apolo? Voltas a escravo das musas? — disse el-rei sorrindo. Sua majestade era muito inclinado a bons versos, e geralmente se atribuía o valimento do secretário das mercês às poesias que lhe escapavam nas horas vagas. Se assim era, foi talvez a única exceção da regra.

— Escravo, meu senhor? Só do Santíssimo de Santa Engrácia e de vossa majestade.

— Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, e a Conceição imaculada da Virgem puríssima Santa Maria! — exclamou el-rei, pondo-se de pé, e recitando em alta voz, segundo costumava sempre que ouvia falar no Sacramento. O ministro repetia mais baixo e não menos piedoso igual jaculatória.

— Vejamos o soneto do conde! — acudiu D. Pedro, depois de se benzer, e tornando a sentar-se.

— Vossa majestade desculpe, mas não sei senão uma quadra.

— Di-la.

— É esta:

*No canal o troféu deixou seguro;
Em Castelo Rodrigo vence a Espanha;
E fez de Montes Claros a façanha
Seu nome claro, até no tempo escuro.*

— Muito bem, conde da Ericeira! — gritou el-rei satisfeito.

— Sobretudo o conceito do último verso!... — acudiu o ministro. — E era um nome claro o de Pedro Jacques de Magalhães, visconde de Fonte Arcada. Entrou hoje na secretaria o requerimento de seu filho, pedindo a confirmação do título...

— Que lhe será expedida, não esqueça. A memória do visconde há de ser honrada como foram ilustres os seus serviços à minha coroa.

— Um monarca assim faz heróis até da gente fraca! — exclamou o secretário das mercês, fingindo-se arrebatado. O astuto ministro queria servir o filho do visconde, e convertia o soneto em memorial. Já se vê como conhecia bem seu augusto amo.

— Heróis sempre nós tivemos — disse o monarca — mas dinheiro é que nunca sobejou. E os vinte mil homens que estou aprontando para a campanha seguinte, como há de ser isto?

— Só um empréstimo.

— Os vinhos têm tido extração depois do tratado — acudiu o príncipe. — Os homens de negócio do Porto podiam ajudar-me.

— Os Ingleses bebem menos vinho do Douro do que Portugal lhes gasta de fazendas, depois de revogada a pragmática. Sabe el-rei que não dá uma coisa para a outra? O tratado de 1703...

— É a lei mais sábia do meu reinado! — interrompeu D. Pedro.

— Assim o dizem todos! — acudiu o secretário, cobrindo a cova com o pé. — É verdade que fechou as fábricas, e fará de Portugal todo uma vinha grande; pode ser que não haja quem beba tanto vinho; mas o tempo a justificará. Vossa majestade permite que proponha a despacho as mercês que trago consultadas?

— Depois do conselho de estado. A propósito: como vão as três fragatas que mandei armar?

— Estão prontas. Saem dentro de uma semana, se houver dinheiro.

— Se houver dinheiro! Sempre o mesmo estribilho. Peçam-no aos negociantes da junta da companhia do comércio. Como está a casa das missões?

— Roque Monteiro informará vossa majestade. Os negócios de Roma, diz o secretário de estado, que estão cada vez mais embrulhados.

— Já sei. Se um dia chego a cansar... verão os cardeais.

— Vossa majestade não há de perder essa real serenidade, que tão bem lhe fica. *Patiens quia æternus!* É o moto da Companhia de Jesus. «Persiste e vencerás!» traduzi eu... Se el-rei me faz essa mercê lhe apresentarei logo um oficial dos seus exércitos do Alentejo.

— Quem?

— Jerónimo Guerreiro se chama ele. Se vossa majestade quiser contarei a sua última proeza de Badajoz. É um segundo cavaleiro Bayard, *sans peur et sans reproche*.

— Pois sim.

— Sua alteza real e sua alteza sereníssima! — disse o conde de Pombeiro, aparecendo à porta.

— Diogo de Mendonça, até logo... Agradeça a Deus os bons filhos que lhe deu!

XIX

ANTES QUEBRAR QUE TORCER

Apenas o conde de Pombeiro anunciou os príncipes, escureceu-se como uma nuvem a fisionomia de el-rei. Despedindo o secretário das mercês, que diagnosticou a repentina mudança com a finura de cortesão, sua majestade encostou os cotovelos aos braços da cadeira, carregou o semblante e disse em voz clara:

— Entrem suas altezas!

O príncipe real vinha adiante.

Trazia a cabeça alta, os olhos firmes, e aquele jeito da boca particular com que depois de rei, quando significava o seu desagrado, fazia tremer os mais poderosos na corte. Sua alteza chegou ao pé da poltrona de seu pai, inclinou-se, beijou de leve a mão, que nem lhe ofereciam, nem retiravam; e endireitando-se depois, com o mesmo silêncio pegou na espada, e pousou-a no estrado em que a monarca descansava os pés.

O infante D. Francisco, mais novo um ano, e mais branco do que o irmão, dando nas feições alguma ideia da beleza feminina de sua mãe, e recordando muito a de seu tio Afonso VI no olhar volúvel e quase alienado, aproximava-se do outro lado do bufete, cuja cabeceira ocupava a poltrona real.

D. Pedro II para castigar o primogénito estendeu a mão ao infante, lançou-lhe a bênção, e com um gesto meigo apartou-lhe da testa as madeixas de um castanho tão aberto, que pareciam louras.

Sua majestade observava ao mesmo tempo no semblante do príncipe real o efeito das carícias paternas, e entristeceu de todo, notando que sua alteza, em pé no vão de uma janela, olhava para fora, sem fazer caso do que passava à roda dele.

O pai suspirou; o rei ofendeu-se! Entretanto do que estava no coração dos três, se alguma coisa subia ao rosto, era uma sombra a tal ponto fugitiva, que facilmente iludiria o melhor observador.

El-rei continuou a afagar a cabeça do infante enquanto lhe perguntava:

— Estão contentes os teus mestres? Foste às fragatas novas, que se estão armando?

— Sim, meu senhor. Toda a manhã andei no escaler.

— O mar é a tua paixão. Havemos de fazer de ti um almirante. E ontem aonde estiveste? Não te vi!

— A caçar todo o dia. Sabe vossa majestade que me perdi? — disse o infante desatando a rir.

— Cuidado! Nada de andar só.

— O mano João é que anda só. Saiba vossa majestade que há dois dias, se a ronda não acode, matavam-no à esquina da Rua das Arcas, perto do recanto do painel. Fazia escuro, chovia... Ele não gosta que se diga... mas a mim que me importa?

E sua alteza, falando assim, divertia-se em beliscar as costas da mão com velocidade, dizendo muito depressa: «Joanico, Joanico, quem te deu tamanho bico?»

— Já proibi as corridas noturnas e os desafios à espada preta; mas vossa alteza não quer atender a que são de perigo para a sua vida, e de muito desaire para a casa real — acudiu D. Pedro severamente, obrigando o príncipe a tomar parte na conversação. — Daqui em diante será necessário sair acompanhado pelo capitão das guardas; é o modo de prevenirmos maior desgosto. — Aumentando-se-lhe a irritação com o silêncio do príncipe,

acrescentou: — A corte está escandalizada; não devo permitir que o herdeiro da coroa, alta noite, ande correndo as ruas como um espadachim, contra as minhas leis, entrando nas lojas, vivendo com o baixo povo, dizendo galanteios debaixo das janelas das famílias honestas! Não se lembra de que estão em Lisboa os ministros estrangeiros, e que a Europa vê tudo pelos olhos deles?

O príncipe deixou fugir pelos cantos da boca um ar de riso. Armando depois o seu acatamento de mais orgulho do que podia ter uma réplica veemente, inclinou-se à admoestação paterna, e redarguiu:

— Vossa majestade dá licença?

— Fale! Sou pai, e prezo a sua glória. Sou rei, e alegro-me sempre que acho inocentes e não culpados. Ouviu o infante? O que responde?

— Duas palavras apenas, senhor — redarguiu o príncipe. — Deploro ter incorrido no desagrado de el-rei, mas consola-me a esperança de que o exemplo de vossa majestade advogará a minha causa...

— O meu exemplo? Vossa alteza atreve-se?...

— Ouça-me, el-rei, e julgue! A vida não está menos exposta entre duas espadas, do que na praça diante das marradas de um touro. Pela fortaleza do seu ânimo, e apesar do susto de todos nós, vossa majestade não se conteve, e arrostou os maiores perigos. Cometendo a peito descoberto essas proezas, que nos enchiam de admiração e de temor, el-rei sabia que podia cobrir de luto seus filhos e o reino... É o motivo por que apelo para o coração de meu pai, certo de que serei desculpado na presença do soberano.

— João — atalhou D. Pedro, corando e mordendo os beiços — sabes, quando queres, ser mais velho do que a tua idade! — Tomando um tom severo, acrescentou logo: — O padre Luís Gonçalves, seu mestre, é quem ensinou a vossa alteza a deitar em rosto a seu pai essas fraquezas?

— O padre Luís Gonçalves ensinou-me que a fortaleza é uma das virtudes reais. Vossa majestade sabe, que D. João II, que a

história chama o príncipe perfeito, não duvidava expor-se ao encontro de um touro, e ao punhal de um traidor, e ninguém tratou de fraqueza a magnanimidade do seu coração...

— Muito bem! os tempos são outros — disse el-rei adoçado pela explicação do príncipe. — Demais, não quero que a vida e o sangue dos meus vassallos paguem as lições de esgrima de vossa alteza.

— Meu pai não ignora que se alguma vez correu sangue... foi das minhas veias; se me esqueci de que sou príncipe, tirando a espada para um vassallo, fui sempre filho de vossa majestade, porque nenhum se queixou de mim.

— Mas vossa alteza, se o matasse ou fosse morto, o que fazia? — interrompeu o infante aos pulinhos detrás da poltrona de seu pai.

— Se o matasse dava uma pensão à viúva. Se fosse morto não fazia nada. Cá ficava vossa alteza; e é natural que o reino, tendo a fortuna de ser bem governado, não sentisse a minha falta. Peço-lhe, meu irmão, que se assuste menos com os meus perigos. Zele mais os seus e os alheios.

— Eu não preciso de conselhos! — gritou o infante.

— Francisco! — exclamou el-rei severo. — O príncipe real não tem acima de si senão seu pai. É mais velho!...

— Um ano de mais, ou de menos não é nada — respondeu o infante, rindo-se. — Aqui está sua majestade, meu pai, que foi rei, sendo mais novo do que meu tio D. Afonso...

A alusão grosseira mortificou D. Pedro.

Deixando cair a cabeça com melancolia, não disse nada. O príncipe D. João, dominando o infante de toda a altura e firmeza da sua dignidade, replicou-lhe serenamente:

— Não aconselharei ninguém a que repita a experiência. Os três estados levantaram regente a sua majestade, porque o Sr. D. Afonso, meu tio, era um rei... que não reinava. Vossa alteza deve deixar-se de loucuras; não lhe ficam bem. Senão eu o farei arrepender!

— O mano João tem a confiança de me chamar louco? — gritou o infante.

— Não lhe quis chamar pior. Diga-me vossa alteza: deitou ao Tejo a espingarda com que esta manhã arcabuzou nas vergas da nau um marujo, um vassalo de el-rei, que lhe estava dando os vivas? Se não me engano está a expirar. Estas caçadas hão de sair-lhe caras, meu irmão. Não se atira aos homens como aos brutos, porque um dia algum pode defender-se, e vossa alteza dá-nos um desgosto grande...

A vista de D. Pedro II fixa e terrível fulminou o infante e gelou-lhe a língua. Depois sua majestade levantou-se, foi direito a ele, e sacudiu-o pelo braço, de forma que foi cair ao lado oposto da sala; ao mesmo tempo el-rei exclamava:

— Vai! Hás de ser a desonra do meu nome! Mas eu te porei aonde a tua maldade não sirva de horror e não seja o martírio da minha vida. Não tornes a aparecer-me!

— O marujo está melhor! — murmurou o infante recuando.

— Sai! — replicou el-rei com um gesto absoluto.

— Deixe estar, mano João, que eu me lembrarei.

— Vossa alteza peça a Deus que eu me esqueça! — respondeu o príncipe virando-lhe as costas. D. Francisco saiu mordendo os nós dos dedos com trejeitos de maníaco.

D. Pedro ficou alguns instantes convulso e abatido, com a cabeça entre as mãos e os cotovelos nos joelhos; com a vista no chão, e os olhos arrasados de água. Suspiros de aflição gemiam-lhe no peito; e a palidez, entre fortes arrepios nervosos, anunciou a crise moral, a sobre-excitação do espírito provocada por esta cena.

— Filho és, e pai serás... é verdade! — murmurou em baixa voz. — O trono já me custou caro neste mundo; e no outro... o que será? Tirei a mulher a seu marido — acrescentou, levantando-se cada vez mais trémulo — fiz do amor e do ciúme degraus, e subi por eles. Levei a mão à cabeça do rei e tirei-lhe a coroa. Mau irmão, levei a desonra e a infâmia ao leito de meu irmão, tornei-o a fábula dos vassalos. Deus puniu-me! O que ameí não existe. O que desejava fugiu para sempre. A minha Isabel, a única filha *dela*, aquele anjo, retrato de sua mãe, consolação das mais

vivas saudades, era muito boa, não devia ficar comigo; não era deste mundo, e Deus chamou-a. Bendito sejas, Senhor. A primeira esposa, a alegria dos meus dias, o prêmio do meu delito, penou as suas dores, gemeu os meus remorsos, e deixou-me sem herdeiro a esta coroa de espinhos do meu crime... Fui obrigado, para ter sucessor, a abraçar sem paixão outra mulher, que nunca teve marido, e em um purgatório de zelos e de mágoas pedia ao Céu o descanso da morte, porque já não podia com a sua cruz... E era eu a cruz, e fui eu o algoz que enchi de fel aquela vida tão curta nos dias, tão longa nas tribulações!... Ficaram-me estes filhos, filhos de dor para sua mãe, e de esperança para mim; eram o meu orgulho; a Providência fez deles o açoite do meu castigo. Não bastará ainda? — prosseguiu mais agitado e erguendo as mãos. — Este coração, que se ainda sente alguma coisa é a morte da alma, não são suficientes as dores que o ferem, e as saudades que o cortam? A expiação nunca estará completa? A penitência, as mortificações, e o temor da vossa justiça não podem absolver o pecador, que põe a sua confiança no Céu, e a todas as horas pode ser despenado das trevas do seu desterro?...

Uma pausa, afogada em lágrimas, sucedeu a esta interrogação sombria de uma consciência cheia de terrores, de um peito ralado de agonias. A palidez crescia, o tremor aumentava, e os olhos fundos, alumando-se de brilho sinistro, refletiam os delírios e o pavor em que o espírito se abismava.

— D. Afonso — prosseguiu em tom cavo e misterioso — rei sem coroa, Deus vingou-te! Morreste viúvo, e tua esposa viva, arrancada dos teus braços, repousava sobre o seio de teu irmão! Viste-me com o teu manto real nos ombros; padeceste, choraste por causa de mim anos inteiros... e apesar de tudo o teu martírio não foi nunca nem metade do meu, até nas minhas horas mais felizes... Quando ela existia ainda! Ao menos tu, em cada manhã que rompia, formavas um desejo, e podias consolar-te com alguma esperança: mas os meus dias todos são noites em que tenho medo de olhar para dentro da alma! Até morrer esperaste sempre, e Deus se te não restituiu na Terra, deu-te no Céu

melhor coroa do que a tua; a dos que choram por justiça, a quem a sua mão enxuga as lágrimas. Roubei-te o amor de nossa mãe, a ternura de tua esposa, o respeito dos vassallos, e vejo-te sempre, sempre como rei, batendo-me com o cetro no ombro, e ouço-te sempre dizer: padece, que também eu padeci! Quando ela, a tua mulher, adoeceu, vieste! Quando a minha Isabel foi unir-se a sua mãe, apareceste!... Não haverá sossego para a tua alma, não perdoarás, vendo que do meu coração tem corrido tanto sangue, que já não há nele mais para lavar a nódoa do pecado? O que desejo, ou posso querer do mundo? A morte? Temo-a! A vida?... mata-me! Bem te ouço! É ela, a tua mulher, a minha esposa, a outra visão do meu crime, e chama-me da sepultura!... Como é surda a sua voz! Como aqueles olhos sem luz fazem frio até ao centro da alma! Sorri-se, acena-me para que a siga. Era tua primeiro, por isso a levas. Está ali, ali! No mesmo lugar em que juramos o amor incestuoso, unidos pelos homens, separados por Deus! Senhor, este peso é muito forte para o coração de um homem! Senhor, este selo de fogo arde muito, e a coroa não chega para lhe esconder a nódoa. Porque me persegue até aqui a tua voz, clamando: — Caim, aonde está Abel?

O suor corria-lhe pela testa; as faces encovadas tinham a cor térrea do cadáver; a quatro e quatro as lágrimas caíam pelas faces. O frio do horror, aquele gelado e doloroso frio, que faz a mão da morte sobre o coração, tremia-lhe com todo o corpo. Os olhos espantados e incertos sumiam-se e não viam nada em roda de si, porque estavam fitos no mundo invisível, seguindo os fantasmas da consciência. Uma tosse crua e áspera afogou-lhe as últimas palavras na boca, e tingiu-lhe a cor esbranquiçada dos beiços de sangue vivo e espumante. Com ambas as mãos sobre o peito, curvado às dores físicas, como há pouco se inclinava à dor moral, o monarca foi sentar-se na sua cadeira com um gemido, e encostando a cabeça ao espaldar, fechou os olhos.

O príncipe tinha presenciado, primeiro com assombro, depois com sumo cuidado, este acesso, que pressagiava ataque mais fatal.

Vendo seu pai desfalecer, lembrou-se de chamar os médicos, mas receou que tornando a si ele repetisse as exclamações, que seria imprudente confiar de estranhos. De joelhos, com as mãos de el-rei entre as suas, cobrindo-as de beijos afetuosos, pedia a Deus que abreviasse os momentos de uma crise, que ameaçava encher de luto a monarquia.

Por fim D. Pedro abriu os olhos e afirmou-se devagar. Daí respirando mais desafogado, disse, revestindo-se de espírito:

— Entrou alguém?

— Ninguém, meu senhor. Estivemos sós.

— Ouviste muitas coisas desacertadas que disse?

— Como el-rei falava só, retirei-me para não o perturbar.

— Fizeste bem. João, podes pôr a tua espada; só te proíbo que a tires sem minha ordem. De hoje em diante procura merecer a amizade de teu pai, e a confiança de el-rei... Ainda não chegou o conselho de estado?

— Vossa majestade padeceu tanto! — acudiu o príncipe.

— Estou melhor; Deus permitirá que fique bom de todo.

O sorriso do monarca fazia das suas palavras o epílogo da triste cena, que acabava de passar.

— João — prosseguiu D. Pedro — duas coisas se pagam neste mundo: a desobediência aos pais, e o sacrilégio aos reis. Medita! Hás de ser pai, e brevemente serás rei... Respeita-me, para que te respeitem; obedece-me, se queres que te obedeçam.

— Vossa majestade sabe — respondeu o príncipe — que só Deus pode mudar o coração do homem. Sou o primeiro vassalo da coroa, sou o primogénito da família real. Diga el-rei uma palavra, deserde-me com ela, e obedeço sem me queixar... Ponho aos seus pés o que mais inveja faz. Peçam-me todos os sacrifícios...

D. Pedro abraçou o filho com ternura, exclamando:

— O teu maior amigo, João, não será teu pai?

— Peçam-me tudo, menos... — prosseguiu o príncipe com firmeza.

— Menos? — acudiu el-rei suspenso.

— Menos a honra; essa não a dou.

— Alguém pediu-a a vossa alteza? — observou D. Pedro secamente.

— Ninguém. Tinha sido engano meu.

Houve um momento em que o filho, nos braços do pai, desviava a vista, e fugia de seus olhos temendo desmaiar da primeira resolução. É que achara ternura, e esperava encontrar rigor.

— E teu pai era capaz de querer que expusesse a tua honra? Não é ela também sua? — disse el-rei carinhosamente.

— Longe de mim supô-lo. Os seus desejos são justos sempre: mas vossa majestade sabe que há três dias esta é a primeira vez em que me achei nos seus braços como pai, ouvindo-me como amigo. Quanto às ordens de el-rei, eram tais, que diante do amor de meu pai não quero lembrar-me delas.

— Essas ordens eram...? — acudiu D. Pedro, soltando o filho do abraço em que o apertava.

— Impossíveis, para não dizer cruéis! — replicou este com um olhar cheio de decisão.

— Bem! — acrescentou friamente o monarca. — Dir-me-á vossa alteza aonde está o impossível?

— Julgar-me capaz de prometer, e de não cumprir.

— E porquê?

— Porque sendo príncipe sou o primeiro fidalgo português; e um cavalheiro não engana os homens, e muito menos uma senhora.

— Então vossa alteza confessa que deu promessa de príncipe a uma dama?

— Perdoe vossa majestade! Prometi como cavalheiro.

— Vossa alteza não podia prometer! Tinha autoridade minha?

— Tinha mais! O amor para jurar, a honra para cumprir, e Deus por testemunha.

— Ah! — gritou el-rei empalidecendo de ira. — Então reincide?

— Sinto magoar a vossa majestade; mas já não sou senhor da mão que el-rei me pede. A honra de um príncipe é a sua palavra, e essa não me pertence, está dada.

— Eu desligarei a vossa alteza!

— Só uma pessoa pode desligar-me; e não é el-rei, nem eu.

— El-rei pode tudo, príncipe D. João.

— Neste caso el-rei pode tanto como o último vassalo.

— Veremos! D. Catarina de Ataíde, cuja ambição é causa...

— D. Catarina? — exclamou o príncipe espantado.

— Não se admire vossa alteza! Estou informado. Sei até as vezes que foi a Santa Clara. Em três dias, ou D. Catarina faz a sua profissão de religiosa, ou casa e sai de Portugal por alguns anos.

— Vossa majestade foi iludido!

— A honra de vossa alteza também lhe consente enganar seu pai?

— A verdade manda-me falar, quando el-rei fere injustamente os inocentes. Mas desde que vossa majestade duvida da minha honra, é meu pai, é meu rei... o que posso é inclinar-me deplorando o seu engano.

— Então vossa alteza nega?

— Desculpe vossa majestade! — disse D. João, pondo os olhos com altivez nos olhos de seu pai, e dando ao rosto um ar de nobre orgulho. — Seria indigno que duas vezes no mesmo dia o príncipe real dissesse a verdade, e não fosse acreditado. Diante da persuasão de el-rei calo-me, porque não posso mais!

— Entre, duque! — gritou D. Pedro ao duque de Cadaval, que aparecia à porta, e que ele chamou satisfeito de cortar assim as explicações violentas. O príncipe recuou alguns passos e ficou silencioso. — São horas do conselho? — continuou o monarca. — Hoje pouco nos demoramos. Sabe D. Nuno? vou-me fazendo velho.

— O que direi eu, senhor? — respondeu o duque, sorrindo-se.

— Diga o que quiser, que não é capaz de dizer senão a verdade. Estou muito velho; e é preciso tratarmos do meu sucessor. Vamos casar a João. O conde de Vila Maior está aí?

— Acabo de o deixar na sala da tocha.

— Viu a carta para o imperador?

— Sim, meu senhor.

— Ordenei ao secretário de estado que lha mostrasse.

— E sua alteza está satisfeito, como todos desejamos? — perguntou o velho fidalgo, olhando para o príncipe, que não dizia nada.

— Sua alteza, duque — respondeu logo el-rei carregando sobre cada palavra, e fitando em seu filho os olhos cheios de poder e majestade — sabe que os príncipes não têm outra paixão senão o bem do estado. Nestas coisas, quem decide é a cabeça, e não o coração... são os espinhos da coroa! Como seria perigoso desviar da regra, esteja certo de que o príncipe, meu filho, há de conformar-se com a vontade de seu pai, e com as ordens de el-rei. Que entre o conselho de estado!

As portas fecharam-se sobre o último conselheiro e até a casa do dossel se despovoou, ficando nela apenas o infante D. Francisco, e os condes de São João e de Vila Maior, os quais conversavam baixo, mas animados, ao vão de uma janela.

Na sala da tocha davam sete horas no relógio do palácio, quando entrava o padre Ventura. Cinco minutos depois, em uniforme rico, chegou o capitão Jerónimo Guerreiro, que, não reparando no jesuíta, foi dar o seu nome ao porteiro da cana, declarando segundo o estilo que o seu introdutor à presença de el-rei havia de ser Diogo de Mendonça Corte Real.

O porteiro, alargando as opulentas faces em cinco roscas semicirculares, sorriu-se benignamente, e informou-o de que o secretário das mercês estava no paço, esperando que acabasse o conselho de estado; mas que naturalmente despachava em algum dos gabinetes reservados, por isso não aparecia nas salas. O mancebo fez-lhe uma cortesia, e foi encostar-se modestamente à parede na outra extremidade da vasta quadra, aonde já se achava o visitante da Companhia de Jesus.

Quando o capitão Jerónimo levantou a vista, já achou os olhos do padre Ventura a examiná-lo. O jesuíta tinha a ruga frontal mais cavada, e o sorriso um pouco vago, como sucede quando a memória, perdendo de vista uma coisa, chama em seu auxílio todas as recordações que a podem suscitar. Esta fisionomia, cujo cunho era particular, cuja grandeza e sagacidade eram indeléveis,

também despertou mil lembranças ao noivo de Teresa, mas não sabia dizer de repente aonde a vira, posto estivesse certo de que pelo menos uma vez na sua vida, e em ocasião solene, já lhe tinha aparecido este homem, esta figura plácida e impenetrável: não lhe ocorria, porém, nem como, nem aonde.

Por isso sentiu palpitar o coração com força, e baixou a vista diante do padre Ventura, cujos olhos, descendo do rosto ao coração, parecia que iam queimando por onde passavam.

— Não se lhe figura que nos encontramos já? Longe daqui, em outros lugares desertos, talvez em dias de perigo e de sacrifício? — perguntou o jesuíta com certa melancolia, e uma longa interrogação na vista.

— Julgo que vossa paternidade se não engana. Estou-o conhecendo, mas não sei dizer donde. Creio que alguma vez falámos; estou certo: a sua voz não me é estranha...

— Ora veja! Eu achei já, e passaram por mim mais anos. Talvez que o último dia em que nos encontrássemos fosse o dia em que nos despedíssemos para sempre. Acredite em milagres! Sem eles não estava aqui nenhum de nós; e não fuja de um resuscitado, porque o vem achar com muitos cabelos brancos e bastantes trabalhos de mais... Ainda não se recorda?

— Eu já vi a vossa paternidade! — exclamou o mancebo com veemência. — Já estivemos ambos...

— Com a morte diante dos olhos, e Jesus na boca, diga!

— E por sinal?...

— Dei-lhe um anel, e disse-lhe três palavras.

— É verdade! Foi...

— Na América. Ora, o anel conserva-o ainda, daqui o vejo. As três palavras e o seu voto não sei... Esqueceram-lhe? É natural.

— Espere! Eram?...

— Muito para quem sabe o que elas valem... Então não se lembra ainda do meu nome?

— Ah! O dia de São Bartolomeu! Vossa paternidade é...

— Não diga mais... Esse nome e o homem que o tinha morreram na América, em Roma, aonde quer que ficou o missionário...

rio que nós conhecemos ambos... Hoje vê aqui apenas o padre *Júlio Ventura*, que veio beijar a mão de el-rei, e dá infinitas graças a Deus encontrando vivo e feliz — vejo que é feliz! — um companheiro dos seus trabalhos... Esqueça o primeiro nome, e apesar do segundo acredite que o homem não mudou, que é o mesmo sempre.

— Vossa paternidade salvo! Vi-o atado ao braseiro, ouvi os descantes bárbaros dos selvagens...

— E torna a ver-me sem mais lesão do que algumas cicatrizes, prova de que também há valor em pregar a fé entre os idólatras? Não se admire! Estivemos ambos em perigo, eu primeiro é verdade; mas ponha os olhos em si, e diga-me: quem o salvou?

— Foi Deus que trouxe de repente...

— Os fiéis que me desataram da árvore, e me livraram dos tratos? Então, bem vê... mas deixemos essa história. Aqui me tem, sem mais cuidados do que saber se posso abraçar um irmão, ou se estou falando a um estranho... Não diz nada?

— Digo que Deus é grande, e infinito o seu poder.

— E que devemos trabalhar *para maior glória sua*, não diz?

— *Ad majorem Dei...*

— *Gloriam!* É a divisa da Companhia. Atenda-me, filho. Esteve depois com os nossos, repetiu o voto que lhe tomei na véspera do martírio?... Fale sem receio; aqui não há perigo. Aquele é *terceiro*, não ouve...

E olhando para o porteiro da cana, traçou com o dedo indicador um sinal sobre o peito, a que este correspondeu inclinando-se quase até ao chão.

— Estamos *sós*, observa! — prosseguiu o padre. — Repetiu o seu voto? — Vejo que sim! Também serviu a Companhia em espírito e vontade? Espero que servisse! E se eu lhe perguntasse, irmão, se padeceria pela causa de Deus e da Igreja?...

— Respondia que ela é paciente porque é eterna!

— Muito bem. *Patiens quia æterna!* É o símbolo. Dê-me um abraço. Raras vezes me engano. Quando o vi deliberado diante da morte, que ambos esperávamos, percebi que se o coração da

criança já não vacilava, o que faria o homem depois de feito? Irmão Jerónimo, a Companhia precisa de todos os seus filhos. Há de chamá-lo; e respondo que virá.

— Jurei obediência, padre *Ventura*.

— Mas hoje custa-lhe? Um laço carnal prende-o? Diga, confesse... Não se envergonhe... É moço e não fez voto de castidade. Se ama, é porque é amado. Filho, a Companhia não exige impossíveis. Somente acautele-se; ouça o meu conselho. O seu coração é grande e forte... cuidado! São os que mais depressa caem. Não deixe que a imagem de uma mulher o leve todo atrás de si... Olhe que não há morte pior.

— Meu padre, a esposa que escolhi...

— É virtuosa e bela, ia dizer-me? Não importa, ame-a, mas depois de Deus. Ora pois! Alegremo-nos em Jesus Cristo. Conto com a sua firmeza. Aonde mora?

— Na Rua das Arcas, em casa do meu tutor.

— Lourenço Teles, comendador de São Miguel das Minas?

— Quem disse a vossa paternidade?...

— Sempre me dizem tudo.

— Mas isto?...

— E a sua noiva é filha de um capitão de navios, negociante rico, cuja irmã estive de secular em Santa Clara?

— Estou pasmado!...

— Admira-se? Diga-me: no tempo em que era marítimo se lhe dessem um navio atava o leme e deixava-se correr em árvore seca? Não! Deixava-se navegar sem derrota em risco de perder a embarcação e afogar as tripulações? Também não. Ora suponha que eu sou o piloto, e que faço diligência por salvar algum baixel do naufrágio. Olhe que o temporal é maior do que se cuida, e vem tão perto, que o estou sentindo. Afirmo-lhe que se perdem muitos que julgam salvar-se! Mas, vamos ao que importa. Quero que vá a São Roque amanhã; não, é melhor depois; às nove horas em ponto. Posso esperá-lo?

— Irei tomar a bênção de vossa paternidade.

— E falaremos do nosso tempo. Creia que *posso e quero* ajudá-lo. Depois que nos perdemos de vista o Sr. Jerónimo está capitão,

segundo vejo; melhorou; eu, com a minha roupeta velha, se não valho mais do que então, não valho menos também. Os anos dão autoridade; finalmente, não piorei. Não se esqueça de que o espero em São Roque às nove horas. Acabou o conselho de estado.

Efetivamente tinha acabado. El-rei falando alto da porta da casa do «Estrado» para a sala do dossel, tão alto, que se ouviu tudo na casa da tocha, disse para fora:

— Conde de Vila Maior, prepare-se! Em quinze dias parte para Viena meu embaixador a pedir a mão da arquiduquesa D. Mariana de Áustria para sua alteza o príncipe D. João.

— Sua alteza casa? — perguntou o capitão ao padre.

— El-rei diz que *sim*, o príncipe diz que *não*... — replicou este sorrindo-se.

— E vossa paternidade?

— Eu?... digo: *veremos!* Separe-se de mim. Essa gente que sai não é bom que nos veja falando. Neste mundo, filho, a habilidade, a grande habilidade, consiste em mostrar por fora o contrário do que vai por dentro. É o que el-rei agora fez.

XX SUA ALTEZA O INFANTE D. FRANCISCO!

D. Pedro, depois de entrar na sala do dossel, e de dizer em alta voz ao conde de Vila Maior, Fernão Teles da Silva, o que ouvimos no capítulo antecedente, voltou à casa do «Estrado», aonde o ficaram esperando o príncipe real, o duque de Cadaval, D. Nuno Álvares Pereira, e Diogo de Mendonça, o qual, simples secretário das mercês, não tinha entrada no conselho de estado. Apresentou-se, porém, apenas viu que acabara. Sua majestade foi direito à poltrona, deu algumas ordens ao camarista de semana, e lançando a sua alteza real um olhar perscrutador, enterrou-se com certa complacência na sua cadeira, e dando a mão a beijar ao filho, disse com autoridade:

— Podes recolher-te; mas fica certo, João. O dito, dito!

— Deus melhore a preciosa saúde de vossa majestade! — respondeu sua alteza com um sorriso, que era mais do que uma repulsa, porque chegava a ser um desafio.

Apenas saiu o príncipe, el-rei, virando-se para o duque de Cadaval, exclamou com agrado:

— Duque; os rapazes de agora são piores que os do nosso tempo! Tem sido uma campanha para obrigar João a ter juízo. Veja se o duque D. Jaime nos ajuda. Meu filho ouvi-o.

— Faz-lhe essa honra, meu senhor... mas vossa majestade permite? Sua alteza é muito parecido a sua augusta avó, a Sr.^a D. Luísa de Gusmão, se ouve a todos, não se guia senão por si.

— Bem sei. João é teimoso, e causa-me desgosto com isso. Aonde está o infante?

— Haverá minutos vi sua alteza conversando na sala do dos-sel com o padre confessor, e o conde de São João.

— Ah! Diga-me, duque: há algum segredo para achar dinheiro? Diogo de Mendonça, que nos corre com o armamento de guerra, sustenta que navios e soldados temos nós, agora com que os armar!...

— É a dificuldade? — acudiu o duque sorrindo-se. — No tempo de el-rei D. João IV, de saudosa memória, não se estava melhor, e chegou a rainha D. Luísa, minha senhora, a empenhar as suas joias...

— Mas as décimas, duque! Deus me perdoe, mas suspeito que as décimas são comidas no caminho. Vejo os contadores muito gordos, e tudo quanto é meu tão magro!

Diogo de Mendonça riu-se com a metade do rosto, que olhava para o duque, e fez uma contorção lacrimosa com a outra, exposta ao régio exame. O duque tomava liberdades de velho, e tinha um génio forte. Por isso apanhou a luva no ar e respondeu logo:

— Quer vossa majestade que explique porque a décima rende pouco, e o reino emagrece, quando os cobradores engordam?

— Diga!

— Saberá el-rei que isto não é meu; é de um homem que está no real desagrado, mas que não deixa de ser de conselho, muito sábio, e bom português.

— Quem?

— Luís de Vasconcelos e Sousa, conde de Castelo Melhor, e secretário da puridade, que foi do Sr. D. Afonso.

— Ah!... — clamou el-rei, dando um pulo na cadeira como se o mordesse uma víbora, e conglobando na sua interjeição o ódio e as lutas de muitos anos.

— Posso continuar? — perguntou o duque, afrontando com dignidade a repentina alteração que aparecia no semblante de D. Pedro II.

— Continue!

— Luís de Vasconcelos, que nos governou com sabedoria, e que eu me não consolarei de ter ajudado a derribar, perdoe vossa majestade, é o que sinto! já estava no conselho de estado, quando sua majestade a rainha mãe se queixou um dia do mesmo que el-rei acabava de dizer. O conde tem um modo de sorrir, que é só dele; do seu modo de falar e conversar só observarei, que até os próprios inimigos gostam.

— O duque, por exemplo? — interrompeu D. Pedro com ironia.

— É verdade! Não torna cá tão cedo ministro como ele: os seus sucessores é que o fizeram bom. Nem vejo capaz de o suprir senão este, e havia de ser menos pazeiro, e mais aberto.

Diogo de Mendonça, para quem era o sobrescrito, fez uma cortesia muito séria ao duque; el-rei desatou a rir.

— Vamos às décimas, duque! — exclamou o monarca. — Estamos a cem léguas delas...

— Já vou, senhor! Desculpe vossa majestade; são achaques da idade. Os velhos têm estas impertinências, e no capítulo das histórias do seu tempo ainda mais... Como disse, a rainha mãe queixou-se, e Luís de Vasconcelos sorriu-se. Ora sua majestade, espanhola e muito viva, como el-rei sabe, não gostou, e levou o caso a mal. O Castelo Melhor era ainda rapaz, e ninguém lhe fazia a experiência, que ao depois mostrou: era natural que a rainha se enganasse com ele. Para o confundir sua majestade exclamou:

— Ri-se, conde? Melhor seria que nos dissesse o modo de acudirmos a tamanho erro.

— Se vossa majestade ordena! — respondeu ele muito sereno.

— Diga!

— Vossa majestade consente-me um apólogo?

— O que quiser!

Luís de Vasconcelos tirou de cima do bufete o areeiro e vazou a areia nas mãos. «Aqui está, disse ele, isto é o que o reino paga!» Fez correr depois a areia de mão para mão; quando chegou às da rainha vinha na terça parte.

«E aqui está o que vossa majestade recebe!» — concluiu por fim.

— Explique-se! — observou a Sr.^a D. Luísa meia suspensa.

— É fácil, minha senhora! A areia foi-se pegando às mãos; e como passou por muitas, não se admire vossa majestade se a maior parte ficou pelo caminho. O mesmo sucede às décimas; a prata e o oiro ainda se pegam mais, e por isso resta apenas o que vossa majestade vê! São tantos a contar e tantos a arrecadar, que ainda é milagre o dinheiro que nos deixam!

A rainha ficou pensativa; e desde esse dia atendeu mais o Castelo Melhor, apesar de não engrajar com ele. Eu digo hoje a el-rei o mesmo; e acrescento de minha casa: — apliquemos a fábula, senhor! e ver-se-á que ela é boa, e a moralidade certa.

— A resposta foi engenhosa. Mas não me disseram que o conde estava cego? — observou el-rei.

— Ainda não. Vê bastante para servir el-rei até no conselho de estado, se o chamarem...

— Bem!... Apareça mais vezes, duque. Faz sempre muito boa companhia. Então...?

— Beijo a mão de vossa majestade e tomo as suas ordens.

— O duque tem graça e discrição! — refletiu el-rei assim que o velho fidalgo se ausentou; demais gosto da sua franqueza... Diogo de Mendonça, tu, que foste poeta, e desconfio que ainda o sejas às escondidas, a que o comparavas?

— A um mealheiro antigo, aberto no fim de muitos séculos.

— A razão?

— Porque tem moedas raras, ouro fino, mas infelizmente com elas ninguém pode acertar as contas... Não parece o mesmo a vossa majestade?

— Achas então que não corria?

— Os cunhos são antigos de mais, senhor!

— E apesar disso tem juízo, e é de bom conselho. Que despropositadas gargalhadas são aquelas?

— É sua alteza sereníssima com o padre confessor e o conde de São João — respondeu o secretário das mercês, que fora à porta, e voltava encolhendo os ombros.

— Porque ri tão alto sua alteza?

— Ignoro, mas é fácil saber. O senhor infante tem a fala tão forte, que prestando atenção, vossa majestade ouve.

— Os cabreiros — dizia o infante — estavam no chão à roda; a fogueira a arder; e a malga cheia de açorda no meio. Rabeando com fome, cheguei-me, e os vilãos julgam que se levantaram? Pedi-lhes agasalho, e por muito favor disseram: — Assente-se e coma do que houver. — Mas não há colher? — cortaram logo um canto de broa, vazou-se por dentro à ponta da navalha, e deram-no, espetado em um caniço, berrando: — Não se esqueça de a roer depois! — Riram-se da graça; e eu de rastos pelo chão fui obrigado a tirar da gamela atrás do maioral, nem mais, nem menos do que se fosse um mendigo, ou um guardador de porcos.

— Coitada da pobre gente — acudiu o confessor — se eles soubessem que era vossa alteza!... Assim mesmo deram o que tinham...

— Espere! Mas olhe que os ensinei. Acabada a ceia, apareceu o meu veador e os criados do monte; viram-me e nomearam-me. Então é que, sabendo que era o infante, os cabreiros se puseram de joelhos e mãos postas... a boas horas!

— E vossa alteza mandou-lhes sinais da sua grandeza? — interrompeu o conde de São João.

— Pois não! virei-me para eles muito risonho, e disse-lhes: meus amigos, foi o ajuste comer cada um a sua colher. Eu vou roer a minha, hão de roer as suas. Ora as colheres deles eram... não adivinham!... — gritou o infante rindo como um perdido.

— De pão? — disseram o jesuíta e o conde.

— De chifre! — concluiu sua alteza com estrondosas risadas.

— E eles? — perguntaram os dois.

— Roeram-nas! E se o veador não pedisse, ainda em cima mandava-os para a cadeia.

O confessor e o conde olharam um para o outro. Esta graça do infante esfriou muito o zelo de ambos pelo seu serviço.

— Ah, Diogo de Mendonça — dizia el-rei ao mesmo tempo, corando muito — haverá castigo igual ao que Deus me deu com este filho? Informa-te amanhã, e manda recompensar essa pobre gente...

— Perdoe vossa alteza! — disse o confessor, apenas o riso do infante lhe permitiu falar. — El-rei D. João IV, seu avô, uma vez andando à caça perdeu-se também, e foi dar a um rancho, que repartiu com ele da sua pobreza. Somente no fim é que se deu a conhecer pelas provas da real munificência; e rogam-se mil bens ainda hoje a sua majestade pela esmola que deixou. Parece-me que este exemplo...

— Padre confessor, sabe que me disseram ontem uma coisa a seu respeito? — interrompeu o infante, dando piparotes nas orelhas, e pondo-as cor de cereja.

— O quê, meu senhor? — perguntou inocentemente o religioso.

— Que vossa reverendíssima era de Braga, e devia andar de braga ao pé.

— Senhor infante! — clamou o padre.

— Ainda mais, espere! — prosseguiu sua alteza, piscando os olhos ao conde de São João. — Disseram-me que duas raparigas como duas estrelas...

— São sobrinhas! — gritou sua reverendíssima.

— Deus o sabe! — respondeu o sereníssimo algoz, fazendo trejeitos acompanhados de risadas que valiam por um libelo famoso.

— O que a vossa alteza vale!... — disse o jesuíta convulso e cor de beterraba.

— Não se arrenege, padre-mestre. Sei muita coisa ainda! Por sinal as dotou em vinte mil cruzados cada uma, do dinheiro que os Ingleses lhe deram para enganar meu pai.

O confessor passou de repente de rubro a cor de cré, e foi-lhe preciso segurar-se à janela para não cair redondamente. Aflito

e vexado, o conde de São João amparava o religioso, que sentia chiar os miolos na cabeça, como ele depois disse. Uma apoplexia pairava sobre a rotunda personagem: o conde, indignado, entendeu que por honra sua devia interpor-se, e acabar com esta cena.

— Repare vossa alteza! sua reverendíssima é confessor de el-rei, e não é de supor que sua majestade leve a bem graças tão pesadas...

O infante disparou na cara do fidalgo a gargalhada mais insolente, e recorrendo ao ordinário estribilho, principiou a beliscar as costas da mão, dizendo alto:

— Joanico, Joanico, quem te deu tamanho bico?

Em um momento fez-se de mil cores o conde. Violento e colérico mordeu os beiços com tanta raiva, que lhe espirrou o sangue deles. Ao mesmo tempo medindo o príncipe de alto a baixo, dizia-lhe em voz presa de furor:

— Agradeça vossa alteza a Deus a minha paciência! Se não fosse quem é, e eu respeitasse menos el-rei...

— Matava-me o *José das botas!* — gritou o Sr. D. Francisco, fazendo tourinha do velho militar, e contrafazendo-lhe os gestos em ridículas momices.

A alusão resumia para o conde todas as injúrias. Na campanha de 1704, sendo general, acusaram-no de não saber aproveitar a ocasião, perdendo-se por sua culpa Alcântara e Badajoz, que nos podiam cair na mão. Em um pasquim, afixado na sua barraca, escrevera um difamador que a causa da inação foram as botas de sete léguas do ilustre general.

Efetivamente sua senhoria era achacado de gota, e as enormes botas pareciam duas torres.

O primeiro movimento, vendo-se maltratado, foi deitar-se a perder, litografando a cabeça do insolente no tacão das botas aludidas; o segundo, mais prudente, reduziu-se a entrincheirar-se na dignidade do homem caluniado:

— Vossa alteza decora bem os pasquins dos meus inimigos! — disse com amargura. — Veremos se é do agrado de el-rei que os criados da sua casa estejam expostos a ouvir coisas, que fora

do paço e em outra boca teriam exemplar castigo. Conte vossa alteza que hei de informar a sua majestade.

— Olhe, conde, e não se esqueça: diga-lhe mais que já limpou a bofetada da cara do almirante de Castela. Parece que ainda a tem inchada.

O fidalgo soltou um rugido, e tirou meia espada. Esta segunda afronta era pior; e aludia à voz de traidor que o almirante lhe dera em Estremoz, e à correção instantânea aplicada pelo conde à face do castelhano, donde resultou cair este imediatamente com uma apoplexia, de que expirou horas depois. O punhal entrou até às guardas.

— Não me tente vossa alteza! — gritou.

— Conde de São João — disse el-rei, aparecendo de repente com semblante severo — conduza sua alteza sereníssima, de baixo de prisão, à Corte Real. O conde responde-me por ele até segunda ordem. Infante D. Francisco, peça perdão ao padre confessor e ao conde de São João do seu atrevimento...

— Não quero pedir perdão... — gritou o infante em altos gritos.

— Hás de pedir, que mando eu; e agora de joelhos... — exclamou el-rei, pondo-lhe as mãos nos ombros com tanta força, que o fez cair de bruços. — Fala, ou pelo sangue de Jesus Cristo esqueço-me de quem sou! O conde acompanha-te. Toma sentido! Se te escapar a menor palavra, ou a menor ação de ofensa, hoje mesmo vais dormir à Torre. Sou eu que to prometo. Sai!...

El-rei, muito pálido, recolheu-se depois; e o infante, rasgando o lenço entre os dentes, partiu a correr adiante do conde de São João, que a custo o podia seguir de longe.

D. Pedro virou-se com um grande suspiro para o seu confessor e para o secretário das mercês, exclamando com a eloquência da tristeza, mais nos olhos e no rosto, do que nas palavras:

— Estes filhos!...

Os dois sinceramente comovidos inclinaram-se com respeito diante da dor do pai e da confusão do rei.

D. Pedro calou-se. O seu coração já não podia com as ânsias. Também os conselheiros não diziam nada; porque, um silêncio

assim não ousa ninguém rompê-lo senão para reanimar a esperança, e ali não era possível. Passados alguns minutos, D. Pedro levantou lentamente as pálpebras, que tinha baixas, para esconder talvez as lágrimas, e pondo os olhos no crucifixo exclamou com as mãos erguidas, e grande paixão no gesto:

— Aceitai esta coroa de espinhos, senhor; e possa ela resgatar-me perante a vossa justiça!

— Ámen! — respondeu o padre confessor. Sua reverendíssima ia espairecendo à medida que a real consciência escurecia. Médico da alma, sabia que esta precisava dele para adormecer, como as vigílias do ópio para sossegarem. O seu predomínio nunca estava tão seguro, como nas horas do delíquio, em que o espírito do príncipe, quebrantado e timorato, vinha abraçar-se à cruz do Salvador, pedindo-lhe paz e esquecimento. Nestas ocasiões, o padre Sebastião, abrindo com as promessas divinas as portas do Céu, tinha a certeza de obter do penitente quantas concessões desejava extorquir-lhe.

D. Pedro, que uma hora antes o tratara quase com desagrado, olhava para ele agora com profunda ansiedade. Tinha-se tornado um autómato, e obedecia maquinalmente. Este poder visível do padre explicava a sua influência.

Diogo de Mendonça, religioso, mas não fanático, devoto, mas não supersticioso, persignava-se mentalmente, e em silêncio ia responsando a dignidade da coroa e os interesses do estado, oferecidos em holocausto pelos remorsos do príncipe ao jesuíta, cuja roupeta negra era neste momento um pano fúnebre lançado sobre o trono viúvo de rei, e sobre a monarquia privada de cabeça!

Quem visse a cena que descrevemos não poderia negar que D. Pedro II era como se não existisse, e que, durante o interregno, a sociedade de Santo Inácio, pegando na mão passiva do rei, confirmava com ela o seu poder; porque o rei já não tinha de homem senão os terrores, e a Companhia unia o arrojo à inteligência, subindo os últimos degraus do trono, e encostando-se com orgulho ao cetro da monarquia!

D. Pedro, com voz fraca e olhar indeciso, voltou-se para o confessor e perguntou:

— Padre Sebastião, disseram-se por minha intenção as trinta missas do costume?

— Sim, meu senhor.

— Deu-se esmola aos treze pobres que disse?

— Também se deu.

— A confraria de Santa Engrácia já recebeu o frontal novo?

— Ontem, meu senhor. E mais o sacrário de prata para São Julião.

— Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar!... — exclamou el-rei, pondo-se de pé.

— E a Imaculada Conceição da Virgem Maria, Senhora Nossa! — acrescentou o jesuíta, cruzando os braços devotamente.

— Está certo; eu rezei as minhas Horas? faltaria a alguma devoção?

— Vossa majestade é bom católico; cumpriu todos os seus deveres.

— Mas estes desgostos não são naturais... Que dia é hoje?

— Sexta-feira, dia da morte e paixão de Jesus Cristo, Senhor Nosso.

— Sexta-feira!... — disse D. Pedro, fazendo-se branco. — Sexta-feira, e vossa reverendíssima não me avisa! Estou perdido! Aquelas perdizes, aquelas perdizes!... Comi carne à sexta-feira, padre Sebastião! Quebrei o jejum, e dormi descansado! Esta gente não me diz nada de propósito. Se Nosso Senhor me chama de repente morria em pecado mortal. Que sacrilégio! Perdiz à sexta-feira!...

— Observo a vossa majestade — atalhou o jesuíta, interiormente cheio de júbilo, mas no exterior figurando-se perplexo — que é caso grave, mas...

— Esse *mas* ser-me-á relevado? Quantos anos de Purgatório, meu Deus, me não custará! — clamou D. Pedro, passeando agitado. — E por sua culpa, padre Sebastião, por culpa sua, Deus o sabe!

— É grave — tornou o confessor serenamente — mas temos remédio.

— Comi perdiz! Agora me recordo; não me puseram na mesa uma escama de peixe. São diabruras dos médicos, dos hereges dos médicos... Quem manda fiar-me neles sem perguntar? Pequei, pequei! devia levantar-me logo. Antes comesse pão seco. Tinha a consciência tranquila.

— Não exagere vossa majestade! O coração está puro, se pecou foi por ignorância. Entretanto, para dizer a verdade o caso parece-me intrincado. Talvez sessenta missas e uma boa esmola às missões da propagação da fé... Enfim, aqui está o Sr. Diogo de Mendonça, excelente canonista, ele explicará a vossa majestade...

— Pobre de mim! Eu que não valho nada!... Aonde fala vossa reverendíssima citar direito quem é tão esquecido, modéstia à parte... Há de perdoar, mas não falo.

El-rei olhou para o secretário das mercês, como o leproso do Evangelho para o médico divino. O manhoso cortesão, apesar do seu tato e conhecimento dos homens, apesar de saber de cor o carácter e as fraquezas do monarca, estava absorto com a cena, e não fazia senão dizer consigo: — triste rei, a que estado te reduziram!

Quando o jesuíta citou a sua autoridade em Cânones, apesar de costumado a coibir-se, assim mesmo custou-lhe muito a conter-se. Contudo, feita a profissão de humildade académica, e ferida a lancetada nos teológicos talentos do confessor, o ministro, lendo no semblante de el-rei uma ordem formal, resignou-se e subiu ao palco. Como hábil comediante obrigou logo o rosto a moldar-se às circunstâncias, e os olhos a pasmarem a vista, de modo que expriemsem uma longa e casuística interrogação mental.

Depois da perplexidade, o secretário das mercês enrouqueceu a voz, apontou os óculos entre o índice e o polegar, e meneando a cabeça no trémulo mais artístico, principiou a representar, o que fazia sempre, mesmo até dormindo, acrescentavam os seus inimigos.

— Que posso dizer, em caso tão grave, escolho dos maiores doutores, glória da Igreja? — exclamou lançando as palavras secas e vibradas. — Temos aqui um sábio, um teólogo, um amigo espiritual de vossa majestade. E quer-se que fale eu, o menos capaz de acertar! Valha-me o Céu! Em que escrúpulos sou metido! Obedeço, Deus sabe se é com dor do meu coração! Direi a verdade. Vossa reverendíssima ri-se? Pois é assim. Nunca me fez mal senão a nímia boa-fé, a minha nímia boa-fé!... Afirmo, e vossa reverendíssima sabe-o melhor do que eu, que há grande diferença entre dogma e disciplina. Concordam todos nisto, até o padre *Molina*, aquele grande oráculo da consciência! O jejum sendo preceito da Igreja não é dogma; pecou vossa majestade? Decerto! Sou justo, corto direito. E até pecou bastante; entendo, porém, que o caso não pede tantos temores; e sua reverendíssima o disse. Sustento que não; há quem me possa contestar? Quanto à penitência... não sei, não me pertence; tomara achá-la condigna dos meus grandes pecados, mais numerosos desgraçadamente do que os cabelos da cabeça, (e tenho bem poucos já!) por enfermidade de espírito e simplicidade de ânimo. Depois, como os médicos proibiram a vossa majestade...

— Não me falem dos médicos! — gritou el-rei irado. — Hão de meter-me no Inferno. Quero despedir os médicos!

— Sossegue vossa majestade — acudiu o confessor — Jesus Cristo deixou na sua igreja remédio para todo o género de pecado. Quis ouvir a opinião do Sr. Diogo de Mendonça, que em Cânones é o nosso mestre, e estou conforme...

— Muito obrigado a vossa reverendíssima!

— El-rei — continuou o padre — manda dizer sessenta missas, e para sua mortificação jejua amanhã, sábado de Nossa Senhora. Oito dias consecutivos não come perdiz, ou outra ave de apetite. Parece-me — acrescentou olhando para Diogo de Mendonça — que assim fica tudo sanado?

— Pois não? E ainda temos de sobresselente as indulgências!? — acudiu este com uma seriedade irresistível. — O caso, atenda-me vossa majestade, é não comer perdiz esta semana, segundo

nota sua reverendíssima; e depois as missas; as missas por causa do Purgatório... Isso, e uma esmola...

— Às missões e aos cativos? — interrompeu o confessor.

— Pois a quem? Santa aplicação! — concluiu o ministro sem desengatilhar um dos músculos da face. — Sabe vossa majestade que há trovoada em Roma? Querem lá os quindénios atrasados dos bens da Companhia de Jesus. E eles não são tolos; a esmola é menos má. Sua santidade ameaça o geral com as censuras...

Depois do desastre das perdizes, el-rei estava de cera. Olhando para o confessor, perguntou-lhe, tossindo:

— O que lhe parece, padre-mestre?

— Sou de voto que se espere! — replicou este um pouco atalhado. — Sua santidade insiste, e não é bom. Vossa majestade verá se os prelados da Companhia devem expor-se às censuras do papa, ou obedecer ao seu rei legítimo...

O secretário das mercês e o jesuíta trocaram um lance de olhos que valia por duas estocadas. Diogo de Mendonça conseguiu o seu fim: tinha obrigado os padres a desembuçarem-se; e com a usual finura logo percebeu que o dinheiro dos quindénios saía caro a Portugal, não se pagando senão em proveito da Companhia.

O confessor, obrigado a descobrir-se, meditava no modo de castigar a cilada. El-rei, olhando ora para um, ora para outro, não dizia nada, esperando que o esclarecessem. Por fim impaciente perguntou:

— Então o que havemos de responder ao nuncio apostólico?

— Se vossa majestade manda e sua reverendíssima deseja, esperemos! Enquanto esperamos, descansamos! — disse o secretário das mercês, ladeando a posição para a tomar melhor. — Se querem a minha fraca opinião, eu que em matéria de escrúpulos um cabelo me parece um varão de ferro, estou de pedra e cal neste negócio. A cúria não tem direito; e a honra da coroa ficará comprometida... Perdoe vossa majestade se falo a verdade, mas é o meu defeito; e deste não me curo. Sua reverendíssima dirá qual seja de mais utilidade para a Companhia; está de dentro, e

sabe muito mais. Até não há necessidade de lho perguntarmos. Quem viu aqueles papéis de tanta sabedoria, todos escritos do seu punho, só tem que admirar a firmeza de suas paternidades e contar com eles.

— Ora aqui está o grande amigo que nos arranjou o padre Ventura! — Rosnava Sebastião de Magalhães, vermelho como lacre e seriamente atormentado. — Que víbora! Saberá vossa majestade — disse alto — que a Companhia não há de querer senão a glória de el-rei e o esplendor da monarquia...

— Eu não dizia? — exclamou logo Diogo de Mendonça com falso entusiasmo. — Sua reverendíssima, o nosso doutor subtil, o nosso Scotto, era incapaz de emitir voto menos autorizado. Asseguro a vossa majestade, que não tem maior amigo da sua coroa. Não se pagam os quindénios! Como canonista protesto que o direito nos assiste; português e vassalo fiel, ainda que morra, hei de sustentar que o contrário nos desonraria. Vossa majestade ordena; respondemos ao núncio nesta conformidade? D. Tomás de Almeida encarregou-me de receber as ordens a este respeito.

— Acho bem. Responda que não.

— Ah, padre Ventura, padre Ventura! — bramiu o confessor apoplético — olha as boas obras do homenzarrão! Ficamos bonitos!

Sua reverendíssima meteu a barba no peito e pousou os olhos confusos no empinado ventre; sem isto é provável que a sua cólera se exacerbasse mais, colhendo de relance o olhar irónico e vitorioso com que o ministro celebrou a sua derrota.

XXI

DUAS POTÊNCIAS!

A nuvem passara; o caso de consciência das perdzes estava esquecido.

Apoiando o corpo sobre o pé direito, el-rei convertia em balanço familiar a sua poltrona, indício evidente da régia alacridade. O confessor crescia com indignação, e o ministro fazia-se pequeno, prova de se achar grande. D. Pedro, virando-se para Diogo de Mendonça, cujo valimento aumentara desde a dissertação canónica sobre o jejum, exclamou:

— Vamos à história do teu protegido.

— Qual história, meu senhor?

— A do teu capitão *Baiardo*. Não foi Baiardo que disseste? Sabes que mais, Diogo de Mendonça? Ainda te acho muito poeta. Enfim, vamos a ver.

— Perdoe vossa majestade! Pois eu chamei *Baiardo* ao homem? É verdade que não há melhor soldado; mas *Baiardo* foi de mais... por sinal, que ele espera ali fora a graça de beijar a mão a el-rei.

— Primeiro a história. Tem alguma coisa, padre Sebastião?

— Não, meu senhor. Ousarei lembrar novamente a vossa majestade a audiência do padre Ventura?

— Virá o padre também... Diogo de Mendonça, estou ouvindo.

O jesuíta furioso interiormente, por causa da preterição, foi bastante fino para tentar o supremo esforço de um sorriso, que lhe saiu a mais forçada e azeda das suas visagens. O secretário das mercês não o perdia de vista rindo-se por dentro do seu desgosto, e por fora afetando uma inocência primitiva.

Esta história era um favor de el-rei, que se propunha granjear em proveito do capitão e do seu amigo Lourenço Teles; porque, apesar dos caluniadores, Diogo de Mendonça, acusado de ser o mais espirituoso cómico da corte, e de fingir no seu coração vazio e desamorável todos os sentimentos, estimava pouca gente e poucas vezes, mas quando era amigo, sabia sê-lo.

— O visconde de Barbacena, saberá vossa majestade — principiou o ministro — diz do capitão Jerónimo Guerreiro, que é a mais fina espada de cavalaria, e a melhor cabeça de conselho em ardis de guerra...

— O exórdio promete — acudiu o monarca. — Queira Deus que não te canses antes de chegar ao fim...

— Não há corpo sem cabeça, meu senhor — respondeu o secretário das mercês com suma gravidade. — Se o exórdio parece forte a vossa majestade, a narração me salvará... Tratava-se este ano da ocupação de Alcântara, ou de Badajoz, que se perdeu na outra campanha pelas demoras do conde de São João, coitado!... A primeira dificuldade consistia em achar um língua entre os castelhanos; era loucura ir meter com os olhos tapados o nosso exército na boca dos canhões...

— Decerto — observou el-rei, acelerando o vaivém da poltrona.

— Mas quem seria o rato capaz de pôr o guizo ao gato? porque vossa majestade percebe que os Franceses, apanhando o espia, roubavam-no para os não aliciar, e arcabuzavam-no depois para não falar. Como pouca gente gosta de servir de mira aos mosquetes de uma companhia de soldados...

— E aqui entre nós, Diogo de Mendonça, há de ser muito desagradável — tornou a observar el-rei, balançando-se.

— É verdade. No caso presente até se podia apostar noventa contra dois em como as probabilidades eram ficar no meio da jornada com doze balas na cabeça, chumbo de mais para alvo tão pequeno.

— Diabólico — acudiu D. Pedro, esfregando as mãos.

— Não admira, pois, que os oficiais se fossem escusando de modo que o visconde, muito colérico, segundo é público, fez-se branco como a tira da camisa, e chegou a dizer que iria ele se ninguém fosse, pois tanto valia morrer de um tiro em batalha, como levar dez balas no coração atrás de um fosso.

— Argumento forte, Diogo de Mendonça — notou el-rei.

— Infelizmente ninguém se convenceu! — prosseguiu o secretário sorrindo. Nesta ocasião entrava Jerónimo Guerreiro, e o general batendo-lhe no ombro, gritou muito animado: «Aqui está quem vai ganhar um posto, ou levar um peitilho de balas a Badajoz! Por este respondo eu!» Jerónimo informou-se, ouviu as instruções, e muito sério, muito sereno, fez uma cortesia ao visconde, e sem dizer mais nada...

— O que fez?

— Partiu, meu senhor!

— Partiu!?... — exclamou o príncipe, levantando-se.

— Imediatamente! E como supõe vossa majestade que entrou por Espanha? Em trajes castelhanos, a pé sobre duas muletas, fingindo-se coxo e tartamudo. Em vez de um, pregou dois logros aos Franceses.

— Belo estratégia! E fingiu-se bem?

— Tão bem, que foi até Madrid sempre metido pelas portas dos conventos e pelos pátios dos fidalgos, vendo e ouvindo tudo; e como parecia ter a língua ainda mais tolhida do que as pernas, e a sua mula era o alforge de pedinte, ninguém lhe perguntou donde era, nem para onde ia. Parvos!

— No mundo tudo são aparências! — interrompeu o padre Sebastião, olhando para o historiador com visível intenção.

— Santa verdade! — exclamou este, quebrando os óculos, como em certos dramas o protagonista estala a espada no joelho.

— E então? Não quebrei os óculos?... São tudo aparências, vossa reverendíssima o disse! Tudo é comédia...

— Menos a morte, Diogo de Mendonça — acudiu el-rei entristecendo.

— Essa é tragédia! Para que falamos nós de morte? Vossa majestade, graças a Deus, e todos esperamos viver largos e felizes anos... Longe vão os cuidados!

— E o nosso capitão? — perguntou el-rei.

— Quando se achou informado voltou coxeando para Elvas com os alforjes cheios de esmolas e de notícias. — O que supõe el-rei que lhe havia de ocorrer? Pagar-se da jornada por suas mãos! Fazer dos castelhanos banqueiros de vossa majestade! Isto de rapazes!...

— Como?

— Eu digo a vossa majestade: Jerónimo é muito calado, e quando forma um plano, rumina-o consigo; ora em ele achando a ideia, alguém por força acha de menos alguma coisa; falo dos inimigos. Quando se recolhia, notou que os gados levados à feira de Guadalupe iam formosíssimos, e pareceu-lhe mal não serem dele, e serem de seus donos. Vossa majestade sabe: cortar os víveres em campanha é tão meritório para o soldado, como dar de comer a quem tem fome na paz de Deus.

— As obras de misericórdia às avessas? — disse D. Pedro, rindo.

— Às direitas, meu senhor. A caridade bem ordenada começa por nós. Assim, aquele menino... (desculpe vossa majestade; é mau costume meu; chamo até meninos aos velhos; a sua reverendíssima talvez, podia ser se não fosse o respeito). O caso é que o nosso capitão, sabendo que os gados ficavam dois dias em um lugar da raia para descansar, deixou-se ficar com eles; e teve artes de fazer que lhe oferecessem comida e dinheiro para os guardar de noite, com promessa do dobro se quisesse acompanhá-los...

— E aceitou?

— Foi tão feliz que o obrigaram a aceitar.

— Mas ele fingia-se tartamudo?

— É o melhor da história. Como não podia gritar deram-lhe um tambor, e disseram que tocasse em sentindo tropel. Feito o ajuste, os guardadores dormiram a sono solto; e, como a quem dorme dormem-lhe os cuidados, eles ficaram, e os gados foram-se.

— Ah! — gritou el-rei com alvoroço. — Como foi, como foi?

— Com a maior simplicidade. Dormiam ao pé dele três soldados de cavalaria, com ordem de não largar os rebanhos. Beberam e deitaram-se. Na segunda noite, Jerónimo quando os viu pegados no sono, amarrou-os, pôs-lhes mordanças na boca, e rompeu depois o tambor. Montado na melhor égua, com um pampilho na mão, entrou em Portugal, e chegou a Elvas, seria meio-dia. Os guardas, que ficavam no lugar a meio quarto de légua, não sentiram nada; e acordando ao nascer do Sol, trataram de ajuntar os bois... Não havia bois. Acharam as muletas do coxo, os três soldados presos, e souberam então que ele tinha duas pernas famosas, e falava como um doutor. Quiseram tocar a rebate no tambor, estava roto! Quiseram correr atrás do inimigo, não tinham cavalos... Pelo seguro Jerónimo levou os pés de mais aos Filisteus! Assim, quando saíram ao campo, e deram aviso ao conde de Resbourg em Badajoz, andavam já os nossos batedores à pressa recolhendo os toiros desgarrados. O pior foi que em vez do seu gado, o conde de Resbourg encontrou o visconde de Barbacena, que lhe assentou ainda em cima a mais completa derrota!... Aqui tem vossa majestade como este ano a feira passou de Guadalupe para Elvas, louvado seja Deus!

— É uma grande façanha, Diogo de Mendonça. E os Espanhóis?

— *Con su pan se lo comeron!* Disseram que *el zorro fue tentacion del demonio...* Tolos!

— Diogo de Mendonça, é preciso premiar o capitão.

— Vossa majestade obrará como grande rei. Um habitozinho de Cristo e uma tença...

— Ele é casado?

— Está em perigo de o ser.

— E não lhe sucedeu mais nada? Os Castelhanos hão de ter-lhe ódio.

— De morte. Mas ele com os gados ficou melhor.

— Decerto. Que entre.

Minutos depois, Jerónimo inclinava a cabeça e dobrava o joelho diante de el-rei; e sua majestade, dando-lhe a mão a beijar com afabilidade, admirava o ar brioso do capitão do seu exército do Alentejo.

— Jerónimo Guerreiro — disse o monarca — estou contente com o teu serviço. Continua, e lembra-te de que el-rei deseja ter ocasiões de premiar... O bastão de mestre-de-campo costuma achar-se nas trincheiras de uma praça de guerra, ou apanha-se no meio dos terços do inimigo... Diogo de Mendonça já recebeu as minhas ordens a teu respeito. Podes retirar-te.

O mancebo, cheio de júbilo por esta recepção distinta, tornou a beijar a mão do monarca, e inclinando-se disse apenas:

— A minha vida é curta para agradecer a munificência de vossa majestade.

Depois fez as cortesias do costume, e retirou-se.

— Diogo de Mendonça — exclamou D. Pedro — gostei do teu protegido; fala com muito acerto. Podes dizer-lhe que lhe faço mercê do hábito e mais da tença.

— É de justiça, meu senhor. Quando vossa majestade o pôs aos peitos de um preto, seria admiração não o conferir a um oficial brioso.

— De um preto? — gritou el-rei assombrado.

— Sim, meu senhor. Domingos Pires é negro como um azeviche, e de mais a mais barbeiro de profissão. Sinto na verdade, mas parece notável que assente bem o vermelho sobre o preto, e que a navalha dê o hábito.

— Padre Sebastião, isto o que quer dizer? — bradou o monarca fazendo-se purpúreo.

— Senhor! — acudiu tremendo o confessor — não fui eu...

— Tem razão... foi o infante. Ah, Francisco, Francisco! O hábito de Cristo a um preto, a um barbeiro! Que vergonha! Diogo de Mendonça, como se há de valer agora a isto?

— Só com o painel da misericórdia! O hábito está enforcado no preto. Tire-se o negro para sumir o hábito. Não vejo outro remédio.

— Então?

— Mandemos o pai Domingos tomar ares pátrios. Despacha-se para Guiné...

— Para o fim do mundo! — gritou el-rei. — Um barbeiro preto com o hábito!?!... Ah, Francisco! Diogo de Mendonça, despache o negro, e salve o hábito...

— Ocorre-me outra coisa...

— Diga.

— Há de haver por força algum branco deste nome. Procuramo-lo, e dá-se-lhe o hábito. Dizemos depois ao negro que foi engano. Tanto mais, quanto de noite até os gatos brancos são pardos.

— Excelente! — disse el-rei a rir. — Mas Diogo de Mendonça, porque expediste essa mercê?...

— Eu, senhor? Não sabia. Vossa majestade é justo, é sábio, mandou-me as suas ordens, obedeci. Não tenho a rol os pretos forros que andam a cair Lisboa, ou a escanhoar as barbas aos matalotes. Ia a sair hoje, e aparece-me na escada um negro... bom negro! Vale cem mil-réis no Brasil. Cuidei que o moleque pedia esmola... desgraçadamente agradecia-me o seu despacho. «Pois foi despachado?»

«Tive o hábito de Cristo.

«E vossemecê quem é?

«Sou o barbeiro dos criados do senhor infante.

«E tem o hábito, está certo?» «Vem neste papel». E vinha... por Deus! Disse ao preto que voltasse; mas pelo seguro esqueci-me, e meti o diploma no bolso. Aqui o tenho.

— Pois vá, Diogo de Mendonça, e veja se desencardimos a Ordem de Cristo de tal borrão. Padre Magalhães, acabemos a noite. O seu recomendado pode vir. Ai que filhos me deu Deus!

O secretário das mercês saiu, e instantes depois entrou o jesuíta com os olhos baixos e humildes. À porta, quando se inclinou pôs a vista em el-rei com a força de intuição que era o dom precioso do seu génio; e leu-lhe na ansiedade, em que a dor contraía as feições, na palidez da face e na tristeza mortal da

fisionomia, os progressos e a crise de uma enfermidade rápida, que os médicos não tinham sabido adivinhar. O padre Ventura entendeu logo que el-rei D. Pedro era como se estivesse já em São Vicente de Fora, ao lado de seus pais.

El-rei, também com a firmeza de tato, que dá a prática de tratar e conhecer os homens, achou o jesuíta superior à sua humildade, e muito maior do que a obscura posição que figurava. Examinando-o silenciosamente, estendeu-lhe a mão, e sem saber porque chamou a si toda a penetração, como se um instinto secreto o avisasse de que tinha diante de si, em vez de um religioso vulgar, uma potência senhora do coração dos outros, porque dominava o seu, exclusiva e absoluta, porque na sua mão o poder era único, porque a vontade e a inteligência eram absolutas.

O padre tinha-se curvado: nem tanto que o respeito apparecesse como servidão, nem tão pouco que tomasse a cor de orgulho. Pousados na mão, o monarca sentiu que ele tinha os beijos ainda mais frios do que o sorriso.

— Sebastião de Magalhães — observou D. Pedro, pesando as palavras e pondo os olhos como duas sentinelas no descorado semblante do jesuíta — o meu confessor pediu-me uma audiência da parte de vossa paternidade. Deve saber que D. Pedro II muitas vezes se tem levantado da mesa para deferir aos mais obscuros vassallos. Não precisava de empenhos, padre, para chegar à presença de el-rei. Um soberano tem obrigação de ouvir a todos, como espera que Deus o ouça a ele.

O jesuíta sorriu-se, mas não abriu a fisionomia. A vista do príncipe escorregou por ela sem poder entrar no coração. Aquele rosto impenetrável era como o aço de Milão nos guerreiros antigos, flexível como seda, resistente como ferro.

— As virtudes de el-rei são a felicidade dos seus vassallos e a admiração dos estrangeiros — respondeu sua paternidade, tornando a inclinar-se. — Se eu viesse por negócio meu, diria ao soberano: agravaram-me, senhor, e peço justiça! Estou certo, o ouvido de el-rei, que é o ouvido de Deus, há de escutar-me.

Venho falar à consciência; por isso espero a ocasião, dando a Deus infinitas graças, porque me atendem e me não despedem.

— Então o padre acha que a minha consciência está em perigo? — acudiu D. Pedro sobressaltado.

— Sim, meu senhor, mas creio também na grandeza de vossa majestade, e na graça de Deus.

— E o que o traz?

— É o meu dever, mais o serviço de el-rei.

— O meu serviço?

— E o de Deus!

— Explique-se!

— El-rei sabe que as lágrimas do inocente são de sangue, e que Deus as conta contra os perseguidores, porque Jesus Cristo, que nunca chorou por si, muitas vezes chorou por nós. A mão de el-rei, levantada neste momento, faz correr lágrimas de desonra e de vergonha, que se não forem enxutas, hão de cair de fogo sobre a cabeça do pecador. A coroa, senhor, fica na terra mais o corpo; e diante do juiz a alma do rei pesa menos às vezes que a do escravo, porque pesa segundo os seus merecimentos.

— Padre Ventura, fale! Se pecamos faremos penitência; se alguém se queixa de nós há de ter justiça. A quem agravou sem causa a mão de el-rei? — disse o príncipe muito agitado.

— Uma inocente foi caluniada; e el-rei sem a ouvir, acreditou a calúnia. É malfeito, senhor, Deus perdoa muito aos homens, mas pouco aos reis.

— De quem fala vossa paternidade? — exclamou D. Pedro II, cheio de terrores espirituais, e curvando-se involuntariamente.

— De D. Catarina de Ataíde, noviça em Santa Clara.

— Ah! — gritou el-rei, pondo-se de pé com os olhos fitos e meio acesos de ira.

— Está inocente, está pura, foi caluniada! — prosseguiu o jesuíta, deixando cair cada frase, pesada como ferro, sobre o espírito do príncipe.

— Mas eu sei o contrário! — disse o monarca, recuando diante da voz do padre, e dos seus olhos irresistíveis.

— Vossa majestade não sabe, disseram-lho — respondeu friamente o jesuíta.

— Ah! Então vossa paternidade é que sabe, e é o rei?

— Eu sei, vossa majestade o disse; e sei porque não sou o rei.

— Mas el-rei também é pai!

— Razão de mais. Os últimos a saber a verdade nestas coisas são sempre os pais.

— Então protesta-me que D. Catarina está inocente? Que o príncipe real não foi a Santa Clara?

— Não afirmo senão que sua alteza nunca viu, nem falou a D. Catarina. Não sei nem digo mais.

— E as provas, padre?

— Tenho-as todas! — replicou o visitador elevando a voz.

— Quem deu o direito a vossa paternidade de falar alto diante de mim? — exclamou o príncipe, refugiando-se atrás da coroa, porque se sentia fraco de coração para resistir.

— Quem tem na sua mão vassallos e reis. Quem disse a Lázaro, ergue-te! ao cego, vê! Foi Deus. E Deus também, que fez os reis à sua imagem, foi quem lhes confiou um cetro, vara de justiça, e não açoite de tiranos.

Falando assim, o padre Ventura assumia aquela autoridade, aquele poder de vontade e de eloquência, que o tornava inspirado nas ocasiões supremas. El-rei vacilante e quase vencido, se não convencido, sumia-se na cadeira, e baixava os olhos para não sentir sobre o coração a vista profunda e cortante do jesuíta, que lhe causava uma dor moral, aonde quer que se fitava.

— O padre engana-se. Quem lhe disse que D. Catarina era inocente? — exclamou insistindo.

— Disse-o ela, e sei-o eu!

— Grande prova! — gritou el-rei com ímpeto. — Disse-o ela. E depois?

— Depois ainda acrescentei mais: — e sei-o eu.

— Ah, então?...

— É claro. D. Catarina não recebeu a sua alteza, e não o podia amar.

— Não podia amá-lo!? Porquê? — acudiu o pai, desta vez mais ofendido no orgulho, do que o rei na vontade absoluta.

— Porque os ambiciosos é que amam por cálculo: uma paixão verdadeira crê em Deus, e não espera, nem deseja mais do que ser feliz.

— Ah! — tornou el-rei a exclamar, ferido por esta alusão. — Continue!

— E o coração da mulher pura, das mulheres como Catarina, é muito grande para se fazer pequeno e muito nobre para se envilecer.

— Continue! — acudiu o príncipe, cerrando os dentes e empalidecendo.

— Acabei, senhor: D. Catarina ama o conde de Aveiras, e por isso el-rei já vê que não pode ter outra paixão.

— O padre esquece-se de que o amor do príncipe real... li-sonjeia o orgulho, e que as damas se levam pela vaidade? — atalhou D. Pedro com um sorriso frio.

— Orgulho e vaidade são duas coisas, e não uma. O orgulho sem soberba eleva o espírito, não o declina. O príncipe real, perdoe vossa majestade, para D. Catarina é muito, e muito pouco. Muito pelo grande respeito que lhe deve. Muito pouco, porque ela quer subir até seu esposo, e não descer até à infâmia.

— Não creio! — murmurou o príncipe abalado, mas insistindo ainda. — As minhas informações...

— São falsas!... como o coração que as envenenou.

— Sabe de quem fala, padre Ventura? — gritou el-rei ameaçando-o com a voz, com o gesto e com a vista.

— Não me pertencem os segredos de el-rei! — replicou este encontrando o seu olhar firme com a vista irritada do monarca. — Mas repito: quem quer que foi mentiu a vossa majestade, disse uma calúnia, e cometeu um crime. Isto afirmo eu de coração tão sereno, e sangue tão quieto como na América glorifiquei a Cristo, sabendo que arriscava o corpo, mas exaltava a alma. Sou velho; estou cansado; e depois de muitos trabalhos sei por experiência, que um dia de mais ou de menos nada é; que uma cela pobre e estreita como a minha, ou um

calabouço sem luz, é quase a mesma coisa. De toda a parte se vê a Deus.

Este valor frio, esta abnegação pessoal, este desafio manso e apostólico do religioso inerte à cólera do rei, envergonhou D. Pedro. Os braços caíram-lhe sem alento; e a vista esmorecida perdeu o fogo. Atando o diálogo, o príncipe disse com bondade um pouco forçada:

— Ora vamos, padre Ventura! Sejamos razoáveis. O interesse que toma por D. Catarina não me parece natural. Não lhe é nada, creio.

— Vossa majestade engana-se. Sou seu confessor, seu pai espiritual, aquele a quem Deus disse: — ama a minha filha, e esforça-te por a salvar.

— Mas se for culpada? — observou el-rei preocupado.

— E se for inocente? — replicou o jesuíta, dando à voz uma expressão particular.

— Meu Deus, iluminai-me! — gritou D. Pedro, perdendo a cabeça, e sentindo recrudescer as dores físicas com a intensidade desta agitação. — Padre Ventura, isto não são coisas para decidir de leve.

— Por isso digo eu: antes de castigar, el-rei devia ouvir.

— Mas eu não puni ainda...

— El-rei fez mais. Não só puniu a quem julga criminoso, mas a quem sabia que era inocente.

— O padre mente!... — gritou D. Pedro exasperado.

Alguma cor veio rosar de leve as faces pálidas do jesuíta. Os olhos acenderam-se; as feições mortas animaram-se; a cabeça pousou-se ereta e altiva; a vista devorou entre chamas a palavra afrontosa, e o gesto, cheio de força, repeliu-a com majestade... Foi tudo instantâneo porém; o poder da vontade domou a ira em um momento, e fez cair outra vez a máscara sobre o rosto. Quando respondeu, a sua voz tinha mais doçura, se é possível, do que antes de receber a maior injúria.

— Senhor!... — exclamou. — Agradeço a vossa majestade. Jesus Cristo, meu mestre, também recebeu na face uma afronta, e respondeu com a paciência. A verdade mata, senhor! Quando

aqui vim já sabia que ou o meu corpo ou a minha alma haviam de sair martirizados. Vossa majestade preferiu a alma... é mais glorioso. Entrego-lha; pode satisfazer-se.

D. Pedro percebeu que estava prostrado moralmente aos pés deste poderoso adversário. Depois da injúria não lhe restavam senão dois caminhos — sair como rei, ou como tirano. Escolheu o mais nobre.

Olhando em redor, descobriu o padre Sebastião de Magalhães sumido com a parede, e desejando que ela se abrisse e o escondesse. O confessor tinha a cabeça quase cosida ao peito; as roscas das barbas pendiam-lhe. A palidez, a imobilidade, e o suor frio em que nadava e que a miúdo embebia no lenço, faziam dele o retrato do pavor, colhido em flagrante.

El-rei teve dó do padre Sebastião, e admirou o padre Ventura. Por isso, virando-se para o último, disse-lhe com nobreza:

— Desculpe, creio que me excedi sem querer!... Asseguro-lhe que el-rei não disse nada; e espero que não lho faça saber, porque havia de magoar-se, quase tanto, como se morresse um de seus filhos.

— Vossa majestade acreditará que só me lembro... de que el-rei era digno de uma coroa, se a não tivesse — respondeu o jesuíta, inclinando-se comovido.

— Sebastião de Magalhães — prosseguiu o monarca — agradeço-lhe o ter-me feito conhecer o padre Ventura. Os reis ganham sempre em tratar com homens como ele. Vamos! Eu dizia que D. Catarina me parecia culpada.

— E eu, que está inocente! — replicou o italiano, percebendo a delicadeza do príncipe, que fora atar a conversação justamente no ponto em que o rei se esquecera de si.

— E sendo assim o que conclui?

— Que el-rei feriu mortalmente três inocentes!

— Como?

— A honra vale mais do que a vida, e a honra de uma dama, cujo sangue é tão ilustre, cuja família se enobrece de uma pobreza gloriosa, porque está sem mácula, é um tesouro sem preço...

— Ainda não percebo, padre Ventura... — atalhou el-rei carregando o rosto.

— Um momento e el-rei verá!... D. Catarina acusada de uma fragilidade por vossa majestade, pelo primeiro cavalheiro da monarquia... fica desonrada para sempre se el-rei a não salvar.

— Mas não a acusei: somente...

— Aí esta: *somente!*?... El-rei não pode ignorar, que duvidando *somente* da honra de uma senhora, e el-rei duvida, porque o disse!... fere a dela, a de seu pai e a de seu esposo aos olhos do mundo.

— Padre Ventura, acredite que este segredo...

— Não é segredo. Sei-o como vossa majestade. A corte, vendo sua alteza real no desgosto de seu pai, indagou a causa; e o senhor infante, entrando no paço, pegou na honra de uma dama, e atirou-a sem piedade às bocas da calúnia.

— Está certo?

— Como de estar aos pés de vossa majestade! D. Luís de Ataíde é fidalgo antigo. Há de pedir justiça a el-rei da sua honra maculada; e como el-rei acredita que sua filha é culpada... D. Luís de Ataíde pode achar mais suave um suicídio, do que a infâmia.

— Não. Não!

— O conde de Aveiras adora D. Catarina, e já tem licença de seu pai para a pedir. Sabendo da nódoa que imprimiu no crédito da sua noiva a mão de el-rei, mão que não pode obrigar a apagá-la, o conde crê na infâmia dela, e padece pela sua honra; ou não acredita, e a desgraça é maior ainda, porque não está em seu poder vingar a inocência, se o mundo pela boca de el-rei a condenasse... Em ambos os casos, vossa majestade puniu o conde, aviltou o pai e desonrou a filha! E isto, senhor, aos olhos de Deus é de tremenda responsabilidade.

D. Pedro sentia-se profundamente agitado.

— Mas sabe decerto o padre, que ela está inocente? Sabe que fui mal informado?

— Juro diante de Deus, que sua alteza real era incapaz da traição que lhe imputam. D. Catarina é noiva do seu veador,

e o príncipe sabe dos seus amores, até se interessa por eles... Demais, amanhã mesmo devia ela sair de Santa Clara, e refugiar-se no depósito de uma família honrada para se receber de lá com o conde de Aveiras, no caso de seu pai negar o consentimento. Aqui tem vossa majestade a prova.

E deu-lhe duas cartas. Uma do conde, outra da noviça, em que se marcava o dia e hora da evasão, e respirava em cada linha aquele entranhável amor, que el-rei conhecia por experiência.

— Estou convencido! — exclamou o monarca. — Agora diga-me, padre: como há de remediar-se o mal?

— Como os reis o sabem fazer, senhor! — respondeu o jesuíta inclinando-se. — Uma ordem régia ao secretário das mercês, passada a requerimento do conde de Aveiras e D. Catarina, pode sanar metade. Mande el-rei que eu a tire do convento e a deposite em casa de Lourenço Teles, comendador de São Miguel das Minas...

— Em casa de homem só?

— Não, meu senhor. Vive com ele uma sobrinha casada, e duas meninas; uma delas foi educanda secular em Santa Clara...

— Bem! Traz o requerimento?

— Sim, meu senhor.

— Dê cá!

E o monarca escreveu a ordem.

— Procure amanhã o secretário Diogo de Mendonça, e vão ambos a Santa Clara. Que mais é preciso?

— Para ser reparação perfeita falta ainda metade dela.

— Diga!

— Conviria mandar chamar D. Luís de Ataíde amanhã, antes que saiba...

— Amanhã depois da missa estará aqui.

— E ordenar-lhe que dê o seu consentimento para a aliança de sua filha com a casa de Aveiras. Naturalmente vossa majestade diz-lhe que tudo isto se faz por súplicas de sua alteza real...

— Dir-lho-ei; e far-se-á constar na corte. O dote da condessa é o meu presente de noivado.

— Feito isto, vossa majestade salvou três inocentes, e diante de Deus ficará como um rei justo. As graças do soberano lavam tudo; e el-rei constituindo-se protetor de D. Catarina, prova que a estima e a põe acima das calúnias... Obrigado, senhor! Beijo as mãos de vossa majestade quase como beijaria os pés a Cristo. Se o coração do pai foi severo, a alma do rei foi grande e generosa... Expiou nobremente o erro!

— Acha? — acudiu D. Pedro sorrindo-se.

— Acho, meu senhor, sem lisonja. Este ato se fosse o último de vossa majestade — acrescentou o jesuíta com tristeza — seria suficiente para se dizer a Portugal: perdeu-se um rei!

— Diga-me, padre Ventura, julga que a reparação é bastante aos olhos de Jesus Cristo para ele interceder por mim diante de seu Eterno Pai?

— Senhor, os pecados do homem expiam-se pela penitência, e com o arrependimento. Os erros dos príncipes quer Deus que sejam remidos por ações de rei. Vossa majestade foi como Deus neste caso, restituiu a vida a três pessoas. O mais, o passado deve lembrar como lição e aviso, mas sem terror... Jesus Cristo não morreu pelos anjos, padeceu pelos homens. Se não houvesse senão justos... o reino do Céu era menos glorioso de alcançar.

— Adeus, padre Ventura, venha ver-me. Parece-me que a noite acabou melhor do que julgávamos.

— Graças à grandeza de el-rei! — observou o jesuíta inclinando-se para beijar a mão do monarca.

— Não! Graças à dedicação do padre. Tirou ao pai um grande peso de cima do coração; e salvou o rei de uma injustiça flagrante... Não se esqueça: procure Diogo de Mendonça. Farei o resto.

Quando passava pelo confessor, o jesuíta deixou-lhe cair no ouvido estas palavras, que encerravam muitos volumes de política e de moral:

— Viu? Os reis é preciso que eles queiram; e sabendo-se o caminho do seu coração, quase sempre querem. Padre Sebastião, olhe! Os Portugueses vão perder um monarca de que se fazia

um bom rei; e o pior é que depois de o matar, deixa-nos morrer também o homem. O padre não entendeu a alma nem o coração deste príncipe! Podíamos fazê-lo grande a ele, e sermos grandes com ele... Vossa paternidade não quis! Seja feita a vontade de Deus.

Três minutos depois, D. Pedro levantando a cabeça dentre as mãos e formando com os olhos uma longa interrogação, perguntou ao confessor:

— Este padre Ventura, está certo de que é só o que parece?

— Certíssimo, meu senhor — acudiu o jesuíta ainda convulso da jaculatória do visitador, e estremecendo com a pergunta do real penitente.

— É pena! Se não fosse estrangeiro, era um homem que amanhã fazia secretário de estado, e a Companhia de Jesus devia tê-lo feito seu Geral há muito tempo. Venha ajudar-me a rezar as minhas Horas.

Sebastião de Magalhães não disse nada, mas tremeu involuntariamente, ouvindo as penúltimas palavras do monarca.

— Geral? — murmurou seguindo a D. Pedro até ao oratório. — Ainda não! Mas amanhã, mas um dia cedo? Em todo o caso tinha razão o padre Ventura; perdeu-se um bom rei, e por minha culpa. Paciência! Se me enganei com D. Pedro II, D. João V me vingará.

Mal previa o padre que fazia uma profecia.

XXII

UM PORTUGUÊS ANTIGO

D. Pedro II cumpriu a promessa. No dia seguinte às nove horas da manhã, sua majestade ao sair da missa passou a dar audiência na casa do «Estrado» a D. Luís de Ataíde, que o esperava em companhia do marquês de Marialva, gentil-homem da sua câmara.

Os dois fidalgos conversavam confidencialmente. O marquês procurava sossegar o ânimo do pai de D. Catarina, em cujas faces animadas se traduzia uma grande agitação.

El-rei entrou na sala bastante abatido. Respondendo à cortesia de D. Luís com benevolência, insinuava-lhe que o chamara como amigo. Da sua parte o vassalo, tanto tempo desprezado e sujeito às privações de uma pobreza honrada, mas orgulhosa, refletia no semblante grave a severidade, que lhe era lícito patentear em tal ocasião. Os dois protagonistas da cena (porque o marquês saiu apenas entrou D. Pedro) mediram-se alguns instantes em silêncio, preparando-se cada um deles para sustentar dignamente o seu papel.

D. Luís teria sessenta e seis anos; mas os trabalhos e os desgostos faziam-no mais velho. Os cabelos todos brancos, a vivacidade ainda pouco amortecida dos olhos, e a regularidade das feições,

davam-lhe um aspeto insinuante e venerando; a voz cheia de firmeza era agradável; e as maneiras a certo arrojo delicado e cavalheiresco uniam a mais atenciosa urbanidade.

— D. Luís, estimei esta ocasião — disse el-rei — desejava conhecê-lo. Porque não o tenho visto?

O fidalgo sorriu-se com amargura, e respondeu, beijando a mão:

— Sou velho, senhor, e os velhos na corte parecem coisas do outro mundo. Depois, desde que me fiz esquecido, ninguém mais se lembrou de mim; por isso entendi que tinha sido prudente retirando-me. Para que havia de enfadar? Já não sirvo.

— Os homens do seu merecimento não esquecem, e a prova é que eu lembrei-me.

— Beijo as mãos de vossa majestade! — replicou o pai de D. Catarina com a mesma dignidade respeitosa. O seu rosto, porém, mostrava que sabia o valor das expressões graciosas de que usam os soberanos para adoçar as injustiças.

— Sabe para que o mandei chamar? — perguntou de repente D. Pedro, olhando para ele.

— Vossa majestade espero que se dignará dizer-mo. Mas estava determinado a vir, ainda que el-rei me não chamasse.

— Porquê?

— Porque a pobreza é honra, mas a vilania não! Vossa majestade podia julgar indignos de prémio os insignificantes serviços de um soldado; mas el-rei, que é pai, não pode cobrir de infâmia os cabelos brancos de outro pai, nem arrastar a reputação de um nome ilustre pelas maledicências da sua corte... A honra de minha filha não é só dela, é da fidalguia portuguesa; e desde ontem o nosso chefe, el-rei, manchou-a para toda a vida! Em Lisboa não se fala senão dos amores do príncipe real com uma noviça de Santa Clara; e a calúnia invocando a palavra de vossa majestade, tem a audácia de pôr a boca em D. Catarina de Ataíde!... Senhor, o pai, o chefe da família sou eu; e pelas suas glórias hei de responder aos homens e a Deus. Na casa dos Ataídes nunca houve bastardos, nem há de haver, enquanto

D. Luís for vivo. Indaguei a verdade; lancei-me aos pés de sua alteza real, e tenho a sua fé de que tudo é falso, falso! percebe, el-rei?... porque sendo exato, como a pessoa do príncipe é sagrada, o meu sangue apagara a nódoa... Agora peço justiça a vossa majestade; peço reparação! Queixo-me a el-rei da ofensa que recebi de D. Pedro II...

O monarca ouvia-o com bondade. Longe de se afligir, o seu rosto tomava alguma animação, e com mais doçura, do que firmeza, respondeu, pegando-lhe na mão que D. Luís tratava de retirar:

— Veio tarde. El-rei já fez justiça!

Apesar da gravidade com que as pronunciou, estas palavras feriram o pai de D. Catarina, em vez de o tranquilizar. Suspeitando que o monarca declinava a reparação por meio de uma evasiva, o fidalgo irritado fez-se pálido; e com semblante severo e olhos altivos, replicou asperamente:

— Senhor, se há quarenta anos em Montes Claros soubesse que este seria o prémio do meu sangue, a espada ficava na baina? A coroa de vossa majestade, eu, nós todos, lha pusemos na cabeça; e para nos tratar assim, el-rei de Castela era melhor... Ao menos esse não nos devia nada!

Ouvindo a frase orgulhosa, D. Pedro II recuou dois passos. A vista faiscou, e a estatura tornou-se ereta de repente. Lançando ao velho militar um desses olhares, que partindo do rei dizem que a sua cólera é a cólera do leão, o príncipe, contendo-se a custo, disse-lhe severamente:

— D. Luís esqueceu, parece-me, que está falando ao seu rei! O duque de Bragança não o quer ouvir; mas D. Pedro II, sabendo, é obrigado a castigar.

O antigo soldado era uma alma, que não conhecia o medo. Tão firme na honrosa intrepidez, como o rei na sua força; tão altivo do seu nome, como ele da sua coroa, respondeu com a vista irritada ao olhar ameaçador do monarca, e a voz, mais alta ainda, proferiu um cartel audacioso, sabendo que lhe podia custar a liberdade.

— El-rei desonrou a minha espada — exclamou com extrema solenidade — fez do meu nome, antigo como o de vossa majestade, o ludíbrio da corte, aonde as línguas são mais compridas do que as armas... El-rei falta ao seu juramento, não guarda os nossos foros: a coroa não nos cobre, fere-nos! De hoje em diante ficamos quites. Não tornarei a servir a casa de Bragança. A família dos Ataídes, cheia de glória na Ásia, e em toda a parte aonde se deu uma batalha, acabou, porque el-rei de Portugal disse uma calúnia, e é rei... não responde senão a Deus! Ao menos a espada de meus avós não verá esta vergonha; aí a deixo para castigo dos ingratos que sustentou!

Dizendo isto atirou a espada nua aos pés de D. Pedro; e cruzando os braços, exclamou com a cabeça erguida:

— Agora façam do corpo o que quiserem. Pode vossa majestade sepultar-me em uma torre. É o modo de ocultar um borrão nos escudos da fidalguia portuguesa.

Atónito do arrojo, o monarca no primeiro impulso deu com o pé na espada, e afastou-a cheio de ira. Depois, com a mão no punho do florete, dirigiu-se a D. Luís. Este, sem recuar, nem empalidecer, vendo a sua valente espada pisada aos pés, clamou cortado de amargura:

— O marquês de Marialva fazia mais caso de uma espada! É verdade que o marquês era um herói. Senhor! — prosseguiu exaltando-se — dava o meu sangue para outra pessoa praticar a ação de vossa majestade; juro que essa espada não era arrastada pelo chão sem levar consigo alguém... Louve a Deus, el-rei! Estamos sós... mas a paciência é maior do que a ofensa.

Duas lágrimas escorregaram pelas faces do antigo soldado; sentindo-as queimar, enxugou-as com as costas da mão, e abaixou a cabeça, confuso talvez da primeira fraqueza da sua vida.

O príncipe tinha tido tempo de refletir. Convencido de que a sua precipitação em acusar sem provas fora causa da mágoa que atribulava aquele coração, compadeceu-se, e admirou o arrojo, o leal orgulho que o levantava contra a majestade da terra, sem outras armas senão a constância para sofrer.

D. Pedro como o vimos, sabia apreciar nestes lances a verdadeira grandeza de alma; conhecendo o seu lugar, percebeu que o rei nesta ocasião, para ser rei, devia ceder e não punir.

Demais, aquelas lágrimas só a agonia podia arrancá-las, porque eram mais do que sangue; pareceu-lhe glorioso enxugá-las, e não traspassar de mais dores a alma do infeliz. Feitas estas reflexões, a que deu força a lembrança das suas promessas ao padre Ventura, D. Pedro em toda a majestade da sua elevada estatura, foi direito à espada, levantou-a do chão, e chegando-se ao velho fidalgo, meteu-lha na bainha, dizendo:

— D. Luís, guarde essa espada; não é minha, nem sua, é da História.

A reparação era digna de um monarca; o pai de Catarina não pôde resistir-lhe. O joelho, antes rebelde, dobrou-se; a voz de firme passou a trémula:

— Senhor! — redarguii já sem ocultar as lágrimas que lhe saltavam dos olhos — é uma espada que perdeu a honra, que nunca mais posso tirar. Não sabe vossa majestade o que todos dizem? Minha filha é a amante do príncipe D. João!... Sou o pai dela, sei que é falso, e não me atrevo a alçar a mão!... O seu único dote era a boa fama...

— Está el-rei aqui para dizer que está pura, como desejaria a de suas próprias filhas! — interrompeu D. Pedro com dignidade. — Se um erro involuntário ofendeu uma família distinta, sou o primeiro cavalheiro português, e hei de cumprir os deveres que me impõe o sangue. D. Luís, levante-se! Se me ouvisse tinha sido menos injusto. Também sou pai; avalio a sua dor; e admiro o seu carácter... Tudo pode reparar-se, querendo Deus.

— Como, senhor! — gritou o desditoso pai, apertando as mãos com angústia.

— Sabe aonde sua filha está a esta hora?

— Em Santa Clara.

— Engana-se. Há de vir em caminho para casa de Lourenço Teles, comendador de São Miguel das Minas. Mande-a tirar do convento por ordem régia, e encarreguei o secretário das mercês de a executar.

— Senhor, senhor! — exclamou D. Luís deitando-se de joelhos aos pés de el-rei. — Vossa majestade acabou de nos perder! Amanhã a voz geral...

— É que D. Catarina entra em uma família tão ilustre como a sua! — atalhou el-rei sorrindo. — Diga-me: qual é o mal de que se queixa?

— A calúnia dos amores de sua alteza com minha filha!

— E se el-rei ontem recebesse um requerimento, pedindo ordem especial para o casamento de D. Catarina com o veador do príncipe, o conde de Aveiras, por se amarem extremosamente? E se a causa de sua filha se fazer religiosa sem vocação, e chorando o mundo pelo contrário, fosse unicamente o seu respeito e obediência, quereria seu pai a infelicidade eterna dela? Confesse, D. Luís, sendo isto exato, não fiz bem passando a ordem, e mandando-a chamar para lhe pedir que permita o casamento?

Extático, o antigo fidalgo olhava sem falar. Achava-se em um mundo inteiramente novo. Entretanto o seu orgulho ainda foi bastante para o animar a exprimir uma espécie de recusa.

— Sendo exato — disse ele — e concedendo-me el-rei a graça de o publicar, estamos salvos, não há dúvida; mas D. Catarina é muito pobre para o conde de Aveiras, e eu muito altivo para aceitar por esmola uma aliança, que deve ser igual a todos os respetos.

— Sejamos razoáveis! — observou D. Pedro. — A honra primeiro que tudo; mas depois da honra, menos fidalguia, e mais ternura. D. Catarina preza o conde; ele merece-a; o que há de ser, seja!... Dei a minha palavra; quero ilustrar a casa de Aveiras, honrando-a com uma condessa da minha escolha. É coisa feita, D. Luís! — acrescentou sorrindo. — Sou o padrinho; e as joias e o dote da condessa ficam por conta do meu presente de noivado: mas dentro de poucos dias casam; e hoje publica-se na corte. Agora falemos dos serviços do pai. Estou informado, e sei que estão por galardoar. D. Luís, faça-lhe mercê de uma comenda de três mil cruzados com sobrevivência no esposo de sua filha. Creio que assim acabaram os seus escrúpulos?

— Mas resta-me o remorso de conhecer tão tarde o magnânimo coração de el-rei. Senhor! — exclamou lançando-se aos

pés do soberano, e cobrindo-lhe a mão de ósculos respeitosos — deixe-me vossa majestade expiar o meu erro no exército do marquês das Minas. Talvez eu lá não seja tão velho como aqui.

— Não, D. Luís, na idade em que estamos é preciso descansar. Deixemos colher alguns louros também aos moços. Se eu falecer primeiro — prosseguiu com tristeza — lembre-se de mim, e conte alguma vez esta história aos seus netos. Os reis gostam de ser estimados, mesmo depois de mortos. É a penitência que lhe imponho pelo... arbatamento do seu génio.

— Deus há de afastar de nós tamanha calamidade — murmurou D. Luís enternecido.

— Sua alteza real! — disse o marquês de Marialva.

Segundo o costume, D. João vinha saber da saúde de seu pai, e oferecer-lhe os seus respeitos. Depois de o abençoar, o monarca abraçou-o, e virando-se para ele com bondade:

— Vossa alteza — disse el-rei — há de ter gosto em conhecer um fidalgo dos que estiveram em Montes Claros com o marquês de Marialva. Se deseja saber como foi a derrota dos Castelhanos, pergunte a D. Luís de Ataíde, e ele lho dirá. É um dos poucos que ainda restam de uma das maiores vitórias da Restauração.

O príncipe olhou para seu pai, e deu a mão a beijar a D. Luís. Sua alteza, percebia-se, não podia combinar este agrado repentino com a severidade da noite antecedente. Da sua parte, D. Pedro desejando evitar explicações ajuntou logo:

— A informação que tive ontem era falsa; e em prova da minha amizade, saiba vossa alteza que os seus desejos estão satisfeitos. A rogos meus D. Luís autoriza o casamento de D. Catarina de Ataíde com o conde de Aveiras, seu veador; determinei ser o padrinho da noiva; e espero que vossa alteza estimará sê-lo também do conde.

O príncipe inclinou-se com respeito. Voltando-se depois para D. Luís, acrescentou:

— O pai de D. Catarina pode estar certo de que o marido de sua filha é digno das graças de sua majestade, e das virtudes dos seus antepassados.

— Obedeço às ordens de el-rei e de vossa alteza!

— O conde pai está na sala do dossel; podem falar ambos.

— Adeus, D. Luís! — disse el-rei. — Não se esqueça. Em poucos dias faz-se o casamento.

Quando o fidalgo saiu, D. Pedro pegando na mão do filho com amizade, acrescentou:

— João, teu pai foi severo pelo grande amor que o cega. Ainda subsiste a tua repugnância a casar na casa de Áustria?

— A minha mão não é livre, já o expus a vossa majestade.

— E se amanhã fosses rei?

— Era o mesmo.

— Deves a honra a alguma dama?

— Devo amor, e não é menos.

— E se te desobrigasse?

— Como a primeira paixão dos príncipes é o bem do estado, verdade que vossa majestade ontem me deixou gravada, livre a minha palavra, farei o que mais convier ao esplendor da coroa.

— E até lá?

— Até lá... nada!

— O nome dessa dama?

— É um segredo.

— Para teu pai? — observou D. Pedro, sorrindo.

— Sobretudo para el-rei! — respondeu o príncipe com outro sorriso.

— E se o descobrirmos?

— Como não aceito a minha palavra, senão livremente restituída — acudiu sua alteza friamente — é natural que el-rei não descubra nada!

D. Pedro despediu o príncipe com um gesto, e retirou-se. Nessa tarde chamou os médicos e o seu confessor; e como no dia seguinte não houve audiência, nem despacho, o povo dizia em voz geral que el-rei adoecera gravemente.

XXIII NEM SÓ A ROSA É FLOR

Era ao cair da tarde.

Desmaiava o Sol, e descendo entre nuvens rosadas, despedia-se com saudade, dourando os montes, as torres e as grimpas.

O céu tingia-se daquele azul puro e firme, que tanto brilha nos dias de inverno, os mais curtos de todo o ano, quando a natureza respira serena, embora destoucada de flores, sempre risonha na sua formosura meridional.

A luz terna do ocaso, declinando no horizonte, dava a tudo aqueles toques cuja melancolia é o enlevo dos poetas e das almas que suspiram.

Ao longe, feia de negrume, vinha rompendo uma nuvem acastelada; abria-se lentamente, e enganando a vista, parecia balouçar-se quase imóvel sobre o cume das montanhas, à espera que o vento a impelisse para o Tejo. As águas do rio, pouco antes azuladas e quietas, principiavam a empolar-se e a gemer, mosqueando-se, em partes, das malhas cinzentas que passavam a cada momento pelo céu. A noite prometia carregar-se das sombras que a suavidade do dia afugentara.

Fora alegre até ali, como a tarde, a conversação das três donzelas reunidas no mirante do jardim de Lourenço Teles.

Descobria-se alguma coisa da cidade baixa, e caía para um recanto, escuso e pouco largo, aonde no muro denegrado se via pregado um devoto painel com sua lâmpada. Vestido das plantas, que o inverno poupa, o mirante era por dentro uma primavera; e nesta ocasião servia de toucador e de recreio às filhas de Filipe da Gama e à sua amiga D. Catarina de Ataíde.

Enquanto no escritório do comendador o conde de Aveiras, D. Luís de Ataíde, e Lourenço Teles tratavam de apurar os encargos materiais do matrimónio, as três meninas, rindo e abraçando-se, espaírciam, adivinhando umas às outras a sina dos seus amores. A miúdo o carmim transparente, que sobe do coração e lança um véu de pejo sobre as inquietações da alma, espargia-lhe as mais delicadas rosas pelo seio palpitante, pelo colo, e pelo rosto.

A manhã tinha sido cheia para o comendador. É inútil descrever a sua admiração, recebendo às dez horas a visita do secretário das mercês e do padre Ventura, portadores da ordem régia para o depósito da noviça em sua casa. Dadas e ouvidas as explicações, o velho erudito, lisonjeado interiormente, respondeu que estava à disposição de sua majestade quanto possuía, podendo vir a noiva quando quisesse, na certeza de achar a estimação devida a uma senhora digna dos maiores respeitos.

Os dois emissários meteram depois a trote o modesto cavalo da sege de Diogo de Mendonça, dirigindo-se a Santa Clara. Entretanto, encostado à bengala, e remoçado pela confiança do soberano, o comendador alvoroçava a família, dando as ordens para D. Catarina ser tratada com a opulência que permitiam os seus avultados cabedais.

A notícia encheu de júbilo a Cecília, e de curiosidade a Teresa. Madalena deu tréguas ao rosário, e com as mãos na cabeça, como boa governanta, acudiu com diligência a toda a parte. Entrava de fora o capitão Filipe, e ficou varado recebendo de seu tio um roteiro minucioso acerca da continência das palavras e dos gestos.

Depois de amaldiçoar a corte e todas as noviças, o capitão tornou a cravar o chapéu de três ventos na cabeça, e sepultando

as mãos nos bolsos da casaca, partiu direito a São Domingos, aonde foi achar de cama o padre-mestre, seu amigo.

Jerónimo Guerreiro não era homem que se alterasse, ou que ficasse ocioso em casos tais. Despachado em missão extraordinária, apresentou-se em casa do abade Silva, e declarou-lhe que a sua presença era suspirada por toda a família na preciosa qualidade de trinchante e de mestre-de-cerimónias.

D. Catarina chegou uma hora depois do jantar, acompanhada do secretário das mercês, e de duas seculares do mosteiro. Vieram-na receber à porta da rua o capitão Jerónimo e o abade Silva. À entrada da primeira sala achou Lourenço Teles com as mais vistosas galas, oferecendo-lhe o braço cheio de atenção, e conduzindo-a ao canapé entre cortesia e sorrisos. Diogo de Mendonça lavrou então o auto de depósito, e em nome de el-rei entregou-a à guarda e lealdade do comendador de São Miguel das Minas.

Preenchidas todas as formalidades, o erudito chamou por Madalena e suas filhas, que já esperavam na casa imediata. Os abraços de Cecília, a candura de Teresa, e a afabilidade de sua mãe, tranquilizaram a noviça, que vinha na maior confusão de ideias. Passada outra hora, o conde de Aveiras velho, e D. Luís de Ataíde (seu pai) fizeram-lhe uma visita de cerimónia, anunciando que o noivo teria a honra, à noite, de lhe oferecer as joias da parte de sua majestade, que se dignara ser padrinho do casamento.

No fim de tudo isto a pobre menina não podendo já com a opressão do peito, lançou-se nos braços de Cecília e de sua irmã, pedindo alguns momentos para desafogar o espírito livremente.

Desceram todas três ao jardim, deram umas poucas de voltas em roda dos canteiros, e recolheram-se ao mirante para conversar em liberdade.

Iremos nós também, não nos escape o exame de consciência destes corações, que o amor embalava nas asas da esperança.

D. Catarina estava em um banco de relva, meia recostada no tapete de jasmims e madressilva. De pé, e ao seu lado, tinha

Cecília, unindo o rosto ao dela, com a mão pousada no ombro e o corpo fugindo em delicioso desleixo.

Um pouco inclinada para o seio da sua amiga, a educanda, sem querer, mostrava a graça das formas e respirava sedução, não procurando fazer-se bela. Pelos beijos finos e vermelhos de coral folgava o riso picante, provocando com a malícia: nos olhos a travessura meiga sabia avivar-se e amortecer, segundo acudiam, ou passavam as cores e as comoções.

Os cabelos ondeavam em soltos anéis, prendendo-se às vezes nos jasmims; e a caprichosa agora os desenredava com impaciência, logo deixava fugir as tranças com a aragem, quebrando folhas e flores nas arrebatadas posições.

Entre as da noviça que a decifrava, a sua mão oferecia alegremente as delicadas linhas, cruzando-se em uma palma tão pequena e tão mimosa, que ao mais leve toque se rosava.

Teresa estava sentada no mesmo banco. Mais alta duas linhas, e sem ser tão juvenil como a de sua irmã, a estatura dela não era menos delicada.

O corpo cedia sem violência, e prestava-se com requebro às ondulações desafetadas, cujo enlevo é o realce das andaluzas.

Menos terna de músculos, as suas formas lançavam-se com mais vigor e com a ligeireza e elegância que avivam o agrado à formosura.

Havia em ambas a mesma nobreza de porte; mas Cecília nas proporções menineiras juntava os encantos de mulher às graças infantis; Teresa com uma beleza menos ideal e mais mundana recordava a figura apaixonada de uma virgem espanhola, das que o pincel aquece de tons amorosos, dourando-as dos raios vivificantes do meio-dia.

O semblante da irmã de Cecília não tinha a seriedade um pouco inglesa de Catarina, e menos ainda o realce de mobilidade poética, que tanto atraía na educanda. Sobre o oval, e algum tanto cheio, se evitava o molde frio e clássico animando-se várias vezes da vida interior, e revelando a alma, nem por isso o espírito sorria a cada instante, ou o afeto se iluminava à primeira comoção.

Tinha mais eloquência e menos vivacidade no olhar. Mas quando o sentimento falava, era tão enlevada a sua vista, e na lânguida aspiração dizia tanto, que não se ousava respirar antes dela compadecida esconder de novo a luz fascinadora, baixando o véu das pálpebras.

Se ainda não sentia muito, Teresa sentia com a sensibilidade das mulheres, cuja vida é mais de dentro pelo coração, do que de fora pelos sentidos. Se estava triste, as feições refletiam a melancolia pensativa, sempre adorável no rosto das donzelas; se estava alegre, eram tão espirituais e expressivas, que nada igualava o seu encanto.

A pele, transparente na finura, deixava entrever o nácar, corando-a de longe, e indicando apenas as veias como sombras à flor da tez. Levemente deprimidas as fontes de um branco-pérola, em que esmorecia um rosado túbio, descobriam as linhas azuis, cruzando-se delicadamente. As faces, mimosas da frescura aveludada, tão preciosa nas flores, eram pálidas, não da palidez que se faz térrea e biliosa com as fortes comoções, mas da cor terna do alabastro em que passa um reflexo moreno, quando nasce e desmaia o rubor, refluindo o sangue ao coração.

Nem larga, nem estreita elevava-se a testa suavemente, arredondando-se com graça menineira; e serena quase sempre, como um espelho, viam-se correr por ela claras as imagens do pensamento. Quando queria, sabia esquecer-se com um sorriso meio casto, meio esquivo, desabotoado na amorosa boca em que podiam colher-se os beijos e as rosas. Finalmente, no beijo superior uma ligeira sombra acetinada, apenas perceptível, dava mais um toque delicioso às covinhas que se abriam de leve aos cantos, animando a fisionomia, quando a boca menos ciosa deixava admirar o puríssimo esmalte dos dentes, verdadeiros fios de aljófar brilhando entre rubis.

Como era natural e sedutor o jeito com que se pousava a cabeça sobre o colo, respirando abandono! Como lhe acompanhavam bem o rosto os cabelos assedados e negros; e brincando a capricho pelas faces com que enlevo destoucavam sobre o seio as

tranças indiscretas! Escapando-se e flutuando em cascatas sobre o penteador de renda, espreguiçavam até aos pés as madeixas desenroladas em um véu, cuja desordem pudica parecia uma travessura graciosa de invisíveis amores suspensos dos seus anéis.

Os olhos de Teresa eram verdes, daquele verde fino e transparente, cujo brilho é magnético e invencível. Há tão poucos, e pedindo podem tanto, que ditosas as damas quando possuem com eles o condão de cativar.

A cor engana. É cheia de mistérios como o mar. Se o verde nos olhos de esmeralda fosse esperança, o tormento de os adorar fora menor. Falsos nas promessas, inconstantes na paixão, rindo matam, e sérios enlouquecem. Tranquilos, dizem sempre menos, do que escondem; irados cortam o coração com os rigores. E apesar de tudo, feliz do homem que eles querem iludir, fazendo-o seu cativo!

Há dissonâncias e harmonias raras nesta cor. Serena revê-se no silêncio e no devaneio: é a imagem adorável da poesia e da solidão. Parece exalar suspiros da alma, quando meia chorosa a pupila procura o enlevo dos seus sonhos. Ainda húmida de saudade, se a vista pensativa se ilumina de repente, e o sentimento dardeja um raio de entre a chama quase extinta, não é como o Sol nascente beijando com o primeiro ósculo sobre as rosas trementes os orvalhos da aurora? Aquele verde fino alegre com a sua luz todos os prodígios de uma beleza fascinante.

Como reflete em mil variações sublimes agora o mimo da planta, logo o aveludado amoroso da peónia, depois o requebro e a frescura esquiva da anémoma! E se uma faísca mais forte a incendeia, se passou pelo coração o árido sopro da cólera ou do ciúme, como em um momento o brilho se turva, a meiguice se torna altiva, e a doçura se faz orgulho! É o mar levantando com a ira, sacudindo com as vagas arremessadas o sossego em que adormecia! Como então correm por estes olhos, seus iguais na majestade e no poder, os reflexos volúveis, zebrando a íris inflamada de tons caprichosos, de cambiantes admiráveis! Que beleza até no ódio!

A vista de uns olhos verdes, nem é diáfana que descubra os abismos do coração, nem discreta que os deixe ignorar. Rara vez uma lágrima virá suspender-se no sorriso, que brinca na pupila; mas se o amor chegar por fim a atear-se neles, o Sol é pálido ao pé dos fulgores de que sabe dourar o sentimento.

Que segredos de inefável ternura não descobre! Que extremos de carinho e sensibilidade não oferece entre as delícias das mudas declarações, mais firmes que os juramentos!

Quem a viu baixar do céu, trazendo na doce luz quanto a paixão e o amor exprimem, sabe se a ventura não foi barata à custa do martírio!

Como é suave o seu afeto vacilando entre o pejo e os desejos! Como é transparente o véu do pudor não cobrindo mas revelando entre suspiros as palpitações do peito! Que eloquência no silêncio! que voluptuosidade na timidez! A estes olhos meridionais em que brilha, não o verde felino, que é exótico, mas o verde, cujo brilho esplêndido reflete os veios da malaquite, pedindo eles, ousará alguém dizer que não, ou cuidar que lhes resiste? É o que sucedia com Teresa.

As sobranceiras desenhavam a puríssima curva sobre as arcadas: e as pálpebras tinham a graça e o requebro, que mostram que a vida ainda não é senão flor. Bastava observar, para conhecer que estavam mimosas do hálito das paixões, não se molhando senão de lágrimas inocentes.

Nos olhos um pouco fundos, o claro-escuro da órbita, e as ramosas pestanas, acusavam o branco impercetivelmente anilado, e faziam sombra à pupila, esfumando de leve os toques de rosa fina, esmorecidos e não pisados, que os circulavam.

Na vista de Teresa, como seria o amor eloquente! mas no lugar dele o sentimento dizia tudo o que estremece o coração, quando por sobressaltado, ou por ingênuo, atraiçoa os sonhos que o deleitam. Contemplando aqueles olhos orientais e rasgados, tão cheios de silêncio e de expressão, e notando a inocência com que umas vezes se entregavam, e a malícia com que outras se desviavam altivos ou irônicos, fácil era conhecer que a alma

estava isenta ainda, e que as pálpebras, ciosas em lhes moderar o fogo, nunca se tinham cerrado, fatigadas pelos ósculos do amor.

A mágoa ainda os não pisara também. Estava muito longe da sua viveza o cansaço lívido, que murcha e queima, aonde pouasa, botão ou planta.

O pé de Teresa era estreito e arqueado como o de Cecília, as mãos finas e de uma alvura quase diáfana, e os dedos, de um jaspe corado, com o jeito sedutor, e a gentileza aristocrática, que não deixa que desejar.

A cintura flexível e delgada cedia sem esforço, cabendo no mais delicado círculo. O seio debaixo da telilha modelava-se deixando adivinhar os seus tesouros; e as mangas largas e ornadas de espiguiha descobriam o braço torneado quase até ao cotovelo.

Com o menor gesto desenhava-se o corpo em toda a elegância, realçando o meneio e o garbo pela naturalidade dos movimentos.

As posições da cabeça, ora meigas e pensativas, ora orgulhosas e arrebatadas, dominavam, ou seduziam. Os músculos não tinham nada de secos; e a perfeição dos contornos acusava a mulher feita, rica de toda a seiva, mas mimosa daquele melindre que adoça o que há de firme e arredondado nas formas pela suavidade e frescura da carnação, unindo o requebro e a meiguice às outras graças, para lhes realçar a inocência.

Raras damas seriam mais airosas no andar; os pés, breves e ligeiros, quase que não pousavam no chão. Todos os gestos eram dotados de elegância fácil, raro segredo das mulheres sedutoras.

Excetuando Cecília, ninguém talvez igualava a melodia da sua voz, cuja doçura vibrava dentro da alma. As palavras que proferia, puras como as notas cristalinas de um instrumento, caíam do ouvido no coração para não esquecerem nunca. A semelhança entre as filhas de Filipe da Gama reduzia-se a isto; mas era tão grande, que em as duas conversando, a fala confundia-se, e o ouvinte mais atento não era capaz de as distinguir.

Entre o carácter e a fisionomia de Teresa havia toda a analogia. Os olhos que se elevavam ao céu tantas vezes, retratavam

a alma, buscando ao longe inquieta as visões da fantasia. Mais velha do que sua irmã três ou quatro anos, e muito mais serena de génio na aparência, Teresa vivia muito com o seu coração, e quase nada com o mundo.

Discreta sabia guardar um segredo, e se o rosto pensativo, corando, traía repentinas comoções, era pronta em as esconder. Vista de leve não parecia tão animada como a irmã; menos jovial, contendo melhor a malícia do sorriso e a viveza dos olhos, quando gracejava, nenhuma boca parecia mais engraçada.

A tendência para a melancolia suave projetava-lhe uma sombra no semblante, tornando mais expressiva a vivacidade do espírito, mais elevado do que o nascimento. Mulher nas prendas e na sensibilidade, o seu peito era inexaurível na dedicação e no afeto. Mas quem estudasse de perto o jeito altivo, com que se encrespava o lábio superior, e o comparasse às posições da cabeça, e ao olhar dominador e incisivo, descobriria logo entre as joias de tantas qualidades um espinho, rasteiro ainda, mas que de depressa se faz talo — o orgulho!

Eram raras as coisas que pareciam grandes a esta fantasia ardente, que arrebatariam apenas as magnificências da lâmpada de Aladino. Em segredo, e acusando-se muitas vezes, escapava-lhe um suspiro, e pungia-a uma dor vaga: o berço em que nascera era modesto para a altura das ambições. Como a ave no cativo gême saudosa dos soberbos palmares da Índia, ela quase chorava a humildade do nascimento no regaço da própria mãe, entre os beijos e carícias do seu amor.

A ternura atraía-a; o orgulho magoava-a. Noutra esfera (pensava Teresa) a vida não se ofuscaria em obscuros deveres, antes surgiria radiosa de adorações e grandezas. Era o germe funesto depositado na confusa inquietação de um coração novo, aberto a todas as ilusões, e tão delicado, como generoso em tudo o que não cabia nas vaidades da esperança e do capricho.

Criada desde pequena com sua irmã e com Jerónimo, vira sem inveja desabotoar-se a mimosa beleza dela, e aplaudira com paixão o arrojo e os distintos feitos que ilustravam o mancebo.

Entretanto, se lho perguntasse alguma vez, e quisesse a verdade, o seu coração pouco lhe diria dos afetos, dos cuidados e dos ciúmes, que avivam as doçuras inefáveis do amor. Era mais irmã, do que noiva.

Amaria outro? Não.

Conservava a tranquilidade de alma à qual parece tudo frio e indiferente. Mas os olhos, que não suspiravam, mas o sorriso que adormecia, bem deixavam perceber o que seria aquele coração e aquele rosto se a calma e a bonança um dia se alterassem com as primeiras agitações do amor.

Na alma de Teresa já havia a luta e a tentação. Ardendo sobre si mesma, se não amava com a adoração exclusiva das grandes paixões, alimentava o espírito com o enlevo das miragens da imaginação, procurando no mundo a realidade dos caprichos.

O homem da sua escolha nunca o tinha visto, mas já o conhecia; era o confidente de mais de metade da sua vida, a vida da alma e do sentimento. Acreditava que ele havia de vir e esperava-o, como se espera e deseja a volta do irmão, que mal apercebemos na infância, e que a ausência e a saudade enriqueceram de todas as afeições e qualidades.

Não menos firme do que Cecília, cheia de abnegação e de entusiasmo, como ela, a sua timidez era mais viril, a sua paixão tão ardente e excessiva. Tinha-lhe Deus concedido a força que nos faz lutar com heroísmo, e não nos deixa cair senão com o último suspiro. Mais perigosa e resoluta, Teresa do seu orgulho colhia aquele poder que nas mulheres é a origem dos grandes sacrifícios, tornando-as admiráveis, quando se levantam soberbas com o amor, ou vingativas e fortes pelo ciúme!

A oposição entre a vida moral e a realidade é que respirava a Teresa a melancolia que lhe notamos. Tudo era ainda problema para ela.

Na imensidade do desejo, e no infinito da ambição, por mais alto que subisse, não encontrara senão trevas e distância. Na hora em que estamos fora-lhe impossível definir as aspirações variáveis da sua alma. Não podia supor-se infeliz, e apesar

disso faltava-lhe muito para se dizer ditosa. Possuía o que faz as delícias de uma existência sossegada, e entretanto suspirava; ia ser noiva, e esperava pelo amor; era já mulher, e sonhava como a infância; tinha os mimos e ternuras de filha e de amante, e procurava sempre, e mais longe cada dia, a verdadeira chama do afeto que não sentia!

Queria-se enganar às vezes, atribuindo os receios, que a entristeciam, aos tímidos suspiros do pudor; mas uma voz do fundo de alma respondia-lhe: se amasses verdadeiramente, as horas seriam séculos para ti até o possuíres.

Por isso, tentando distrair-se, não se ofendia das travessuras de Cecília. Esta beijando-a, e abraçando-a extremosa, não cessava de a ferir com a malícia das alusões, e o chiste das perguntas, apesar das censuras de Catarina, pronta em estranhar à educanda a mordacidade dos seus gracejos.

XXIV

AS TRÊS GRAÇAS

Na posição, em que as deixámos, inclinadas uma para a outra, as três meninas tinham as mãos unidas; as suas confidências, meias sumidas ao ouvido, eram risonhas; e a malícia juvenil de Cecília, alegrando-as, tingia de escarlate as faces de Teresa e de Catarina.

— A tua profecia não me tenta — exclamava a educanda. — Antes morrer solteira! Rica, sem amor? Olha, o casamento e a mortalha no Céu se talha, fala o adágio. O coração diz-me que hei de esperar, mas que no fim... hei de arrecadar. Não te rias, é assim.

— E Teresinha é do teu parecer? — acudiu Catarina, passando a mão pelo cabelo da sua amiga.

— Não sei. Mas quem ri, depressa chora. Deixa estar, mana da minha alma! Um dia me dirás o resto. Veremos se não te fala o coração, e se não lhe perguntas nada! Catarina, li ontem uns versos bonitos, lindos... E o que é mais raro, verdadeiros. Não julguei que os poetas tivessem juízo... dizem coisas deles!

— Posso ouvir, minha alegria?

— Prometes estar séria?

— Farei a diligência... Não há outro remédio.

— Então bem! São assim:

*Aquele tempo que vi,
Que só posso chamar meu,
Como sonho se perdeu,
Como verdade o senti.*

— Que dizes agora?

— Que os sonhos mentem!

— Nem sempre. Por sinal — acrescentou corando — o meu, se foi sonho, dura ainda, e espero que não acabe tão cedo. Não acreditas?... Má!

— Eu?... Digo só: Deus queira! Mas...

— Esse *mas!*... És teimosa. Nem vendo te convences...

— De quê, minha joia?... De que sonhas em verso, quando a vida é prosa? Olha, vou responder-te e em verso...

— É mais galante. São bonitos?

— São verdadeiros; enquanto o amor...

— Engana, aposto? — atalhou Cecília rindo — Teresa, e tu? Uma noiva formosa e querida também se queixará do amor?

— Calo-me. Tenho medo de pior.

— Então! É divertido! Casa-se um dia destes, é amada, é feliz, e não está contente... tem medo de pior! Aonde será o Paraíso? Catarina, e os versos?

— Não hás de gostar, asseguro-te...

— Não importa, diz!

— Não te queixes depois:

*Aquele suave engano
Que um momento me deu,
Como era sonho em meu dano,
Como sonho se perdeu!*

— E chamas verdade a isso? Será, mas a mentira é mais bonita! Credo! Tu a dizeres tanto mal do amor!... Tenho dó do

conde. Não devias falar assim, quando tens nos braços o *teu engano* (assim queres que seja!) e sabes que não é sonho, mas a vida e a ventura! Não digo mais, Deus me livre! E o conto de ainda agora? Aonde ficamos? Espera! Não me lembres... Ah! foi na ocasião em que os génios deitaram o príncipe da Pérsia adormecido outra vez dentro do seu palácio...

— Pouco falta — observou a noviça. — O príncipe, acordando, achou os vestidos reais ao pé de si. Daí a um momento os camaristas entraram no quarto, conheceram-no, e subiu ao trono... bem ouviste que seu pai tinha morrido de paixão, depois de ele desaparecer.

— Sim. Mas a história não diz mais nada? — redarguiu a educanda com certo jeito provocador na boca, que exprimia impaciência.

— Diz: Abu-Beker reinou em Bagdade muitos anos...

— Não é isso o meu cuidado. E Flor dos Corações, estou ansiosa, reinou com ele? Por força! Não se amaram sempre, e não morreram muito amigos e muito idosos? A história não acaba assim?

— Era mais bonita, mas não acaba. O livro conta que Flor dos Corações, como soube que o seu amante era rei, e ela tinha os merecimentos e não o sangue, como não podia ser rainha...

— Não podia! Dir-me-ás porquê? — gritou arrebatadamente Cecília.

— Porque as pastoras não são princesas — replicou a noviça, olhando para a sua amiga.

— Então deixou-a, e ela morreu de pena? — acudiu Teresa, dardejando um raio de ira dos olhos inflamados.

— Era mãe, menina; viveu para criar seu filho.

Cecília tinha a cabeça encostada no ombro de Catarina. Ouvindo isto, afastou-se com ímpeto, e foi sentar-se defronte com a face esquecida na mão.

A vista húmida e quase extática fugia refletindo enlevo e ternura. Ao mesmo tempo palpitava-lhe tanto o seio, que se via o justilho arfar. A noviça, pensativa como a irmã de Teresa, fitou os

olhos naquele rosto de uma pureza rara, e adivinhou todas as saudades do magoado coração. Teresa, também, apesar de não perceber o motivo, cravou o olhar cheio de suspensão no semblante de ambas, e elevando-o lentamente, acompanhou na lânguida aspiração a vista quase chorosa, que a irmã mais nova levantava ao Céu.

Instantes depois, Cecília, exalando um suspiro sumido, meia jovial, meia melancólica, virou-se para Catarina, e disse-lhe com volubilidade:

— Que negra história, minha consolação! Jesus! O príncipe é um ingrato! Estou contra ele que não podes imaginar; mal-empregado amor de Flor dos Corações! Olha, no caso dela não tornava a lembrar-me de tão mau homem... Como sou criança! Lembrava, e mais do que nunca, pode ser. O coração acostuma-se, entretém-se com a saudade, e depois... Mas a ele aborreço-o! Não a trazer a Bagdade, não a fazer sultana? Estás certa de que não há engano? Os génios não levariam o pastor em lugar do príncipe? Deus me não castigue! mas se me interessei por um ingrato, tenho pena.

— Olha, Cecília, o livro diz tal e qual eu contei; mas a história é que ainda não acabou. Escuta! O rei não deixou um dia só de se lembrar de Flor dos Corações; as saudades foram a mais, a mais, a tanto, que adoeceu, e mandou que a procurassem pelo seu império com promessa de grandes honras a quem a descobrisse.

— Bem feito! — gritou Cecília impaciente.

— Mas ninguém dava notícia dela; — prosseguiu a noiva — e Abu-Beker, triste e encerrado, não fazia senão chorar. Por fim os médicos prognosticaram que a sua morte era infalível, se Flor dos Corações não aparecesse, e o salvasse!...

— Estimo! — tornou Cecília com júbilo infantil.

— E Flor dos Corações sabia de el-rei a procurar? — perguntou Teresa, que tinha ouvido atentamente.

— Sabia! Morava em uma casa humilde, mesmo defronte do palácio, com seu filho de sete anos. Todas as manhãs, regando de lágrimas um limoeiro que tinha na janela, mandava um beijo e um suspiro ao seu príncipe, que nunca lhe esquecia...

— Tenho um dó dela! Vê que mágoa não seria a sua! — prosseguiu a educanda muito vermelha. — Catarina não disse mais nada, mas não é preciso: já sei a história até ao fim. Flor dos Corações salvou-o! Não podia ter ânimo de o ver morrer. Depois, menina, bem sabes se ela o amava!

— Não ia eu, ainda que soubesse que o matava! Achar a pastora fidalga para a seduzir, e não se atrever a premiar um coração tão fiel na sua desgraça! — Falando assim, a vista de Teresa fuzilava com orgulho. — Quem me desprezasse, morresse embora, não tornavam os meus olhos a abaixar-se para ele! — concluiu severamente.

— Era o pai do teu filho, ias! Era o primeiro, o único amor da tua vida, tornavas! — replicou Cecília empalidecendo e inclinando a cabeça. — Teresinha, verás um dia! Estala-se de paixão; os olhos cansam de chorar; é uma dor da alma que não se explica... mas ódio, ódio mortal, finge-se, não existe. Não acredites! Mesmo enganada, nenhuma de nós tem ânimo para chegar ao seu coração, e arrancá-lo. O ódio, sendo verdadeiro o amor, sabes o nome que tem? Chama-se ciúme, saudade, aflição! Tudo o mais, deixa dizer, é falso. Deixa falar; o orgulho mente!

— Estás tão adiantada, Cecília! — acudiu a irmã sorrindo. — Há dois anos que sou noiva; estimo e amo Jerónimo... e apesar disso vejo que não sei nada.

A educanda, fazendo-se cor-de-rosa, olhou pensativa para Teresa, cuja serenidade a assustava. Meneando a cabeça depois com tristeza, e pegando-lhe na mão, exclamou:

— Teresa, também eu vejo e adivinho! O que sentes, nunca foi amor!... Se duvidas, pergunta a Catarina.

— Como se chama então? — redarguiu a irmã quase enfadada.

— Amizade, carinho, tudo, menos amor! Catarina, querida, diz-lhe se o nome do homem que prezamos se ouve sem o coração sobressaltado se comprimir... Diz-lhe, se deixando de o ver, a saudade não é mais forte do que nós, e se estando ele ao pé, o júbilo não chega a ser loucura? Conta-lhe que ausente nunca nos esquece, porque vive dentro da nossa alma, e nos acompanha por

toda a parte! Teresa, a alegria e a tristeza, o amor é que as faz! Se o coração nos não pertence!... Catarina, vê aqueles olhos, aquele sorriso? Repara! Fala da sua paixão, e está de mármore. Põe-lhe a mão no peito; vê o sossego! Um dia, querida, se a tua alma se entregar, os cuidados te dirão se hoje tens amor! Por ora sonhas com ele, é o que fazes.

Assustada da exaltação da educanda, Catarina procurou tranquilizá-la, distraíndo ao mesmo tempo sua irmã; mas não era preciso. Teresa não estava ali.

Suspensa, duvidosa, diante do véu das ilusões assim rasgado de repente, olhou pela primeira vez para dentro do coração, e com a palidez do terror, e a si mesma repetiu a pergunta que acabava de ouvir. Era amor, era amizade o seu afeto por Jerónimo? Em presença da verdade adivinhou que se enganava.

A ternura de irmã, as afeições da infância e da criação não se pareciam com o sentimento absoluto que lhe descreviam, e nos sonhos da imaginação confusamente concebia!... Tinha abraçado a nuvem. Inerte e fria a sua alma ainda não amara!

A contar deste momento a sensibilidade fazia-a desgraçada. Dentro de poucos dias ligava-se para sempre a um homem, cujo amor não sabia, nem podia premiar. A paixão adormecida havia de arder, quando o mais leve pensamento afetuoso fosse um crime?! Pobre Teresa! A flor de seus anos, a doce flor da vida, dada ao homem que se estima, mas não se quer, ia secar-se, regada das lágrimas do remorso, entre suspiros e pesares!

Um gemido sufocado revelou a angústia, agitando-lhe o seio, aonde a imagem das suas ilusões principiava a avivar-se e a crescer. As palavras de Cecília, inocentes e indiscretas, tinham patenteado tudo. Meditando sobre a imensidade do sacrifício, percebeu que o último dia de liberdade era o dia do noivado. Depois só lhe restava morrer das agonias de uma dor oculta, ou nos transe de um suicídio lento.

— É verdade — exclamou, deixando pender a fronte desfalçada. — Fui eu que me enganei! O amor não é isto; por força é mais. Mas diz, Cecília, confessa-te comigo. Para saberes tanto

já amaste, e ainda amas? Não te acuso; é um segredo entre nós. Amas!... Não sei a quem, não pergunto; mas percebe-se nos olhos; vê-se no rosto... quem adora e crê não é a noiva pedida e cativa, e a menina que todos julgamos ligeira de coração!... Possa ele ser digno do teu amor. Antes de prometer, o meu dever era estudar melhor o estado da minha alma; fui crédula; assentei que amava; e o coração estava mudo, porque dormia!

— Minha irmã! — acudiu Cecília, apertando-a nos braços. — Tem confiança em Deus; diz tudo a nossa mãe...

— Não sabes que a palavra de meu pai é sagrada, e que ele a deu?

— Não importa. Chama Jerónimo, conta-lhe tudo. Queres que o desengane?

— É tarde! — respondeu Teresa magoada. — Agora desprezava-me... e eu morria, se ele me desprezasse. Depois, conheço-o; é capaz de se vingar, ficando na primeira peleja. Deus me livre do sangue de meu segundo irmão a acusar-me.

— Não, não! Tu não podes ser sua esposa, a doce metade da sua alma, a companhia da sua vida... Teresa, no teu lugar eu era mais sincera, mais estouvada! Chegava-me a ele, e falava-lhe assim: — Jerónimo, ser amigos não é amar-se; quero-lhe muito; mas não o amo. Sejamos irmão e irmã, já que não podemos ser mais; hei de estimá-lo como a Cecília, à nossa Cecília! Quer? — Aqui tens o que lhe dizia, e acredita, ele custava-lhe menos agora, do que depois, se conhecer que te fez desgraçada.

Teresa escutava-a recolhida na mais profunda tristeza. Neste ansioso transe a alma media a extensão do infortúnio, pensando qual seria maior golpe para o mancebo, se a crueldade desta confissão inesperada, se o doloroso suplício da sua vida, quando descobrisse que só um sacrifício a tinha lançado nos seus braços.

Catarina também meditava.

Nas mulheres, cuja organização é delicada como a dela, a sensibilidade predomina; os seus belos olhos azuis enchem-se de lágrimas. A ideia de que o seu mais ditoso dia seria de luto para outra, era uma ideia insuportável. Com ar de riso melancólico, a

noviça apertando a mão das duas irmãs entre as suas, uniu-as ao peito, e disse-lhes com ternura:

— Cecília, vais muito longe, menina! Dá-me licença, Teresinha; quer um conselho?

— Possa ele salvar-me! — respondeu ela com desalento.

— Experimente! Conhece o estado da sua alma. Sente-se capaz de ser irmã extremosa e não tem forças para ser esposa? A verdade é esta, não?

— Oxalá não fosse!

— Antes de tempo não diga nada. Às vezes é só capricho; tenho visto grandes indiferenças acabarem por paixões. O seu coração ainda não falou; se não ama, também não aborrece... Esperemos.

— Não, não; sinto que nunca o hei de amar! A imagem que vejo é tão diversa! D. Catarina, o homem que o meu coração deseja, e que há de fazer-me feliz ou desgraçada... não é Jerónimo.

— Para que diz isso? Não ama, por ora, é o que sabe; deixe o mais. Não se fie na imaginação. Olhe, não há menina galante, um pouco viva e pensativa, que não tenha uma paixão assim, e acredite-me, passado algum tempo, ri-se destas loucuras de criança, e com um suspiro despede-se delas, dizendo: o sonho era agradável, lindo; mas no mundo por força se acorda mais cedo ou mais tarde!!...

— Nem sempre, minha consolação! — atalhou Cecília. — Há paixões teimosas.

— Ah, agora tenho-te eu contra! Já me calo! — acudiu a noviça mais alegre. — Em finezas, Deus me livre, não posso competir. O que lhe dizia, Teresinha — prosseguiu tornando-se séria — é que por ora sente, deseja, e está esperando. Quer que lhe repita o que fazia no seu lugar?... Pedia um ano, mais um ano de experiência, para me resolver. Jerónimo é bem-nascido, o comendador é razoável, estimam-na muito, e hão de consentir... Assim, não dá de repente um golpe no coração do seu noivo, nem o ilude, concedendo-lhe a mão antes de lhe ter amor, porque eu ateimo que ainda há de ter ciúmes dele. Agradá-lhe o conselho?

— É o único. Mas falta-me o valor... Jerónimo está contando os minutos, e se lhe digo...

— São coisas que se não ensinam. Conhece-o; sabe o que menos o pode magoar. Siga uma regra. Ouça o coração; fale-lhe como irmã, e verá que ainda se ilude... Os caprichos não nos ficam tão mal como os homens dizem. Ele cuida que a convence, ou que a demora é só de dias, e faz-lhe a vontade. Evite maiores desgostos. Jerónimo escusa de saber tão depressa que tem uma irmã de mais.

— Está decidido! — exclamou Cecília batendo as palmas — não casar sem eu casar. Vês? Seremos duas noivas bem bonitas, e...

— E o quê, Cecília? — perguntou Catarina vendo-a calar de repente muito vermelha.

— Nada! — replicou ela confusa. — Ainda julgas pouco?... Não quero aqui tristezas. Li num conto que, por ocasião do casamento de certa princesa, foram convidadas três fadas e cada uma fez seu brinde. Catarina, eu e Teresa vamos-te fadar. Forma um desejo, deixa-me acenar com a varinha, e verás...

— Estouvada!

— Que mais?

— Principia por ti!

— Não sou noiva.

— É por tua culpa.

— Prouvera a Deus! Olha, meu amor, o padre Ventura, que é fino como um coral, disse uma vez à minha vista, que o coração da menina menos esperta tinha mais que estudar do que a livraria do seu convento...

— E o padre Ventura sabe!

— Nestas coisas sei eu mais. Os homens, por muito que trabalhem, em nós não querendo, não adivinham. Estudam de cabeça, leem mais pelos livros, mas o coração não está nos livros; e em sentir não se aprende senão pondo cada um o caso em si.

— A que propósito vem isso, minha alegria? — observou Catarina inquieta, e receando alguma travessura.

— A propósito do adágio que diz: «Não há rosa sem espinhos». Adivinho o teu desejo como se o estivesse lendo.

— Sim? Porque o não dizes?

— Não te enfadas?

— Enfadar-me!...

— Vê se é verdade! O segredo que os teus olhos, esses olhos que tanto gosto de ver alegres, estão dizendo a quem os percebe o teu segredo... há de vir dali, e voltar por diante deste mirante, o resto... não digo. Adivinhei? Se há meia hora não vivem senão de desejar esses olhos dissimulados!... Não te faças corada, que ficas mais bonita e não me calas. Espera! Agora é o coração. Estou-o daqui ouvindo palpitar.

— Louca! — exclamou a amiga com um sorriso.

— Sim; mas ouve. Sabes que tenho ciúmes do teu noivo? Se não me ceder esses olhos que são meus, mal nos daremos, protesto! Lembras-te quando os abrias irada e eu os sossegava com beijos e abraços?... Ai! Havemos de chorar muito ainda pelo convento, e até pela regente. Parece que lhe estou ouvindo a tosse!...

— Cecília! — interrompeu Teresa, com os olhos nadando em lágrimas. — E o teu segredo?

— Não se diz a quem esconde os seus!... Demais, querida mana, sei o teu desejo; e não o digo, por seres má...

— Nem eu pergunto!

— Se não perguntas, falo!

— Temos loucura nova?

— Sim! As loucuras são minhas! Vou ler-te a *buena dicha*. O teu desejo é saber se em Lisboa há um homem parecido ao moço esbelto, que nunca viste, mas que esperas encontrar... E o pior é que se os teus olhos o não acharem é o mesmo para Jerónimo... O mal não tem remédio.

— Vamos! — observou Catarina rindo — já fomos duas na berlinda. Paga a prenda. Hei de saber o teu desejo.

— O meu é tal e qual o de uma menina muito formosa e muito minha amiga, que nos está ouvindo. Desejo ver alguém.

— E crês que sim?

— O que te diz o coração?

— Que verei. E o teu?

— Também. Não importa; perguntemos a esta flor.

— Um mal-me-quer?

— Um bem-me-quer. Olha, aposto que tiro a sorte, e que me adivinha se estão com saudades minhas?

— Acreditas?... — acudiu Teresa.

— Menina, o amor acredita tudo... A última folha é bem-me-quer, vê's? Gosto das flores, entendo-as tão bem! Ai, o meu retrato!

E acudindo com a mão ao peito já não pôde segurar uma lâmina de ouro, que servia de caixa à miniatura. O retrato caindo ficou ao pé de Catarina, que foi mais depressa com a mão, e não deixou que Cecília o levantasse. A educanda muito vermelha olhava para a sua amiga com ar de enfado encoberto por um sorriso.

— Ah, sonsinha, até que te apanhei! Já sabemos o teu desejo; vamos a ver se tens bom gosto.

Dizendo isso a noviça ia tocar na mola para fazer saltar a tampa. Cecília, com o rosto aceso como um lacre, lançou-se nos seus braços para a atalhar. Ao mesmo tempo Teresa pegou-lhe em ambas as mãos, e segurou-a exclamando:

— Estás presa!

— Deixa-me! Não quero!

— Se é segredo, fecho já — observou D. Catarina muito séria.

— Podes ver; mas agora não.

— Agora sim! — atalhou Teresa. — Não chores, meu amor; somos ambas de segredo. É bonito?

— Não te importe!...

— Olha, Cecília — disse a noviça rindo — não há remédio. O retrato tem de ver-se. Queres mostrá-lo tu?...

— Dás-me também o retrato do conde?

— Aqui está. Faço-te as vontades.

Cecília, enquanto a noviça tirava do seio a medalha do conde de Aveiras, patenteou a miniatura, que o seu amante lhe dera

no convento; e lançando logo os olhos com ansiedade para a outra figura, comparou as feições, e fugiu-lhe pelos cantos da boca aquele sorriso disfarçado, que a melhor amiga não perdoa à outra no seu orgulho. Efetivamente o rosto do mancebo era mais nobre e gentil que o do conde, e na fina pintura realçava corada de animação, como no momento em que aos seus pés protestara amá-la sempre.

Da sua parte, D. Catarina, apenas a caixa se abriu, e deixou ver o retrato, fez-se pálida, estremeceu, e escapou-lhe um suspiro. Contendo-se a custo, levantou os olhos ao Céu, foi direita a Cecília, e apertando-a extremosamente, pousou-lhe na testa um beijo trémulo como a sua alma, assustado como o coração, que a sua amiga sentia bater tão rápido, que parecia querer-lhe estalar o peito.

Atónita da alucinação, que descobria na vista de Catarina, e reparando depois na palidez das faces, e no tremor dos lábios, a educanda recuou perguntando:

— Catarina, assustas-me?! Jesus! O que tem esse retrato?

— É dele?! É do teu amante?

— Deu-mo em Santa Clara.

— E não sabes como se chama?... Ainda te não disse quem era?

— Disse. Chama-se D. João de Vila Viçosa.

— Mais nada?!... — insistiu a noviça com extrema agitação.

— Que mais? Não é bonito o seu nome? Não achas a figura do teu gosto? — respondeu Cecília meio enfadada.

Catarina calou-se, apertou as mãos com ânsia, e deixou-se cair quase desfalecida nos braços de Teresa, que acudiu a ampará-la. As duas irmãs viram a noviça inclinar a cabeça, sufocar-se, e logo depois em fio as lágrimas correrem-lhe pelas faces.

— O que tens, o que te fiz, meu amor? — exclamou a educanda, passando-lhe o braço ao redor do colo, e unindo a sua boca à dela, cujos suspiros apagava com beijos extremosos. Depois sentada no seu regaço com o mimoso carinho, que nela era um atrativo irresistível, acrescentou.

— Se te ofendi, perdoa.

— Ah, Cecília, eu bem o temia!... Esse retrato sabes o que é?

— Porque me assustas?

— É a morte, é a desesperação, se não morreres.

— O retrato dele?!

— Esse mancebo... juro-te pela minha alma, que não pode ser teu esposo!

— Se não soubesse, Catarina, dizia que tinhas ciúmes! — gritou a educanda, saltando para fora do seu colo abrasada em ira.

— Diz o que quiseres. Acreditas que sou tua amiga? Crês que a tua felicidade a desejo tanto, ou mais do que a minha própria?

— Sim! — respondeu ela pasmada.

— Farás por amor de mim um sacrifício?

— Todos!

— Prometes não tornar a vê-lo antes de passarem nove dias?

— É impossível! Não sabes que vem logo... que o espero? Não me dizes nada, e queres!... Catarina, em nome do Céu, é casado?

— Não.

— É fidalgo?...

— Muito.

— Então?

— Menina, mesmo solteiro é como se fosse casado. Põe na tua ideia que o amas, mas que está morto.

— Fazes-me viúva sem ser esposa?

— Não perguntes! Salva-te; foge! Ainda é tempo.

Teresa, entretanto, olhava para o retrato do conde de Aveiras, e não podia tirar os olhos dele. A pouco e pouco um rosado-vivo subiu do seio ao colo e do colo espargiu-se pelo rosto. A vista, em torrentes suaves, destilava meiguice e ternura; os beiços entreabertos e anelantes tremiam com os suspiros, como as folhas à roda dela com a aragem.

— Está fiel a cópia? — balbuciou com a vista fita no retrato.

— Este cavalheiro é parecido ao original!

— Tão parecido, Teresinha, que se eu fosse de ciúmes não o mostrava. Qual acha melhor? — acrescentou aproximando as duas miniaturas.

— Aquele tem mais presença, talvez será de mais figura; mas este, que olhos insinuantes! que feições nobres!... D. Catarina, a dama a quem ele jurar amor será decerto a mais feliz de todas as mulheres.

— Não o nego, e dou a Deus infinitas graças.

— É tão moço, como o retrato?

— Dois anos mais velho do que eu. Sabe, Teresinha, começo a desconfiar!... — acudiu ela rindo e abraçando-a. — Quer-me roubar o meu noivo e meter-me no convento outra vez? O conde será o herói da sua paixão oculta?

Teresa fez-se pálida, e depois vermelha. Ao mesmo tempo a noviça, beijando-a afetuosamente, guardava o retrato, sorrindo e dizendo:

— Jerónimo também é gentil. Deixemos correr o tempo; ainda hei de vê-los muito namorados.

— Nunca!... — murmurou a irmã de Cecília, cuja vista se obscureceu.

— O conde vem logo? — perguntou Cecília.

— Porquê?... Bem digo eu; todas o querem.

— Olhem dois cavaleiros que ali vêm! — gritou de repente a educanda.

— É verdade! — exclamou Teresa.

E as três meninas, com os braços enlaçados, a cabeça inclinada sobre o ombro, e o corpo debruçado pela janela do mirante, eram as três Graças em um grupo arrebatador.

Apenas se aproximaram os cavaleiros, Teresa fez-se branca e encostou-se ao braço da noviça. A vista corria adiante dela, e o coração batia apressado. Decorridos instantes, a irmã de Cecília, fazendo um esforço, disse:

— D. Catarina, ou o seu retrato é falso, ou aquele da esquerda é o conde de Aveiras.

— Cecília — atalhou a noiva ao mesmo tempo — o cavaleiro da direita é a figura da tua caixa!

Nenhuma podia falar. Estavam anelantes, tímidas, e vermelhas como três rosas. Eles viram-nas, pararam um momento

debaixo da janela, e em um sorriso, em um só lance de olhos, cada um enviou à sua dama as saudades e o amor que tinha no coração.

— Sabes porque ele vem com o conde, e à direita? — perguntou Cecília, pensativa, a D. Catarina.

— São muito amigos, segundo vejo. E tu fazes-me o que eu pedi? — insistiu esta, cujo semblante tornou a carregar-se de tristeza.

— Olha, Catarina, ditosa, ou infeliz, é a minha sina. Deixa-me viver, ou morrer com ela.

— Cecília! O que será se um dia a ilusão passar, e conheceres o que perdeste, e o que merecias?...

— Nesse dia tenho uma amiga e uma irmã para me consolarem, e esses braços afetuosos para me amparar com eles. Deixa-me enganar, se é engano! Se soubesses o amor que lhe tenho!

— Vai anoitecendo. Queres que entremos para casa?

— São horas. Teresa, ficas?

— Vou já.

E as duas, uma pelo braço da outra, recolheram-se pela rua principal do jardim.

Teresa ainda se demorou um pouco. Sentia no peito tanta opressão, e uma saudade tão viva na alma, que não a sabia explicar. Desde que vira o retrato, sobretudo depois de aparecer o conde, esquecia-se a miúdo pensando nele. Se voltava atrás a vista, e refletia no amor de Jerónimo, no laço que os devia unir, esfriava-lhe o coração, e as lágrimas como pérolas líquidas tremiam-lhe nas pálpebras desfalecidas. Sabia agora quanto é doce a liberdade!

Assentou-se abismada nas suas reflexões. Em um momento o pensamento, ardendo com as recordações, correu no voo impetuoso os quadros risonhos, os dias inocentes da passada existência. As esperanças, as ilusões, e os desejos de uma donzela, cujo sentimento é melindroso como a sensitiva, passaram-lhe uns após outros pela ideia, e fugindo cravaram mais uma saudade naquele peito, em que já tudo era confusão e desassossego.

— Porque não é Jerónimo como o conde? — exclamou pondo no chão os belos olhos lacrimosos.

Daí, fazendo um esforço, levantou-se, e com passos trémulos seguiu pela rua do jardim, que ia ter a casa. Andava devagar, e a cabeça pendida, e a vista inclinada, diziam mais no seu silêncio do que ela própria ousaria confessar. Teresa tinha medo, porque via claro dentro do coração.

— Catarina é bem feliz! — prosseguiu suavemente. — Ama, e é amada! O homem escolhido por ela não virá iludir-se nos seus braços... Adora-o... Não faria eu o mesmo? A fortuna é assim; dá tudo a uns... Oh, a minha alma, a minha vida!... Que fiz eu a Deus para merecer este castigo? — E desatou naquele pranto espontâneo e quase infantil, que rebenta sem custo, quando a alma ainda está mimosa, e começa a chorar com os primeiros desenganos.

Pobre Teresa! No momento em que suspiravas os teus queixumes, o conde de Aveiras na sala, e quase ajoelhado aos pés de Catarina, pousava-lhe na mão aquele beijo tão longo e sôfrego, em que se sacia o afeto dos amantes. Se ela os visse assim radiosos, talvez que a sua dor se exacerbasse! Não viu. Recolhida no seu quarto, chorou algumas horas sem testemunhas; e quando apareceu, já o conde tinha saído. O rosto da irmã de Cecília, desmaiado e abatido, assustou as suas amigas pela dolorosa palidez. Parecia ter golfado com o pranto todo o sangue do coração.

A educanda e Catarina atribuíram a alteração à sua indiferença por Jerónimo, e tentaram reanimá-la. No meio de um sorriso cheio de suavidade resignada, mas inconsolável, Teresa respondeu-lhes:

— Não é nada! Estou melhor... Refleti; Jerónimo... se o não amo, hei de vir a amá-lo. Resolvi-me! Ainda espero ser feliz.

A mágoa com que disse estas palavras era tão clara, que as duas amigas sentiram os olhos húmidos e o coração coberto de tristeza. É que percebiam no fundo do cálix o veneno das grandes dores. Teresa, depois disto, com o rosto entre as mãos, nem falava, nem levantava a vista. Dentro da sua alma ardia aquele

fogo cruel que o tempo aviva, e depois converte em incêndio. Por ora o que padecia era apenas a saudade do que deixava. O desejo vago, a aspiração inquieta, que lhe enublava a ideia fazendo-lhe tremer e desmaiar o coração.

— Não, não! — exclamou por fim, pondo-se de pé subitamente. — Não posso!... É a minha vida, a vida inteira que estou matando!... Catarina, Cecília! Deus não há de querer que me sepulte na flor da idade, e a cada hora beba a peçonha, e ria quando a dor é insuportável!... Jerónimo pode consolar-se; amanhã... um dia destes confesso-lhe... digo-lhe... que não é possível.

Pasmadas beijaram-lhe ambas a face branca de jaspe, e os beijos aonde queimava o sopro das tempestades íntimas. Catarina, compassiva e cheia de meiguice, não pôde suster as lágrimas, e no meio delas é que lhe respondeu:

— Olhe, Teresinha, no seu lugar, eu não me afligia. Há remédio para tudo, console-se!

— Menos para o que eu sinto... menos para o que eu temo! — respondeu ela tristemente.

— Deixa estar, todas três havemos de ser felizes — exclamou Cecília, enlaçando-a nos braços.

— Olha, Cecília, tu sim, e Catarina. Eu!... diz-me o coração, que a minha felicidade não pode ser neste mundo! Não tenham receio. Isto há de passar... já passou... sinto o coração fraco... mas o espírito... o vencerá.

O resto da noite correu em doloroso silêncio.

XXV

SOBRE QUEDA COUCE

Filipe da Gama não podia consolar-se.

Desorientado pela revolução que ia em casa do tio sábio, e coato nas prerrogativas de português pé-de-boi, e amigo de chamar as coisas pelos seus nomes, arrepelava as bambinelas da cabeleira, e fazia marinhar da sobrelanceira para a nuca o portentoso chapéu de três quinas, reduzido à última extremidade pelas violências de que era vítima. No auge da sua dor, o capitão julgava-se infeliz por não ter ali mais do que um chapéu, e por lhe faltar a venerável pessoa do sapientíssimo abade Silva, causa de todos os seus desgostos. Era a ele que o Sindbad português fustigava em efígie, punindo implacável no inofensivo casquete as ofensas do erudito.

Apenas Lourenço Teles lhe fez a recomendação que ouvimos, o capitão investiu logo pela escada sem dar os bons-dias a ninguém, partindo como um raio direito a São Domingos, a fim de depositar no seio do amigo padre-mestre o abismo das suas mágoas. Estar a ver diante de si o abade, acastelado na gravidade insolente, e não ser senhor de lhe remeter dois ou três chascos de o servir ao menos de algumas dúzias de piparotes morais!... Que tirania!

Obrigado a medir os gestos e as palavras, ele, homem velho e pai de filhas mulheres!?... Que lhe importava que uma freira namorada saísse do convento, ou entrasse para ele; que a pedisse um conde, ou que a metesse el-rei em casa alheia, tendo tantas suas? Porque havia de pagar ele por todos? Se o abade era indispensável à mesa para fazer as exéquias culinárias ao cadáver de um peru, ou na sala de visitas para imitar as momices almiscaradas da corte, afogassem-no em licores, banhassem-no em águas da rainha de Hungria, mas não pusessem a seus pés, e de mordança na boca, um homem sincero e incapaz de o aturar calado!

Tais eram as reflexões de Filipe pelo caminho. Parece inútil acrescentar que todas terminavam em grosas de estupendas blasfêmias contra o erudito investigador das bexigas doidas. No seu ódio, o capitão jurava pagar-se de todas as amarguras nas inocentes costelas do mestre de cerimónias de seu tio!

Chegado ao convento, o nosso amigo Filipe enfiou pela portaria como um pé-de-vento; subiu três a três os degraus da escada; virou para o dormitório novo; e com um encontrão valente na porta da cela de Frei João livrou-se da canseira de bater, e da impertinência de estar esperando.

Como vimos no penúltimo capítulo, sua reverendíssima achava-se de cama, com uma inflamação de garganta, capitulada de angina aguda pelo douto assistente; mas a exatidão manda acrescentar ainda que o procurador estava doente de uma queda desastrosa de amor-próprio, e não da moléstia que enrugava a testa do facultativo do convento.

Filipe ia tão alucinado, que ao passar pelo doutor fugiu dele como se fosse do Demónio, e não lhe fez nem uma cruz! O médico, espécie de esqueleto colado em pergaminho, e amortalhado em trajes fúnebres, arredou-se do furacão, encolhendo os ombros, e teve o cuidado de fechar a porta. Atravessando de raspão a casa aonde escrevia o frade, o nosso herói caiu logo sobre duas vítimas.

Ao escrevente assentou-lhe o tacão do sapato em cheio sobre um pé e espalmou-lho. Ao Sr. Tomé, cujo focinho assomava à

porta do quarto com uma chávena de gargarejo na mão, me-teu-lhe o cotovelo pelo estômago, e por pouco o não crava no alisar da porta como um sapo. O escrevente, com o pé no ar e as lágrimas nos olhos, deixou cair a garrafa da tinta, e pôs de luto um bacamarte teológico. O milagreiro embuchado abriu a boca e os dedos ao mesmo tempo, e regalou um dos imensos joanetes com a tisana dulcificante, destinada aos gorgomilos do pregador.

Tendo aplanado assim a estrada, o capitão arremeteu com o quarto, abriu a janela, que estava cerrada para a claridade não dar na vista ao doente, e assentando-lhe na barriga da perna, carregada de sinapismos, uma palmada sonora, berrou como do meio da rua:

— Ah, mandrião! Upa! Acaso são isto horas de estar no quente?

Dormitava o frade, quando caiu sobre ele de repente o raio. Mal entreabria os olhos, sobressaltado, um clarão de luz cegou-lhos. Ia ajeitar-se para confundir o importuno com uma severa reprimenda, eis que lhe bate de chapa sobre o cáustico a palmada do seu honrado amigo. O grito furioso do enfermo encontrou-se no ar com a apóstrofe do capitão sobre a preguiça. Encararam-se depois mudos ambos por alguns instantes. Frei João escudando a perna contra o novo ultraje; Filipe fazendo o inventário dos vidros e garrafas de todos os formatos, que povoavam o bufete e o velador do procurador teólogo.

Daí, apesar da moléstia em um, e da quezília no outro, os dois desataram a rir da figura que estavam fazendo.

— Quem te pôs à cabeça essa saladeira? — disse o procurador.

— Mudaste a adegua para o quarto? — gritou o capitão.

— A culpa é do patife do abade!

— Foi o maldito boticário!

— O abade faz caçarolas?

— O boticário vende vinho?

— Não vês que estou doente?

— Não reparas que venho impando?

Tornaram a calar-se. Filipe tirou o chapéu, e reconheceu que o tinha reduzido a uma pasta quase informe, que só a muito

favor do frade se elevava às honras de saladeira; Frei João, sepultado até aos olhos em um barrete branco de apagador, com o pescoço enchumado de panos quentes, sentia arder a perna, e estorcia-se, como se lha queimassem a fogo lento.

Procurando em todo o quarto uma cadeira inutilmente, o capitão mediu com os olhos a cama, adicionou em cálculo mental o seu peso específico, descontou a sua elasticidade náutica, e formou o pulo para cair sentado em cima dela. Sem lhe poder valer, o pobre Frei João vendo-o vir já pelo ar, fechou os olhos e invocou o auxílio divino. Pareceu-lhe, depois, que ouvia um terremoto. A cama gemeu desconjuntada; os vidros traquinaram no bufete; e o corpo de Filipe com as suas quatro e meia a cinco arrobas bateu-lhe em cima de pancada; por cúmulo de infortúnios agarrou-se-lhe aos pés para manter o equilíbrio.

— Fora, alarve! — vociferou o frade, levando os joelhos à boca na sua exasperação.

— Sempre te digo que subir a esta cama é pior do que subir ao céu sem escada! — observava ao mesmo tempo o capitão, chegando-se com suprema serenidade.

— Isto é cem vezes penar no Purgatório! — exclamava o padre sentado na cama e coberto de suores. Ao mesmo tempo expelia o usurpador amiudando os pontapés.

— Para que estás nesse batuque, Frei João? Olha que isto não é de ferro — dizia Filipe. — A ti dói-te alguma coisa? Queres que me chegue mais?...

— Nada, nada! Pelo amor de Deus! Não te chegues...

— Vê lá?...

— Tenho visto e sentido por meus pecados...

— Estás bem melindroso! Aposto que não te deram de almoçar?

— Almoçar?

— Sim, homem, então!? E mais eu, que estou capaz de engolir uma tainha crua...

— Filipe, fazes-me um favor?...

— Dois!

— Era melhor ires para o chão!...

— Nego, padre-mestre. Aqui, estou sentado, e na casa fico de pé.

— Mas eu é que já não posso... — disse o procurador em ânsias.

— Estás muito delicado! Que demónio! Deram-te quebranto? Acho-te célebre. Levaste grande sova, por força, Frei João!

— Por meus pecados! — suspirou o domínico, lembrando-se do seu desastre.

— E não me dizias nada? Quem te fez a caridade?

— Tu, excomungado! — clamou o padre, vendo as estrelas com segunda palmada do capitão na mesma perna, vítima da antecedente.

— Ora adeus!

— Tu! — prosseguiu o religioso exacerbado. — Da primeira vez tiraste-me a pele, da segunda fazes-me os pés num molho; e não contente, agora, uf! da terceira metes-me no caixão. Deus te pague.

— Pois olha, mais leve do que eu, ninguém!

— Só uma torre. Viraste-me os sinapismos. Sinto-os no peito do pé e nas canelas...

— Estás de sinapismos e calas-te?... Aposto que se te meteu em cabeça que tinhas gosma? Se não venho cá, ficas na cama, e não almoças. Fora daí! Upa! É pôr ao fresco! Eu te curo, deixa estar.

— Quem me livra deste inferno! — gritou o frade exasperado. — Vês-me neste estado, e perguntas se estou doente? Olha para ali, homem, aquilo são remédios! Repara neste pescoço, alarve, isto são unturas! Tenho uma angina aguda, e por tua causa um garrotilho... Queres mais?

— Oh lé! Isso é outro caso. Dás-me de almoçar? Olha, eu estou são como um pero. Sempre cuidei que as garrafas eram de vinho, e que tudo isso era preguiça...

— É que tu és um lince!

— Obrigado, Frei João. Estás capaz de engolir a gente!

— Um lázaro é que eu estou, por tua causa!

— Nada de gritos, sentido com o garrotilho!

— A boas horas! Mas que pecado atirou contigo aqui?

— Que queres? histórias do abade... Puseram-me na rua, Frei João!

— Valha-te Deus! Vê se estará aí fora o Tomé com o gargarejo. Sinto a garganta em brasa.

— Aqui estou, reverendíssimo — acudiu o lictor sacro, desenhando-se à entrada da porta, donde escutava por entreter o tempo.

— Dê cá. Acho-me pior!

— O quê, senhor padre-mestre?

— O gargarejo, idiota, o gargarejo!

— O gargarejo, valha-nos a Virgem Puríssima!... O senhor capitão quebrou a chávena.

— É falso. Não quebrei nada. Ele é que a deixou cair...

— Não se lembra de me entalar na porta?

— Sim, mas foi a vossa mercê, não foi à xícara.

— O caso é que o remédio foi-se! — disse o padre com um suspiro. — Peço-te encarecidamente, Filipe...

— Outro gargarejo? Pronto! O que tu precisas é um escaldão de água a ferver e pimenta moída: é heroico. Sei o que digo.

— Muito menos! Preciso que vás dar um passeio...

— Até onde?... Espera; a que horas jantas?

O procurador esgazeou os olhos, atónito com a pergunta.

— Eu não janto, homem! — replicou trémulo de cólera.

— Fazes mal; pois eu sim. Conta comigo. Ao meio-dia em ponto era a tua hora do costume. Nada de acepipes. Uma perdiz, duas empadas de rolas gordinhas...

— Um dardo, um demónio! — vociferou o procurador com ímpeto. — O selvagem vê-me às portas da morte, e diverte-se a picar-me com alfinetes!... Queres morcela de Arouca, pastéis de Santa Clara, e bolos de Évora? Sem cerimónia! Chegaste em ocasião própria.

A ironia arrebatou o capitão, cuja simplicidade tomava tudo a sério, ou como é mais provável, que fingia enganar-se para não se dar por advertido. Saltando do leito a baixo, correu à cabeceira,

e abriu os braços, querendo apertar extremosamente a Frei João neles, e dizendo-lhe:

— Falta só o vinho, e a orelha de porco assada, aquela orelhinha que nós sabemos. Demais, o teu beliche é largo, chega para dois. Os garrotilhos não se pegam.

À palavra garrotilho, o domínico que já se espavoria com as disposições estratégicas do aboletamento, arrepiou-se, e sentiu ameaças de uma convulsão nervosa. Pareceu-lhe que se lhe tapava mais a garganta, e que a respiração principiava a sufocar-se. A ira e o medo deram ainda mais veneno às suas ironias.

— Os garrotilhos não se pegam, matam; é verdade. Visto isso vens disposto a passar por cá uns tempos? Tenho-te de cama e mesa?...

— Dois, três, quatro dias! É mais um enfermeiro de graça que Deus te manda. Frei João, não posso parar em casa; refugio-me na tua cela como aquele herói de Roma, que o padre Vicente dizia, o Carolano, Crialino, ou... como demónio era o nome dele, há de saber? Um que veio com os Valeques depois, e queria dar pontapés na pátria?...

— Volscos, selvagem!

— Isso mesmo. É uma patifaria do seresma do abade; mas não tem dúvida; esta bengala fará justiça do morcego, mais certo do que o teu garrotilho... Até logo. Não esqueça a orelhita de porco, e o vinho do Porto. Adeus. Saúde e frio para enrijar!

— Tomé, proíbo-lhe que torne a abrir a porta ao capitão! — gritou o frade, apenas Filipe saiu. A segunda alusão ao garrotilho tinha-o fulminado. — Faça o que lhe mando se me não quer ver morto. Chamem o médico. Aquele demónio foi a tumba que entrou aqui.

— Mas o senhor capitão nunca espera... — observou Tomé compungido.

— Ponha-o fora.

— E se ele me der?

— Leve. Faça o que entender... O que me resta é acabar de um garrotilho, moléstia da minha antipatia.

— Sábado de Nossa Senhora é amanhã! Dizem que é tal e qual como o garrote, que o ano passado vi dar ao castelhano...

— Cale-se, tremebundo! Um garrotilho...

— É mal que se não cura, reverendíssimo!

— Pior! — atalhou o frade tremendo.

— Por sinal pessoas cheias, com muito sangue, como o padre-mestre, passam por serem mais atreitas... Mas não nos assustemos, o Menino Deus há de fazer o milagre. Bem lho tenho pedido!

— Pois vossa mercê supõe?... — acudiu o padre espavorido, e não tendo ânimo de concluir.

— Eu nada, reverendíssimo. É verdade que o médico ontem receava uma apoplexia...

— Uma apoplexia?... — exclamou Frei João, sentando-se na cama. — Ele receia isso?

— Depois das sangrias de ontem, menos!... Mas a sua teima é que vossa reverendíssima está nutrido e tem sangue de mais... Falou no dia sétimo e torceu o nariz...

— Torceu o nariz, hem? — repetiu o procurador varado.

— E gostei pouco de lhe ver a cara...

— Então desconfia ele...? — perguntou o domínico sufocado.

— Falou de mortes repentinas... de pessoas que têm passado a melhor vida como passarinhos de um instante para o outro. Mas há de ser erro!

— Fale-me sem rodeios — disse o frade em voz sumida — o médico pediu-lhe que me fosse dispondo, não é isso?... receia muito, não espera?...

— Espera, reverendíssimo! Espera tudo, espera de mais até!... somente não responde por um garrotilho ou por uma apoplexia. O padre-mestre sente-se pior?

— Nada! o médico e o enfermeiro curaram-me! — murmurou desfalecido o Procurador. Depois meteu a cabeça debaixo da roupa, e entrou a suspirar. Na realidade o dilema era pouco agradável.

Assim envolto nas dobras da roupa, como César na volta da capa, o padre-mestre já sentia na cabeça a terrível congestão, que

ia ser o seu espectro, graças à simplicidade velhaca do Sr. Tomé das Chagas. Em dois segundos somou Frei João as dores vagas, as indigestões e enxaquecas da sua vida, e concluiu que mesmo de aço o cérebro devia de estar usado e gasto. Passou daí à autópsia moral, contou as vigílias, memorou as fadigas de espírito, os cuidados e os excessos de estudo e de reflexão, e tirou a consequência lógica de que vivendo cinquenta anos tinha vivido quatro idades bucólicas e duas idades razoáveis. No fim de cada um dos raciocínios aparecia-lhe sempre o médico e a apoplexia.

Se fechava os olhos via tochas, pingos de cera e panos de caixão; se os abria, as recordações do mundo causavam-lhe tal saudade, que sentia vontade de chorar. Era cruel este suplício, penado entre os frios de uma constipação forte e as picadas de uma angina benigna, tão benigna, que foi rebelde aos esforços do médico para a tornar perigosa. O esculápio tentara vincular em vão na garganta do padre-mestre o morgado que seus pais lhe não legaram!

O Sr. Tomé, de joelhos e mãos erguidas, estava diante do crucifixo que o procurador tinha na cela. O milagreiro rezava alto e a sua estrepitosa devoção era o complemento necessário da astúcia néscia, que agravara os temores do padre-mestre. De repente o escrevente idiota, acabando a tarefa de arrumar a papelada, pegou ao acaso em um livro, e principiou em voz cavernosa a divertida leitura do *Memento homo*, acentuando as inflexões mais lúgubres.

É inútil dizer que a coincidência exacerbou o pavor do padre enfraquecido pela doença e pelas copiosas sangrias. Persuadiu-se de que lhe tinham ocultado até ali o perigo, e que o estavam já encomendendo. Um sintoma fatal confirmava a sua aflição. Depois de compostos pelo Sr. Tomé, os sinapismos pouco ardiavam na pele: depois dos esforços de garganta a que o obrigara o capitão Filipe, sentia diminuídas as picadas, e tomava a respiração sem dificuldade: era evidente, pois, que a gangrena partindo dos pés e subindo às fauces em poucas horas o levaria à sepultura!

Achada esta explicação terrível das melhoras repentinas, o padre-mestre tirou a cabeça debaixo da roupa e pediu os sa-

cramentos. Mas a boca não pôde articular, e os olhos ficaram espantados: desta vez com razão! Diante de si, aos pés da cama, achou perfilada a solene, a engomada, a eterna pessoa do abade Silva, com a cor rubra mais mimosa na calva, com o sorriso mais científico nos lábios, e aquele abacial chapéu de borlas verdes, e aquele bastão japonês antigo, cada um pendente de sua mão! O que significava junto do leito da sua agonia imaginária a aparição heroi-cômica do erudito?

Era um agoiro? Era uma boa nova? Não sabia o que dissesse!

Frei João não falava, porque se julgava morto, e os mortos não cumprimentam. O abade também se calava, porque o seu capital eram as palavras, e poupava-as como perolas; somente olhavam muito um para o outro, cedendo-se tacitamente as honras do primeiro «Salve!»

Cansadas enfim de olhar e de esperar, as duas cabeças veneráveis abaixaram-se a compasso; a do abade com uma aurora boreal da testa até ao occipital; a do frade com o barrete branco em derrota para a nuca; o cronista das barbas históricas, sério e taciturno como um bonzo, procurando com a vista a poltrona da hospitalidade, e tirando da caixa a pitada refrigerante; o procurador com os olhos na porta do quarto, levando de lá até à pessoa do visitador obsequioso uma interrogação que não sofria reticências. Entretanto o Sr. Tomé rezava sempre; e o escrevente repetia com entusiasmo o «*Resurge Lazarum!*»

O abade já ia tomando medo à cela.

Vendo que não era possível arrancar uma palavra ao domínico ou aos seus acólitos, resolveu-se a encetar o diálogo por uma explicação categórica.

— Vossa reverendíssima perdoará o incómodo!... Bati à porta muito tempo, estava aberta, e ouvi aquele senhor salmodiando sem fazer o favor de parar um instante... Como trazia negócio de pressa, entrei.

O procurador levantou os olhos ao Céu com resignação, deu um suspiro e ficou mudo. Parecia-lhe monstruoso que houvesse negócios mais urgentes do que a sua próxima jornada ao seio

de Abraão. O abade esperou dois minutos, e achando sempre o mesmo silêncio, prosseguiu um pouco perturbado:

— Se previsse que o achava na cama, acredite vossa reverendíssima, que escolheria hora mais oportuna... Espero que não seja por falta de saúde!

— Tomé! — disse o domínico em voz expirante — uma cadeira a sua ilustríssima!

Era a primeira vez que o Frei João condecorava o abade com o tratamento que ele namorava desde a puerícia. O prazer do sábio foi tal, que por pouco não abraçou o pregador.

— Tem ordens, meu querido? — continuou o padre-mestre sempre em tom desalentado. O abade deu um pulo, fez-se cor-de-rosa, e olhou cheio de perplexidade para Frei João.

— Ordens!? A que propósito o pergunta vossa reverendíssima?

— Pois não vem prestar-me os auxílios espirituais? — prosseguiu o frade. — Tenho ânimo para ouvir a sentença! Acha-me resignado com a vontade de Deus!

— Então vossa reverendíssima entende?... — atalhou o erudito endireitando-se com solenidade.

— Julgo que veio aqui fazer uma obra de caridade! Diga, fale sem receio, meu rico senhor abade... A sua presença nesta ocasião explica-se pela gravidade do meu estado. Quer que principiemos o ofício da agonia? A carne treme, mas o espírito está crente em Deus, meu salvador!

O abade não sabia o que dissesse. Para moribundo achava o padre-mestre muito são. Para chasco, ou zombaria, via-o muito aterrado.

— Meu douto amigo, o objeto desta visita é todo profano — murmurou ele.

— Profano? — exclamou Frei João respirando com força, e aclarando a voz. — Então não o foram chamar para me ajudar a bem morrer?

— A mim?!... Pois vossa reverendíssima está doente de perigo?

— Estou muito mal, estou à morte, senhor abade!

— Somos filósofos, respeitável e reverendo amigo. Bem sabe o que os Estoicos diziam da morte... É uma ilusão.

— O pior, senhor abade, é que ninguém se cura dela! — observou o frade secamente. — Então o que me dá o gosto da sua companhia?... Obrigado! Não gasto rapé quando tenho febre. Daqui a pouco terei pó de mais em cima dos ossos.

— Em duas palavras o inteiro de tudo — acudiu o autor da caligrafia régia. — Trazem-me aos seus pés dois casos, dois nós górdios capazes de experimentar a sabedoria do defunto Pegas, e a latinidade de um segundo Cícero...

— Desculpe vossa ilustríssima! Já não sou nada. Agora o meu Pegas e o meu Cícero é o temor de Deus... Os malditos livros, se chegasse a levantar-me daqui, iam todos para a cozinha crestar galinhas... O estado em que me vê a eles o devo!

— Mas acho-o de bom parecer, corado, gordo até...

— Congestão, meu amigo, inchação! Sinto-me gangrenado.

O abade anunciou no gesto um movimento de retirada, e empalideceu alguma coisa.

— Mas a sua doença há de ter nome. De que o curam?

— De um garrotilho, primeiro!

— Bem! — observou o sábio, sorrindo-se.

— Bem, diz vossa ilustríssima? Pois eu, se dá licença, digo péssimo! — exclamou Frei João, irado.

— É só isso; não é mais nada? — continuou o erudito, cruzando a perna, e cheirando vagarosamente, com o nariz sobre a caixa.

— Ainda lhe parece pouco?... — rugiu o frade, cada vez mais indignado. — Bagatela! Um garrotilho... Para sua satisfação, porque o vejo divertido, o licenciado espera uma apoplexia ao sétimo dia!

— Famoso! — exclamou o erudito, com o maior sossego.

Frei João sentiu grandes tentações de quebrar um vidro de electuário, que tinha à cabeceira, na calva do abade. Este, nos bicos dos pés, dirigia-se, entretanto, ao bufete, e passava miúda revista às nauseabundas garrafadas e preparações que o povoavam.

— Justamente! — dizia o investigador das bexigas doidas, sacudindo a cabeça três vezes com a gravidade de um oráculo. — Logo julguei! Cá está a metralha. Xaropes, violebos, emplastros, socrácios, gargarejos, unções, saumerios, *et tuti quanti!* Uma botica inteira! Restritivos, discussivos, molitivos e extenuativos?... Vejamos. Ah! A composição purgante de Psílio, sumo de rosas, de cenouras damascenas, maná e diasines! Belo! Famoso para arranjar uma cólica. Depois, o eligmato de baço de raposa. Palha! O xarope de ninfeia, o de marrábio, e o de calamenta?... Cisco! Daí unções, cerotos, dropácios, e pictimas?... Excelente! Um quarteirão de venenos! Todo o charlatanismo de Galeno!

O procurador, meio debruçado fora da cama, seguia este inquérito com verdadeira ansiedade.

— Então acha?... — disse o domínico.

— O que esperava... — replicou o abade com aspeto doutoral. — Sabe o que me admira? É achar a vossa reverendíssima ainda vivo!

O padre-mestre deu um salto, e sentou-se de repente.

— Então o garrotilho é incurável? — gemeu balbuciando.

— O garrotilho, não! — observou o abade levando lentamente a mão à frente. — Acho só incuráveis os remédios. Meu rico senhor Frei João, saiba, se morrer, que não foi de um garrotilho (porque nunca o teve), mas da cura do licenciado. A minha opinião é que vossa reverendíssima está envenenado!

— Jesus do Céu! — disse o procurador, deixando-se cair sobre os travesseiros.

O abade tirava à luz, entretanto, um oitavo de papel dobrado em quatro, e aproximava-o dos olhos do doente, com um bata-lhão de terrores na vista, na voz e nos gestos compassados.

— *Ecce caput Holophernis!* — clamou ele em ar triunfante. — Aqui está a receita do sangrador! Perdoe a tradução vulgar. A dose que lhe manda ministrar é capaz de arrebenatar um boi em duas horas.

O frade quis ver, mas tinha uma nuvem parda diante dos olhos. O suor gotejava-lhe da testa como se estivesse no mês de agosto.

— Não me espanto! — prosseguiu o antiquário. — Depois do *receipe* e do *Ana* leio o nome da Parca. Dionísio Lopes!... Felizmente o vidro está intacto.

— Conhece-o? — acudiu o procurador aterrado.

— Há quantos dias vem ele aqui? — disse o abade sem responder.

— Desde ontem.

— Dê graças a Deus. Quantas sangrias?

— Duas!

— Justo! Amanhã deixava-o morto! Senhor Frei João dos Remédios, principio a ter esperanças... Olhe este vidro? Esta abominável preparação? É o agárico macho! É um veneno incorreto! Se o bebesse estava morto.

— Ainda não, ainda não! — gritou o procurador mais reanimado.

— Dê parabéns à fortuna! Conheço o licenciado, sim senhor. A sua presença é como a visita da saúde aos tísicos; não há exemplo de se levantar doente que ele trate. Sangra-os e envenena-os.

— Santa Maria!

— Conforte-se; podia ser pior! Aqui a moléstia são os remédios, e sobretudo as sangrias, abertas por esse barbeiro *contra artem*, estando a Lua em conjunção com Saturno!... Que horror, que ignorância! Mas não tenha receio: algum anjo pede por vossa reverendíssima! O que há a fazer agora é seguir o aforismo precioso de Hipócrates, o divino: «acrescentar o que falta, e tirar o que sobeja».

— Vossa ilustríssima também sabe de medicina? — perguntou o padre-mestre com a credulidade de um enfermo, e a veneração devida ao salvador.

— Estudei e estudo para saber! — disse o abade com solemnidade. — Senhor Frei João dos Remédios — prosseguiu emproando-se com desvanecimento — todas as moléstias nascem da descompostura dos quatro humores do corpo, sangue, cólera, melancolia e fleuma. Em manuscritos raríssimos tenho achado segredos ignorados da ciência garraia dos nossos dias... Receitas

divinas de Salomão, o sábio por antonomásia: de Hipócrates, da ilha de Cós, nascido quatrocentos e oitenta e quatro anos antes de Cristo, quase pelo tempo do grande Esdras... Os seus discípulos Diocles, Caristio, Proxágoras...

— Pelo amor de Deus, abade! — exclamou o procurador aturdido por esta nota oral do arcaísta — deixe os discípulos de Esculápio...

— Senhor Frei João, não confunda! Esculápio é o douto pai da escola empírica e os seus discípulos foram Serapião, Alexandrino, Gláucio, Menódoto...

O padre-mestre suspirou vendo que tinha caído de Cila em Caríbdis.

— Faça justiça ao saber de vossa ilustríssima — disse ele — mas tire-me de cuidados. Diga-me: julga que posso escapar?...

— Dos remédios do licenciado?... — atalhou o abade. — Parece-me que sim. Tenho uma receita mirífica, descoberta nas extravagantes de Cornélio Celso, manuscrito único que só eu possuo no mundo, e com ela o hei de curar. É um específico para os humores... Vê esta cestinha com fitas cor-de-rosa? Aí tem o verdadeiro elixir da vida.

Frei João arregalou os olhos para a cesta miraculosa aonde viu uma espécie de raspa fina, escura, semelhante a terra vegetal.

— Cheire sem agitar! — disse o antiquário, pegando na cesta delicadamente só com o índice e o polegar das duas mãos. — Não sente o divino aroma?

— Cheira-me a raízes velhas! — respondeu inocentemente o padre-mestre.

— Raízes velhas?! O perfume mais raro que se conhece? Assim quieto, é canela de Ceilão. Agite-o, é essência de rosa. Toque-o, é verbena culta. O cravo o rosmaninho, a madressilva, são orégãos à vista disto. Uma pitada limpa o cérebro e é antídoto contra a apoplexia. Sobre pele cura as chagas e os tumores. Em xarope violáceo sara as lesões de baço, de coração e do estômago...

— E como se chama este remédio? — interrogou o domínico absorto.

— Raiz de albafor! Junça cheirosa! — replicou o abade, pronunciando lentamente. — Esta cestinha vai para a marquesa das Minas, minha senhora. Vejo-me perseguido com bilhetinhos todos os dias. As damas estão loucas pelo meu rapé, como elas dizem. Cheire uma pitada, e verá em um instante como lhe desobstrui o cérebro.

Frei João obedeceu. Vinte espirros sucessivos, aplaudidos por outras tantas cortesias do investigador das barbas históricas, foram o efeito imediato do específico. Quando acabou tinha a cabeça pelos ares. Entretanto a fé persuadiu-lhe que estava mais aliviado, e virando-se para o abade exclamou:

— Vossa ilustríssima foi um anjo que me acudiu! O licenciado era o braço da morte...

— Diga a lanceta. Dionísio Lopes, por onde passa, deixa tudo em sangue!

— Tomé — gritou Frei João em plena voz — sacuda-me logo essa peste de casa! Olhe; essas garrafadas já pela janela fora. Estes panos, estas unturas à rua! — E ao mesmo tempo arrancava e semeava pelo chão os chumaços gordurentos. — Tire-me os sinapismos, sua ilustríssima dá licença! Tudo isso é veneno.

O abade estava radioso. Primeiro, por ter conquistado o tratamento de ilustríssima; depois, por ver acatada a sua monomania de curandeiro. Efetivamente o erudito tinha uma coleção de específicos e de doces cobertos, que eram o recreio dos seus admiradores.

— Vossa reverendíssima não usa ao menos do gargarejo? — insinuou o milagreiro humildemente.

— À rua! — gritou Frei João com um gesto heroico. — Tenho medo de tudo. Aquele provedor dos cemitérios é capaz de meter a morte nos próprios rebuçados. A propósito, não esqueçam as pastilhas...

Tomé fez uma visagem lacrimosa. As pastilhas tinha-as sonogado, contando adoçar com elas a aspereza da laringe. O nosso devoto era guloso, e não acreditava que o açúcar cândi fosse veneno.

— Senhor abade — dizia o domínico restaurado pela preleção médica e pelas virtudes imaginárias do albafor de sete cheiros — sinto a cabeça mais leve do que uma pena. Estou bom; perfeitamente bom.

— Não é o primeiro exemplo! — observou o oráculo com um sorriso vaidoso. — Já salvei o Sr. Lourenço Teles de outra desgraça semelhante. Arruinou-se-lhe o último dos seus queixais, e inchou-lhe a face e a gengiva. O licenciado queria-o lancetar; opus-me; e curei-o, arrancando o dente. Não diz a regra: tira a causa e cessará o efeito?

— E o licenciado?

— Falou em inflamações, gangrenas, mortes, postemas, e desapareceu. Mas o Sr. Lourenço Teles esqueceu-se de pressa; e não perde ocasião de deprimir essas poucas letras, que os sábios me fazem a honra de supor em mim. Ah, senhor Frei João! Este século não é para nós. Anda uma nuvem de badamecos rabiscando modernices, dizendo loas pelos outeiros, e fazendo gala da ignorância... Um até (veja a demência) em certa casa atreveu-se a representar o papel de um abade ridículo estando eu presente!... E tão descarado, que no outro dia foi pedir-me ainda em cima dez moedas emprestadas.

— Mas negou-lhas?

— Tratei-o!... Coitados! Não sabem mais. Fizeram galhofa da minha carta a Lúcio Floro! Riem-se? Se tivesse menos caridade dava-lhes uma lição. Está a minha papeleira cheia dos erros gramaticais destes sábios feitos à pressa; e que erros, padre-mestre, erros de palmatória! O Sr. D. Manuel, o Venturoso, e el-rei D. João, o Perfeito, punham as letras mais altas; agora tudo escreve história, poesia e crítica (crítica!) sem dois dedos de latim, nem uma declinação de grego. *Quousque tandem?* diria outra vez o príncipe dos oradores romanos.

— É verdade, é verdade! — respondia o procurador com meia vontade de rir das tribulações desta panóplia literária. — Mas, se bem me lembro, queria-me contar...

— Um caso novo, raríssimo. Venho consultá-lo sobre dois pontos, um de leis, outro de latinidade...

— Para o que eu prestar...

— Muito obrigado. Comecemos pelo mais fácil. Saberá vossa reverendíssima que estando à noite de terça-feira no serão da senhora marquesa, sua excelência tinha uma rosa na boca, e ficou-lhe uma folha na língua. Expeliu-a e saltou-lhe para a face. Pareceu gracioso, e o Dr. Henrique Vieira, pessoa mui douta, bateu as palmas, e fez dois versos latinos, convidando-nos a traduzi-los imediatamente.

— E então?

— Choveram trovas!

— E vossa ilustríssima?

— Calei-me! Achei aquilo pouco sério.

— E em casa?

— Dei algumas voltas: mas o latim do doutor é perro. Quer que lhe diga? Entendo mal o latim de orelha. Estou costumado ao clássico puro.

— Faz-me favor de repetir os versos?

— Estão nesse papel. Pedi-lhos escritos para não me esquecerem.

O procurador sorriu-se. Sabia que o abade era incapaz de os dizer sem umas poucas de silabadas, e por isso se descartava, oferecendo a cópia. O frade leu:

Quid mirum, ejicias illam nunc, Laura, labellis?

Semper ut eloqueris, fundis ab ore rosam.

— Estão bonitos, não há dúvida. Traduziu-os alguém?

— André Serrão; e diferentes glosaram-nos.

— E que tal?

— Ele como sempre. Entretanto aplaudiram-no. Assim o en-doidecem! Sabe vossa reverendíssima que teve o atrevimento de me dizer depois que eu se calava era por não saber falar?

— Em que posso então ser útil a vossa ilustríssima?

— Fazendo-me dois versos latinos, e repetindo-mos até eu os decorar. Quero quebrar os olhos ao Sr. André Serrão.

— Conte com eles, meu rico senhor abade... se o meu latim também não emperrar. Isso sucede aos que sabem mais.

Dizendo isto o domínico sorria-se de novo, mas desta vez era só de vaidade.

— Vamos agora ao *casus legis*, ao ponto jurídico — prosseguiu muito alegre. — É grave?

— Tenebroso! Vias de facto, sevícias, e espoliações! — replicou o abade com aspeto sombrio, e palavras esburgadas.

— Com efeito!

— São duas palavras — prosseguiu o autor da Carta a Lúcio Floro. — Ontem recolhia-me pelas nove e meia da noite, quando o escudeiro, abrindo, me disse: «Vossa ilustríssima vai achar gente de mais em casa!» Fiquei pouco satisfeito. Vossa reverendíssima há de concordar que a hora era péssima... para mim sobretudo costumado a aproveitar o tempo...

— Decerto!

— Subo, abro a porta da sala, e entro no escritório; o que hei de achar! Ah, divino Camões, tu o disseste:

Não sei de nojo como o conte:

Aquele bugio, aquele horrendo macaco de outro dia, que nos arremeteu em casa do Sr. Lourenço Teles!...

— Alguma graça de Filipe, apostou eu! — observou o domínico.

— Exatamente, meu rico padre-mestre. Mais uma brutalidade daquele selvagem!...

— Não se admire. Todos os dias é um cento delas — resmungou o frade recordando as palmadas nos sinapismos.

— O mono — continuou o arcaísta em tom dolente — estava repimpado na minha poltrona de estudo, na minha poltrona rica, primor do reinado do Sr. D. João, o Piedoso. Deve notar que nem eu mesmo ousei nunca profanar o brocado antigo daquele régio monumento, assentando-me!

— E com razão! — acudiu o frade comprimindo o riso.

— Pois achei-a poluída pelos imundos coiros de um macaco! E por cúmulo de desaforo, divertia-se, quando entrei, em fazer papalotes das raríssimas gravuras dos sete sábios da Grécia,

prenda de anos da marquesa das Minas, minha senhora. Bem vê que por todos os respeitos me eram preciosas...

Aqui, sufocado de dor, o erudito fez uma pausa dramática, mais lacrimosa do que duas elegias, e limpou os olhos húmidos da saudade das gravuras. Frei João contemplava-o mantendo uma seriedade heroica.

— Lancei-me ao mono, alucinei-me, perdi a cabeça, enfim! — prosseguiu o abade com ar sombrio — e consegui arrancar-lhe as estampas; mas em que estado, grande Deus! Quatro amarrotadas, e três que faziam chorar de dor!... Um Sócrates sem nariz, a feição capital daquele sábio! Sólon degolado! e o meu Tales de Mileto reduzido apenas à orelha esquerda...

— Devia de ser um golpe!... — notou Frei João imperturbável.

— Ah, padre-mestre!... Ainda não é tudo. Olho casualmente para o bufete, e o que hei de ver!... Um lago de tinta, um borrão imenso sobre o meu Tratado monográfico da *Origem e Façanhas de Viriato o Libertador*, obra de quinze anos de investigações, com trinta páginas de texto e mais de trezentas notas extraídas de antiquíssimos manuscritos!... A minha glória roubada por um macaco, o monumento de bronze perdido por um *simia satyrus*!...

— Que infelicidade!

— Caí sobre uma cadeira sem luz nos olhos... Apenas lhe toco, sinto amassar-se debaixo de mim uma coisa mole. Levanto-me, observo... *Quis talia fando!* Eram os pêssegos cobertos, aqueles preciosíssimos pêssegos que nem na casa real se comem, saqueados, sujos, devorados, e por último até feitos num pastel por mim próprio, que os tirava como hóstias...

— Santa Bárbara! — gritou o procurador ofendido do sacri-légio dos pêssegos. — Mas quem foi dar os doces ao macaco? E logo uma caixa inteira!

— Ah, senhor Frei João, quando não perdi o juízo esta noite, estou salvo de o perder toda a minha vida! — exclamou o anti-quário elevando as mãos ao Céu.

— Acredito! — replicou o domínico com ar epigramático. — Explique-me, porém, como isso foi...

— É fácil, desgraçadamente. O macaco ia às ordens de um Bertoldo coxo e retorcido, uma espécie de arlequim do pátio de bichos, que o Sr. Lourenço Teles tem a mania de sustentar...

— Ah, um tal Domingos José Chaves? Uma paródia de Belzebu, que se cobre com um gral de boticário?

— Justamente!

— Então entendo. Que patife!

— O tal Domingos fez-se muito meu, e meteu na cabeça do escudeiro, um simplório que tenho em casa por dó, que vinha por minha ordem trazer o mono, e levar os pêssegos para o senhor comendador... O escudeiro caiu no laço, levou-o para o escritório, e entregou-lhe a caixa, que eu tive a imprudência de citar à sobremesa diante do selvagem Filipe da Gama...

— Agora explica-se tudo, senhor abade! E comeram, ou esmagaram uma caixa o macaco e o seu aio?

— Tudo!... Apenas entrei, pôs-se o mono a saltar. Quis vingar as letras e os pêssegos, levantei da bengala, aquela bengala egípcia que eu trazia! o macaco pôe-se em guarda, quebra-ma, e com os pedaços enche-me de contusões...

— Graça pesada! — exclamou Frei João.

— Pesadíssima!... Moído, transtornado, agarrei-me ao palhaço-homem, perguntando quem lhe dera a confiança de se introduzir em minha casa? O que julga que teve o arrojo de me responder? Que a casa era de todos como a da comédia, pois era chamada o hospital das letras! Dito isto rodou na ponta dos pés, escarrou dois, ou três latinórios sórdidos, e saiu na companhia do quadrúmano...

— Pois os seus criados deixaram?...

— Tenho só um escudeiro, e esse treme da própria sombra.

— Devia avisá-lo da entrada do macaco...

— É verdade: mas o patife capacitou-o de que era um sobresalto jocoso... Falou de certa aposta de vossa reverendíssima...

— Minha!... Protesto-lhe, querido abade...

— Não diga nada. Sei que é incapaz de obscenidades semelhantes. Senhor Frei João, estou decidido a ir deitar-me aos pés

de el-rei e a pedir justiça contra a perseguição do selvagem Filipe da Gama... O que me aconselha?

— Fale primeiro ao comendador; explique-se com ele; e previna-o...

— Hoje mesmo. Sabe que tem depositada em casa a filha de D. Luís de Ataíde até casar com o conde de Aveiras?

— Assim ouvi.

— Diz-se que el-rei está pior...

— Até ontem não.

— Pois hoje fala-se!... Acha que devo contar tudo a Lourenço Teles, e pedir-lhe que me indemnize?

— A indemnização não tem direito; mas a queixar-se sim. Pode exigir que se obrigue Filipe a bem viver com vossa ilustríssima. Entendo que é de toda a equidade.

— É uma guerra de morte, meu amigo. O selvagem jurou desgraçar-me. Quer alguma coisa para a Rua das Arcas? Está bom, está salvo, digo-lhe eu!

— Quase. A minha verdadeira moléstia era o maldito licenciado. Agora vejo. Nunca me hei de esquecer, senhor abade... Que bulha é esta?

Um grande estrondo na casa da entrada atraía a atenção; depressa o explicou a voz de Filipe aos dois amigos.

— Toma para teu ensino! Isto é para saberes o peso das bolachas do capitão Filipe.

De feito duas bofetadas estouravam ao mesmo tempo na cara do infeliz Tomé, que levava a simplicidade ou a velhacaria ao auge de despedir à porta o ilustre sobrinho de Lourenço Teles.

— Santo Breve da Marca! — gritou o domínico erguendo os braços. — Este homem arrasa tudo.

— Vossa reverendíssima não terá outra porta por onde eu saia? — perguntava o abade muito encolhido.

Neste ponto chegava Filipe de chapéu na cabeça e bengala ao ombro. Dando com os olhos no autor da biografia do libertador Viriato, o capitão atirou um pulo e soltou um grito seguido da seguinte exclamação civil:

— Até que te apanhei, carochinho! Um seu criado, senhor abade. Vamos ajustar as nossas contas e a pagar os trocos!

O abade recuava; o domínico agitava-se; e Tomé banhava a face em água fria. Um acaso feliz salvou o antiquário. Quando dava o primeiro passo para ele, ouvindo passos atrás de si, Filipe voltou-se e viu Diogo de Mendonça Corte Real.

Era mais uma das ocasiões perdidas, de que entram dois terços na história dos grandes homens. Um momento depois o capitão desaparecia, e o abade tornava a achar a voz.

XXVI

IR BUSCAR LÃ E VIR TOSQUIADO

Agora voltando atrás é preciso explicar a verdadeira causa da inflamação de garganta do padre-mestre. Demóstenes padeceu de rouquidão política, e curou-o milagrosamente o chasco de um rival. Sua reverendíssima vendo-se cortado nas evoluções forenses, deixou arder as fauces de raiva extravasada. Em resumo, a sua moléstia foram diabruras jesuíticas.

Seriam nove horas da manhã quando o senhor Frei João dos Remédios pediu a capa e o chapéu ao piedoso Tomé, que lhos entregou mastigando uma oração ao anjo-custódio. O milagreiro comungava com Deus, o frade impava de latim e de textos romanos, e apesar dos reveses ainda acreditava na boa estrela. Vaidade das vaidades! Deitando o pé fora da cela, o Pegas tonsurado sentia ímpetos de aterrar a sombra eloquente do próprio Cícero!

Isto passava-se um dia antes do solene depósito régio de D. Catarina de Ataíde em casa de Lourenço Teles. Na véspera tinha tido lugar a confissão desaforada do honrado Tomé; à noite o padre Ventura tomara posse da benevolência de el-rei; finalmente a ordem de sua majestade a Diogo de Mendonça entregava-lhe a chave de condão, que devia abrir os misteriosos arcanos do secretário das mercês. Bastou um grão de areia para desmontar

a inconstante roda da fortuna. Um chocalheiro (era o vício do Sr. Tomé, estamos autorizados a dizê-lo!) passando por Santo Antão, tinha derrotado planos amadurecidos em longas meditações... Mas não antecipemos.

Compondo no ombro a vistosa capa, e armando-se de zelo para resistir ao frio, o padre-mestre desceu a escada, que se encaicolava da portaria até ao dormitório. A fé, a alacridade e a vantajosa opinião formada do seu mérito davam-lhe asas. Recebendo a bênção, o leigo admirou-se das cores sadias daquele apostólico semblante; o sorriso abria-se entre as roscas daquela rubicunda boca como nos dias venturosos. O barretinho na coroa da cabeça descansava em paz. Os olhos não dormentes, mas ativos, batalhavam com o sol, fitando-o com viveza. Enfim o corpo firme e direito parecia remoçado. Que prodígios fazem a esperança!

De São Domingos à Calçetaria não era longe, mas a Providência no caminho mais curto sabe repetir os avisos. Ao descer o último degrau para a portaria, a fivela anticanónica do sapato estalou-lhe no peito do pé. Entrando no Rossio em jejum natural um torto pediu-lhe esmola. Ao virar para a Rua Nova dos Ferros, o chapéu achatado de um jesuíta, passando pelo seu, eclipsou-o e ainda riscou a garrida aba do domínico! Estes presságios não lhe descoraram o ânimo. O primeiro desprezou-o como filósofo; o segundo esconjurou-o como cristão, e o terceiro detestou-o como frade. Amiudou somente o passo, e apertando mais a capa, disse como César: «Vai aqui Frei João e a glória do seu convento!»

Naquele tempo era a Rua da Calçetaria uma rua aristocrática e sacerdotal. Aristocrática, porque no chão privilegiado assentavam em parte os paços da Ribeira; sacerdotal, porque se elevava em uma das suas frentes a casa da congregação, aonde se fundou depois o colégio dos senhores principais da Patriarcal, quando a piedade de D. João V ornou das púrpuras cardinalícias a antiga igreja ulissiponense. Entre o palácio da congregação, aonde a rua se alargava, e os paços da Ribeira, estavam as casas de Diogo de Mendonça Corte Real, altas de três andares, levantadas em pedraria, e tendo toda a vista para a rua principal. Um passadiço

interior fazia a comunicação com a residência régia; um pátio escuro dava-lhe entrada particular para o palácio da congregação. Estas casas eram da coroa, e o secretário das mercês, estando o monarca em Lisboa, podia dizer-se que tinha sempre os pés no paço. O digno jurisconsulto provavelmente não escolhera por acaso uma posição tão estratégica.

Ao portão de volta baixa, mesmo dentro do arco, achava-se perfilado o velho escravo preto, que servia de cêrbero. Sentinela oficial, o negro desde o romper até ao pôr-do-sol encharcava-se na divina ambrósia, chamada cachaça pelos filhos dos tórridos sertões. Preto enciclopédico nas artes domésticas, tinha acompanhado a seu senhor desde a aula de primeiras letras até às enviaturas mais honrosas; e possuía a sua complacência. Podemos afirmar que o hábito de Cristo empalmado a Domingos Pires, se fosse dirigido ao Acates fusco, talvez excitasse menos epigramas da parte do ministro.

O certo é que o pai Milcíades (deram-lhe este nome heroico!) era um compêndio de virtudes negativas e de qualidades positivas. Mentia em tudo (menos a seu amo) com um denodo irrepreensível. Manejava o ferro de frisar e a borla dos pós como o barbeiro mais perito. Era uma pega no jeito de vazar da copa para as tendas quanto lhe caía debaixo dos dedos. Se a visita agradava em casa, Milcíades rasgando até às orelhas a boca de tubarão, dava-lhe as boas-vindas; se era impertinente, estendendo o beijo pendente, que parecia uma tromba, afugentava-a. Discreto, flexível e carregado de anos e de admoestações, tinha descido a um e um os degraus da fortuna até parar no desterro da guarda exterior do capitólio. Seria um negro perfeito sem a invencível propensão alcoólica, a qual no fim da tarde o deitava serenamente debaixo do banco, insensível como um rochedo. Seria um servo impagável sem a esquisita mania da transmutação dos garfos e colheres de prata em aguardente de cachaça. Omitidas estas fraquezas podia-se admirar nele um escravo exemplar.

Vendo endireitar para a entrada o passo esperto do nosso Frei João, Milcíades sacudiu com agrado a lâ crépida e quase branca

da venerável carapinha. Mostrou os dentes de marfim, e revirou o beijo elephantino em sinal de júbilo. Depois de lhe beijar a manga e de o bajular com as momices ébrias do seu afeto, entre gorjeios de riso pardo e precipitações de zelo, fez-lhe a honra de o preceder por um dédalo de escadas e de corredores até ao sancta sanctorum do secretário das mercês. Aí puxou o cordel da campainha, levantou depois a tranqueta da porta, e com benévola violência introduziu o frade na sala de espera.

Este, se acreditasse em agoiros, devia perder todas as ilusões nesta fatal manhã, digna, como depois disse, de ser memorada em negra lápide. Diogo de Mendonça não se achava na sala, quadri-longo sombrio, forrado de couro vermelho com labores de oiro. Dois tremós de espelho esguio e painel bucólico por cima, postos um defronte doutro, sustinham diversos monstros de barro japonês, cuja horrenda fealdade só podia competir com a grosseria do oleiro e a barbaridade da pintura. Desta casa, onde jazia quase despido da opulência antiga um canapé, em tempos felizes coberto de veludo roxo, é que se passava à livraria; e dela é que um escuro e longo corredor abria passagem para o paço da Ribeira, desembocando mesmo diante da porta dos primeiros quartos de Roque Monteiro Paim, alojado, como o seu émulo, a expensas régias.

A livraria era extensa, alta de tetos contra o costume, e mais ostentosa do que elegante. Toda em roda estava vestida de estantes. Uma grega arrendada em talha circundava cada corpo, rodeando os lados e o fundo, e ornando-se de espaço a espaço de grandes pinhas de flores, obra de primorosa escultura. Adiante, uma espécie de frontão entrelaçado de folhas caprichosas, oferecia em relevo a figura quase lacrimosa de uma das nove musas. De cada parte do frontão dois grupos de anjos, assoprados de faces e roliços de membros, recordavam aqueles papudos querubins, que apareciam como acessório obrigado no cimo dos respeitáveis armários holandeses.

Os obesos serafins das estantes batiam as asas para o teto, aonde em molduras separadas por filetes doirados um pincel

boçal tentara a Deus, copiando diferentes cenas mitológicas. No meio deste pandemónio, em que o desenho e as cores brigavam em dissonância, a Vénus Cípria dentro de uma glória de açafão rematava o opróbrio do paganismo. O rosto da mãe dos amores, assanhado em carmim, parecia a face descomposta de uma bacante, e dos lábios em que Marte furtava um ósculo proibido, saía a argola denegrada de um candelabro pelo menos tão antigo como o inventor das lâmpadas. Quem quer que tinha mobilado a casa, e delineado os ornatos era decerto mutilado do sexto sentido intelectual, que Topfer exige absolutamente para se não confundir o rocim com a sereia.

Frei João sabia a casa de cor. As estantes da curiosa livraria eram tão suas conhecidas como do próprio secretário das mercês. Passando pelo imenso bufete e pela poltrona abacial do ministro, nem sequer deitou os olhos para a grande tela, que representava a adoração dos Santos Magos. Ouvia falar no quarto imediato, e ardia em desejos de aparecer... Se pudesse adivinhar, como seria pronto em sumir na manga a mão, que tenteava já a argola da porta, apenas cerrada sobre o fecho!

Uma das vozes tinha a inflexão vibrante e agradável de Diogo de Mendonça; a outra pareceu-lhe desconhecida. Frei João cisimou sobre quem poderia ser, mas não lhe ocorreu. Avançando e retirando a mão, pondo o pé adiante e tornando a recuar, hesitou alguns instantes se usaria dos foros de amigo velho, interrompendo repentinamente um colóquio, cuja importância ignorava. Deliberou-se por fim; bateu de rijo com os nós dos dedos; tossiu, raspou os pés, e ao grito de: «entre quem é» do secretário das mercês, introduziu-se no aposento íntimo, no verdadeiro Tibur de Diogo de Mendonça.

— *Me, me, adsum!*... — Estacou engasgado. Horror! Escândalo! O sorriso que vinha à flor dos lábios, fazendo alas à citação, foi cuspidado em uma expetoração de ânsia. O verbo, a chave da frase clássica, foi engolido em uma convulsão nervosa. O procurador tinha entrado cedo, ou tarde de mais. Mesmo de frente da porta, na cadeira de braços mais fofa, com a chávena

de chocolate mais aromático adiante de si, quem havia de encontrar? Um dos da Companhia de Judas! Um dos novíssimos dos domínicos! Um jesuíta todo inteiro e completo desde a roupeta até à capa.

Estava Troia ocupada! E por cúmulo de desgraça via Eneias abraçado com Ulisses!

Diogo de Mendonça esperava tudo, menos a aparição do reverendíssimo. Vendo-o, sobressaltou-se, deu um pulo na poltrona, e partindo a presilha fez dos óculos duas lunetas. Ao mesmo tempo escapava-lhe por entre os dentes a seguinte exclamação:

— Maldito preto! Como hei de acomodar eu agora isto?

Foi eclipse parcial. Depressa chamou ao rosto o agrado da amizade, e pôs nos olhos mais de uma explicação maligna à presença do jesuíta... Sorriu para cada um dos padres com metade da boca, e o sorriso bifronte a nenhum deles disse a mesma coisa. Levantando-se mais desasado da parte esquerda do que era costume; dando ao pescoço maior queda sobre o ombro, sinal da paciente expectação do holocausto, esta vítima imaginária parecia acusar-se a Deus e aos homens, oferecendo o colo à espada do algoz. Quem teria ânimo de exalar a sua ira diante de tanta resignação?

O jesuíta era o padre Ventura. É escusado acrescentar, portanto, que dos três, sinceramente tranquilo e satisfeito só ele estava. Ninguém sabia melhor os fios do labirinto; e daí procedia o ar sereno com que sustentava o seu papel. A figura do domínico, de braços abertos e boca engelhada, não podia entristecer ninguém; e o visitador estudou-a por alguns momentos com bastante curiosidade, sem lhe escapar nenhuma das fases por que passava o espírito de Frei João. A hipocrisia de Diogo de Mendonça, apanhado em flagrante, e recordando o seu Plutarco na vida de Aníbal, divertia-o também pela habilidade do ator, e sobretudo pela perfeição da máscara humana, em que o ministro conseguira transformar o semblante.

A princípio, quase insensível, o padre procurador deixou-se guiar à cadeira costumada pelo seu velho amigo; deixou assestar diante de

si a salva dos biscoitos e a chávena do chocolate; e ouviu, quase sem as perceber, as melífluas perguntas do secretário sobre o estado da saúde vacilante. O seu espírito não estava com ele: peregrinava dentro do bolso, revendo as linhas garrafais do recurso a el-rei contra a Companhia de Jesus. Um demónio travesso, revoando-lhe em torno, e destilando na sua alma os venenos da adulação, insinuava a glória de se começar dali a luta, repetindo em presença de um roupeta, ignaro talvez (não conhecia o padre Ventura!) o papel fulminante, acerado pelo buril da sátira. Pouco a pouco esta ideia apoderando-se-lhe das faculdades, restituiu as cores sensuais às faces, a audácia crítica aos olhos, e o sorriso irónico à boca.

Erguendo a cabeça de repente, e atravessando com a vista provocadora o olhar humilde e cauto do visitador, intimou-lhe um duelo próximo. Respondendo, depois, concisa, mas amigavelmente a Diogo de Mendonça, deixou-o entender que era por infelicidade sua o juiz designado para decidir um pleito, cujo alcance a solenidade do arguente revelava que havia de ser imenso.

O chocolate era saboreado, entretanto, em tragos compassados, e o biscoito mastigado com a pausa do amator gastrónomo. Apesar desta ocupação interessante o domínico, mais sossegado, ia-se informando com instância da moléstia de D. Pedro II, dos chascos do infante D. Francisco ao confessor e ao conde de São João, e das contestações do príncipe com seu augusto pai. O ministro, em talas, jogava a maroma política aparando os botes do interrogatório impertinente. Por fora parecia doce de mel; mas por dentro sentia repelões de pingar os couros do ilustre Milcíades com lacre derretido, suplício china, de que o estimável Fernão Mendes Pinto, de curiosa memória, se lembra com muito horror.

O secretário das mercês, experiente por tato e por estudo no conhecimento dos homens, padecia, notando a ingenuidade quase boçal de que o padre Ventura tinha a bondade de revestir o rosto espirituoso; e lendo nos olhos baixos e compungidos de sua paternidade mais de uma risada interna à custa da paródia, em que ele Diogo de Mendonça se via obrigado a figurar. Este

quarto de hora pareceu-lhe um século; e daria até a sua tradução de Propércio, tentada com as ilusões da mocidade, por se ver a mil léguas do douto padre-mestre e do lince jesuítico, que por instinto achava mais perigoso do que todos os seus inimigos juntos. Frei João deu finalmente por concluído o almoço; e o ministro vendo-o recostar-se com bazófia no espaldar da cadeira, a expetorar com força duas ou três vezes, sentiu o calafrio nervoso do caçador noviço, que desfecha pela primeira vez a espingarda, e treme com os olhos ouvindo bater o cão na caçoleta. Efetivamente a fisionomia do procurador estava uma epopeia.

Entufado nos hábitos, crescendo com a ideia da próxima derrota dos émulos, mimoseava o jesuíta, que de propósito se fazia pequeno, com um olhar mortífero, em que unia o sentimento da superioridade olímpica ao desdém homérico, à comiseração, e à caridade até. Era tal a persuasão de que o golpe seria mortal, que chegou a entrar em escrúpulo sobre o dever de prevenir qualquer desgraça, tecendo um prólogo, a fim de melhor preparar a vítima. A sua boa estrela poupou-lhe este ridículo.

Diogo de Mendonça, que pela expressão do rosto adivinhava os segredos do seu amigo, e que o estimava sinceramente, teve medo do exórdio mudo, e dava-se a tratos para descobrir algum ardil, que pusesse fora de combate o discurso, ou o quer que era, ruminado por Frei João nas suas vinganças fradescas. Um pressentimento vago advertia-o de que o jesuíta (como ele) não se fazia humilde, senão porque era grande; e por isso previa que a cena acabaria por um lance, ao qual entre todos os atores só o padre Ventura conhecia a força e a importância.

Infelizmente, Frei João andou mais ligeiro do que o ardil do ministro, e a tosse preparatória dos grandes rasgos oratórios do domínico anunciou o começo da batalha. Suspirando e compungindo-se, convertendo o rosto em uma interjeição dolorosa, Diogo de Mendonça derrubou as sobranceiras, e com a unha do indicador entregou-se à autópsia de uma verruga parasita, situada abaixo da cana do nariz, aquilino e pronunciado como o nariz heroico de Cipião, ou de Marcelo.

— Senhor Diogo de Mendonça — dizia o procurador com solenidade — hoje não é Frei João dos Remédios, familiar desta casa, e criado antigo dela, quem visita um amigo sábio e benevolente: é o procurador de São Domingos, ordem ilustre e venerável, que vem requerer audiência do secretário das mercês de el-rei nosso senhor, porque precisa dizer de sua justiça!

Ouvindo o prólogo campanudo, o padre Ventura não pôde conter um ar de mofa. O ministro apanhou o sorriso, e deu à cabeça a oscilação que era um jeito seu, quando se dispunha para representar. Antes de responder enterrou-se mais na cadeira, e seguindo por baixo das pestanas os imperceptíveis movimentos do jesuíta, procurou formar o seu juízo e calcular a sua tática. O visitador, apercebendo as evoluções, tinha-se tornado a estátua da atenção.

— Dás licença, Frei João! — exclamou o secretário com seriedade mímica, cortejo obrigado de suas facécias. — Pelo que vejo pões aqui o areópago, e nada autoriza tanto a presidência do arconte, como um bom par de óculos... Agora faz favor, continua a dizer de tua justiça.

O padre Ventura riu-se com gosto e claramente do episódio dos óculos, sustentado pelo ministro com imperturbável e majestosa dignidade; porém o procurador por isso mesmo carregou-se de mais três atmosferas de solenidade.

— O negócio de que venho tratar — disse enfadado — é muito sério; e espero que vossa senhoria...

— Vai dormir, mais as senhorias! Perdoa o equívoco, Frei João! Sempre tens coisas!...

— Peço justiça, repito! — insistiu o domínico exacerbado. — Requeiro atenção.

— Pois fale vossa reverendíssima! Mas observe-lhe, que a justiça que faz chorar é mais pesada, que a que pode levar-se a rir. Passemos à tragédia.

— Exporei o caso *simpliciter* — continuou Frei João, assoando-se estrepitosamente e cheirando uma pitada.

— Sou todo ouvidos — replicou o secretário, fazendo uma visagem de resignação.

— A Ordem dos Pregadores tinha alugado os seus arcos no Rossio...

— Ah, Frei João! Compadece-te do teu infeliz amigo. Esses malditos arcos é a centésima vez que mos metes na cabeça às marteladas... Eternos arcos, santo nome de Deus!

— Falo como sei. Começo pelo princípio...

— Oxalá! Dás licença? Antes foras tu bernardo, perdoa o desejo. Esses dão ovas frescas aos hóspedes, e desculpam-se dizendo que não houve peixe. Até queria um que o marisco se julgasse fruta por ser de casca. Mas ao menos não nos moem...

— Posso continuar? — exclamou o procurador irritado e fustigando-o com a vista.

— Fala; mas dos arcos para baixo. Tem caridade, Frei João!

— O senhor padre, é da Companhia de Jesus, se me não engano? — perguntou o domínico com um sorriso agressivo.

— Para servir a vossa reverendíssima! — respondeu o visitador com o maior acatamento.

— Então deseja saber o negócio desde a *causa litis*? É natural.

— Deixa a causa, homem, e trata dos efeitos! Seriamente tenho muito que fazer...

— Sinto a impaciência de vossa senhoria! — acudiu o frade engomando a voz e empapando as faces. — Mas espero que apesar disso me conceda o *jus dicendi*, a voz de justiça, que é de direito para todos os vassalos de el-rei nosso senhor... Sua paternidade pertence à Companhia e como tal é parte e tem direito a ser informado...

— Eu por mim, com todo o gosto; desejo só que vossa reverendíssima se não enfade — disse o padre Ventura muito açucarado.

— Ah, serpente!... — rosnava o secretário. — Agora, Frei João, levanta mais seis arcos!

— Não me enfada nada — redarguia este. — Conhece decerto uma demanda entre o convento de São Domingos e os adelos do Rossio?...

— Tenho ideias vagas! Agora o que não sei dizer é quem venceu... Havia de ser por força o convento?!

— Hum! — tossiu o frade corando de paixão. — Eu lhe conto a história, e lembrar-se-á. A Ordem dos Pregadores foi metida debaixo dos pés, foi condenada em provisão do desembargo do paço! Isto hoje é a pedra de escândalo da cidade; só admiro...

— Como é coisa obscura e pânica não dei atenção, não se admire vossa reverendíssima. O processo continua? Não supunha!

Se a vista pudesse devorar, os olhos do domínico seriam os do minotauro contra o jesuíta. Tremiam-lhe os beiços de cólera, e foi necessária a confiança que tinha no seu papel, para não manchar a polémica com impropérios. Diogo de Mendonça agitava-se e pedia misericórdia ao frade com trejeitos sentimentais. O visitador, na contrição da falsa inocência, parecia assombrado do efeito da sua venenosa ignorância.

— Pois não quer que eu admire a estupenda falta de memória de vossa paternidade? — gritou o procurador, acionando com ímpeto. — A Ordem dos Pregadores está enxovalhada; e em São Roque, naquele deserto, vive-se tão fora do mundo, que nada soa? É miraculoso! Asseguro-lho! O caso há de ser falado, porém hei de torná-lo memorável! O meu nome é Frei João dos Remédios, e graças a Deus ainda posso com esta demanda... mesmo tendo a balança da justiça em um dos pratos a Judas e à sua companhia. Vossa paternidade se me conhecesse...

— De nome tenho essa honra há muito tempo: louvo a Deus por me dar o gosto de admirar de perto a vossa reverendíssima.

A civilidade do jesuíta era tão correta na acentuação e no gesto; e o seu ar de ingenuidade tão expansivo, que Frei João atribuiu a resposta capciosa a uma grande simplicidade de espírito. Teve até a crueldade de se regozijar de poder escarnecer a sociedade de Jesus na pessoa de um irmão idiota. O secretário das mercês, que não fazia recursos, é que descorou fulminado com a perícia do mestre.

— Muito obrigado a vossa paternidade! — replicou o domínico uma oitava acima com jactância. — São louvores que não mereço. O que lhe prometo, e espero em meu padre São Domingos, é que um dia cedo saibam mais em São Roque do

negócio *obscurus*... *pânico!* como teve a bondade de lhe chamar. Digo-lhe que há três semanas não descanso.

— É natural — observou o jesuíta cheio de doçura.

— Natural? — exclamou Frei João recrudescendo. — Acha natural? Não dormir, nem sossegar? Em São Roque usam da receita?...

— Estou em Santo Antão; mas posso perguntar.

— Obrigado! São Roque, ou Santo Antão, tudo é igual. Dois gémeos...

— Ao negócio, Frei João! Sai da malfadada feira do Rossio — acudiu o secretário, oferecendo a mediação faceta.

— Bem! Iremos à razão final, *ultima ratio*, como dizem os juriconsultos... A demanda foi revista contra nós. O desembargo do paço condenou a Igreja e deu a palma aos vendilhões. Iniquidade, sub-repção, heresia! *Quid inde?* O que resta? As leis oferecem um meio de reformar a sentença e de obter o provimento...

— Há meia hora nos agravas tu! Ah! Frei João, porque não começaste logo pelo meio? Não sabias que a virtude consiste nele? — observou o ministro cruzando a perna, e sorrindo-se do espanto com que o seu amigo devorava a afronta da interrupção jocosa.

— Julguei que estávamos tratando sério. O caso é grave, gravíssimo, e sinto que vossa senhoria lhe ache tanto sal...

— Eu? Pobre de mim! Tenho a boca insípida desde que me fugiste para os arcos...

— São arcos de mais, Sr. Diogo de Mendonça! — gritou o frade encolerizado.

— Outro tanto digo eu. Vamos para a planície.

Frei João encolheu os ombros. Conhecia o secretário das mercês, e entendeu que era inútil quanto lhe dissesse para o obrigar a ficar sério, visto teimar em levar o caso a rir.

— Como ia dizendo — prosseguiu o frade — as leis concedem um meio ao agravado. É a queixa imediata ao príncipe, árbitro supremo, pai e tutor dos seus vassallos. É recorrer-se diretamente a el-rei, provando o dolo e malícia de terceiro, prepotente no ânimo dos juizes... Eis o objeto do papel que lancei em nome da

justiça e da moralidade, em defesa da religião e da pátria, e para confusão e castigo dos hipócritas, maniqueus, e conspiradores... Aqui o domínico fez uma pausa para respirar, e ao mesmo tempo para ler o terror no semblante da vítima. O jesuíta, longe disso, batia pacificamente com a cabeça o compasso das frases do reverendíssimo, e parecia encantado da opulência dos seus períodos. Frei João irritou-se de tanta simplicidade. Engrossando a voz, e subindo pelo assento da cadeira, continuou:

— Acuso no meu recurso a Companhia de Jesus por ter induzido a má-fé dos agravados, e enegrecido as virtudes dos agravantes. Provo-lhe que entregue à cobiça e à soberba, por vias criminosas atenta contra a majestade de el-rei, e na sua *terribilidade* põe em perigo a santa religião, maquina a queda do tribunal do Santo Ofício, e vende a pátria aos Judeus e aos Franceses... O que diz a isto vossa paternidade?...

— O que disse um padre-nosso vendo o risco de um convento muito rico para uma ordem muito pobre: bela obra se não fosse de papel!

O procurador indignado sentiu ímpetos de estafar o adversário com uma verrina tirada dos amplos pulmões segundo todas as regras. A comparação do seu recurso a um plano louco de arquitetura feria-o no mais sensível amor-próprio. Entretanto conteve-se, e chegou a compadecer-se do visitador, persuadido de que tudo era boçal e desorientado nele.

— Sossegue vossa paternidade — exclamou com ironia — esta obra não é tão leve como julga! Cada um dos meus artigos acusatórios está sustentado em uma dissertação de vinte parágrafos, como verá da sua leitura. Estas bases não voam, apesar de serem de papel. É um recurso que segundo espero dará brado, sem orgulho o digo: e este, asseguro-lhe que não teve chocalheiro... O senhor secretário das mercês há de pô-lo desde logo, de ofício, aos pés de el-rei, e por isso vossa paternidade será o primeiro que leve a notícia a São Roque.

— Se for do gosto de vossa reverendíssima — observou o padre Ventura principiando a sorrir de modo que devia fazer cismar o

dominicano. Diogo de Mendonça já tinha formado o seu juízo, e aguardava calado o desenlace.

— Não violento consciências! — acudiu Frei João, tirando o bacamarte jurídico com que ia fuzilar a Companhia. — Levo a generosidade ao ponto de prevenir a vossa paternidade de que poderá ouvir amargas verdades. Talvez fosse melhor...

— Ler eu o papel de vossa reverendíssima? — atalhou o jesuíta cheio de candura. — É mais seguro para a memória; entretanto a grande atenção faz o mesmo efeito.

O domínico vacilou em presença deste sangue-frio incalculável; e se não fosse a persuasão de que o padre era imbecil, desde logo fugia pela porta fora. Assim, apenas destacou do seu recurso um olhar clemente e compassivo; depois estrangulou o pigarro na garganta, aclarou a voz e recolheu-se para dar começo à sua leitura. Absorvido nestes prelúdios perdeu de vista o jesuíta, preparando-se para saborear o seu terror, quando chegasse aos *malhões*, como chamava a alguns períodos da filípica forense, cunhados com eloquência mais feroz. Diogo de Mendonça, que vigiava disfarçadamente o padre Ventura, e principiava a percebê-lo, viu-o tirar outro papel de igual volume, e assumir a posição atenta de quem vai conferir a cópia com o original.

Frei João, entretanto, com majestade, com ênfase, com movimentos teatrais, leu as primeiras páginas sem levantar os olhos. Principiava o retrato da Companhia, e afinando a voz subia com a antífona, quando uma interrupção quase tímida do jesuíta atirou com o seu espírito das nuvens ao profundo abismo da mais completa *mistificação*. Sua paternidade muito sereno, todo risonho, e como se estivesse revendo um tema nas aulas, perguntava-lhe:

— O senhor padre-mestre dá licença? A páginas treze, no segundo parágrafo, artigo terceiro, ouvi-lhe ler assim: «E será também provada outra maior *terribilidade* no progresso de seus planos para a monarquia universal, com exemplos e notícias *das duas Índias...*». Foi decerto precipitação da leitura, porque o seu papel há de dizer — *e notícias das Índias e América*. A minha cópia está fiel.

É impossível descrever o que seguiu. O procurador baqueava da imaginária superioridade. O seu papel, o segredo, a salvação do convento aparecia de repente nas mãos dos inimigos, e dava-lhes tanto cuidado, que se divertiam em o conferir com o próprio autor! O seu orgulho tinha servido de espetáculo aos jesuítas, e pintado por eles ia ser a fábula, o recreio da corte maliciosa! Com os olhos nebulosos, a boca pasmada, e as faces apopléticas, Frei João pôs-se de pé, largou o papel no chão, e quis ir direito à janela com tentações de sair por ela. Os miolos deram-lhe uma volta na cabeça, confessou depois; os ouvidos cantavam; tudo o que via era verde, ou encarnado.

— O meu recurso! Tem uma cópia do meu recurso?!... — bramiu em um trémulo de voz medonho.

— Desde ontem pela manhã! — respondia o jesuíta, plácido e reverente, levantando o original, e dando a sua cópia ao dominico. — E também me tinham dito que vossa reverendíssima vinha hoje aqui, por isso cheguei primeiro.

Por entre o arco-íris, que o frade tinha já na vista, assim mesmo leu, soletrou, ou verificou a cópia fiel da «*Queixa immediata ao príncipe*» e uma nota fatal, que lhe explicou a tranquilidade do algoz. — «A contrariedade será entregue a el-rei às oito horas da manhã pelo padre Sebastião de Magalhães». — Ainda teve força de se afirmar e viu na longa margem do papel a minuta de uma contestação que opunha artigo a artigo, parágrafo a parágrafo. Assim, enquanto ele na Calçetaria dava conhecimento do recurso ao secretário das mercês, o confessor de el-rei no paço apresentava à mesma hora a sua contrariedade! Quem lhe roubara esta última arma, fechada tantos dias no mais inviolável segredo?

O papel tornou a escapar-lhe das mãos, e as lágrimas reben-taram-lhe dos olhos. O peso da desgraça aniquilou-lhe o ânimo, e quase perdeu os sentidos, caindo na cadeira.

— Vossa paternidade matou-me o frade! — gritava Diogo de Mendonça, que rira a princípio da comédia, mas que já a ia achando séria.

— Eu? Ignoro como! Errou, emendei-o. Que menos podia fazer?

— Talvez; mas com as suas doçuras meteu-lhe no corpo uma apoplexia. O pobre homem não escapa dela. Foi uma crueldade, senhor padre Ventura! Deixá-lo enganado até ao fim?

— Se ele não queria desenganar-se! Então nós em lhe ouvir ler o seu papel é que ficávamos consolados? Umás poucas de vezes o avisámos, teimou; será nossa a culpa? Queria que ele fresse, e não lhe aparássemos ao menos os bicos à pena?...

— Vossa paternidade pode ter mil razões, mas é o meu parceiro de jogo, o censor do meu Propércio, o capelão da minha missa!... Foi muito pesada, senhores padres da Companhia!

— Sossegue; aquilo passa... é sangue que subiu à cabeça.

— Água, água! — exclamou o ministro. — Ah, Frei João! Eu bem disse que davas grande queda daqueles arcos!

O padre-mestre não era dos espíritos, que os desastres retemperam e confirmam: pelo contrário, era dos ânimos fáceis, que o triunfo exalta e a derrota humilha. O choque repentino quebrou-lhe o orgulho, e prostrando a vaidosa esperança que o entretenha, deixou-o paralisado pelo infortúnio. Estava inteiramente vencido. Os jesuítas iam tornar-se para ele um objeto de terror, depois de terem sido por muito tempo o pasto dos seus ódios.

Enquanto o secretário pedia água e o lamentava, ia-se ele recuperando da vertigem, e meditando no modo de sair com menos pejo do laço, em que o tinham apanhado. De repente, decidiu-se por uma resolução franca e decorosa. Levantou-se, apertou a mão a Diogo de Mendonça, e dirigindo-se ao padre Ventura com dignidade triste, disse-lhe:

— Há tempo que eu desconfiava disto! A mão oculta que regia a Companhia de Jesus era a sua. Agora experimentei!... Ganhou vossa paternidade. O modo não sei: excede a minha compreensão; é de esperar que fosse cristão e católico...

O jesuíta sorriu-se, e Diogo de Mendonça igualmente.

— Acho-me em perfeito juízo! — prosseguiu, observando o sorriso. — Mas se tivessem ditado um papel, fechados com um

escrevente idiota, sem ninguém mais saber, e lhes sucedesse o que me acontece a mim, o que diriam? Se há mágicos e feiticeiros por força um deles operou este prodígio...

— Creia mais em si, senhor Frei João! — acudiu o jesuíta. — Os meios foram humanos, mas era-lhe impossível preveni-los. Fez o que estava da sua parte...

— Estou resignado!... — replicou o frade abaixando a cabeça. — Confiei de mais em mim, e sou castigado. É uma advertência cruel, mas salutar.

— Senhor Frei João, agora que nos conhecemos de perto, e que sabemos que um não deseja oprimir o outro, porque não há de haver paz entre São Domingos e São Roque? Ninguém lucra com a discórdia. Vossas reverendíssimas porque perdem sem glória; nós porque nos cansamos sem proveito. Acabemos isto.

— E o Santo Officio? — acudia o procurador vivamente, erguendo a cabeça.

— Se estiver bem connosco, julga que nos poremos mal com ele? Defenda a fé; não desejamos outra coisa. A Companhia é católica apostólica romana...

— Bem! E a provisão do desembargo?

— Ah, Frei João dos meus pecados! Aí tornam os malditos arcos; não te passam da garganta! — exclamou rindo Diogo de Mendonça.

— Dava os arcos se me tirassem a vergonha.

— Veremos! Talvez o remédio seja fácil — disse o jesuíta.

— Os remédios de vossa paternidade — acudiu sorrindo o pobre Frei João — são tão fortes!... Tenho medo que algum me levante agora de mais os arcos, que o outro ia arrasando.

— Então queria que a nossa vida se fosse nisto? Vossa reverendíssima a atirar-nos ao coração, e nós a fugir dos tiros? Pareceu melhor procurar por lá quem roubasse as balas...

— Fogo de pólvora seca! — acudiu Diogo de Mendonça a rir e a esfregar as mãos.

— Senão aonde estaria a Companhia? — replicou o jesuíta.

— Poderei saber o nome do meu denunciante? — disse o frade com um peso de ódio imenso na voz e na fisionomia.

— Que é isso, Tomé das Chagas, o que faz aí? — exclamava o ministro ao mesmo tempo, apercebendo coladas à porta entrecerrada as longas orelhas do devoto.

— Estava em baixo, pediu-se água, e mandaram-me com ela. É coisa de cuidado? Nosso Senhor seja connosco!

— Nada, passou. Leve a água. Tome sentido. Domingo temos visitas à missa. Quero o oratório e a sacristia como um palmito, percebe?

— Senhor Frei João — respondia entretanto o padre Ventura — deixemos o pecador, que ele se entregará. Asseguro-lhe que não torna a tê-lo à sua ilharga... se formos amigos. Esta meia hora aqui não há de ser perdida. Os antigos, que eram muito doutos, como sabe, disseram por isso que os dois reis inimigos deviam conversar um dia antes de se declarar a guerra.

— Decerto! Mas o pior de tudo é que eu não percebo. Sei só que levei uma lição.

— Assim é bom, Frei João!... — atalhou o secretário. — Vai descansado; não há de transpirar nada.

— Nem deve! — acudiu o visitador.

— Quanto aos malditos arcos... — continuou Diogo de Mendonça.

— É negócio concluído. O hospital levanta a renda, obrigou-me eu — disse o jesuíta. — Os adelos estão quatro palmos fora do alinhamento; e o senado obriga-os a recolher; está pronto a fazê-lo. Ora recolhidos os lugares, os adelos entram por força para dentro, e aí estão na propriedade do convento...

— E pagam irremissivelmente! — gritou Frei João.

— Assim parece. Então o que diz?

— Acho excelente! E no meio dos meus planos passar-me este, de todos o mais simples!...

— As coisas símplices nem sempre ocorrem. Depois faltava convencer o senado e o hospital, e não é fácil!

— Frei João, estás a tremer de frio, estás pálido, não abuses — observou o secretário das mercês. — Eu mando pôr a sege, e vai

para o teu convento. Olha que domingo é o jantar de Lourenço Teles, e ele morre se nós faltamos.

— Adeus! — disse o domínico, que tinha a consciência do triste papel, e mostrava repugnância em deixar os dois aos piparotes na sombra. — Sinto-me constipado e com dores de garganta... Senhor padre Ventura, a lição foi um pouco pesada, e peço tempo para convalescer...

— Mas o dito, dito?

— Decerto. Espero que não julgue de mim por esta infeliz campanha...

— Os bons generais nem sempre as ganham...

— Mas fica-lhes a honra da retirada! Eu perdi tudo, armas e carretas.

— Acredite: digo-lhe que venceu mais do que podia esperar.

— Talvez! — respondeu já fora da porta o frade com certa jovialidade. — Mas Deus me livre de vitórias semelhantes.

Os dois riram de boa vontade. Daí a pouco ouviu-se rodar a sege. O visitador, chegando à janela, olhou por ela, e Diogo de Mendonça imitou-o. Daí voltaram-se um para o outro muito sérios, repetindo ao mesmo tempo:

— Estou às suas ordens!

Queria dizer isto que o intermédio cómico tinha acabado, e que o verdadeiro drama ia começar. Vejamos como foi.

XXVII

A PAZ, OU A GUERRA?

Tinham apenas tornado a assentar-se, depois da saída do domínico, quando o jesuíta, voltando-se para o secretário das mercês, lhe disse:

— Sabe que estimo muito mais o nosso padre-mestre, depois do encontro aqui?! Senhor Diogo de Mendonça, percebo agora porque gosta de jogar com ele. É bom parceiro. Ninguém era capaz de se levantar tão depressa de uma queda. Faça-se-lhe justiça!

— É bom frade, e muito honrado — atalhou o ministro, fugindo à alusão.

— E grande sábio, segundo mostram os seus papéis. Deu-nos que fazer. Muito bem! Com ele está concluído; faltamos nós. Quer que seja hoje o dia da paz universal?

— Pois acha-me cara de inimigo, senhor padre Ventura? Eu, tão devoto da Companhia e terceiro da Senhora da Cadeia! Esperava mais justiça.

— Não o acusei! Desejando a paz universal, creio que desejo uma coisa santa. Se a quer, como eu, estamos de acordo, não há necessidade de justificação.

Houve alguns momentos de pausa, enquanto ambos recolhiam as forças, dispondo-se para o conflito. Nenhum deles ignorava, que a luta era com um gigante.

Se o olhar pudesse romper segredos bem guardados, a vista penetrante que trocaram ambos descobriria os pensamentos mais recônditos; mas eram fisionomias costumadas a não trair o que sentiam, quando o queriam ocultar. Estavam certos de que era esta a maior partida da sua vida, e que tinham achado parceiro que sabia o jogo, e que não mostrava as cartas.

No jesuíta, o único sinal de apreensão, era uma luz mais intensa na vista, e a ruga frontal mais funda entre os sobrolhos. Conhecia-se que o espírito se exercitava, que a memória se acentrava, e que a razão, lúcida e poderosa, escolhia no tesouro da experiência e do saber as mais finas e provadas armas.

Prevendo a força do assalto, Diogo de Mendonça preparava-se para manter a defensiva com a serenidade quase opaca do sorriso, e a igualdade calculada da expressão, decidido a aproveitar-se do menor descuido.

Esta pausa duraria alguns instantes. O secretário das mercês, tornando a cruzar a vista com o jesuíta, pasmou do poder que ele exercia sobre si. O semblante parecia inalterável: na espaçosa fronte não havia nuvens; e os olhos brilhavam sem uma sombra que lhes ofuscasse a tranquilidade. Se o ouvido lhe escutasse as pulsações do coração não o sentiria bater mais forte do que antes, quando brincava, sorrindo-se com o orgulho irritável do padre-mestre. Era como se não houvesse nem sangue, nem nervos naquela privilegiada organização, em que tudo obedecia à vontade, e unicamente dominavam a inteligência e o espírito!

O padre Ventura também consultava o rosto de Diogo de Mendonça, e ia animando o seu de um ar de riso, mais perigoso do que a ira. Principiando a falar, a voz desafetada e natural parecia sustentar uma conversação indiferente. Ninguém diria que estes dois homens jogavam os maiores interesses da ambição e da monarquia, porque o instituto ainda valia mais ainda aos olhos do jesuíta, do que a coroa aos do ministro.

— Pelo que noto — disse o padre, dirigindo-se ao interlocutor com a maior candura — queremos ambos a mesma coisa; vossa senhoria porque é político e sabe que a paz sempre fez

milagres; eu, (a todos os respeitos humilde) porque tenho fé no cumprimento das sagradas promessas. Quando Jesus Cristo veio ao mundo, os anjos cantaram «Glória a Deus nas alturas e aos homens paz na Terra!» Bem meditado, o Evangelho pouco mais diz; é verdade que dizendo isto, disse tudo... Queira desculpar! Parece que ia fazendo um dos meus sermões de missão... Pus-me a ensinar a lei ao mestre.

— Discípulo obscuro de vossa paternidade! Faz-me grande obséquio! Também entendo assim a religião, e prezo-me de a praticar, quanto o permitem as infinitas imperfeições de um pecador...

— Sempre fiz esse conceito de vossa senhoria. Um sábio e um católico zeloso não podia falar de outra maneira...

Diogo de Mendonça ficou inalterável; nem um só gesto ou movimento lhe escapou. Agradecendo com uma profunda cortesia, respondeu com a malícia dos olhos: «Percebo a tática; mas sou de bronze!»

O padre Ventura olhava para ele, e sorria-se muito; e o seu sorriso perturbava o secretário das mercês. Por fim iluminando o rosto de toda a sagacidade do seu espírito, o jesuíta exclamou:

— Estamos sendo injustos, não lhe parece? Há meia hora que a desconfiança nos tolhe, e com medo de nos desentendermos, foge-nos o tempo, que é precioso. Dez minutos, cinco, sobejam para uma explicação clara. Senhor Diogo de Mendonça, suponha que somos dois embaixadores, ajustando uma aliança, conhecendo a força e a fraqueza um do outro, e percebendo que devem auxiliar-se para não cair. Quer que falemos pondo a máscara em cima da mesa? Deixe as finuras aos principiantes; homens da nossa experiência riem-se delas. Cartas na mão! Verdade e lisura!

— A proposta é séria? — disse Diogo de Mendonça sem mover um músculo da face.

— Positiva! — respondeu o padre, estendendo a mão.

— Aceito! — concluiu o ministro, rindo e apertando os dedos do italiano entre os seus mais cheios e nervosos.

— Abaixo a máscara! — exclamou o visitador rindo. E fez o gesto de tirar a sua, passando a mão pelo rosto.

Diogo de Mendonça imitou-o, acrescentando:

— Agora que findou a comédia, dir-me-á vossa paternidade o segredo com que endoideceu o pobre Frei João, tirando-lhe cópia de papéis fechados à chave?

— Mais devagar, um instantinho, se dá licença! — replicou o jesuíta sempre jovial. — Antes de sabermos se é aliado, neutro, ou inimigo, não seria imprudência metê-lo dentro de casa, e mostrar-lhe os nossos arcanos? Há mais alguém no caso de Frei João, e mesmo em piores circunstâncias.

— Não eu, por certo! — acudiu o secretário sorrindo-se por fora, mas estremecendo interiormente com a lembrança da ciência, que admirava há tempos no padre confessor Sebastião de Magalhães.

— Não diga nada, Sr. Diogo de Mendonça. É o meu conselho.

— Pomos outra vez a máscara? — gritou o ministro um pouco sobre posse.

— Porquê? — acudiu o padre.

— Porque antes de a tirar estava menos às escuras.

— Não creia.

— Vejo. Dêmos só dois passos, e vossa paternidade retira de repente a mão, e deixa-me no labirinto! Faço a primeira pergunta, e põe o dedo na boca, sorrindo-se de um modo que me deixa crer...

— Que está menos forte do que julgava! Aí tem a utilidade de jogar com boas cartas. Se ainda tivesse a máscara, dizia-lhe que sim, ou talvez que não, e deixava-o precipitar...

Diogo de Mendonça mordeu-se interiormente. O parceiro já tinha duas vazas, e ele nenhuma. Entretanto continuou a conversação no mesmo tom.

— Muito bem! Ficaremos às escuras, já que vossa paternidade não quer luz...

— É por ora!... Depois tanta será ela que nos cegue.

— Mas enquanto esperamos — disse o secretário das mercês com ironia — ainda somos embaixadores para ajustar a aliança das duas potências? Se percebi, foi esta a proposta de vossa paternidade?

— Percebeu, e excelentemente, como sempre.

— Nesse caso devemos ter poderes bastantes, comecemos pelas credenciais. — Veremos como ele apara o bote! — murmurou o cortesão.

— Estou às suas ordens! — respondeu serenamente o jesuíta.
— Trago aqui as minhas.

Diogo de Mendonça levantou-se, foi a um contador da Índia embutido de ébano e madreperla, e tirou da gaveta um pergaminho com selos pendentes. Ao mesmo tempo o padre tirava do bolso da roupeta um papel dobrado. Ambos trocaram os diplomas de mão para mão.

— É a carta de nomeação do lugar de secretário das mercês, datada de 24 de março de 1704... Quatro meses a contar da sua volta de Espanha, em fins de dezembro de 1703! Muito bem! Acha as minhas também em regra?

— Certamente. É o selo e a divisa do geral da Companhia, autenticando a nomeação do padre Júlio Ventura na qualidade de visitador assistente nas províncias de Espanha e Portugal... Diga-me vossa paternidade, parece-lhe que não haverá omissão?

— Em quais?

— Em ambas, suponhamos.

— Hoje não: amanhã, Deus sabe! Pode haver de mais em uma, e de menos na outra.

— Como?

— O Sr. D. Pedro II...

— Está melhor! — exclamou o ministro apressadamente.

— Passou mal ontem, está hoje pior, e receio que nos dê desgosto grande por estes dias próximos — prosseguiu o padre Ventura sem atender às contorções negativas do secretário. — Ora, falecendo el-rei, a observação de vossa senhoria pode sair certa, achando-se de mais talvez o seu nome nessa carta, se o príncipe real não fizer tanto caso do seu serviço, como seu augusto pai.

Diogo de Mendonça, por mais esforços que empregasse para se conter, empalideceu visivelmente. O jesuíta sorria, continuando:

— Estão muito sujeitos a quedas os lugares altos. É a razão por que lhe dizia ainda agora que há força e fraqueza relativa em cada um de nós.

— Então a proposta final de vossa paternidade?...

— Quer sabê-la?

— Estou ansioso.

— Pois eu digo. Se nos entendermos, é fazê-lo primeiro-ministro do novo rei, o Sr. D. João V. Se quiser ser neutro, propor-lhe uma enviatura para Londres, ou para Itália. E se formos inimigos, ensinar-lhe a estrada do conde de Castelo Melhor, com uma volta pelas Pedras de Angoxe, ou por outro qualquer presidio.

— A viagem, sobretudo, pouco agradável me parece! — respondeu o secretário acerando o sorriso, e tornando os olhos duas setas na penetração. — Entretanto vossa paternidade creio que se esqueceu de uma coisa; e custa a conceber, porque o seu costume é lembrar-se de tudo...

— Talvez! Somos homens. Qual?... — observou o jesuíta gravemente.

— A dificuldade, não digo de propósito o impossível, de haver um meio elástico de elevar o mesmo homem a primeiro-ministro, ou de o desterrar no dia seguinte para a costa de África... O despacho era preciso ser el-rei.

— Ou saber persuadir el-rei!

— Seja! Mas o degredo era preciso provar um crime de lesa-majestade...

— Exatamente.

— Um crime capital, e sinto dar este desgosto a vossa paternidade, mas não me acusa a consciência de o ter cometido, nem acho ninguém capaz de mo provar.

— Engana-se! O crime existe, e as provas também.

— Vossa paternidade fala sério? — exclamou Diogo de Mendonça com extrema agitação.

— Não lhe disse que tirei a máscara? A luz dá-lhe nos olhos? Paciência! Ainda há de ser mais forte logo.

O secretário de um ímpeto levantou-se da cadeira, branco como a tira da camisa.

Depois olhou irrefletidamente para uma caixa marchetada, aonde tinha duas pistolas. Por outra precipitação, instintiva também, foi à porta; verificou estar fechada, e correu o reposteiro. Daí voltou a passos lentos, cravou os olhos no padre como dois punhais, e sentando-se outra vez, contemplou-o em silêncio por alguns instantes.

O jesuíta tinha observado tudo. Quando o secretário fez o primeiro movimento para as armas, os olhos do visitador despediram um grande clarão; quando o ministro se rodeou de maior segredo, o padre respondeu-lhe com um sorriso à flor da boca. Esperou assim calado as palavras do adversário.

— Vossa paternidade sabe que disse uma coisa que pode matar um de nós? — exclamou Diogo de Mendonça. — E se lhe exigir as provas, se o obrigar a convencer-me?... — prosseguiu em ar de mofo.

— Faça-lhe a vontade! — replicou o visitador com tranquilidade fulminante.

— Faz-me a vontade?... — gritou o secretário, na testa do qual já borbulhavam algumas gotas de suor. — Veja bem! Um crime de lesa-majestade, pena de morte, ou de degredo perpétuo?

— Vejo perfeitamente! — observou o padre com extrema serenidade.

— E com tal segredo na mão ainda me propõe aliança?... Nada de falsa generosidade! Vossa paternidade pode ditar a lei... — exclamou o ministro tentando a diversão para conhecer melhor o inimigo.

O jesuíta adivinhou a tática e repeliu-a com a sua agudeza habitual.

— Deixe-me dar metade de partido. Gosto do jogo assim. Não tenha dó... Se quisesse, não lhe dizia nada, e duas horas depois da morte de el-rei vossa senhoria ia por um dos alçapões da torre abaixo!

— Noto da sua parte — acudiu Diogo de Mendonça — simpatias que não mereço... como explicarei?...

— Não explique... É melhor. Olhe, nem é simpatia, nem coisa que o pareça. Os motivos não os descobre, se lhos não disser.

— O que admiro é o sangue-frio de vossa paternidade. Se não estivesse tão certo de mim, quase que tinha medo. Não posso fazer-lhe maior elogio.

— Deixemo-nos de subtilezas, Sr. Diogo de Mendonça, já não somos crianças, e os homens como nós sempre são mais velhos do que a sua idade.

— Pode ser, mas eu nasci em 1658. Infinitas graças darei a Deus se não me fizer também mais velho depois de criminoso de estado.

— Conte assim só até aos vinte. Serviu em duas enviaturas; passou trabalhos; tem tido grandes cuidados, tem-se visto em não pequenos perigos; viveu o dobro desse tempo. Não se fie na folhinha e achar-se-á muito mais velho do que ela diz. Depois andou sobre as águas do mar, e duas vezes fez naufrágio; por sinal mostrou muito valor nessa ocasião...

— Obrigado a vossa paternidade! Noto que sabe de cor a minha vida.

— Um embaixador a primeira coisa que estuda é a história de todas as potências. Seguem-se as memórias secretas... Também tenho as suas, e são bem pouco vulgares.

— Pode afoutamente dizê-lo — acudiu o ministro em tom equívoco. — Possui uma obra que nem o próprio autor conhece.

— Ou que receia dar a conhecer? — atalhou o padre com ironia. — Em todo o caso peço justiça. Supõe que venho como charlatão encarecer os meus elixires, e perturbar o seu sossego?... Quando afirmo coisas deste perigo (chamo-lhe o que é!) sei com toda a certeza que não hei de ser desmentido. Acredite-me, Sr. Diogo de Mendonça, existe o crime de lesa-majestade, e é fácil convencê-lo dele, tão fácil como provar que é dia agora.

— Então porque não diz vossa paternidade tudo? — exclamou o ministro estremecendo por dentro, mas forte e animado na aparência.

— Vossa senhoria manda!... Lembra-se de receber confidencialmente de el-rei nosso senhor um maço lacrado e selado com ordem de não o abrir, e de o entregar fechado, depois da sua morte, nas próprias mãos de seu augusto filho o príncipe D. João?

— Perfeitamente! Até me foi entregue uma quinta-feira à noite, 13 de abril de 1705, estando presente o padre Sebastião de Magalhães — disse o secretário carregando com afetação sobre o nome do confessor.

— Exatamente! Este maço eram as cartas autógrafas, em que a defunta rainha D. Maria Francisca e sua irmã a duquesa de Saboia escreveram grandes confidências de estado... por sinal encerram o segredo mais triste do governo de sua majestade. É o que ainda hoje ignora o padre Sebastião, e o que vossa senhoria também não sabia então.

O secretário fez-se pálido e tornou-se grave. Assumindo um ar mais atento não pôde conter-se, que não exclamasse:

— A notícia é curiosa!... Quem a revelaria a vossa paternidade!?!...

— Naturalmente quem a foi dizer ao ouvido de vossa senhoria... O segredo era de um só, e estamos aqui dois sabendo-o como el-rei, que o oculta. Continuo. O maço, além disso tinha cópias das cartas do prior Jacomo Spinelli à princesa sua ama, e como o prior observava tudo na corte, e era muito propenso à sátira, há mais de uma história e de um retrato desagradável nas suas cartas... sobretudo a respeito de sua majestade el-rei nosso senhor.

— Mas é um prodígio! — gritou o ministro assombrado. — O negócio mais secreto?!...

— E o pior de tudo é ser o mais desairoso do governo de el-rei D. Pedro! — acudiu o jesuíta friamente.

— Mas quem o disse a vossa paternidade?! — instou o secretário transtornado.

— Aí torna vossa senhoria às perguntas capciosas! Não importa o modo. Se mo não disse el-rei (e não era provável) ou vossa senhoria mo não revelou...

— Eu?!... — clamou o ministro recuando a cadeira.

— Por força o li em alguns papéis, não podia ser outra coisa. E até em uma dessas cartas, a sétima do primeiro maço, achei a causa da morte da princesa D. Isabel, a filha de el-rei que esteve justa...

— Vossa paternidade é mágico?...

— Não senhor, sou curioso; e por isso vi o projeto de casamento da infanta, que Deus tem, com Vítor Amadeu II, duque de Saboia, e sobrinho da rainha. É de 1678. O duque de Cadaval chegou a ir depois a Nisa em uma nau para trazer o noivo, e voltou sem ele. No fim de uns poucos de anos rompeu-se a negociação, a rainha faleceu, e a corte de Turim desculpou-se com a má saúde do príncipe, encobrindo assim a sua falta de palavra... A vítima de tudo foi a infanta, que tomou a peito a recusa de Saboia e morreu apaixonada.

— Não há dúvida — gritou Diogo de Mendonça — vossa paternidade leu as cartas!... Mas como, de que maneira, santo Deus?!...

— Da maneira por que li os recursos de Frei João dos Remédios! Não lhe observei há pouco a temeridade com que negava sem ver?

— As minhas gavetas são mais seguras!

— E se eu lhe disser que não?

— Ainda pedirei licença para duvidar. Antes de pôr a mão nos papéis há dois impossíveis a vencer: descobrir a chave aonde a guardo; e depois da chave adivinhar o segredo com que ela abre. Como só um homem no mundo o conhece, e é Diogo de Mendonça Corte Real, servo de vossa paternidade, estou inteiramente sossegado.

— Faz mal!

— Posso jurar que tenho o depósito fiel e intacto.

— Jura falso! O depósito não está intacto, porque lhe levantaram o selo; e porque dele nem a capa sequer ficou na sua mão!

— Senhor padre Ventura, isto é uma cena de Molière? — gritou o secretário aterrado por dentro, mais ainda da confiança do visitador do que do sentido das palavras.

— Não faça escárnio de Molière! Apesar de nosso inimigo era grande poeta. Lembre-se vossa senhoria que algumas de suas comédias são mais verdadeiras do que muitos livros sérios. Ocorre-me que se ele fosse vivo e estivesse aqui entre nós dois, compunha de certo uma peça nova, por exemplo: *O Infiel Depositário*.

— Repito a vossa paternidade, que hei de restituir os papéis como os recebi.

— E eu repito a vossa senhoria que não, porque os não tem.

Diogo de Mendonça sentiu uma dor vaga sobre o coração, e pareceu-lhe que um arrepio de gelo lhe levantava os cabelos sobre a raiz. Com a precipitação do homem que sonha com a morte, e acordando espavorido se apalpa para repelir a ilusão, levantou-se da cadeira arrebatadamente, e de pé exclamou virado para o jesuíta:

— Se promete não revelar o segredo, vou convencê-lo!

— Pode ficar certo! Em saindo daqui esqueceu-me tudo.

— Desengane-se pois!

E o secretário dirigiu-se à livraria, e ainda confuso e perturbado parou um pouco junto da primeira estante. Ao mesmo tempo o padre Ventura, risonho e obsequioso, dizia-lhe do meio da porta do gabinete particular aonde tinha estado até então:

— Se procura a chave do seu cofre é na segunda estante, a coluna da parede; o botão escondido pelo volume das obras de Santo Agostinho. Acha-a no vazado do pedestal, um pouco para o fundo.

Diogo de Mendonça, no instante em que as palavras do visitante lhe entraram pela cabeça como balas, ainda não tinha olhado para o sítio indicado. Ouvindo-o, fez-se pálido, desfigurou-se-lhe o rosto, e lançando-lhe um olhar de ódio, de agonia e de terror, como Lúcifer devia lançar ao arcanjo, recuou e tremeu. Depois com um mar de fogo diante da vista, e o coração alvo-roçado dentro do peito, precipitou-se, abriu o segredo, tirou a chave, e com ela fechada nos dedos tornou a entrar no gabinete, aonde ficou na dolorosa suspensão de quem antes de se precipitar de uma grande altura calcula que de noventa probabilidades só uma poderá cair em seu favor.

— O cofre é aquele — continuou o jesuíta — bonita peça! Se lhe tirar as duas carrancas doiradas, e os pregos que prendem o jogo da fechadura, a chave dá três voltas para a direita, e a tampa salta. Segredo inventado em Goa. Vi já um contador semelhante: toda a diferença era ser a volta para a esquerda.

O secretário das mercês parecia defunto. Caiu-lhe a chave; injetaram-se-lhe os olhos; e nos cantos da boca, repuxados pelas convulsões da aflição, aparecia espuma, manchada de sangue. Esteve assim minutos. Depois com a desesperação resoluta de quem joga a vida, abriu o cofre e meteu a mão. Estava completamente vazio. O crime de lesa-majestade existia! O depositário tinha traído o rei!

No primeiro instante a dor fez vergar o ministro. Sentiu que o sangue, aceso em torrentes de lume, lhe subia à cabeça, relampejando-lhe a vista, e apagando-se-lhe as ideias. Maquinalmente, o primeiro ímpeto foi estender a mão para as pistolas postas perto do cofre, e satisfazer o instinto da vingança. Se voassem os miolos do jesuíta, o segredo da sua ruína ficaria morto com ele, e restava-lhe o tempo de se evadir. Foi só um ímpeto; um acesso de loucura instantânea, logo acalmada pela reflexão. Depois, envergonhado de si, assentou-se com o rosto entre as mãos, e os olhos baixos, deixando correr o espírito por cima do abismo das paixões com que lutava. Aquele engenho firme e orgulhoso rastejava agora vergado como na segunda infância da velhice o entendimento e o ânimo se quebram sentindo-se fracos.

O padre Ventura contemplava-o. A sua fisionomia meditativa era a elegia muda desta imensa queda. O cortesão primoroso, o ministro providente e sábio, o comediante consumado em representar todos os sentimentos, estava ali em presença dele nu de coração, despido de disfarce, inerme e vencido! Por um lado que triunfo; por outro que lição!... O jesuíta assim o entendeu.

A pouco e pouco os olhos e as mãos foram-se levantando ao céu com o espírito, e pelo silêncio solene, que havia em torno daquele martírio, passou o murmúrio das orações, que o padre elevava aos pés de Deus.

Eram ações de graças, eram súplicas?

Talvez ambas as coisas!... Deste dia em diante Diogo de Mendonça era seu e da Companhia. O visitador acabava de confirmar por esta vitória no reinado que ia abrir-se a dominação quase onnipotente do instituto, cuja glória era a paixão única da sua laboriosa e agitada vida.

Erguendo os olhos de repente, o ministro ainda viu parte do gesto do jesuíta, e apesar da tempestade do cérebro, o ouvido percebeu o murmúrio das orações. Assim contrito e humilhado diante da suprema sabedoria, com a fronte radiosa de fé, a figura do padre tinha a nobreza, a inspiração e a poesia da grande imagem de um antigo patriarca. Diogo de Mendonça, contemplando pequeno diante de Deus o homem forte, teve pejo da própria fraqueza, e ousou elevar o coração às consolações da esperança, e subir com a inteligência à dignidade do dever. O sentimento moral venceu. A consciência fortificou-o. A alma crente rompeu pelas trevas da tribulação e do desespero para se abraçar com Deus, pedindo constância para a luta, e graça para o sacrifício.

Quando se levantou estava salvo. Era outra vez o homem antigo, menos o artifício e a duplicidade; e tornava-se capaz de grandes ações, porque tinha reassumido a força donde elas emanam. Medindo os perigos e os abismos que o rodeavam com a serenidade do valor, preparou-se para o último combate, resolvido a perder tudo, menos a honra, e o respeito de si mesmo. Por um esforço quase sobrenatural obrigou o espírito a sossegar e a obedecer; o rosto a compor-se grave e resoluto; a vista a não esconder nada, mas a mostrar-se firme. Percebeu com a sua intuição superior, que a maneira de não sucumbir era verem-no disposto a sofrer tudo. Em vez de o retirar levou com decisão à boca o cálix da amargura.

Assim, nesta cena íntima, ambos os atores se elevaram. O jesuíta adorando a Deus; Diogo de Mendonça levantando um troco com as ruínas do seu poder.

A revolução moral operou-se nos dois em poucos instantes. Olhando um para o outro, passada ela, disseram consigo: «achei um homem!»

— Vossa paternidade tinha razão — disse o secretário, tornando a sentar-se no seu antigo lugar, e convidando o padre a fazer o mesmo. — Os papéis foram roubados. O crime existe...

— Bem vê! Percebe as consequências da publicação do segredo?...

— Pode custar-me a cabeça... Percebo perfeitamente! Acrescentarei só uma coisa. Erraram se contam com o medo do criminoso... Em que não tiveram razão foi em se persuadirem de que Diogo de Mendonça se lhes deitaria aos pés com temor da morte, ou se venderia com o susto de cair na maior desgraça... Tirado isto, o plano é digno de elogio.

O visitador não pôde ocultar a sombra de cuidado que lhe passou neste momento, como uma nuvem, pela espaçosa fronte. No fundo do coração aplaudia o secretário das mercês, mesmo prevendo que o combate ia renovar-se, e desta vez com vantagem do contrário. Este prosseguiu:

— Sei que estou perdido; não me iludo. Dentro de um mês, de duas semanas, de alguns dias, não sei como, nem quando, a revelação do segredo de estado há de cair-me de repente sobre a cabeça, e aniquilar-me...

— Suponha, por exemplo, que o maço vai ter às mãos de el-rei de França, ou de seu neto o pretendente de Espanha?... — observou o padre com intenção.

— É o que me estava ocorrendo agora. Uma gazeta patenteia aos olhos da Europa o desaire da coroa de Portugal, e as cartas do prior Spinelli contra as conhecidas virtudes do Sr. D. Pedro II, que Deus guarde? Vossa paternidade desejava insinuar-me isso? Apenas achei de menos os papéis, logo previ. Avalio o uso que pode fazer a Companhia das armas que possui... Mas, como vê, tenho valor para encarar a verdade. Resta, pois, optar entre uma desgraça e uma infâmia; e dão-me a escolha. Se me fizer seu escravo, e for traidor a el-rei, prometem acudir-me: são os termos do pacto? Bem! a minha resposta é que estou resolvido a ir para o presídio, para as Pedras de Angoxe, ou para a prisão perpétua da Torre!... Já que tive a primeira imprudência, consolar-me-ei com a segunda. Prefiro a desgraça; não aceito a desonra. Estou pronto! Quando for tempo pode mandar-me o roteiro da viagem do conde de Castelo Melhor... Fique certo de que não fujo.

— Ainda há uma terceira coisa que omitiu, e não lhe fica mal! — acudiu o padre Ventura com aparente serenidade.

— A enviatura para fora do reino? Tiramos a máscara, senhor padre visitador, e não quero iludi-lo. A enviatura é o desterro disfarçado, e a minha neutralidade pode ser mais infame do que uma traição... Recuso! Se o julgar preciso, vossa paternidade responderá em São Roque que Diogo de Mendonça Corte Real disse que não se queria vender. É provável que lá se admirem. Contavam com isso.

— E sabe se a Companhia pede coisa que fique mal ao seu carácter?

— Nem pergunto! Cartas na mão, disse vossa paternidade. Bem! Dou as que tenho; entrego o jogo; que mais quer? Os meios por que me roubaram o depósito de el-rei... (por grandeza de alma não desejo abater os meus vencedores) asseguro-lhe que os não invejo, nem para adquirir dois palmos de terra!... A minha única vingança é ter dó deles e de quem os emprega. Tenho experiência e uso do mundo. Incomodava-os; desviavam-me; não me queixo.

— Supõe então a Companhia capaz de se introduzir em sua casa, e de lhe devassar os segredos? Acusa-me talvez a mim próprio de ser o principal agente?...

— Torno a repetir a vossa paternidade, desprezo tudo isso!

— Seja mais justo! A Companhia quer amigos, e precisa deles, mas não os compra. Os traidores são instrumentos, e não amigos... Sr. Diogo de Mendonça, veja aquele espelho ali defronte da sua estante e da porta? Quer o delator mais claro? Ponha alguém a espreitar e o segredo está descoberto. Agora diga: não haverá quem tenha um cofre semelhante?

— Não conheço!

— Examine melhor e achará. Se não me engano até muito perto de sua casa, no fim daquele corredor...

— Como?... É possível que...

— Pois anda procurando o ladrão na rua, e não lhe ocorre que o pior é o ladrão de casa?... Roque Monteiro Paim não será o mais interessado em se desfazer do único émulo capaz de o ofuscar?

— Roque Monteiro!... — exclamou o secretário fulminado.
— A minha honra, o meu segredo nas mãos de Roque Monteiro!?
Vossa paternidade está certo?

Desta vez é que Diogo de Mendonça se julgou completamente perdido. A razão era simples. A Companhia dava-lhe a escolher entre a paz e a guerra; o secretário de estado, inimigo capital, não se contentava senão com a sua ruína. Apesar de toda a constância, mesmo com toda a grandeza de alma que o impedia de cair em abjeções, perdeu quase a luz dos olhos, e a palidez a cada momento maior fez-lhe o semblante de jaspe. Os beijos tremiam como as folhas açoutadas pelo vento.

O jesuíta compadeceu-se. Admirava as faculdades do ministro. As sombras do artifício, que tantas vezes desmanchavam a verdadeira elevação do seu espírito, não podiam achar muito austero censor em um político italiano. Diogo de Mendonça, convertendo a sua desgraça em defesa e resistência, e depois de vencido não se entregando indecorosamente, era o homem indispensável da Companhia aos olhos deste competente apreciador. Percebia o plano, e aplaudia-o! Nesta ocasião o secretário com a verdade na boca e a honra por escudo parecia-lhe mais hábil, mais invulnerável e diplomático do que nunca.

Usando dos foros da desgraça tomara de direito o melhor papel, e deixava o pior à Companhia pela evidência da coação. Depois de a perceber, restava contrariar a manobra, coisa difícil mesmo para o padre Ventura.

Uma vez ainda, durante este duelo, realçado de novos lances a cada instante, o jesuíta viu quase escapar-lhe a vitória das mãos, quando a julgara ganha. Não tinha vindo assistir ali à ruína de um inimigo, nem comprar um servo por mais uma ou duas convulsões de medo; por maiores ou menores promessas de fortuna; tinha vindo fazer um amigo, e esses ganham-se pela estimação, e pelo respeito. Queria convencer o estadista de que as ideias de ambos eram as mesmas, e que os interesses do reino e os da sociedade de Santo Inácio podiam ser comuns. Para isso devia seduzir o coração, e atrair o espírito pela decifração sincera do instituto.

Coagida não aceitava a amizade do ministro. Revelando-lhe o roubo dos papéis tinha tentado uma experiência sobre a força da alma dele, mostrando-lhe ao mesmo tempo que os braços da Companhia eram compridos, e sabiam chegar longe; nunca lhe passou pela mente mais do que isto. Se orou a Deus em ação de graças diante da sua derrota, e o julgou decidido a contar daquela hora, é porque lhe podia tornar clara como o dia a necessidade de se unir com a sociedade para não succumbir. Em todo o caso a sua ideia era obter o espontâneo auxílio de um aliado, e não o serviço venal de um escravo; e o visitador não era homem que cedesse facilmente de um plano assente, porque o não formava sem reflexão e exame.

Esperou por isso a oportunidade, e lançou de repente no meio dos cálculos do ministro o nome de Roque Monteiro. Apelando para a verdade, e partindo da dignidade moral, puxou esta carta, a última, e confiou-lhe a sorte da partida. O efeito foi qual o desejava. Desde que não era autora, mas apenas sabedora do facto, a Companhia de Jesus, sem desonrar o secretário aos seus próprios olhos, podia estender-lhe a mão, e assinar com ele o tratado. Eram duas potências que se estimavam e se uniam, marchando juntas a fins em geral diversos, porém comuns a alguns respeito; ela da sustentação da sua monarquia religiosa, ele da glória da coroa e da pacificação geral. Qualquer das missões merecia inveja!

Portanto, dando à expressão tranquila da fisionomia um carácter mais severo, o jesuíta exclamou:

— Sr. Diogo de Mendonça, não acuse a Companhia, acuse os seus inimigos, que também o são *por ora* dela. Roque Monteiro pagou a um judas para o entregar. Não faça juízos temerários, não se precipite com suspeitas condenando o inocente!... ainda não é tempo de aparecer a verdade. O seu espelho descobriu o maior segredo, como lhe disse; e o outro fácil era de achar, sendo irmãos os cofres.

— E quem disse a Roque Monteiro que eu tinha os papéis?

— Provavelmente el-rei!

— Agora me ocorre! Faz três semanas abri o segredo. Por inadvertência deixei encostada a porta...

— E alguém queria ver, e viu? Lembra-se do dia?

— Era santificado. Tinha havido missa.

— Assim o supus.

— E vossa paternidade como o soube? — perguntou o secretário com um resto de desconfiança.

— Como Cristo soube que o vendiam; falei com Judas. Aí tem porque ainda agora lhe disse que estava na mão da Companhia fazê-lo primeiro-ministro, ou deixá-lo desterrar para os presídios de África. Acha-se no caso de julgar. Não lhe menti sustentando que uns sem os outros éramos relativamente fracos. Quer que sejamos sempre os mesmos plenipotenciários, e que ajustemos o mútuo auxílio que nos é preciso para debelarmos o inimigo comum? Assina-se o tratado nos termos em que o propus?

O secretário das mercês estava comovido. Depois de irremissivelmente arruinado, ofereciam-lhe as mesmas condições. Esta generosidade, esta confiança, acabou de o vencer. O coração já tinha acedido; arrasados de lágrimas, os olhos já tinham falado; e ainda a boca era muda e a fronte pensativa pendia sobre o peito! Por fim, envolvendo o padre em um olhar profundo e lento, disse-lhe:

— De duas potências, que parecíamos ser no princípio, há só uma agora: é vossa paternidade. A outra bem viu como era frágil; com uma palavra sua caiu por terra! Com que posso concorrer para a aliança se amanhã, se hoje mesmo estou sujeito a jazer em uma torre?...

— Concorre com a pessoa, com o saber, com o seu coração, sobretudo!... Sr. Diogo de Mendonça, respeito os escrúpulos, estimo a probidade. Assim, com a alma nas mãos, o homem e a humanidade não lhe parece que ganham mais? Desgraçadamente não é possível sempre! Há venenos que nos matam se tirarmos a máscara. Paciência! O mundo todos os dias se melhora, deixe dizer os misantropos! Estou percebendo as suas apreensões. Cuida que vou pedir-lhe grandes sacrifícios como prova da sua

amizade? Sossegue! Sei o que ofereço e o que dou, mas também conheço o que recebo. Vossa senhoria aceitando põe-me quase em dívida...

— Padre Ventura — exclamou o ministro — se a Companhia se lhe assemelha no coração e na doutrina, digo que a tenho caluniado!

— Veja o que são as coisas! Há mais glória para mim e para ela em a verdade lhe arrancar essa confissão, do que em honrar-mos um ato de justiça com o seu nome! Olhe, eu sou o fruto, e a sociedade a árvore. Medite as palavras de Cristo, e há de achar que a obra é sempre menos do que o autor. Perdoe a comparação. A Companhia sabe o que precisa? É de mais homens e de menos terras. Está rica; ocupa muito lugar nos dois mundos; eis o seu mal e o seu perigo. Devemos obrigá-la a ser zelosa e caritativa, fazendo-a mais pobre. Convém levantar-lhe os olhos de cima dos rebanhos e da grossura das riquezas, e voltar-lhos piedosos para a vida de Jesus Cristo, cuja imitação foi o seu voto... Esta grande reforma, que a há de salvar, e a nós com ela, deve tentar-se! Acredite: depois de mais de dois séculos de glória e de domínio, a Companhia cairá, mas não há de cair só! Uma empresa tal, intentada com unidade de ideias e de meios por um ministro sábio, amigo, e não lisonjeiro nosso, e por um prelado forte de vontade, como o geral que represento, sinto, adivinho que não pode ficar obscura, nem estéril na ação do mundo... Quer ajudar-nos a povoar os desertos e a fazer homens dos selvagens? Auxilia-nos para um terceiro, cheio de cobiça e de inveja, não pôr mãos violentas no tesouro alheio, destruindo em um dia o que levantamos em muitos anos?... Dê à Companhia força e autoridade no Brasil e na Índia, para que Roma não converta a Ásia e a América em feitorias apostólicas, e em troca ofereça-lhe mais de três milhões de homens instruídos e civilizados por nós... Com eles e connosco el-rei de Portugal não encontrará impossíveis. Por mais alto que eleve o desejo poderá realizá-lo... Acaso sabia D. Manuel que havia de morrer tendo metade do mundo por seu vassalo ou tributário?

O ministro olhava para o padre, e abraçava o seu espírito com o dele. Este plano profundo, que tendia a fortificar a monarquia com os esteios naturais da unidade absoluta, exposto pelo jesuíta em toda a simplicidade de um pensamento lúcido, acabou de cativar a Diogo de Mendonça. Admirando a grandeza da ideia e concebendo a elevação do seu papel no drama projetado, rendeu-se à sociedade de Jesus tão convencido de inteligência, como vencido de coração. Efetivamente nos primeiros anos do século dezoito quem ousaria subir mais alto do que estes dois homens em um plano de reforma? Ramos diversos do mesmo tronco, o poder absoluto era a fórmula em que ambos acreditavam; a soberania do direito divino, a origem de que a derivavam. Na unidade de movimentos e de ideias resumiam tudo. Um, porque a obediência passiva era o dogma fundamental do seu instituto; o outro, porque não podia ver além do seu tempo e da sua educação.

— Quando quer vossa paternidade que a paz universal seja proclamada? — disse o ministro sorrindo e apertando a mão do jesuíta.

— No dia em que o primeiro secretário de estado se chamar Diogo de Mendonça.

— E até lá?

— Segredo!

— E os nossos inimigos?

— Que nos julguem adormecidos. É o melhor.

— Mas Roque Monteiro Paim?

— Deixe! Dias depois da morte de el-rei D. Pedro, que Deus avivente muitos anos, profetizo-lhe que Roque Monteiro, uma bela manhã, acha o tempo lindo e tem saudades da província. Faz decerto uma jornada. Verá.

— Então os papéis de estado?

— Ele é temente a Deus, há de restituí-los... em pessoa. A lição deve ser grande.

— E a Companhia?

— Pede só que a julgue pelas obras. Se tiver espaço e quiser, despache-lhe até depois de amanhã o negócio dos quindénios, que veio de D. Tomás de Almeida para a sua mão.

— Mas aconselhei a el-rei que proibisse o pagamento!

— Ótimo! Excelente! Também eu disse a mesma coisa. Resolva desse modo, mas resolva depressa; é o essencial.

— Se el-rei está tão mal, não vejo a utilidade...

— Vejo eu! Olhe, se el-rei pudesse escapar pedia-lhe que atirasse com os papéis para o fundo da gaveta... mas assim toda a brevidade é demora. Os três dias de um reinado novo são como as sentenças do juiz de fora na primeira instância. Aonde o outro pôs *sim*, escreve ele *não*, para se mostrar senhor das leis!

— Percebo, padre visitador! A Companhia quer pagar os quindénios?

— A Companhia não; o prelado da província não sei. São negócios caseiros em que não entro. Em todo o caso é com ele e com el-rei. Quer um conselho?

— Ouvirei.

— Esta tarde passe pela Corte Real e beije a mão ao príncipe D. João. Sua alteza há de estimar; e estas coisas costumam servir depois... — disse o padre pegando no chapéu.

— Então julga vossa paternidade?... — acudiu o secretário, acompanhando-o.

— Que dia é hoje? — interrompeu o jesuíta saindo já do quarto.

— Quinta-feira! — replicou o ministro admirado.

— Julgo — murmurou-lhe ao ouvido o visitador — que dentro de poucos dias haverá rei e ministro novo; e nessa tarde espero em Deus assinaremos o tratado de paz universal na varanda de São Roque. Não se esqueça vossa senhoria de me recomendar com muitas lembranças ao padre procurador de São Domingos; fiquei muito seu afeiçoado. Quanto à nossa ida a Santa Clara, de que lhe falei antes de ele vir, amanhã de manhã às nove horas!

Diogo de Mendonça fez a última cortesia e recolheu-se. Passando pelo espelho, olhou e achou-se com o rosto tão lívido, que parecia ter-se levantado do leito da morte.

— Estou salvo! — exclamou respirando alto e desoprimido — mas que homem, que homem aquele! Mais duas lutas assim,

e duvido que César mesmo resistisse. Milcíades! — acrescentou ao escravo preto, que chamara com a campainha — dirás a todos que me procurarem, a todos, ouves? menos ao Sr. Roque Monteiro Paim, *meu particular amigo*, que teu senhor saiu à quinta, e não volta senão à noite.

Dito isto fechou o cofre dos papéis ainda aberto, e pegando no seu Horácio principiou a reler a famosa ode — *Justum et tenacem* — limpando a miúdo a testa do suor frio, que ainda lhe fazia borbulhar a ideia dos passados perigos.

XXVIII

NÃO HÁ GOSTO SEM PESAR

A manhã estava linda. Os raios do sol, escapando-se por entre as cortinas da janela, espreguiçavam-se sobre o velador que Lourenço Teles tinha diante de si.

O erudito em trajes caseiros, rodeado de livros, levantava a miúdo os olhos envidraçados nos óculos, pasmando-os no teto com expansivo regozijo. Ao lado direito da sua poltrona via-se a peanha com a gaiola do inevitável papagaio. A seus pés encaçolava-se o indolente e fiel Minette em beatífica sonolência. Os mandarins de porcelana tremiam as cabeças veneráveis em cima dos contadores; e a escrivanhinha, com a pena esquecida no tinteiro, era alvo dos gestos frequentes e contraditórios do comentador. De repente o latinista pousando o volume, e extasiando a vista, exclamou:

*Audax Japeti genus
Ignem fraude mala gentibus intulit!*

— Um crítico vulgar — murmurou meneando a cabeça — abraçava aqui a nuvem pela deusa. Jápeto? Que achado! É o patriarca hebreu?! Horácio conheceu a Bíblia?! E não lhes ocorre

que se trata do Títan que roubou ao céu a luz da vida. Hei de propor a dúvida ao abade Silva. Aposto já que sua ilustríssima responde que tirou o caso a limpo em algum manuscrito raríssimo, daqueles que só ele acha! É um inventor! Enfim, defeitos quem não os terá? Que é isso, louro? O almoço tarda?... Ah, Minette, se não te acomodas! Quero apalpar o padre italiano; veremos como explica a alusão de Horácio. Diogo de Mendonça faz-lhe grandes elogios, e apesar de se enganar algumas vezes, os seus juízos em crítica merecem crédito... *Audax genus!* Que frase! Quantos volumes em duas palavras! Mas o abade julga os modernos superiores; ri-se de Tácito; e não sei se leva a vaidade ao atrevimento de deprimir o próprio Cícero. É capaz disso.

O solilóquio parou aqui. Os olhos do comendador tornaram a pousar-se na famosa ode, da qual novamente se levantaram extáticos. Declinando das alturas, a vista do antiquário subitamente encontrou a longa e solene figura do seu escudeiro, perfilada entre portas com um cartaz de más notícias nos esguios e escaveirados queixos.

— Ah, Jasmin! Temos novidade? Entre!

Revestindo-se de ar prazenteiro, Lourenço Teles marcou o livro metendo os óculos entre as folhas; depois encostando os cotovelos aos braços da cadeira, e afagando a barba com os dedos, ornou a boca meia sorvida de um sorriso benigno, indício de que o seu espírito se dignava baixar das sublimes regiões aos cuidados prosaicos. Neste meio tempo o escudeiro aproximando-se a passos lentos, aproveitava a pausa para restabelecer o equilíbrio entre os rabichos recalcitrantes da montanhosa cabeleira.

Cheirando uma pitada com deleite e vagarosamente, o erudito principiou o diálogo por um interrogatório.

— Visitou a copa, Jasmin? Os quatro fruteiros de prata, que eu disse?

— Estão prontos. Falta o doce.

— Está no meu quarto. Aquelas duas caixas douradas...

— O senhor comendador quer dizer que estavam!? — observou Jasmin fazendo uma visagem.

— Sei o que disse, Jasmin! — acudiu o latinista um pouco severo. — Procure em cima da papelreira as duas caixas.

— Vazias?! — exclamou o escudeiro inflexível.

— Vazias?! — exclamou o amo, sobressaltado. — Como? Se ainda não se abriram?

— Prouvera a Deus! As caixas estão lá, mas o doce é que se foi.

— Foi-se? As melhores escorcioneiras de Portugal? — gritou o antiquário com ímpeto, e aclarando a fala. — Jasmin, ordeno-lhe que me declare o nome do salteador. Quem saqueou o doce?

— O criado do senhor capitão Filipe!

— Comeu tudo? Sepultou no imundo estômago as delícias da minha sobremesa?

— Deixou as mortalhas das caixas para memória! — concluiu Jasmin com admirável concisão.

Lourenço Teles ergueu os olhos e as mãos ao teto. Depois com a vista chamejante gritou, batendo raivoso o pé:

— São diabruras de meu sobrinho! Filipe é que tem a culpa! Nesta casa não há sossego enquanto ele não sair, ainda que seja pela janela. Não contente de me arruinar por suas mãos, introduz-me em casa o flagelo de um lacaio guloso como as harpias, e feio como Asmodeu, terror de Minette e escárnio da vizinhança... É de mais! Estou divertido! Jasmin, chame Domingos José Chaves, e despeça-o da minha parte.

— Hoje? — perguntou o escudeiro reprimindo o júbilo.

— Imediatamente! — insistiu o erudito.

A verdade era que Jasmin detestava o honrado Domingos pela libertinagem da língua, e pela insubordinação dos atos. Primeiro-ministro na economia doméstica não podia suportar os chascos, as momices e as contrafações burlescas com que o Diógenes de Filipe o perseguia em casa, na rua, e até na igreja, arremedando-lhe a gravidade do gesto e a seriedade de rosto. Por cúmulo de audácia o delinquente levava o arrojo a ponto de lhe sonegar a cabeleira enquanto dormia, e de enfeitar com os seus empoados cachos a caveira do demónio de buxo tentador de Eva, que servia de ornato a um dos ângulos do jardim. Desde esse dia

o escudeiro protestou vingar-se. Seguiu todos os passos do truão silenciosamente, e facilitou-lhe até as ocasiões.

Não era preciso muito. A gula e a ligeireza de mãos de Domingos irremissivelmente o haviam de precipitar. Depois da aventura em casa do abade Silva, e do atentado contra as ameixas doces e os sete sábios da Grécia, dedicou-se às caixas de escricioneira do comendador. Jasmin deu pelo assalto, mas fingiu-se desapercebido. Deixou consumir o crime, tomando a precaução de coligar as provas. Foi assim que Domingos José Chaves perdeu o seu décimo nono amo por ter feito de um demónio de buxo a pública-forma do escudeiro francês de Lourenço Teles.

O erudito estava enfiado. Voltando-se com vivacidade para Jasmin, exclamou:

— Aonde foi esta gente? Minha sobrinha Madalena?...

— Acompanha o senhor capitão ao almoço! — respondeu o escudeiro gravemente.

— Para lhe tirar o fastio? E minha neta Cecília?

— Foi pregar a tira do senhor capitão.

— Excelente! Aquele Adónis! As graças são poucas para o servir — gritou o antiquário exacerbado. — Aposto que Teresa?...

— Fechou-se no seu quarto para acabar os punhos do senhor capitão.

— Cada vez melhor! E o almoço do meu papagaio? Primeiro os punhos do senhor capitão: — *avant tout le roi!* E Jerónimo?

— Disse que ia arranjar um espadim novo para o senhor capitão...

— O senhor capitão é um flagelo — bradou fora de si o latinista, dando com o punho fechado em cima do velador. — Note, Jasmin, o único hóspede nesta casa sou eu, o dono dela! Não me dirão quando é o beija-mão do Sr. Filipe?

O escudeiro cofiou de leve a peruca e encolheu os ombros. Era evidente que o relatório havia de ser extenso, vista a perplexidade do orador. Lourenço Teles, abordando-se à bengala, passeava, soltando imprecações clássicas e murmurando por entre as gengivas algumas palavras menos cortesias, arrancadas

pela ira, e contidas pela polidez, que não se esquecia de guardar, mesmo diante de um fâmulo. No fim de algumas voltas pela casa tornou a sentar-se, e dirigindo-se ao criado valido, perguntou:

— Que horas são?

— Nove em ponto.

— E o jantar?...

— Antes da uma.

— Dê-me o chambre de cetim-primavera.

— Levou-o ontem o senhor capitão — disse Jasmin serenamente.

— O meu chambre? — acudiu o antiquário espantado. — Ele cuida que o guarda-roupa é herança jacente?

— Achou-o bonito, e disse-me que lhe parecia muito claro para a idade do senhor comendador...

— Famoso! — interrompeu o velho sábio numa convulsão de raiva, esfregando as mãos com rapidez. — Qualquer dia põe-me por demente, e declara-se meu tutor... Isto não pode continuar. O selvagem arruína-me e despe-me. Santo nome de Deus!... Nem os chambres! O senhor abade Silva não veio?

— O senhor abade está na copa.

— Ai!... Então as desgraças deste funesto dia estão ainda no princípio! O abade encarrega-se de azedar as compotas, e de envenenar de cólicas os confeitos! Um homem que acusa Tácito de obscuro, e acha o Ariosto incomparável!? Jasmin, por bons modos acuda à copa. Há lá grande desastre se o abade se demora.
Caveant consules!

— Está bem acompanhado! Depois de ensinar a desossar os dois perus de recheio à italiana, ajuda a armar uma galera de alcorce ao pasteleiro. É um *triunfo* lindo para o meio da mesa.

— Bem! E meu sobrinho? Acautele-se, Jasmin!

— O senhor capitão para o almoço tirou as duas melhores perdizes!

— Famoso!

— E bebeu o vinho da garrafa verde lacrada...

— Ah! Sacrílego! — exclamou o comendador apertando as mãos na cabeça. — Querem ver que entornou no estômago o meu vinho mais precioso? Ânimo, Jasmin! Diga tudo; tenho valor. Era o *Lacrima-Christi*, o meu néctar com tantos anos de casa?

O escudeiro com uma nénia no semblante inclinou a cabeça. A este aceno fúnebre o velho erudito desfalecido recostou-se na cadeira. Este último golpe excedia enfim toda a sua longanimidade.

— Mas quem deu o vinho ao Sr. Filipe? — gritou levantando-se.

— Ninguém! O senhor capitão tomou-o.

— Aonde?

— Das mãos do senhor abade.

— *Hoc fonte derivata clades!* Dessa origem nasceu a ruína!... — observou Lourenço Teles desanimado. — Fui profeta. O maior desastre veio da mão do abade. O meu vinho profanado por Filipe!... conte-me tudo...

— O senhor abade estava na copa passando o néctar com mil cuidados. Entra neste meio tempo pé ante pé o Sr. Filipe com o chambre do senhor comendador...

— Atrevido!

— Estende a mão, tira a garrafa, e pondo-a à boca... não a largou senão depois de esgotada.

— Malvado! O brinde do jantar; a pérola da minha copa! Um vinho raro que só el-rei... Jasmin!... Quase que tenho dó do abade. Sempre havia de ficar!...

— Imagine o senhor comendador! Sua ilustríssima está inconsolável.

— Acredito. A sua mágoa é razoável! Conhecia o valor do vinho que meu sobrinho tragou como zurrapa do seu porão... Jasmin, trata-se de remediar a brutalidade de Filipe... Aonde acharemos uma garrafa de *Lacrima-Christi*? E eu que a prometi com tanto orgulho!

— Se procurarmos bem, talvez apareça! — observou o escudeiro sumindo a face na volta da gravata com a modéstia de Alexandre de Arbelas.

— Excelente! Tira-me de mil cuidados! Jasmin, lembra-se do nome do cozinheiro francês que se traspassou por lhe faltar o peixe a horas? Era?...

— M. Vatel! O maior homem deste século — exclamou o escudeiro crescendo sobre os descarnados joanetes, e dando ao rosto a sublimidade épica de uma sentença da posteridade. — Principiou em casa de M. Fouquet, e deu lições a M. Régnard...

— O meu querido poeta da Rua de Richelieu! — disse Lourenço Teles, passando-lhe pela pupila a chama de uma grata recordação. — Tem razão, M. Régnard é o primeiro cozinheiro...

— Depois de Vatel e Fontange! — interrompeu o escudeiro precipitadamente.

— É o melhor poeta cómico depois de Molière — observou seu amo, estendendo-se na poltrona com delicias. — Oh, que bons dias passámos eu e ele naquela quinta de Grillon, aonde se representavam as belas peças do seu repertório! Que excelente vinho de Joigny bebíamos, quebrando nozes, e rindo de lhe ouvir contar as suas histórias do cativo de Argel! Ninguém recheava um cabrito melhor... nem Vatel, sou capaz de apostar!

— Ah, senhor comendador, Vatel não era um homem, era quase um deus! Não comparemos...

— E deixou alguém?...

— Fontange, o grande Fontange, seu discípulo e meu mestre! Mas a que distância!

— Foi com ele que aprendeu a assar os borrachos à argelina?...

— Era como se fôssemos irmãos, ou mais, se é possível, Sr. Lourenço Teles! — respondeu Jasmin com grande explosão de sensibilidade e limpando os olhos. — Tudo que sei a ele o devo. Mas perdi-o tão moço!

— Honra-o essa ternura, Jasmin! De que faleceu o seu amigo?...

— De uma congestão de túbaras... — disse o lacrimoso Acates.

— Quer dizer de uma indigestão? — observou o erudito com amabilidade.

— Senhor comendador, os grandes mestres, como Vatel e Fontange, não morrem de indigestão. A cólica respeita-os. A apoplexia, a pérfida apoplexia, eis a morte que os espera.

— Bem! Acha que o cozinheiro que aí está nos não envergonhará?

— Sofrível! boa prática, nada mais! — respondeu o fanático de Vatel afilando os lábios com desdém. — O senhor comendador deseja que eu dê um passeio pela cozinha?

— Desejo muito, Jasmin! Recorde-nos em alguns pratos raros a arte do defunto mestre... — acudiu sorrindo-se o velho sábio. — O Sr. Diogo de Mendonça viajou, e o jesuíta italiano, o padre Ventura, deve ter visto mundo...

— Creio que me hão de conhecer!... Mesmo o senhor abade Silva! Tem paladar!... Pode ouvir-se um conselho seu no artigo doces e recheios. Era o segredo do imortal Vatel...

— Deus o tenha à sua vista! — murmurou o sábio cansado do elogio eterno.

— Hoje — prosseguiu o amator — ninguém sabe já fazer recheios. A arte perde-se.

— Jasmin, salve os doces mais o vinho das garras de Filipe! Encomende-se aos manes de Vatel, e honre aquela sombra ilustre. Olhe: peça da minha parte ao senhor abade dois minutos de audiência. Aqui para nós, receio que me transtorne tudo. Não acredito no gosto dele; e o gosto é o rei dos sentidos, como diz o meu amigo Régnard. Quem prefere os modernos a Tácito e a Horácio é capaz de chamar truta a uma lampreia, e beringela a uma alcachofra.

O escudeiro retirou-se. Instantes depois entrava o abade em passo fúnebre, trazendo no rosto a nuvem pressaga de que Van Dick entristeceu as fisionomias destinadas a representarem papel trágico na cena do mundo. Com um abraço mudo Lourenço Teles disse-lhe tudo. A defloração do vinho teve exéquias dignas dos grandes infortúnios.

XXIX

CONFIDÊNCIAS

O abade e o comendador deploraram o sacrilégio de Filipe; depois, sentados e atenciosos, discorreram sobre a arte culinária e sua antiguidade, sobre as excelências da mesa, e dos ornatos e primor dos aparadores, como verdadeiros contemporâneos de Lúculo, ou como íntimos amigos de Horácio; finalmente, uma transição do erudito chamou a discussão ao terreno das apreciações literárias, e não tardaram os textos e as divergências, seguidas do costumado azedume. Felizmente o autor da carta a Lúcio Floro lembrou-se de que necessitava mudar de trajes, e despediu-se. Lourenço Teles permitiu a retirada, e recolheu-se também ao seu quarto para se aplicar aos artifícios do seu laborioso toucador.

Enquanto os dois antiquários pelejavam sobre o mérito relativo dos seus autores prediletos, a irmã de Teresa entrou no aposento da sua amiga D. Catarina de Ataíde, trazendo na boca o sorriso mais jovial e animado. A noviça ao espelho, ouvindo arrastar a porta, virou a cabeça de repente. Daí a um instante as carícias avivaram as rosas de suas faces, e o carmim dos lábios ainda se tornou mais rubro com os beijos de Cecília.

As duas meninas assentaram-se uma ao pé da outra. O rosto sério de Catarina, e a atrativa mobilidade da sua amiga refletiam no vidro indiscreto as imagens caprichosas.

— Ficam-te bem as rosas, meu amor! — dizia a educanda enastrando as belas tranças da noiva do conde de Aveiras entre os dedos afilados.

— Quero prender estes anéis em cadeias de aljófar a ver se ainda fogem! Sabes que eu sendo rapaz adorava-te a ponto de perder a alma? Esses olhos! O que estou vendo neles, e o que me dizem! Mas deveras; porque te fazes tão séria? Tens algum desgosto?

— Eu? Não, minha joia. Cismava... Quanto mais próxima vem a hora, mais o coração se me cobre. Não sei como é! Amo-o, e tremo! Desejo, e apesar disso tenho receios... Nem a mim própria me entendo.

— Sustos de noiva, e depois algum capricho! Deixas que te pregue os teus laços à francesa? Ficam muito bem às louras. Catarina, tomara eu os teus cuidados de hoje.

— Não fales, menina! Devia agradecer a Deus e contar os instantes; devia alegrar-me com o júbilo de meu esposo e de meu pai... e a minha vontade é chorar! Cecília, não percebo isto. Se o amasse menos, se o não conhecesse tanto, dizia que era medo. Vê que loucura! Chego a ter saudades do convento...

— Isso é de mais!... — acudiu a educanda, rindo e pondo-se de lado para verificar no espelho o efeito do toucado. — Qualquer coisa te faz bonita. Queres saber? Se fosse noiva, moça e galante como tu, pensava noutra coisa. Não adivinhas?

— Não.

— Estudava o modo de chegar ao fim do ano com a ternura do primeiro dia.

— Ah!

— Incrédula! Cuidas que não será bem doce sentirmos bater o coração com alegria e sempre namorado? Se me dessem a escolher qual queria, um trono, ou o amor...

— Sei o que preferias! — acudiu Catarina rindo-se.

— Preferia o amor — replicou a educanda. — A minha escolha era a ternura, a felicidade, não duvides! Vês! Quando se ama não se envelhece; a vida risonha de esperanças corre tão curta! Até as lágrimas mesmo não amargam.

— O quadro é lindo, mas pergunto: será verdadeiro? O que se quer acredita-se tão depressa! — observou Catarina melancólica.

— Desconfiada! — interrompeu a sua amiga, prodigalizando-lhe meiguices. — O teu gosto é contradizer-me. Olha; se me enganassem... meu Deus! Antes uma dor única, a dor da morte! Há de ser tão custoso obrigar o coração a aborrecer depois de amar! Quando ponho isto na ideia, Catarina, conheço que posso enlouquecer... Falemos de outra coisa. Não achas Teresa mudada?

— E dá-me cuidado. Vi-a ontem branca de jaspe; assustou-me. Aquelas rosetas vivas nas faces; a sombra pisada dos olhos... Cecília, tua irmã padece.

— E sabes o que eu desconfio da sua moléstia?

— Diz!

— Tenho medo que seja amor.

— Julgas?

— Receio. Se lhe falo de Jerónimo, e lhe digo que se anime e o desengane, desata a chorar, e fecha-se um dia.

— Menina, é preciso valer-lhe. Não a deixemos matar-se por suas mãos...

— Convince-a tu!

— O que vou dizer-te, Catarina, é quase uma certeza...

— Uma certeza?

— Sim. Teresinha disse-nos só ametade do segredo. Às vezes esquece-se, e os seus olhos falam tanto, e sobem-lhe à cara umas cores tão vivas!... Aquilo, acredita, chama-se paixão.

— Mas por quem? Não adivinhas?

— Sabes como é calada. Desde pequena o seu costume foi sempre consumir consigo as mágoas e não se queixar. Não entendendo senão que chora, e que as lágrimas...

— Nem sempre são de amor. Se é só isso, desconfias sem motivo.

— Tu é que te enganas. Os sinais que digo não mentem! Explicar-me-ás porque logo ao amanhecer a luz do dia a encontro no jardim, sozinha, escondendo-se por entre as árvores, magoada, pensativa?...

— Será tristeza! Acho-lhe poucas razões de viver alegre.

— Sim. Mas só tristeza? Eu sei como é o amor no princípio; estar só, abrir o seu coração sem que o vejam; exalar a dor, sem receio de que a ternura nos acuse... Chama-lhe tu pensar, que eu chamo-lhe paixão. Ai! Não nos atrevemos ainda a confessar, e já nos faz saudade o tempo em que éramos livres como as aves do céu...

— Como tu falas, Cecília! É verdade! Talvez sejam os mais felizes dias. Aconteceu-me assim. Queria vê-lo, o meu desejo era ouvi-lo, e tinha um susto se me aparecia, e causava-me um sobressalto se me falava!... Era tal a minha timidez, o meu enleio. No fim sabes quem diz tudo? O silêncio. Muito crianças somos em amando. Até nos persuadimos de que os outros são cegos.

— Finalmente — exclamou Cecília em um repente gracioso — ainda bem que falas como todas! Não te enfades. A mim succedeu-me o mesmo. A primeira vez até desejei tomar-lhe ódio. É verdade. Punha-lhe defeitos, impacientava-me... O meu gosto era que se fosse; e não sei a razão, mas não podia tirar a vista dele...

— Sei eu.

— Não digas; esse teu rir... Olha, aposto que me fiz vermelha. Se continuas também sei o modo de te fazer corar. Como ia contando, vi-o na igreja, uma noite de Endoenças; ficou defronte de mim; e os seus olhos... Não te escandalizas? os olhos dele são mais bonitos do que os do conde; mais vivos, mais ternos... Os seus olhos não se apartavam dos meus. Baixei-os, abri o livro das orações, e assentei no propósito de não me lembrar senão de Deus...

— E daí a um instante estavas a mil léguas do livro e das orações? — atalhou Catarina com malícia.

— E se eu me calar? — replicou a educanda com um sorriso. — Acertaste! Não via as letras e via-o a ele; o meu coração não estava com Deus, fugia para onde o chamavam... Apesar do firme propósito que tinha feito distraía-me a todos os instantes...

— Perdias-te na leitura?

— Como tu se fosses! Tentei levantar-me e sair, os joelhos pareciam de chumbo! E não amava ainda, vê's? Não! Aquilo não sei o que era. Logo no primeiro dia! Mas o que há de acontecer...

— Tem muita força! — interrompeu a noiva do conde, rindo. — E toda a noite não fizeste senão pensar nele, e batalhar com a lembrança?

— Ainda to não disse!

— Disse-mo este dedo. E depois?...

— Depois!... — respondeu Cecília, corando e atando-se-lhe a fala — se procurava o coração, achava-o tão longe de mim...

— E tão perto dele? — acudiu a noviça com ironia.

— Catarina, estás hoje!... — observou a irmã de Teresa muito vermelha. — Não te devia dizer mais nada. Se queres que fale, não te rias assim. É verdade, porque me hei de esconder? O meu coração estava com ele! Vim a saber depois que lhe sucedeu o mesmo. Sem o querer, horas inteiras me esquecia a conversar em ideia com a sua imagem; em sonhos falava-lhe; foi uma profecia que se realizou... Sabes o mais curioso? Nunca lhe tinha ouvido a voz, não o conhecia senão daquela noite; mas as meninas, contava a ama que me criou, adivinham sonhando... Ai Catarina, que grande mistério é o amor! Parece que há uma coisa que não vemos, que leva e traz saudades. Sucedeu-te o mesmo?

— Quase! E quando lhe ouviste a voz?...

— Era igual à do sonho, sem diferença!

— E sentiste o sangue como lume no corpo, e as cores, à roda de ti, tão vivas como se o sol as iluminasse? — exclamou a sua amiga.

— Tudo isso foi! Daí, fiquei uma estátua, sem ânimo, sem movimento. O maior acusador da ternura, Catarina, é o nosso enlevo... ele felizmente estava pior do que eu. Não era susto, nem pejo só, era alegria também! Sentíamos tanto, que não podíamos dizê-lo.

— Acredito! Não era preciso. Queres ver como adivinho? Ele entendeu...

— Ai! melhor do que se lho dissesse; mais eu.

— Olha, Cecília, quando lembram, fazem uma saudade esses dias!

— Oh, bem grande! — acudiu a educanda com ingenuidade.
— Vê a dor que será perdermos a alegria e a felicidade! O pensamento fugindo para o martírio, e a memória abraçando-se com a pena, e fazendo da alma uma sombra cheia de lágrimas!... Se um dia fosse enganada!...

— Sabes que estás convertendo em dia de cinzas as vésperas do meu noivado? — acudiu a noviça com um meio sorriso. — Que é da tua alegria, Cecília?

— Estas coisas! Considerar que depois de amar podemos ser enganadas, e ser infelizes! Supor que se há de arrancar do peito a imagem querida, e o coração com ela...

— Perde esses sustos...

— Morria! — prosseguiu a educanda sem a ouvir.

— Com a dor também se vive. O tempo tudo apaga...

— Não; isto não pode esquecer. A agonia dura mais ou menos, mas no fim... há de descansar-se.

— Não digas isso. A ingratidão enxuga as lágrimas, e o ciúme...

— O ciúme? Diz-me, Catarina, já tiveste zelos? — perguntou com os olhos acesos numa chama repentina.

— Minha joia, os ciúmes são os espinhos do amor. Não há paixão sem eles. Graças a Deus, os meus foram sempre sem motivo.

— E assim mesmo?

— Que queres? Assusta-me um nada.

— Também a mim. Quando me ocorre que estando longe outra me rouba um sorriso, ou que ele a desvanece com os mesmos olhos que me prometeram...

— É fazeres-te infeliz por gosto.

— Deixa! Só de o imaginar se me aperta o peito. Estremeço. Se é dia parece que o sol desmaia, e que tudo fica triste como de noite. Sinto um frio, uma inquietação!... Catarina, de todos os tormentos o maior são os zelos.

— Não o procures sem razão!

— Nunca desejei mal a ninguém, e abraço-me de repente em ódio sem saber a quem. Tenho vergonha de te dizer as loucuras que me passam pela ideia! As lágrimas queimam; os suspiros ardem; é um desassossego, uma raiva! Meu Deus, o que será então o ciúme verdadeiro?!

— E não o aborrecias, não o detestavas se te causasse esse martírio? — perguntou Catarina olhando para ela.

— Não. Mesmo enganada... amava-o. Ódio? Antes a mim! De quem era a culpa se o perdesse? Minha. Não tinha sabido fazê-lo feliz! Esquecê-lo? Não se vive assim de amor, e não se diz depois que foi um sonho, bem sabes! Se a boca não o confessa, se os olhos somem as lágrimas, cuidas que é por esquecimento? O coração tem tanta memória! Deus mesmo não o consola, porque vê que não é possível.

— Nada de tristezas! — acudiu a noviça. — Diz: sempre suspeitas que a mágoa de Teresa seja amor?

— Ia jurá-lo.

— Grande?

— Quem sabe!

— E crês?...

— Que são coisas que não se explicam. O seu ar distraído, a sombra daqueles olhos cheios de melancolia, que umas vezes se arrasam de lágrimas, outras se enchem de luz... não é natural.

— Não sei. Por ora acho cedo para falar. Porque se esconde ela e gosta tanto de estar só?

— Tem medo que descubram o seu segredo.

— Então, tristeza e solidão?...

— Sinal certo de paixão!

— O que nos contará o padre Ventura?

— Nada; quase nada.

— Julgas?

— Afirmo. A sua arte é ouvir muito e dizer pouco. Alguma pergunta açucarada, se a fizer!

— É discreto, Cecília!

— De mais. Queres ouvir? Assusta-me.

- Mesmo depois do que fez?
- Sobretudo depois do que fez.
- É uma sem-razão!
- E quando amaste o conde sem o conhecer tinhas razão?
- É diferente. Aquele não é Jerónimo? Não anda no jardim, e não está olhando para a janela de Teresa?
- Assim ela tivesse ânimo de o desenganar!
- Eis o meu receio.
- Desengano-o eu! Sou quase sua irmã, estimo-o, e não hei de calar-me, sabendo que se faz desgraçado.
- Cecília! E daí!... Não sei o que será melhor.
- Jerónimo subiu?
- Não o vejo...
- Tenho tanta pena dele!

Enquanto as duas meninas falavam a seu respeito, Jerónimo sentindo-se triste tinha descido ao jardim. Não era mágoa, mas uma vaga melancolia o que lhe cobria o coração. O dia sereno, o sol e as flores não o distraíam. Tinha dentro em si um receio, uma apreensão, cuja causa ignorava, cujo efeito debalde combatia.

Esta alma firme em presença dos perigos, costumada a medir-se com os trabalhos, desanimava facilmente com as penas do amor. O mancebo, que ainda criança fazia pasmear o padre Ventura nas selvas da América contemplando a morte; o marinheiro, o soldado que nos temporais do oceano e na refrega das batalhas podia contar as pulsações do peito e não as sentir mais rápidas, diante de Teresa era tímido que nem uma donzela!...

Bastava algum rigor nos olhos da filha de Filipe para os seus perderem o brilho. Nos ânimos fortes vê-se isto muitas vezes. A alma entrega-se, e não exulta senão depois de fundir na sua ternura infinita os grandes afetos, que são a alegria e a dor do homem; o carinho filial, a sensibilidade materna e o amor-paixão!

A contar dos anos em que a mocidade principia a sentir, adivinhando a vida, Jerónimo absorveu a sua na adoração da irmã de Cecília. A distância, no meio do estrépito das armas, a saudade de Teresa acompanhava-o. Entre as recordações ditosas da pátria

e da família, a imagem querida sorria-se e alentava-o; o seu júbilo era vê-la e ouvi-la dentro da alma; fugir do mundo para a solidão com ela; e suavizar as vigílias do campo e do convés, entretido com estas memórias e cuidados, tão suaves de gemer, tão doces de escutar!

Queria muito a Cecília, ainda a julgava mais sedutora, mas os seus modos infantis e os seus caprichos assustavam-no; tinha medo de lhe confiar a sua felicidade. O carácter sério e refletido de Teresa atraía-o mais. Costumou-se a consagrar-lhe todas as saudades, a invocá-la em todos os transe como seu anjo consolador. Juntos, não formava um desejo, não tinha verdadeiro prazer senão unindo o coração ao dela. Ausente, as formosuras raras pareciam-lhe menos belas. De dia e de noite via aqueles olhos de esmeralda cheios de silêncio, ora nas ondas agitadas, ora no trémulo resplendor das estrelas, ou nas folhas luxuriantes dos trópicos. O tempo não consumiu, exaltou o afeto; o amor fez-se paixão. E que amor! A chama de uma alma imensa na ternura, absoluta no sentimento!

Ao pé dela, Jerónimo não queria viver senão do sorriso e da luz que lhe concedia. Esta paixão submissa e sensível tinha lágrimas e prazeres secretos que ninguém sabia. Uma palavra mostrava-lhe às vezes o paraíso: a mais ligeira nuvem, passando pela frente da donzela, carregava a sua de tristeza. Os desejos de Teresa significavam para ele ordens; os menores enfados pareciam-lhe infortúnios. Era um escravo abençoando os ferros voluntários; era um fanático absorto no êxtase perpétuo! Sem desgosto quebraria a espada, se todo o seu orgulho não fosse subir mais para a elevar consigo.

As saudades que o magoavam, sofria-as sem queixume. O que valia o sacrifício próprio, quando a glória obtida faria feliz a esposa da sua escolha? Era tão válida a sua fé, que chegou a não acreditar na morte. Temerário como a audácia, ardente na luta, porque a luta era a sua estrada, ria-se dos perigos, certo de achar o prémio logo adiante deles. A muitos o cansaço da vida arroja-os a competir com o impossível. A paixão era nele o herói.

Se a imagem de Teresa, apagando-se de repente, deixasse de o iluminar, o braço e o coração caíam sem poder.

Os sentidos nunca lhe profanaram a ternura. Se amasse um anjo não podia elevar mais a pureza do seu culto. Era a virgindade tímida, a candura ingênua de um coração infantil. O amor nascia da alma e não da imaginação; estava no espírito e não nos lábios. A casta chama ardia em toda a inocência, e não se maculava com os apetites sensuais. Em tantos anos só ousara aspirar aos favores que o mais delicado pudor não receia conceder.

Pobre Jerónimo! Como ele amava! E como a fortuna o traía, fingindo-se amiga! Se conhecesse a verdade!... Para quê? Os ânimos fortes, quando se deixam dominar, resistem poucas vezes! A dor que os corta é a primeira e a última; se o desengano chega tarde, o coração estala de o ouvir; porque excedeu a medida humana. Não se resignam, porque não lhes resta nada. O tempo não os cura; neles a vida é que morreu! Também os prantos não os consolam. Existiam pela união de outra alma, e expiram apenas sabem que estão sós. Acabada a ilusão não tem que desejar, nem que perder! Daí por diante o mundo serve-lhes de desterro; é um deserto por onde a saudade os arrasta, procurando a ventura que passou.

O resto (ainda alguns meses de martírio) não é viver. A boca toma aquele sorriso pálido, que parece aberto em mármore, e diz mais do que os lamentos e os suspiros. A fronte cobre-se de luto, e apesar de mil esforços deixa impressas no rosto as sombras da desesperação. Sem brilho e calor, a vista, fria como o coração e morta como a esperança, parece não ver mais que o túmulo aonde está sepultada a felicidade! Julgando de leve, o mundo olha e exclama: «esqueceu; consolou-se!» A alma queixosa cala-se. O que tem ela a dizer aos homens? O seu refúgio é o silêncio e a melancolia da noite em que volta aos sítios aonde foi ditosa, semelhante às sombras dos que já viveram. O mais é falso. O sorriso que dorme sobre os lábios mudos, a palavra que sai gelada da boca, representam a comédia do orgulho, e não fazem senão mentir. Perante Deus cai a máscara, e as memórias do passado,

revoando, a cada hora cravam um espinho novo e ateiam as chamas do incêndio. Depois do amor, a paz e o esquecimento só os dá a morte.

Tudo se torna insensível, menos o lugar em que a paixão gravou a sua imagem, indelével, eterna, capaz de resistir aos invernos da velhice, ao delírio dos sentidos e às lutas da ambição. Mesmo aos pés de outra, mesmo cuidando esquecer, o coração lembra-se, e não pode oferecer senão um suspiro sem ardor! Nos braços de amores volúveis, a razão vacila, a saudade magoa-se, e a alma despertando foge para o seu asilo doloroso. Entre o riso que não passa dos beijos, e as frases que sepulta no peito, o mártirio chora! Em um sítio conhecido, com a menor palavra a dor renasce, e duas lágrimas silenciosas queimam-se de repente na fásca que por dentro abrasa tudo.

O sacramento da alma é o amor. Por ele se resgata a vida, e se espera o paraíso. Quem o perdeu não se consola, nem se vence; sobretudo se a sensibilidade o fez poeta. Há de combater, e há de amar, embora o negue. Feliz ainda se a inteligência sobrevive! No Dante sobreviveu ao menos o pensamento ao coração!

Teresa, não querendo, concorria para entreter a fatal esperança de Jerónimo. O mancebo julgava-se amado, supunha-se correspondido, e media pelo seu o afeto dela. Crente, nada o esclarecia, e tudo conspirava para o iludir. Estava abraçando como realidades as visões do seu desejo. Sem suspeitas, com a confiança na vida e no amor, que é o precipício das grandes almas, só via flores entre a ventura.

Os belos olhos, tímidos e melancólicos que fugiam dos seus, não o advertiam. O tremor da mão, se ele a beijava, e mais ainda a palidez do rosto, se aludia ao próximo enlace, não desenganavam o amante crédulo. Outro menos cego teria duvidado; ele nunca! Teresa amava-o, senão dizia-lho! Eis a sua ideia. Para o convencer fora necessário que ela se revestisse de valor e exclamasse: «Jerónimo, ambos nos iludíamos: tu acreditando que a paixão é a amizade; eu tomando o carinho de irmã pelas ternuras do amor».

Tudo influiu para o erro se prolongar. O comendador, cujo desejo era este enlace, absorvido pelos livros e declinando com a idade, pouco em estado estava de sondar a verdade, contentando-se com as aparências. Filipe da Gama não brilhava pelos dotes do espírito, e conhecia muito mais a sereia dourada da sua charrua da Índia, do que o mistério quase impenetrável do coração humano. Porque era mulher e mãe, parecia Madalena a pessoa própria; mas ainda que às vezes achasse frio de mais o coração da filha, não se assustava. Avaliava pelo seu carácter o da noiva de Jerónimo. Deste modo, uns adormecidos, outros cheios de credulidade, dando as mãos, eram causa de irremediáveis infortúnios.

Como dissemos, Jerónimo sentindo-se melancólico, descera ao jardim. As janelas do quarto de Teresa deitavam para a rua em que ele passeava. Dobrando aqui o passo, mais adiante demorando-se ao pé de uma árvore, e por fim assentando-se com a cabeça entre as mãos, o mancebo poderia representar bem a figura da distração.

Ao mesmo tempo a irmã de Cecília, envolta no penteador de renda, e com as tranças ainda soltas, vinha encostar-se por dentro dos vidros, olhando para os ramos nus e para as plantas destoucadas de folhas e de flores. De repente descobriu o mancebo, e seguindo-o por entre as voltas ornadas de buxo, os olhos tornaram-se-lhe húmidos e pesarosos. O suspiro que veio tremer à flor de seus lábios era como um adeus à serenidade dos dias de candura, em que o inocente coração vivia ditoso de ilusões, porque ainda ignorava a realidade.

Teresa tinha querido vencer-se e expiar a dor alheia; mas um poder oculto, uma voz que tinha medo de ouvir, e que apesar disso ouvia sempre, dizia-lhe que não seria meritório o sacrifício, e que a desgraça em lugar do afeto viria sentar-se sobre o seu leito nupcial, trazendo consigo a pálida agonia e o remorso inconsolável.

A contar da tarde em que achara que a sua alma era muda, tinha visto em si uma revolução completa. À paixão com que sonhava dantes associava-se agora uma ideia incessante, insinuada nos menores desejos, em todas as esperanças, e até mesmo nos

caprichos. Procurava afugentá-la, mas debalde; o conde de Aveiras, o noivo de Catarina, preocupava-lhe tantas vezes a ideia, que parecia trazê-lo sempre diante da vista.

Pensando nele, Teresa deixava pender a fronte, e o seu espírito perdia-se nas apaixonadas meditações em que os sentidos dormem, e o sentimento reina, entre as promessas do futuro, tão meigas na pena, tão suaves na tristeza! Caindo na realidade, e olhando para dentro do coração, tinha medo, escondia as faces, e por entre os dedos corriam as lágrimas em fio, mais doces do que amargas, como filhas da mágoa, que não é só dor, mas prazer também.

De noite o sono agitado figurava-lhe a imagem do conde ajoelhado aos pés da outra. A testa esfriava; o seio palpitante sufocava-se; e a boca entre murmúrios não podia soltar nem um gemido. Subitamente a vaga forma do sonho aclarava-se mostrando-lhe o próprio rosto! O júbilo despertava-a; e achando-se a sós nas trevas, pareciam-lhe estas menos escuras ainda do que a noite em que vivia.

De dia, lendo ou matizando ao bastidor, pasmava a vista, esquecia-se de tudo, e o coração conversava com a imagem que o entretinha. Se lho perguntassem, Teresa responderia sem mentir: ainda não amo! Mas, observando os seus devaneios, seria fácil marcar a hora em que o afeto, mais forte do que a vontade, teria de ceder.

À janela, com a face reclinada na mão, a irmã de Cecília, como o dissemos, olhava para Jerónimo. Encostada sobre o cotovelo descuidava-se em um desleixo adorável no requebro. Os cabelos em anéis confusos fugiam com travessura pelo colo, parte sumindo-se no seio, parte menos indiscretos brincando sobre os ombros, e beijando a neve. Airosas e alvas, as roupas, apertadas no cinto, caíam em pregas, ora encobrindo, ora revelando o desenho das formas, segundo as ondulações do corpo. A terna palidez do semblante, corada daquele reflexo de rosa branca, tão sedutor quando uma sombra anilada rodeia as órbitas, lutava com as rendas e realçava-as.

A vista pronta em se esconder debaixo das pálpebras volvia-se cheia de expressão e de silêncio, acompanhando lânguida os suspiros que exprimem o enlevo da alma. Só um pincel amoroso, rival das Graças, ousaria exprimir a doçura com que a esperança receosa abria a flor de um sorriso no coral dos lábios, ou com que a luz volúvel e agitada dos olhos refletia os relâmpagos da paixão balbuciante.

Assim, a donzela tinha a ideia longe, e a vista fita em Jerónimo. O mancebo trazia no peito a imagem dela, mas ainda não a descobrira. Passados instantes divisou a esbelta figura por entre os vidros, e enviou-lhe de longe o beijo de Romeu e Julieta. Trémula, agitada, Teresa perturbou-se, e respondeu com um gesto. Era dó, seria remorso? Que insondáveis abismos tem o coração!

Que mil contradições encerra o amor!

O engano é tão fácil! A imaginação muitas vezes toma o lugar da verdade. Teresa teria horror de enganar Jerónimo, e enganava-o inocentemente! Iluminando-lhe a alma com aquele sorriso, não pedido, quem não se julgaria amado? É que nas mulheres sensíveis a amizade mesma é um perigo. Enche-se de carinhos e candura, e pede com graça tão afetuosa, que para a distinguir do amor... custa! O erro atrai; e o mancebo, abraçando o seu, achava a ilusão divina.

O que seria se fosse a realidade?

XXX NEM SEMPRE O AMOR COM AMOR SE PAGA!

Teresa depois do primeiro sobressalto tinha caído em si. O coração assustado, e os olhos confusos advertiram-na de que lhe ia desfalecer o ânimo. Recolheu-se à pressa da janela, assentou-se defronte do toucador, e com a vista fita e o rosto entre os dedos acusou-se muitas vezes da fraqueza que a impedia de pôr termo ao engano de Jerónimo. A verdade era cruel, era dolorosa; mas se a não dissesse?

Desejava sacrificar-se; porém o mancebo não pedia sacrifícios; tinham-lhe dado o direito de exigir amor!

Rasgaria de uma vez o véu? Mesmo atrevendo-se, faltavam-lhe palavras que explicassem àquela alma, cega de confiança, que tudo fora ilusão, e que era preciso acordar, achando a felicidade de menos, e talvez a vida. Podia só dizer meia verdade, segundo o conselho de Catarina. A ternura de Jerónimo era tão crédula, que não podia temer que percebesse mais do que lhe queria confessar.

No meio da sua perplexidade ouviu passos no corredor imediato, e decidiu-a num ímpeto quase maquinal. «Se for ele, digo-lhe tudo!», pensou consigo. Apesar disso, quando entreabriu a porta os joelhos cederam de tremor; quando olhou para descobrir quem vinha, pôs-se-lhe uma nuvem sobre a vista. O rosto da irmã de

Cecília atraía com a beleza tímida e plangente. A ansiedade desbotava-lhe as faces, e a cor suavemente triste do alabastro realçava o carmim dos lábios, aonde um sorriso sem calor despontava apenas. A desesperação que lhe emprestava momentânea energia podia ler-se nos olhos, cujo brilho humedeciam as lágrimas mal queimadas.

A mão vacilava chamando; a vista suplicava; e o corpo, suspenso entre o receio e a vontade, mostrava a indecisão adorável que dá tanto agrado à formosura, quando, cheia de inocência, nem sequer adivinha os desejos que faz nascer.

— Jerónimo — disse em voz baixa — Jerónimo! Sou eu! Não saia sem me dizer adeus... Tenho uma coisa que lhe dizer. Entre!

O mancebo veio. Quase irmão e quase esposo, este favor não o admirou; e todavia, se é possível, estava ainda mais trémulo do que ela. Só com Teresa o seu coração não sabia senão sentir e palpitar. Vê-la, ouvi-la e adorá-la era a sua única alegria.

— O que tem? — observou a donzela reparando no sobresalto do capitão. — Admira-se de o chamar? Não sabe que somos quase irmãos?

— Irmãos? — acudiu ele com um ar que a fez mais triste. — Acha verdadeiro um nome que é doce, mas que diz menos do que sente?

— Se tivesse um irmão, Jerónimo, havia de amá-lo tanto! — atalhou a irmã de Cecília cheia de melancolia.

— Pois eu tinha ciúmes dele!

— Ciúmes? de meu irmão?

— De todos. Às vezes chego a ter inveja até das carícias de Cecília... O meu desejo era sermos só dois no mundo, e não haver ninguém no meio.

— Como Adão e Eva? — replicou sumindo as lágrimas em uma ironia contrafeita. — Cuidei que não era zeloso!

— Disse uma loucura! — acudiu o mancebo abaixando a cabeça envergonhado.

— Olhe — exclamou ela esparecendo o rosto com esforço — eu sou o contrário. Agrada-me tanto saber que louvam e prezam o que estimo! Tenho horror aos zelos!...

Calaram-se por um pouco. Teresa, porque lutava consigo e tinha medo de dizer o que trazia no coração; Jerónimo, porque se temia sem saber de quê, e não se atrevia a deixar falar a ternura.

Enfim a donzela com a voz insinuante e o olhar sedutor, fascinação irresistível da mulher, pegou-lhe na mão, e por meio de branda violência obrigou-o a sentar-se numa cadeira. A dela estava do outro lado defronte; o espelho erguia-se no meio de ambos.

— Sente-se por um momento — dizia-lhe ao mesmo tempo — e conversemos como amigos com sossego. Diz que me ama? Vou saber a verdade.

— A verdade? — exclamou ele levantando-se, e revelando a mágoa nas pupilas, que de repente se tornaram quase lacrimosas. — Tantos anos de constância ainda não lhe disseram tudo?

— Sente-se! — interrompeu ela ameaçando-o com o dedo, e rindo com meiguice. — Está disposto a fazer o que eu mandar?

— Sendo possível!...

— Sim ou não?

— Sem saber?...

— Descortesia! Fazia-o meu cavaleiro; mas os votos da sua dama, vejo agora...

— Seu cavaleiro, Teresa? — exclamou sorrindo. — Não sabe que sou cativo?

— Ah!... O romance de Rosalinda? — exclamou encantada da digressão, que lhe permitia respirar um pouco. — Lembra-se de quando o cantávamos, e éramos tão crianças?... O que diz o almirante à princesa? recorda-se? Há tanto tempo!

— Deixe ver!... O conde fala da sua galé do mar, e Rosalinda exclama de terra:

*Para um só tenho outro emprego,
Mas está por cativar.*

— É assim; e o conde — acudiu a irmã de Cecília com viveza — punha-se de joelhos e respondia:

*Cativo está, tão cativo,
Que se não quer resgatar.
Rema, a terra a terra, mouros,
Voga certo, e a varar.*

— A parte do almirante dizia-a eu de joelhos aos teus pés...
— exclamou o mancebo exaltando-se, e dando-lhe o tratamento de infância.

— E por sinal fazia-me perder de riso... — acudiu ela com malícia. — Foi ali naquele mesmo jardim que nos está ouvindo. O que me enternecia era o final. O rei manda matar a princesa e o almirante; na cova de Rosalinda nasce uma árvore; na sepultura do conde um rosal... Depois é que são estes versos tão bonitos:

*Cortados e recortados,
Tornavam a rebentar;
E o vento que os encostava,
E eles iam-se abraçar!*

— Talvez já não goste deles? Tudo muda. Os anos passam tão depressa!

Teresa, pensativa, deixou escapar dos olhos um relâmpago de ternura, como a lâmpada que esperta na derradeira chama. Era o seu adeus ao passado. Se Jerónimo pudesse perceber!

Mas enlevado nos risinhos quadros da mocidade, o mancebo respirava com delícias estas recordações, correndo atrás do que ainda supunha realidade.

— E o outro da «donzela que vai à guerra» não se lembra, Teresinha? Foi numa linda tarde que eu o disse!... Os jasmins e as rosas ao redor de nós: o ar sereno, que não bulia folha!...

— Sei!... Lembro! Foi em Sintra — interrompeu ela agitada.

— Assentámo-nos à sombra, por sinal, debaixo das árvores, vendo correr a água; Cecília brincava um pouco adiante; sua mãe subia à ermida com o comendador. Ficámos sós... nós

dois! Nesse dia disse-me duas palavras, e deu-me um anel... Esqueceu-se?

— Não! Foi em junho; haverá três anos! — acudiu ela branca como a renda que lhe enfeitava o colo.

— Três anos justamente — prosseguiu Jerónimo. — Véspera de São João há de fazê-los. A tarde dos amores, a noite das sortes...

— Jerónimo! — atalhou a pobre menina, a quem estas recordações feriam cruelmente, mas que desejava encobrir a sua dor. — Quer que diga o romance? Parece-me que ainda o sei.

— Não, Teresinha, direi uma parte, e tu a outra. Falo eu primeiro:

*Sete anos andei na guerra,
E fiz de filho barão,
Ninguém me conheceu nunca
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra coisa não.*

— E eu acabava assim:

*Foi meu capitão na guerra
De amores me quis contar...
Se ainda me quer agora,
Com meu pai há de falar.*

— Obedeci! — exclamou o mancebo sorrindo. — Pedi a donzela a seu pai, a quem era seu segundo pai! Hoje não sei se ela quer, mas naquela tarde... fez-se uma rosa, dizendo: sim!

— Jerónimo! — murmurou a irmã de Cecília trémula e sufocada.

— Que feliz dia! — prosseguiu o mancebo sem adivinhar na palidez da donzela o que a fazia padecer. — Que tarde! Nunca os teus olhos foram mais belos, Teresa, vivos que nem o sol que rompia do arvoredos; verdes, puros, que eram a inveja daquelas

folhas que não agitava um sopro! Por cima da cabeça, nos ramos pousou um rouxinol, despedindo-se em uma cantiga tão dobrada e maviosa, que nos calávamos às vezes para o escutar. Vê tu! Quase que só falava a alma!... Tão devagar, tão perto um do outro, que a avezinha sem se assustar cada vez cantava mais... Teresa, se aquela tarde me esquecer, diz que já não sou do mundo.

— Lembras-te bem... de mais!... cuidei que hoje... desde que somos noivos! — atalhou balbuciante, aflita, e com os olhos arrasados de água.

— Sempre! O coração morria se não vivesse de sentir e recordar. Representa-se-me tudo como se fosse agora... Eu estava de joelhos; não sei como a boca tocou a tua mão; voou um beijo; e sorrindo, e fugindo com os dedos, tiraste à pressa a tua memória de oiro, e deste-ma em penhor... Ei-la!... A língua tinha medo de falar, mas a vista não se calava... Até que sentindo os passos de tua mãe, e levantando-nos de repente, não pude conter-me e exclamei: Teresa, isto não é amor?

— E eu por sinal não respondi! — acudiu ela corando.

— É verdade. Mas a boca sorrindo, e os olhos cheios de graça disseram *sim*. Ainda somos só irmãos? — perguntei de novo.

— Eu fiquei calada? Não me lembra.

— Não; disseste...

— Alguma promessa... de criança? Loucuras, Jerónimo!

— Como é doce falar delas! Ainda parece que te estou vendo com as faces como dois rubis, e os olhos tão meigos! Recordas-te quando me dizias: Cecília é tua irmã, mas eu sinto mais; não sei se é amor?

— Bem vê! Disse que não sabia!... Lembro-me!

— Tornei a ajoelhar e a beijar-te...

— A mão! — interrompeu ela cor de púrpura, e com um gesto gracioso.

— Sim. Dessa vez não fugiu, mas tremia!... Cecília chegou-se a nós, e viu-nos tão sobressaltados, tão vermelhos, que se riu, dando-me uma saudade... ainda a conservas?

— Está ali! — disse a donzela apontando para um cofre de madreperola.

— Parti pouco depois. Foi a última viagem. Os perigos e as ondas não me assustavam; sabia que havia de voltar! As mágoas da ausência, as minhas saudades, só tu as consolavas... Quando o coração se entristecia, adivinhava que o teu não estava alegre; se me dizia o teu nome, acreditava que à mesma hora pensavas em mim. Se fiz alguma ação, que chamaram grande, era para saberes por ela que vivia! Não a pratiquei senão para ser mais uma glória do nosso amor... Teresa, se te perdesse!... Se viesse a conhecer que me enganava... Melhor era não ter nascido!... Sobre as águas do mar foste sempre a minha estrela. Nas solidões da América acompanhou-me a tua imagem. Nunca me achei só senão ao pé de outra mulher! Sem ti o mundo não valia metade dos meus trabalhos. Há três anos que a minha vida é só a esperança. Dir-me-ás hoje o mesmo que na véspera de São João à tarde?... Quando teu avô nos uniu as mãos o teu coração não me repeliu. Quando teu pai quis abençoar mais um filho, a tua alma não teve receio. Sabes se te amo!... Não importa! Teresa, se a minha alegria, se a minha vida, porque não quero mentir, é a minha vida, te custasse uma lágrima... ainda estás a tempo; longe daqui há um sítio aonde posso sossegar!... Calas-te, choras?... Não te assustes, não me queixarei, não te direi senão uma vez ainda que te adoro! Recebe o teu anel, ficas livre! Só peço que não me digas tu mesma que hei de perder-te. Sou mais fraco do que julgas!

Ouvindo estas frases ardentes e apaixonadas, Teresa pôs as mãos, e instintivamente inclinada para ele recusou o anel com um gesto repassado de tristeza. Pálida e trémula, sentindo-se cortada de mil contrárias dores ao mesmo tempo, foi-se levantando lentamente da cadeira como se uma força sobre-humana a impelisse. Os olhos fitos deslumbavam, a boca fremente e ansiosa recolhia as palavras como outras tantas gotas de sangue precioso. Quando ele ergueu a vista e a procurou, para ler a sua sorte, sentiu queimarem-lhe duas lágrimas sobre a mão, e achou a donzela ajoelhada aos

seus pés. Ao mesmo tempo, aquela voz suave, que tanto receava que o condenasse, cortava-lhe o coração, exclamando:

— Jerónimo, não mereço tanto amor.

O mancebo arrojou-se-lhe também aos pés imediatamente. Ambos de joelhos, com as mãos unidas, ficaram naquele silêncio que diz tudo. Teresa enternecida com o excesso daquele amor; Jerónimo, adorando as doces lágrimas dos olhos compassivos, firmando-se na ilusão, e entregando-se ao rapto de tão enlevados momentos.

Entre os dois estava o adeus eterno, a separação, e nenhum a via!

Mais serena depois, e tremendo interiormente da sua fraqueza, Teresa tornou de novo a assentar-se. O mancebo seguiu-a sem entender a mudança repentina. Em vez de a alegrar, o sorriso da irmã de Cecília era como as belas sombras de alguns quadros. Respirava a suave melancolia que adormece os olhos, quando a fadiga os faz cerrar.

— Jerónimo — disse enfim com a voz por tal modo tímida, que parecia um eco do coração — tem muitas saudades desse tempo? Não lhe parece que vivemos de mais... em sonhos? Seja razoável. Hoje não é ontem. Se nos tivéssemos enganado?...

— Enganado! — exclamou ele, levantando as mãos.

— Deixe-me dizer!... Suponha que me enganei eu! E se não houvesse amor, mas amizade... só amizade?... Não era bastante, não era melhor?...

— É tão diverso! — murmurou o mancebo pálido.

— Menos do que julga... uma irmã é o sangue do nosso sangue...

— Mas uma esposa, Teresa, é o sangue da nossa alma!

— Nem sempre! O amor parece-se com as flores; passa tão depressa! Bem vê. Uma senhora que se estima não deve prometer, deve dar a felicidade a seu marido... Um engano faz tremer; às vezes não se sabe...

— Mas sente-se!... — atalhou ele com doçura. — Um engano? — acrescentou sorrindo. — Há quem se não iluda nunca: o coração! Diz ao meu, que vendo-te, não palpita!

— E depois de esposo cuida que será o mesmo? Julga que daqui a dez anos há de amar como hoje? Receio que não seja senão amizade a nossa ternura...

— Não, não! A amizade é menos!

— Jerónimo! Ainda não sabe.

— Sei. Sinto!

— Desconfie! E se eu faltasse? O seu dever não era consolar-se? No primeiro ano tinha ódio ao amor. No segundo indiferença. E depois? Cedia dizendo que não. Desejava ser fiel; resistia; sei; mas no fim, como a alma não morre, e a dor se gasta com a saudade, por fim amava outra.

— Teresa!

— Amava — é assim o coração do homem! Quer ir cegamente? Estou defendendo a sua felicidade e a minha, como irmã, como amiga...

— E como amante! — disse ele com dor.

— Também! Mas ouça a razão. Ainda me não respondeu: se fosse sua irmã não era o mesmo?

— Uma irmã é muito; mas o amor é tudo — replicou o mancebo. — Teresa, conhece que estremeço Cecília, que desejo vê-la feliz... pois, se a perdesse, podia consolar-me e viver; estimo-a, mas não é o mesmo.

— Parece-lhe! Costumou-se a ver em Cecília uma irmã, e em mim uma noiva. Pois eu era capaz de aceitar a troca!

— Tu?... — exclamou Jerónimo cheio de terror e de paixão.

— Eu! Não se admire! tenho medo! Quer que lhe diga? Assusta-me vê-lo tão arrebatado... Não amou, não conhece ainda...

Ele deixou passar um raio de luz pela tristeza que lhe humedecia a vista; uma ironia terna espaireceu-lhe a fisionomia de repente. Levantando-se, pegou-lhe na mão com extremo, e trouxe-a consigo. Estavam defronte do espelho, e o vidro refletia a apaixonada expressão do mancebo, e o semblante mais sereno da donzela. Ajoelhando, e pousando a boca na ponta dos rosados dedos que Teresa lhe estendia, Jerónimo respondeu com certo enleio:

— E se tivesse amado, perdoava-me?

Sem saber porquê, e obedecendo a uma das mil contradições que tornam a vida um mistério, a irmã de Cecília, ouvindo a pergunta, fez-se pálida, e a vista despediu uma chispa que se apagou em duas lágrimas. O que mais desejava momentos antes parecia-lhe agora crueldade. A existência de outra paixão, e de uma rival, era a liberdade; entretanto o orgulho e o coração choravam, receando que pudesse havê-la. Um ciúme injusto, raivoso, absurdo, principiou-lhe a arder no peito e a abrasá-lo. O desdém armava os olhos de frieza cortante; a mágoa ressentida fazia tremer a voz. Por mais que quisesse disfarçar-se, liam-se-lhe os zelos no semblante, no tom, no menor gesto.

— Há de confessar-me tudo? — acudiu encobrendo a curiosidade em um sorriso. — Promete não me ocultar nada? Para sua irmã — acrescentou, dando expressão à palavra — não há segredos... Demais, sou discreta! Foi há muito tempo?...

— Desde a última viagem! — replicou Jerónimo com um valor, que a confundia.

— Ah! Quando me dizia a mim!... E amou-a?

— Tanto, que só agora sei que posso amar mais!...

— Hoje é que se engana, talvez! Era bonita? Não preciso perguntar — ajuntou ansiosa e cada vez mais trémula. — Os seus olhos dizem tudo.

— Linda como só conheço uma!...

— Acha?...

— Sempre achei.

— Sempre! Mesmo então? Nesse tempo dizia-me... Não quero lembrar-me. Somos irmãos! E os olhos dessa menina são pretos como os de Cecília, ou azuis como os de Catarina? — prosseguiu respirando com tanta violência, que o justilho arfava e a voz prendia-se.

— Nem azuis, nem pretos... mais raros!

— Mais raros! — observou irónica. — Nem azuis, nem pretos!... Então eram... são... pardos?

— Nem pardos...

— Temos algum anjo?

— Quase. Depois diz tanto, sem falar, a sua boca! — acudiu o mancebo olhando para ela, e sorrindo-se.

— É mimosa e linda? um beijo parece que a fere?

— Talvez lhe custe a acreditar.

— Que prodígio! Acabe a pintura. Falta-lhe dizer que não há figura mais esbelta... depois de tantas perfeições!...

— Tanto que uma das Graças teria inveja.

— Ah! Bem se vê! Sabe o que diz o retrato? Confessa o seu amor... E ela?...

— Ela... podia fazer-me feliz com uma palavra; mas não quer.

— É pena!...

— Se eu lhe mostrasse o retrato?...

— Para quê! Se é galante e prendada; se é menina e meiga...

— Tem a sua idade. Nem um dia mais.

O mancebo olhava para ela com ternura tão extremosa, que Teresa palpitante, e interiormente devorada de ciúmes, pareceu-lhe ver nela um ultraje. Faltava-lhe já o ânimo para dissimular. O coração não podia com o orgulho e com a mágoa. Sufocava de ressentimento. Assentando-se e batendo o pé, a cólera inflamava-lhe as faces; os olhos eram dois raios de luz. Todas as provas da paixão de Jerónimo lhe esqueceram para só lhe lembrar que o passado não fora todo seu. O ciúme dilacerava-a, porque a vida do mancebo lhe não pertencia inteiramente. O orgulho, a paixão dominante do seu carácter, levantava-se armado de zelos, e cortava-a. Um véu tomava-lhe a vista. As palavras ardiam nos seus lábios.

— Jerónimo — disse com a voz vibrante, que é o indício das tempestades da alma — se não quisesse ser sua irmã, sabe que era cruel o que acaba de me dizer? E se o amasse?... Julga que uma esposa, depois desta confissão, não seria toda a vida infeliz? Porque não mo disse antes? Enganar-me tanto tempo!... Não o negue! Enganou-me, quando prometeu...

— Teresa, eu amava... mas ela não!

— E a mim oferecia-me o coração que outra rejeitava!? Ah! Os homens, os homens! cheguei a crer!... Se o tivesse amado, Jerónimo, desprezava-o!

— Esqueceram-lhe as nossas condições, Teresa? O pecador confessou-se, porque lhe prometeram perdão. Seja misericordiosa... Há tanto tempo!

— Não importa. Escarneceu-me, zombou de mim! Se ela o quisesse, não estava aqui...

— Estava!

— Olhe, parece que lhe vou tomando ódio! A qual das duas enganava? Se eu lhe entregasse a alma, não ia pôr aos pés dela mais um triunfo?! E não cora!... E confessa-mo?

— Não me disse que éramos irmãos, e que os irmãos não têm segredos?

— Não! Riu-se da fraqueza do meu coração, quis-me abater. Agora é que se lembra de que somos irmãos, e há pouco... E eu que tinha dó, que sentia... Jerónimo, não torne a aparecer-me. Ama outra. Se ela for tão vil...

— Não diga nada que a ofenda! Mesmo sem ser amado era capaz de morrer por ela!...

— A qual mentia? — acudiu a irmã de Cecília, levantando-se e fulminando-o com a vista. — Acabemos! Depois do que sei... está livre. Chamei-o para lhe pedir...

— Estou pronto a obedecer...

— Ainda não percebeu que deixei de o estimar?... Esse riso fere mais do que as palavras. Procure consolações para o seu amor, mas não me torne a ofender...

— Ouça, Teresa. Veja ao menos o retrato... Se não me desculpar...

— O retrato! Que me importa? Quer que veja que é mais bela? Sei. Fique satisfeito. Uma pergunta. Conheço-a?

— Conhece!

— Oh, então também eu quero conhecê-la. O retrato! O retrato!

O mancebo, pegando-lhe quase por força na mão, levou-a diante do espelho, e mostrando-lhe o rosto no vidro, exclamou rindo:

— Ei-lo. Dirá ainda que a enganei?

Ela soltou um grito, escondeu o rosto entre as mãos, e depois desmaiou quase sobre o braço que a amparava. Ao mesmo tempo Jerónimo acrescentava:

— Não é verdade? Não sou eu só quem amo?

Os dedos de Teresa já não escondiam as faces. O seio palpitava; e uma das mãos trémula e esquecida apertava a do mancebo. Mordendo sem ira os beiços e avivando-lhes o carmim, deixou fugir dos olhos quase uma promessa. Era tão feliz neste momento! O seu orgulho triunfava tanto, quando mais humilhado se julgara!

A verdade que lera na vista de Jerónimo tirava-lhe toda a dúvida. Era amada, nunca tinha deixado de o ser. Só o ciúme a pudera iludir a ponto de supor possível outra coisa.

— Não! — acudiu sorrindo. — O seu retrato é de um anjo, e eu não sou senão mulher. Veja! Os olhos pretos de Cecília têm mais graça. E entretanto disse-me que os do retrato eram raros! Como quer que o acredite?

— Quando falam há mais amor nos seus.

— Lisonjas! A beleza está nas tintas do pintor.

— Olhe, e negue! — disse ele com um sorriso, mostrando-os no espelho.

— A boca de Catarina é tão galante, e na de Cecília há um enlevo!

— Um sorriso, Teresa, e verá que não tem rival.

— Não, Jerónimo!... Estar-me a adorar e eu a ouvi-lo! É uma perfídia!...

— Se me tivesse amor não acreditava!

— Da sua boca?...

— Era impossível até na minha boca!

— Quer que seja sincera? Até aqui fomos duas crianças. Bem viu. Cuidando que o afeto que sentia era amor, iludia-o sem querer... Conheci o erro... perguntei ao coração...

— E ele?

— Não me respondeu!

— Teresa!

— Escute! Desci ao fundo da minha alma...

— E a sua alma?...

— Ficou fria!...

— Ah!...

— Ouça. Não lhe tinha amor. Era ternura, afeição de irmã, tudo, menos amor. Hei de dizer-lhe a verdade. Às vezes a imagem de outro... lutou com a sua. Quis sacrificar-me, e não tive ânimo. Precisava enganá-lo para o fazer feliz, dizer o que não era, fingir o que não pensava, o que não sentia...

— Que desengano!...

— Ainda não. Há meia hora... quando cuidei que outra era mais amada, o meu coração falou. O ciúme, a mágoa, não sei que dor cruel fizeram-no arder... Diante de uma separação inevitável achei-lhe saudades que nunca teve... Não decido, não prometo! Sei só que se o visse esposo de outra...

— Acabe!

— Tenho medo ainda de o enganar.

— Porque não morri antes de vir aqui! — exclamou o mancebo dolorosamente, deixando pender a cabeça, como se a alma fugisse em um gemido.

— Porque não se morre quando há esperança! — respondeu ela, tornando-lhe a abrir o céu no sorriso cheio de promessas. Depois pegando-lhe na mão com um gesto adorável, acrescentou: — Jerónimo, não lhe disse ainda agora: sejamos irmãos, sem me atrever a declarar mais nada? Não adivinha que sinto e que espero uma vez que lhe confesso tudo? Não vê que sei o que é a dor e o ciúme, e que apesar disso não lhe oculto nada?... Há coisas que uma irmã não diz a seu irmão.

— Então?... — interrompeu o mancebo reanimando-se, e pendendo ansioso da sua boca.

— Pode guardar-me o seu amor e a sua fé por mais seis meses? Terá confiança em mim para não me perguntar nada até ao dia em que eles findem? É capaz de se ausentar, e de jurar que não irá arriscar a vida por uma... loucura?

— Uma pergunta, Teresa, ama, ou amou alguém?

— Não sei.

— Receia amar?

— Desejo!

— E diz-me que espere?!

— Sim!

— E manda-me viver?

— Sim. Não percebe que se eu amar, somos felizes? Peça-lhe este sacrifício, Jerónimo!... Não o faz? Seis meses! No fim deles...

— Sou livre, posso dispor de mim? Sem essa condição recuso.

— Promete?

— Juro. E até lá?

— Esperemos! — concluiu ela sorrindo.

— Agora eu — disse o mancebo com um véu sombrio na vista.

— Dentro de três dias volto para o exército... Não se assuste, hei de viver... São seis meses, seis séculos que me condena a penar sem um dia de alegria. Entrego nas suas mãos a minha vida... No fim deles, a esta hora hei de saber?...

— Mais cedo, acredite.

— Deixa-me partir sem uma esperança ao menos?

— Não é melhor a certeza?

— Teresa, pela última vez! Amo-a, adoro-a! Era muita felicidade unir Deus um anjo às fadigas e aos perigos de um soldado... Tinha sonhado; não estranhe que me custe a acordar... Irei para o meu desterro, e daqui a seis meses uma carta me dirá se posso voltar... ou se devo morrer.

— Jerónimo, não queria enganá-lo!

— Não me queixo... adeus!

— Não lhe esquece nada? — perguntou ela com um sorriso em que havia lágrimas.

— Nada. Deixo aqui a alma, e peço que o meu desterro seja curto.

— Não quer uma lembrança de... sua irmã?

— O coração só precisa de amor!... E minha irmã disse que não mo podia dar ainda!

— Mas pode prometer...

— Não. Os seus olhos estão calados.

— Tem razão... E melhor assim!... Adeus, Jerónimo!

Depois, no momento em que ele se retirava, por um impulso espontâneo e invencível, tomou-lhe o passo, e escarlate de pejo, pousando-lhe os lábios ao de leve na testa, cingiu-o com ternura nos braços, e fugiu para o seu quarto.

O mancebo extático quis voltar-se, mas viu-a já dentro da porta, enviando-lhe um ósculo e um sorriso na ponta dos dedos, ao mesmo tempo que a doce voz exclamava:

— Jerónimo, diz-me o coração que há de voltar cedo.

O mancebo soltou um suspiro, e saiu sem ter ânimo de tornar a olhar para ela.

XXXI

TODOS FALAM, E POUCOS ENTENDEM!

Faltavam vinte minutos para a uma hora da tarde, hora improrrogável marcada por Lourenço Teles aos comensais que tinha convidado. O erudito saía do seu quarto, viçoso como a primavera, menos na frescura do rosto, cujas rugas contumazes pareciam o eterno cartaz dos anos. A preciosa renda dos punhos e da tira nada tinha a invejar na alva finura às riquíssimas «valenciennes» das duquesas do grande século. Os bordados e recamos da véstia de cetim azul-celeste podiam sair do bastidor em que se lavraram os ramos de flores com que se enfeitou, em gala real, o peito de Luís XIV, quando no orgulho de mancebo e de monarca escolhia o sol para divisa do seu esplendor. O feitio francês, a elegância do corte e da costura, a profusão das joias e a magnificência do estofa, faziam de Lourenço Teles o réu de lesa-pragmática mais público e impenitente, não havendo um só artigo das severas leis económicas de Pedro II, que o seu traje deixasse de infringir.

Encontrando-o, Watteau dar-lhe-ia a imortalidade do seu pincel espirituoso. As damas mais caprichosas teriam de confessar com dor a primazia das essências usadas por ele nas roupas e no penteado. Frisada em canudos simétricos, a cabeleira,

com as bolsas apanhadas em nós de fita cor-de-rosa, chamados laços de amor, caía com artificiosa graça, lambendo a testa, e acompanhando as faces. Os sinetes de rubis dos dois relógios, os botões de brilhantes dos punhos, e a espiguiha admirável da gravata, fariam empalidecer de inveja qualquer dos fidalgos moços e presumidos da roda do príncipe real. Finalmente o espadim de copos cravejados e bainha de veludo bordado, apresentava uma folha de Toledo, que o capitão Jerónimo queria ver montada com menos riqueza, e mais segurança, achando-a capaz de defender o coração de um soldado.

Apenas chegou ao escritório, revestido das maneiras cortesias da escola de outro tempo, o comendador deu com os olhos no abade Silva, de pé, em hábitos maiores, entretido a folhear um livro, sem se esquecer de extasiar os olhos na ocasião propícia. Regulando-se pelo exemplo do seu douto amigo, o autor das façanhas de Viriato, não omitira uma só das preciosidades do guarda-roupa ou museu doméstico. Era uma verdadeira tabuleta de antiguidades. A meia de seda preta mostrava um lavor aberto, que mal intercetava o roxo-claro da segunda meia unida à pele. O calção, laçado por cima do joelho e recamado nas costuras, estava tão justo, que deixava recear algum desastre. Nas fivelas dos sapatos brilhavam pedras de valor. A volta do pescoço formava um arabesco serpentino; os cinco sinetes pendentes de esdrúxulas cadeias assemelhavam-se às numerosas correntes de um lampadário. Curta e de requifes, a capa ouriçada de folhos na murça, com guarnições de vidrilhos pretos, dava-lhe a aparência suspeita de um toureador castelhano. Sobretudo a prodigalidade de estupendos camafeus que semeara com ostentação, e os desusados anéis romanos, egípcios ou hebreus que metera em todos os dedos, compunham uma panóplia singular, dentro da qual esticava comprimido, mas sempre solene, sentencioso e engomado, o delicioso inventor do livro dos pavões!

Os dois eruditos, admirando-se, mal puderam conter o riso contagioso. O abade achando na idade de Lourenço Teles a sátira das suas incorrigíveis elegâncias; o comendador colhendo

em flagrante sob a cor de lagosta das segundas meias, e o quase escândalo dos calções funis, a tibia aflautada e a coxa diminuta do venerando crítico. O tio de Filipe da Gama, à parte a justa modéstia, reputando-se menos seco e muito mais vistoso, dava interiormente a si mesmo os parabéns por conservar todas as suas perfeições, opróbrio do Aristarco eclesiástico!

Jasmin, seguindo seu amo, tomou conta do tricórnio de borlas verdes e torçal de oiro do comendador das barbas históricas, recebendo ao mesmo tempo de suas mãos uma bengala, cujo castão raríssimo (dizia ele) não conhecia rival em toda a Europa, sendo a autêntica e vera taça egípcia em que a formosa Cleópatra bebera as pérolas desfeitas no banquete de Marco António. Na realidade o feitio não desmentia a versão. O que quer que era que o abade chamava taça, tinha uma tampa de laves, e abrindo-se patenteava certa cavidade, aonde o latinista incrédulo observou que se poderiam acomodar até seis pastilhas contra a tosse. O peso e as dimensões deste monumento mais o classificavam entre as clavas ou maçãs de armas, do que entre os canónicos e pacíficos bastões de uma coluna da igreja doutoral.

— Então, querido abade — exclamou o comendador com jovialidade — ainda teimará que Horácio na sua ode quis citar o patriarca Jafete em lugar do Títan da fábula? *Audax Japeti genus?*

— Meu amigo, cada vez me convenço mais. Depois que nos separámos deparou-me a fortuna um manuscrito precioso em caracteres alemães minúsculos, vulgarmente chamados góticos, e folheando descobri nele o comentário de algumas odes do poeta valido de Mecenas... Ora justamente entendeu o glosador do mesmo modo esta passagem...

— Que série de prodígios! — gritou Lourenço Teles em ar zombeteiro. — Com que o senhor abade viu o livro? Diga-me: e o frontispício tinha araras ou papagaios? Nunca me hão de esquecer os mofinos pavões de oiro que tanto me citou, e que tive a simplicidade de andar procurando pela torre do castelo no meio das risadas dos arquivistas...

Dizendo isto, o velho erudito cheirava pitadas sobre pitadas, batendo com os dedos a compasso de marcha sobre a tampa da sua caixa.

— O livro existe, Sr. Lourenço Teles! — acudiu com aspeto grave o autor da carta a Lúcio Floro, cuja ira se manifestava na cor violeta que lhe invadiu a calva.

— Mas os pavões foram-se! — replicou o contraditor cada vez mais contumaz.

— Deixe-se de remoques impróprios da sua idade e indignos do respeito que deve aos outros — atalhou o abade, crescendo sobre as imensas túbias. — Vi o manuscrito, sim senhor. Por sinal é um volume de capa de pergaminho e fechos de latão... Não tem araras, nem pavões, mas no rosto poderá admirar-lhe a bela cercadura iluminada, obra de bom mestre... talvez Francisco de Holanda...

— Nada! Rafael ou Benvenuto Cellini! — redarguiu o velho sábio com seriedade. — Com que viu o livro, pôs-lhe os óculos em cima?... Noto a teima da fortuna. Não há dia em que não lhe dê um alegrão... Chovem manuscritos e araras em o senhor abade errando o seu latim.

E o comendador esfregando as mãos recostou-se com ar de mofa na imensa poltrona.

— Escusa de tomar comigo esse tom, que me faz dó! — exclamou o investigador das bexigas doidas, corando e erguendo-se com ímpeto para tornar logo a sentar-se. — Conhece a placidez do meu espírito e a vaidade dos seus chascos. Torno a repetir: vi o livro; estudei os seus caracteres góticos; e asseguro-lhe que é do tempo dos Templários...

— Justamente! Escrito por Gualdim Pais, que sabia Horácio como um mestre de meninos, e iluminado por Francisco de Holanda, que viveu três ou quatro séculos depois!... Dou-lhe os parabéns, desta vez não ressuscitou os mortos; fez mais do que Jesus Cristo, meteu no bolso os seus trezentos ou quatrocentos anos por distração. Pasma como ainda lhe não caíram os dentes!... É preciso serem de ferro para mastigar semelhantes pílulas.

O abade colhido em flagrante e aflito agitava-se, mudava de cor, e estendia a mão com solenidade.

— Não apanhe um lapso pelos cabelos! — gritou trémulo de raiva. — O que eu queria citar era o século dezasseis. O livro existe. Pertence a um amigo meu; mas não sou denunciante: por isso prefiro calar-me.

— Acho prudente! — redarguiu Lourenço Teles, sacudindo o tabaco da tira com um piparote. — Pelo que vejo a raridade desceu da Lua e volta para a Lua em eu me convencendo de que Horácio chamou hebreu a um Títan?... Pelo amor de Deus! É capaz de jurar sobre umas horas que descobriu a ossada das éguas lusitanas, que os Romanos disseram concebidas do vento... Estou-o ouvindo descrever-me a autêntica da relíquia.

— Sr. Lourenço Teles, compadeço-me das trevas do seu espírito. O manuscrito há quem o tenha; fiquemos nisto. Se não acredita, perdoo-lhe a injúria em atenção às suas enfermidades.

— Agradeço a clemência!... Jasmin, que horas são?

— Uma hora menos um quarto — respondeu o escudeiro, inclinando-se com a bengala e o chapéu do abade ainda nas mãos.

— Guarde no meu quarto esse capacete eclesiástico, e não se esqueça de arrecadar a taça egípcia da sedutora Cleópatra — acudiu o latinista com um sorriso em que brincavam mil ironias aceradas. — Deus nos livre de que monumentos de tanta estimação se desencaminhem. O museu pode requerê-los.

— Sr. Lourenço Teles — exclamou o glosador infeliz com a voz presa de raiva — devo observar-lhe que se excedeu. O meu chapéu não merece a irrisória alcunha de capacete, que teve o desacordo de lhe dar diante do seu fâmullo. Se o feito lhe não agrada, paciência! Mais vale vestir-me sério, do que aparecer feito cabide das modas da mocidade... Quanto ao castão egípcio, a única nota que pode lançar-lhe é não o possuir. Em vez de um gato ladrão e asmático, e de um papagaio estúpido e feroz, é melhor coligir as preciosidades de que a sua inveja se vinga, fazendo mofa...

— Mil perdões pelo sacrilégio! — gritou o erudito ofendido da classificação pouco lisonjeira do Louro e de Minette. Digo-lhe

só que errou o quinau. Graças a Deus não estou no costume de comprar na feira da ladra as caçoulas amolgadas para as pregar de castão nas minhas bengalas... Espero morrer sem passear de maça ao ombro. Sabe o que lhe aconselho? Não se exponha a pé com as suas raridades. Os rapazes são travessos, e agouro-lhe um dia triste se lhas descobrem.

Dizendo isto, Lourenço Teles deixou-se cair na poltrona com um frouxo de riso. Atrás das risadas veio a tosse; e foi preciso um copo de água com açúcar de calda para aplacar o acesso. O semblante do abade tinha-se tornado entretanto a imagem silenciosa da indignação. Sempre de pé mostrava o dó e o desprezo nos lábios engatilhados, e a ira na vista cheia de coriscos. O comendador de cada vez que olhava para ele renovava as gargalhadas, sentia ferver a tosse, e bebia um gole de capilé.

— Meu digno amigo, isto é velhice, não faça caso!... — dizia ao mesmo tempo com uma zombaria provocadora — diga-me: já descobriu o segredo de fabricar a água de juventude, removendo as raízes velhas, que andou apregoando como verdadeira panaceia? Deu vista aos cegos e pernas aos coxos? Experimentou o seu albafor, a sua junça cheirosa contra as tosses e catarros? Asseguro-lhe que para fazer espirrar é excelente; mas a cevadilha torrada faz o mesmo.

O ilustre genealógico de Viriato o libertador, cresceu dois palmos sentindo entrarem-lhe pelo coração as alusões ingratas. Apareceu-lhe à flor da testa um rosado sanguíneo; e é mais do que provável, que a sua resposta fosse pungente, se não visse chegar neste momento D. Catarina de Ataíde, acompanhada de Cecília e de Teresa. Diante da formosura, o abade era muito cortês para não esquecer as injúrias, adiando ao amor-próprio a sua desforra.

O comendador também se reputou citado para sustentar o papel de Narciso, pondo-se logo de pé, e armando com o sorriso nos beiços uma daquelas antigas e rasgadas cortesias de minuete, que eram o seu triunfo. O erudito pegou na mão de Catarina, beijou-a, e exclamou em ar de galanteio:

— Bem-vinda a alegria desta casa! Um poeta diria que o sol fugiu dos braços da aurora!... Que é isto, abade? Acha a hipérbole defeituosa, ou inferior à beleza do assunto?

— Nem uma, nem outra coisa — replicou o anotador das barbas históricas, envolvendo-se friamente na sua dignidade beliscada. — Acho-a própria do poeta.

— Deus lhe pague! — acudiu o latinista corando. — Tive medo de ser plagiário. Está certo de que não viu uma figura semelhante em algum raríssimo livro de araras?... Mas deixemo-nos de livros e de pavões. Que fortuna traz à solidão deste velho *a mais bela das suas inimigas*? Cupido fez travessuras? Temos alguma maldade de que o acusar?

— Nada; emprega melhor as setas! — disse a noiva do conde de Aveiras, sustendo o riso diante da figura delambida e esquisita do abade. — Vinha perguntar se até ao jantar há tempo de pôr outro vestido e outro toucado? Não queríamos fazer esperar.

— Esperar?... Pelo amor de Deus! A minha bela inimiga (era o nome de convenção que dava a Catarina) faz suspirar, mas não esperar! O tempo, impaciente e de mau génio como o pintam, teria gosto em esquecer a foice, pedindo-lho com a boca de riso e de amores! Falta um quarto para a uma depois do meio-dia; concedem-se mais dez minutos de cortesia; e daí os dias, os anos, ou os séculos que a divina Egéria determinar.

— Que insípidos pleonasmos! — murmurou o abade de modo que o erudito percebeu e retribuiu com um olhar mortífero.

— Quer dizer — replicou D. Catarina, abrindo o leque e sorrindo — que se nos não aprontarmos em vinte minutos, havemos de passar por baixo da mesa?! Sabe, Sr. Lourenço Teles, que era caso de não lhe perdoar toda a minha vida? Está claro, deseje-me feia, desagradável...

— Por quem é!... A minha bela inimiga não carece senão desses olhos para ser a rainha das graças...

— Ai, meu querido tutor! o que vale é ser eu de todas a única que precisa de parecer bonita!... Senão, em lugar de três eram duas graças e uma desgraça à sua mesa.

— Tirana e maliciosa Natércia! — exclamou o velho galanteador, requeitando nos requebros e nas frases açucaradas. — Não me obrigue a dedicar-lhe um soneto em louvor da sua beleza... sobretudo estando presente o abade, que é tão crítico. Em castigo hei de fazer-lhe uma saúde, e veremos se as rosas são mais vermelhas! Estas noivas meninas e moças nunca poupam os velhos.

— A idade não são os anos. O Sr. Lourenço Teles está mais rapaz de espírito do que muitos moços.

— Deus a ouvisse!... — atalhou o comendador com um suspiro sofrivelmente vaidoso. — Em memória de tanta bondade, e beijando mil vezes os lírios das lindas mãos, a minha inimiga concede-me a ventura de lhe oferecer o braço?

— Se o não incomoda!

— O meu pesar é partir tão cedo quem é o encanto desta casa...

— Sabe, Sr. Lourenço Teles, que estou achando o meu tutor muito apaixonado, e que hei de avisar o conde para lhe meter ciúmes?

— Querida Natércia, os velhos não assustam!... Ah, tivesse eu menos trinta anos, e o senhor conde não me arrebatava com tanta facilidade os agrados da divina Egéria!... Então, abade? A minha feiticeira está esperando pelo seu braço. Não mordas os beiços, que te fazes feia, Cecília! Ri à tua vontade. Parece-te o avozinho trôpego para cavalheiro de uma senhora menina e formosa? Paciência! um dia cá chegarás se não morreres.

— Meu avô! Eu não disse nada.

— Adivinho, sonsinha! Teresa, aonde ficou Jerónimo?

— Não o vejo desde esta manhã.

— Percebo! arrufos? Ora pois! Logo farão as pazes. Não quero tristezas.

— Então, são vinte minutos? — disse a noviça, largando-lhe o braço.

— Vinte séculos, se a minha bela inimiga manda. O tempo que for necessário para forjar os ferros do seu fiel cativo.

Ao mesmo tempo o abade inclinava-se com as precauções devidas à angústia do vestido, diante da sua espirituosa braceira. Vendo-se livre do apumado sábio, Cecília lançou-lhe um olhar

cheio de travessura infantil, e partiu correndo a juntar-se com D. Catarina e sua irmã. Teresa não se demorou também. O autor da epístola a Lúcio Floro, grave e sisudo, voltou logo a passos contados, tomando posse de uma das poltronas hospitaleiras.

Quando Lourenço Teles fazia a sexta cortesia à sombra da sua bela inimiga ouviu rodar uma sege, que parou de repente diante da casa. Instantes depois a elevada estatura de Diogo de Mendonça Corte Real aparecia à porta do escritório, que lhe patenteava desfeito em cumprimentos o ilustre Jasmin, mordomo-mor do seu antigo amigo. Atrás do secretário das mercês descobria-se o barretinho de seda preta, e sorriam as faces pálidas do padre-mestre Frei João dos Remédios, ainda não completamente restabelecido do imaginário garrotilho.

O ministro recebeu a solene e cerimoniosa cortesia do investigador das bexigas doidas com tal seriedade, que lhe derramou na alma todas as doçuras da vaidade. No meio disto o comendador puxava cadeiras, repetia ao escudeiro as suas últimas ordens, e abraçava o procurador de São Domingos, dando-lhe os parabéns da pronta melhora. Findo o tiroteio das cortesias, Diogo de Mendonça, tirando o relógio, disse voltando-se para o erudito:

— Dez minutos para a uma! Caso raro; se a memória não me engana é a segunda vez que me sucede chegar a um jantar antes da hora justa. Mesmo não me lembra senão agora!... Frei João, encontraríamos nós algum torto em jejum! Fico desconfiado em fazendo qualquer coisa fora dos meus hábitos.

— Em todo o caso o obséquio é muito lisonjeiro — acudiu o comendador radioso.

— O meu antigo amigo Lourenço Teles dá-me licença de ser verdadeiro? Sempre tenho muito gosto na boa companhia que me faz; mas desta vez agradeça a exatidão a sua ilustríssima. A impaciência de aproveitar com a sua douda conversação, obrigou-me a pôr tudo de parte.

— E os negócios? — interrogou o erudito perdido de riso, notando a inocência com que o abade se prestava à malícia do vitimador.

— Os negócios que esperem! Estes dias são de férias...

— E sua majestade el-rei nosso senhor? — observou o inventor do livro dos Pavões.

— Mais precisava de uma visita de vossa ilustríssima, do que das venenosas garrafadas que lhe estão administrando... — acudiu o secretário, evadindo-se à resposta direta. — Sabe, Sr. Lourenço Teles, que se não fosse o senhor abade, a esta hora tínhamos o nosso Sr. João entre os mártires e confessores?

— É verdade. Salvou-me da tesoura da Parca... Tinha caído nas mãos de Dionísio Lopes...

— E passou para as do abade? — interrompeu o latinista, incapaz de poupar uma seta ao pobre antiquário.

— A ingratidão é negra, Sr. Lourenço Teles — notou o oráculo recostando-se com majestade. — Esqueceu-se depressa de que se ainda conserva os queixos e as gengivas a mim o deve.

— Julguei que meu pai se não chamava Silva! — atalhou o erudito secamente. — E não me consta que fosse abade, e muito menos curandeiro.

— Deus o tenha em glória! — exclamou o arcaísta vermelho e picado. — Longe de mim a ideia de me fazer pai de quem pode ser meu avô.

Lourenço Teles deu um salto, e deixou escapar uma visagem envinagrada. A alusão à sua idade era tiro que não falhava. Cheirando a pitada vagorosamente, e despedindo uma vista mais que irónica pelos cantos dos olhos, o comendador replicou:

— O que posso afirmar é que os últimos três dentes, graças à minha simplicidade, foram-se barbaramente nos repelões da sua turquês. Ainda os tinha hoje se o não encontro.

— Diga a verdade, não enfeite. Arranquei-lhos com uma linha, e por sinal que até sem dor. Estavam a dançar como palhaços.

O erudito fez-se vermelho que nem uma romã, engolindo a sua mortificação em silêncio.

— O pior de tudo é terem-se ido! — observou o ministro, intercedendo com um ar de candura, que só iludiu o abade. — Sendo os últimos, aceite os pêsames, Sr. Lourenço Teles...

Os meus, infelizmente, qualquer dia me pregam igual peça. *Senectus est morbus!* Vamos fazendo-nos velhos, meu amigo, os anos não passam de balde.

— Vossa senhoria está muito bem conservado — insinuou o abade.

— Pois a culpa não é minha! Devia ser velho aos trinta anos. Frei João, lembra-te? Aqueles nossos suetos de Coimbra, e o mais que não digo para não faltar à gravidade?... A propósito, senhor abade; têm-me elogiado mercedamente um opúsculo de vossa ilustríssima, feito sobre a morte de um de nossos vizo-reis, falecido de bexigas. A obra dizem-me ser breve na escrita, porém crescida na substância... Falaram-me das notas com admiração.

— Os breves e as notas são a glória de sua ilustríssima — disse o procurador, trocando um ar de riso com Lourenço Teles.

— Tentativas obscuras! — atalhou o investigador das façanhas de Viriato. — Assim mesmo não faltam zoilos para morde-rem essas poucas letras que me servem de recreio, e que os sábios como vossa senhoria fazem a justiça de prezar... Os críticos modernos zombam das minhas notas em elucidação do texto...

— Zombam? — gritou o secretário com um pigarro artístico na voz, e uma vibração de cabeça cheia de indignação cómica. — E eles o que escrevem?

— Erros palmares, superficialidades!... Tenho cegado a vista pelos arquivos e cartórios; descobri preciosidades, livros raríssimos; o que não me perdoam é a glória de os noticiar. Como excede a sua curta lição metem-me à bulha, fazendo gala da ignorância. Dizem que invento, porque não conhecem. Consola-me o apreço dos homens entendidos, e compadeço-me dos Aristarcos imberbes ou caducos.

A segunda parte da alusão era para Lourenço Teles, que a pagou com uma risada de desprezo.

— Compadece-se deles? Faz muito bem. Nenhuma resposta lhe saía mais barata. Riem-se de vossa ilustríssima, e vossa ilustríssima ri-se deles?... Excelente!

— O público julgará — concluiu o oráculo cheio de magnanimidade.

— O público é que deve julgar, diz muito bem! Ele fará justiça... como costuma. Lembra-me sempre a pendência do frade com o almocreve. O franciscano foi na mula, e ao aprear-se ainda em cima pedia ao arreeiro que lhe pagasse a volta, visto aquela mal encaminhada havê-lo tirado do seu convento. Ralharam, altercaram... mas no fim venceu o padre. É como sucede aos críticos. Livro que mordam tem a venda certa!... Vossa ilustríssima nunca pregou?

— Assusta-me o púlpito; não tenho ânimo.

— Frei João lhe emprestará do seu. A ele sobeja-lhe. Ah, Frei João, muito gritaste na quaresma última. Parecia uma tempestade. As crianças choravam de medo. Nunca ouvi sermão de lágrimas tanto ao vivo... Converteu-se algum hebreu?

— Fugiram com as crianças — replicou o frade agastado com o cumprimento.

— Não te firas, que to não mereço. *Non ego offendar nugis!* diz o poeta Horácio, que eu traduziria aqui por um adágio nosso: do argueiro não faças cavaleiro. Foi mal, Sr. Lourenço Teles!... Perdoe vossa ilustríssima a minha curiosidade. Não são de braço as armas do seu anel?

— Pertencem à família — respondeu o arcaísta corando um pouco.

— Se não me engano vejo as arruelas dos Castros e os leões dos Silvas Alegretes?...

— Conferidas no arquivo pelo livro de Duarte de Armas. Escudo esquartelado; em o primeiro seis arruelas azuis em campo de prata; no segundo o leão de púrpura dos Silvas em campo...

— Deixemos o campo; porque o brasão folga na cidade. Quero abraçar em vossa ilustríssima os varões immortalizados por tantas proezas. *Cedant arma!* No estado eclesiástico, que é perfeito, o senhor abade torna a pena ilustre, como um dos Castros, vencedor de Dio, fez a espada gloriosa... Agora me recordo: não há uma família com laivos hebraicos do mesmo apelido? Uns

Silvas que entraram no reino vendendo água de Melissa e da rainha de Hungria?... Disseram-me que era mania deles enxertar a Judas e Caifás no tronco viçoso dos Castros e Alegretes! Não importa. Vossa ilustríssima lhes dará çaça e os desemboscará.

Era impossível exceder o ar de candura com que foi disparada a frecha. O infeliz abade, pálido, verde, e logo roxo, sentava-se, erguia-se e tornava a sentar-se, fulminado. Antes um libelo do que esta pergunta à queima-roupa. Os seus detratores pelevavam que lhe faltavam as ordens sacras por não ser de sangue limpo; e alguns genealógicos austeros, abanando a cabeça com incredulidade, negavam o parentesco das seis arruelas bastardas no brasão de fantasia com as legítimas arruelas e os leões ortodoxos dos Castros e Alegretes. Por cúmulo de infortúnio a água de Melissa e da Rainha de Hungria, introduzida por seu avô, entornava-se como pez derretido sobre a fidalguia imaginária, manchando-a para todo o sempre. Assombrado do raio estacou sem voz, ficando a olhar para o ministro, como se ele fosse o espectro vingador dos heróis, vítimas da sua noveleira erudição. Diogo de Mendonça, tendo saboreado as tribulações do cavaleiro servente da marquesa das Minas, virou-se para Lourenço Teles, e disse por mudar de conversação:

— Quem se demora é o padre Ventura? E admira. A Companhia de Jesus não costuma fazer esperar.

— Em chamando por ela, verão que está perto! — respondeu da porta do escritório a voz suave e levemente irónica do visitador.

Olharam, e viram efetivamente o jesuíta com o sorriso pe-rene e as maneiras insinuantes que o caracterizavam. Entrando, dirigiu-se ao comendador e saudou-o; apertou à francesa a mão a Diogo de Mendonça; fez uma cortesia amigável a Frei João; e inclinou-se diante do abade com um jeito equívoco na boca, mais suspeito de ironia do que de admiração.

— Peço mil perdões se estou incomodando! Mas na escada encontrei-me com o Sr. Jerónimo Guerreiro, e ele disse-me que podia subir.

— Vossa paternidade dá-nos sempre muito gosto — acudiu o erudito.

— São esmolas que agradeço... Como está a santinha desta casa, a Sr.^a Madalena da Gama? No oratório com as suas devoções? É o que julguei. Trago-lhe um presente que há de estimar; para ela tem grande valor... e para todos que somos cristãos e católicos pela graça de Deus. É um rosário tocado na ara benta do santo sepulcro de Jerusalém. Chegaram-me três de Roma; reservei um para a senhora duquesa de Cadaval, outro para sua alteza o príncipe real, e o último para ela.

— Beijo por tanta bondade as mãos a vossa paternidade... Madalena fica decerto louca de contente...

— A santinha!... tomara eu os seus merecimentos. É um anjo que tem na sua casa; a virtude em pessoa. E a nossa noiva aonde está que a não vejo? Não preciso perguntar: menina e moça está ao espelho cuidando em se fazer formosa... Feliz idade!

— Passou por aqui há poucos minutos; e adivinhou vossa paternidade, foi-se fechar no toucador...

— Nestas coisas é fácil ser profeta, Sr. Lourenço Teles! — tornou o padre com um sorriso. — Dá-me um coração novo e sem malícia, conta o adágio, e eu te direi no que ele cuida. A propósito: acho aqui alguém de menos, e espero que não seja por motivo de desgosto...

— Meu sobrinho Filipe?

— Também nos faz muita falta; mas tinha na ideia o senhor conde de Aveiras.

— Mandou as suas desculpas. Está de serviço e foi com sua alteza à real quinta de Alcântara. El-rei parece que não passa melhor, e principia a dar muito cuidado...

— Aqui temos o Sr. Diogo de Mendonça que nos dará notícias frescas... — insinuou o padre Ventura.

— Por ora — observou o ministro cruzando a vista com a do jesuíta — os médicos ainda têm esperança. Sua majestade esta manhã descansou algumas horas, e ficou mais aliviado. Desde que trouxeram para o seu quarto a bem-aventurada imagem

de Nossa Senhora das Necessidades, continuam as melhoras. Confiemos que não parem para satisfação e glória destes reinos...

A redação oficial do boletim mereceu o crédito costumado. Todos olharam uns para os outros, inclinando a cabeça em sinal de assentimento; mas entendendo que D. Pedro II, se não estava morto, estava em perigo de vida.

— Elevemos o espírito a Deus! — disse o visitador depois de uma pausa de alguns momentos. — Ele fará o que for servido. Espero que a nossa menina bonita do convento também nos faça companhia.

— Cecília?... Deu-lhe sua mãe licença para acompanhar D. Catarina. São grandes amigas. Sabe, senhor padre Ventura! Tenho medo às vezes daquela criança. No meio das travessuras do seu génio, sai com acertos que me admiram. Depois é tão fraquinha de compleição, tão franzininha de corpo, que se tivesse desgosto forte...

— Deixe-a crescer; ela se fará mulher... O corpo parece fraco, mas a alma é grande, e o coração também. Há de poder com a vida, asseguro-lhe!... Em Santa Clara sei que à força de vontade e de espírito era capaz de vencer até os impossíveis. Cuidado com alguma paixão infeliz! Extremosa e decidida, ninguém pode prever aonde chegaria a sua dor.

— Por esse lado estou tranquilo. É muito nova ainda...

— Faz mal. Às vezes o amor não espera pelos anos.

— É verdade. Eu mesmo (e estou falando!) aos dezasseis anos já tinha as minhas primeiras proezas como o duque de Richelieu, filho do meu antigo amigo...

— Mas o Sr. Lourenço Teles, pagando o tributo às verduras da idade, com a reflexão ficou no prólogo? — acudiu o jesuíta, sorrindo-se.

— Prouvera a Deus! — redarguiu o erudito com um ar de fatuidade deliciosa, que lhe tornou a fisionomia quase juvenil. — Infelizmente neste sentido as minhas verduras acabaram muito tarde... Fui grande pecador. Mas no meio dos meus erros quis a fortuna que o coração nunca me tomasse conta da cabeça; por isso estou aqui são e salvo de mais de um naufrágio.

— Mas Cecília, se hoje amasse, entregava-se à paixão inteiramente, e não queria outra vida, nem outro amor — disse o visittador sério e quase triste. — Consumia-se de mágoa e saudade sem se queixar, sem verter lágrimas que se vissem... Não sabe a grandeza e a sensibilidade da sua alma. Não calcula a ternura daquele coração que julga ligeiro, daquela cabeça que parece endoidecer por qualquer coisa. Eu que a estudei, é que posso medir o abismo e tremer!

— Então acha perigo? Receia?... — exclamou o comendador assustado, e interrogando ansioso o seu interlocutor mais com a vista ainda, do que com as palavras.

— Eu? Não achei nada; não disse que receio... somente observo que todo o cuidado é pouco. O futuro está na mão de Deus; não podemos prevê-lo, nem remediá-lo... Sr. Diogo de Mendonça, esteve ontem na corte real, já sei, e beijou a mão ao príncipe?

— Demorei-me perto de uma hora com sua alteza.

— Diga antes que sua alteza o demorou... Por sinal me asseguram que o recebeu com toda a estimação, fazendo-lhe perguntas sobre o estado do reino e a sorte das armas portuguesas em Castela... Posso dizer-lhe, e de boa fonte, que o príncipe ficou agradado de o ouvir, e se lhe mostra muito favorável. Assim o esperei; e escuso acrescentar que o estimo. O Sr. Lourenço Teles conhece de perto sua alteza?

— O príncipe era muito pequeno quando lhe beijei a mão pela última vez. Depois não o tornei a ver. Há dez anos seguros que não frequento a corte.

— E de sua casa ninguém o conhece?

— Ninguém. Vivemos quase em clausura até agora. Madalena supunha-se viúva, e não fazia senão gemer e rezar pelas suas contas. Eu, aborrecido e velho, meti-me com os livros, e deixei o mundo... talvez para que ele me não deixasse primeiro. Criadas com sua mãe, as pequenas tiveram uma educação recatada, não saindo de casa senão para a igreja. De sorte que dos festejos e cerimónias da corte não há uma a que assistíssemos. Quem já beijou a mão a sua alteza foi Jerónimo Guerreiro.

— Assim o supus. Não estranhe a pergunta. Estou certo de que se frequentasse a corte, não o deixavam tanto tempo sossegado com o seu Horácio. Admira-me que o Sr. Diogo de Mendonça o não desafiasse para ir ao paço!

— Mais de cem vezes! Mas os velhos têm as suas teimas. A minha foi esta. Não me dei mal.

— Aí vem o nosso capitão! — atalhou o secretário apercebendo Jerónimo Guerreiro à porta do escritório. — Acho-o triste de parecer. Costumava ser mais alegre.

— Amuos de namorados — respondeu o comendador. — Teresa é caprichosa, e Jerónimo entre ovelhas não sabe ser leão.

Efetivamente o mancebo vinha ainda pálido e desfeito do abalo por que passara na sua conversação com Teresa. Observando-o com a sagacidade usual, o jesuíta leu-lhe no semblante uma dor funda e sombria, tanto mais cruel, quanto se concentrava no silêncio e quietação aparente. Percebeu-lhe na magoada tristeza dos olhos vestígios dessas lágrimas de sangue que a alma derrama como fogo sobre o coração, para lhe queimarem em poucos dias a frescura das ilusões. Desde logo entendeu que o golpe fora mortal, porque a esperança, fugindo, deixava em trevas a vida do mancebo.

Jerónimo, assim que entrou, conduziu de parte a Diogo de Mendonça, falando-lhe cheio de animação. O visitador, atento, descobriu no rosto do ministro, primeiro o assombro, depois o pesar, e finalmente uma resistência quase paternal. No aspeto do noivo de Teresa ia-se caracterizando cada vez mais aquela resolução férrea, aquela vontade firme e inabalável que o fazia terrível na peleja e sublime nos perigos.

— Sempre o receei! — murmurou consigo o padre. — O mundo é assim. Uma criança, um grão de areia, um sopro derrubam o gigante, quebram a máquina, ou desarraigam a árvore. Altos juízos de Deus! Este homem, que na flor da idade olhava para a morte como os heróis antigos, deixa agora o pé delicado de uma mulher pisar-lhe sem dó o coração, e sujeita-se... O seu amor fê-lo tão débil, que não se atreve a existir com a saudade e a dor por

companheiras! Não tem ânimo para carregar com a vida!... Eu lho darei. Uma desgraçada paixão não mo há de abater obscuramente; sou como segundo pai, porque o levei nos braços ao altar aonde se consagrou ao instituto... Não posso deixá-lo assim!... Veremos quem vence; se os caprichos de uma donzela incapaz de avaliar o tesouro que despreza, se os conselhos e o amor de quem trabalha pela glória de seu filho... Contei com ele; a Companhia precisa de homens da sua grandeza... Não quero que me vá procurar uma bala de propósito, e morrer de desgosto no fosso de alguma das praças de Andaluzia.

Enquanto refletia deste modo, encobrando a agitação do espírito e sopitando os impulsos da alma, que ele próprio julgava menos ativa na amizade, Diogo de Mendonça, cortando de repente o colóquio, voltou-se para os seus amigos, e disse ao comendador com um sorriso forçado:

— Temos grande novidade, Sr. Lourenço Teles! Telémaco quer fugir da ilha de Calipso!... Não adivinha o que me pedia agora o Sr. Jerónimo Guerreiro? Deseja ser mandado reunir ao exército do marquês das Minas, porque está por dias rompendo-se uma batalha! O que diz Nestor?

— Nestor — acudiu assombrado o erudito — diz cheio de pesar que os rapazes deste século não se entendem. Queixa-se da ingratidão do seu pupilo em se separar dele quando o deixa com os pés na sepultura!

— E mais não se tocou ainda na mágoa de Ariadna por Teseu ausente?! — ajuntou o diplomata.

— Ariadna há de consolar-se! — redarguiu o mancebo com ironia.

— Não o deixe partir! — murmurou o jesuíta ao ouvido do ministro. — Ele não vai à guerra para combater, vai para se matar. Observe aqueles olhos e diga se me engano.

— Tem razão... mas isto o que é?... — perguntou o secretário das mercês.

— Voltas do mundo! Um grão de areia que fez estalar a roda. Note, Sr. Diogo de Mendonça, que nos homens de maior alma

quase sempre há uma coisa em que são mais crianças do que as crianças. Acredite-me; trate de evitar esta desgraça.

— Não tenha cuidado. Nós o entreteremos. *Festina lente!* é a minha divisa. Não faltarão pretextos para o demorar sem lhe dizer que não... mas que vespa o picou?

— Sempre a história velha! — tornou o visitador, encolhendo os ombros e acerando o riso à flor dos beiços — Sansão e Dalila; Dido e Armida! A tradução vivente do *Saucia cura* da Eneida de Virgílio...

— Ah, julguei pior! Então acha que não passa de ciúmes?...

— O ciúme em homens assim... paga-se caro. É capaz das maiores loucuras. Se o visse risonho desafiar os tormentos e esperá-los serenamente... não se admirava.

— Este rapaz, pelo que observo, excita o interesse de vossa paternidade!

— Sr. Diogo de Mendonça, estou velho, e julgo que me fará justiça não me supondo propenso a grandes leviandades; estimo o que é nobre e digno do poder de Deus... Este mancebo tinha nascido para ornar Esparta ou Roma; não digo mais. O que sei dele, o que avalio do seu coração e do seu espírito... para que hei de disfarçar com um amigo? É verdade: prezo-o tanto, que se fosse preciso punha para o salvar em um dos pratos da balança a fortuna da Companhia sem me arrepender!

— Com efeito?... É mais do que interesse, agora vejo — replicou o ministro meditativo. — E de vossa paternidade, juiz tão competente!... Muito bem. Entreguemo-nos nas mãos de Deus. Teseu não fugirá aos carinhos de Ariadna; fie-se de mim.

— Pelo contrário. Permita a Providência que sim, mas sem desgosto ou perigo... O maior inimigo da glória de Jerónimo é esta menina. Solteiro não vê senão pelos olhos dela; não respira senão pelo seu amor. Depois de casado imagina que o seu coração ficará o mesmo? Com um sorriso, com cadeias de rosas há de atar-lhe as mãos, e não o deixará ser senão esposo.

Enquanto isto se passava entre os dois aliados, Frei João e Lourenço Teles trabalhavam debalde por despersuadir o noivo

de Teresa. As suas respostas firmes e concisas, guardando o segredo da donzela e ocultando sempre o verdadeiro motivo, tiraram toda a esperança ao erudito e ao seu amigo.

Um sinal disfarçado do secretário das mercês ao comendador, e duas palavras do jesuíta ao ouvido de Frei João fizeram cessar a contenda, parecendo que todos condescendiam com os desejos do mancebo.

— O nosso Marte não os quer ouvir! — disse o ministro, batendo-lhe no ombro com a maior cordialidade. — Não o contrariemos. Por fim não é uma desgraça. Irá pela posta até encontrar o marechal de Berwick... que lhe dispensa a visita, aposto eu! Por hoje basta de negócios. Como diz Horácio, mais amigo do falerno do cônsul Opímio, do que das fadigas da glória militar: *Nos humilem feriemus agnam...* Mas aí vêm as Graças, e com elas os sorrisos, como quer certo poeta... frade do teu convento, Frei João. Estamos no paraíso!

E adiantando-se com a galantaria e o garbo de um cortesão perfeito, Diogo de Mendonça beijou a mão de Catarina, deu um ósculo na testa de Cecília, que se fez vermelha, e beliscou de leve a orelha de Teresa com a íntima confiança de um amigo que a trouxera ao colo.

— Fomos pontuais?... — disse rindo ao comendador a noiva do conde de Aveiras. — Ah, o senhor padre Ventura! Sabe que lhe ia querendo mal? Não me tornar a ver desde que estou aqui!

— Deus a abençoe, filha, e a faça tão feliz como desejo! — respondeu o jesuíta, dando-lhe a beijar a manga e sorrindo-se para ela. — Então diz-me que por um instante estive em risco de me perder a amizade?

— Decerto... Uma ausência tão longa!

— Os ausentes esquecem, é do mundo... E a minha donzela Teodora, a menina bonita está mal comigo também, e faz-se vermelha?

— Eu, senhor padre Ventura!... — respondeu Cecília abaixando a vista diante dos olhos perscrutadores do visitador.

— Pois quem? Não pergunta, não deseja que lhe diga nada desde que nos não vemos?

— Sou tão pouco amiga de saber!...

— Quando sabe?... Ora pois! E da cabecinha como vamos? O coração vejo eu nos olhos... sempre bom e compadecido. Muito bem! — E chegando-se mais de modo que só ela ouviu. — Meditou no que lhe disse em Santa Clara aquela tarde? Estão entretidos, perca o susto! Não entregue nunca a sua alma antes de conhecer a quem. Depois as lágrimas nada remedeiam.

Entretanto Frei João inquiria Teresa, contando-lhe o que acabava de acontecer com Jerónimo. Ela, dissimulando, respondeu que ignorava, prometendo dissuadir o noivo.

Ao mesmo tempo levantou a vista, e encontrando a do mancebo, achou-a severa e sombria, fez-se branca, e passou-lhe pelo coração um frio tão grande, que a teve quase desmaiada.

Lourenço Teles chamou por Jasmin:

— Onde foi meu sobrinho; que é feito dele? — perguntou. — Porque está invisível?

— Ia a sair agora da copa — disse laconicamente o escudeiro.

— Da copa?... O que foi ele lá fazer?

— Não sei. O senhor capitão proibiu que o acompanhassem.

— Sobre queda couce! — disse o erudito a Frei João em meia voz. — Filipe não se deita sem me transtornar alguma coisa.

— O abade que se acautele! — redarguiu o frade encolhendo os ombros.

— Ah, Frei João, quase que tenho pena que Filipe não morresse. Assim como assim, o desgosto passado estava, e escusávamos de o aturar. Seja feita a vontade de Deus! Chegou finalmente sua majestade.

A última frase aludia à entrada do capitão da «Sereia», que se apresentou homiziado na casaca talhada para três larguras suas, amortalhado nas rendas dos punhos, da tira e da gravata; e literalmente carregado de bordaduras tão exóticas e assarapantadas, que Lourenço Teles de as ver ficou fora de si. Diogo de Mendonça mordeu os beiços, e esgueirou pelos cantos da boca um meio sorriso, que foi casar-se com o jeito irónico que afilava os lábios do jesuíta; Frei João soltou uma gargalhada cordial; e o inventor do

livro dos Pavões deixou fugir pelo rosto perplexo uma visagem ainda mais duvidosa do que a sua erudição.

— Eis-me aqui aos seus pés, querido tio da minha alma! Mestre mandar, preto obedecer! Aqui venho a todo o pano! Esperem. E esta? Vou ferrar nos segundos rinzes este demónio.

— Era a gravata, cujas pontas insolentes lhe acometiam o beicho inferior. — Senhor padre Ventura, um seu criado. Agradeço-lhe muito o Santo António que deu a Madalena; cada vez está mais tola com ele. Tenciono um destes dias pendurá-lo pelo pescoço dentro do poço, só com a cabeça fora de água... Quero ver se o ladrão do Santo manda chuva, ou me deixa secar o cebolinho...

— Cala-te, ímpio! — gritou Frei João irado.

— Ímpio é ele! Cuidas que não se sabe que te metes no coro a dar graças a Deus em pecado mortal?

— Filipe — exclamou o comendador — advirto-o de que está com as pessoas que vê...

— Se eu as vejo, se elas me veem, todos nos vemos, tio. É claro como água.

— Bem. Então espero que se lembre das minhas recomendações.

— Fique descansado. Meu amigo — gritou o marido de Madalena, apontando grosseiramente para o abade, que se encolheu diante do gesto provocador — não me escapa. Os trocos daquelas continhas são para outro dia. Não os perde por esperar. — Voltando-se para o padre Ventura, que lhe caíra em graça, ajuntou muito alto: — Vê aquele caracol, para não dizer seresma? Filipe me não chame, se ele não tragar gato e lagarto, e não for moído com um saco de areia até Judas gemer — Jesus!

— Filipe! — exclamou severamente o erudito, ouvindo a jactatória.

— Ah, padre-mestre, o selvagem cada vez está pior! — suspirou o autor da carta a Lúcio Floro.

— Há de passar-lhe! — respondia o jesuíta com o sorriso obsequioso. — Sua ilustríssima, de propósito, era incapaz de o ofender...

— Qual! Aquilo é um licranço! Ainda hoje... por amor dele foi posto na rua o Domingos, o melhor criado que tenho tido. Há de endoidecer-me o tio.

— Não se cegue sem razão. Veja primeiro...

— Vejo como um lince, acredite, senhor padre Ventura. Aquele demónio some-se na cova de um dedal. Um dia ainda hei de ir a levantar a tampa à terrina, e ele saltar-me à cara! Daí, também se mete a bobo. A primeira vez que o vi, fez de mim palito das suas graças, chapando-me na bochecha: *Medoro torce il nazzo*. Sem nariz fica ele um dia. Não me tente!

O aparte dito uma oitava acima, foi geralmente ouvido, e deu em resultado pôr escarlata o abade, roxo o domínico, e quase apoplético de vergonha o comendador.

— Vamos para a mesa! — disse o velho sábio devorando a raiva. — Passe adiante, Filipe. Muito obrigado, Sr. Diogo de Mendonça, Cecília podia ir só, e escusava de o incomodar. A minha bela inimiga concede-me a honra de a guiar; o senhor abade irá ao nosso lado para rebater as murmurações do mundo! — concluiu com um sorriso. — Senhor padre Ventura, confio à sua bondade o nosso doente Frei João... Sem cumprimento!

— *Redolet fragrantia mella!* — exclamou o procurador de São Domingos, a quem o estômago de convalescente principiava a convidar. — Vossa paternidade sabe que lendo as bucólicas de Virgílio tenho verdadeira pena de que o pagão se não salvasse?...

— Não podemos dizer... A misericórdia de Deus é infinita. Como estamos a respeito dos arcos?

— Beijo mil vezes as mãos de vossa paternidade... O senado já fez recolher os vendilhões, e o hospital prometeu entrar conosco em acordo. Os homens pagam!

— Não lho dizia eu?

— Assim vai tudo otimamente. A paz é uma santa coisa.

— Às vezes... A habilidade consiste em a ajustar a tempo — replicou o visitador com um sorriso fino.

Conversando e rindo amigavelmente, os dois padres entraram na casa de jantar, seguindo o resto da companhia.

XXXII UM FIO NO LABIRINTO!

O erudito estava radioso. A apóstrofe de Filipe contra o abade carregou-lhe o rosto de uma ligeira sombra, mas já estava desvanecida inteiramente. Confiava na eficácia de suas advertências, e sobretudo na razoável distância a que os dois contendores se achavam um do outro. Ao lado de Diogo de Mendonça, o jesuíta dava a esquerda ao comendador. Jerónimo assentava-se entre a sua noiva e o autor da maravilhosa biografia de Viriato. Defronte deles Frei João tinha de uma parte a Sr.^a Madalena da Gama, e da outra o Sindbad português, cujas explosões agressivas fora encarregado de conter. Cecília e a noviça, uma ao pé da outra, fechavam o círculo, sorrindo e segredando, como fazem por costume as meninas que se estimam.

A mesa, pelas roupas da Índia adamsadas, pela profusão de louças da China e do Japão, e pela riqueza e lavor das pratas do serviço, podia competir com as mais opulentas e primorosas. Solteiro, esmerado, e desfrutando grandes rendas, Lourenço Teles nada poupava para unir o gosto ao esplendor. A cozinha e a copa rivalizavam com a escolha e o mimo das preciosas garrafeiras, sequestradas ao Baco vulgar dos profanos para só alegrarem os dias festivos. Jasmin, o discípulo predileto de Fontange,

o adorador fanático do ilustre Vatel, recordando os exemplos e as tradições dos mestres na disposição dos ornatos e das jarras, na simetria caprichosa dos frutos e flores, parecia ter convertido tudo em um jardim, aonde a frescura e o recreio principiavam pelo banquete dos olhos os prazeres da gula.

Erguido no meio como troféu a Comus, via-se o que então se chamava um *triumfo*. Era uma galé de alcorce, coberta de festões e grinaldas, enfunando as velas de púrpura, tremulando nas vergas douradas um sem-número de flâmulas de cores alegres. Os doces e confeitos mais finos pejavam o casco. Os licores mais esquisitos, em pequenas redomas de cristal, ocupavam o convés. À popa dois anjos de asas estendidas e vestes cândidas pareciam rasgar o voo para os espaços luminosos. Os remates e figuras da proa não eram menos vistosos e bem traçados.

Os pratos, alinhados em ordem de batalha, seriam capazes de abrir o apetite a um defunto, como exclamou o capitão Filipe ao assentar-se. Em pequenas salvas via-se a manteiga em formas lavradas, flanqueada de infinita diversidade de acepipes de marisco, de achar e de conservas, no meio das inevitáveis alcaparras e do teimoso perrexil. Corbelhas de prata arrendada ostentavam as suas pirâmides de laranjas entre coroas de limões doces. Covilhetes enramados de salsa excitavam a sede com as rodas de paio e de presunto, oferecidas ao lado de pequenos melões de inverno em açafates de porcelana. Os vinhos rivais de Espanha, de França e de Portugal, em garrafas de cristal, mostravam os topázios e os rubis mais ou menos claros do seu licor. Púcaros de louça cheios de relevos e figuras chinas, de curtos em curtos intervalos, patenteavam o manjar branco passado, os doces cobertos e os deliciosos picatostes de requeijão folhado.

A famosa «Arte de Cozinhar» composta e acrescentada por Domingos Rodrigues, mestre das ucharias de sua majestade o rei D. Pedro II, não encerrava uma só receita curiosa, que deixasse de estar aproveitada. Jasmin e o abade, pessoas de conselho e de paladar, combinando com a filosofia precisa a consonância e a simpatia dos molhos e picados, souberam compor um jantar,

cujo artificioso ecletismo não consentia que se formasse um desejo que logo não se visse satisfeito. As grandes lições de Vatel, executadas com aplauso do incansável anotador de opúsculos, inspiraram ao escudeiro francês algumas iguarias delicadas. As massas e folhados, brasão da cozinha italiana, cobriam de capas ténues, saborosas e alouradas o fino recheio das tortas e empadões. As potagens e fricassés franceses podiam desvanecer um gastrónomo consumado. Era por isso que os dois ediles, mirando-se na obra e achando-a digna, se mostravam impacientes por chegarem ao momento crítico em que o entusiasmo lhes havia de coroar a frente dos louros culinários.

Filipe entretanto ia preludiando com energia, capaz de ombrear com a voracidade atribuída aos Ciclopes. Uma das mãos fez presa no primeiro melão de inverno que encontrou, enquanto a outra, profanando as virentes capelas de salsa, forrageava nas tiras de presuntozinho de Melgaço e no real paio alentejano. Dois cães pouco amáveis, inquietos e felpudos, invadiram a sala, fazendo escolta ao capitão, e tomaram posições junto da sua cadeira, associando-se ao banquete com sinais nada equívocos de usurparem uma parte ativa no espetáculo.

Confrangido e perplexo, Frei João procurou chamar o amigo à observância do decoro; mas o pai de Teresa, carregando a boca de sólidas munições, respondeu-lhe, sem se interromper, com um «não sejas criança!» que deixou o padre vermelho e nervoso como as beatas acessíveis ao convulso.

— Acudam ao nosso capitão! — exclamou Diogo de Mendonça, perdido de riso com a ingenuidade do honrado Filipe. — Que pena empregar-se mal um apetite assim! Santo Deus! É admirável!... Lamento a ociosidade em que o deixam.

Lourenço Teles a este tempo discutia cheio de gozijo uma ode de Horácio com o padre Ventura, e nunca se vira tão feliz. O italiano concordava com ele, e o erudito batia o compasso à cadência das citações, tendo o garfo e a faca apurados cada um em sua mão.

Interrompido pela exclamação maliciosa do secretário, voltou de repente os olhos para o lugar do sobrinho, e enfiou. Uma

pilha de cascas meio roídas, despojos do infeliz melão, formava o monumento acusador. Envergonhado e ofendido, o erudito trocou um olhar com Frei João, não menos confuso, e passou a afogar a dor e ira na mais pausada e estrepitosa de suas pitadas. Era o recurso habitual contra os primeiros ímpetos da cólera. Depois, contendo-se com esforço, deu ordem a Jasmin para principiar o jantar.

Os manjares foram os da época, e parece-nos que pouco lisonjeariam o gosto dos modernos gastrónomos. Ressentiam-se daqueles temperos oleosos e às vezes râncidos, que um corteção francês aborrecia, declarando-os tão abomináveis como o corte das vasquinhas, e a armação dos toucados com que se desfigurava a beleza e a graça natural das damas portuguesas. Os próprios títulos das iguarias eram ciladas ao paladar. A sopa, chamada *à italiana*, por exemplo, sob aparências substanciais e inocentes, ocultava a pior de todas. Quem visse as rubras tiras de presunto, e as vermelhas rodas de paio com estufado de carneiro e quartos de limão, nunca esperaria que o caldo em que se abeberavam fosse um misto nauseante de gemas de ovos, açúcar e canela! A sopa *à francesa*, coroada de pombos, adens e meias línguas de porco, sorteados de olhos de alface e de chicória no meio de capelas de cheiros e de cebolas cravejadas, recomendava-se pelo defeito oposto, ardendo em especiarias que faziam voar a boca!

Estes pratos foram seguidos de duas galinholas recheadas sobre um calvário de sopa de queijo, com cintos de alcachofras passadas e de chuletas de vitela. Logo a par a vista encontrava uma potagem de coelhos e perdizes à caçadora, guarnecidas de cartuxas de alcaparras; e um montanhoso fiambre de javali, enfeitado de laços de recortes dignos da reputação europeia do presunto de Vestefália. Em presença desta provocação picante o domínico dilatou as asas do nariz, compôs o barretinho, e correu de leve o lenço pelos beiços húmidos e titilantes. O abade, não menos famélico, porém mais reconcentrado, mas cheio de importância silenciosa, cresceu sobre os joanetes, estendeu a mão

em pala sobre os olhos, como se cada prato fosse um astro rutilante, e com o garfo e a faca no ar, e em contínuo movimento, principiou o melindroso ofício de trinchante, desempenhando as sortes e requebros do estilo. Os convites cruzavam-se; as perguntas e respostas repetiam-se; e a pouco e pouco o silêncio, apoderando-se de todos, atestou a atividade atenciosa com que todos rendiam as suas homenagens aos guisados.

— Delicioso! — disse enfim o jesuíta respondendo a Lourenço Teles. — À mesa do cardeal Beroni, em Roma, que há de ter ouvido citar, não se está melhor, e direi até sem lisonja que nem tão bem. A grande dificuldade deste prato, tenho ouvido aos mestres, é conseguir que o doce se sinta, mas não enjoie. Está excelente.

— Não duvido! — replicou o ministro arguindo a sopa elogiada com uma visagem epigramática. — Mas nunca fui apaixonado de pombos em gemada! Antes algum amargo... Em Holanda coze-se uma sopa em cerveja fervida...

— Medonha? — acudiu o visitador sorrindo.

— Horrorosa, sem lhe fazer injúria! E depois acha-se-lhe um agrodoce de botica... Arrepio-me só de me lembrar. Deram-ma a miúdo; e comi... não havia remédio! Resignei-me a ponto de no fim me vingar dos meus perseguidores. Sabe, senhor padre Ventura, que no ano de 1692 um prato deste pão remolhado em tisana custou aos estados gerais nada menos de oitenta mil patacas?

— Não parece barata, devo confessar... — disse o jesuíta com malícia.

— Duas semanas, por essa conta, arruinam uma nação! — acudiu Lourenço Teles.

— Perdoe o meu antigo amigo! Sai-lhes de graça por via de regra. Mas num jantar para que me convidaram como enviado de Portugal, tais elogios fiz da sopa, e tanta cerveja fervida entornei no estômago, que os meus anfitriões assentaram que eu era ainda mais holandês do que eles. Deus sabe como sentia as entranhas! No fim ouviram-me e deram-me razão. Os piratas de Flessinga perderam as presas tomadas contra direito, e a indemnização

andou por oitenta mil patacas!... E como tudo isto em grande parte resultou da amizade granjeada pela adesão à tisana fervida, digo que nunca se comeu na Holanda, nem no mundo, sopa por este preço...

— O que prova como das pequenas coisas se chega às grandes — observou o jesuíta. — Sem a cerveja...

— Não tínhamos as patacas — redarguiu o diplomata rindo-se. — Não se faz ideia do que são aqueles holandeses em negócios de dinheiro... piores do que hebreus modernos. Meu rico senhor abade, faz-me favor de repartir comigo desse bom vinho de barra a barra?

— Escusas de te cansar — exclamava Filipe para o procurador — hei de dizer tudo. A mim ninguém me mete uma rolha na boca. Comi cobras, macacos e lagartos, isso entende-se; mas não lhe deitavam açúcar, homem! Não posso calar-me. É cem vezes pior do que os ninhos de andorinha da China temperados com óleo de mamona. Pombo doce! Pato com canela! Que tal?! E ainda por cima caíram tudo de gesso. Não lembra a uma preta! Pedes ao abade uma pernita dessa galinha que tem alcaparras?... Deus te pague. Ora vamos a ver... Fora com o logro; é outro lambedor! Sabe a mel! Ó Frei João, quem fez esta pouca-vergonha? Aposto que foi aquele seresma? Se ele meteu o nariz na copa e na cozinha! Rebuçados de frango!... Mil bombas!

— Filipe — gritou o comendador exasperado — advirto-lhe que está à mesa, ao altar de Deus, em companhia de senhoras e de pessoas de respeito...

— Aonde eu estou é dentro de uma barrica de melaço! — bradou o capitão enxaguando a boca com vinho da Madeira. — Nunca vi cozer galinha em calda.

— Se não gosta, não coma...

— Obrigado; mas tenho fome, e não estou para jejuar. Não almocei senão duas perdizes. Sinto-me fraco.

— Com razão! — acudiu o secretário, cheio de malícia. — O que são duas perdizes a um almoço? Há de estar caindo com debilidade!... Quer um mau conselho? Se não gosta de açúcar na carne,

e eu confesso o mesmo pecado, o senhor abade tem ali diante umas cartuxas de vitela e umas perdizes, que lhe recomendo... É amador?

— Eu? Gosto de tudo principalmente. Sou capaz, com fome, de roer até uma caveira de jacaré... mas sem melaço. E tu, sonsinha, porque estás com os olhos espetados no teto e o prato às moscas, em ar de Santa Margarida de Cortona? Jerónimo, obrigue-a a comer; é sua noiva, pertence-lhe. Olhe que mulher com fastio é pior do que o gafanhoto na seara... Sei o que digo! Frei João, dá-me vinho, ou o que fazes? Bebeste o meu, e deixas-me arribar em seco!

— Nem lhe toquei! O último foi o que deitaste no teu copo...

— Pois sim, diz que fui eu, mas dá-me vinho. Tudo me sabe a xarope. Malditos pombos!

— Estas perdizes são de molho de Miguel Dias, e as alcarras levantam-lhe o sabor — disse o abade. — Dá-me licença, senhor padre Ventura, que lhe ofereça delas?...

— Dou, e agradeço. Parecem-me apetitosas... Pelo que noto, este Miguel Dias era doutor em perdizes?

— Em tudo de cozinha! — tornou Frei João. — Conheci-o muito; fomos amigos de tu. Tinha receitas preciosas. Por exemplo, aquela perna assada, guarnecida de linguiça sobre sopa dourada... foi ele quem achou a combinação.

— E merecia um hábito de Cristo! — acudiu Diogo de Mendonça, levantando o copo, aonde no licor alambreado da Madeira se viam ferver os átomos de ouro. — Qualquer das coisas só era boa, porém juntas ligam-se em uma consonância admirável. Pediria ao meu amigo Frei João mais um bocadinho, se não lhe desse incómodo.

— O que tem aquele prato? — perguntou o abade.

— Não sei; parecem mariscos.

— Hei de provar. Faz favor de uma pouca de lebre assada?

Filipe, que estava roendo com delícias um polegar de vitela guarnecido de descáidas, suspendeu as evoluções, e olhou com cuidado para a boca e para o prato do autor da carta a Lúcio Floro. A esse tempo Frei João cortava para si igual porção da lebre, e servia-se do marisco.

— O presunto de Vestefália tem jus à sua fama — observou o secretário — mas o bom presunto português desafia todas as invejas. Agora o rosbife dos Ingleses...

— A escorrer em sangue? — gritou Lourenço Teles. — Nunca o pude suportar. Senhor abade, que vinho é esse?

— Bordéus legítimo!

— Vou renovar saudades... Cecília, oferece à minha bela inimiga desses melindres. São ovos, erva-doce e açúcar... suas-aves como o seu coração. Teresa, diante de ti está o que preferes; Jerónimo que te corte dessa capela imperial das freiras. Estas meninas, padre-mestre, assentam que se vive só de amor.

— Polegares de vitela? — respondia o jesuíta a Filipe. — Agradeço. Não sei porquê, lembram-me os polegares de urso que se fazem na Alemanha.

— E então? — perguntou Diogo de Mendonça.

— Sempre é urso. Assemelham-se a mãozinhas de criança.

— É como os macacos no espeto, que se comem no Maranhão — gritou Filipe radioso. — Olhe, Sr. Diogo, são esquisitices, nada mais. Tanto faz gato como lebre; tanto vale um mojangé de caracóis e rãs, como um prato de marisco.

— Não nos esteja a horrorizar! — atalhou Lourenço Teles com desabrimento. — Coma serpentes e bugios, mas guarde o segredo.

— Deixe-se de histórias, tio! A cisma é que faz o mal. Pergunto: isto é lebre, ou foi gato? — clamou rindo, e mostrando uma cabeça felina escondida debaixo da tampa de um covilhete. — Quem saboreou estas rãs e estes caracóis achou-os enjoativos? — E apresentou o corpo de delito descobrindo outro prato.

Ouvindo a revelação aterradora, a faca e o garfo caíram ao procurador de São Domingos e ao abade. Por ímpeto comum os dois gastrónomos afastaram com horror o guisado escandaloso. O capitão, subindo a voz duas oitavas, tremulava em triunfo a cabeça felina no meio do silêncio geral. Não é possível descrever a náusea e a desconfiança que se pintaram de repente no semblante dos convivas. O secretário olhou para Frei João conservando no

ar a garfada que levava à boca. O padre Ventura em um exame calado, mas pertinente, verificava a lealdade das iguarias que tinha consumido. Lourenço Teles, convulso, e meio cego de ira, virou o copo cheio sobre um prato de alcachofras recheadas, administrando-lhe um batismo de vinho de Bordéus.

De súbito, o investigador das bexigas doidas saiu do espasmo, em que parecia uma estátua, quis balbuciar algumas desculpas, e como um foguete partiu da casa de jantar. O domínico, roxo e quase apoplético, limpou o suor do rosto, procurando sossegar o estômago por meio de repetidas libações. Vendo aparecer inopinadamente a cabeça do gato, e os restos mortais das rãs, as três meninas soltaram um grito, e levantando-se ao mesmo tempo, saíram todas da sala sem proferir palavra. A cabeça de Medusa causaria menos pavor, do que o troféu erguido por Filipe.

Este, lisonjeado do estrépito, tomava posse da solidão devida às suas proezas, e disputava com Madalena, demonstrando que tudo aquilo se reduzia a um curso de filosofia prática. Rindo estrondosamente das viragens de Frei João, e do olhar enviesado com que este o fulminava, o capitão da «Sereia» trinchou, ou antes esquartejou a perna assada, passou para o seu prato uma alentada porção, e cruzando os joelhos, principiou a despachá-la com uma beatitude capaz de atestar uma inocência completa. Este rasgo de impenitência final, levou ao apogeu a exasperação do comendador. O erudito estava persuadido, de que Minette fora a vítima sacrificada, e sentia nos olhos as primeiras lágrimas derramadas em memória da amizade.

Pondo-se de pé, e fazendo tremer o sobrinho diante do olhar, Lourenço Teles deu ordem a Jasmin de procurar Minette por toda a parte. Depois, conservando-se em pé, com as mãos sobre a mesa, e o corpo debruçado, ficou esperando a volta do escudeiro com sombria gravidade. O mensageiro pouco se demorou, tornando logo com a grata notícia, de que o gato valido, em vez da receada decapitação, cozia serenamente enroscado a digestão do seu almoço. Tranquilo sobre este ponto, o velho erudito pôde articular, enfim, e expressar em severos termos a cólera que o sufocava.

— Filipe — gritou o comendador — a sua última brutalidade esgotou a minha paciência. Adverti-o; cansei-me a pregar-lhe o respeito das pessoas, que não merece acompanhar. Com vossa mercê tudo é perdido. Saia imediatamente da minha presença, e não inquiete os poucos dias que Deus ainda me deixar viver. Está muito velho para se fazer criança, e cada vez acho mais pesadas as suas graças. Aqui não é mato, nem sertão; aqui não se comem feras adubadas, nem répteis! não faz caso de seu tio; mas eu o obrigarei a mudar de costumes e a conter-se. Esta casa não serve de pátio das comédias, nem de baloiço de arlequins. Saia!

O capitão com os olhos esgazeados, e o pesar impresso no rosto, parecia assombrado. Nunca supôs que dar gato por lebre ao abade incitasse o comendador a romper em tanta ira. As repetidas amnistias tinham-no costumado a julgar-se inviolável; e ouvindo o mandado de despejo em tom, que não sofria réplica, perdeu o juízo, e vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Estimava o velho sábio sinceramente, e como sucede aos homens, cuja casca é tosca e grossa, o seu coração no fundo era excelente. Enrolando maquinalmente a toalha da mesa no braço, com grande perigo de juntar aos outros erros o terremoto provável da louça, Filipe contristado e perplexo saudou com um pescoção valente o ombro do dominico, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Anda, fala! Diz alguma coisa a meu favor. O tio está assanhado como uma vespa.

— Não falo! — replicou o frade vermelho e trémulo. — Cada vez estás pior; prometes emenda, e amanhã tornas...

— Em nome de seiscentos milheiros!

— Pragueja agora como um marujo!... Depois de nos meteres no estômago a arca de Noé, afunda a casa com blasfémias. Não te falta mais nada.

— Não sejas asno! Diz ao tio que foi graça... senão falo eu, e vai tudo por pó do gato.

— Se me prometes?...

— Não te dar caracóis ensopados? Nunca mais. Mas quem te mandou ser guloso, tu, um homem velho?

— *Mea culpa!* — gemeu o frade quase aplacado. — Não deixas de ter razão. Na minha idade a gente não deve arriscar-se em terra estranha... fica-me de lição.

— Ainda bem! O gato vinha para o abade, e vais tu, e fazes-te à vela na mesma derrota!

— Podias ter-me avisado!... — suspirou meio convencido o padre-mestre.

— Sim para ele não comer?! Menos isso. Então falas?

— Por esta vez. Olha que é a última.

— Já te disse. Daqui em diante estou calado e quieto como um defunto. Verás!

— Deus o queira.

Entretanto Diogo de Mendonça com uma seriedade à prova de riso, e o padre Ventura com as suas maneiras afáveis, manobravam no sentido de consolar o comendador, aflito e ofendido da irreverência do capitão.

— O meu antigo amigo dá licença? É um conselho de homem velho. Gato por lebre tem-se dado a muita gente; esta não é a primeira vez, nem será a última provavelmente. Eu por mim não sei quantas mo terão feito comer... O Alentejo tem fama, e Lisboa pouco lhe ficará devendo. O Sr. Filipe juntou-lhe as rãs e os caracóis, porque são medicinais?... Não acho caso para tanta bulha. O nosso abade parece-me nervoso; a lembrança tem mais sal do que vinagre. Vamos, Sr. Lourenço Teles, nada de me perder a serenidade, que lhe fica tão bem. Sossegue. Entremos nos preliminares da negociação, e ponha-se a tristeza na rua.

— É um selvagem, não faz ideia! — exclamava o erudito. — Bebe-me o *Lacrima-Christi*, arrebatá-me até os chambres de seda, e serve de capa aos lacaios para me saquearem o doce... Ultimamente possuído de um ódio bruto, envenena o abade, e faz da minha mesa um açougue de antropófagos... Se o deixo almoçar o meu papagaio, e enxuga-me a garrafeira... Se tivesse em casa um regimento aboletado, não me inquietava tanto.

— Sr. Lourenço Teles, ele promete moderar-se — acudiu Frei João intercedendo.

— Ah, meu rico Frei João, não creia, *finis coronat opus!* É um poço de malícia!... Verá.

— Tio — gritou o acusado — não me chame nomes hereges. O abade é um mono, um licranço enredador. Sei o que digo.

— Vossa mercê não sabe o que diz, nem o que faz. Assente-se. Largue essa toalha, para não me obsequiar quebrando os vidros e a louça, e depois falaremos. Senhor padre Ventura, tenho de lhe pedir mil perdões, assim como ao Sr. Diogo de Mendonça. Jasmin, diga à minha bela inimiga e às meninas, que as estamos esperando. Frei João, como companheiro na desgraça, quer encarregar-se de consolar o abade, e de o trazer consigo? A nuvem passou; mas desde já o advirto, Filipe, se não deseja perder a amizade de seu tio, há de comportar-se de outro modo daqui em diante.

— No fim de tudo — observou o jesuíta sorrindo para o secretário — o nosso abade pagou a pena de Talião. Tem metido tanto gato por lebre, que foi justiça tirar-lhe uma vez a lebre e assanhar o gato.

— O pobre do frade! — redarguiu o ministro com tristeza cómica — se fosse menos devoto de São Bartolomeu, dizia eu que o demónio anda agarrado aos hábitos de Frei João!

— Nunca pior lhe suceda! — atalhou o visitador. — Olhe como Jerónimo está pensativo, e fora daqui! Parece que não vê, nem ouve. Digo-lhe que dentro daquele coração a tormenta é grande. Logo saberemos.

As três meninas entraram ainda escarlates do riso que tinham desafogado; daí a pouco apareceu a opulenta figura do domínico, trazendo quase a reboque o autor da carta a Lúcio Floro. A magra e longa pessoa do arcaísta, com cinco ou seis camadas de indignação na fisionomia, era um verdadeiro cartel à hilaridade. O próprio Lourenço Teles custou-lhe a conter-se. O abade assim que tomou assento estendeu a mão solenemente, como se emprazasse diante de Deus um inimigo poderoso, e esburgando as palavras:

— Sr. Lourenço Teles — disse ele — se condescendi com as súplicas de sua reverendíssima foi em atenção às respeitáveis pessoas com quem estava. Seu sobrinho jurou a minha morte,

e não descansa sem a conseguir. As sevícias e os ultrajes repetem-se; e agora começam os venenos... Tomo o Sr. Diogo de Mendonça por testemunha das brutalidades a que me exponho, e faço responsável o dono da casa por todas as consequências.

— Meu querido abade, não lhe deram sene, nem agarico macho; foi gato por lebre e rãs de molho; coisas saudáveis, posto que esquisitas na minha opinião.

— Sr. Lourenço Teles, eu não sou tigre, nem lobo, sou um homem grave e de bem. Se faz da sua mesa um banquete de selvagens, tenha primeiro a bondade de prevenir os hóspedes... Nem todos querem voltar à cozinha de Nemrod! Os seus animais arranham-me; bebem-me o sangue; e faltam-me ao respeito. Seu sobrinho saqueia-me a casa, e agrava todas as proezas com um atentado sem exemplo...

— Não exageremos! — exclamou o comendador. — Um machal de França, como sabe, estando sitiado, achava deliciosa uma coxa de cão preparada com ortigas... Parece-me que é pior do que as rãs.

— Achava mal, respondo eu! — tornou o abade secamente. — Não estou no costume de matar gatos para o meu assado.

— Vamos — acudiu o secretário das mercês — passemos ao segundo ato. Amnistia completa, indulgência plenária, todos precisamos dela... Até sua ilustríssima por nos querer deixar. Estes arteletes de vitela não enjoam; consolemo-nos com eles. Senhor abade, sabe que estava capaz de lhe pedir desse leitão tão bem assado! Ah! Ceciliazinha, como os bons costumes ficam! Sempre fiel aos pastéis folhados de coelho?

— É massa italiana, e os de Florença passam por excelentes... — disse o jesuíta. — Hei de provar deste.

— Faz muito bem. Eu prefiro os linguados recheados com azevias; o molho é castelhano, e muito meu conhecido de Madrid... O vinho de Xerez não se pode dispensar com este prato. Frei João, um copo dele, se te apraz?

— Sr. Diogo de Mendonça — observou o erudito suspirando — mal sabe o que me lembram estes recheios à francesa? Recordam-me

os jantares de Régnard na quinta de Grillon. Que alegres quintilhas cantámos à mesa, e que famosos vinhos se beberam!...

— Faço ideia. Era a convivência *inter pocula*, a mais agradável que se conhece. Vi na Holanda a Mr. Régnard, quando lá passou, mas pouco nos tratámos...

— É pena! Ainda tinha mais graça falando, do que escrevendo. Que saudades me faz esta cantiga, que ele meteu depois na sua viagem à Normandia:

*Surtout bon gite, bon lit,
Avec du vin de Champagne;
Surtout bon gite, bon lit,
Belle hôtesse, bon appétit.*

E a voz trémula e falha do velho comendador desafinava o estribilho jovial da ária francesa, cuja música parecia inspirada pela fúria sonora de um Baco. Despejando depois o copo até à última lágrima, Lourenço Teles assentou-lhe o pé com força em cima da mesa, e ficou triste.

— *O navis quo te referent fluctus!* — exclamou o secretário. — Que pintor admirável das vicissitudes da vida não é Horácio! Senhor abade, vossa ilustríssima, tão curioso por índole e estudo, há de saber, porque sabe tudo, a razão que leva o homem a lembrar-se tanto do que passou, e a desgostar-se quase sempre do que vê, por melhor que seja?...

— O motivo é simples — atalhou o jesuíta — de desejos vive o homem, e depois de obter aborrece. Creio que será também o voto de sua ilustríssima.

— Certamente; vossa paternidade o disse! — acudiu com uma inclinação solene o ilustre inventor de casos raros.

— Muito bem, estou conforme! — prosseguiu o ministro. — Por sinal ali temos o Sr. Jerónimo Guerreiro, que há um mês todo era impaciência de abraçar os seus amigos, e agora parece magoado e abatido, como se estivesse suspirando pela hora de se ver longe deles.

— Quem, ele? — gritou Filipe com a boca cheia. — Conheço-o de dentro para fora. Eu é que o entendo...

Teresa fez-se fálida, e Jerónimo sobressaltou-se. Depois, refletindo, replicou com um sorriso:

— Não entende, Sr. Filipe da Gama. Certas coisas nem eu próprio cheguei ainda a percebê-las.

— Qual! Para cá vem brincando. Não preciso de candeia para ver à noite; tenho olhos de gato. Tudo aquilo são saudades do mar. O peixe morre fora da água. Quer um ruim conselho? Faça como eu; case e ponha-se ao fresco. Até, se mo pedir, torno a ir puxar pelas barbas ao Cabo da Boa Esperança, maldito nome que lhe deram! Sei o que digo.

Todos se riram, e Lourenço Teles acabou de se aplacar com o sobrinho. O jantar continuou com alegria entre saúdes e finezas às damas, remoques ao abade, e anedotas do secretário das mercês, que tinha o dom de contar com graça, e de inventar com acerto. Levantada a mesa cada um veio esperar o café, conversando e entretendo-se. Mais animado um pouco do que se estivesse em rigorosa abstinência, o comendador, segurando Cecília de repente, e dando-lhe ao de leve um beliscão na orelha, disse rindo para o jesuíta:

— E esta feiticeira não há de ter um noivo? Este coração que está a pular e a fugir como uma andorinha não lhe armaremos um laço que o sossegue? *Amour volage, tes chaînes sont les roses!* Qual é o seu voto, senhor padre Ventura?

— Receio que fique mal comigo — redarguiu o jesuíta sorrindo.

— Cecília tem juízo... mais do que parece. Diga.

— Como quer!... O meu voto é que a deixemos escolher; mesmo porque leio nos seus olhos que não gosta de ser constrangida. Pode morrer, mas não amará senão quando o coração disser que sim. Bem vê; ri-se; não me desmente. Sabe que é verdade.

— Pois deveras ainda acredita que se morra disso? — observou Diogo de Mendonça, metendo-lhe o braço e levando-o para um vão de janela mais afastado, aonde ficaram sós.

— Acredito! — repetiu o visitador com certa melancolia na voz, e grande vivacidade no rosto. — Vossa senhoria é sábio e tem notícia dos reinos da natureza. Na América há flores que murcham de dia, parece que o sol as mata; mas em o zéfiro refrescando, em caindo as sombras da noite alegram-se, renascem e perfumam tudo. Às vezes o espírito humano é como elas. Fecha-se mais consigo do que se cuida. No silêncio e na saudade, que são as suas noites, a esperança floresce e a alma reanima-se. Explique naturalmente as coisas, e hão de parecer-lhe simples. A sensibilidade na mulher assemelha-se aos anjos, mas com o perigo de a fazer desgraçada. O coração não é só um órgão, é a vida. Tire-lhe o amor ou qualquer dos grandes afetos, e diga-me o que lhe fica! Encha a alma de ação e de desejo, e veja se a desvia para outro lado! Sendo feliz, o amor com a saciedade desengana-se de muitas ilusões; mas sujeita-se e não se queixa, por mais pesada que seja a cruz. Se comprimir o coração, e cortar as asas à vontade, o que espera? Como a vida não é só do corpo, a mágoa cansa o ânimo, e as lágrimas, sumindo-se dos olhos, porque rebentam para dentro, alimentam as dores incuráveis, que pouco se veem, porque se calam, e não se suavizam, porque a morrer se reduz a sua esperança. A mão é gelo como a alma; o espírito um preso que suspira pela liberdade; e o peito (o vaso) cheio de tanto fogo interior, fraco de si, e com a dor a gastá-lo, estala de repente, convencendo o mundo de que chamou existência aos movimentos do autómato... Aqui tem, Sr. Diogo de Mendonça, o que sei de experiência e de ideia, que sucedeu, e há de suceder... Santo nome de Jesus! Agora reparo. Não estive, Deus me perdoe, a falar de paixões profanas? Vale-me ser médico da alma; e ela não se alivia, nem se consola sem lhe conhecermos o mal. No fim, qual de nós aos dezoito e aos vinte anos não fez o seu romance? E a quem não lembra ele? Uns sempre com saudades; outros para fingir que se esquecem; e alguns, os fortes de espírito... para cre-rem que verdadeiro é só o amor de Deus, porque fumo e pó são todas as vaidades do século! Até eu, que tão pouco vivi nele, (e foi de mais infelizmente!) se não estivesse amortalhado e sepultado

na minha túnica... podia citar-lhe exemplos, e dizer-lhe coisas, que o haviam de persuadir. Mas a carne é fraca. Não é bom abrir os túmulos, nem inquietar os mortos!

— Estou pasmado do que oiço a vossa paternidade!... Se o conhecesse menos acreditava que a sua túnica... é o que insinua, uma mortalha! Nas suas palavras há ainda um ar de saudade...

— De saudade é muito; mas de memória, de arrependimento, porque não? Ninguém nasce perfeito... Não me envergonho de confessar que não cheguei ao porto sem naufrágio. Falemos de outra coisa. Aproveitemos a ocasião. Eles estão em litígio de latinitude com o padre-mestre, e estes minutos são para nós. Então, com certeza, o que sabe de el-rei? O que me diz da moléstia do Sr. D. Pedro II?

— Até agora nada de cuidado. Sua Majestade está gravemente doente, mas os médicos não desconfiam. Capitulam a moléstia de uma constipação forte apanhada na picaria...

— E vossa senhoria acredita os médicos?

— Desejo acreditar. Eles da outra vez não se enganaram.

— Quer que falemos como aliados e amigos?

— Até o pedirei a vossa paternidade, se é preciso...

— Pois então eu digo. O que el-rei padece é um pleuris, e não o levantam da cama senão para o deitarem ao lado de seu pai em São Vicente de Fora. O Dr. Lopo Gil, o físico da sua câmara, que tem bons olhos, e é todo nosso, avisou em segredo o padre Sebastião de Magalhães. A quantos estamos hoje?

— A sete de dezembro. Mas nunca supus...

— Devia supor. El-rei o mais que pode durar é até ao dia nove. Sirva-lhe para se prevenir. Vamos entrar em um reinado novo, e é preciso prepararmo-nos, porque a campanha não há de ser pequena, e as primeiras horas decidem de tudo. O seu defeito... quer que fale com sinceridade?...

— Vossa paternidade faz-me grande favor. Somos espelhos uns dos outros.

— Muito bem! O Sr. Diogo de Mendonça, como quase toda a gente aqui, peca por indolente. Deixa tudo para amanhã. É um

erro, um perigo imenso, porque nosso e seguro, só temos o presente... O futuro ninguém conte com ele. César se lesse os avisos, que lhe mandavam, e não dissesse: amanhã! não ia ao senado, e não morria... Não se esqueça deste, e de outros exemplos.

— Então vossa paternidade entende que há perigo?

— Não sei se há; mas sinto que pode havê-lo; para mim basta.

As grandes batalhas nunca se ganharam dormindo.

— Estou de acordo; porém, assim de repente, confesso que não acho senão dificuldades, e que não sei descobrir o caminho mais curto...

— De repente? — disse o jesuíta sorrindo — pois tendo dois dias de seu, quero que seja só um dia útil, visto declarar-se depois de amanhã a verdade, diz vossa senhoria que é de repente? Creia em Deus e em si! Vinte e quatro horas aproveitadas, com os amigos que tem, e o génio do príncipe que vai reinar, nas mãos de um homem hábil faziam primeiro-ministro qualquer desembargador do paço, quanto mais o secretário das mercês...

— Perdoe vossa paternidade, mas invejo a sua confiança. A mim o que me custa é a achar a entrada. Não sei por onde hei de entrar.

— Entre pela porta. Tudo o mais é estreito e pouco seguro. O Sr. D. João V (dou-lhe já o título com que em poucos dias será aclamado) foi sempre orgulhoso, gosta de fausto, precisa de amar, e deseja ser um grande rei, e enquanto não o prova, quer parecê-lo. Propôs-se Luís XIV por modelo; tenho-lho ouvido exaltar; e sei que o livro por onde estuda é a história do governo de sua majestade cristianíssima. Uma só destas inclinações entrega o homem; todas juntas veja o que será! Na mocidade, em que sobe ao trono, e com o poder absoluto, que mesmo herdado sempre causa suas vertigens, o que espera que ele faça?... A idade há de doidejar; é verde; o coração há de entreter-se; tem ardor e sensibilidade; resta a cabeça, a imaginação; e essa aos dezoito anos, ajuíza dos homens pelas palavras, sonha de dia com os planos de grandeza, e de noite com as ilusões do amor... O homem forma-se depressa no trono, há de dizer-me? Naquela

altura o ar e a vida são outros? A coroa de metal pesa; o veludo e os arminhos do manto oprimem; e os cabelos brancos vêm primeiro aos reis, do que aos mais? A experiência nos que têm as qualidades de sua alteza amadurece cedo?... Pois sim; tudo será certo; mas pagará primeiro o seu tributo; e as ondas não são mais inconstantes, nem as aves do céu mais incertas, do que a afeição, ou o ódio de um soberano moço nos primeiros tempos. Conte com isso.

— Vossa paternidade faz-me tremer! Esse foi sempre o meu juízo e o meu receio a respeito de sua alteza; mas tão claro e tão exato ainda ninguém leu no coração de um príncipe...

— De um mancebo, diga! A grandeza modifica o carácter, mas a essência fica. Acredite que o verdadeiro livro na arte de governar é o coração humano. O *nosce te ipsum* dos antigos queria dizer isso... Mas não nos desviemos. Estou-lhe fazendo o roteiro da jornada, e olhe, no princípio, parece-me que se há de fatigar.

— Receio mesmo não passar das primeiras léguas...

— Nada! Indo só e ao acaso, talvez; mas em boa companhia, e com práticos seguros chegará depressa, e sem incómodo. O caso todo é levar o rei...

— Decerto; mas para o levar?...

— É preciso entreter o mancebo e atrair o poeta...

— Pois sua alteza faz poemas? Tanto pior.

— Faz poemas em prosa. Idílios para as suas tapadas; governos de Salento para o estado, como no Telémaco; e odes sáficas para o seu coração... O que todos nós fazíamos aos dezoito anos, quando cuidávamos que o paraíso era a dois passos da imaginação...

— O meu temor são as poesias políticas. A utopia de Salento a ferver na cabeça de um rapaz!...

— Deixe. Luís XIV, que entendia menos mal de governo, não se assustou tanto. É verdade que mandou o mentor, Mr. de Cambay, descansar dos planos reformadores na paz do episcopado. Sua majestade sabia, que três dias de reinado bastam para a novela ficar... julgada.

— Assim mesmo! Tenho muito medo de Salento!... Acha vossa paternidade, que devo aprender a parte de mentor?

— Nos primeiros meses. Falemos sério. O príncipe tem orgulho, grande orgulho; infelizmente a instrução não corresponde. O padre Luís Gonçalves, seu mestre, não foi diligente como devia. Sua alteza, dotado de muito carácter e de engenho, afronta-se do seu fraco saber, e não gosta, como rei, que lhe lembrem que estudou pouco em príncipe... A mocidade agradece que a ensinam, mas não se lhe deve dizer que é lição... O Sr. D. João V, a sua primeira vaidade será fazer-se absoluto; figurar que ele é o governo e o estado, que não tem, nem quer ministro do despacho universal... Luís XIV começou assim. Ria-se consigo, e deixe passar atrás do orgulho do rei a vontade do ministro. Peça-lhe as suas ordens; e não o aconselhe nunca. Limite-se no princípio ao papel de informador. Conhece melhor do que eu como a boa informação faz os negócios.

— Vossa paternidade nasceu para governar um império!

— Assim mesmo o nosso não tem nada de pequeno, é maior até do que desejo! Não o governo, bem sei, mas ajuda. Vivemos com tanta gente, entre povos e soberanos tão diferentes, que estamos acostumados. Tudo vai do hábito. Sabe caçar?

— Desde criança. Porquê?

— Porque um bom tiro não mata só a lebre, ou coelho, mata às vezes um inimigo... Não se assuste: o tiro é metafórico. O caçador está ao pé do rei, e os ministros não percebem que há ocasiões...

— Diabólicas! Percebo.

— Portanto o meio de ser primeiro-ministro do Sr. D. João V consiste em figurar que o não é. Sua majestade reina, o secretário de estado governa, mas entre os dois o segredo deve ser tamanho, que o rei nunca chegue a sonhá-lo.

— Admiravelmente! Tudo me convence de que Roque Monteiro perde as graças de el-rei dentro de uma semana...

— Está arriscado! Quanto ao fausto que sua alteza estima, reduz-se tudo a deixá-lo gastar, e a aprontar-lhe o dinheiro. O resto é com o seu confessor... Conhecendo que o rei é homem, ponha-se sempre bem com o homem; e não receie.

— Estou maravilhado! Mas há ainda um penedo na estrada. São os malditos papéis... As cartas da rainha e do prior Spinelli.

— Ah! Não me ocorria...

— Pois a mim não me esquecem, nem a Roque Monteiro! O orgulho do príncipe não me relevará nunca a negligência, com que expus a família real...

— Agora refliti. Há um meio; ouça até ao fim. Com outro príncipe era arriscado; com este respondo pelo êxito. Logo que Deus chamar o Sr. D. Pedro II, peça uma audiência ao novo rei, lance-se aos seus pés, e diga-lhe a verdade, toda a verdade. Acuse sem receio a Roque Monteiro, e peça-lhe conselho sobre a maneira de reparar o mal...

— Mas!...

— Não me interrompa. O Sr. D. João ensoberbece-se vendo um homem do seu saber dependente da clemência real, e o que é mais, do conselho do rei. Crê mais em si, e enche-se de confiança. Desde que note que o Sr. Diogo de Mendonça se vale, não do seu poder, mas da sua opinião, perde o receio de que intente dominá-lo, e agradece-lhe interiormente o conceito que forma do seu talento. Este modo indireto de lisonjear é o mais eficaz. Verá que sua alteza toma o negócio a peito. O amor-próprio interessa-se; e a partida não é já senão entre um rei moço e orgulhoso e o ministro Roque Monteiro. Depois o príncipe é rapaz, animoso e dotado de instintos nobres; e na sua idade a traição detesta-se, e a perfídia horroriza... Podíamos obrigar o seu émulo a entregar os papéis sem o Sr. D. João saber, mas perdia-se contra ele o efeito deste lance. É natural que sua alteza queira que lhe conte o modo por que o maço foi roubado ao seu depósito...

— Agora me estava ocorrendo. O pior é que eu ainda sei menos do que sua alteza!

— Sossegue. Se perguntar, abra este sobrescrito, e dê-lhe o papel que está dentro, beije-lhe a mão e retire-se. Acredite-me; a casa de Roque Monteiro fica a arder... Se o não incomodar depois, e quiser, duas linhas de aviso para São Roque não seriam más. Encarrego-me do resto.

— Vossa paternidade julga que devo ir ao paço esta noite beijar a mão de sua alteza?

— Não vá. O príncipe esta noite sai, e não gostará que se saiba, sobretudo estando el-rei de perigo. Então?! Como lhe dizia, quinta ou sexta-feira há rei e ministro novo. Creio que a nenhum de nós faz mal a aliança ofensiva e defensiva?

— Cada vez conheço mais a generosidade de vossa paternidade. Mas as notícias são tão graves, que preciso retirar-me para dispor...

— Não se descubra. Esteja acordado, mas não acorde os outros. Digo-lhe que é partida ganha.

O ministro aproximou-se outra vez dos seus amigos, e o visitador, tomando de parte a Jerónimo Guerreiro, procurou sondar-lhe as dores, e perscrutar os motivos delas. Depois de muitas perguntas indiretas, e de algumas respostas ambíguas, pondo a mão no ombro do mancebo com autoridade, o padre disse-lhe:

— Para que me está enganando, se eu leio na sua alma e a vejo chorar? Irmão Jerónimo, faltou à Companhia, escondendo dela os seus pensamentos! Sei o que padece, e adivinho o que me oculta. Um homem, Jerónimo, e um homem com o seu coração não tem remorsos e pejo da fraqueza de meditar o suicídio, e de o pedir a Deus?

— Ah, padre Ventura, se soubesse o que sinto, se conhecesse a dor que me traspassa!... Cuida que posso existir assim, e levantar a cabeça, tendo sobre mim este peso de desenganos e mágoas! Se de repente a luz da sua alma se apagasse, e a alegria da sua vida lhe fugisse, o que fazia em meu lugar?

— Pedia constância a Deus, e no calvário do martírio arvorava a esperança durável, a esperança divina. Cuidei que não ignorava que no mundo quase tudo são lágrimas e ilusões; devia saber que a dor e a desgraça são companheiras do homem, e nunca largam o seu lado... Tenho-lho ensinado.

— A sua alma é forte!... Mas eu é que não tenho ânimo. O que fiz e consegui não era para mim. Julgava que o coração dela se uniria ao meu nos trabalhos e nas esperanças... Nunca senti os braços carinhosos tão suaves para os outros. O meu berço foi um berço de órfão; e amei-a, padre, amei-a com o extremo de filho, de irmão e de amante! Hoje, que me desenganei, morro, porque estou só.

— O homem nunca está só! E a mim quem me acompanha, quem me esforça e me há de cerrar os olhos com ternura e amizade? Julga que não sei os tormentos da saudade, e que não ouvi dentro do peito os mesmos gritos da paixão também louca, também cheia de mágoa? Porque me vê amortalhado cuida que não vivi, que fui velho sempre de espírito e de coração?... Sonhei do mesmo modo; e ao acordar, procurando a alma, encontrei-a banhada de prantos sobre um túmulo! Era pouco?... E não me abracei por isso com a morte, não cometi o crime de procurar o suicídio!... O peso do infortúnio prostrou-me como a todos; a aflição tentou-me, mas a vontade venceu, e tudo se calou... Sabe como o homem forte se ergue destes golpes? Mudando de paixão, pondo os olhos no Céu, e crendo em Deus. Hoje... não me lembro senão de que o desterro há de ser curto; e no dia em que for chamado irei descansar contente ao lado da minha cruz, suportada sem queixume, e no seio do Senhor, aonde chorei sem desesperação...

— Mas é que vossa paternidade não é um homem como os outros! Admiro os seus exemplos, mas não posso segui-los!... Como quer que esqueça, se o coração não sabe e não diz outro nome? Se a alma não está comigo, mas com ela?

— É porque não manda ao coração que se cale, e à alma que veja outra coisa. Se fossem seus obedeciam-lhe.

— Há tantos anos, padre Ventura, que a vida não é minha! Entreguei-a desde criança; e agora mesmo chamo-a e não me ouve! Se não parti é porque me disseram que esperasse. Mais seis meses, e no fim deles!... Não me iludo, não me entristeço, sou livre, ficarei tranquilo...

— Morrendo com medo do infortúnio?... — interrompeu severamente o jesuíta. — Bem! Disse tudo? É a sua última resolução?

— Disse! — respondeu o mancebo deixando pender a cabeça.
— A vossa paternidade não oculto nada.

— Então se o não amarem?

— Não posso viver.

— Hão de amá-lo.

— Não, meu padre! Diz-me o coração que a minha vida acabou aqui. Depois o desengano veio dela! Sei que me estima, mas o seu amor... passou. Tenho a prova.

— Já me viu prometer de leve, irmão Jerónimo? Ora bem! Se nós pudéssemos fazê-lo forte, o instituto ganhava a maior vitória. É filho de Santo Inácio pelo voto; creio que o seu espírito é menos fraco do que o seu coração; quem peca é a mocidade... Essa há de passar e emendar-se! Entre perdê-lo por uma paixão obscura, e salvá-lo satisfazendo-lhe o erro, porque é só erro, prefiro que viva. Conheço que do homem que era a minha esperança, e em que punha a futura glória da Companhia, só ficará o espírito connosco, porque, por mais que faça, não pode torná-lo pequeno... assim mesmo com o coração cativo e a alma longe de nós espero que se a Companhia o chamar...

— Ainda que Teresa me pedisse de joelhos!

— Não diga palavras temerárias. Se ela mandasse ficava. O escravo não pode prometer: eu farei! A vontade é do senhor.

— Padre visitador, não mereço...

— Merece! Acha amarga a verdade? De que se queixa? Quem se desgosta e entrega a vida ao amor volúvel duma mulher, o que há de negar depois? Hoje quer morrer, porque não tem ânimo para suportar a dor; amanhã o que fará para não perder a felicidade?

— Vossa paternidade é severo!

— Engana-se. Sou justo.

— Não é uma paixão leviana; é o amor do meu coração desde que o sinto bater no peito...

— O amor é natural, não o acuso. O que estranho é a fraqueza.

— A fraqueza! Vossa paternidade não acredita! Não me disse já que não sou atreito a virar as costas? Bem viu se a morte me assustou?

— Cuidei; mas foi engano. Não tremer da morte é o menor valor; há casos em que o ânimo consiste em poder com a vida. O homem que medita o suicídio, porque a mágoa o aflige, ou porque a esperança anoiteceu na sua alma, outro dia tem medo de morrer se for feliz!... O valor que honra o coração e o espírito

é a serenidade no infortúnio, e a constância na adversidade. Ora aqui a adversidade veio, e o homem fugiu; diga, uma criança faria menos?

— Padre Ventura, é preciso todo o meu respeito...

— Então sempre julga covardia matar-se ou expor-se voluntariamente à morte, que é o mesmo, porque achou rigor em uns olhos aonde esperava sorrisos? Cuidei que lhe parecia natural!

— Eu não disse...

— Que só no mundo, sem ela, não queria viver? Supus! Ainda bem que foi equívoco. Já crê então que Deus não nos concedeu o precioso bem da vida só para o amor profano, esquecendo o seu serviço na idolatria das paixões mundanas? Ora pois! Veio aonde queria. O que disse foi para lhe pôr diante da loucura um espelho, e convencê-lo. Seja homem! O amor é um belo sentimento, mas nasceu para nos dar a vida, e não para causar a morte. Medite, fortifique-se e tome posse do seu coração e da sua alma; vença-os com o espírito, que tem mais poder, e verá que lhe obedecem... depois de alguma dor. Costume-se a tomar conselho da razão, e a moderar os ímpetos... A mágoa e a alegria, em excesso, são delírios... Tenho que escrever para Castela. Quando parte, irmão Jerónimo?

— Quando vossa paternidade disser! — replicou o mancebo, inclinando a cabeça e cruzando os braços.

— Muito bem! Vamos melhorando pelo que observo. Então fica enquanto eu não disser o contrário?

— Depois da promessa de vossa paternidade... o lugar é-me indiferente.

— Dê-me um abraço, e confie em Deus. Amanhã falaremos devagar.

Daí a poucos minutos o jesuíta sabia da boca de D. Catarina as particularidades relativas aos amores de Jerónimo e aos receios de Teresa. Encolhendo os ombros e sorrindo-se, exclamou a meia voz:

— Supus outra coisa. Podia ser pior!

XXXIII

DENTRO E FORA

O banquete tinha acabado havia muito; e depois do sol-posto não existia um só dos convidados na sala de Lourenço Teles. O primeiro que, alegando urgência de negócios, se havia retirado, tinha sido Diogo de Mendonça; o último que saiu, bastante formalizado de alguns gracejos do erudito, foi o abade Silva. O inventor do livro dos Pavões, empunhando a bengala histórica pelo precioso castão de Cleópatra, e ensaiando as articulações e os nervos flexores em passos bastante largos, meditava sobre a composição de novo opúsculo para romper as hostilidades com um golpe que aterrasse. Estava disposto a não parar enquanto não acabassem por uma vez as sevícias de Filipe, e os remoques impertinentes do comendador.

Fazendo a Lourenço Teles as últimas despedidas, deixou correr pelos beiços franzidos aquele sorriso singular dos doutos, tão pre-nhe de ameaças, e tão fecundo em fólios assassinos. Felizmente para ele e para os outros, desta vez queria pedir à risonha e travessa Tália o desagravo da dignidade ofendida!

Bem afastado de prever a tempestade iminente, Lourenço Teles não deu por concluídas as suas benévolas atenções, senão quando o jesuíta pegou no chapéu e tomou as suas ordens para o

colégio de Santo Antão. Seriam luzes acesas; e havia mais de uma hora que o honrado capitão da «Sereia» e o procurador de São Domingos tinham ido espairecer os fumos do jantar; Frei João levava pendurado no braço o pai de Cecília; e este, marinhando com viveza pelo venerando busto do seu amigo, fazia-o vítima da ladainha de impropérios, em que era inesgotável a língua marítima de Filipe contra o autor das proezas de Viriato!

Sem dizer uma palavra a Teresa, sem cruzar a vista sequer com a dela, Jerónimo, depois da sua conversação com o padre Ventura, esquivou-se desapercibido, desceu ao jardim, e abrindo a pequena porta (que dava para o *pátio da estalagem*) foi encontrar-se com um vulto que o esperava, e que à sua chegada se coseu ainda mais com a sombra do escuro passadiço por onde os dois partiram, desaparecendo imediatamente.

Vista à distância, e mesmo de escorço, aquela figura torcida sobre a ilharga, descrevendo semicírculos de parafuso com os pés, e prodigalizando saltos curtos e numerosos, parecia-se muito com o nobilíssimo personagem Domingos José Chaves. Talvez não fosse, mas a semelhança não podia ser maior.

Madalena recolheu-se ao oratório, e cheia de devoção pelo rosário tocado na ara santa do sepulcro, principiou e concluiu as duas novenas desta semana, rezou a oração do justo juiz e o cântico de *Magnificat*, e passada à casa uma revista escrupulosa de boa governanta, tratou de descansar um pouco, esperando por Filipe.

Da sua parte Lourenço Teles achou forte de mais para os seus oitenta anos o vinho generoso. Recostado na poltrona, e balanceando o corpo sobre o pé escorado na travessa da mesa, cerraram-se-lhe a pouco e pouco as pálpebras cansadas. Atrás de seu amo, Jasmin esgazeava os olhos para os não fechar, e com afetada negligência recostava os cotovelos no espaldar da cadeira, receando adormecer em pé e faltar-lhe de repente o equilíbrio. Ao vaivém do corpo do erudito correspondiam as cortesias suspeitas do escudeiro; e cada abrimento de boca mal reprimido determinava no provectoro confidente uma contração para conter igual bocejo.

Nestes termos o diálogo não podia ser longo, nem seguido. Os dois no fim de tudo o que queriam era salvar as aparências. Depois de algumas perguntas pueris, feitas com frequentes pausas, o comendador declarou-se vencido, e passou ao seu quarto na companhia de Jasmin; e as últimas palavras que ouviu acordado foi o nome de Domingos José Chaves. Os sonhos apoderaram-se delas, e toda a noite lutou com extravagâncias em que o aborto sempre representava papel conspícuo.

Enquanto um depois do outro, os diferentes atores da cena antecedente, se metiam na cama e ressonavam, as três meninas tinham-se juntado no toucador de D. Catarina. Sorrindo e conversando com animação, a noviça procurava ler na alma de Teresa, penetrando as recentes mágoas que a via calar consigo por orgulhosa ou por discreta. À mesa notara que nem ela, nem Jerónimo se falavam; depois num momento em que o mancebo julgava que o não observariam, a filha de D. Luís reparou no volver de olhos carregado de tristeza, que o amante deixara escapar, tendo impressas no semblante as sombras da desesperação. Aquela vista, rápida como o pensamento, chorava de ciúme e de agonia! O que havia de novo entre os dois? O segredo tinha-se rompido; e Jerónimo sabia já que o amor da sua vida não passava de um sonho? Seriam os primeiros suspiros de acordado, achando de menos a esperança e a ventura?

A noiva do conde de Aveiras não podia perceber! O sorriso gelado nos lábios de Teresa parecia-lhe mais cruel do que a mesma dor; a apatia do rosto assustava-a pela expressão pungente, imóvel e como aberta em jaspe das feições; e as lágrimas, mal escondidas, que às vezes caíam das pestanas, desenrolando-se pelas faces, confessavam-lhe que dentro do peito, e apesar do silêncio da boca, a luta era terrível. A irmã de Cecília olhava, mas sem ver; movia os beijos e falava, porém sem perceber. As pupilas de esmeralda ora luziam tanto, que a chama deslumbrava; ora, como cegas e apagadas, eclipsavam logo depois o brilho em névoas de amargoso pranto. O agitado seio, palpitando, traía o combate que o espedaçava.

Enquanto Cecília, brincando, lhe tirava os enfeites do toucado, metendo em papéotes de cores os anéis das tranças, D. Catarina, pensativa, não tirava os olhos dela. Se no semblante de Teresa eram fáceis de conhecer os sinais do enlevo pesaroso e as penas do coração, na fisionomia da educanda notava a inquietação febril e desacostumada, que umas vezes lhe abrasava as faces e fazia cintilar os olhos, e outras lhe prendia a voz, cobrindo o rosto de palidez, e a vista de um véu. Este desassossego de espírito, que seria visível mesmo a quem adivinhasse menos, para ela não admitia dúvida. Na alma de Cecília havia também luta e hesitação!

A amiga da sua juventude tinha um segredo, ocultava-lho, e aqueles afagos redobrados eram para melhor o dissimular! Dir-se-ia em algumas ocasiões que as confidências queriam voar dos lábios de rosa para o seu ouvido; mas uma força oculta, mais poderosa do que a amizade, tornava a sopeá-las, denunciando a ansiedade no riso, no olhar, e até no tremor da fala!

Teresa, desculpendo-se com o cansaço, arrancou-se ao martírio de não poder chorar em silêncio; e a noviça, vendo-a sair, e sentindo no rosto o frio dos seus lábios, quando a beijava, meneou a cabeça com melancolia. Depois, voltando-se de repente para Cecília, que lhe despregava o fio de pérolas do colar, e atraindo-a aos seus braços com o carinho de uma irmã, e o ímpeto de uma comoção irresistível, deixou correr calada e por alguns momentos as lágrimas sobre as faces da sua amiga. Esta, confusa e suspensa, empalideceu, corou, e desfazendo-se em ósculos e branduras, exclamava:

— Choras? O que te aflige?

— O teu coração não to diz, Cecília? — acudiu a filha de D. Luís de Ataíde, limpando os olhos, e encarando-a com tristeza.

— Não! — atalhou a educanda, vermelha e perplexa. — De que te queixas, e o que te fiz?

— Para que dissimulas, querida? Vivemos juntas tanto tempo, e a nossa alma uniu-se de modo que sabemos os segredos uma da outra, mesmo sem falar.

— Não te escondo nada! Quem te disse?...

— Os olhos, Cecília, cuidas que não sei ler neles, ou que me esqueci? Porque foges com a vista? Tens um segredo! A tua vida, a tua honra...

— Um segredo!... Acusas-me injustamente. Não merecia... A primeira que sabe que nunca fiz mistérios és tu.

— Nunca, senão hoje.

— Não me impacientes, não me faças chorar! Custa-me ouvir-te assim.

— E conhecer a razão, não custa mais ainda?

— Olha, adoro-te, e no que me pertence nunca tive reservas. Queres que diga a verdade? Sim! Tenho um segredo, um grande segredo... mas não é meu.

— Pediram-te que não o dissesses?

— Pediram!

— Prometeste guardá-lo?

— Prometi!

— Já o sabia!

— Tu?... Quem to disse?... Não o conheces...

— Adivinhou-o quem ama mais do que ele.

— Minha mãe?

— O amor das mães nem sempre vê tudo.

— Minha irmã?

— Teresa? Os seus olhos estão turvos de chorar.

— Foi então?...

— O coração de uma amiga, que te estima ainda mais do que a si própria! Não era preciso que me dissesses, Cecília, para eu adivinhar... Cumpre a tua promessa; guarda o teu segredo; não me queixo. O amor faz esquecer tudo. Só te peço que não dês algum passo, que seja a dor e o remorso da tua vida; refugia-te antes nos meus braços; sabes que são fiéis! Não entregues assim a alma, lembra-te de que há no mundo quem te ama e te quer tanto como se fosses sangue seu. Deixa-me servir-te de mãe e de irmão: de mãe, para teres um coração sensível que entenda o teu; de irmão, para chorando, e compadecendo-me, te salvar de

ti, e não ceder senão certa de que és amada, e acharás a felicidade que mereces... Prometes?

— Juro! Perdoas, agora, o meu segredo?

— Anjo da minha alma, não vês que sei, e por mim sinto o poder do amor? Não te disse que era mãe e irmão para chorarmos juntas?

— Olha, Catarina, às vezes tenho medo que ele conheça que o amo tanto!

— Viste-o outra vez?

— Não.

— Mas esperas vê-lo cedo?...

— Não sei; não digo! — interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços toda vermelha e com os olhos nandando em lágrimas. — Dá-me um beijo! Outro! Somos amigas, muito amigas, não é verdade? Vês? Depois dele e Deus, ninguém te quer mais do que eu, Catarina!... nem o conde.

— Oh! se ele te ouvisse!... — acudiu a noviça, sorrindo-se, e beijando-a.

— Dizia que não, e acreditavas.

— Mas no fim de tudo o conde não tem segredos para mim — observou a filha de D. Luís com malícia.

— Julgas? — respondeu Cecília com a vista animada de um jeito gracioso.

— Creio e espero! — redarguiu a noiva do conde. — Mas deixemos isso. Queres que nos levantemos cedo amanhã, e dêmos um passeio pelo jardim, sozinhas, ao romper do dia? Podemos falar devagar, e tenho tanto que te dizer!

— E se eu, acordando-te, fizer voar algum amor, pousado nos teus sonhos, ficarás pensativa e séria como às vezes?

— É coisa dita? Não?! Antes de prometeres, de decidires...

— Perguntarei ao teu coração! Há de querer o que o meu deseja.

— Cecília, já rezaste ao anjo-custódio? Não sei o que me diz, que ele e Deus te hão de salvar!

— Boas noites, meu amor!

— Cuidado! Essa cabeça é tão viva, e esse coração é tão bom! Não te esqueça; amanhã ao romper do dia!

Apenas ela saiu, e fechou a porta sobre si, Catarina encostou a cabeça a uma das mãos, e com o braço curvo sobre a mesa do toucador deixou fugir o pensamento e os sentidos em uma dessas meditações extáticas, que nos arrebatam. Passado tempo, e desfogando a opressão em um suspiro, chegou à janela por dentro dos vidros, e fitou os olhos no céu, que estava sereno como nessas belas noites de primavera, enlevo do clima do meio-dia.

Quando baixava casualmente a vista para o jardim, assustou-se, porque de repente lhe pareceu que um vulto branco atravessava com precaução para o lado do mirante. Afirmou-se, duvidou, e convenceu-se por fim. Pálida e convulsa, ia já chamar por socorro, quando a suspendeu uma súbita reflexão. Foi uma suspeita, e tão forte que a tornou imóvel. Todas as forças do espírito e todos os receios da amizade lhe acudiram juntos a um tempo, avivando-lhe a luz das pupilas, que atentas e penetrantes seguiram os movimentos do objeto que temia conhecer ao clarão do luar.

Enquanto a noviça quase sufocava a respiração, apurando o ouvido para colher o menor som, observemos o que fazia a sua amiga desde que se apartou dela com o sorriso à flor dos lábios, mas tão magoada interiormente. Que segredo era aquele, cujo alvoroço o semblante não podia conter, nem sabia disfarçar?

Entrando no seu quarto, Cecília pôs a luz em cima do pequeno velador, colocado ao pé do leito; e rendida pela comoção assentou-se, cobrindo o rosto com as mãos, e deixando correr livres as lágrimas, mais doces do que pesarosas, que em fio lhe rebentavam dos olhos. O inquieto coração pulsava tão ansioso, que parecia querer estalar o seio. Semelhante à avezinha, que bate as asas para fugir, não podia sossegar senão unido ao coração que o chamava.

As rosas, desmaiando, e avivando-se nas faces, pintavam as incertezas do pudor e da ternura. A imagem radiosa do amor com a chama sublime e espiritual, que faz uma só de duas almas,

trazia-a consigo sempre, ouvia-a, que lhe falava a cada instante. Não via a todas as horas o sorriso, que a namorava; não escutava a voz, que a estremecia? Longe, ou perto, acaso estavam nunca separados? Para deixar de pensar a ausência, não sabia que bastava conversar com o seu coração?

Assim voa este rápido período, em que o afeto se nutre de promessas, e a memória não serve de tormento, mas de companhia. Mais tarde, depois dos desenganos, é que ela chora inconsolável sobre as ruínas de tantas ilusões. Até ali a irmã de Teresa tinha sempre achado a vida ligeira; e apanhando das primeiras flores que espargem a juventude, não lhes sentia os espinhos, que tão cedo ferem.

Era-lhe tão suave adormecer com o doce nome sobre os lábios e a extensa ideia no pensamento! Os leves sonhos que visitam o leito virginal murmuravam-lhe bem ternos segredos, afagando com as asas de oiro a fantasia que os beijava! A alma julgava-se tão feliz, entretida com esta saudade, suave como se a distância fosse uma quimera, e a ausência um erro dos sentidos! A paixão aos dezoito anos, fundindo a existência de dois entes no arrebatado enlace desta adoração, seduz tão pronta; os cuidados encantam por tal modo; e a esperança diz lisonjas tão agradáveis! Com a esquisita sensibilidade, que a tornava irresistível, Cecília queria às vezes acreditar que o Céu era menos ditoso do que a Terra, que nos primeiros sorrisos do amor só júbilos e venturas lhe oferecia! O espírito não suspeitava ainda que pudessem cair sobre esta luminosa aurora as sombras com que o ciúme e o infortúnio a anoitecem de repente. Nos curtos anos que vivera ainda não provara senão prazer; esquecia que o absinto estava no mesmo vaso.

Enquanto se embebia neste sonho de acordada, supremo deleite dos que amam, comoções interiores, passando rápidas pelo seu rosto, retratavam-se nele como na superfície de um espelho. Umaz vezes a esperança cintilava-lhe dos olhos, e sobressaltando-a corava-lhe as faces; outras a ternura suspirava lânguida, abrindo apenas entre lágrimas aquele sorriso dúbio, que brilha

na pupila aveludada como a pérola do orvalho sobre as plantas inundadas de sol.

Desabotoando-se a medo, a boca, à maneira da flor que principia a desembuchar as folhas, mal deixava escapar os tímidos murmúrios do coração assustado. No desleixo adorável, em que esquecia o corpo; na graciosa expressão da fisionomia pensativa; e na melancolia expressiva do gesto, quem não adivinharia um desses raros momentos, em que a alma crê e espera tanto, que é mais feliz antes, do que depois da realidade?

Assim entretida e enlevada, a irmã de Teresa estremeceu ao ouvir soar lentas e compassadas as dez horas no relógio da igreja próxima. Carregou-se-lhe o semblante de uma nuvem apenas acabou de as contar, e a mão tremia-lhe ao pegar na pequena lanterna, que tinha acesa. Hesitou um momento — um só. — Depois, ao de leve, como se o som dos próprios passos a assustasse, foi direita à porta, e lançou com precaução os olhos pelo corredor que ficava diante. Três vezes deitou o pé para sair, e três vezes recuou, porque os joelhos sem força se negavam a sustê-la. A comoção, agora lhe desbotava as faces, brancas como as alvas rendas da gargantilha; logo as incendia nas vivas cores da púrpura. O peito opresso e a boca sufocada não a deixavam soltar nem um gemido!

Lutou assim por alguns minutos. Depois, em um ímpeto de arrebatamento, depondo a luz, ergueu as mãos ao Céu, e de joelhos levantou uma oração cheia de fé e perfumada de pureza, dessas que os anjos ouvem. Prostrada diante da Virgem, modelo do amor, prostrada diante da mãe extremosa, que debaixo da cruz sentiu a dor da espada, e filtrou pelo coração todo o sangue do sacrifício, a donzela pediu-lhe força para amar sem crime, e graça para resistir ao delírio da paixão. Figurou-se-lhe então que via sorrir os lábios da imagem, e que uma voz interior lhe respondia: crê! Antes de soltar o coração, e de lhe dizer: és livre! abraçada com a inocência, refugiava-se aos pés de Deus, rogando-lhe que lhe desse asas ao amor para se não precipitar. Quando se levantou, estava mais serena; já não tremia. O conforto da oração,

e a esperança que lhe infundira, tinham-lhe inspirado valor. Ia aonde a chamava a ternura, mas não ia só. Invisível, não levava ao lado o anjo da infância, o querubim dos inocentes e castos pensamentos, que a não desamparava? Se o coração vacilante, se a alma tímida ainda receassem, contava que a pureza, vida do verdadeiro afeto, entregue à guarda do Céu, nada tinha que temer; por isso sozinha no meio das trevas, sem mais defesa do que o respeito de um homem, julgava-se tão segura como se a espada de todos os cavalheiros da corte a protegessem. Demais, amava; e o amor tudo supõe fácil. Se um instante pudesse crer o mancebo capaz de uma vileza, esse instante veria o último suspiro da paixão!

Alongando a vista pelo corredor, e aplicando o ouvido, a educanda revestiu-se de ânimo, e com a luz na mão, pé ante pé, passou pelo quarto de Teresa, e logo adiante deteve-se momentos diante da porta de Catarina.

O silêncio era completo. Apesar disso, a sombra do corpo, seguindo-a na parede, quase que a assustava. No fim do corredor estava a escada por onde Jerónimo subira de manhã para saber da boca da sua noiva, que não lhe prometia amor, mas só afeto.

Cecília apressou o passo, desceu, e não tardou que entrasse na casa que dava passagem para o jardim. Gemeu a chave, dando volta; rangeu a porta, abrindo-se; e o ar fino da noite bateu nas faces ardentes da donzela.

Antes de esconder a lanterna, e de atravessar a rua coberta de sombra, por onde se ia ao mirante, a educanda tornou a hesitar e a deter-se. Foi preciso empenhar novo esforço para não voltar atrás.

A noite estava linda! Fresca, e não húmida, a viração como que soluçava, tremendo, por entre as folhas, que se buliam com sussurro manso, semelhante à voz sumida de dois amantes. O céu, recamado de estrelas, cobria-se a miúdo de alvas nuvens, que fugiam esfumando-se no azul, e rasgando-se em formas caprichosas voavam rápidas, ora escondendo as estrelas, ora abrindo-se, e deixando-as cintilar. A Lua começava a subir no horizonte tocada de vapores, e aclarava de um resplendor mais vivo o firmamento em torno dela. A meiga luz, que despedia, era como um sudário

branco lançado sobre as árvores e os maciços de buxo e de verdura, e sobre o chão, que beijavam os ramos dobrados dos chorões, descabelando-se junto do lago. Sobre esta claridade suave torciam-se, ou estiravam-se as grandes sombras dos troncos, ou dançavam as leves e recortadas manchas das folhas que a brisa meneava.

O ruído abafado, que mesmo no repouso da noite é como a respiração de uma grande cidade, ouvia-se ao longe; e o som dos passos amortecidos na relva acordava um eco débil como ele. Era uma noite cheia de sublimes harmonias, que não esquecem, porque a vida parece recordar saudosa o mundo invisível de que foi desterrada; e porque o coração, diante da imensidade que o espanta, olha para dentro de si, e comovido chora as ilusões esfolhadas com o amadurecer da idade. Devia ser debaixo de um céu assim, banhados pelo mesmo clarão de lua, que Julieta e Romeu, unindo a alma no primeiro beijo, deram as mãos para descer abraçados ao túmulo pelo rápido precipício do amor. A claridade não seria mais doce, nem a viração mais terna, quando a Graziela, enxugando as lágrimas do delírio, fitava os olhos, em que a desesperação ardia, sobre as enroladas vagas do mar de Nápoles. Um perfume vago exalava-se das flores. Uma tristeza consoladora, como a da resignação, enlevava tudo ao redor. Na profunda paz que a cercava, a donzela, escutando, podia ouvir as pulsações do agitado coração palpitando de esperança e de receio!

Cecília, chegando, olhou em volta de si, e por um gesto de infantil requebro sacudiu sobre o colo os anéis do cabelo que a brisa desassossegava, e apressando os passos subiu resoluta as escadas do mirante. Diante do assento tapetado de relvas, e forrado de jasmims e madressilvas, outra vez lhe faltaram os joelhos. Conhecendo que as forças a iam desamparar, susteve com a mão o peito, e recolhida no seu pensamento, assustou-se com a vista fita na pequena porta que abria sobre o beco da Imagem, e era oposta à que dava saída para o pátio da Estalagem.

Assim ficou esperando calada e quase imóvel; mas ao menor ruído de fora as faces animavam-se de repente, e os olhos brilhavam com uma chama súbita. Em oração, ou em tremor, os lábios não

cessavam de se agitar; e o ouvido atento procurava distinguir, mesmo ao longe, os passos que ansiava adivinhar. Bateram onze horas na torre próxima; repetiram as outras o mesmo toque; e o sinal não se dava ainda! Tudo continuava no mesmo silêncio.

Enquanto a donzela contava os minutos, um vulto de capa embuçada às canhas rondava, desde as dez horas da noite, do pátio da Estalagem para o beco da Imagem, umas vezes levantando os olhos ao céu, outras deixando pender a cabeça, e sumindo quase o rosto na ampla dobra do capote. Os seus gestos eram de quem se achava absorvido por dolorosas meditações. A miúdo corria-lhe pelo corpo um estremecimento visível, como se o sobresalto da comoção em algumas ocasiões fosse mais forte do que a vontade. A volta da capa escondia-lhe as faces até aos olhos, aonde a chama sombria e intensa tomava por vezes o brilho fixo, que revela o ardor das paixões. De espaço em espaço um suspiro repassado de mágoa rompia do peito gemendo, e mal sufocado assemelhava-se às rajadas secas e abafadas de vento, que passam por cima das águas, precursoras do temporal, que de perto as segue bramindo, e deixando atrás de si o mar em serras.

A mão convulsa amarrotava em contrações nervosas um papel pequeno. Logo depois, ao trémulo clarão da lâmpada, acesa diante do retábulo, tornava a abri-lo, estremecia, ameaçava com o gesto um inimigo invisível, e tornava ao primeiro posto. Os seus passos então eram rápidos, e as pupilas fuzilavam mais vivas, sentindo-se bater o punho sobre os copos da espada.

Assim permaneceu imóvel alguns minutos, até que ouviu cada vez mais próximo o som de uns passos que desciam pela viela contígua, e se apressavam na direção que ele guardava. Daí a pouco um vulto, também embuçado, desembocou, roçando-lhe quase pelo ombro, e foi encostar-se à esquina oposta, donde parecia vigiá-lo. Os olhos dos dois homens encontraram-se, e ambos ao mesmo tempo apalparam o punho dos espadins. Passados rápidos momentos de desconfiança e observação, o recém-chegado resolveu-se primeiro. Apertando a capa adiantou-se dez ou doze passos, e em tom meio jovial, meio levantado, exclamou:

— Seja Deus connosco, cavalheiro! Que linda noite para um passeio! É pena estar clara. Não acha a rua estreita para dois? Isto de espadas é quezilento. Mau é encontrarem-se pela ponta, porque não há remédio depois senão soltá-las pelo punho.

O embuçado, a quem falava, encolheu os ombros, e prosseguindo na sua ronda, contentou-se em responder laconicamente:

— Se a rua é estreita e a noite clara, na sua mão está o remédio. Procure um largo, e embuça-se melhor!

— Santa Catarina do Monte Sinai! — redarguiu o interlocutor rindo, e medindo as passadas pelas dele. — Não me entendeu, ou falei grego? Em duas palavras me explico. Se não tivesse prisão aqui, fazia grande favor a um devoto, deixando-lhe a rua livre por uma hora. Sabe o que são lances?...

— E se tivesse prisão, ou guardasse o passo justamente por uma hora ou duas? — replicou o primeiro, parando de repente, e medindo-o com os olhos suspeitosos.

— Bom católico, como me prezo de ser, e temente a Deus, perguntava-lhe se a sua oração era à imagem do painel, ou à santa encoberta que está por cima?

E dizendo isto indicava o retábulo, e a gelosia da janelinha aberta nas costas da casa, cuja frontaria deitava para a rua principal.

— Sou tão devoto — atalhou o interlocutor — que não rezo com distrações; e tão discreto que não soffro que indaguem qual é a santa da minha oração. Ainda mais: para não responder tenho o cuidado de nunca perguntar. Boas noites, cavalheiro. Ao virar da esquina achará uma rua larga, e menos claridade, se gosta de sombra!

— Valha-me Deus! Começo a recear que adoremos ambos a mesma divindade, e a sentir que um de nós tenha de ficar, apesar do outro não querer! O que lhe parece, senhor embuçado?

— Que a noite está fria, e que parados, os ares finos podem constipar. Até à meia-noite o passo está guardado! Deus o acompanhe!

— Ámen! — redarguiu o outro. — Até à volta. Ainda tenho duas palavras que lhe dizer, e um favor que lhe pedir.

— Se leva pressa, estou ao seu dispor.

— Nada. Deus me livre de ser pesado.

E subindo com desempeno os degraus do beco, foi sair à Rua das Arcas, aonde se fez encontrado de propósito com a ronda, que o mandou parar com a costumada voz: «quem é, e para onde vai, da parte de el-rei?»

— Um estudante, que se recolhe a sua casa.

— Estudante? Poh! Não me cheira — acudiu um alcaide, cujo volumoso ventre parecia vacilar sobre as escaneladas pernas, à maneira de uma talha de bojo sobre dois espeques fracos. — Como se chama?

— Como disse meu padrinho e minha mãe que me chamassem na pia do batismo.

— Ah! o senhor estudante diverte-se com as justiças de el-rei? Cuidado! Olhe não pague a música.

— Não que o carro nunca andou adiante dos bois! Sua mercê é curioso de *bolero*? Não me diga que não. Esse pé está-lhe saltando pelo sapato fora!

Todos os homens da ronda desataram a rir, menos o magistrado, que ficou vermelho como lacre.

— Poucas graças! — gritou ofendido no amor-próprio. — Diga o nome, ou prepare-se para me acompanhar.

— Escolha o senhor alcaide, e ponha-me o que quiser. Dou por todos em não sendo André.

— Magano! — clamou o alcaide quadrando-se para manter em equilíbrio a sua rotundidade. — Lembre-se de que por muito rir pode chorar na cadeia! Como se chama? Pela terceira vez lho pergunto!

— Mas, senhor alcaide, de noite nem sempre trazemos o nome na ponta da língua. Faça de conta...

— Basta de chufas! — disse o meirinho, ingerindo-se na polémica. — A Lua está clara; descubra-se. Os homens não se conhecem pela capa, conhecem-se pela cara.

— E se me constipar, paga-me o senhor meirinho a botica?

— Allon! É escolher! Obedeça, ou...

— Esse *ou* rendeu-me! Mas da parte de quem é toda essa curiosidade?

— Da parte do corregedor do crime do bairro do Rossio.

— Ora como o demónio as tece! O meu maior amigo! Sabe que o prezo tanto, que não lhe dói a cabeça a ele sem a minha logo o sentir?

— Este homem não é o que parece! — gritou o meirinho, virando-se com importância para os seus oficiais. — A teima de não destapar a cara!... Olho nele. Cerquem-no! Desconfio...

— Não levante falsos testemunhos, senhor meirinho. Há Inferno.

— No Inferno o meto eu se não se cala!

— Então boas noites.

— Alto! aonde vai?

— Não me mandou calar? Os mudos não dizem nada.

— Bem! fora a capa; e para cá os papéis. Apalpem-no.

— Da parte do corregedor do bairro do Rossio digo que não me levam os papéis.

— Essa é bonita! Veremos se levam!

— Estive agora com ele, e não deu tal ordem.

— Dou-a eu em seu nome, e basta! Acabemos. Diga quem é, e a sua ocupação.

— Só se for ao ouvido. É um segredo...

— Arredem-se! Guardem bem a rua. Agora estamos sós: o seu nome?

— Caetano José da Silva Soto Maior!⁽¹⁾ — disse o embuçado misteriosamente, e concluiu por uma risada estrepitosa.

— O senhor corregedor do crime! — acudiu sufocado o oficial de justiça, tirando o chapéu.

— Não lhe dizia eu que semelhante ordem não dera? Senhor meirinho, se não conhecer melhor os seus filhos do que o ministro com quem serve, tenho pena do que pode suceder-lhe...

— Senhor, eu!...

1 A introdução de Caetano José da Silva Soto Maior, por antonomásia o Camões do Rossio, peca contra a história quanto ao cargo, que se lhe supõe já neste ano. Entretanto o autor julgou-se autorizado a cometer esta inexactidão, prevenindo sempre de que ela existe. É quanto deve bastar para os escrupulosos.

— Está bom. Ponha o chapéu. Menos cortesias, e mais atenção para outra vez. Deixe-me traçar a capa. Não quero dar-me a conhecer. Ouça. Vá devagar, e dê a volta do costume. Se chegar à entrada do beco da Imagem, e vir um homem parado ao pé da lâmpada, não entenda com ele; é um devoto da santa. Se ouvir espadas tinindo, não faça caso, e passe de largo; de noite todos os gatos são pardos. Espere-me aqui depois. Ando numa diligência de segredo.

A ronda continuou em passo de enterro, e os oficiais, pasmados da súbita mansidão do meirinho, principiaram a urdir conjeturas, e a deitar o anzol para ver se apanhavam alguma explicação. Entretanto, o corregedor ao depois, tão conhecido pela alcunha popular de *Camões do Rossio*, apenas viu que dobravam a esquina tornou para o beco da Imagem, e parou outra vez na esquina. O seu desconhecido ainda passeava com a mesma paciência.

— Quem se quer bem sempre se encontra! — disse o Camões, batendo os pés com força no chão, como se os tivesse dormentes, e interpelando o vulto. — Não lhe parece que a noite espertou? Sinto as mãos e os pés gelados. Se não tivesse medo de o incomodar, pedia-lhe um favor.

— Peça!

— Ocorre-me uma ideia. Se em lugar do senhor passear, enquanto eu assopro os dedos, nos divertíssemos correndo alguns passos de espada preta? Passava o tempo e aquecíamos!

— Daqui a duas horas, o mais tardar, com mil vontades!

— Mas aí é que o ponteiro não regula. Duas horas? Quando dentro de menos de meia preciso de fazer as minhas orações?

— Muito desejava servi-lo, porém!... Diga-me: a sua devoção é com aquela imagem, ou sobe mais alto? Em duas palavras: tenciona escalar os muros deste jardim?

— Os muros? Eu? Essa pergunta?!...

— Serve para meu governo. Sendo com a imagem, ou debaixo dela, pode rezar toda a noite; não o perturbo. Agora, se é curioso de flores, e trata de as apanhar no jardim, acha-me às suas ordens com duas estocadas.

— Agradeço, mas não aceito. Então a sua ronda?

— É para aqui! — disse o embuçado, indicando os muros do jardim de Lourenço Teles.

— Famoso! E para o lado da imagem?

— Absolutamente nada.

— Pois, senhor embuçado, agora vejo que o melhor sempre é entender-se a gente. Pode guardar as duas estocadas para outra ocasião. Eu fui sempre grande respeitador de muros e ratoeiras. Deus me livre de visitas pelo telhado dos vizinhos, ou pelos espiões das cercas. Aborreço os saltos mortais, e não gostei nunca de me pegar com as paredes. Tenho fracas asas, e nenhuma vocação para as carregar de pau. Sou muito pesado para subir ao ar.

— Bem! Ficamos entendidos?

— Até à paz geral, meu amigo.

— Basta; tem o passo livre.

— Mil graças! E se vier alguém estando eu rezando?

— Darei sinal. Se for do seu lado, guarde por lá.

— Que horas espera?

— Onze por instantes.

— Entrego-lhe a esquina, e pego-me com a imagem.

— Boa fortuna!

— A mesma!... Já lá está?

— Já.

— É que vamos ficar em trevas.

— À sua vontade.

Daí a nada o companheiro da esquina ouviu-o bater as palmas devagar, e a gelosia abrir-se. Logo depois apagou-se a lâmpada de repente. Neste momento uma nuvem que passava cobriu a Lua. A escuridão tornou-se completa. Principiou depois o murmúrio cauteloso de duas vozes conversando.

Quando acabava de soar a última pancada das onze no sino da freguesia, o ouvido do Camões sentiu rumor de passos da parte da íngreme e estreita viela, que lhe ficava sobre a esquerda. Dizendo duas palavras para cima, coseu-se com a parede, tirou a espada, e com ela na mão debaixo da capa esperou pelo que desse

a aventura. Quem quer que vinha trazia pressa, e uma singularidade (que o não era para o corregedor) fazia que andando rijo lhe dessem estalos altos as articulações dos pés. O Camões, escutando-os, sacudiu a cabeça pouco satisfeito, e enrolou-se ainda mais no seu capote. Por este sinal mostrou conhecer perfeitamente a pessoa que chegava.

— Hum! — murmurava ele. — Moiros na costa? Aonde irá o xaveco! Já vejo: a ronda tem trabalhos esta noite. *Con su pan se las coma!*

Neste momento o vulto, dobrando a esquina, descobriu-o parado, e veio direito a ele. O escuro e o chapéu de largas abas resguardavam-lhe o rosto.

— Salve-o Deus, cavalheiro! — disse em tom arrogante. — Faz alguma coisa aí parado?

— Guarde-o Deus, cavalheiro! — replicou o ministro, imitando-o. — Vai salvar alguém da morte nessa corrida?

— O passeio aquece. Parado fora de horas com este frio só quem furta bolsas, ou rouba corações. Qual das duas quer?

— Deixo-lhas ambas! Siga seu caminho, e não se importe com os mais.

— Ah, ah! Fala-se por aqui muito alto!

— Que mais?

— Vamos a elas? — disse o outro, arrancando da espada, e já com a capa enrolada no braço.

— A minha pronta estava, mas há uma dificuldade...

— Qual?

— Vai longe?

— Porquê?

— Porque daqui a dez minutos estava mais ao seu dispor.

— Verdade falando, também eu daqui a meia hora...

— Belo! Então primeiro a obrigação, e depois a devoção.

O que diz?

— Estou combinando...

— Combine à vontade.

— Cismo, porque preciso de que não vejam para onde vou.

— Estamos iguais. Nem eu quero que vejam aonde fico.

— Ah! Então?...

— Temos o caso arranjado. Voltamo-nos ambos para a parede, e rezamos três credos. No fim deles...

— Estou pelo ajuste. Mas à meia-noite?...

— Vamos a elas!

— Palavra de homem honrado?

— Palavra de rei, se é mais sagrada.

— Bem. Começemos.

E voltando-se costas com costas, o Camões tornou para a janela da imagem e o desconhecido dirigiu-se para a portinha do jardim, que deitava para o beco, meteu uma chave, e desapareceu num instante, fechando-a sobre si. Neste instante o desconhecido, encoberto defronte com a volta da esquina, tinha-se avizinhado ao de leve, e chegando ao pé do corredor, tossiu baixo.

— Ouviu? — disse o Camões.

— Tudo.

— O que tenciona fazer?

— Passar-lhe as duas estocadas prometidas.

— Quer um conselho? Não pegue em brasas, que se queima.

— Isso é comigo.

— Olhe que nem sempre pelo hábito se conhece o monge. Este homem é muito mais do que parece. Cuidado!

— El-rei que fosse... era o mesmo.

— Pois sendo el-rei?...

— Bem sabe; de noite não se vê... E um rei a escalar fora de horas os muros, roubando aos seus vassallos mais do que a vida e os bens, porque lhes rouba a honra, não seria rei, mas um ladrão.

— Pois não tinha dúvida?...

— De meter a espada até aos copos no corpo do ladrão? Nenhuma!

— Então não faz diferença entre o sangue real e o dos vassallos?

— Faça. O rei é como Deus. Amo-o e venero-o. Mas se descesse a confundir-se com os mecânicos, como podia conhecê-lo? Sobretudo de noite, e saltando muros!...

- Acho a distinção perigosa.
- Quer fazer-me um obséquoio?
- Diga!
- Sinta o que sentir não acuda...
- Se eu aqui ficar sou surdo.
- Boas noites!
- Com que sempre desencova a raposa?
- Ela é tão ágil e o muro tão baixo!
- Deus o leve em sua guarda.
- Ámen?

Acabado o diálogo, tomou o vulto pelo lado da Estalagem, meteu outra chave na porta do jardim, que abria sobre o pátio, e entrou com precaução, cerrando-a devagar.

O Camões embainhou a espada, e meneando a cabeça, disse, dirigindo-se para o sítio que emprazara à ronda:

— A comédia está armada e vai otimamente. Trata-se agora de impedir algum lance de tragédia. Servirá vossa mercê de Senhora de Paz, Sr. Camões! Quando for tempo desça da nuvem e faça o milagre. Como sua alteza real não rirá amanhã em sabendo tudo!

E esfregando as mãos apressou o passo para se unir aos seus oficiais.

XXXIV AO LUAR

Cecília, com a face recostada na mão, e o cotovelo pousado no joelho, tinha a vista fita na pequena porta, que dava para o pátio da Imagem, e o ouvido atento ao menor som. Como dissemos, o silêncio em volta dela era tão profundo, que poderia sentir bater as pulsações do assustado coração. Quem a visse com os anéis das tranças soltos em desalinho, e os olhos cheios de luz; quem a admirasse com o esbelto corpo naquele desleixo todo graças, acusando as roupas sob as pregas a rara elegância das proporções, e brincando-lhe no tímido sorriso uma doce esperança, entristecida de receio, havia de supor que as ficções da poesia tomavam vulto, e que a mais bela fada, de puro enlevo adormecida debaixo das ramadas sombrias, por onde o luar a medo golfava um raio esquivo, estava esperando que as asas de um silfo a despertassem.

De repente a irmã de Teresa agitou-se; o sangue, acudindo às faces, tingiu-lhas de viva púrpura. Tinha-lhe soado, mais ainda no coração do que ao ouvido, o timbre de uma voz, que entre mil era capaz de distinguir, porque a harmonia dela era um cântico para a sua alma.

Levantando-se com ímpeto, e cedendo à primeira comoção, estendeu as mãos, e quis precipitar os passos para correr ao encontro

do amor. Um instante depois, as faces desmaiando, e os braços descaindo, obrigaram-na a sentar-se, tomados os movimentos, e quebradas as forças pelo alvoroço, em que o desejo e o pudor lutavam juntos.

As pupilas, ora ardendo radiosas, ora apagando-se em delíquios de meiguice, pintavam as fases do sentimento, e as contradições da paixão, incerta e sufocada pelo excesso da alegria.

Enquanto durou fora o curto diálogo entre o corregedor do crime e o mancebo, o rosto da filha de Filipe mudava de cor e de expressão a cada momento. A mão tremendo sobre o seio, como que intentava reprimir-lhe as apressadas palpitações; e o corpo debruçado com ansiosa inquietação, retratava a agonia do seu silêncio.

Depois que as vozes se calaram ainda houve para ela alguns instantes de aflita suspensão. Devorada de impaciência e pálida, Cecília, quase unida à porta, desejaria que os seus olhos pudessem romper os obstáculos para descobrirem o que passava. Tinha-se retirado o seu amante, receoso de levantar uma contenda que a desonrasse, ou cego pelo carácter impetuoso preparava-se para abrir o caminho à ponta da espada? Quem era o desconhecido que o detinha, e a quem ela já aborrecia como inimigo de muitos anos? Assim combatida de encontrados pensamentos, agora queria vê-lo a seus pés, custasse o que custasse; logo acusava-o pela imprudência de um arrojo, que podia perdê-los a ambos! Neste conflito de receios e desejos, não soube sustener o grito abafado, que lhe fugiu dos lábios ao sentir-lhe uns pés tentando o limiar da porta, e o ranger da chave na fechadura.

Esquecida de tudo, escrava só do seu extremo, recuou, suspendeu-se, quis voltar, e, sem saber como, achou-se fascinada e extática perante o mancebo, que ajoelhava diante dela, pagando com um sorriso os cuidados da ausência, e os sobressaltos da ternura.

— João! — exclamou, resumindo neste nome todos os tesouros do afeto.

— Cecília! — murmurou ele ao mesmo tempo naquele tom meigo e íntimo, tão doce de ouvir quando se ama.

E ambos irresolutos e como atados ao lugar donde se viam, sem fala, sem movimento, abertos os braços, e inclinado o rosto, uniram a alma no mimoso sorriso, que é a flor do amor virgem, e disseram tudo com os olhos, porque os lábios não sabiam dizer nada.

Este silêncio, que dá a medida da suprema felicidade, ou da infinita dor, quando o coração trasborda, foi mais eloquente do que todas as palavras. Pouco ciosa de os esconder, em um lance rápido, a vista revelou os segredos que a paixão deixa adivinhar, mas não confessa. Sem abrir a boca, e antes de articular um som, tinham-se ambos queixado e tinham perdoado!

D. João admirava-a com a maviosa suspensão, mais lisonjeira do que as promessas e os juramentos, porque nem a vontade a pode ocultar, nem o engano a sabe fingir.

Na ternura daqueles olhos, que pareciam beber nos seus a vida, Cecília achava a mesma saudade, que lhe servia de companhia na solidão. O que eles lhe diziam e lhe contavam, tinha-o também sentido, e sentia-o ainda com igual poder.

O seu rosto, umas vezes agitado, outras risonho e animado, não era menos indiscreto do que a vista do mancebo. Desde que chegara, nenhum dos dois ainda se movera. A curta distância que os separava parecia um muro levantado, que tremiam ambos de transpor. Ele, porque lhe custava a crer que tanta ventura não fosse um sonho; ela, entre a inocência do afeto, e o recato do pudor, porque receava a cada instante patentear a veemência do desvelo, denunciando o domínio a que não podia resistir!

O clarão da Lua esfumava a seus pés as sombras recortadas dos ramos, que a viração bulia com manso sussurro, e corava de luz pálida o semblante dos dois amantes, que juntos no mesmo transporte, e ébrios de igual sentimento, na imobilidade exprimiam o ímpeto da paixão, e na mudez, cheia de eloquência, levantavam dentro da alma as melodias sublimes do amor, quando novo e puro toma da esperança os voos, e pede à fé a força para ainda subir mais alto do que o desejo e a ilusão!

A donzela foi a primeira que acordou do êxtase. A brisa, refrescando, doidejava travessa pelas tranças, espargindo-lhas; e a mão

impaciente, em um gesto infantil, ora desafogava a fronte do véu, que a cegava, ora debruçava as madeixas sobre o colo, donde tornavam a soltar-se em anéis confusos.

Na descuidada posição, misto gracioso de requebro e timidez, atraíçoa as íntimas sensações, umas vezes parecendo querer aceitar os braços do mancebo e estreitá-lo contra o peito; outras figurando que suspeitosa e irresoluta escutava em redor, como a avezinha, para romper o encanto, e escapar ao perigo, que a fascinava.

Que rara expressão a dos seus olhos negros! As pálpebras, como que invejosas do coração, lançavam de repente a sombra das pestanas sobre a chama, que tornava a vista irresistível; mas compadecidas, um logo depois erguiam-se, e a voluptuosa suavidade com que sorria a pupila húmida, aveludando os raios, parecia um suspiro, uma queixa da ternura, que não podia já conter-se! Como as folhas em volta, o seio arfava trémulo. O rosto, entre sério e jovial, entre apaixonado e tocado de meiga ironia, refletia os raptos e o júbilo em que a alma se perdia. Achando delícias na suavidade desta pausa, nenhum dos dois tinha pressa de interromper as confidências, que sem falar revoavam em torno deles. Prolongando esta ansiedade, repassada de doçura, sabiam que respiravam o raro perfume de uma flor, que só é dado colher e gozar uma vez na vida.

Por fim a voz de Cecília, cuja melodia insinuante parecia um cântico, suspirou mais, do que proferiu algumas palavras, enquanto as rosas se acendiam e desmaiavam nas faces, e os olhos, tímidos e baixos, se desviavam para calar o segredo, que o seu disfarce traía.

— João — disse em um tom, que de balde quis tornar seguro — pediu-me que o ouvisse, e consenti; aqui estou. Sei que fiz mal, que posso ser acusada... e apesar disso vim. Promete não se esquecer de que tive tanta confiança no seu amor, como uma irmã na ternura de outra irmã? Não me fará lembrar de que, sozinha e de noite, só tenho a sua honra e o seu respeito em minha guarda?...

Falando assim, a vista cheia de confiança estava contradizendo a boca.

— Cecília! — exclamou o mancebo com certo pesar na voz — eu não merecia!... Se fosse capaz!... Entrego-lhe a minha espada em penhor...

— Não preciso. Se o não acreditasse, não tinha vindo aqui fiada na sua palavra. Basta que se não esqueça de que a sua honra fica no meio de nós para me defender. Não peço mais. Bem vê! Se duvidasse, não o amava; e de que servia enganá-lo então?... Mas tardou tanto! Cheguei a cuidar que faltasse. Não foi a sua voz que ouvi ainda agora? Não disputava com alguém?

— Falava alto. Assustou-se?

— Tremi! Se por minha causa se levantasse um desafio?!... Eu aqui, a dois passos, e sem poder acudir-lhe, sem ter meio de o salvar?!

— Combatendo ao meu lado como as amazonas? — perguntou ele, sorrindo com ar meigo, e beijando-a no seu olhar de imensa ternura.

— Não! Pedindo a Deus com o coração, e aos homens com as lágrimas — respondeu a educanda com adorável singeleza.

— Cecília, se soubesse que a amo tanto, que até ciúmes tenho dessas lágrimas, e que as faria correr de sangue para a vingar!...

— Quer que tenha medo dos seus zelos? Não o julgo cruel!

— Crê que a dor mate? — interrompeu ele precipitadamente.

— Nos homens não sei — replicou a irmã de Teresa com malícia.

— Se amasse como eu, acreditava...

— Que estou aqui, a sós com um homem, e de um instante para outro sujeita a descobrir-se o meu erro, e a ver a minha fama pelos dentes da calúnia... Tem razão! Eu é que não amo! Quem sabe se no íntimo do seu peito me julga também leviana, e me acusa!

— Acusar-te!... Anjo da minha alma, eu devia morrer de alegria aos teus pés, porque me fazes o ente mais feliz.

E unindo às palavras a ação, arrebatado pôs o joelho em terra, e cobriu de ardentes ósculos a mão que lhe davam para se levantar.

— É de mais agora! — acudiu ela rindo, e corando — não sou nenhuma santa, para ajoelharem diante de mim... João, não quero ver isto! Bem sabe, tanto se peca por falta de fé...

— Como por falta de caridade? — atalhou o mancebo adçando com o sorriso a sua queixa. — Se tivesse comigo mais, deixava-me pedir perdão de joelhos, e adorar...

— Não se adora senão a Deus. Vamos! E da esperança não me fala? Haverá salvação sem ela? — observou com ironia branda.

— A esperança, querida, desde que te amo, tem sido a minha vida. Como havia de sofrer a saudade, se uma voz do Céu, não me dissesse, que a minha pena também era a tua? Se soubesses o que imagino para te poder unir para sempre a este coração, que não vê nem sente senão pensando em ti?! Olha, Cecília, não avalias, não suspeitas o que sou capaz de tentar para um dia, escravo, e escravo orgulhoso, beijando os ferros, chegar a possuir-te, e contigo ao lado...

— À face da Igreja, posta a mão na minha, meio arrependido, e meio satisfeito, repeties aquelas palavras, que assustam sempre, segundo dizem. Pois eu não! havia de ter valor, e dizer alto o sim. Sei que é o laço que nos liga para sempre... Que tens? Que tristeza repentina é essa?... Não estamos na igreja ainda, nem estaremos talvez nunca!...

E o sorriso gentil e travesso, com que principiara zombando, fundiu-se logo em um ar pesaroso e quase magoado. Da sua parte o mancebo, ouvindo-a, tinha-se feito branco; calado e sombrio fora acometido de súbita preocupação. Tomando-lhe depois a mão com extremo, e lançando-lhe um olhar perscrutador, que pareceu penetrar-lhe até o mais secreto pensamento, respondeu:

— Às vezes o que mais se deseja custa caro, e não se consegue.

Ela deixando cair a mão sem a retirar, e seguindo com a vista inquieta a repentina mudança no rosto do amante, guardou silêncio. Era tal a inocência que toda a fisionomia respirava, e pintava-se tão sincera nos seus olhos a suspensão da ingenuidade, que o mancebo, afugentando a nuvem que por um instante lhe obscureceu a fronte, acrescentou:

— Se um príncipe estivesse em meu lugar, e se conhecesses que te amava com ternura, pondo a coroa aos teus pés, e oferecendo-te a mão para subires ao trono... o que lhe dirias? Se de joelhos exclamasse: Sem ti o cetro é um peso com que não posso; o sôlio um desterro; a grandeza uma solidão... vem ser a doce companheira, a luz, o enlevo da minha vida; vem trazer-me o que não dá a ambição e o poder — a felicidade e o amor! o que lhe respondias, querida?

Suspensa, enleada, a donzela ainda mais comovida pela agitação revelada na voz do mancebo, do que pelo estranho sentido de suas frases, recuou alguns passos, deixou escapar do rosto ansioso dele para o chão uma vista cortada de hesitações.

Contendo o seio palpitante, e procurando simular no tom certa segurança desmentida pelo tremor, a irmã de Teresa, com um sorriso que forcejava por tornar alegre, redarguiu-lhe:

— Ah, um romance de príncipes encobertos e de moiras encantadas!? Por acaso serás algum desses reis disfarçados dos contos, e eu a feliz beleza que o há de cativar? Queres que responda assim mesmo, sendo fingido? Entendo os teus olhos, e obedeço! E as mulheres só é que têm caprichos, direis vós; e elas só é que têm ciúmes extravagantes! Em penitência de me fazeres a pergunta não te quero dizer nada, enquanto pela própria boca não confessares...

— Que te amo, que tenho zelos até da mais leve ideia que te distraia o pensamento!?... Estás satisfeita?

— Não! Ainda não confessaste todos os pecados!

— Que te hei de revelar mais? Pois sim; foi para te experimentar, para saber o que pensavas, e o que farias, se outro homem mais rico e poderoso, mais nobre te oferecesse em troca de um coração, que não tem preço...

— Uma promessa sem valor? Até que disseste tudo! Cioso! Devia agora castigar-te! Um príncipe aos meus pés! Uma coroa e um cetro! E se eu fosse mulher, como dizem que elas são, e me cegasse com a vaidade? Se criasse ideias loucas, e te enganasse dizendo o que não sentia? Não o merecias? Sorriste; negas?

Merecias! Olha, João, há coisas que não é prudente lembrar. A imaginação e o orgulho exercem grande poder, e correm mais fogosos do que pensas; e nós vivendo sós, e conversando muito com a nossa alma, e pouco com o mundo, estamos sujeitas a sonhar... impossíveis. Agora o que devia era teimar em não querer por amante senão um príncipe!... Havia de ser bonito.

— Procurava fazer-me príncipe para te merecer! — acudiu ele rindo, e beijando-lhe a mão. — Vês, Cecília; sei o coração que tens, e posso medir a tua alma pela minha. Leio nela como em um livro aberto.

— É orgulho, João. Só Deus vê o coração de todos. Se eu mesma, às vezes, não sei entender o meu! Agora, por exemplo, sinto-o triste, inquieto, e mais tudo isto é gracejo e brinco. Estavas zombando, não? Sossega-me; diz-me quem és; e o que esperas pelo teu nascimento?...

— Com uma condição, digo.

— Qual?

— Responderes à minha pergunta.

— Para quê, se é tudo falso?

— Não importa.

— Devo então supor, fingindo, que és príncipe?

— Sim!

— Que vais reinar?

— Decerto.

— E que me falavas assim (vê se digo bem!): o trono é um desterro, a grandeza uma solidão. Vem ser a companheira, a luz, o enlevo da minha vida; vem trazer-me o que não dá a ambição e o poder — a felicidade e o amor! Esqueceu-me alguma coisa; disse tudo? — ajuntou com um ar de inocência, a maliciosa, que era sedutor.

— A glória e o orgulho da minha corte! — acudiu o mancebo, ajoelhando com fervor, e tornando a apoderar-se da mão, que ela lhe estendia, e que não furtava às suas carícias.

— Há pouco não disseste isso! Mas seja. A glória e o orgulho da minha corte. Foi decerto, agora?... Devo responder?

— Peço!

— E supor que tudo é sério e verdadeiro?

— Sim.

— Pois a minha resposta seria esta: se me pegasse na mão, tirava-lha, e olhando para ele com este modo frio e seco de uma menina que se estima, e foi enganada, dizia-lhe...

— Fazes-me tremer com esse ar, Cecília! O que lhe dizias? — gritou ele com ansiedade.

— Não é contigo! Dizia-lhe: os reis quer Deus que não tenham senão um amor: o seu povo. Uma coroa vale muito, mas a vossa mão com ela é nada para mim, senhor, porque aos meus olhos deixou de ser a mão de um cavalheiro. Para rainha falta-me o nascimento; para amante de el-rei sou muito nobre!...

— Ao rei falavas dessa maneira? — interrompeu o mancebo inquieto e alegre ao mesmo tempo.

— Falava. Ouve! — e continuando acrescentava: — Não vos conhecendo, dei-vos o meu amor; a paga foi traíres-me. O meu afeto entrega-se, mas não se vende. Sendo príncipe, ainda que vos amasse, nunca vo-lo dizia. Para me colher o coração foi preciso mentirdes. Sois rei, e os reis estão muito alto; levantai-vos, senhor! Eu é que devo ajoelhar e pedir-vos perdão de não saber há mais tempo, que sois soberano e eu vassala!... A coroa que esperei de vós não era de ouro, era de flores; Deus vos não tome contas, porque ma pusestes de espinhos. A mão, que ofereceis, apertou a minha para me enganar; como quereis que a torne a aceitar? É impossível! Amei-vos, ainda vos amo, hei de até ao último suspiro amar-vos... Bem vedes que não oculto nada. Só vos asseguro que el-rei nunca o saberá! O homem, que eu adorei, morreu hoje... aqui! Sou a sua viúva. A saudade, e o infortúnio de toda a minha existência...

— Mas se ele te amasse?... — acudiu o mancebo.

— Tinha medo que me enganasse outra vez, como quando jurava falso.

A palidez, que nas faces da donzela fora substituída pelo carmim, tinha passado também para o semblante de D. João.

Escutando-a, sentia frio no coração. A comoção que experimentava chegou a ser tão forte, que os movimentos não obedeciam à vontade. A expressão das feições alteradas, e o olhar pasmado e vago, pintavam o transe aflitivo de quem a custo encobre uma dor moral.

Sem saber porquê, os dedos convulsos abriram-se, e deixaram fugir a mão de Cecília de entre as suas. À medida que a escutava, sem ser senhor de o disfarçar, o seu rosto, mudando, exprimia todos os sentimentos, que a resposta da donzela lhe poderia agitar no peito, se fosse verdadeiramente o príncipe. Um ar de orgulho e de prazer, a par de certa mágoa, animava-lhe às vezes a fisionomia amargurada. Era fácil perceber, que perante as sinceras confissões de um coração que não sabia mentir, se reputava ditoso e infeliz ao mesmo tempo.

Apenas ela se calou, houve uma pausa, em que a vista dos dois, encontrando-se, disse muito, enquanto mudos os lábios quase que receavam deixar fugir a respiração.

Logo depois, por um esforço rápido, o mancebo tomou com ímpeto a mão de Cecília, que o observava apreensiva, e beijando-lha com mais respeito (se é possível), do que ternura, exclamou:

— Os anjos não são mais puros! Tens razão, querida, vale mais esse coração do que todas as ambições e grandezas... Feliz aquele que o merecer e possuir.

Ela, ouvindo-o, sentiu vontade de chorar, e com tristeza respondeu-lhe:

— Pareces o príncipe encoberto do romance. Dizes-me isso tão sério, que a despedida do rei pouco mais verdadeira poderia ser.

— Se eu fosse príncipe, Cecília — acudiu ele alegrando os lábios com um sorriso contrafeito — não me despedia, ficava!

— Ficavas? — atalhou ela. — Não querendo eu! Dizendo o que ouviste?

— Sim! Se não levantasses do chão a coroa, e não quisesses subir comigo os degraus do trono, primeiro o homem do que o rei, antes a felicidade do que o poder. Que a apanhasse quem quisesse; que fosse reinar quem a desejasse! Como cavalheiro

ficava para veres que não mentia, nem enganava; como amante para conheceres que tinha um coração capaz de entender o teu.

— Ficavas? Não eras rei? — gritou ela com entusiasmo, lançando-lhe cheia de enlevo o colar dos lindos braços em volta do pescoço. Pondo-se depois séria, e mudando de tom, acrescentou: — Mas eu não devia aceitar! Eu seria indigna, se o meu afeto te fizesse perder um reino...

— Tinhas um meio fácil. Estimada, ditosa, e nos meus braços, irias fazer um paraíso da solidão do trono, donde só desceria para me unir a ti.

— Que loucuras, que estamos dizendo! — exclamou ela rindo. — Tu a falares como príncipe, e eu quase a julgar-me uma rainha!... Porque não acabamos o nosso sonho?

— Em um instante. Não percebo como podendo ser ambos ditosos preferias a infelicidade!

— Nada mais simples. Passado o primeiro ímpeto, quem me assegurava que te não arrependias da desigualdade, achando que o coração de uma mulher não valia a coroa que lhe pusesses na cabeça?

— Era impossível!

— Era natural. Sou orgulhosa, bem vês!

— E se não achasse o trono ainda bastante para a imensa ternura do meu amor? Se por meios ocultos, mas irrecusáveis, soubesses que te estimava o homem, e não o rei?

— Como te defendes!... Mesmo que isso fosse verdade, recusava!... O futuro depende de Deus, e a coroa, quando é maior do que a cabeça, cai sobre os olhos, e cega!... O padre António Ventura (que é prudente), disse que os príncipes nunca se casam segundo o coração; e que sempre os viu infelizes quando se esqueceram do interesse do seu reino. O povo alvoroça-se; a inveja e a calúnia clamam; e lágrimas e desgraças são por fim o desengano. Por sinal, conta a história de uma rainha de Inglaterra, que era dama e não princesa, subiu, é verdade, os degraus do trono; porém daí a pouco também subiu os degraus do cadafalso. Acabou degolada. Chamava-se?... ele diz o nome! Chamava-se?...

— Ana Bolena? — acudiu o mancebo, mordendo os beiços.

— Ana Bolena, sim. Essa ideia nunca mais me saiu do pensamento!

— Não sabia o padre Ventura tão curioso de histórias! — ajuntou o amante.

— Sabe muitas, e todas tristes. Parece que vemos as figuras que ele descreve; que estamos ao pé delas.

— Ah! É uma prenda que lhe invejo. Sabes que vou tendo ciúmes do padre Ventura? — repetiu o mancebo no mesmo tom. — Sou capaz de jurar que sua paternidade não parou na história de Ana Bolena?

— Também contou a morte de D. Inês de Castro. Até me disse uns versos tão suaves!... Chorei de mágoa, porque não era má e altiva como a outra...

— Histórias velhas, querida! — interrompeu ele. — Hoje os reis não degolam as damas; adoram-nas, e pedem-lhes que os façam felizes...

— Mas quando casam escolhem princesas.

— Conforme! Bem poderoso e soberbo monarca é el-rei Luís XIV, e não duvidou oferecer a mão de esposo a M.me de Maintenon, segundo dizem.

— E ela aceitou, porque ama o rei, e não o homem. Mas o casamento (disseram-me) nunca se fez público. Ela não é rainha.

— O padre também contou isso? É muito sábio, e sobretudo muito previsto... — acudiu D. João com ar pesado.

— E eu — acrescentou a educanda sem reparar — um homem (rei, ou príncipe) que tivesse vergonha de me chamar sua mulher à face de todos, tendo-me dado esse nome em presença de Deus, não tornava a amá-lo!

— E se o tivesses amado?

— Esquecia-o!

— E se não pudesses?... Davas a mão a outro?

— A mão sem o afeto?... Nunca. Para desgraçada bastava eu!... Amando o rei, sem esperança, morria para o mundo, e vivia só para o meu coração e com a minha saudade. Tinha

em Santa Clara uma cela para me enterrar e um véu para me esconder...

— E que freirinha galante para nos tentar da grade!... Mas antes de pôr termo ao nosso romance, e de dizermos adeus aos príncipes encobertos, confessa: sou curioso, não te enfades: se fosse menos do que pareço?

— Amava-te como agora, porque mais não posso.

— Supõe um instante, só por fingir, que era eu o príncipe, em que falamos?

— Já respondi. Amava-te. A minha vida desde que te vi não é já senão amor; mas amava-te como se chora a memória cheia de lágrimas do que se perde. O rei não havia de sabê-lo.

— Sendo eu?

— Sendo tu.

— És cruel. Querendo-te ao seu lado, fazendo-te rainha do seu reino e senhora da sua alma?

— Não, não, e não! — gritou ela rindo, e negando com um gesto infantil e sedutor. — Não vences!... Mas diz: estamos para isto aqui? Pediste-me que viesse: escreveste-me que não podias viver se não me visses; e eu com remorsos do encargo da tua morte — ajuntou sorrindo — obedeci. Quanto tempo queres que espere para ouvir o teu segredo? O que desejas dizer-me?...

— Que te amo; que não posso estar longe dos teus olhos...

— E depois? — interrompeu com outro sorriso repassado de ironia e de petulância juvenil.

— O que sinto adivinha-o; não sei dizer-to!

— E se perguntar, responderás com verdade?

— Como a Deus!

— Em que tens pensado, desde que não me vês?

— Em ti, só em ti, no desejo da minha alma!

— Certo? Não me enganas? Tenho um dedo que adivinha! E se lhe perguntar, e ele me disser?... — acudiu cheia de meiguice.

— Que nem um momento sai do coração a tua imagem?... — exclamou o mancebo arrebatado. — Se te disser que amo tanto,

que não quero viver senão porque a vida me deixa ver-te e adorar-te, não achas, Cecília, que diz só a verdade?

— Era tão feliz se assim fosse! — suspirou a donzela tímida.

— Ouve o teu afeto e julga o meu! Não sentes, não crês que a alegria, a felicidade que posso ter no mundo só de ti me pode vir?

— Não sei — ajuntou ela com fingida indecisão. — O coração é tão fácil de iludir... O que se deseja engana!... Olha, tenho horas de receio e de tristeza; tenho medo às vezes de mim e do nosso amor!... Não sei porquê, há ocasiões em que choro pensando em ti!...

— Lágrimas! mágoas!... Sabes que de longe reinam os teus olhos pela saudade?

— Lágrimas sim, mas lágrimas de amor! Não ouviste, que amargam menos do que as outras, e nos consolam apesar de tristes? Vamos! Conta-me tudo. O que tens desejado; que pensamentos têm sido os teus, depois que nos apartamos?

— Querida, o meu único pensamento era ver-te.

— Sempre? E o meu dedo a dizer-me que às vezes?... — acudiu ela sorrindo.

— O teu dedo é um mentiroso, um travesso, e vou puni-lo com um beijo.

— Lembraste-te de mim então?

— Sempre! O que fiz foi para te ver unida a mim; o que desejei foi ser senhor da terra para te dizer: o teu amor torna-me mais ditoso. É que o trono sem ti...

— O trono sonhado é tão diferente do trono verdadeiro! — redarguiu a educanda com malícia.

— O trono far-me-ia grande para os homens, e desgraçado para mim... Cecília, nem todos os sonhos são mentira...

— E sonhas que és rei? — interrompeu meia sorrindo.

— Às vezes — respondeu ele. — Ainda mais. Também sonho que és rainha, e que te vejo ao meu lado...

— Ah! — acudiu ela com arrebatamento. — Digo-te que se fosses rei, não me vias ao teu lado...

— Quem sabe!

— Tornamos ao romance? — exclamou rindo. — Se não te calas com os príncipes encobertos, faço-me também fada, e desappareço. Mas deixemos os gracejos, João, tenho que te falar sério. Aqui não; debaixo daquele mirante, aonde nos vamos sentar... Não reparas como estou animosa e como te amo? Estamos sós, ninguém me defende senão a tua honra; ninguém me guarda senão o teu amor; encosto-me ao teu braço sossegada, como se fosse ao braço de meu pai...

E dizendo isto com uma candura cheia de pudor, entrava com o mancebo no mirante forrado de verdura, e cheio de sombra, e obrigava-o a sentar-se com branda violência. Pegando-lhe depois na mão com um requebro casto e uma ternura expansiva, e iluminando-lhe a alma com aquela rara chama dos olhos, que só a paixão acende, disse-lhe em tão sumidas palavras, que a voz parecia um suspiro:

— Amas-me, João?

Ele sobressaltou-se, empalideceu, e levantou a vista para ela.

— Amas-me? — insistiu a educanda fitando a vista na sua, e parecendo querer infundir-lhe a sua alma no coração. — Se me enganasses, ou eu me enganasse, não sabes que não sobrevivia à dor de te perder?

— Cecília! — exclamou sufocado.

— Responde! com a tua mão na minha, aqui sós, em presença de Deus, juras-me pela memória de tua mãe, pela esperança da tua alma, que me amas, que é verdade o que me dizes?

— Cecília! — tornou o mancebo trémulo, e arrastando-se quase a seus pés.

— Vês! — acrescentou ela com tristeza — é melhor desenganar-me. Antes morrer hoje, do que deixar-me padecer mais; se tenho de morrer, que seja aqui.

— Se te amo! — exclamou ele, pondo-se de pé com um ímpeto cheio de ardor e delírio. — Não vês, não sentes? O coração que geme de te ouvir, não te diz que amo?

— Sim! — exclamou radiosa, pálida de júbilo, e curvada ao excesso da sua ventura. — Perdoa-me! Sabia que amavas; que

eras incapaz de mentir... mas sou tão feliz de o sentir, de ler no fundo da tua alma!... João, não tenho outra vida; e quero-lhe tanto porque é tua!

— Anjo da minha luz!... De joelhos, tu!... E eu que devia!...

— Perdoas-me? Não desconfiei nunca; mas fui louca; fiz-te padecer para dar ao meu coração alguns momentos de felicidade — acrescentou erguendo as mãos, e devorando na chama da vista fascinante as duas lágrimas lentas e suaves, que pendiam das pálpebras do amante, de joelhos também ao seu lado.

Depois erguendo-se e deixando cair dos olhos um raio aveludado, meigo e amoroso, levantou-o com extremo, forçou-o brandamente a sentar-se, pondo-lhe a mão sobre o seio palpitante, disse com um sorriso adorável:

— Estes dois corações estão unidos, fazem um só, não é verdade? Não de viver e morrer juntos, sempre os mesmos, prometes?

Houve uma pausa, durante a qual nenhum falava, porque as palavras eram nada diante do êxtase do espírito. Enlaçadas as mãos; quase pulsando o peito de um sobre o peito do outro, o pranto extremoso, e não apercebido, caía-lhes em fio sobre as mãos, e misturava-se; a respiração, como um suspiro, murmurado nos lábios, adejava perfumada e inebriante, aumentado o delírio, e fundindo num sentimento único os doces raptos em que ambos se abraçavam.

— Que noite serena! Que luar tão claro! Não te faz saudade ver o céu? — disse ela no fim, como acordando, e fitando os olhos no firmamento.

— Ao pé de ti sinto-o, não o vejo! — respondeu o mancebo imprimindo um ósculo tímido na mão esquecida entre as suas.

— Cuidas que uma noite destas esquece nunca? — tornou ela baixando a vista sobre o amante, e agradecendo-lhe com um sorriso.

— Não! A alma lembra-se até ao fim dos instantes em que foi ditosa.

— Sabes que às vezes chego a ter inveja aos rouxinóis, que vêm cantar aqui alegres como a aragem que os afaga!... Se pudéssemos voar também com o pensamento, deixando fugir o coração!...

— E se estes momentos fossem dias, e se estes desejos fossem a nossa vida, e se como os rouxinóis alegres não fizéssemos senão cantar o nosso amor, querias mais ventura, querias outra sorte? — exclamou ele beijando-lhe a mão.

— Não me faças chorar! A alegria às vezes é uma dor.

— E sentir na tua a mão leal do homem, que Deus fez o companheiro, o amigo da tua existência? Duas almas em uma só vontade; dois sorrisos em um beijo de eterno amor! Ser nos teus olhos o que deseja o coração; dizer a tua boca o que o meu pensamento anseia; tudo isto, que só de imaginá-lo está o peito a pular-me de júbilo, tudo isto, que tornaria o homem tão ditoso, que até os anjos o invejariam, não vale um sacrifício, um pouco de orgulho abatido, um ardor de ambição refreado?

Falando assim, o mancebo ajoelhou e pegava-lhe na mão. Ela com o rosto inclinado sentia o hálito do amante sobre os cabelos; e o brilho dos olhos, húmidos de paixão e quase desfalecidos de amor, fazendo-se turvo ao sopra inebriante destas palavras, a cada instante esmorecia mais em um delíquio encantador.

Os lábios de rosa, anelantes, pareciam chamar os do amante; e presos pelo pudor da inocência avivavam o coral, ora vencidos de pejo, ora abrasados de desejos. O sim, tremido à flor dos beiços com que respondia, apenas passava à flor dos lábios; e no rosto pálido, e alternadamente incendiado, mil esperanças e temores renasciam e se apagavam. Neste delírio invencível, vendo aquele sorriso que tinha medo de se abrir, o mancebo arrebatado de paixão uniu a sua boca à dela, e o ósculo louco e tremente, o ósculo delicioso do amor voou-lhe da alma, deixando escapar em torrentes a ternura, que já não tinha força de se conter.

Quando a comoção serenou, vermelha como uma rosa, e assustada, a donzela arrancou-se dos braços que a sustinham, e com os olhos quase lacrimosos, e as mãos cruzadas sobre o seio, em um gesto de inefável pudor, disse com voz trémula, mas irritada:

— Um irmão não fazia isto a sua irmã!

— Não foi!...

— Vim aqui fiada na tua palavra; certa de que para me defender encontraria a honra de um cavalheiro!... Sou mulher, sou tímida, estou só; peço socorro ao respeito e à fé que me juraste!... Se as esqueceres não me amas; e há uma coisa a que não hei de sobreviver, é ao desprezo que merecesses.

Estas palavras, cheias de dignidade, obrigaram o mancebo a pôr o joelho em terra, e tirando a espada, a oferecer-lha pelo punho, dizendo com os olhos baixos, e o rubor nas faces:

— Se um desejo vil, se a sombra de um ultraje me desponsasse no coração... tinha esta espada para o punir antes de me desonrar. Entrego-ta. Ela que te guarde, já que a minha palavra te parece pouco.

Neste momento um ruído nas folhas, que as fez agitar, caindo algumas, sentiu-se por detrás deles no mirante. A Lua tinha-se coberto, e a escuridade era completa.

— Escuta! — disse ela, apurando o ouvido assustada. — Este rumor? São passos?

— Não! Alguma coisa que passou. O vento que buliu nas árvores.

— Tenho medo.

— Ao pé de mim? — disse ele queixoso.

— Foi malfeito; não devia ser!... Envergonhar-me assim! E eu ainda aqui!

— Perdoa uma loucura... a última. Juras, se me amas, que fazes o que vou pedir?...

— Juramentos?!

— Prometes, que no dia em que eu vier oferecer-te a mão, e chamar-te esposa, me seguirás, quem quer que eu seja, para onde quer que eu vá?

Ela hesitou. As folhas à roda tornaram a agitar-se.

— Não sentes? — acudiu Cecília. — Vento não é.

— Foi a minha capa, roçando, que te assustou. Juras?

— Meu Deus — exclamou a educanda, unindo as mãos.

— Não me amas! — disse ele com amargura. — Se pedisses uma prova como esta, cuidas que duvidava?

— Mas quem és, porque te ocultas?! — insistiu a pobre menina quase delirante.

— Se amasses, querias-me pelo que sou — redarguiu o mancebo cruzando os braços.

— Sabes que não! Mas este segredo que me escondes?

— Já me deste o direito de to revelar? Pedi-te, que no dia em que viesse, e te chamasse a companheira da minha vida, me recebesse, quem quer que eu fosse, e para onde quer que te levasse! O que respondes? A quem amas? Se fosse a mim...

— Ingrato! — murmurou ela.

— Se fosse a mim — prosseguiu D. João no mesmo tom — seguias o coração.

— Que me oculta...

— Que está pronto a dizer tudo, contanto que o não enganem.

Houve um momento de silêncio. Cecília com a fronte pendida e o seio arquejante, calava-se. O mancebo, sombrio e mudo, aguardava. Passados poucos minutos ajoelhou, e comovido, pondo a boca trémula sobre a mão dela, que ainda tremia mais, exclamou:

— Era uma ilusão!... Era um sonho!... E acordar, perdê-lo assim, e não morrer aqui! A dor não mata!... Pelo nosso amor, por toda a ternura que juraste!... Basta! Disse de mais a quem me não escuta. Senhora — acrescentou erguendo-se, e cortejando-a friamente — possa o verdadeiro amor de outro homem, mais feliz, fazer a ventura de um coração que eu não era digno de possuir. Adeus!

E sufocado, vacilante, e com a vista a fugir-lhe dos olhos deu alguns passos direito à porta da saída.

Cecília não se movia; mas dentro da alma era medonha a luta.

— Adeus! — tornou ele, voltando-se com um suspiro.

Já a mão virava a chave, já a porta se entreabria, quando a educanda, de um ímpeto, veio cair-lhe nos braços, chorando mais do que proferindo estas palavras:

— Não, não! Irei se me chamares. Mendigo ou nobre, cavaleiro ou mecânico, a minha vida sempre será tua.

Apesar do êxtase em que esta promessa o lançou, e da perturbação em que ficaram ambos, pareceu-lhes que uma espécie de rugido concentrado respondia ao grito de júbilo de D. João. Suspensos escutaram, comprimindo a respiração, mas o silêncio era completo.

Em roda as trevas não deixavam aperceber o menor vulto.

— E agora dir-me-ás o teu segredo? — acudiu ela com meiguice.

— Diante de Deus, que nos ouve, protesto revelar-to dentro de dois dias. Até lá confiarás em mim?

— Não vês! Mas porque não mo dizes já? — insistiu ela pensativa.

— Porque para o dizer...

— Era preciso inventar mais uma falsidade! — interrompeu uma voz, que parecia sair dentre as folhas de um maciço de verdura, próximo da porta ao pé da qual estavam.

— Oh, agora!... — gritou o mancebo, cujos olhos faiscaram — agora quem quer que seja!... — e tirou a espada.

Do meio da escuridão brilhou outro ferro, que tocando no seu o fez inclinar.

Cecília soltou um grito agudo, e fez-se branca. O seu primeiro movimento foi correr, e separar os dois; o segundo suster pelo braço a D. João, não o deixando adiantar.

O pismo e o assombro do súbito encontro, quase que tinham paralisado também a este. A mão do mancebo largou a chave, e a porta do jardim abriu-se toda. A espada ameaçou o desconhecido, enquanto os olhos ardendo em ira, o buscavam na obscuridade.

A pouco e pouco a figura do seu contrário saiu da sombra.

— Não me esperavam? — disse ele com ironia. — Se não fosse um resto de compaixão por... ambos tinha saído: não os interrompia. Mas vendo-os enganados, e sem saberem que estavam a iludir-se...

— Basta! — clamou D. João estremecendo de zelos e de raiva. — De que servem palavras, quando temos espadas? Em guarda!

— Jerónimo! É Jerónimo! — murmurou Cecília desfalecendo, e erguendo as mãos com um gesto suplicante.

— Cada um no seu lugar! — replicou o capitão friamente. — Esta senhora sabe...

— Eu? — acudiu Cecília em voz fraca.

— Somos tão pouco estranhos, que me conheceu logo, apesar da escuridão da noite. Temos passado tantos anos juntos! — acrescentou amargamente.

Donde estava, Jerónimo não podia descobrir o semblante da donzela, que atrás de D. João sentia uma dor trespassada a cada palavra, com que ele lhe rasgava o coração.

A pobre menina ainda não percebera, que o amante de Teresa a tomava por sua irmã. Confusa e trémula, julgou que o cuidado da sua honra, e a amizade da infância tinham atraído o capitão; e a sua maior apreensão consistia na maneira de o convencer da inocência do seu amor.

D. João, entretanto, mordida os beiços cheio de ciúmes. Não podia entender como aquele homem ali viera, nem que domínio era o seu sobre Cecília. Parecia-lhe evidente, que o desconhecido pertencia à casa, e hesitava por isso em levantar o braço antes de se desenganar. O silêncio em que todos se conservaram por alguns instantes foi terrível. Cada minuto acumulava séculos de ódio e de agonia no peito do mancebo.

— Estou esperando! — exclamou batendo o pé, e rouco da opressão.

— Sossegue! havemos de conhecer-nos bem!... — procurando depois disfarçar o tremor que lhe agitava a voz, prosseguiu: — Se percebi bem, há pouco, disse-lhe esta senhora que o amava?

— Se ouviu não precisa de resposta! — acudiu D. João. — Os espíões...

— Logo trataremos disso — redarguiu Jerónimo. — Vejamos! Ela ama-o; assegurou-lho?

— Bem ouviu! — respondeu o mancebo.

— Ouvi! E o seu silêncio ainda o confirma — continuou o amante de Teresa com acento doloroso. — Acredita-a? Crê nas suas promessas?

— Como em Deus!

— Tenho pena!... São falsas.

— Jerónimo! — disse a educanda sufocada.

— Falsas... como as que me fez a mim.

— Eu? — gritou ela recuando.

— Com a mesma voz e a mesma comoção!... Ainda acredita? — tornou voltando-se para D. João.

— Mais do que nunca.

— Faz mal. Ainda esta manhã disse a outro homem, que não tinha amor, e que se viesse a tê-lo, seria para o fazer feliz.

D. João empalideceu. Cecília soltou um gemido, exclamando com doloroso assombro:

— Eu?!

— Sim! — proferiu Jerónimo, desviando o rosto do sítio, donde a apercebia confusamente na escuridão. Bem vê! Se o amava, zombou desse homem que sem uma queixa lhe rogava que o deixasse morrer. Se não o amava, também, enganou os dois, rindo da sua... ia a dizer loucura, rindo da verdadeira paixão, que mostra. Eis a verdade.

O mancebo não proferiu uma palavra; mas as lágrimas reben-taram-lhe dos olhos. Um soluço mal contido revelou a sua mágoa.

— Não se envergonhe! — acudiu o capitão com tristeza. — Também eu chorei, e mais devia ser forte, devia esperar o que sucedeu. Há umas poucas de horas que sabia tudo por um escrito que ela deixou perder. Assim mesmo, não tendo ânimo já para o aguardar de longe, quando ali oculto ouvi esta voz, que Deus fez tão suave, como uma tentação; quando lhe jurou... e jurou falso, porque é um coração que nada sente, quando lhe jurou amor e ternura... por pouco não morri. Cada palavra me varou o peito como um punhal; cada promessa me tirou uma esperança, causando-me uma dor nova! E não acabei como pedia a Deus... Chorei! Chorei como uma criança, como uma mulher! Veja agora. O meu orgulho não me deixa limpar as lágrimas.

Apesar do ciúme, D. João teve dó da inconsolável mágoa que estas palavras confessavam.

Erguendo a cabeça, e respondendo, havia na sua voz menos arrogância do que pesar.

— Se choro é de raiva! — disse ele.

— Não se engane, chora de amor, como eu. Amava-a; iludiu-o! Aí tem porque o seu coração não pode com a pena.

— Jerónimo! — atalhou Cecília, erguendo a fronte com um gesto admirável de altivez. — Eu também não choro! O desprezo secou-me as lágrimas. Não sei porque me persegue e me calunia, nunca lhe fiz mal; mas Deus há de castigá-lo um dia pela desonra de sua irmã, de sua segunda irmã que infama sem motivo.

— Minha irmã? — clamou ele com fogo. — É verdade — acrescentou voltando à ironia — foi o nome que me deu para me traír, para zombar de um coração que desde que sente...

— Jerónimo, Jerónimo! Essas palavras não podem ser comigo. Chegue-se, veja!... Há engano...

— Não! — gritou ele, repelindo com a mão o movimento, que a educanda fazia para se aproximar. — Se a visse... não lhe resistia. Sabe em que estive pensando, enquanto a ouvi oculto? Na alegria de não acabar só; de não levar a certeza de que outro seria feliz com a minha morte. Há momentos em que me sinto capaz de lhe arrancar a vida, com os olhos cheios de lágrimas, e o coração repassado de ternura. Tenho medo do ciúme. Não me tente!

— João, diante de Deus te juro, que Jerónimo se engana; nunca o amei, nem ele a mim! — exclamou a donzela.

— Meu amor — dizia o mancebo afagando-a com a voz — obrigado pelas tuas palavras! Precisava de tas ouvir para não enlouquecer...

— Tem razão, senhor, agora só as armas! — acudiu o capitão depois de escutar a donzela. — Tenho pressa de encontrar uma espada.

— João! — gritou Cecília querendo prendê-lo com os braços.

— Como ela o ama! — murmurou Jerónimo. — E para mim ódio, indiferença!... E hei de morrer só?!

— João, pelo nosso amor! — insistia a educanda — este combate não pode ser. Ele é meu segundo irmão. Há de ouvir-me; eu desfarei o seu engano, porque é engano...

— Estou esperando, senhor! — disse o capitão levantando a voz.

É que apesar da força da sua alma, o coração espedaçava-se-lhe, vendo-a quase nos braços doutro, e escutando os transportes da sua ternura.

— Bem vê! — acudiu D. João. — Este combate não poderia ser noutra parte? — acrescentou, dirigindo-se a Jerónimo.

— Não. Jurei, que só um de nós havia de sair daqui. Se ela padece e chora, eu não sofri e chorei também?

— Agora eu é que tenho pressa — atalhou o mancebo, desenlaçando-se com esforço dos braços de Cecília, e correndo para ele. A donzela seguiu-o; e cega, desvairada, meteu-se entre os ferros já cruzados, descobrindo o peito, e querendo-os separar.

— Não pode ser! ouçam! — gritava.

Neste momento a nuvem que encobria a Lua rasgou-se, e o clarão do astro da noite veio alumiar uma cena dolorosa. Cecília abria os braços, e com um gemido em que a dor e a queixa se fundiam, curva sobre os joelhos, desfalecia, e levando a mão ao peito suspirava:

— Feriste-me, Jerónimo!

Mas os olhos do capitão, antes destas palavras, tinham encontrado o rosto do mancebo. Vendo-o, recuou, fez-se branco, e baixando a ponta da espada deu um grito. Depois, conglobando na voz toda a desesperação da alma, exclamou:

— Devia perceber! Não era amor, era!... Meu Deus! Teresa — disse soluçando — agora vejo, agora sei. Mentias, traíste-me, porque vendeste o coração e a honra a sua alteza real o príncipe D. João!

Um gemido sufocado, e a queda de um corpo no chão, obrigou-o a olhar para os seus pés. Com a face por terra, e sem sentidos, a educanda desmaiara de todo, mais das vozes que lhe ouviu, do que da ferida que a ensanguentava.

D. João, também alterado com a repentina revelação, entre as sombras mal desfeitas pelo clarão da Lua não tinha notado o golpe, nem sentido o suspiro da amante. Ao vê-la cair, correu e

achou-a banhada em sangue, e com os olhos cerrados. Sem saber o que fazia, bramindo de desespero, não procurou senão a morte e a vingança. Voltando-se como um tigre sobre Jerónimo:

— Covarde! Assassino! Vil! — gritava, não se guardando, e crescendo sempre contra ele.

O instinto, mais do que a vontade, dirigiu o braço do capitão. O mancebo, no seu ímpeto, sentiu de repente a mão adormecida; os seus dedos deixaram fugir a espada. Ao frio do ferro sucedeu uma dor intensa. Quando caiu em si estava desarmado, e o seu florete jazia no chão a dois passos dele. Uma estocada funda no ombro enchia-lhe de sangue a manga, e fazia-lhe pender o braço sem força.

Foi então que uma mulher, correndo cheia de agitação, passou por eles, e foi ajoelhar-se junto de Cecília. Cobrindo-lhe a face de carícias e de beijos, com a cabeça dela no regaço, e as mãos nas suas, parecia não ver, nem ouvir nada, preocupada pelo cuidado que a absorvia.

Era Catarina, que as últimas palavras de Jerónimo tinham ferido, e que se apressara, ignorando ainda toda a extensão do infortúnio que a esperava.

Na mesma ocasião um vulto entrou pela porta do jardim. Levantando a mão, e dando alguns passos, disse em voz forte:

— Da aparte de el-rei!

Era o corregedor do crime do bairro do Rossio.

O mancebo chegou-se a ele, deu-se a conhecer, e mostrou-lhe com um gesto o corpo inanimado de Cecília, o sangue que lhe tingia o braço, e Jerónimo imóvel e com a vista fita como uma estátua.

— Este homem matou-a, e feriu-me, sabendo que era o príncipe! — acrescentou de modo que fez empalidecer o corregedor.

O magistrado inclinou-se. Com ar triste e a passos lentos chegou-se ao capitão. Este nem pestanejava.

— A sua espada?

Ele não ouviu, nem deu sinal de o perceber.

— A sua espada? — repetiu o Camões, tocando-lhe no ombro. Sem dizer palavra Jerónimo entregou-lha.

— Siga-me. Está preso à ordem de el-rei e de sua alteza real!

Absorto, e branco como a tira da camisa, o capitão obedeceu maquinalmente. Passando pelo sítio aonde D. Catarina procurava estancar o sangue, e reanimar os espíritos de Cecília, hesitou; duas lágrimas arderam nas suas pupilas. Depois, meneando a cabeça, acompanhou o corregedor, e saiu com ele.

Entretanto D. João correu para onde estava a sua amante, e ajoelhou. A filha de D. Luís, vendo-o, e lendo na ansiosa dor toda a agonia da sua desesperação, disse-lhe mais pálida ainda do que a sua amiga:

— Respira! Vive!... Retire-se vossa alteza. Se não lhe pudermos salvar a vida, ao menos procuremos não lhe tirar a fama. Encarrego-me de explicar tudo...

— Não, não! Está morta. Ele matou-a! — dizia o mancebo com os olhos afogados em lágrimas.

— Vive! Respira! — insistiu ela. — E eu que a amo como irmã, como filha; eu que me acuso de não vir mais cedo... peço, quero que os seus olhos abrindo-se não vejam aqui a vossa alteza. Sei que o coração da pobre infeliz não resistiria.

— Quer que a deixe expirando?

— Fica nos braços de quem a estima! Vossa alteza não tem outros deveres? — acrescentou a noiva do conde de Aveiras severamente. — El-rei seu pai não estará em perigo a esta hora?

— Meu pai, meu pai! — exclamou com soluços e lágrimas. — Ambos! Perdidos, mortos!

— Senhor, torno a pedir a vossa alteza!... A sua presença aqui é a desonra desta menina e a infâmia de uma família honrada. Hei de... havemos de salvá-la. Não vê que tenho esperança, eu que a amo tanto, que morria se a perdesse?

— É sua irmã?

— Sou o que há de mais terno para ela.

— E eu poderei saber?...

— Amanhã mesmo...

— Então!... Mas sem a tornar a ver!

— Cada instante que se demora agrava o seu perigo. Com vossa alteza presente não posso chamar socorro.

— Tem razão. Saio.

E ajoelhando pousou os beijos trémulos nas mãos da donzela desmaiada; lançou-lhe um olhar de dor e ternura indizível; deu dois passos para sair; voltou, e por fim em um impulso de violento esforço transpôs o limiar da porta, e desapareceu.

Catarina levantou as mãos e os olhos ao Céu. As lágrimas rebentaram soltas pela mais intensa agonia.

— Graças, meu Deus! — murmurou inclinando-se de novo para a sua amiga, cuja bela fronte descansava no seu seio. — Respira! O coração torna a bater!... Salva a honra, salvemos-lhe agora a vida!

Daí a um instante, aos gritos de Catarina acudia toda a família, acordada em sobressalto, levando em braços a educanda para o seu quarto.

O comendador no seu aposento dormia ainda; e a filha de D. Luís proibiu que o despertassem. Meia hora depois Cecília abriu os olhos, e a vista sem falar disse tudo à amiga da sua alma.

XXXV

UM RAIOS DE LUZ NAS TREVAS!

Era sobre o amanhecer. Uma tempestade, cujo estampido soava ainda, mas já distante, fundia-se em torrentes de chuva, depois de iluminar a densa escuridão da noite com o lívido clarão dos relâmpagos, estalando medonhos os trovões sobre a cidade.

O luto do céu harmonizava-se com a tristeza dos homens. Havia doze dias que D. Pedro II exalara o último suspiro pela uma hora da tarde de nove de dezembro, na quinta de Alcântara, nos braços do marquês de Marialva, seu gentil-homem da câmara, que lhe cerrou piedosamente os olhos. O padre Ventura não se enganara em casa de Lourenço Teles, quando tinha revelado o segredo dos médicos ao secretário das mercês, afirmando-lhe, que o sucessor de Afonso VI não tornaria a levantar-se do leito, senão para ir a São Vicente de Fora!

Nos últimos momentos, o monarca, chamando o herdeiro da coroa e os infantes, preparou-se como homem para o terrível transe da morte; a sua conformidade e a grandeza de alma com que até ao fim soube cumprir os deveres de rei, admirou até os que lhe eram menos afeiçoados. Se a sombra vingadora do irmão, remorso constante dos derradeiros dias, lhe apareceu ao lado,

e lhe pôs a mão sobre o peito desfalecido, soube esconder os terrores, e as cinzas da penitência cobriram a luta da sua alma com o passado. A vida fugiu-lhe dos lábios em uma exalação serena e quase sem dor, como se a expiação tivesse enchido a medida da justiça, e apagado perante a eternidade a conta do crime!

O príncipe real achou-se, portanto, ao despontar da juventude, com o peso de uma coroa sobre a fronte.

Saindo do jardim, aonde a aventura trágica (descrita no capítulo antecedente) lhe avivava as mágoas mais intensas da sua vida, recebeu o golpe de uma separação para que não estava ainda preparado, porque lhe disfarçaram o perigo, enquanto houve esperanças de o vencer.

O corregedor do crime, depois de mandar com boa guarda para a cadeia do Castelo o capitão Jerónimo, aproximou-se de sua alteza, e com o chapéu na mão, e um verdadeiro pesar estampado no rosto, participou-lhe que a sua ausência fora notada na corte real, aonde acabava de chegar um aviso do paço, comunicando que o estado de el-rei havia piorado muito, e que iam ministrar-lhe os sacramentos.

Suspenso, abatido, e como cego de entendimento à força de comições dolorosas, o mancebo inclinou-se sem proferir palavra diante da perda irremediável, que lhe dava o trono à custa da saúde e do afeto de filho. A reunião de tantas desgraças em um só dia aterrou-o; e as lágrimas rebentaram-lhe dos olhos enquanto murmurava: «Meu pai!... Cecília! ambos na mesma hora!»

Sem escutar mais nada, pediu um cavalo, e minutos depois apeava-se no pátio do palácio de Alcântara, quando os raios desmaiados da aurora principiavam a aclarar o céu, e a adelgaçar as sombras do crepúsculo matutino.

Em uma das salas o marquês de Marialva, depois de ouvir e de responder às perguntas de sua alteza acerca da enfermidade de seu pai, observando com espanto o parecer desfigurado do príncipe, e a desordem dos seus vestidos, conhecendo que estava ferido, e que o sangue ainda corria, posto ele mostrasse não o sentir, não pôde conter-se e exclamou:

— Vossa alteza teve algum mau encontro? Sente-se mal?

— Não foi nada! — acudiu D. João precipitadamente. — O sobressalto, o cansaço...

— Mas o sangue?...

— Ah! Uma arranhadura! Com um jarro de água em poucos minutos desaparece.

Efetivamente a estocada fora leve. Momentos depois o herdeiro da coroa, mudados os trajos, e sem nenhum sinal que denunciasse o combate, entrava trespassado de dor no quarto, onde el-rei o aguardava para se despedirem.

As ocupações motivadas pelos funerais de Pedro II, justificaram aos olhos de todos a reclusão do príncipe, encerrado oito dias consecutivos sem receber ninguém, exceto o padre Ventura e Diogo de Mendonça, com os quais passava horas inteiras fechado na sua câmara. A pouco e pouco a melancolia e o abatimento diminuíram; e um sorriso ainda pálido, ainda triste, começou a alegrar-lhe os lábios. Eram as notícias que o jesuíta lhe trazia, ou o efeito do tempo, sobre as afeções morais, o que lhe levantava o ânimo, e lhe ia consolando o coração?

Qualquer que fosse a causa, não a disse; e mandando expedir as primeiras ordens para a cerimónia da coroação, os observadores notaram particular fulgor nos seus olhos, e uma firmeza na voz, que revelava a consciência do seu poder. Nessa mesma tarde, dois dias depois de quebrados os escudos, segundo o antigo estilo, o novo rei convocou o conselho de estado, ordenando que se levasse aviso da sua parte ao conde de Castelo Melhor, o valido de seu tio Afonso VI, ao qual Pedro II nunca perdoara inteiramente, conservando-o longe da sua pessoa, e ainda mais afastado da participação e despachos dos negócios.

O reinado de D. João V começava pela clemência. Era bom auspício!

Enquanto tudo se dispunha para o jovem soberano cingir a coroa de Afonso Henriques com a pompa da majestade real, na Rua das Arcas, aonde o seu coração o arrebatava em espírito tantas vezes depois da cena que terminara a última noite

de felicidade, os acontecimentos públicos tinham passado como desapercibidos, porque os cuidados do perigo de Cecília tomavam todos indiferentes a qualquer preocupação que não fosse o receio de a perder.

Segundo dissemos, aos gritos de D. Catarina a família correra toda sobressaltada, menos Filipe, que dormia a essa hora na cela de Frei João, e o comendador, que no seu retirado aposento, e com o sono pesado da idade, nada ouvira.

A noiva do conde de Aveiras, ajudando a levar em braços a educanda, teceu uma novela cheia de incidentes e de lances assustadores, imputando todas as desgraças a supostos atrevidos salteadores, acusados por ela sem remorso, de terem aberto a porta do jardim, e de ferirem a sua amiga no momento em que despertando ao ruído acudira, sem a esperar, mas depois de a ter chamado.

Nesta versão havia decerto mais dum ponto equívoco; porém a perturbação do sucesso, e o receio que inspirava o estado melindroso da donzela, não deixavam a ninguém o juízo bastante livre para descer ao fundo das coisas, e analisar as contradições e inverossimilhanças desta engenhosa história.

Tinham visto as duas portas abertas; tinham encontrado as duas meninas, uma desmaiada nos braços da outra; o rasto dos pés dos estranhos estava assinalado no chão do jardim; todos os indícios pois favoreciam o romance; e para chegar ao verdadeiro segredo quase que seria necessário adivinhar.

Depois a polícia naquele tempo era péssima; e a segurança andava tão exposta, que o caso dum assalto noturno, como o que se figurava, podia deplorar-se, mas nada tinha de singular.

Lourenço Teles, a quem o discreto Jasmin se encarregou de acordar para o dispor a ouvir a verdade, ou a que se queria que passasse por tal, era mais forte na crítica de Horácio, do que perspicaz no exame dos atos da vida.

Levantando-se espavorido, esqueceu os anos e as enfermidades, pegou à pressa no espadim, encostou-se ao braço do escudeiro, e veio juntar sua turvação ao enleio e à imobilidade dolorosa em que o estado de Cecília prostrava sua mãe e sua irmã.

A amizade de Catarina, não menos terna, porém mais decidida, é que se multiplicava em cuidados, dando as ordens que Madalena, tolhida de espanto, e perdida da cabeça, não sabia nem articular.

Graças ao ânimo varonil da noiva do conde de Aveiras, foi logo chamado o médico, e tendo examinado a ferida, capitulou-a de pouco perigosa, se a febre não sobreviesse, o que devia temer-se. Com a sentença do douto esculápio restituiu-se a fala a todos, e o velho erudito começou a queixar-se da ausência de Filipe, e a estranhar a falta indesculpável de Jerónimo, concluindo por escrever duas linhas a Frei João, informando-o do sucedido, e rogando-lhe que o não desamparasse, e viesse acompanhá-lo nos seus infortúnios.

O frade acabava de se erguer quando o afunilado e beato semblante do Sr. Tomé das Chagas lhe apareceu com o recado. O andador das almas já vinha revestido das insígnias do seu devoto cargo, e carregara a fisionomia de umas poucas de atmosferas de solenidade.

Lendo a carta, o procurador perdeu as cores da opulenta face, e gritando pelo chapéu e pela capa, disse para o servente:

— Quando aquele animal acordar, ponha-lhe o almoço, e depois mostre-lhe este papel!

O animal aludido era Filipe da Gama, o qual ressonava estrepitosamente.

Nem o capitão, nem o domínico opuseram a menor dúvida à história que lhes contou o erudito, tremendo ainda, não se sabe se de medo, se de indignação, mas é provável que de ambas as coisas.

Às onze horas do dia deu entrada na sala com rosto de tragédia a longa e gravíssima pessoa do abade Silva, carregado de pêsamés desde as borlas de torçal do seu tricórnio até às fivelas dos sapatos. Depois de uma fuzilaria de citações latinas e de textos dos antigos filósofos, os três críticos (porque Filipe tratou de se esquivar ao areópago apenas assomou o abade) concordaram *una voce dicenti*, que Portugal era a Turquia dos Estados Católicos, e que a vida estava mais segura a bordo de um xaveco argelino, do que protegida pelas leis de sua majestade.

À hora de jantar, não sendo piores as notícias que a miúdo recebia do estado de Cecília, o comendador principiou a inquietar-se com a ausência de Jerónimo, atribuindo-a a alguma nova desgraça, pois viver em uma terra aonde os ladrões e os assassinos corriam as ruas e investiam as habitações como no pinhal da Azambuja, equivalia a servir de alvo à boca de uma espingarda, ou à ponta de um florete.

O frade também achava a falta do mancebo inexplicável; e o autor da biografia de Viriato «o Libertador» regougou solenemente, que na ordem regular das coisas o Sr. Jerónimo devia ter vindo, a não se demorar por alguma causa!

Sobre a noite um bilhete de Diogo de Mendonça tranquilizou mais o erudito.

O secretário das mercês escrevia-lhe que el-rei estava em grande perigo, e que por isso não podia sair do paço; queria com instância notícias da sua *menina bonita*, cujo desastre deplorava sem o conhecer exatamente; e acabava, mentindo com o denodo de um diplomata aguerrido, dizendo que não tivessem cuidado no Marte português (Jerónimo), porque o expedira com uma ordem ao exército, não se atrevendo a confiá-la de outro oficial.

Já se vê que o ministro estava informado do essencial, e que se comportava com a precaução devida.

Ignorando até que ponto Lourenço Teles sabia as coisas, arriscava-se pouco, e com frases equívocas sondava o terreno. O ardil surtiu o desejado efeito. Uma hora depois, Diogo de Mendonça tinha nas mãos o boletim minucioso do estado de Cecília, a história correta e aumentada do episódio dos ladrões, enriquecida das exclamações fulminantes do seu douto colega em Minerva, e por esta maneira achava-se com os fios do labirinto na mão, e em posição de servir os seus amigos, e de dar mais um sopro favorável às velas do navio, o qual, segundo a sua expressão, levava César e a sua fortuna!

Assim tinha corrido o primeiro dia, lançado um véu discreto sobre a verdadeira causa do infortúnio, e conspirando todos, uns de propósito, outros sem o perceberem, para ela se não aclarar.

Entretanto, como o médico receava, a febre tinha sobrevindo, devida mais à agitação do espírito, do que à gravidade da ferida.

Na segunda noite, Cecília, que até ali respondia por monossílabos a todas as perguntas, conservando as pálpebras meio cerradas, e padecia de uma irritação de sensibilidade tão grande, que o menor ruído a fazia cair em tremores convulsos e em sobressaltos dolorosos. Sentava-se na cama com ímpeto, e acesas as faces no ardor que lhe inflamava o sangue com o sombrio fulgor do delírio nas pupilas dilatadas, levava ambas as mãos às tranças, e desatando-as com um gesto de susto infantil, escondia com elas o rosto ao passo que murmurava frases incoerentes e loucas, que esfriavam de inquietação a Catarina, única pessoa assentada a esta hora junto de sua cabeceira.

O belo rosto da educanda, pálido como cera transparente, descobrindo as veias à flor da tez, e repassado da amargurada desesperação, que lhe envenenava a alma, estava transfigurado.

Era formoso ainda, mas daquela formosura chorosa e pungente, que o pincel dos mestres criou para exprimir a paixão da Virgem aos pés da Cruz.

O olhar, que ela corria pelo quarto, desvairado como a ideia, pasmava a cada instante; e os lábios descorados e entreabertos torciam-se com o sorriso louco, que espedaça o peito aos que o contemplam, porque lhes diz que o coração já não pode com a agonia, e que estalando no peito afunda o espírito nas trevas da demência.

Fitando Catarina sem a conhecer, sem a ver mesmo, pôs-lhe a mão, que escaldava, sobre o braço, e inclinando-se disse-lhe naquela voz surda, sufocada pelas lágrimas:

— Não sabes? Morreu! Está-me chamando do Céu. Disse-mo um anjo branco com uma coroa de rosas na cabeça. Não o vês aqui à minha cabeceira?... Não o vês, não! É verdade, tu não amas, não podes vê-lo. Queriam-me enganar; contaram-me que vivia; mas eu sei que não. O sangue dele correu-me todo sobre o peito; o seu último suspiro passou sobre os meus beijos; estava dormindo, mas ouvi...

Por outra variação repentina do delírio, mudando subitamente de expressão e de gesto, e lançando para trás as madeixas do cabelo, cujo preto fechado fazia realçar a brancura desmaiada do colo, soltou um riso seco e convulso, e acrescentou falando muito depressa:

— Não ouviste o que eles falam? Chamam-lhe príncipe, beijam-lhe a mão!... É o filho de el-rei!... E eu quero-lhe tanto, tanto! Há de fazer-me rainha. Jurou-mo! Não digas nada a Catarina; eu só é que o sei. Aonde puseram a minha coroa?... Não a acho; ele deu-ma! — E com a mão apalpava em redor de si, apanhando a roupa. Depois prosseguiu mais sossegada: — Faz um sol, que me queima!... Para que é tanta luz?... Aquele altar cheio de flores? tanta gente à roda? Trazem-me o véu branco, e a capela de açucenas? Vêm buscar-me da parte de meu esposo!?... Não vou. Quero ficar aqui! Não sou princesa. Digam-lhe que morri... com ele... ontem. É tão doce estar morta assim, a vê-lo e a ouvi-lo! Não sei porque diziam que na sepultura fazia frio. Sinto um calor... aqui, sobre o coração!...

E debruçando a cabeça sobre o ombro com a graça da ave que vai dormir, abriu mais o sorriso dos lábios, conchegou-se com um suspiro profundo nas roupas, e esmorecendo-lhe o brilho da vista, recaiu na agitada sonolência da febre, articulando sons perdidos, e gemendo queixas vagas, cujo sentido a sua amiga não podia perceber.

Catarina, inclinada sobre esta imensa dor, desfazia-se em lágrimas e soluços, cobrindo-lhe as mãos de beijos e carícias.

Assim entre a vida e a morte pendeu dum fio oito dias, umas vezes dando esperanças, outras julgando-se que de momento para momento se despedia em um gemido daquele amor, que a matava.

Sua irmã, ouvindo-a no delírio chamar por um nome e dirigir-lhe súplicas maviosas, olhava para Catarina, que nem um minuto tinha desamparado esta agonia; e na palidez e nos olhos roxos de pranto da noviça adivinhava o cruel segredo, que fora a perda de Cecília.

O comendador, mais envelhecido pelo martírio desta semana, do que nos últimos dez anos de existência, passava manhãs e

tardes sentado defronte de Frei João e do abade, sem proferir uma palavra, e sem enxugar também essas duas lágrimas, tão raras na idade extrema, que o coração já ressequido só espreme com as grandes dores.

Quem metia mais compaixão era a pobre mãe. Com o desvelo afetuoso, com a esperança tenaz do seu amor, quebrada de forças, cortada de sustos, resistia a todas as fadigas, e tirava ânimo da própria angústia para não sair do lado de sua filha, parecendo-lhe que separar-se dela era arrancarem-lhe a alma do corpo.

A muito custo conseguiram na terceira noite, que a confiasse aos cuidados de Teresa e de Catarina algumas horas para descansar. Assim mesmo aparecia de espaço a espaço, atravessando o quarto nas pontas dos pés com o passo subtil da mãe, quando receia perturbar o sono leve da infância: chegava-se ao leito; escutava a respiração agitada; e tornava a sair, voltando-se a miúdo para volver sobre o corpo da donzela aquela vista de ternura e de carinho inefável, que nem os olhos do amante, nem outro afeto mundano nunca foi capaz de roubar à paixão materna.

Quando a moléstia tocara o seu auge, e o delírio estava na maior força, D. Catarina e Teresa, ambas de joelhos, e banhadas em pranto, oravam a Deus que abrandasse as dores daquele coração inocente, quando a porta se abriu, e a fisionomia compadecida do médico apontou aos umbrais, seguida logo da cabeça fina e sagaz do padre Ventura, que olhava para dentro por cima do ombro dele.

Os dois entraram, e responderam com um sorriso triste à vista interrogativa das duas donzelas.

Aproximando-se do leito, o doutor palpou o pulso a Cecília, examinou-lhe o rosto, aplicou o ouvido ao peito, e sacudiu a fronte cada vez mais sombria. Da sua parte o jesuíta, com aqueles olhos perscrutadores, que pareciam penetrar através do corpo, inclinou-se, e escutou as palavras soltas, colheu os gemidos e os soluços vagos da agitação febril, leu o padecimento moral na própria agonia do padecimento físico, e virando-se para o médico, esperou que este dissesse a primeira frase.

— Tenho feito tudo — murmurou o doutor suspirando — mas a arte não pode salvar senão o que Deus não condenou... Declaro-me vencido!

As duas meninas, que o ouviam, desataram a chorar.

— O corpo vai mal, decerto — acudiu o padre Ventura lentamente, e com os olhos cheios de uma luz vivíssima — mas a alma, aqui, é quem padece mais. O perigo todo está em que o vaso não quebre, e deixe escapar o espírito... Este coração de dezasseis anos, em uma hora padeceu mais do que o nosso em quarenta anos; não pode com a dor, deseja aniquilar-se para a esquecer; aí tem o que é! A moléstia, doutor, a verdadeira moléstia, a que há de matá-la se não lhe acudirmos, não consiste na febre, que inflama o sangue, reside na afeição moral, que acende a febre...

— Se eu soubesse, se me tivessem dito, muitos sintomas com que me iludi...

— Não importa! Cure-a do corpo, que o tratamento da alma encarrego-me eu de o tentar... Havemos de salvá-la ambos! Digo-lho, e espero-o. Seria cruel que a uma mocidade tão viçosa tão cedo a comesse a terra... Sei o mal, e creio que posso acertar a cura. Não preciso senão de um momento lúcido, de um abatimento nesta excitação de sensibilidade... Pode pela sua arte consegui-lo? Se a fizermos chorar, se o sangue vertido dentro do coração lhe rebentar pelos olhos, as lágrimas hão de salvá-la.

Catarina ajoelhou aos pés do padre Ventura, e beijou-lhe a manga, unindo as mãos. Um raio de esperança principiava a brilhar nos seus olhos por entre o pranto. Teresa chorava, abafando os soluços com o lenço.

— Sei a experiência que vai tentar — disse o médico depois de um momento de reflexão. — Se é causa moral, não há outro remédio, confesso. Mas faltaria ao meu dever se lhe ocultasse, que depende tudo de um acaso, do efeito que terão sobre esta organização, em que a vida é apenas um sopro débil, as primeiras palavras... Uma de mais pode matá-la!

— Creio em Deus, e confio na sua ajuda! — replicou o padre Ventura com firmeza. — Ninguém, senão eu e esta menina —

ajuntou, indicando a D. Catarina — conhece a dor que dilacera a alma desta infeliz; somos homens; a idade das ilusões passou para nós, doutor; mas um coração novo, que é todo paixão e vida, não se vê perdido e só, não cai de repente da esperança na amargura, sem se magoar nos espinhos. Aqui tem explicada esta loucura, que foge com a ideia das misérias presentes para a alegria e os enlevos do passado!... Quero fazê-lo entrar em si, quero que olhe sem medo para a realidade. Não há senão um meio; o sentimento que há de acordá-la não pode ser senão o mesmo que a perdeu. Vou opor à reação a reação! Ama, e morre do seu afeto. Salvemo-la pelo amor!

Falando assim o jesuíta tinha os olhos húmidos, e a sua voz, tão suave e firme de ordinário, tremia de comoção.

Voltando-se depois para a noviça, com bondosa autoridade no gesto e no tom, disse-lhe:

— Tenho esperança, grande esperança! O doutor receitou uma bebida, que a há de adormecer por algumas horas; deve-a acordar com o maior cuidado. Estarei aqui mais ele. Que ninguém fique no quarto depois senão nós três. Bem ouviu, uma palavra, um soluço, um erro, e matamo-la em vez de a salvar. Promete ter muito ânimo; não soltar um suspiro; não levantar um dedo sequer? Nesse caso esperemos pela noite, e Deus nos acompanhe!

E saindo logo com o médico, o visitador deteve-se por alguns instantes para restituir ao semblante a serenidade perturbada pelo espetáculo que tinha presenciado. O doutor dirigia-se entretanto ao aposento de Lourenço Teles, que o chamava cheio de inquietação, tendo ao lado a aflita mãe, e Filipe, cuja índole excelente se descobria na mágoa viril com que animava sua mulher, com os olhos arrasados de água e o coração a estalar no peito.

Voltando-se o jesuíta viu ao pé de si Catarina, que o seguia, branca como se viesse da sepultura.

— E Jerónimo, padre Ventura? — perguntou ela a meia voz.

— Espero salvá-lo! O perigo dele é menor, e o remédio mais certo.

— Então está?...

— Preso e louco!... como a sua amiga moribunda e perdida.

— E sua alteza sabe?...

— Sua alteza tem sido preciso ocultar-lhe tudo! Valeu-nos o golpe da falta de seu pai.

— Mas, meu padre, se ela sobreviver, como a havemos de consolar? Quem lhe dirá...

— Deus, que a salvou, minha filha. Deixe o coração a si... Vencido mesmo que seja, não é melhor do que morto, como agora?

À noite Catarina executou as ordens do médico, despertando com um beijo a sua amiga. Os olhos desta abriram-se vagarosos, mas sem o ardor do delírio. As feições abatidas e desbotadas mostravam uma prostração profunda; e a voz era tão fraca, que apenas parecia um suspiro, fugindo ao de leve pelos beijos.

Estava no estado em que o padre Ventura a tinha desejado.

O visitador demorou-se pouco, chegando em companhia do doutor. A noiva do conde de Aveiras a um sinal fechou a porta, e cumpriu a sua promessa, ficando na mais completa imobilidade.

Duas horas depois veio ela mesma abri-la à mãe e à irmã, impacientes, com a alegria e a esperança impressas no semblante.

A comoção, excitada pelo jesuíta com a ciência que possuía do coração humano, causara um sobressalto feliz àquela melindrosa e frágil organização. A alma serenou com as lágrimas. O espírito desvairado caiu em si primeiro à voz do amor, depois à voz da razão.

Por momentos, o médico, vendo-lhe aparecer na boca o sorriso louco, e nos olhos o fogo sombrio e espantado do delírio, estremeceu, advertindo o padre com um gesto; mas a vista deste lia mais fundo; e como o operador, cujo peito se aperta, mas ao qual não vacila a mão, provocou a crise, e no meio da contensão de todas as faculdades, no meio do caos das ideias e recordações, lançou um nome, que de repente fez surgir a luz das trevas, e arrancou um grito de imensa dor e saudade ao coração enfim aberto aos prantos e gemidos.

O mais que passou é inútil descrevê-lo. Todos sabem como as revoluções morais se declaram, e os efeitos milagrosos que

um choque repentino é capaz de produzir. Decorrida uma hora, o médico abraçando o padre Ventura, disse-lhe com um alvoroço, que honrava a sua sensibilidade:

— Está salva! Deve a vossa paternidade a vida e a razão. Resta agora aproveitarmos a crise, e evitar a recaída.

Efetivamente estava salva. Daí em diante as melhoras não cessaram.

Tinham dado dez horas da noite. Como se disse no princípio, a tempestade soltando longínquos bramidos, fugia de cima da cidade. A luz trémula e fraca, posta sobre um velador de pau-santo torneado, dava ao quarto de Cecília uma claridade frouxa, cortada de grandes sombras. Sua mãe, menos assídua desde que o perigo minorou, cedendo ao cansaço e aos rogos de Catarina, recolheu-se para tomar algum descanso. Teresa, desmaiada de cor, com os olhos pisados das lágrimas, com os cuidados do espírito e do coração estampados no rosto, estava assentada, ou antes recostada numa cadeira, aonde a estatura esbelta se desenhava com relevo.

Ao lado dela a noiva do conde de Aveiras, à qual as vigílias e os terrores da amizade tinham convertido a alvura de alabastro em uma palidez mórbida, fitava a vista no rosto da educanda já sereno, mas branco ainda como as roupas em que pousava, e dorido como o seu coração depois dos transe por que passara.

A educanda sossegava em um sono leve e confortador. A mão de jaspe, fina e graciosa, pendia fora do leito, como a do inocente adormecido descai por vezes fora do berço.

Um sorriso cheio de tristeza suave animava-lhe a boca, passando à flor dos lábios. O sofrimento físico e a dor moral, consumindo rapidamente as forças, e cavando-lhe as faces, tornavam maiores e mais expressivos, se é possível, os belos olhos pretos, cujas pupilas avivando-se, cujas ramosas pestanas fazendo sombra, revestiam a fisionomia de um enlevo e sedução, que recordava a poética imagem com que a fantasia cristã nos representa os serafins, nuncios de Deus.

Os cabelos, negros e sedosos, destacavam soltos sobre a alva holanda do travesseiro, e realçavam a neve de um colo, em que

as veias eram mais aparentes, e os músculos mais sumidos do que antes.

Um pintor, que a visse no adorável repouso desta noite, invejaria a Rafael de Urbino o seu amor de artista e o seu coração de amante. Só o inspirado pincel do mestre, que melhor soube colher a rara expressão da pureza e do afeto na virgindade da alma e do sentimento, seria capaz de reproduzir com as verdadeiras cores aquela maviosa figura, *bianco vestita*, como diria o Dante, como a meiga e sublime expressão que naquela hora a realçava.

Teresa olhava também para sua irmã, e preocupada desferia ainda com mais frequência um raio penetrante das pupilas, parecendo com ele intentar ler no seio de Catarina os segredos que lhe ocultava. Durante o delírio, estando ela presente, Cecília soltara frases, balbuciara nomes, e entre choros e risos de loucura revelara coisas, que não eram só pesadelos da razão desvairada.

Era evidente, que a educanda amava, que fora feliz um tempo, e que de repente o seu júbilo e as suas esperanças se banharam no sangue que o coração vertia ainda.

A quem era consagrada aquela misteriosa ternura! Que homem era esse, do qual somente ouvira o primeiro nome, proferido na agitação da febre, em um som de voz que a fez tremer, porque resumia todo o afeto que pode conter-se na alma da mulher?

Que ligações havia entre Jerónimo, e a cena que passara, uma vez que a ausência do mancebo coincidia com os sucessos da noite, oferecendo um enigma, que não sabia decifrar?

A noiva do conde (tudo o indicava) estava senhora do segredo; conhecia-o. Como conseguiria obter uma revelação, que não a curiosidade só, mas um sentimento em favor de Jerónimo, que mal se atrevia a confessar, tornavam do maior interesse para ela?

Eis o motivo que a obrigava a inclinar a fronte pensativa e a meditar o modo de obter da noviça uma revelação, que esta se mostrava pouco disposta a confiar-lhe, visto o seu carácter discreto e um pouco aristocrático.

D. Catarina da sua parte era muito perspicaz para não se aperceber da inquietação da irmã de Cecília, e para não adivinhar de

alguma forma a causa dela. Entre donzelas os segredos do coração escondem-se menos, e as confidências acodem mais depressa. Informada pelo padre Ventura do que sucedera a Jerónimo depois de preso, e do estado cruel a que o pupilo de Lourenço Teles se achava reduzido, a noviça desejava tanto, como Teresa, declarar-lhe tudo, e prepará-la para restituir a paz e a esperança ao infeliz mancebo, dando-lhe a certeza de que uma ilusão fora a origem das suas desgraças.

À força de diligências, o jesuíta perguntando, conjeturando e combinando, tinha chegado a descobrir os fios do trama a que se devia o desastre, que ia custando a vida a dois inocentes, e que ainda podia ser funesto ao capitão, exposto ao ódio do príncipe atualmente rei, cujos protestos de rigor cada vez se repetiam com mais rancor. Com a sua doçura e suavidade usual, sua paternidade conseguiu introduzir-se na prisão do Castelo e falar a Jerónimo. Sem o contradizer, e não o censurando, arrancou-lhe do peito, frase por frase, palavra por palavra, o segredo que ele supunha sepultado para sempre na sua amargura, mesmo quando o estava revelando. O causador de todos os infortúnios fora o honrado Domingos José Chaves!

Vendo-se despedido de casa do comendador, e rondando os quartos antes de sair, viu atravessar Teresa pelo corredor, e seguindo-a de longe achou no chão o bilhete do príncipe real, perdido do seio de Cecília um instante antes de sua irmã passar. Rico e alegre com o achado, que lhe proporcionava um rasgo de malícia, dirigiu-se a uma pastelaria, aonde o esperava outro amigo hábil como ele em viver à custa do trabalho alheio. No meio de uma colação farta e jovial, entre as libações próprias de tão dignos convivas, leu-se o bilhete e assentou-se em o vender a Jerónimo, ao qual o conhecimento dele mais de perto aproveitava.

Domingos detestava os militares e as vias de facto a que eles são propensos. Escusou-se por isso de aparecer ao capitão, que nunca lhe fora afeiçoado. O seu sócio tranquilizou-o, incumbindo-se da negociação, a qual seria dirigida com o louvor de Deus, assegurou ele, por uma pessoa incapaz de a transtornar. Os sinais

dados pelo mancebo ao visitador sobre este diplomata feminino, convenceram o padre Ventura de que entrara em terra de gente conhecida. A mensageira não podia ser senão a virtuosa Perpétua das Dores, aquela serva de Nossa Senhora e do Menino Jesus dos Atribulados, que já teve a honra de ser apresentada neste romance.

Sangrando a velha na loquacidade, o jesuíta em menos de dez minutos sabia tudo, e estava em circunstâncias de formar exato e severo juízo acerca da perfídia e maldade com que o Sr. Tomé das Chagas, devorado de cobiça, sempre com os braços erguidos ao Céu, prestara inteira coadjuvação a uma cilada, que não ignorava poder acabar tragicamente.

Sua paternidade conteve, porém, a cólera, não deixando escapar o mais leve indício que fizesse desconfiar a beata. Cada vez mais risonho e plácido questionou-a, como de costume, sobre os pontos comuns de suas *confidências religiosas* em relação à vida do próximo; e saiu, ficando ela persuadida de que não tinha cometido a mais leve indiscrição. Entretanto, apenas chegou a São Roque, o visitador dispôs as coisas para fulminar o milagreiro e os seus cúmplices em tempo oportuno. Esta última gentileza apurava a conta; o vaso trasbordou por fim.

A noiva do conde de Aveiras, instruída de tudo pelo visitador, e sabendo o delírio que desvairava a Jerónimo, ainda mais fraco diante dos martírios da paixão, do que a donzela delicada salva quase por milagre, compadeceu-se, e prometeu auxiliar a cura do mancebo, como ajudara a de Cecília.

Para este fim era necessário que Teresa não ignorasse nada, e que no seu coração a piedade, se não o amor, fortificasse a resolução de se expor ao primeiro ímpeto, domando o orgulho, e perdoadando as imprecações que deviam esperar-se da desesperação de um homem abismado na dor pela suposta traição dela.

A empresa parecia árdua com o carácter da irmã de Cecília. No curso ordinário da vida seria menos dificultoso arrastá-la ao suplicio, do que levá-la aos pés de Jerónimo para ver pisar a sua alma com desprezos, e ofender o seu pudor com ironias e escárnios.

Mas aqui tudo era fora de comum, a ocasião, o motivo e o perigo!

Com o tato e a observação da natureza, que o tornavam tão perspicaz, o padre Ventura percebeu que Teresa havia de humilhar-se quando no abatimento visse a exaltação; e que embora não amasse, faria todos os sacrifícios, uma vez que eles lhe assegurassem um triunfo digno de admiração.

Convertendo assim em motores do bem os próprios defeitos, o jesuíta servia-se da ambição e do orgulho para obter os seus fins; e trabalhando para a felicidade de Jerónimo e dela, ousava uni-los pelas mesmas paixões, que entregues a si mesmas haviam de separá-los.

O papel com que lisonjeava o ânimo da irmã de Cecília era tão nobre, que apresentado no verdadeiro ponto de vista, contava como certo que o aceitaria.

Faltava achar quem lho propusesse. Ele não queria nem podia. A noviça era pois a única, pela elevação do espírito e pela frieza do juízo, que estava no caso de opor a razão às primeiras resistências do orgulho. Só ela, elevando gradualmente a alma da donzela ao entusiasmo, donde emanam os rasgos sublimes, saberia rasgar-lhe no momento oportuno o véu dos olhos, deslumbrando-a com o espetáculo da força vencida pela graça, do homem subjugado, salvo, e ditoso pelo amor, e da ventura de toda a vida conquistada em alguns minutos de paciência e de sofrimento.

Catarina era prudente e não queria de improviso arriscar-se, tentando tudo. A vista fitava-se em Cecília, mas a ideia estava com a irmã, meditando sobre o modo de lhe dizer que o seu nome servia de horror ao homem que mais a amava; e que aos olhos dele a morte pedida a Deus com lágrimas, a recebia da sua mão.

Parecia-lhe melindrosa esta confissão, e na realidade era-o, quando o êxito do plano dependia da forma por que ela a escutasse. A curiosidade inquieta de Teresa, e o seu desejo de devassar os segredos de uma catástrofe que tinha alterado cruelmente o sossego de todos, afiançavam-lhe que talvez a ocasião proporcionasse os

pretextos, evitando-lhe o embaraço de romper sem o preciso correctivo em revelações aflitivas.

Com um gesto que exprimiu o que a frase subentendia, Teresa voltou a cabeça para Catarina, dizendo-lhe a meia voz, e com particular expressão na vista:

— Dorme!... Agora o sono dela é tão leve e sossegado!...

A noviça sorriu-se. A noiva de Jerónimo carregando com intenção na palavra *agora*, aludia às noites de delírio em que o desvario de Cecília tinha acordado as suas suspeitas, revelando-lhe o que até ali ignorara, se não de todo, ao menos em grande parte.

Fingindo-se, porém, desapercibida, e afetando a simplicidade mais descuidada, a filha de D. Luís respondeu para excitar e atrair a curiosidade da sua amiga:

— É verdade; está sossegada. É porque o coração descansou chorando. Deus queira que alguma nova dor não torne a acordá-lo.

— Então ela o que padecia?...

— Os médicos chamam-lhe afeções morais; nós, que não sabemos tanto, dizemos simplesmente que foi uma paixão de alma. O que a matava não era a ferida, era o amor.

— Mas eu vi o sangue, vi o golpe!...

— Sim. Mas não viu senão o corpo; e esse em oito dias estava bom. O que não viu, porque não sabia, foi a alma... Teresa, peça ao Céu que a livre de uma dor semelhante à que traspassou o tenro coração daquele anjo. Hoje, que está salva, ainda não posso crer que resistisse.

— Cecília foi desgraçada? Enganaram-na; traíram-na?...

— Não, menina; há muitas maneiras de ser infeliz sem isso. Suponha que um obstáculo se levanta e separa duas almas que não fazem senão uma?... Se o amante não pudesse ser esposo, por exemplo?... Diga-me, de que serve então o amor senão para maior tormento?...

— É verdade! E ela não conheceu senão assim, que amava sem esperança?...

— Só no último momento!... Uma revelação súbita!

— Tem razão, D. Catarina; devia ser cruel a dor!... Pobre Cecília! Com o seu génio extremoso, com aquela cabeça viva de mais, e o coração tão fácil em se entregar!... Não sei como resistiu...

— Acha-me razão?... Se eu lhe contasse tudo como se passou; se lhe fizesse a história destes amores, que há um ano são a alegria e a vida de sua irmã; se lhe dissesse os meus pressentimentos, os meus sustos ainda no convento... havia de pasmar.

— Jerónimo suspeitou, soube alguma coisa? — atalhou Teresa, lançando subitamente esta pergunta como por acaso, e fixando logo o ansioso olhar no semblante da noviça. Esta deu graças a Deus interiormente pela ocasião que lhe oferecia, e compondo a fisionomia, respondeu com a maior ingenuidade:

— Não; Jerónimo ignorava tudo. Foi a sua e a nossa desgraça.

— Pois ele está em perigo? Não partiu como se disse?... O coração às vezes é bem fiel! — acrescentou com um suspiro, erguendo meio corpo com sobressalto.

— Jerónimo está preso no Castelo...

— Preso! E não me disseram nada!...

— Em um estado pior, se é possível, do que o de Cecília há dois dias — prosseguiu a noviça no mesmo tom.

— E ninguém lhe vale? Escondem tudo de meu pai e de meu avô? Querem-no deixar morrer ao desamparo? É uma crueldade! O que fez ele; porque o prenderam? Diga-me tudo, Catarina! Devo saber... Sou a sua noiva; a esposa prometida à sua ternura! Tenha piedade dele e de mim... já que se calou até agora! O mal terá remédio? Ninguém o consola?

— O mal não é incurável... se a única pessoa capaz de o salvar quiser valer-lhe — replicou a noviça, criando esforço com o rubor que se acendia nas faces da irmã de Cecília, e notando com esperança o fulgor dos olhos e a animação do rosto. — Um amigo fiel e prudente vela sobre ele... e há de livrá-lo da morte e da loucura, como já livrou aquela! — concluiu mostrando a educanda.

— O padre Ventura?! Então ele sabe?...

— O padre Ventura sabe tudo, Teresinha. Deixemo-lo meditar e escolher a ocasião. E se chamar alguma de nós em seu

auxílio... o amor ou o dever hão de fazer prodígios como aqui fizeram... Percebo a sua inquietação. Quer que lhe conte o que se passou, e como tantas desgraças aconteceram em uma só noite? Se promete ouvir-me com paciência...

— Pelo amor da sua alma, Catarina, tire-me deste martírio! Já não posso com o cuidado e a incerteza...

— Depressa acabam! Jura-me que ficará eternamente entre nós duas o que vou revelar-lhe, e que nem sua irmã mesma o saberá?

— Juro. Ninguém!

— Uma palavra ainda, e principio. Ama Jerónimo?... Crê que há de vir a amá-lo? Responda-me com a alma, e não com a boca!...

— Que quer? — acudiu Teresa passando do carmim mais vivo à cor pálida da rosa branca, e baixando os olhos ao passo que o rubor volvia de novo às faces. — Se deseja ouvir a alma, a resposta verdadeira talvez fosse: não sei! Há quinze dias era sua irmã, e julgava-me infeliz sendo sua esposa; depois vi-o; escutei-o; e o meu coração... não posso entendê-lo. Agora, que todos o deixam; que está só e aflito; que receio perdê-lo... agora, D. Catarina, sinto que sou mais do que irmã; digo-lhe que se não o amo tanto como ele pede, hei de vir a amá-lo.

— Dê-me um beijo pela sinceridade — disse a noviça. — Não lhe assegurei que ainda os havia de ver unidos e felizes? Deixemos sempre correr a vida e a experiência; as contradições são o triunfo certo do amor. Não core, não esconda o rosto. A paixão nunca vem de repente; nasce quando ela quer. E o outro, aquela imagem que me disse?...

— D. Catarina — atalhou Teresa com a cabeça erguida e um fogo singular nos olhos — o outro não podia pertencer-me; e como estava ainda a tempo de resistir, lutei comigo, e venci. As lágrimas que me viu chorar eram de saudade... pelo meu sonho.

— E se tornar a vê-lo?

— É o mesmo. Sou mais forte do que julga. Depois o orgulho, o meu orgulho, que tantas vezes estranha, salvou-me. Não

podendo ser amada, e ainda que pudesse, não devendo à custa da desgraça de outra fazer-me feliz a mim, chorei, mas venci. Hoje não sinto senão...

— Simpatia?

— Não; saudade! Tenho saudade e grande dos dias de ilusão que passei pensando nele.

— Sabe, Teresinha, que a estou admirando? Agora sim, tenho grandes esperanças...

— De quê?

— De salvarmos o pobre Jerónimo!

— Seremos então duas a amá-lo, Catarina?... O que quer que eu diga de uma rival tão formosa junto dele?

— Não diga nada. Foi o que eu fiz, vendo-a pensar no conde, e encobrir-se para não lhe perceber as lágrimas.

— Eu!... Protesto!...

— Não proteste; não se envergonhe. Estimei-a menos por isso? Era uma ilusão; passou. Tive fé no seu juízo e no seu coração. Há uma idade, em que tudo nos seduz e influi; Jerónimo estava certo; todos os dias o via; e chegou a recear deveras que não o pudesse amar... O conde vinha da corte; possuía maneiras e feições agradáveis; e de mais... não sei porque é próprio da nossa alma desejarmos o que não nos pertence. Foi um sonho; e já sabia que acordou dele há dias. Não diga, não prometa nada. Não me vê tranquila? Quer ouvir a história dos amores de Cecília e do infortúnio de Jerónimo?

XXXVI REVELAÇÕES

Teresa vendo descoberto o mais íntimo segredo da sua vida, não pôde conter um movimento cheio de perturbação. Parecia-lhe que os olhos de Catarina, aqueles olhos azuis e serenos, lhe estavam cortando a alma. Admirava interiormente a grandeza de ânimo e a delicadeza de sentimentos com que a noviça, calando o pesar que a paixão de uma rival inspira, soube conter e reprimir qualquer sinal capaz de atraí-lo a sua ansiedade. Mas ao mesmo tempo o orgulho, e uma dor secreta, que o amor mesmo em sonhos sempre causa, afogueavam-lhe as faces de vivas cores, e aclaravam nas pupilas verdes os filetes de ouro que as raiavam.

Estes reflexos quase metálicos, junto ao visível tremor da boca, revelavam à observação perspicaz da amiga de Cecília a luta do bem e do mal; o combate da razão com a soberba.

Perdoar-lhe-ia Teresa a generosidade, ou tomaria como ofensa a própria confiança? Houve um momento em que a filha de D. Luís se arrependeu de suas palavras. Se a noiva de Jerónimo ouvisse o coração, e não a vaidade, era um passo imenso para a vitória; mas se o contrário sucedesse?...

Talvez o ciúme, não o que nasce dos zelos do afeto, mas o que se funda no orgulho, criasse de repente maiores obstáculos

do que todos os que supunha encontrar. Por isso durante a breve pausa que mediou entre as últimas frases de Catarina e a resposta de Teresa, a noviça sentiu o peito sobressaltado, e uma nuvem sobre os olhos. A sua revelação era um grande golpe; mas depois de feita tremia, e acusava-se de indiscreta.

A pouco e pouco afrouxou o calor que rosara o semblante da irmã de Cecília; o tremor convulso, que lhe agitava os beiços, assentou em um sorriso claro, meigo, e mais triste do que severo. Ao mesmo tempo as pupilas abrandaram o fulgor, e os reflexos fulvos, e quase irosos, apagaram-se no suave fluido que fazia tão belos e persuasivos aqueles olhos.

Na fronte lisa revelou-se o espírito sossegado; o coração puro apagou toda a ideia de malquerença. Pegando na sua mão, a dela ainda estremeceu; e o seio alvoroçado ainda deixava perceber as rápidas pulsações; mas era evidente que a noviça tinha vencido, e que o primeiro escolho estava salvo!

O abalo fora grande; porém a alma da noiva de Jerónimo, felizmente, era maior do que os caprichos e paixões. Desvanecido o primeiro conflito, represado o ímpeto do orgulho, a razão mostrou-lhe que a culpa procedia toda dela, e que o modo de a expiar consistia em ser digna de Catarina pela sinceridade da efusão.

A uns olhos que viam tão fundo, e sabiam adivinhar nas lágrimas e na mágoa silenciosa o que os lábios mesmo a sós não ousavam proferir, não podia esconder nada.

Abrir-lhe a alma, e dizer-lhe o que tinha nela, pareceu-lhe o meio próprio de corresponder à generosa confiança da filha de D. Luís.

Antes de falar procurou com a vista o leito de Cecília. O ouvido afiou-se para lhe escutar o sopro igual da respiração. Sua irmã dormia! Certa de que o segredo não passaria de ambas, Teresa levantou-se, e veio ajoelhar aos pés da noviça com o gesto nobre de quem sabe que se exalta, cumprindo o seu dever:

— Catarina — disse, não com os olhos baixos, mas com a vista alta e cheia de amizade — perdoe-me o que fiz, as loucuras que sonhei, os desejos... de criança — acrescentou sorrindo —

que em dois ou três dias de delírio me atrevi a conceber. Acredite: a cabeça pecou; mas o coração absolve-me. No fim, bem vê, ele venceu.

— Menina!...

— Mas se ele me pudesse amar, se eu já não acordasse a tempo? — insistiu a irmã de Cecília, sempre na mesma posição. — Não fazia a sua infelicidade, não pagava com prantos e dores a amizade mais sincera e desinteressada? Por um capricho não a fazia infeliz por toda a vida?

— Olhe, Teresinha — observou Catarina, fazendo-a erguer e assentar ao seu lado — se ele a amasse, é porque não me estimava a mim; e tendo de sentir o golpe, era melhor agora do que depois. Hoje ainda tinha o meu convento, e um esposo que me aceite... Deus!

Estas palavras foram ditas com um sorriso; mas as lágrimas saltavam-lhe pelos olhos. A comoção e a verdade com que as proferiu humedeceram também os de Teresa. Abraçando-a ternamente, entre um beijo, cujo extremo recordou à noviça os ósculos de Cecília, a noiva de Jerónimo exclamou:

— Ainda lhe não disse tudo... O meu castigo há de ser confessar-lhe as loucuras que imaginei, e as maldades que me vinham à ideia. Sabe que tive inveja da sua felicidade? Que cheguei a sentir ciúmes de ver o conde tão enlevado, e o seu coração tão certo da ternura dele?!...

— E nessas ocasiões não havia nesse coração esquecido uma sombra de dó, um ar de compaixão em favor do pobre Jerónimo? Que me tivesse ódio a mim...

— Oh! ódio nunca! Não sou... ainda não era tão má! Jerónimo lembrava-me; que quer que lhe diga? Nem eu sabia!... Agora era só o conde; não pensava, não tinha diante da ideia senão a ele; logo depois distraía-me a recordar os dias felizes, em que toda a minha ocupação consistia em desejar que uma viagem longa acabasse, e que mais um irmão viesse alegrar a solidão da nossa casa...

— Então amava os dois? — acudiu Catarina, sorrindo.

— Não, menina! — redarguiu ela séria. — Ainda não amava nenhum deles! Com o conde a cabeça e o orgulho... é que me seduziam. Com Jerónimo dava-se a amizade, e uma coisa que às vezes faz mal ao amor, um respeito tão grande, como se ele fosse meu pai, e eu sua filha. Temi que aquele homem, que dizem ser de ferro no mar e nas batalhas, também fosse de ferro para mim.

— Não viu como ele a amava; como um olhar, um gesto seu o fazia feliz ou triste?

— Sim; antes de esposo. E depois? Tinha medo que a sua alma, grande nos trabalhos e nos perigos, se cansasse depressa da ternura... Sei que a guerra o fará um dia muito maior do que já é, e que o seu nome será uma glória para a mulher da sua escolha, mas estava eu certa de que não ficaria sendo escrava e ele senhor? Catarina, bem sabe, quando se é nova o orgulho imagina que os leões nos obedecem, e que os nossos olhos devem ser a lei de quem nos ama. Crê que Jerónimo sofresse uma vontade superior à sua?

— Esperava então achar o conde dócil? — interrompeu Catarina rindo.

— Não. Desde que o vi, e principiei...

— Diga tudo. Desde que principiou a amá-lo? — atalhou a noviça com um sorriso.

— Amá-lo? É muito! — acudiu Teresa. — A pensar nele... Foi a verdade. Desde esse dia vi as coisas de outro modo.

— E hoje?

— Contentava-me com o amor, se estivesse certa de ser amada.

— Ainda não acredita que Jerónimo a adore?

— Não sei. Criou-se comigo; é quase meu segundo irmão. Entretanto a última vez que o ouvi...

— Teve mais fé no amante do que no irmão? — observou Catarina risonha na aparência, mas ansiosa no íntimo.

— Tive. O que me disse senti-o no coração. Ele parece que adivinhava, ou que lia dentro da minha alma. Houve um instante em que me julguei traída, e imaginei perdê-lo; então...

— Ah! Então?!...

— A dor foi ainda mais forte do que a ira e o orgulho. Uma irmã não se lhe corta assim a alma por ver que seu irmão prefere outra.

— Falta-lhe dizer a última verdade. Diz? — notou a noviça com alegria.

— Menina, é uma confissão. Não oculto nada. Desde esse dia soube que o amava.

— E foi desse dia também, ia jurar, que deixei de ter uma rival?

— Perdoe-me, Catarina! Causei-lhe cuidados e pesares; fui ingrata, invejosa...

— Não; foi só menina e moça. Basta; não quero que falemos mais do... seu romance. Sabe de quem é a culpa? da cabeça e do amor. Em sendo novos e verdes entram a correr e perdem-se. Tratemos de coisas sérias. Devo contar-lhe o que sucedeu a Jerónimo, e explicar a razão por que ele está preso e... em perigo. A outra conversação entreteve-nos muito!

— Era necessária. Agora que somos amigas, muito amigas, e que não temos segredos, desejo muito saber a história de Cecília, e o motivo que levou Jerónimo ao jardim. Bem vê que hei de estar ansiosa!

— Sente-se. Tem ânimo para me prometer que não há de magoar-se, ouça o que ouvir?

— É muito triste e penoso? — acudiu Teresa, empalidecendo.

— Se ama Jerónimo é a decisão da vida, ou da morte dele. Está nas suas mãos perdê-lo ou salvá-lo.

— Nas minhas mãos! — exclamou com sobressalto, e moderando a custo a voz.

— Sim. Em sabendo tudo, verá que não a enganei. Quer que principie? Veja como sua irmã dorme! Pobre Cecília!

Teresa fez com os olhos um sinal afirmativo; e encostando o cotovelo ao braço da cadeira, e recostando a face na mão, toda ouvidos, pendeu da boca de Catarina.

A filha de D. Luís começou, descrevendo os amores de Cecília e de D. João no convento de Santa Clara; pintou-lhe a candura e a inocência da educanda; o ardor e o extremo com que o amante

a estremecia; e não se esqueceu nem dos seus receios, nem das suas apreensões, quando, perguntando à donzela pelo nome e qualidade do mancebo, descobriu que ignorava tudo, e parecia ter medo até de apressar uma revelação cruel.

Lembrando-lhe a cena do jardim, e o gracejo em que a irmã fora constrangida a patentear o retrato oculto, Catarina confessou que as feições eram tão semelhantes às do príncipe real, cuja imagem vira noutra medalha do conde de Aveiras, que um presentimento a tomara logo, e que as suas lágrimas correram, sem as poder suster, como ambas observaram.

Escutando-a, Teresa estava pálida, mas serena. Quando aludiu ao lance do retrato levantou a vista para interrogar a memória, e fez depois um sinal quase impercetível com a cabeça, como se dissesse que lhe escapara esta circunstância, e que recordando-a lhe dava agora o valor merecido. A noiva do conde prosseguiu, relatando as promessas dos dois amantes; as suas ilusões; e o desenlace delas na fatal noite, em que Cecília soube que amava o rei, porque àquela hora o príncipe quase que era já o rei.

A donzela, que não perdia a menor frase, ao nome do soberano, não soube conter nos olhos um relâmpago, que a vista de Catarina interceitou e traduziu. O orgulho e a ambição, as duas paixões ativas do seu carácter, tinham ciúme da preferência lisonjeira dada a Cecília pelo coração do príncipe, ou a sua ternura magoava-se com o abismo, que o desengano súbito rasgara entre as esperanças da educanda e o seu amor?

Se fosse, Teresa elevaria o pensamento a Deus, resignando-se; ou atrever-se-ia a lutar com a fortuna, e na falta de uma coroa aceitaria o poder e a grandeza de rainha cedendo o título? Qualquer que fosse a sua ideia, e a maneira por que a sua amiga a entendeu, era sensível a profunda comoção causada na sua alma pelo discurso que estava ouvindo.

Entrando na parte melindrosa da narração, a noviça fez uma pausa curta, a fim de reassumir a serenidade necessária para não arriscar uma frase, cujo sentido pudesse prejudicar o intento a que se encaminhava.

Silenciosa sempre, e cada vez mais desmaiada, a irmã de Cecília concentrava os sentidos e a alma na vista, que penetrante e fixa parecia descer ao interior de Catarina, querendo adivinhar tudo antes de ela o explicar. De feito, daqui por diante as palavras da noiva do conde de Aveiras iam cortar no vivo, assustando e agitando os afetos e as paixões que podiam lutar na alma da sua amiga. Dizer-lhe que era amada e aborrecida ao mesmo tempo de Jerónimo; e que a desgraça do mancebo, e a futura sorte de ambos pendiam de um equívoco, não lhe parecia empresa fácil diante daquele orgulho fácil em se irritar.

A voz da noviça tremia involuntariamente, e a fronte alva e triste corava, borbulhava o suor da angústia à medida que ia soltando uma revelação, e contemplava o efeito dela. Quando chegou ao lance do bilhete roubado e entregue ao capitão, Teresa encolheu os ombros, e meneando a cabeça, exclamou:

— Cuidei que Jerónimo sabia ler! Desde criança está costumeado à minha letra.

— Sim. Mas o bilhete era do príncipe, e não de Cecília! — acudiu Catarina.

A explicação aplacou o primeiro ímpeto. Tornando a cair na primeira posição atenta e ansiosa, Teresa baixou um pouco as pálpebras, e para disfarçar o tremor da mão, entreteve-se em enrolar e distender nos dedos os anéis das tranças que vinham beijar-lhe as faces.

A narração continuou. A filha de D. Luís, pintando tudo com a comoção de quem assistira a parte da catástrofe, descreveu o encontro do príncipe com Jerónimo, a ilusão do mancebo que equivocara Cecília com Teresa, enganado com a semelhança da voz, e com a escuridão da noite, o susto e perplexidade da educanda, desvairada, suspensa, e cheia de terror no meio do conflito dos dois rivais, cegos de ciúme, e impacientes no seu ódio.

De propósito a noiva do conde insistiu na perturbação natural da sua amiga, vendo-se entre dois homens, que podiam com uma voz mais alta, com qualquer estrépito perdê-la, sacrificando a sua honra às murmurações do mundo, e entregando a sua fama

aos dentes da calúnia. Contra o que a noviça esperava, Teresa ouviu-a calada e mais tranquila do que acreditara; porém os olhos tornaram a despedir os mesmos reflexos metálicos, e a arder na mesma chama que há pouco os tornara ameaçadores. «O colo de garça» como dizia o clássico Diogo de Mendonça, perdera a curva lânguida e graciosa, e sustentava a cabeça ereta, cuja posição orgulhosa denunciava a tempestade. A luz da vista realçava ainda mais ao pé da alvura transparente do rosto. As veias principiaram a desenhar-se pronunciadas; e a fisionomia manifestou a indignação, que em certos momentos fazia a beleza da irmã de Cecília muito semelhante à formosura irada de Juno.

O sorriso, fugindo e volvendo à superfície da boca, tinha uma ironia e uma dureza que repelia; e a agitação nervosa, que se percebia nas rápidas contrações das sobranceiras e das asas do nariz, indicava um violento esforço da vontade para soperar a cólera. Houve um instante de silêncio em que as duas donzelas se mediram como dois lutadores antes de se enlaçarem no combate.

Catarina, tímida e trémula exteriormente, reassumia as forças, e preparava-se para a crise iminente. A filha de Filipe, mais desconfiada e mais ferida no orgulho, do que dominada de verdadeira cólera, sustentava no gesto e no tom as aparências da serenidade, e nada esquecia para esconder o ressentimento da ofensa sob imaginários pretextos. Como a noviça parecia esperar por uma pergunta, Teresa decidiu-se a falar primeiro:

— Sabe que acho singular o que me contou, D. Catarina? — disse ela. — Que Jerónimo se enganasse com o bilhete, desculpo; mas que antes de me acusar nem ao menos me olhasse para o rosto, nem sequer me dirigisse uma palavra, uma só, e era de mais para se convencer do erro, não o posso entender, nem o devo perdoar.

— Tinha ouvido a sua voz... a de sua irmã, quero dizer — acudiu a noviça — e como sabe são tão parecidas, que eu mesma, não vendo Cecília, se a ouvisse, Teresa, julgaria que era ela...

— Jerónimo criou-se connosco desde criança — interrompeu a donzela com um sorriso frio — e devia lembrar-se. Não bastava

escutar, devia ver... E minha irmã como deixou pesar a culpa sobre mim, podendo com um grito, com um gesto salvar-me a honra; a honra, que de tudo é o que me importa mais! — ajuntou com força. — Cecília calou-se, sabendo o engano de Jerónimo, e não deu um passo para evitar uma desgraça... tão fácil de prevenir! Sabe que é uma lição para o coração se não fiar de ninguém, e a alma se desprender de todos? Minha própria irmã, vendo-me inocente e infamada pela sua leviandade, não abriu a boca e consentiu...

Catarina levantou-se de repente, não pálida e tímida, com o fogo da indignação nos olhos, e o gesto imperioso. As suas pupilas dardejavam chamas; o semblante severo infundia respeito; a voz não alta, porém vibrante, era irresistível. Pegando com ímpeto na mão de Teresa e subjugando-a com a vista fixa e acerada, mostrou-lhe o leito, e nele prostrado o corpo de sua irmã:

— Cecília fez mais do que falar — disse ela — porque às vezes a dor sufoca; Cecília quis morrer para desenganar Jerónimo. Que mais havia de sacrificar aquele anjo, do que o sangue e a razão para expiar o amor verdadeiro da sua alma, que os outros escarnecem, ou sepultam com um sorriso!... Se os loucos atendessem não eram loucos. Se ele não trouxesse o veneno mortal no coração, julga que a sua espada cortaria no peito de sua irmã? Teresa, seja sincera; se não fizesse um deus do seu orgulho, Jerónimo, certo de seu amor, iria buscar a morte e a desgraça?

A filha de Filipe diante desta acusação veemente baixou por um instante os olhos e a cabeça. Mas foi só por um instante. Voltando logo ao tom irónico com que principiara, e respondendo ao gesto de Catarina por outro mais altivo, exclamou:

— No lugar dela eu dizia um nome, o meu, e explicava tudo!

— No lugar dela — redarguiu severamente a noviça — duvido mesmo que fizesse o que eu a vi fazer. De longe, oito dias depois, e sem perturbação, é fácil calcular!

— D. Catarina, não vê o que eu padeço? Que ele me acusa, e que a esta hora me estará talvez amaldiçoando? — observou Teresa, meio convencida.

— E Cecília não padeceu, não padece mais? A Jerónimo uma palavra sua pode salvá-lo, enquanto ela nunca mais terá consolação no mundo.

— É verdade! O amor de el-rei... é muito alto! — atalhou a noiva do capitão com um suspiro.

— Sim. Há mulheres, cujo coração é assaz elevado para não descerem até el-rei! — disse Catarina, fitando-a com singular expressão.

— Descer?! — exclamou ela.

— Descer, repito. Quem não pode ser esposa e igual, desce pela infâmia, não sobe com o amor... Falemos de Jerónimo. Ainda o acha muito culpado, muito arrebatado?

— Catarina, se fosse isso não me queixava. Vou dizer-lhe o que sinto, o que tentei ocultar-lhe até agora, e não quero esconder mais; Jerónimo não me estima. Acreditou que eu era capaz de ir de noite, e só com um homem estranho, entregar...

— Sua irmã foi, e apesar disso! — interrompeu a noiva.

— A minha irmã levou-a o seu amor; não era noiva; não devia nada senão à sua honra. Confiou, e atreveu-se. Mas eu!... bem vê a diferença! Se amasse outro e me calasse; se me entregasse em segredo; se o negasse a Jerónimo?... Catarina, há suspeitas que as faces se cobrem de vergonha só de as imaginar. Jerónimo duvidou da minha honra; se me estimasse tinha vindo com esse bilhete na mão buscar o desengano. Não veio. Desprezou-me! Quis humilhar-me diante do seu rival, de quem supunha ser o seu rival! Vingava-se manchando de sangue a minha fama, e a reputação de uma casa, aonde era tratado como filho. É indigno! Que direito tinha ele para me arrastar pelos cabelos diante das murmurações e calúnias do mundo? E dizem a sua alma grande e o seu peito forte!... O mal que fez a si; o coração de minha irmã que rasgou por toda a vida; o golpe que teve a fraqueza de lhe descarregar...

— Teresa! — exclamou Catarina pondo as mãos e empalidecendo.

— Era para mim! — prosseguiu esta. — O esposo terno, o irmão extremo, só porque julgou que o não amava, tornou-se um tigre,

e nada o contentava senão a minha vida e a minha desonra!... Como lhe hei de perdoar? Como quer que torne a vê-lo sem corar de pejo e de indignação, porque ele, no que fez, mostrou supor-me capaz de tudo?!...

Dizendo isto, a donzela sufocou-se, e as lágrimas rebentaram-lhe dos olhos, não doces e piedosas, mas ardentes e amargas como as que o orgulho espreme do coração ulcerado. A filha de D. Luís percebeu que era chegado o momento de salvar, ou de perder tudo.

Pegando-lhe de novo na mão, e olhando para ela com amizade, quase ao ouvido murmurou:

— Jerónimo foi culpado, tem razão; mas, para ser justa, não acusará também quem o levou àquela loucura?

— Eu?! — exclamou Teresa ainda mais desmaiada do que estava. — Juro-lhe; protesto-lhe!...

— Porque não teve dó de o ver padecer, e por orgulho, por capricho o fez tão fraco de ânimo e tão cego de razão? Não sabe que os homens como ele são crianças, que um gesto os perde, e que um sorriso os salva? Diga-me, quase esposa de Jerónimo, disse-lhe uma vez, ao menos, que o amava?

— Não! Mas!... — acudiu ela sobressaltada.

— Prometeu-lhe amor? Diga a verdade!... trata-se da vida de seu segundo irmão.

— Não! — repetiu a donzela agitada, e desviando a vista.

— Para o sossegar, disse-lhe, sequer, que não amava... que não pensava em outro?... Também não. Confessou-lhe que o seu coração e a sua ideia estavam longe dele, e que precisava de combater para um dia o vir a amar talvez!... Nem uma esperança, nem uma palavra!...

— Mas ele devia entender, quando fugi do quarto...

— Que o mandavam esperar seis meses provavelmente com dó de o ver acabar de paixão dentro de seis dias — atalhou Catarina. — Não podia perceber outra coisa.

— Sabe-o... Ele disse-lho? Falou-lhe?... Pela sua alma. D. Catarina, não me engane; Jerónimo é que lhe contou?...

— Não, foi o padre Ventura; sossegue. Agora depois de tudo isto junte o bilhete, a ilusão da voz, o encontro de um rival; o ciúme, a raiva, a desesperação... o amor como o infeliz o sente; calcule a sua dor e o seu martírio, enquanto escutou; e diga-me: que homem deixaria de fazer o mesmo? No lugar dele, seja sincera, Teresa, teria a cabeça livre e a alma serena para prever os perigos, e conter a explosão de tantas mágoas?... Depois saiba: Cecília é que se feriu a si. As espadas estavam cruzadas quando ela se meteu no meio delas. O grito que arrancou, e o luar que se descobriu, deram a conhecer o príncipe, e mostraram ao desgraçado o sangue que derramara!

— E ainda cuida que é o meu?

— Ainda. Não teve, não lhe deram tempo para se desenganar.

— E acusa-me? Maldiz-me?

— Umhas vezes, noutras chora, porque não morreu... sobre o seu corpo.

Teresa cruzou os braços, e deixou pender a cabeça. A mão enxugou a furto duas lágrimas; o brilho dos olhos foi-se apagando. A noiva do conde de Aveiras afastou-se por um instante, cheia de esperança e de alegria. A luta fora áspera e renhida; mas no fim a vitória parecia-lhe certa.

— E o padre Ventura crê que ele pode salvar-se como Cecília? — perguntou a donzela, erguendo a fronte com um olhar indeciso.

— Espera muito... do seu coração — respondeu Catarina sufofocada pela ansiedade, porque, vencido este último ponto, tudo estava ganho.

— E o que pode fazer... o meu coração em favor dele? — acudiu a irmã da educanda, disfarçando as próprias comoções com afetada indiferença.

— Tudo. Restituir-lhe a razão e a vida, restituindo-lhe a esperança.

— Não percebo.

— Se ele a visse, se Teresa o desenganasse!...

— Devo então ir à prisão vê-lo e ouvi-lo?!

— É o meio único. Ele crê que está morta, que o traiu. Vendo-a ao pé de si, o sobressalto, o júbilo...

— E depois do que sabe, D. Catarina, crê que devo expor-me a que o meu nome seja amaldiçoado, a minha honra escarnejada, e a minha piedade desprezada?... Acha pouco ainda o que ele fez; quer que esgote até à última humilhação? Que me deixe pisar aos seus pés, e que inocente e ofendida vá arrastar-me como culpada?...

— Teresa, não ouça o orgulho! — exclamou Catarina. — É um louco, um infeliz que salva da morte à custa de poucos momentos de paciência. Que lhe importam, com a sua consciência forte, as vozes do delírio, as ofensas de quem não a conhece? Por alguns instantes de dor alcançará a glória de o ver arrependido e grato. Note a dívida a que o obriga, com a sua generosidade. Seja o anjo por quem ele chama, e não a mulher que julga detestar! Livre-o pelo amor, já que se perdeu pela ternura!...

Teresa ainda hesitava. Ambas se calaram trémulas, ansiosas e sufocadas. No meio desta pausa a voz débil, mas clara, de Cecília, chegou-lhes ao ouvido, e alvoroçou-lhes o coração. Olharam. A educanda, sentada na cama, e branca da palidez interessante que ainda a tornava mais sedutora, dizia à noviça e à irmã:

— Havemos de salvá-lo. Eu e Teresa iremos vê-lo, e dizer-lhe a verdade.

As duas meninas com os olhos húmidos e o peito comprimido correram para ela, e cada uma pegou-lhe em uma das mãos, e pousou-lhe os lábios nela.

— Ouvi tudo. Estava acordada, mas não as quis distrair. Jerónimo padece por minha causa. Eu é que devo salvá-lo. Vou melhor; amanhã posso levantar-me. Em quatro ou cinco dias irei mostrar-lhe esta ferida que me fez, e repetir-lhe as últimas palavras do jardim. Bem vês, Teresa, a mim há de ele acreditar-me!

— Tu! Ires tu falar-lhe?... Nesse estado? — exclamou Catarina.

— Eu. Sabia já o que ele devia sofrer, e se agradeço a Deus a vida, é para o salvar. De que posso servir no mundo antes de o deixar, senão para fazer felizes aqueles a quem amo?! Basta que uma chore e se enterre com a sua mágoa, viúva antes de ter sido esposa!

O sorriso angélico e a doçura de voz com que proferiu estas palavras, fizeram desatar o pranto de Teresa e o de Catarina. Ela beijou-as carinhosa, afagou-as com meiguice, e cerrando a meio os olhos, murmurou cruzando os braços sobre o peito:

— Ainda hão de ser ditosos. Pouco importa depois que eu o não seja nunca.

— Também tu, minha irmã! — exclamou Teresa com efusão.
— O tempo e o nosso amor por fim hão de consolar-te.

— Eu?!... — disse ela com um suspiro e um sorriso. — Sim! Quando Deus permitir que de todo me esqueça o mundo... no Céu!

Nenhuma das amigas replicou. Há verdades a que somente o silêncio responde bem.

XXXVII

TANTAS VEZES VAI A BILHA À FONTE!

— **Deus é grande!** — dizia interiormente o Sr. Tomé das Chagas, desengatilhando da fisionomia a visagem devota de que a armara para o peditório, e despindo na sacristia da capela a sua pingada plaustra de andador das almas.

Até ali tinha-lhe corrido tudo vento em popa; a colheita da última semana excedera até as suas modestas esperanças. Cultivada com arte, a figueira de Judas estava carregada de fruto, e o virtuoso santanário com o desaforo usual contava comer os figos, e não lhe rebentar a boca! As coisas iam de modo que a Sr.^a Perpétua das Dores, económica e prevista, protestava que se a fortuna continuasse a bafejar assim a casa, dia de Ano Bom, que estava à porta, a Mãe Santíssima teria um manto de brocado novo, e Santo António de Lisboa um hábito de cetim vistoso. É claro, portanto, que a exclamação de «Deus é grande» com que apanhamos em flagrante o continuador de Ambrósio Lamela, queria dizer que ele batia uma outra moita, e que esperava levantar dela boa caça, ajudado da sua inimitável velhacaria.

Semelhante a Luís XI de França, o nosso milagreiro costumava meter a corte do Céu nos seus planos. Punha-se de joelhos, e fazia confidente de suas devotas extorsões algum dos bem-aventurados,

imaginando seduzi-lo com estas peitas ao divino; mas, passada a ocasião, deixava logo cair a promessa no esquecimento. Ouvira dizer, portanto, que de votos não cumpridos estava calçado o Inferno, e para acudir ao perigo, inventou também uma pia fraude para ficar bem com a eternidade.

Todos os anos, na comemoração dos fiéis defuntos, mandava dizer três missas, pagando a esmola, e assistindo a elas de joelhos e de óculos perfilados, ostentando uma contrição capaz de enternecer o mais endurecido herege.

— Assim — resmungava ele — arranjo tudo, e logro o Demônio. Quando nas contas finais aparecer carregado com o fardo de minhas culpas, tenho por mim as almas do Purgatório, que lhas hão de sonegar a uma por uma; e eu leve e branco como as pombas irei lembrar ao Sr. São Pedro as festas que lhe fiz para me abrir as portas do Paraíso.

O Sr. Tomé, capitalista de indulgências, urdia menos mal os cálculos das suas compensações. As suas bancarrota podiam disputar a palma a muitas bancarrota profanas, glória e opulência dos autores.

Engolfado nestas reflexões ia já a sair as portas da capela, quando deu com os olhos no boçal semblante do escrevente do padre Frei João dos Remédios, que o vinha chamar da parte de sua reverendíssima. O andador não gostou do encontro; e exalando uma espécie de suspiro, tornou a afivelar nas feições a máscara da simplicidade seráfica, e principiou a subir muito devagar os degraus da escada, que por dentro da igreja desembocava nos dormitórios. Por mais calejada que estivesse a sua consciência na prática dos sete pecados mortais, ainda se assustava às vezes com a ideia de ser colhido um dia, como os bugios com a mão dentro do coco; e sem saber porquê, o recado súbito do procurador sobressaltou-o muito.

Remordiam-lhe na memória certos receios, e benzia-se com a mão esquerda, imaginando o que poderia suceder-lhe se o domínico chegasse a conhecer os bons e leais serviços prestados por ele, Tomé das Chagas, escravo das almas e de Nossa Senhora do Rosário, aos inimigos do convento do patriarca inquisidor.

Toda a sua inesgotável impudência e hipocrisia descorava quando lhe ocorria que se Frei João entregasse ao Santo Ofício o exame do negócio, era mais do que provável que sua mercê não saísse de lá sem uma boa camisa de pez no corpo, e uma mitra de carochas na cabeça.

Eis o motivo por que as esburgadas tíbias do nosso amigo se arrastavam mal, e porque ele apareceu na presença do pregador com a voz bastante presa, e visível tremor nos membros.

Frei João escrevia ao bufete. Vendo entrar o Sr. Tomé, recebeu com ar benévolo as zumbaias e genuflexões do milagreiro, fitando nele os olhos com certo jeito, que deveria consterná-lo se percebesse; mas o riso aberto à superfície ilaqueou a desconfiança do devoto, tranquilizando-o; por isso, enquanto o padre-mestre concluía o seu trabalho, esprou pelas encovadas faces um sorriso estulto, arregalou os olhos para o teto em êxtase beato, sumiu os ombros, arqueou o dorso, e deixou-se estar com o pescoço estendido, e o piedoso rosto suspenso, movendo os beiços como se aproveitasse aqueles ócios em repetir as suas orações.

Enquanto o honrado servente se entretinha assim em altas cogitações, os dedos do procurador voavam pelo papel; a pena parecia ter asas. Nunca a fisionomia de Frei João fora tão radiosa. Nunca o barretinho de seda preta se inclinara mais elegante, descobrindo a testa. Nunca as suas faces cheias e coradas se animaram de igual malícia, indício visível de íntima satisfação. O pé bem feito e bem calçado batia o compasso sobre a travessa, que ligava os pés da banca; e a mão esquerda, ornada do anel doutoral, tocava cravo, distraída, sobre um maço de cartas e escritos.

Perto dele a nova e lustrosa capa descansava dobrada com cuidado em cima do espaldar de outra poltrona, irmã gémea da veneranda cadeira do jurisconsulto. Alguns cartapácios de teologia e de direito canónico, abertos e empoados, oprimiam a mesa, ou espojados no chão, jaziam a seus pés, segundo o uso dos estudiosos. Mais adiante, sobre um velador, estava o chapéu fradesco escovado com esmero. Estes sinais indicavam que o

sábio domínico se dispunha a sair; e mesmo sem fazer reparo na sege, parada à portaria, bastaria notar que Frei João vestira os seus hábitos ricos, para se concluir que projetava uma visita de importância. Tomé, que espreitava tudo pelo canto dos olhos, principiou a suspeitar que o procurador de São Domingos fora nomeado confessor de el-rei, e que o chamavam para lhe comunicar o fausto acontecimento. Quando o pregador pousou a pena, e se virou para ele tossindo com força, e correndo a mão pela testa, o milagreiro tinha esta ideia assente e firme no espírito.

O frade acabou de cheirar a cauda de uma pitada com as cerimónias usuais, tendendo e enrolando o lenço na palma da mão, e abria a boca para falar, quando à porta da cela apareceu de repente Diogo de Mendonça Corte Real, precedido pelo fusco cérbero dos seus quartos, o negro Milcíades, cujos dentes anavahlados alvejavam traídos pelas contorções de alegria com que saudava o amigo de seu senhor.

O domínico não mostrou espanto da visita; apertando a mão do secretário das mercês, convidou-o a sentar-se; e abrindo depois a caixa ofereceu-lhe silenciosamente do seu rapé.

— Obrigado, Frei João! — disse o ministro acomodando-se na ampla poltrona — é muito cedo para espirrar, e bem vêes que Milcíades está presente. — O preto riu-se, meneou gravemente a cabeça, e tornou a pôr-se direito como uma estátua de azeviche.

Tomé, que tinha pressa, quis valer-se do incidente para desertar, e principiava já a sumir-se com a parede, segundo o costume, quando o padre-mestre, que o não perdia de vista, o grudou ao sobrado, dizendo-lhe com pérfida benevolência:

— Irmão Tomé, espere! Temos que falar.

— E eu muito que fazer! — acudiu o ministro, que fazia de balde todos os esforços para adivinhar a cena que ia presenciar. — Não me dirás, Frei João, que mania foi a tua de me cortares o sono com o teu bilhete? É morte de homem ou furto de donzela?

— É uma história, que te quero contar para aprenderes a conhecer os homens — replicou o pregador revestindo-se de ar solene, e expetorando as palavras com inflexões enfáticas.

— Ah, meu padre, Deus te perdoe as duas horas de sono que me roubaste! O mundo vê-se melhor com os olhos fechados...

— Querias dizer a justiça! — interrompeu o domínico sorrindo. — Ora bem! Em me ouvindo, acredito que dás o incómodo por bem pago. O padre Ventura contou-me a história de certos papéis de estado, que te desapareceram de um cofre de segredo...

— É verdade. Mas não sei para que te veio inquietar com isso. Sabes, Frei João, que os frades são como as mulheres, curiosos e faladores? Para que vestem eles saias?

— Agradeço, mas não aceito o cumprimento! O padre Ventura, tu que o conheces devias saber que é pouco atreito a falar debalde; portanto, se me contou o caso do segredo de estado, foi para me informar da maneira engenhosa por que um servo de Deus te ia metendo pelos alçapões da torre abaixo!

Diogo de Mendonça levantou-se com certo alvoroço, e mandou sair Milcíades. Tomé das Chagas, que as palavras de Frei João tinham posto cor de laranja, tratou de se esquivar atrás do preto; porém o domínico estendeu a mão sobre ele, e colou-o à parede com estas palavras:

— Jesus, que pressa, irmão Tomé! não vê que ainda temos de conversar?

— Frei João — exclamava o ministro, passeando inquieto — sabes que é um negócio sério, e que podia custar-me a cabeça?

— Tão sério, que Roque Monteiro Paim deu por ele trezentas moedas, e dava mil se lhas pedissem! — respondeu o frade recostado, e assoando-se com estrépito.

— Ah! E a prova? — gritou o secretário, estremecendo, e com a mão suspensa, como se quisesse colher o seu émulo e sufocá-lo. — Dá-me as provas; um fio que seja do labirinto, e juro...

— Não jures; não é preciso. Temos tudo sem sair daqui. O irmão Tomé, que nos ouve, já fez maiores milagres. Pergunta-lhe; e ele te contará como se passou o negócio.

— Tomé das Chagas?! — disse Diogo de Mendonça, cravando os olhos no devoto assombrado.

— Sim! Chama-lhe Onofre Crespo, se quiseres; o nome não importa. Com este ou outro nome é sempre o nosso honrado servente e sacristão. Que diamante bruto tínhamos aqui nele sem lhe sabermos o valor! Meu amigo, tu e eu fomos vendidos, e mais baratos do que negros. Judas andava na companhia de Jesus!

— Ah! — murmurou o diplomata, sepultando-se na poltrona.

O milagreiro, que também não duvidava já de ter chegado à última das suas aventuras, embainhou-se pelo gibão abaixo como um óculo de campanha no estojo.

O frade saboreava com deleite o assombro do ministro e o terror do santanário. O ódio que uma comunidade inteira poderia votar aos despenseiros e prelados, fuzilou nos seus olhos, e iluminou-lhe as faces.

O deplorável papel, representado por ele no gabinete de Diogo de Mendonça, lendo a petição ao padre Ventura, e achando uma cópia exata na mão do jesuíta, foi sempre um punhal que lhe ficou nas entranhas, e uma afronta para a qual dez vítimas como Tomé das Chagas, ardendo a fogo lento, lhe não pareciam suficiente expiação.

Para mitigar as dores do orgulho é que tinha chamado o secretário das mercês. A duplicidade do santão a respeito do diplomata, e a boa-fé do ministro, a par da própria credulidade, consolavam-no de algum modo. No laço em que tinha caído um homem da sagacidade de Diogo de Mendonça podia sem desdoiro tropeçar e ser colhido um padre, mais dado aos livros do que aos enredos políticos e aos enredos mundanos.

— Não perca o ânimo, Sr. Tomé! — disse o procurador, dardejando um olhar ferino ao bonzo descoroçoado. — Uma pessoa do seu merecimento não estonteia assim. Se as suas boas obras se limitassem a escarnecer da minha simplicidade, e a adormecer-me que nem uma criança com os mexericos e invenções da virtuosa serva de Deus, que o ajuda a despir o próximo, perdoava-lhe até o espetáculo de irrisão, que deu em mim aos inimigos de Deus e desta santa casa. Mas vossa mercê não se contentou com tão pouco. Ao Sr. Diogo de Mendonça roubou-lhe uns

papéis, cuja falta, acusada por falsos émulos, o arruinava para sempre. Ao comendador Lourenço Teles, e às inocentes netas, não descansou enquanto não lhes meteu a desgraça em casa e a desesperação na alma. Sr. Diogo de Mendonça, esta figura, que vê, foi o autor do roubo da prata de Évora, o denunciante das minhas alegações, o ladrão dos seus papéis, e o instigador do que sucedeu no jardim do nosso amigo Lourenço Teles. Dez cabeças que tivesse, todas a justiça devia decepar-lhe!

O epifonema foi pronunciado com tal explosão de voz, que o devoto, mudo de susto, sentiu na garganta uma dor de ferro frio, e levou a mão ao pescoço como para o segurar contra a decapitação oral do frade.

O ministro, que escutara atentamente, seguia com a vista os movimentos do andador das almas, e com a reflexão um plano suscitado de repente.

Quando o procurador, enterrando os braços na manga até o cotovelo, e tomando a respiração, concluiu o discurso, Diogo de Mendonça levantou-se, endireitou com sossego a tira e os punhos, e disse com o seu costumado ar irónico:

— Tens razão, padre-mestre. O Sr. Tomé para a sua idade parece-me sujeito de grandes esperanças. Ninguém se forma em menos tempo. É preciso procurar uma encadernação de luxo para tão completa enciclopédia de vícios. Aos cinquenta anos acho-o capaz de envenenar as fontes.

O devoto teve ainda maior medo da serenidade do secretário das mercês, do que das imprecações apopléticas do frade.

Percebeu que os jesuítas o tinham entregado; mas não achava entre as suas numerosas virtudes aquela a que devia este prémio não esperado. O rosto verde-fulo arrepiava-se de insultos nervosos, que o não tornavam nada agradável; a boca sabia-lhe a fel; e apesar dos frios de dezembro, a pele de pergaminho borbulhava em suor, fazendo-se cada vez mais lívida.

Neste apuro deitou um olhar sonogado para a porta, mas viu-a fechada; correu a vista depois pela janela; porém ocorreu-lhe que sair por ela sem asas seria o mesmo do que saltar das

torres da Sé abaixo. Amaldiçoando a cobiça que o metera nesta gargalheira de ferro, resolveu-se a negar tudo, e não podendo, a vender os jesuítas, se conseguisse assim melhor evitar uma visita aos cárceres do Santo Officio.

Entretanto Diogo de Mendonça admirava-o silencioso, como se fosse um animal curioso. O aprumo, a dissimulação, e a hipocrisia estanhada com que representara o seu papel, sem nunca se desmanchar, atraíam-lhe o secreto louvor do ministro, hábil em conhecer e aproveitar os homens, mesmo os mais ruins.

Voltando-se para o domínico, que neste meio tempo juntara os maços de cartas postos em cima da mesa, o secretário disse-lhe:

— Ia apostar, Frei João, que tens debaixo dos dedos um processo pronto, e que o Sr. Tomé das Chagas é o herói dele? A ver se acertei. Esses papéis são o processo do roubo da prata em Évora?

— É verdade! Mandou-mos o padre Simões, que foi mestre deste... servo de Deus; e ao qual ele em recompensa deixou nu como Adão no paraíso...

— Deixa as comparações bíblicas, Frei João! Faz-me frio o teu Adão; olha que estamos em dezembro!... Perdoa a curiosidade! E a história da segunda edição dos teus libelos forenses? Não me farás o favor de a contar? Depois saberei o engenhoso método com que o Sr. Tomé teve a bondade de me limpar os cofres, e devassar os segredos. Cada coisa por sua vez!

O domínico desmaiou um pouco, e não soube encobrir o sobressalto. Custava-lhe a revelar a simplicidade dos meios com que fora traído, sobretudo em presença do autor. Contudo venceu-se, e estrangulando as palavras, redarguiu:

— A história é curta. Cuidei que ditava a um escrevente, e havia dois. Este velhaco passava por não saber ler nem escrever; confiei-me; e ele de madrugada abria-me as gavetas e copiava-me os papéis. Metia-se no meu quarto, e escutando, acompanhava a lápis o que se escrevia para o levar a São Roque.

— Com efeito? O método era simples! Os grandes homens são todos assim; distinguem-se pela facilidade das ideias — acudiu o secretário. — Deixa ver! Ah! Eis as notas originais do

teu Sínon? Quem diria, Frei João, que tantos séculos depois de Homero te haviam de meter o cavalo de Troia dentro da cela?... Tem boa letra o Sr. Tomé! Uma letra clara e firme.

Apesar das mortificações do amor-próprio, o frade não pôde conter o riso, ouvindo comparar a sua aventura à do cavalo de Troia! Mas o acesso de hilaridade foi breve. Diogo de Mendonça começava a ler alto a meia folha de papel, arrancada ao seu amigo, e é justo confessar, que o milagreiro levava a consciência do ofício a ponto de não omitir nas partes de polícia religiosa o traje, o gesto e as palavras da vítima, sujeita ao braço secular das suas observações. Resultara deste seu escrúpulo, que o pobre Frei João, retratado em hábitos menores por um pincel atrevido, aparecia em posições e cenas capazes de desafiar as risadas de um penitente da Tebaida.

O secretário lia sem piedade, fustigando com as frases articuladas devagar a vaidade do jurisconsulto, o qual, saltando na cadeira, torcia a boca fingindo rir, e esbracejava interiormente, apunhalando o infeliz Tomé com a vista inflamada.

— «Sexta-feira vinte e nove de outubro — leu o ministro, figurando tomar a sério as momices com que Frei João simulava grandeza de alma — o reverendíssimo levantou-se em chinelas e bragas de dormir, principiando a dar passadas muito grandes pela casa, e a bater palmadas rijas na cabeça, fazendo-a encarnada, que parecia uma papoula; ao mesmo tempo falava só que parecia doido...»

— Malvado! — barafustou o domínico, reprimindo a custo um ímpeto de raiva contra o detrator, que se pôs de joelhos, convulso, como se lhe vestissem já a alva dos padecentes.

— Paciência, Frei João! Sabes o que disse um homem engenhoso? Não há herói que o pareça diante do seu lacaios! Ri-te, que é o melhor. Vê o que eu faço.

— Mas o desaforo de me pintar...

— Fresco de mais? Então?! Mais ligeira se retrata a verdade, figurando-a nua. Só te não invejo o passeio... sobretudo em outubro. Malditos arcos foram aqueles... Vamos! Continuemos.

«Passado um bocado, o reverendíssimo (leu o ministro) disse muito alto: eu é que sou tolo! A minha vontade era responder-lhe de dentro *que sim*, mas para obedecer a vossas paternidades calei-me, rindo com gosto por ele confessar uma verdade, que todos sabem...»

— Rindo com gosto!... patife! — clamou o frade dando um pulo.

O suplício excedia as forças da vítima. O procurador, apesar dos trejeitos mais forçados para encobrir a indignação, não podia conter-se, sentindo na cútis os piparotes satíricos do milagreiro.

Os olhos injetados, as faces entumecidas, e os dentes cerrados, advertiam a Diogo de Mendonça de que seria perigoso prosseguir no gracejo. Tratado de maníaco e de parvo por um sabujo; exposto à irrisão e às apupadas dos jesuítas por este libelo quotidiano, que era o fac-símile burlesco de suas palavras e ações; e constrangido ainda por cima a servir de algoz ao amor-próprio, o desditoso Frei João pedia secretamente a Deus todos os martírios para punir a perfídia e a impudência do devoto.

Naquele momento (ele tão bom de índole!) sentia-se com ânimo de o ver esartejar a quatro cavalos. O riso sardónico do diplomata ainda o irritava mais. Recebendo o fatal papel de suas mãos, amassou-o e pisou-o aos pés. Diogo de Mendonça dizia depois, que seria dificultoso decidir quem padecia mais naquela hora, se o bonzo apanhado em flagrante, se o padre-mestre exasperado com a ideia dos chascos e risadas de que fora alvo em São Roque, graças às delações do Sr. Tomé.

— Grande coisa fez o nosso devoto aos padres da Companhia! — notou o ministro com ar pensativo. — Vejo voltadas contra ele todas as baterias. O padre Ventura foi quem te deu isso? Custa-me a conceber que um homem da sua habilidade quebrasse de repente este instrumento útil... Queira Deus que não achasse melhor! Agora sou eu que entro em cena. O Sr. Tomé não há de negar-me o favor de me dizer se foi por ordem de Roque Monteiro que tirou os papéis. Pode falar sem susto. No meio das suas iras o padre-mestre não é tão mau como parece; e eu passo por ser bom de mais. Roque Monteiro tentou-o? Diga, diga! Aonde lhe falou?

— Ao sair dos quartos de vossa senhoria — replicou o milagreiro um pouco desengasgado pelas maneiras sossegadas do secretário.

— Quantas vezes?

— Três.

— Quanto recebeu pelo... serviço *que nos fez*?

— Trezentas moedas.

— A quem as entregou?... Fale a verdade. Não tem outra porta por onde se salve.

— À tia Perpétua.

— Não conheço.

— Conheço eu! — gritou Frei João, erguendo-se trémulo da ira represada. — É uma hipócrita, engomadeira da roupa dos jesuítas em Évora, e capa deste velhaco. Enganou-me redondamente. A esta hora não nos escapa. Há de já estar na Inquisição, acusada de desinquietar donzelas honestas com feitiços e quebrantos.

Ouvindo esta nova aterradora, Tomé apertou as mãos na cabeça, e abriu a boca sem poder articular uma palavra. Estava cor de sidra, e tremia como um canavial açoutado pelo vento.

— Fizeste mal em meter a velha no Santo Ofício — acudiu o ministro, falando ao ouvido do padre-mestre. — É preciso não fazermos da religião o que ela não é, arma de vinganças fradescas. Sr. Tomé!... Tudo tem remédio, menos a morte. Respire! Vossa mercê, que tem boa memória, há de lembrar-se do modo por que deu com o segredo do meu cofre, e soube aonde escondi a chave?

— Foi num dia de missa, depois do serviço divino — redargui o andador ainda convulso. — Vi a vossa senhoria procurando na sua estante, e trazendo daquele sítio uma chave. A porta estava encruzada e... espreitei. Como o Sr. Roque Monteiro me tinha posto ao corrente dos sinais da caixa, e ensinado a tirar os pregos...

— Pouco lhe custou o mais? Agradeço-lhe a lição, e asseguro-lhe que não me há de esquecer. Uma palavra! Quem disse ao senhor padre Ventura?...

— Fui eu — replicou o milagreiro, encolhendo-se como se visse desabar o teto. — Sua paternidade sabia já de tudo,

e mandou-me que antes de levar os papéis ao Sr. Roque Monteiro lhos mostrasse primeiro a ele.

— Basta. Dou por concluído o relatório. Tratemos agora da sua segurança, porque vossa mercê está em grande perigo... — continuou o ministro, fazendo com a vista serena sumir o devoto pelo chão abaixo. — Fale-me com sinceridade. Roque Monteiro deixou-lhe nas mãos algum papel, que possa servir-me de prova?

— Nenhum. Pagou-me, e não o vi mais.

— Assim o supunha.

— Mas se vossa senhoria deseja molestá-lo, sei de um crime dele; quero dizer, sabe-o o senhor padre Ventura pelo confessor de el-rei, que Deus tem em glória.

— Como é dotado de ouvido fino, naturalmente escutou; tem pouco mais ou menos ideias do que é?

— Ouvi falar os dois de certas luvas no tratado com os Ingleses.

— O tratado de Methwen?

— Esse mesmo.

— Sabe se há cartas, ou papéis?

— Há, sim senhor. O padre Sebastião entregou-as por sinal ao visitador.

— Muito bem. Perdoo-lhe o mal que me fez pela notícia que me dá. Frei João também se não lembrará mais de vossa mercê. Deixe-o dizer que não; respondo eu. Mas com uma condição...

O milagreiro afilou as orelhas, e estendeu a cabeça.

— Dentro de vinte e quatro horas vossa mercê parte para Angola em um navio de el-rei; vai nele cumprir o degredo voluntário de dez anos a que o condeno, em castigo do roubo da prata de Évora... percebe? Se oito minutos, depois da embarcação levantar ferro, for achado em Lisboa, ou a beata que o senhor Frei João a rogos meus mandará soltar do Santo Ofício, pode ficar certo, de que os entrego ao juiz do crime e ao carcereiro da cidade. Serve-lhe o partido?

— Se fosse permitido demorar-me três dias... três dias só!

— murmurou Tomé recobrando ânimo, com a magnanimidade do ministro.

— Nem três horas! Os seus negócios parece-me que se arranjam em quarenta e oito minutos. Acredite-me; meta quanto antes o mar de permeio. É mais seguro.

— Eu estava para mudar de estado; casava-me amanhã... — observou o devoto com o seu tiple compungido e lacrimoso.

— A bordo, a bordo! Tenho muito receio dos heróis prolficos. Um só Tomé das Chagas deu-nos tanto que fazer, o que seriam muitos? Case se quiser, mas no mar alto, ou na costa de África. Em Portugal só na cadeia...

— Então vou preso? — perguntou o milagreiro submisso.

— Não senhor. Leva ordens de sua majestade para o capitão-general. Pode estar certo de que em saindo a barra não lhe succede mal. Retire-se! Aconselho-o ainda a que não volte, mesmo no fim dos dez anos, se não se der mal, sobretudo sabendo que me acha vivo. Há coisas que é perigoso não deixar esquecer de todo... Boa viagem, Sr. Tomé. Case e seja feliz! Milcíades!... vai com esse senhor até à rua, e acompanha-o.

— Se o queres livre, deixa-me escrever duas palavras... Os familiares da Inquisição estavam à espera dele.

— Ah, padre-mestre — replicou o diplomata rindo — bem diz o adágio, que não há ódio pior do que ódio de frade!

— Aqui está o papel. Que o mostre; é o que basta... Estás satisfeito?

— Mais do que tu. Sempre tomaste a sério o papel de tirano?! Não cuidei.

O andador das almas saiu enfim, dando parabéns à fortuna por escapar da aventura só com um passeio às possessões ultramarinas. Apenas a porta se fechou, e os dois ficaram sós, o domínico, virando-se para o secretário das mercês, disse-lhe encarando-o com aspeto irritado:

— Agora espero que me explicarás o fim desta comédia!

— Foi um ato de prudência, que em passando a cólera hás de aprovar. Não vês que este homem preso havia de falar, e que o segredo que está hoje entre cinco correria os auditórios da corte com prejuízo nosso, e de grandes negócios, que uma leviandade

comprometia? Ficamos livres dele do mesmo modo, mas sem estrépito. Pensas que a justiça mandava enforcar o bonzo?

— Oh! pelo Santo Ofício fico eu!

— Frei João, as pessoas como nós castigam e não se vingam. Se imaginasse que semelhante réptil podia ofender-me, envergonhava-me, e formava de mim bem triste opinião. Deixá-lo ir! A costa de África o ensinará; e se desejas, por força, mais do que uma punição caridosa, como ele vai casar, não lhe queiras outro flagelo... Figuras assim reserva-as a Providência para exemplo. Estavas para sair; aonde era a visita?

— A São Roque. Hás de saber já que tens colega novo. O padre Sebastião de Magalhães, confessor que foi de el-rei D. Pedro...

— Parte hoje de tarde para Santarém com ordem de não voltar à corte sem licença.

— Como? Pois ainda ontem, saindo do palácio, passou por aqui, e disse-me?...

— Se o ias ver, manda appear a sege, é o meu conselho. O padre Sebastião sonhou esta noite que era ministro, e acordou esta manhã hortelão e deportado.

— Não entendo.

— Eu me explico. El-rei mandou-o chamar ontem, e pediu-lhe certos papéis de estado de seu augusto pai. O padre inchou-se com algumas palavras de agrado, e D. João V, amigo de rir, deu-lhe a beber tanto desse néctar, que o deixou perdido da cabeça. Sangrado na loquacidade, o homem da roupeta desatou a língua, e supõe-se que revelou segredos importantes, em que até ele mesmo não figurava bem. Sua majestade à despedida assegurou-lhe que se não esqueceria de utilizar o seu zelo no serviço do estado, conferindo-lhe um lugar próprio dos seus grandes conhecimentos; e Sebastião de Magalhães teve a crueldade de professar o seu plano político em audiência particular. O sermão durou perto de uma hora; vê como não estaria el-rei! Apenas saiu do paço, e se apeou em São Roque, principiou a prometer despachos, e a tomar informações com ares de sátrapa. Encheu-se-lhe a cela de gente, espalhou-se a notícia de que o confessor passava a

primeiro-ministro; e só o padre Ventura, sorrindo-se, teve a caridade de o aconselhar a ser prudente; porém ele, soberbo com as esperanças, deu-lhe a entender que o mandaria sair de Portugal apenas governasse!... Aposto que não veio aqui sem te oferecer a sua proteção?...

— Justamente. Propôs-me o lugar de mestre do senhor infante D. António, não o nego.

— E tu?

— Eu!... por me ocupar...

— Aceitavas? muito bem; falaremos disso... Às vezes há sonhos verdadeiros. Ouve agora o resto da história. Esta manhã, seriam dez horas, o padre Sebastião estava impaciente pelo recado do paço, e numa roda de padres e de seculares não se calava com as reformas que havia de introduzir no seu ministério. Nisto abre-se a porta, e entregam-lhe um officio. — É a minha nomeação — exclamou ele cheio de júbilo. Rompe o selo à pressa, lê, e quase que perde os sentidos! Imagina o que diria o infausto papel?

— Era uma ordem de desterro?

— Sim; mas com que zombaria! Sua majestade, atendendo ao zelo do padre Sebastião de Magalhães pelos progressos da agricultura, encarregou-o de fazer o recenseamento dos olivais de Santarém, dando conta mensal do estado deles, e visitando-os para isso diariamente.

— Despachou-o primeiro-ministro da árvore de Minerva?

— Tenho dó, coitado...

— Também eu. Frei João, vou ao paço. Com que, para te ocupares, sempre aceitas o lugar de mestre do infante?

— Podendo ser.

— Deus é grande! Até logo.

E saindo com a mesma exclamação, que fazia consigo o Sr. Tomé das Chagas antes do seu desastre, o ministro deixou o padre-mestre abismado em profundas reflexões.

XXXVIII

DEPOIS DAS CAUSAS OS EFEITOS!

Saindo de São Roque pelas dez horas da manhã, o padre Ventura trazia o semblante mais carregado do que era costume.

O sorriso escondia-se-lhe nos beiços, e a reflexão estendia-lhe a miúdo um véu sobre a larga fronte. Baixos e pensativos, os olhos mostravam que o espírito não estava ali todo com o corpo; mas corria longe dele em uma daquelas meditações profundas, que são mais de metade da vida dos homens intelectuais. Quem de perto conhecesse o visitador, e tivesse presentes as suas maneiras, não precisaria de grande exame para se convencer de que ele andava preocupado com negócios de importância.

O jesuíta desceu devagar a Calçada do Carmo, pouco mais ou menos, no mesmo sítio por onde nós trepamos hoje a empinada rampa, que sobreviveu ao terremoto; e dirigiu-se a Santo Antão, passando por São Domingos, para dizer duas palavras ao mestre Frei João dos Remédios. No caminho, e de repente, deu de rosto com o padre Simões, que vinha do colégio a procurá-lo, e ficou satisfeitíssimo de o encontrar a dois terços da subida do Calvário.

— Agora mesmo ia eu ver a vossa paternidade! — disse o italiano, recuperando por um esforço de vontade o sereno aspeto e o riso fino, máscara usual dos pensamentos.

— Também eu! Saí de Santo Antão para comunicar a vossa paternidade...

— Louvado Deus, que nos ajuntou! Um antigo tirava disto favorável agoiro. Que novidades temos, padre Simões?

— As cartas de Roma e de Espanha, recebidas há meia hora, dizem... Em verdade vejo-as tão obscuras, que não as entendo.

— Apesar da sua crítica? Grande meada então! Mas perdoe; o que não acha claro nas suas notícias?

— O geral desapareceu, saiba vossa paternidade! Em Roma cuidam que está em Espanha; de Espanha escrevem que o julgam em Roma, ou pelo menos em Itália. E o pior é...

— Não estar ele talvez em nenhuma das partes? Não supondo que os deuses o arrebatassem como a Rómulo, o que conclui vossa paternidade de tudo isso?

— Padre visitador, eu não concluo, limito-me a recear alguma desgraça. Esta ausência inexplicável...

— Não diga tal. Tudo se explica cedo ou tarde. Menos cuidado, e mais grandeza de alma, meu padre Simões! Dentro de três ou quatro dias talvez o segredo se rompa, e nós sejamos os primeiros a sabê-lo...

— Deus permita! Entretanto vossa paternidade deve ter notícia de que el-rei começa o seu governo, mostrando-se pouco afeiçoado à Companhia. O padre superior, amanhã, diz-se que receberá ordem para sair da província de Portugal!

— É verdade. O alvará que o extermina destes reinos está lavrado!

— E vossa paternidade não julga que uma ordem, bárbara e despótica...

— Não fale alto dos atos de sua majestade, padre Simões! As paredes têm ouvidos... Vossa paternidade é prudente e sábio, e não está moço; antes de vestir a nossa roupeta viveu no mundo. Ora bem! Frequentou muito a corte; e eu, atrevendo-me àqueles mares, ainda hoje me dava por ditoso se tivesse tão bom piloto para me guiar.

— Agradeço infinitamente, padre visitador; mas noto pelas suas palavras, que o sucesso lhe não causa estranheza...

— Quer que fale com sinceridade? Esperava-o há muito! A Companhia não deve preferir os homens à sociedade. O provincial, zeloso do serviço de Deus, tratou do litígio dos quindénios com a cúria. Às escondidas de el-rei e do seu conselho de estado compôs-se e obrou bem quanto a nós, e mal quanto ao governo. A coroa disse que não pagássemos, que ela nos sustentaria; de Roma, que está mais perto do santo padre, o geral tinha ordenado o contrário, avisando que a nomeação de vigários apostólicos ia ser passada aos nossos padres!... Uma coisa vale a outra, dizia ele! O Sr. D. Pedro II (que Deus haja) perdeu a partida, porque não foi obedecido; e tinha razão de se ofender; mas também me parece claro como o dia, que as igrejas do Oriente ficaram nossas a todos os respeitos... Agora vem o Sr. D. João V, grande príncipe, temente a Deus, e sua majestade que é moço, e quer reinar... entendeu que precisava dar um exemplo à cúria e à Companhia? Paciência! O direito assiste-lhe, e não nos achamos isentos de toda a culpa para termos voz ativa...

— Então vossa paternidade aprova o extermínio do superior?...

— Padre Simões, não aprovo, lamento! O virtuoso sacrificio do provincial é louvável; estou certo de que lhe há de ser levado em conta. Quanto à responsabilidade... bem vê! Grande lugar, grande queda. Caiu no seu posto. O meu voto, e as ordens que tenho, prescrevem-me plena obediência aos atos de el-rei. Sua majestade é o senhor; manda, porque pode; e a nós cumpre-nos sermos executores passivos sem murmuração.

— Se entendi bem, as ordens contra o superior não prejudicam os regimentos que el-rei D. Pedro, por sugestão do padre Magalhães, tinha aprovado, e deixou por assinar? — perguntou o velho casuísta da Companhia, cujo sorriso cauto, cujo olhar penetrante dizia ao mesmo tempo ao visitador, que ia percebendo a vantagem da política decisiva por ele exposta no consistório secreto, e depois dirigida com tanta habilidade.

— Nada! El-rei deu uma demonstração ao provincial, porque o achou comprometido em uma ofensa contra a coroa; quanto à Companhia estima-a, preza os seus serviços, e ordena-lhe que

os continue. Os regimentos vão assinar-se, e serão expedidos; os nossos privilégios do Brasil estão confirmados, e são ampliados pela magnanimidade régia. Agora, sim, podemos dizer sem receio que as missões da América nos hão de conquistar maior império do que a Europa toda, se as soubermos aproveitar! Sequestrando os Índios mais cinquenta anos às novidades da falsa filosofia, e às tentações dos vícios de fora, temos tempo para fazermos deles homens, e arraigarmos o nosso domínio no seu coração pela caridade e amor do nosso governo, pela instrução gradual da nossa doutrina... Padre Simões, (aqui entre nós, e tão baixo, que só Deus nos oiça!) na Europa tudo vai caindo de velho. Duvido que ature um século. Os reis e os ministros é natural que, sentindo fugir o chão, tratem de segurar-se. Não seguram. A guerra principal, digo-lho eu, por inveja e por maldade há de ser contra a Companhia, mais ano, menos ano. Se nos uníssemos todos ficávamos de pé; separados e discordes, um terceiro comerá a ostra, e dará as conchas por escárnio aos combatentes!... Não importa! Resta-nos a América, um mundo novo, aonde seremos apóstolos e monarcas. Expulsos do Meio-Dia, como já o fomos do Norte, passaremos o mar; quero ver se as nossas leis e o nosso poder não resistem mais do que as leis e os soldados deles! Aqui está a razão que me faz tomar grande interesse pelas missões do Brasil, do Peru e do México. Os privilégios concedidos e ampliados são as verdadeiras praças de guerra da sociedade de Jesus. Obtidos eles (e não era pouco difícil) trabalhe-mos de modo que um dia, se tentarem suspendê-los ou revogá-los, já não possam. E isto, sabendo-se levar os povos e os gentios, custa menos do que descobrir a América, como Colombo, ou conquistar o México, como Cortês... Note que eles vinham de fora, e que nós estamos de dentro!... Bem vê! Entre um mal comparativamente pequeno, o extermínio do principal e a publicação dos regimentos, que são promessa de glória, de força e de futuro para o instituto, e para milhões de almas regeneradas pela graça do batismo e da civilização, ergo as mãos ao Céu, e dou-lhe imensas graças pela grande vitória que acabamos de alcançar. Nunca se ganhou tanto com menos perda!

— Eu não tinha visto as coisas por esse lado. E não admira! O plano era de vossa paternidade, e a execução sua foi também. Ignorava que os regimentos se publicavam... Parabéns a vossa paternidade e à Companhia! Foi curta a campanha...

— Mas bastante trabalhosa — acudiu o italiano com o ar insinuante que lhe era próprio. — Sem soberba protesto-lhe que alguns passos se deram, e algumas noites se perderam. Padre Simões, os nossos inimigos eram mais do que os amigos; grande mal! Enfim a batalha deu-se; e depois de enterrados os mortos e de curados os feridos falaremos do prémio que pertence aos vivos...

— Ao general sobretudo! — atalhou o padre Simões com respeito.

— O general está pago com a vitória!... Mais devagar trataremos desta e de outras coisas. Não se assuste no entanto com a ausência do geral... ele aparecerá! Quer algum recado para São Domingos?

— Que vossa paternidade chegue bem, e seja feliz. Já que estou ao pé, subo a São Roque para dizer adeus aos nossos padres.

— Pois sim. Todos o estimam, e merece-o. Até à vista.

O visitador chegou à portaria de São Domingos meia hora depois da saída de Diogo de Mendonça, e da acareação do Sr. Tomé das Chagas com as suas delações epistolares. Entrando na cela de Frei João encontrou o reverendíssimo ainda despeitado da cena anterior. O douto mestre em cânones tinha um enorme volume aberto diante de si, e os olhos fitos nele; mas era fácil perceber que a sua atenção não estava ali, viajando talvez em companhia do secretário das mercês ou do milagreiro, arrancado por um rasgo de prudência à sua vindicta.

— *Pax Christi, domine reverendissime!* — disse da porta cruzada, depois de deitar a cabeça, o padre Ventura com a sua pausada voz.

— Entre — replicou laconicamente o pregador, virando a cara. À vista do jesuíta, antigo adversário, e aliado atual, o dominico mostrou-se satisfeito, e levantando-se foi recebê-lo com amizade.

— Vossa paternidade por aqui! Não contava com esta fortuna...

— Causo incómodo? Vim interromper os seus estudos?! — acudiu o visitador, correspondendo às demonstrações de Frei João, e deixando-se conduzir para a fofa e ampla cadeira de braços, colocada defronte da poltrona do juriconsulto.

— Não senhor. Vossa paternidade, como sempre, traz a alegria a esta sua casa. Não adivinha quem saiu agora mesmo?

— O abade Silva, talvez, com algum dos seus raríssimos e preciosos manuscritos? — notou o jesuíta, sorrindo-se maliciosamente.

— Não, graças a Deus! foi o Sr. Diogo de Mendonça, e contou-me coisas que estava longe de supor.

— A respeito?

— Sobre a anedota do padre Sebastião de Magalhães...

— Ah, coitado! Por mais que o preveni, não quis acreditar-me. Parte esta tarde para Santarém; terra de bons ares e de bonitas vistas! Há de dar-se bem... Tem visto o Sr. Lourenço Teles desde as melhoras de Cecília?...

— Nada. É fim de ano, e os negócios do convento prenderam-me de tal modo!...

— Escuso perguntar-lhe, então, por notícias de D. Catarina de Ataíde. A morte de el-rei demorou o seu casamento, segundo me disseram; faz-se para o mês que vem.

— É verdade. E o conde de Aveiras queixa-se amargamente do transtorno! Está cada vez mais namorado. Diga-me vossa paternidade: o que é feito de Jerónimo Guerreiro? Sinceramente dá-me cuidado. São passados tantos dias que desapareceu sem haver notícias!... Faz-me cismar!

— Já perguntou ao Sr. Diogo de Mendonça?

— Decerto.

— E ele?...

— Encolheu os ombros, deixou cair duas ou três frases sibílicas e, com o sorriso que lhe conhece, descartou-se, apelando para o chavão costumado dos segredos de estado.

— Quer dizer: deixou-o às escuras.

— Ou mais, se é possível! Estes diplomáticos de tudo fazem mistério; com um grão de areia levantam uma montanha. Deus me não mate ao pé deles.

— É que no caso presente — observou o jesuíta, pondo-se sério — a montanha existe, e muito escabrosa por sinal!

— Então Jerónimo não foi ao exército como se disse: sucedeu-lhe alguma coisa? — exclamou o domínico sobressaltado, porque era amigo do capitão, e apesar de frade tinha o coração quente e o zelo pronto.

— Se chegar a essa janela, e olhar para o castelo, vê o sítio aonde ele está preso desde aquela triste noite... Bem vê que a montanha não é baixa, nem fácil de subir.

— Preso!? — gritou Frei João, apertando as mãos com ansiedade. — Preso!? E nós sem sabermos nada! E porquê?

— Pelos papéis que lhe mandei veria vossa reverendíssima que a doença de Cecília foi mais grave do que se quis figurar a Lourenço Teles, em atenção à sua idade. Um dos homens que estava no jardim, e por uma desgraçada casualidade não afastou a espada a tempo, era Jerónimo. Cecília recebeu o golpe dele!

— Santo Deus!... Mas o que ia ele fazer a esse maldito jardim, não me dirá? — bradou o padre, que a amizade e a impaciência agitavam.

— Como os ciosos e os doidos ia cavar a sua ruína! — respondeu o jesuíta com melancolia.

— Então a culpa é grave?

— A culpa não; a parte sim. O inimigo que o acusa, e que duvido lhe perdoe, é o mais poderoso do reino...

— Em Portugal há leis, senhor padre Ventura, e ministros que as leem e executam! — atalhou o domínico enchendo-se de ânimo, e passeando com majestade para encobrir o terror causado pelas palavras do jesuíta.

— Em toda a parte as há, senhor Frei João! — redarguiu este muito sereno. — E quanto mais leis, pior para os governados! Mas códigos que salvem a vida e a honra do vassalo, quando o rei se faz seu acusador...

— O rei? — exclamou o procurador, mudando de cor, e suspendendo de repente o giro peripatético, varado pela alusão.

— A outra pessoa de fora que estava no jardim, e que Jerónimo também feriu, era o príncipe real, hoje, por graça de Deus, o Sr. D. João V, nosso senhor.

— Misericórdia divina! Um crime de lesa-majestade de primeira cabeça!... E vossa paternidade a dizer-me que a culpa não era grave!... Na Itália será moda passar os príncipes às estocadas?

O pobre Frei João estava tão aflito e desacordado, que se vivava contra o jesuíta.

— Na Itália é costume não escalarem príncipes de noite os jardins dos vassallos; e se algum, esquecido da sua jerarquia, ao saltar caísse sobre a ponta de um florete, curava-se, e calava-se. Quem embarca está sujeito a naufragar.

— Mas que necessidade tinha Jerónimo de se meter no que não lhe importa? — gritou o frade aceso, levantando os braços.

— Naturalmente a mesma que vossa reverendíssima, achando um ladrão dentro da cela! — observou o visitador sem se alterar.

Frei João estacou, fitando os olhos pasmados no arguente. Depois assentou-se, e correndo a mão pela testa, acrescentou com um suspiro:

— Nisto há um nó que não posso desatar! Jerónimo um rapaz de juízo, não alçava o braço contra o seu príncipe, se soubesse que era ele. Resta-me esta esperança.

— Perca-a. Jerónimo sabia que era sua alteza! — acudiu o italiano. — Mas sua alteza é que se meteu pela espada. Hoje pouco importa o que foi; desgraçadamente o que pode ser é que nos deve dar cuidado.

— Outra explicação ainda, padre visitador! — interrompeu o domínico com abatimento. — O príncipe não ia à meia-noite ao jardim de Lourenço Teles sem motivo; nem Jerónimo lhe fazia uma espera por divertimento. Receio calamidades ainda maiores; Teresa é altiva de génio, e formosa, sempre lhe conheci inclinação...

— Não arrisque juízos temerários, senhor Frei João! sua alteza nunca viu, nem amou Teresa. Esse foi o engano de Jerónimo; e por ele está padecendo.

— Então era Cecília?

— Pelo amor de Deus, padre-mestre! Não se meta no labirinto das conjecturas, que se perde. O segredo está no peito do príncipe; e não será fácil arrancar-lho. Demais, o mal feito não tem remédio. Sabe a que vim aqui confiado na sua bondade?

Frei João cada vez mais perplexo acenou com a cabeça que não.

— Depois da sua prisão, persuadido de que era o amor de Teresa que chamara el-rei — prosseguiu o jesuíta — Jerónimo caiu numa prostração profunda, de que não se tira senão para chorar como uma criança, ou para entrar em convulsões de raiva, e em clamores de desesperação. Em duas palavras, está perdido e morto se não o socorrermos. O médico protesta que não há forças que resistam a semelhante estado por muito tempo. Quer vossa reverendíssima ajudar-me numa obra de caridade? Presta-me o seu auxílio para tentarmos o único remédio capaz de o salvar?

— Estou pronto; com mil vontades! — disse o procurador erguendo-se com os olhos arrasados de água. — Ninguém se interessa mais por ele. Ajudei-o a criar, ensinei-lhe o seu latim e a sua filosofia, esforcei-me por lhe cultivar o espírito e o coração... Veja se não o devo estimar! No amor é meu filho adotivo, padre visitador!... Para o salvar, se fosse preciso, ia meter-me no rio mesmo em dezembro...

— Muito menos basta, senhor Frei João — acudiu o jesuíta sorrindo — sem arriscarmos em um banho de gelo a sua vida e saúde, que é preciosa, confio que tudo se alcançará. Vossa reverendíssima quer ter a caridade de ir numa sege à Rua das Arcas, e de acompanhar Cecília e Teresa ao castelo e à prisão? Estão prontas; preveni-as; e só esperam pela sua presença. Seria bom que Lourenço Teles e o resto da família não suspeitassem nada... Qualquer pretexto servirá. No entanto vou dispor o nosso enfermo; e com a ajuda de Deus esta noite teremos homem...

— Em um instante vou. Direi a Lourenço Teles que as meninas vêm comigo pagar uma promessa pela milagrosa cura de Cecília... Nestes casos a mentira é quase uma virtude.

— Otimamente! A uma pessoa dos anos, carácter e respeito de vossa reverendíssima, ele não terá dúvida em as confiar... Não posso demorar-me; vou ao castelo cumprir as obras de misericórdia...

— Visitando os enfermos e encarcerados? Muito bem! Daqui a uma hora eu e as meninas estaremos a seus pés.

— Não esperava outra coisa da piedade zelosa de vossa reverendíssima. Até logo.

Enquanto o jesuíta pensativo e vagaroso se encaminha ao castelo, e Frei João alterado se apressa em direção à casa de Lourenço Teles, entremos na prisão de Jerónimo, donde se retirava mais satisfeito das suas diligências o corregedor do crime do bairro do Rossio, Caetano da Silva Soto Maior.

O Camões tinha sido encarregado por el-rei de instruir secretamente o processo do capitão, e de penetrar o motivo do seu encontro com o príncipe. O Sr. D. João V não fazia caso da ofensa feita à sua pessoa pelas armas do mancebo; duelista por inclinação, dado a aventuras, a esperas, e a galanteios noturnos, estava muito costumado a dar e a receber cutiladas à esquina, ou nas encruzilhadas das ruas, para converter em crime de lesa-majestade um passe de espada preta.

A verdadeira causa do seu rigor era diversa. A injúria do monarca servia de pretexto aos zelos do amante. O sangue de Cecília correra diante dele; e para o vingar era-lhe lícito empregar o cutelo das leis, já que a grandeza do trono lhe não permitia obter o desagravo por suas mãos! Mas até no meio dos transportes, e dos juramentos que lhe escapavam contra o mancebo, o seu coração acusava-o, e a voz da justiça fazia-o estremecer!

Nascera rei, com uma alma nobre e igual à dignidade. Em todas as ações passadas, desvanecido o primeiro ímpeto, não sabia sair dos lances difíceis senão pela porta que preferem os grandes príncipes, e ignoram os tiranos; vingava-se triunfando pela clemência e pela magnanimidade! No verdor da mocidade, to-

mado apenas o peso ao cetro, e senhor do poder real, a vindicta era um desforço baixo, uma opressão iníqua. Por isso incumbira o Camões de sondar os sentimentos do pupilo de Lourenço Teles, e de conhecer se o amor o tinha levado aos excessos que o soberano podia punir, mas que o homem, segundo as leis da honra, devia esquecer, sob pena de ficar mal visto a seus próprios olhos.

Jerónimo era um rival? Cecília amava-o, ou tinha-o amado? Eis as perguntas que o seu espírito perplexo repetia sem cessar; e a que o inquieto ciúme respondia, cravando-lhe o peito de espinhos e de dores.

O Camões, que principiava a granjear o valimento que o tornou depois tão célebre, parecia o homem menos apto para pintar de negro com as tintas criminais um ato, cuja maior culpa cabia ao príncipe.

Repugnava-lhe o ofício de verdugo de beca, e recusaria a comissão, se ela lhe não proporcionasse meios de salvar o mancebo da afronta das penas infamantes, e o rei da nódoa de uma ação ruim. Sem o conhecer de perto, logo tomou interesse por Jerónimo; e o que as informações lhe referiram acerca do seu valor e da sua audácia veio ainda aumentar-lhe mais a simpatia.

Apesar de inconstante nos galanteios era poeta, e pela imaginação compreendia as elegias em ação. Espirituoso cavalheiro, e amigo de aventuras, não pedia de joelhos a benevolência do soberano; sabia ganhá-la à maneira de Quevedo Villegas, pelo juízo picante das críticas, pelos repentinos atrevidos dos gracejos, e pela distância bem guardada durante as íntimas confidências entre o monarca e o vassalo.

Nos primeiros dias da catástrofe, o corregedor do crime ouviu calado, mas sem disfarçar que o seu silêncio era desaprovador, as severas ordens de D. João V contra o mancebo, tomando sobre si a liberdade de executar delas apenas o que lhe parecia justo.

Amansadas as iras, e rota a tempestade com a certeza das melhoras de Cecília, o juiz atreveu-se a insinuar ao príncipe a clemência, como uma necessidade e um dever, querendo evitar

o estrépito em um lance que envolvia o carácter do imperante e a honra de uma dama.

A pouco e pouco os ouvidos do rei foram-se abrindo à verdade e escutaram-na; e acabou por afiançar, que o delito que não podia perdoar era só o golpe descarregado no seio inocente da donzela, por um homem, que sendo soldado, se abaixara a manchar a espada em tal vingança.

— Todo o ódio que lhe tenho provém só disto — disse sua majestade. — Deus me livre da ideia de o acusar, porque se defendeu de quem lhe apontava o florete aos peitos. Mas o ferro, que não se desviou do peito de uma dama, há de ser quebrado para não mais envergonhar as minhas armas!

Estas palavras proferidas com paixão, advertiram o corregedor de que não seria prudente ainda insistir, magoando feridas mal cicatrizadas.

— Deixemos sossegar o amante; vejamos se ele se cura do ciúme — pensava o Camões — e quanto ao resto, Deus é grande! A justiça de el-rei nos valerá.

Neste propósito todas as manhãs, não como juiz, mas como amigo, visitava o preso. O estado em que Jerónimo caiu logo ao segundo dia, piorando sensivelmente, assustava-o. O amante de Teresa recebia com gratidão os testemunhos de simpatia do magistrado; ouvia com prazer as anedotas, que alegravam a sua conversação; e, quando menos melancólico e prostrado, fazia um esforço, e procurava também corresponder-lhe, narrando no estilo animado, próprio dos homens de ação, as cenas grandiosas da sua juventude.

Se por acaso, porém, uma alusão, posto que feita ao de leve, lhe suscitava a lembrança dos sucessos da noite em que perdera a esperança e a liberdade, abismava-se em súbita tristeza, arrastavam-se-lhe os olhos de lágrimas, e encerrava-se em um silêncio, que durava horas, e de que não saía senão para entrar em acessos cada vez mais violentos.

Aquela alma habituada a medir-se com as tormentas do mar, e com as vicissitudes da guerra, ferida mortalmente, sucumbia

sem voz e força, não querendo sobreviver à saudade e às penas de uma separação eterna. O seu desejo era livrar-se da existência, tão pesada desde que se via só no mundo, pedindo a Deus a paz do túmulo, e o sono profundo do soldado adormecido no seu duro leito de batalha!...

Outras vezes acordando sobressaltado, levantava-se como se o chamassem, e escutava. Então as faces desbotadas ardiavam de repente acesas em vivas cores; os olhos mortais acendiam-se de luz sombria; e o corpo, indiferente e passivo antes, animava-se com o fogo momentâneo do delírio, cortando o coração de piedade.

Nestas ocasiões, imaginando-se feliz e livre, falava com a sombra do seu amor naquele tom suave e íntimo, que parece um eco de alma, dirigia-lhe as frases meigas que só diz a paixão, e proferia as promessas extremosas, flores do sentimento, que brinca inocente e descuidado no meio das ilusões!

Eram horas inteiras de enlevo e adoração, longe dos homens e do mundo, como as gozam os amantes entregues aos devaneios do coração. Entretanto, o êxtase rompia-se depressa, qualquer objeto, qualquer palavra o precipitava de repente nos ferros do martírio, e então os olhos e o ânimo, turvando-se, imploravam a morte com gemidos e imprecações, como último refúgio desta dor inconsolável...

Mas entre os transportes, mesmo agitado o peito, e ardente o cérebro, com que paixão amava ainda! Como o pranto se desatava dos olhos secos para os infortúnios próprios, apenas a ideia desvairada lhe representava a imagem de Teresa, pálida, prostrada a seus pés, e com a vista quase extinta, enviando-lhe o adeus supremo! Então avivava-se-lhe o ardor febril, as pupilas dilatavam-se iluminadas de sinistro brilho; os cabelos hirtos e o frio espanto da fisionomia acompanhavam o horror estampado na fronte lívida; e o gesto fito e imóvel apontava para o chão, como se o corpo gentil ali jazesse.

Umás vezes, olhando para as mãos, tremia, faltava-lhe a luz, e sumindo-as convulso parecia esconder o sangue, e caía sem sentidos. Outras, recuando passo a passo cheio de terror, estendia

os braços, como para desviar de si um fantasma, e acabava perdendo as forças em um grito de imensa agonia, deixando de pa-decer por algumas horas.

O corregedor, tendo assistido à crise, retirou-se com o peito sufocado, exclamando que era cem vezes melhor a morte, do que a vida com tal tormento.

Os médicos não davam esperanças, declarando que a ciência ignorava o remédio destas afeções. A seu ver, o mancebo aproximava-se do fim que pedia a Deus. O Camões do Rossio, que tivera ocasião de observar de perto os progressos da moléstia, todos os dias saía mais triste e desenganado. O sorriso de Jerónimo, agradecendo-lhe as suas consolações, e o definhamento rápido que lhe notava, advertiam o magistrado de que era necessário apressar-se junto do soberano, se queria arrancar o mancebo ao fim que o chamava.

Mas como? Se pudesse convencer Jerónimo a confiar-se dele, e a confessar a sua inocência, seguro estava de que desfeito o ciúme haveria lugar para a clemência. O nome que o capitão repetia nos seus acessos não era o que ele ouvira dar pelo príncipe à donzela desmaiada nos braços de Catarina de Ataíde. Parecia-lhe que um equívoco ocasionara a catástrofe; porém, não ousando perguntar ao rei, e não sendo possível colher de Jerónimo o mais leve indício, de que modo conseguiria romper as trevas, e chegar à verdade que um pressentimento oculto lhe dizia ser a salvação de todos?

O corregedor do crime de boamente faria auto-de-fé de todos os sonetos jocosos, inspirados pela sua travessa musa, se pudesse obter um fio que o guiasse. Debalde! Desgraçadamente as pessoas que sabiam o segredo eram poucas e interessadas em o guardar.

— Suceda o que suceder — disse o Camões uma manhã (justamente a que viu a confrontação do Sr. Tomé, e a visita do padre Ventura a São Domingos) — não hei de deixar morrer o rapaz assim. O seu verdadeiro crime aos olhos de el-rei é amar a mesma dama que sua majestade ama. Bem! Se eu for capaz de restituir Dido a Eneas, dando um quinau em Virgílio, está o homem salvo,

e o Sr. D. João V no Paraíso!... A dificuldade consiste em fazer falar o preso sem ele se sentir... Tenho ideia de que não está menos enganado do que sua majestade, e que ambos abraçam a nuvem pela deusa! *A la gracia de Dios!* Se desta saio bem, protesto escrever uma comédia em castelhano para emparelhar com o *Médico de sua Honra*, de Calderon, e pelo título não há de perder; ponho-lhe na tabuleta *Los zelos engañados*. É espanhol de orelha, diz a crítica? Não importa. Estamos em guerra, e posso saquear a língua como eles nos atacam as fronteiras. Vamos! Sr. Camões, é pedir a Deus que lhe converta a beca em roupa de Santo Inácio, e trate de imitar na lábia os reverendos padres. Esta diligência não é para engaiolar, é para soltar; e oxalá que em consciência pudesse dizer de todas o mesmo!

Falando assim, o ministro entrava na prisão, e ouvia com imperturbável seriedade o relatório do carcereiro sobre a doença de Jerónimo. O preso tinha licença para receber visitas; mas nos últimos dias escusou-se, e não quis ver certo padre de São Roque, que vinha procurá-lo. Hoje parecia mais espairecido, descansara um pouco de noite; e logo pela manhã pediu, que se voltasse o jesuíta, o levassem ao seu quarto.

— Perguntou por mim? — disse o corregedor, medindo o homúnculo de alto a baixo com o seu olhar satírico.

— Decerto — disse este — o senhor doutor foi a primeira pessoa em quem falou.

— Não disse que foi no padre da Companhia? Bem! Venha quem vier, não deixe entrar ninguém até eu sair... só se for o médico.

— Esse vem de tarde.

— Melhor! — redarguiu o poeta-jurisconsulto — o mais tarde para tais visitas é sempre cedo. Venha abrir!

E encaminhou-se para a sala, aonde com todas as comodidades compatíveis, tinha mandado colocar Jerónimo Guerreiro.

O mancebo estava assentado ao pé da janela, a uma banca pequena, das que hoje se chamam de pé-de-galo. A vidraça aberta deixava entrar o sol e o ar; a manhã tinha nascido temperada e

alegre. Pela encosta do castelo penduravam-se algumas árvores, e trepavam as parreiras dos pequenos quintais. Por cima delas esvoaçavam, gorjeando, bandos de pássaros que saudavam nos seus transportes a luz e a liberdade. A vista do preso desviava-se a miúdo do papel, que escrevia a custo, para contemplar com resignada tristeza o belo panorama da cidade, iluminado dos raios quentes e dourados do astro do dia, e os voos loucos das aves, que fugiam e se juntavam, pousando de ramo em ramo, chilreando e desafiando-se.

Os olhos de Jerónimo, encovados, e com as nódoas fundas e aniladas, que o povo chama «olheiras de melancolia»; as pupilas baças, e sem o brilho que as tornava de uma rara penetração, parecia que não tinham força nem para fitar os objetos por muito tempo, baixando-se para o chão com mórbida tristeza.

A palidez das faces, e a expressão das feições transtornadas, diziam os padecimentos do espírito e do corpo ao observador menos atento. Do esbelto e robusto militar, que fora, do vistoso e ágil cavalheiro, que era há poucos dias, a mágoa e a moléstia tinham feito um espetáculo de dor e de velhice precoce, sombra do antigo homem, ou mais exato (permita-se-nos a frase) cadáver antes da morte daquele soldado jovial e audaz, cujo sorriso dava graça e animação ao rosto, cuja boca sabia ser eloquente e persuasiva sem falar!

O coração pouco vivia já; mas a inteligência resistindo, ainda acordava por alguns momentos, quando as trevas do delírio não a ofuscavam. Na quietação fixa dos músculos, na serenidade indiferente das feições, na ausência quase completa de movimentos ativos e espontâneos, que denunciasses a vida e a idade, notava-se a rigidez sombria e gélida, filha do aniquilamento moral, e precursora do aniquilamento físico.

Era como a árvore que tem ainda o tronco em pé, mas que principia a secar-se e a cair pelos ramos e pelos braços. De uma para a outra hora, vendo-a mirrar e desfazer-se, interiormente consumida, espera-se que uma rajada mais forte a derrube, acabando com a existência que ela finge!

Sentindo abrir a porta, e voltando a cabeça, Jerónimo agradeceu com um sorriso a visita do corregedor; porém o sorriso, como se fosse em mármore, levou minutos a abrir. O sentido da fisionomia era uma abstração dorida e vaga, semelhante ao adormecimento, que serve de pausa às grandes crises.

Caetano da Silva Soto Maior tomou assento junto dele; olhou pela janela, e disfarçadamente para o papel; e depois de algumas perguntas e respostas, tratou da execução do seu plano.

— Eis um dia, que faz saudades da caça!... Digam o que disserem, não há manhãs mais lindas que as do inverno em Portugal. Até os doentes e os pesarosos se curam com este sol! Sr. Jerónimo, sabe que me parece hoje melhor?

O capitão meneou a cabeça, respondendo:

— Isto vai seu caminho, e como Deus é bom, creio que há de compadecer-se afinal, e despenar-me. Agora escrevia eu uma espécie de testamento; são as minhas últimas vontades; e contando com a caridade do senhor corregedor...

— Deixemos isso! Ainda há de enterrar-me, e não sou muito mais velho!... Não se esteja cansando com escritas. Guarde-as para depois da convalescença.

— Quando se faz uma jornada de perigo, tomam-se as precauções — redargui o mancebo melancólico. — Estou em véspera de partida, e quero salvar a honra... porque não possuo mais nada. Tem sido uma luta, que não imagina, com a cabeça para fazer estas linhas... Há ocasiões em que o juízo se me cobre e o sangue parece fogo. Depois (desculpe a minha fraqueza!) certos sentimentos podem mais do que a razão, na alma dos que foram moços e viveram...

— E amaram? — acudiu o corregedor em ar jovial e cheio de naturalidade. — A quem o diz!? Sou um crivo das setas do Deus-Menino, apesar da beca e da vara branca. A justiça não é cega; oxalá!...

— O desgraçado encontro daquela noite — prosseguiu o pupilo de Lourenço Teles, com visíveis esforços para vencer a sua comoção — fez-me o mais infeliz dos homens; tirou-me o

gosto e o desejo de viver. Não é afetação, senhor corregedor... Se adivinhasse o que sucedeu, tinha ficado debaixo de um rolo de mar, ou no primeiro campo, aos pés dos cavalos espanhóis... Se existo, se fiz alguma coisa digna de louvor, não foi por mim, asseguro-lho; contava com um coração igual ao meu, unido a ele para sempre... Faltou-me; enganei-me; e no primeiro ímpeto acuso-me de ter tido o baixo ciúme de querer levantar a espada... Não sei mesmo porque são tantas as trevas, que não distingo o certo do duvidoso, não sei mesmo se...

Aqui prendeu-se-lhe a voz, e estacou; a palidez aumentava; e as rosetas das faces começavam a alargar. O Camões apressou-se em acudir:

— Não sabe se feriu alguém? Tranquelize-se; é verdade que teve essa desgraça, mas sem consequência. Logo se viu que o acaso, e não a intenção...

— Eu era incapaz de uma vilania. Teresa não morreu? O sangue que vi, que está sempre diante dos meus olhos, não era o seu?...

— A senhora, casualmente ferida nessa noite, está melhor, afianço-lho. Pode sossegar. Mas o que tem? Sente-se pior?

Estas últimas palavras procediam do estado de Jerónimo.

Depois de ouvir o corregedor ansiosamente, o mancebo levantou as mãos ao Céu com ímpeto, e as lágrimas represadas, soltando-se, correram em torrentes pelas suas faces.

— Vive!... Não morreu! — murmurava ao mesmo tempo em voz tão fraca, que parecia um suspiro à flor dos lábios.

O júbilo, como todas as comoções enérgicas, operando sobre o corpo desfalecido e sobre o espírito esgotado, abateu-lhe as forças.

O rosto fez-se de repente branco; os olhos, um momento animados, fecharam-se; e a cabeça, sem vigor, descaiu no espaldar, esmorecida de sentidos. Este delíquio sem agonia fora filho do abalo, achando de menos sobre o coração o remorso, que lho comprimira, e o horror, que lhe envenenara as agitadas vigílias. Consumida de dor, a alma não podia com as primeiras consolações, que vinham raiar nas trevas da sua aflição.

Enquanto o capitão sucumbia ao excesso da alegria súbita, sem forças para a suportar, o Camões do Rossio (que o desmaio não assustou), correu a vista pelo papel, que Jerónimo interrompera à sua chegada. Depois de ler algumas frases, o juiz inclinando-se sobre a mesa, com a cabeça entre os punhos, não levantou mais os olhos enquanto não chegou à última linha. À medida que ia lendo, o semblante de Caetano da Silva Soto Maior espaireceu e tomava novo aspeto. No fim, a respiração cheia e forte com que desafogou o peito, e um sorriso espirituoso e triunfante, indicavam que tinha descoberto o fio para livrar o mancebo da triste posição em que se achava.

Efetivamente a mão do preso lançara naquele escrito, destinado a servir-lhe de despedida, a confissão extrema do homem, que julga próxima a hora final, e verte sem reserva os segredos e as penas do coração no peito de um confidente.

Ao padre Ventura é que se dirigia; e os termos da sua carta, umas vezes respeitosos, outras cheios de carinho e de confiança, eram os de um filho a seu pai antes da última separação. Entre lembranças ternas e remorsos pungentes, o mancebo pedia a bênção e o perdão de Lourenço Teles, do tutor da sua orfandade, e julgando-se o autor inocente e involuntário da morte de Teresa, suplicava de Cecília e de sua mãe piedade para a sua memória, e esquecimento para o delito, que não fora dele, mas do acaso.

No meio dos parágrafos incoerentes, ou repassados da verdade que aparece quando se fala diante de Deus, o corregedor encontrou um, com a revelação da causa (já suspeitada por ele) de todas as desgraças de Jerónimo. Tratando de Teresa e de Cecília, e sempre na ideia de que tinha as mãos tintas no sangue da primeira, o mancebo dizia assim:

«Sei que sou só no mundo, aborrecido e detestado daqueles que mais me queriam. É justo. Olham-me como o autor do luto, que entristece a sua casa, tão sossegada antes de eu lhe trazer a morte, e de a pousar sobre o leito da mais bela, da mais inocente das donzelas... porque hoje, o delírio deixa-me alguns momentos de paz, e ouço o coração dizer-me que Teresa não foi culpada,

senão por se compadecer de mais!... O honrado, o virtuoso velho, meu segundo pai na criação, meu verdadeiro pai no amor, terá resistido aos desgostos de que lhe cortei os últimos dias serenos da sua idade? Se vive, se a dor o não levou já adiante de mim, estou certo, sei que me perdoa, e me lastima! Conhecia-me como o pai conhece o filho; eu e ela éramos a esperança e a alegria da sua vida!... Coitado! Quem lhe diria que o noivo seria a causa da terra a comer tão nova, tão cheia de flor e de graça?... Sou inocente! Mil mortes que padecesse para ela viver só uma hora mais, não me queixava! Teresa aonde está lê na minha alma, e vê o que tem sofrido!

«Que longas e dolorosas são estas horas que hei de penar até unir o meu espírito ao seu, feliz ao menos por sossegar de tantos martírios, vendo-a vestida de glória entre os anjos. Padre Ventura, nunca a fé no meu coração foi mais viva; nunca esperei e cri nas promessas divinas com tanto ardor... Se esta mão não acabou as misérias de uma existência, cujos tormentos o Inferno acharia superiores aos seus, foi porque os padeço em expiação, e acabado o cálix da amargura, espero ir encontrá-la no Céu, aonde o amor não morre, e a bem-aventurança não chora o crime e a ausência.

«Perdão, meu padre! Mas esta paixão é mais forte do que eu, do que a morte até. Desde que perdemos Teresa, vejo-a todos os dias; aparece-me em toda a parte... agora mesmo está ao pé de mim... É o seu rosto lindo sempre, mas branco e triste, como se levantou da sepultura. São aqueles olhos verdes, que parece verem, mas que não sorriem e não dizem nada. A boca move-se, mas não a oiço. Não me acusa; chama com a mão, e parece esperar por mim... Se meu segundo pai e Cecília conhecessem o que esta visão me faz penar, tinham mais dó, do que horror, deste desgraçado. E horror porquê? Eles não sabem que a não matei, que era impossível?... Padre Ventura, rogue a Deus por mim! Há instantes em que chego a amaldiçoar a hora em que nasci, e a Providência que me desamparou. Foi esta a mão que a feriu? O laço e o penhor da maior ternura?!... Sinto que me sobe o ódio

outra vez ao coração; que me abraza a cabeça; e desejo acabar em paz com os homens, perdoadando para ser perdoado... Quero vê-la e adorá-la no Céu, já que na Terra!... Pela saudade do seu amor, pelas lágrimas de sangue desta paixão, protesto que morro sem ódio; perdoou até àquele que ela amou, e que vive e se consola depois de a perder.»

As confidências paravam aqui; mas eram de mais para justificar Jerónimo. O corregedor, aproveitando-se da prostração do mancebo, e autorizado pelas suas retas intenções, pegou no papel, meteu-o no seio, e saiu na ponta dos pés. Cruzando a porta, e chamando o carcereiro depois, ordenou-lhe que chamasse o médico no caso de o capitão se não reanimar com brevidade. Daí atravessou a praça de armas, chegou à sege que tinha defronte da porta, e disse alto para o cocheiro, pegando nos cordões das guias.

— A galope! Aos paços da Ribeira!

Era a residência de D. João V até à cerimónia da aclamação.

Na ocasião em que o Camões largava o seu cavalo, chegou à porta do castelo o padre Ventura, que tinha subido a pé.

XXXIX DEPOIS DE PURGATÓRIO A REDENÇÃO!

A alegria é também uma dor aguda, quando a alma a não espera, e sem vontade e sem desejos esmoreceu. Morta para tudo, não volta da insensibilidade à vida, sem que a jornada lhe custe lágrimas e a sobressalte. Era o caso de Jerónimo. Desde a noite em que se recolheu à prisão, habitaram sempre com ele os remorsos inconsoláveis, e as saudades incessantes. Só com os terrores da sua mágoa, mudos os afetos, que lhe tornavam risinha a existência, não ousava olhar para a terra, onde via o sangue de Teresa, não podia contemplar o céu nem com a esperança, porque o repelia de lá a imagem lacrimosa da donzela. Como o desterrado suspira pela pátria, como o cativo anseia a liberdade, assim o mancebo não tinha nos lábios e no peito senão uma súplica para Deus. No horror dos homens e de si chamava pelo túmulo, pelo esquecimento eterno das penas que o cortavam!

Costumado a pulsar com o de Teresa, e só para ele, o seu coração, apenas a julgou perdida, nunca mais soube conhecer-se. O amor, instinto, força e luz da sua carreira, desde que supôs ausente do mundo e entre os anjos aquela por quem vivia, não teve senão um desejo, o de romper os laços mortais para se lhe unir! Por uma contradição violenta, mas natural, o ciúme, origem de

todos os seus infortúnios, deixou então de se queixar e de a acusar; e a saudade, mais ativa de cada vez, mais pungente a cada hora, dilacerou-o de recordações em que as graças da formosura e os encantos da inocência armavam de novos espinhos a angústia que o traspassava.

Neste estado, quando a voz amiga do corregedor lhe tirou de cima do peito o imenso peso do remorso, a reação interior foi igual aos transe do martírio. Teresa existia! Era uma revolução completa; era volver dos abismos da desesperação aos climas menos sombrios, aonde a vontade ainda podia viver e lutar. Por isso, deslumbrado pelo golpe, o espírito desfaleceu, os olhos fecharam-se, e o corpo cedeu sem vigor. As ilusões tinham sido tão dolorosas, que a realidade, como um remédio heroico, apenas encontrava forças para poder operar!

Reanimou-se gradualmente depois; e foi tornando em si. Quando abriu os olhos, vendo o sol que alumia os dias de Teresa, achou-o alegre, e não importuno como antes. Os gorjeios das aves, a pureza do céu e a verdura das árvores deixaram de lhe parecer o escárnio dos seus males. O amor tornava a aquecer o coração e a palpar com ele. Os ferros, que não sentia há pouco, já lhe pesavam; e as lágrimas do cativo corriam em prova de que o amante suspirava. Foi um momento de beatitude absoluta, em que o júbilo presente corria o véu sobre o passado, apagando as lembranças mais pungentes.

Mas à medida que a lucidez do pensamento ia aclarando, (confirmada a existência de Teresa) o ciúme renascia, a dúvida voltava, e à saudade ardente sucediam os zelos e o ressentimento da indiferença. A memória acordava, avivando-lhe a cena, em que perdera quanto o tinha ligado ao mundo. A excitação e a dor volveram com mais força. Saber que a irmã de Cecília escapara ao golpe, e dizerem depois que o esquecia nos braços de um príncipe, não seria pior do que chorá-la morta, mas sua, embora o acusassem, embora todos os tormentos fossem os flagelos da sua ideia?

Absorvido por esta paixão, o espírito depressa tornou a declinar para a amargura; seguiu-se a prostração. Os olhos encovados

e acesos em brilho sombrio anunciaram as trevas e a proximidade do delírio.

No meio da nova transição do júbilo para a mágoa, violenta e lacerante, como são as recaídas, é que o padre Ventura abriu a porta, e apareceu diante do mancebo.

Conhecedor das paixões e hábil em as dirigir, o jesuíta não precisou senão de um lance de olhos para ler na fisionomia de Jerónimo o conflito moral. Ninguém podia sondar melhor a chaga, e calcular pela sensibilidade a extensão do mal.

Aquela alma tinha fraquezas e contradições, visíveis só para ele, e que nenhum outro seria capaz de converter em meios de salvação. Entre dois homens, grandes pelas qualidades do ânimo e do carácter, existiam segredos que a apreciação vulgar nem sequer podia suspeitar.

Um coração como o do pupilo de Lourenço Teles, no qual o arrojo e a heroicidade nasciam do sentimento, cuja vida era quase toda paixão, não se curava com as consolações habituais próprias de almas menos elevadas.

Seria mais fácil dispô-lo para receber a morte, do que prepará-lo para lhe anunciar a boa nova. A primeira não o assustava; a segunda podia exceder as poucas forças que ainda lhe restassem.

Além disso, tendo cuidado ver pelos próprios olhos o seu amor entregue a outro, e para sempre traído; supondo-se com as mãos tintas no sangue do rival e da amante; vir dizer-lhe que ela vivia, que os sentidos eram mentirosos, e que a felicidade lhe sorria mais doce do que nunca; convencê-lo sem abalo; trazê-lo da certeza da desgraça até à dúvida; e da dúvida até à verdade, e impedir ao mesmo tempo que tantas comoções apagassem a chama vacilante da vida, eis a dificuldade, o escolho que o visitador não considerava sem terror, apesar do tato e serenidade do seu espírito.

A presença das filhas de Filipe, a confissão de Cecília e as palavras de Teresa seriam acreditadas? Haveria bastante crença naquela alma, e suficiente ardor naquele coração depois de tantos padecimentos, para na contensão da crise ficarem vencedores?

E se a vista da donzela tão amada, e da irmã adotiva, obscurecendo a razão com transportes violentos, cortasse de repente o delgado fio que apenas o separava do caos da loucura? Se o sobressalto não o salvasse e o perdesse? Não vira o padre em Cecília, durante momentos, as sombras da morte pendentes de uma sensação mais forte?

Por isso, mostrando placidez e simulando sorrir, o padre Ventura escutava-se e sentia tremer o peito como uma criança. Ele que tantas batalhas espirituais tinha pelejado; que tantos perigos de vida e de fortuna tinha subjugado; diante desta luta quase que desconfiava de si. É que o coração ainda tomava mais interesse, do que a inteligência, no bom êxito. Prezava o mancebo como pai; daria tudo para o salvar; e sabia que, semelhante ao corte do operador, uma palavra imprudente, um momento de perturbação, podiam causar a morte aonde queriam levar a vida!

Quando o visitador entrou, o capitão, com a cabeça entre as mãos e a vista suspensa, estava engolfado nas suas reflexões.

Passavam-lhe pela ideia as memórias daqueles ditosos dias, nos quais, julgando-se amado, adormecia e acordava embalado de doces ilusões. A alma lacrimosa, para maior tormento, mostrava-lhe a imagem de Teresa em todo o esplendor da formosura, com as pupilas de esmeralda lânguidas de ternura, com o sorriso cheio de promessas.

Via-a, tinha-a presente como na hora em que lançando-lhe o colar dos lindos braços, e pousando-lhe os lábios de rosa sobre a fronte, lhe pedira que vivesse e se abraçasse com a esperança. Depois, representou-se-lhe a cena do jardim com as palavras e os juramentos dos amantes; o sangue vertido do seio dela; os olhos mortais a acusarem-no, e uma nuvem escureceu-lhe o coração, enchendo-o de trevas e de horror.

Sentindo passos, Jerónimo ergueu a cabeça.

A presença do jesuíta, que tanto desejava, pareceu causar-lhe estranheza, como se mediassem anos entre o seu recado e a chegada dele.

É que desde a sua conversação com o corregedor do crime tinha saído da noite dos remorsos para tornar a abismar-se nas dores e contradições do ciúme.

Antes estava como o condenado contrito, que se despede da vida sem saudades. Agora sabia que o túmulo era uma prisão só para ele; e que apenas enxutas as lágrimas, dadas à piedade, um rival ditoso tomaria o seu lugar, convertendo em sorrisos os prantos de Teresa, em suspiros de ternura a sua leviana melancolia, sacrifício de um momento. Entre estas duas fases tão rápidas, havia um mundo de paixões, de dúvidas e de angústias; a razão não ousava respirar, e o espírito não podia sossegar.

Eis o motivo por que à vista do padre Ventura mal pôde conter o constrangimento com que o recebia, e o receio com que aguardava as primeiras palavras. Como a demência foge aos cuidados que a vigiam, assim este coração, louco à força de chorar e padecer, tremia da serenidade do homem, que reputava severo em lhe estranhar as fraquezas.

O visitador percebeu o que se passava no ânimo do mancebo; porém não o demonstrou. Sem apressar o passo, sem alterar o sorriso consolador, aproximou-se, deu-lhe a mão a beijar, e puxou uma cadeira para defronte, fitando nele depois aquele olhar lúcido e penetrante, que parecia ler no seio dos mais secretos pensamentos.

Da sua parte Jerónimo, costumado a respeitá-lo e a ouvi-lo, apenas se atrevia a levantar a vista cheia de timidez, com receio de que pudesse descobrir ao seu exame a ingrata repugnância com que acolhia tantas bondades e afeições.

O italiano adivinhou tudo, e meneando a cabeça, sem carregar o aspeto nem a voz, disse:

— Desde que o deixei a última vez, irmão Jerónimo, parece-me que o seu coração está mais longe de Deus, e mais próximo do mundo. Achei-o com saudades tão vivas do Céu, que me admira o interesse com que parece agora olhar para a terra! Diga-me: se lhe dessem a escolher, pedia ainda a morte?... Responda que não! Não daria hoje para viver e ser livre mais do

que ontem para acabar com os seus males cristãmente?... Ah, mancebo, como as paixões nos cegam, e o coração nos engana! Quer que lhe diga o que sentiu quando eu entrei? Teve desgosto, teve ira de me ver!...

— Eu, padre Ventura!...

— Não disfarce! Conheço-o como a mim próprio me conheço. Aonde os outros não veem, vejo eu tudo. Bem sabe! Ora pois; a verdade é que teve pesar (quero que fosse só pesar) por me encontrar aqui diante dos seus olhos, que estavam baixos e sombrios, porque só a virtude e a honra podem levantá-los...

— Vossa paternidade acha pouco os ferros desta cadeia, e as mágoas da minha vida? — replicou o mancebo tristemente. — Cuidei que a caridade se ensinava de outro modo na Companhia de Jesus.

— Na Companhia, os que são dignos de vestir o hábito e de abraçar a cruz — disse o visitador severamente — são homens para padecer e perdoar, para orarem a Deus pelos inimigos que os perseguem. Aprende-se a socorrer os que gemem e a lamentar os que se perdem na idolatria das paixões...

— Padre Ventura, os que sabem só o nome à dor julgam-na de leve, e sem consideração. Se apenas sofressem uma hora o que eu padeço há tantos dias?...

— Uma alma grande e religiosa oferecia a Deus o tormento, e procurava os conselhos e advertências dos mais velhos. Cuida que é castigado inocente? Já mediu as lágrimas que fez correr; já contou as ânsias que fez penar? Não se vê senão a si, e fala como se o universo não tivesse outro espetáculo?! Jerónimo, os seus amigos...

— Os meus amigos deixaram-me com a fortuna! — disse o capitão. — Vendo-me por terra nenhum me estendeu a mão! Padre Ventura, a última prova agora acabo de a receber. Eu já não tenho amigos!

— Não merecia tê-los. Os fracos fogem, e fazem fugir os outros.

— Será necessário que sorva até às fezes este cálix? — exclamou o mancebo. — Estou preso, estou fora do mundo, atado à cruz.

Que mais querem! Os homens não me conhecem, e acusam-me. Eu morri para eles, e os mortos não lembram. Os que se diziam amigos e mestres não se chegam senão para me inculcarem os seus exemplos. São fortes, porque nunca lutaram. Não caíram, porque na vida não encontraram a infelicidade. Se amassem, e os traíssem! Se a alma deles em um instante recebesse mais golpes do que o sofrimento humano pode suportar... veriam! Padre, sabe o que peço a Deus? É que me acabe com este resto de razão!

— Jerónimo — acudiu o visitador com intenção austera — a cegueira torna-o esquecido, para não dizer ingrato. Quem lhe disse que me julgo perfeito, ou que me creio superior às fraquezas? Esperava mais, é verdade, do seu coração; cheguei a supor que um dia... não falemos disso! Esta roupeta é muito humilde para o século, e a vida do deserto é pacífica de mais para o tumulto dos afetos. Não o acuso de seguir o mundo! Quando o vi no sertão no meio dos Índios, criança nos anos, homem pelo espírito, louvando a Deus em presença do martírio, e abençoando sem medo a morte, enganei-me, e todos se enganariam comigo. Cuidei que da criança sairia um apóstolo ou um herói. Quando o vi, entregue ao amor, abrindo com a espada o caminho da fortuna, e em cada campanha dizendo como César: eis a minha herança! acreditei que havia perigos na paixão, mas que o mancebo os venceria como homem. Mas quando soube que o soldado não tinha ânimo para suportar o infortúnio, nem valor para resistir ao delírio, ferindo uma mulher, e enchendo de luto e de vergonha a casa em que foi criado!...

O jesuíta, falando assim, estudava com a vista o efeito das palavras. Na prostração a que via reduzido o preso, os remédios heroicos eram o meio oportuno. Para arrancar gradualmente o mancebo ao espasmo em que as forças do corpo e os poderes do espírito se consumiam, carecia de desferir o golpe, embora cruel, sobre o lado mais sensível do coração. Para o salvar do naufrágio só restava exasperar-lhe as dores, magoar-lhe o orgulho, e ressuscitar nele o homem e o soldado, antes que de todo expirassem nas trevas e no frenesi da loucura.

Não tinha a escolha: não era livre no emprego dos recursos. Devia disputar aquela alma ao aniquilamento, precursor da morte, custasse o que custasse. Que lhe importava um padecimento momentâneo se o resultado fosse feliz? Quando um desgraçado mergulha no oceano, e está a sumir-se, o salvador hesita em o trazer à superfície arrastado pelos cabelos? Nestes lances a verdadeira piedade não olha senão aos fins.

Se a linguagem do mundo já não encontrasse ecos no peito de Jerónimo; se ao sentir, pesada de ultrajes, a mão dos homens sobre a face, a não repelisse, o que vivia nele? Desviá-lo da ideia que o possuía; sequestrá-lo à solidão, cheia de desespero, era ganhar a primeira vitória e abrir caminho para as seguintes.

Se por um instante qualquer nova comoção o abalasse, e a vista quase perdida da alma pudesse receber um raio de luz de fora, o padre Ventura confiava no plano, e colhia ânimo para o prosseguir. O primeiro sintoma de sensibilidade naquela indiferença acusaria um princípio de reação, um passo fora do círculo fatal, que tudo resumia no suicídio pelo afeto.

No começo, o capitão, mais admirado do que sacudido pelo rigor das palavras, fazia visíveis esforços para responder. Tinha dentro do peito tão fria a imagem do mundo, que lhe custava a perceber a sua voz. Tudo o que ficara antes ou além da sua mágoa, já não lhe causava sensação. O universo cifrava-se para ele na sua paixão. Perdida a paixão, deixava-se morrer, porque não dava outro valor à vida. Que o acusassem, que o condenassem, que o es-carnecessem, era-lhe indiferente; mais ainda, não o compreendia!

Desde que Teresa se entregara a outro, não ardia senão em um só desejo: morta a donzela, de a seguir até ao túmulo; viva, de a disputar até a Deus! A esperança neste abismo não tinha aonde firmar o pé. A certeza do infortúnio tomava a dúvida por irrisão. Dizer-lhe que se iludia seria acender-lhe de novo a febre, e o transporte, desafiando uma dessas crises, em que a razão podia sucumbir de todo.

Mas quando o visitador, retalhando sem dó a dolorosa chaga, levou o estímulo até onde ele podia chegar, o coração acordou,

os nervos ressentiram-se, e a vontade teve um ímpeto. Alguma coisa do homem e do soldado deu um grito de indignação naquele seio, que parecia petrificado. É verdade que a seta para o alcançar primeiro atravessou a sensibilidade do amante. Ouvindo-se acusar de ter levantado a espada contra uma dama, e de ter levado a infâmia à casa aonde se criara, subiu-lhe o sangue às faces, e pondo-se de pé cheio de braveza, exclamou em voz mais forte do que a debilidade mostrava permitir-lhe:

— Padre Ventura!... daria os poucos dias que me restam para que outro homem repetisse o mesmo! Agradeça a Deus! O hábito é que o salva!

A primeira explosão rebentara; o primeiro obstáculo fora vencido. O jesuíta deu interiormente a Deus as graças.

Entretanto a fisionomia não disse nada. Nem um só dos músculos do seu rosto descobria a profunda ansiedade pela contração. Continuou severo e grave, como se discutisse um negócio vulgar entre os definidores do instituto. Cruzando os braços e sorrindo, fitou no mancebo aquele olhar dominador, que nas ocasiões supremas revelava o poder duma grande alma, e disse-lhe em tom mais alto:

— Não se prenda! Depois da menina inocente, que o amou, chegue também a sua vez ao sacerdote velho, que o vinha consolar. O valor no crime também é valor... Não lhe importe! É uma cobardia mais.

Jerónimo com estas palavras sentiu levantar-se um furacão dentro do seu peito. Os olhos injetaram-se-lhe; o cérebro ardeu, como se todo o sangue em labaredas se derramasse por ele; as faces abrasadas e descompostas tremeram com a mais terrível sezão de raiva. Arremetendo ao padre, sacudiu-o com furor pela manga, e alçando a mão com cegueira descarregaria a fúria, se a tranquilidade do italiano, firme no olhar e no gesto, não lhe impusesse respeito.

Aquela força de espírito suspendeu-lhe de repente os passos, e um instante depois obrigou-o a recuar. Ao mesmo tempo a voz plácida do visitador dizia-lhe:

— Acabe a obra! Uma gota de sangue mais pouco se verá.

Cedendo às sensações, arquejante e desfalecido, o capitão foi cair quase sem sentidos aos pés do jesuíta. Parte do véu que lhe escurecera a mente, rasgou-se com o golpe desta violenta comoção. Olhando para si e para ele envergonhou-se. As lágrimas saltaram-lhe.

O médico espiritual tinha já vencido muito; o maior triunfo estava conseguido; o morto entrava outra vez no mundo! É verdade que um momento mais de acesso, e um instante só de fraqueza no visitador podiam ter dado lugar a um sacrifício inútil. Mas a segurança própria não era a preocupação do italiano. Estava costumado a lutar com as tormentas.

Curvando-se para o mancebo ajoelhado, com bondade o jesuíta deu-lhe as mãos para o levantar, e pousou-lhe sobre a testa ainda abrasada um ósculo de pai. Obrigou-o depois a sentar-se, e pondo-lhe a mão no ombro com doçura, acrescentou:

— O doente vai melhor, mas ia matando o médico! Sossegue; abra os olhos que teve fechados; e arrependa-se. Veja o que fez! Tratou-me como inimigo; esqueceu-se do que era e do que eu sou; diga-me: não será possível ter-se enganado do mesmo modo a respeito dos outros? Medite este exemplo; e louve a Deus, que ainda o castiga menos do que merecia.

— Padre Ventura, não sou eu, é a paixão... — soluçava o mancebo, ao qual estas palavras acabaram de abrandar.

— É a paixão, sim; e disso me queixo. Se fosse homem, se tivesse valor, ela seria a escrava, e o irmão Jerónimo o senhor! O que lhe disse não era a verdade? Não cometeu a fraqueza de levantar a espada contra uma mulher? Não a infamou a ela e aos seus, dando-os em pasto às calúnias e à maldade? O que quer que o mundo pense?...

— O mundo mente e murmura sempre! — acudiu o capitão, tornando a mudar de aspeto.

— Quando as coisas lhe dão razão, o mundo acerta. Um militar que não pode com as suas paixões, um dia ou outro, não pode também com os seus deveres. Quem fez correr o sangue...

— Padre! — gritou Jerónimo cerrando o punho com desespero. — Juro diante de Deus que sou inocente. Foi uma desgraça, e não um crime. Teresa vive, ela dirá...

— Que a condenou sem a ouvir; e que para chegar à vingança mais injusta lhe cravou a espada no peito...

— Mas eu vi e ouvi tudo! E se os que me acusam amassem tanto!...

— Quem assim crê o mal, não ama!

— Padre, se soubesse destas paixões, saberia o que é perder a alma.

— Sucedeu pior a muitos e foram homens. Em lugar de delirar, tiveram a força de alma, e esqueceram.

— É porque o seu amor não era de dentro, não era tudo...

— Era!

— Oh! se ele lhes absorvesse a vida, a esperança, a vontade!...

— Sei de um que perdeu mais... ou tanto; e se não se consolou, teve ânimo e conformou-se. Sabe como? Oferecendo-se a Deus; pedindo-lhe graça e resignação; e fazendo penitência neste hábito por ter amado a criatura com o extremo devido ao Criador.

— Esse era santo, e eu...

— Era muito pecador, e está diante dos seus olhos. Sendo ainda mais moço do que o vejo, a morte separou-o de uma donzela, meiga e formosa, que lhe queria mais do que a si, e que ele amava... já o disse, como não se deve amar senão a Deus! Note que esta dor não pode comparar-se à sua, porque adiante da sepultura não há nada. E então? Foi como todos, chorou no princípio; desejou morrer também; a carne é sempre a mesma; mas por fim venceu a fé; fez-se escravo deste hábito; e não podendo viver com ela no mundo, quis ganhar o Céu para não deixar de a ver findo o desterro.

— Felizes os que choram e são consolados podendo sê-lo! — disse o mancebo com melancolia.

— Sim! porque muitos são os chamados, e poucos os eleitos; mas quem nas grandes desgraças se voltar para Jesus Cristo, encontrará remédio; bem vê; a sua cruz foi mais pesada que a nossa.

Atraindo assim a pouco e pouco o mancebo para as ideias suaves da resignação; lembrando-lhe (o que é a suprema conso-
lação para a enfermidade humana) que outros tinham sido mais desditosos, e viviam, o visitador preparava-o para saber a ver-
dade sem perigo, e para sair da amargura sem crise.

Os seus olhos perscrutadores seguiam na fisionomia mudável, ora as sombras, ora a luz, calculando o estado da alma e os abismos da paixão. Dado o choque mais forte, o que procurava era trazê-lo insensivelmente da certeza à dúvida, tornando mais fácil assim, e menos violento, o último abalo de que esperava tudo.

Fazendo-o assentar junto a si, e pegando-lhe na mão, o padre Ventura, depois de curta pausa, acudiu com bondade:

— Ora pois! Adiante da sepultura não há nada; disse eu; mas quando ela não nos roubou tudo, o coração embora chore, ainda pode ter esperança. Não há tempestade, depois da qual não bri-
lhe o sol...

— Esperança, meu padre! Qual? — acudiu Jerónimo com desalento. — Não estou aqui preso para ser condenado talvez amanhã; longe de todos, aborrecido como assassino, e detestado até por ela...

— Quem sabe? Teresa vive; é o importante; será fácil convencê-la de que está inocente; porque o golpe...

— Padre Ventura, todo o meu sangue me parece pouco para resgatar uma gota do que fiz correr... — interrompeu o mancebo.

— Acredito. Então porque nos afligimos? O que é irremediável nesta desgraça para perdermos a esperança em Deus, a fé, e a alma com as blasfêmias do suicídio? Se a visse, se ela o ouvisse...

— Vê-la! Eu?!... — gritou o preso, erguendo-se com ímpeto, cerrando os punhos, e fuzilando-lhe nos olhos outra vez o clarão, que aterrava o visitador — vê-la? Falar-lhe?... Não sabe, padre, que me costumei a viver com a minha ideia, e não com a mulher que fez de um coração crédulo o escárnio dos seus caprichos, o preço infame dos amores do rei...

— Silêncio, louco! — exclamou o jesuíta.

— Que não a vejo a ela, mas ao anjo que vi crescer, que adornei, que era a guarda e a estrela da minha vida? — prosseguiu o mancebo cada vez mais arrebatado. — Vê-la, à pérfida que me deixou chorar, e sem dó foi nessa noite negar as suas promessas, e rir-se delas nos braços a que se vendeu?... Que me importam as palavras? A boca, que as profere, não beijou os lábios de um príncipe?... Esta ideia é fogo que está a arder-me aqui! — e levou a mão convulsa à testa contraída. — Quando recordo aquela noite, em que padeci mais do que se há de penar no Inferno em séculos de eternidade, sobe-me a vingança ao coração, e sinto uma nuvem cobrir-me os sentidos e o juízo!... Não a vi, como o vejo aqui, padre Ventura; não a ouvi dizer-lhe o que não se diz com tanto amor nem a um esposo; palavras que me cortavam a alma, e me faziam mil vezes morrer de júbilo, se fossem para mim?!... Vê-la?! Não a conheço; não a amo! Sabe porque choro, porque não quero, nem posso resistir? É por ser obrigado a sepultar doze anos a flor e a glória da minha vida no desprezo de uma hora. O mundo é grande; conheço; mas sabe o que é nele pequeno? O coração humano! No meu, depois de queimada pela vergonha a imagem que foi tanto tempo a sua companhia, não ficaram senão cinzas. Um sopro mais forte que as levante, e não resta nada! Vossa paternidade bem vê que assim não se pode viver!

O visitador cruzou os braços e inclinou a cabeça. As suas pálpebras molharam-se de lágrimas. O peito apertou-se-lhe e gemeu. A amizade paternal, que o trouxera ali, sentiu a dor cortante que nos trespassa junto do filho moribundo; mas o espírito não se curvou, nem a inteligência cedeu.

Diante do perigo, firmou-se e juntou as forças.

Depois de um instante de reflexão, percebeu que era chegado o momento de arriscar tudo, de perder ou ganhar a vitória em um só lance. Só um abalo repentino podia suspender a crise, cortar a demência, e pelo espanto dar à razão o tempo de não sucumbir.

O jesuíta não hesitou. Erguendo a fronte e fazendo tremer a vista desvairada do mancebo diante da severidade fixa da sua,

estendeu a mão sobre ele com autoridade, e disse naquele tom, que subjugava a alma dos outros à vontade inflexível da sua:

— É falso! Teresa não amou, nem ama ninguém! A que viu não era ela!

Jerónimo, escutando-o, recuou diante das suas palavras, como se recua de uma espada nua apontada ao rosto. Os olhos pasmados, a respiração opressa, e a imobilidade apática do rosto, diziam a revolução profunda causada por esta voz, que outra vez acordara no seu coração esperanças e desejos, que supunha mortos.

— Não era ela?! — repetiu maquinalmente depois de uma pausa.

— Não! — redarguiu o padre, dando ao monossílabo toda a força.

O mancebo olhava sempre como um homem despenhado de grande altura, e salvo por um milagre, quando ainda duvida se existe, ou se tudo o que o rodeia é ilusão.

— Os meus olhos não viram? Os meus ouvidos não ouviram? Eu não estava ali, não conheço a sua voz?... Qual de nós estará louco, padre Ventura? — exclamou por fim com uma risada dolorosa, que lacerava a alma.

— Aquele que duvida! — replicou o jesuíta sempre no mesmo tom.

— Então os sentidos mentem? O que se apalpa chama-se ilusão? Tudo isto foi um pesadelo, e nada mais?

— Não! As coisas existiram; mas as pessoas foram outras.

— Assim o príncipe real não era o príncipe? — insistiu Jerónimo com a ansiedade do homem que nega com receio de crer de leve a boa nova.

— Sua majestade el-rei D. João V esteve ali, e até recebeu uma ferida leve da sua espada!

— E Teresa?... Não lhe vi correr o sangue quase nos braços dele?

— Não! Teresa nunca veio ali!

— Padre Ventura — disse o mancebo depois de alguns instantes de aflitivo silêncio, em que se lhe ouvia bater o coração no peito — a sua boca sempre foi verdadeira, mas agora!... Sabe que enganar-me era pior do que a morte? Sei que me deseja bem;

é um sacerdote virtuoso, inimigo da mentira e da traição; tenha dó e piedade! não exacerbe a minha paixão; neste momento sinto que posso de repente enlouquecer aqui aos seus pés de júbilo ou de dor...

— Cristo para convencer o apóstolo — redarguiu o padre — disse-lhe só: olha e toca! Eu, pecador e mortal, seguirei o seu exemplo, e perguntarei ao incrédulo: que pedes para acreditar?

O capitão, com a vista e a fisionomia exaltada, deu alguns passos incoerentes, estendeu os braços para o italiano, e clamou com profunda angústia:

— Padre! Padre! A razão não tem forças para tanto! O coração não pode com mais ânsias. Veja bem: é a vida ou a morte! Teresa está inocente? Sobre a sua alma jura-me que os meus olhos mentiram?

— Juro! Teresa não veio ali.

Houve outra pausa. No rosto de Jerónimo a dúvida e a certeza, a alegria e a desesperação, apareciam, sumiam-se, e voltavam rápidas como as comoções que o agitavam. A cabeça, por fim, desfaleceu; o coração abriu-se aos prantos; as lágrimas, muito tempo represadas, correram livres pelas faces. Mas, passado um instante, o luto da alma tornou a cobrir-lhe o semblante; o brilho da vista esmoreceu; a expressão serena turvou-se; e, pondo-se de pé com ímpeto, gritou:

— Não! Não! Eu vi! É impossível!...

— Então sabe que feriu a Teresa? — disse o padre tentando o derradeiro esforço.

— Sim!

— Protesta que a viu banhada em sangue?

— Vi!

— E se ela se descobrir, e mostrar que não tem sinal do golpe; e se aquela, que na realidade recebeu a ferida, lhe aparecer e patenteiar a cicatriz, duvidará ainda?

— Se tudo fosse assim, padre Ventura, não o negava; caía de joelhos com as mãos erguidas, e diria: meu Deus! Mais cem anos de martírio como este, contanto que este sonho dure!

— Bem! Agora as provas! — replicou o padre, dirigindo-se para a porta, e voltando passados instantes com Teresa pela mão.

Cecília seguia-os, ainda pálida e fraca, pelo braço de Frei João dos Remédios.

— Eis o instante que o perde ou salva! — murmurou o visitador ao ouvido da donzela. — Ânimo e paciência! Não se esqueça das palavras que há de dizer-lhe.

Enquanto o italiano abria a porta do aposento, e fazia sinal aos que o esperavam ansiosos, o mancebo tinha-se assentado e, com o rosto entre as mãos, não dava acôrdo do ocorrido.

De repente descobrindo os olhos, à voz do jesuíta, achou diante de si todos aqueles que não contava tornar a ver, e foi tal o sobressalto, que lhe passou pela vista um relâmpago, e que se pôs de pé como se oculta mola o tocasse, e sem vigor caiu de novo na cadeira e quase nos braços do visitador.

Fez-se então um grande silêncio. O gesto do padre, trémulo a seu pesar, e inclinado sobre o corpo de Jerónimo, era o único sinal de esperança, que animava todos os corações.

— Foi um sonho — murmurava o mancebo com os olhos fechados — um sonho, de que seria crueldade acordarem-me! Quero vê-la ainda. Diziam que vivia! Enganavam-me! Veio do Céu, e está-me chamando!

— Não, Jerónimo — acudiu em voz suave Teresa, pegando-lhe na mão — não é um sonho. Soube que não podia viver assim, e venho dizer-lhe que a experiência acabou, que o amo, e que nunca amei a outro!

Eram as palavras ajustadas; era a alusão ao último adeus trocado no quarto de Teresa, quando Jerónimo se despediu.

Ouvindo-a, o capitão levantou-se com ímpeto, abriu os braços, e como se música invisível o atraísse, pasmou a vista absorta, e com os lábios anelantes pareceu deixar fugir a alma atrás do último som desta voz amada.

Depois estremeceu; olhou em redor; e soltando a mão deu um grito, e apertou a cabeça entre os punhos, como se uma dor atroz lhe rasgasse o peito.

Vendo Teresa, recaíra na sua desesperação. A cena do jardim retratou-se-lhe na mente: e um riso irónico cingiu-lhe os beiços lívidos, e deu à sua fisionomia terrível aspeto. Desviando a donzela com um gesto, voltou-se para o jesuíta, que o observava, e disse:

— O que vem fazer aqui esta senhora? Não sou rei, não sou príncipe! Não lhe posso oferecer senão as penas que lhe devo, e um lugar na sepultura que me abriu.

— Jerónimo! — murmurou Teresa, com os olhos turvos não de ira, mas de compaixão.

— Meu Deus! — soluçava Cecília em voz sufocada, e erguendo a vista lacrimosa para o Céu — como as suas palavras ferem! Como caem sobre mim! O mundo será como ele injusto, e sem misericórdia?

— Diga-lhe que se enganou — prosseguiu Jerónimo no tom baixo e vibrante, que anuncia as tempestades da alma. — Esta prisão é miserável para a amante de um rei. Veio para lhe levar a notícia da minha morte, e negociar com ela? Pode ir segura! É mais um colar de pérolas com que ornerà o peito em escárnio do amor vendido, e do coração que traiu!

Cecília chorava de pejo e de pena. Teresa colhia no rosto do jesuíta paciência e resignação para conter o orgulho. Este, pegando então no braço do mancebo com veemência, e arrastando-o quase, trouxe-o para junto da donzela, e exclamou com imenso império:

— De joelhos, louco! De joelhos! Peça a este anjo que lhe perdoe, porque veio consolar a sua mágoa, e salvá-lo do abismo. Abra os olhos! Quem amou o príncipe, sem saber a sua qualidade, em toda a inocência e candura, não foi Teresa, era Cecília! Quem recebeu o golpe da sua espada, e por milagre resistiu, também foi ela. A voz que ouviu era a sua; a carta que lhe entregaram não veio para outra. Veja o sinal da ferida; veja no seu rosto a amargura das dores. Sua irmã quase que se levanta do sepulcro, para o persuadir a ser feliz! Duvida?! É tão ingrato que não tem voz para louvar a Deus e chorar os erros do seu delírio?

E acompanhando as falas das ações obrigava-o a ver e a desenganar-se. Quando concluiu a última frase, Jerónimo soluçava aos seus pés. Estava salvo.

O visitador tinha escolhido com rara sagacidade o momento para tentar o lance decisivo. Um minuto mais cedo podia causar a loucura pela alegria; um minuto mais tarde, e as trevas que já escureciam a alma, podiam condensar-se para sempre! Assim mesmo foi tão grande o abalo, que o capitão debalde procurou a voz, e não achou senão as lágrimas.

Os espectadores desta pungente cena exprimiam no semblante a ansiedade com que tinham esperado o efeito delas. Agora que o perigo estava passado, e que o mancebo lhes era restituído quase milagrosamente, o pranto, silencioso também, das duas meninas, revelava a força de espírito que lhes fora necessária para reprimirem a ternura e a piedade.

Frei João dos Remédios, que desde o princípio ficara imóvel como uma estátua, e sem ânimo nem para respirar, uniu as mãos, e erguia os olhos húmidos ao Céu. Sentia de menos um peso enorme.

— Vencemos! — disse o padre Ventura com uma satisfação que depois do êxito revelava o excesso do seu receio. — Deus teve compaixão dele, e concedeu-lhe um toque da sua graça. Agora temos homem. É deixá-lo sossegar. Aquele triste coração padecceu e gemeu tanto, que precisa de paz e de silêncio alguns instantes para tornar a si. Então, padre-mestre, não lho dizia! Não vimos aqui duas heroínas apesar de tão extremosas e sensíveis! Não há nada como o amor para fazer estes prodígios.

— Decerto, sem dúvida! — respondeu o frade, que tinha ainda na garganta um nó.

Jerónimo, sem proferir palavra, ergueu-se dos pés do visitador, e foi ajoelhar-se diante de Teresa, pegando-lhe na mão, e cobrindo-a de ardentes ósculos. A vida que sentia florescer de novo, via-se-lhe nos olhos cheios de ternura, lia-se na adoração com que a contemplava.

— Perdoas-me? — exclamou por fim em voz trémula. — Não fui eu, foi um louco, um desgraçado que duvidou! Devia morrer na hora em que cheguei a acreditar!...

— Sossegue, Jerónimo. Não é a mim, mas a Cecília, que deve pedir perdão. Eu posso amar e ser feliz ainda, mas ela!... — Um suspiro e uma lágrima, preciosos em um coração tão altivo, interromperam-lhe as palavras.

— Minha irmã, minha querida Cecília! — acudiu o mancebo, beijando-a na testa, e recuando com pasmo ao notar a palidez transparente do seu rosto. — Oh, como padeces! — prosseguiu comovido. — Que dor te cortou a alma por minha causa! Quem há de consolar-te, e fazer-te feliz agora?...

— Deus, e a alegria dos que estimo! — replicou a donzela com tristeza. — A culpa de tudo foi minha; vim aqui para remediar o que tinha remédio. Jerónimo, perdoe-me um erro que foi do amor e não do coração. Ambos chorámos tanto, que não sei qual pode queixar-se mais!

— Mas o teu sangue, o sangue de minha irmã, que eu deramei?...

— Não se acuse do que não fez... Não fui eu meter-me entre as espadas?

— Bem! Muito bem! — atalhou o padre Ventura, sorrindo para disfarçar a sensação causada pelo que ouvia, e virando-se para o procurador de São Domingos. — Visitamos os enfermos, e ficam sãos. Agora acabemos a obra, tratando de soltar os encarcerados. Cecília! — acrescentou com um toque de piedade na voz — então? sempre persistimos na antiga resolução? Sente-se com a necessária força para ir e para o ver? Sei a grandeza da sua alma, mas esta dor pode dispensar-se; o sacrifício deixa de ser meritório quando é excessivo...

— Meu padre, já disse: tenho ânimo para tudo. Bem sabe! A única alegria que ainda podia ter era vê-los felizes e unidos. Agora tenho pressa de dar o último passo... Sou de mais no mundo.

— Pois sim; mas não nos precipitemos — e baixando a voz de modo que só ela ouviu. — Acha-se com forças para dizer o mesmo no lugar aonde vai? Não o ama ainda?...

— Hei de amá-lo sempre! Que importa? Neste mundo só Deus e vossa paternidade o sabem.

— Há alguém de mais no segredo, que nos pode atraiçoar, minha filha! — redarguiu o jesuíta, meneando a cabeça.

— Ele? — acudiu a donzela, cuja palidez se corou de rosas.
— Talvez adivinhe!

— Não, referia-me ao amor, Cecília. O futuro lhe dirá que não se morre, mesmo na clausura, se o coração deseja viver, e olha para fora.

— Creio em Deus e na Sua graça, padre visitador.

— Todos cremos. Mas!...

— Hei de ter valor...

— Da boca para fora; e dentro?...

— Viverei com ele na alma; não é crime. Cuida que fico só?

— O que receio é que não possa viver sempre. Quer que vamos? Teresa e Frei João não saem daqui. Para nós o mais difícil ainda está por fazer.

— Paciência! O derradeiro suspiro sempre custa agonia. Não hei de chorar, nem tremer: verá! É o último adeus.

— Filha! filha! Não prometa!

— Oh, se aqueles soubessem o mal que me fizeram!... Ainda bem que são felizes — disse com as lágrimas nos olhos, e melancólica resignação na voz.

— Porque não quer vencer-se, e esperar em Deus também?

— Porque acordei tarde, padre, e não está já na minha mão. Não faço falta a ninguém. Teresa consolará minha mãe. Vamos! O jesuíta deu-lhe a mão sem responder, e foram ambos.

Teresa e Jerónimo, esquecidas as passadas mágoas na beatitude presente, estavam tão longe de tudo, que não perceberam a saída.

Frei João, sentado e pensativo, fitava os olhos nos dois amantes, e seguia com a ideia a educanda. Ele é que avaliava bem, mais o visitador, o imenso sacrifício da donzela; por isso, de momento para momento, uma lágrima corria pelas suas faces, e um suspiro exalava-se-lhe do peito, quando os lábios trémulos murmuravam: — Pobre Cecília!

XL SOU REI!

Saindo da prisão do castelo de Lisboa, com Cecília, o jesuíta dirigiu-se ao paço da Ribeira, para onde o príncipe real mudara a residência, apenas faleceu Pedro II.

Pelo caminho, enquanto a sege rodava, ora trepando, ora descendo as ruas íngremes e tortuosas da cidade, o padre Ventura repetia as últimas advertências à educanda, apropriando as palavras ao seu estado, admirado interiormente da fortaleza do seu espírito. Em anos feitos para mais se escutar a paixão do que o dever, a irmã de Teresa não deixava escapar o menor sinal que traísse a profunda e incurável dor que a tinha trespassado. Como se nada tivesse ocorrido, o sorriso nos seus lábios era sereno apesar de melancólico; a doçura e a resignação da alma liam-se-lhe nos olhos reflexivos, ao passo que uma sombra de tristeza, caindo-lhe como véu ligeiro sobre as feições, aumentava o interesse ao semblante pálido, e exprimia uns longes da saudade, com que o coração sempre diz adeus aos sonhos, que foram a sua esperança e alegria.

Quem a houvesse conhecido primeiro, e a contemplasse agora, em vão buscaria na fisionomia pensativa de Cecília, aquela graciosa mobilidade, aquela espirituosa animação, que constituíam

a sedução e o encanto da sua beleza. A mágoa, passando, apagara dela os risos e as rosas.

As pupilas negras, cujo brilho se molhava no fluido suave da ternura, tinham perdido o calor e a luz; e se acaso se volviam ao Céu, ou por momentos faiscavam, baixando-se à pressa, turvas de lágrimas mal queimadas, escondiam a nuvem sob as pálpebras, lânguidas com o peso da angústia.

Ao visitador nenhuma destas mudanças se ocultava, e hábil em apreciar a extensão do golpe, pasmava consigo mesmo da grandeza moral, capaz de suportar o infortúnio com o heroísmo do silêncio, exacerbando as próprias penas para minorar as alheias, e chorando dentro da alma a viuvez eterna dos afetos, sem que o sangue do seu pranto, e a dor que o derramava, arrancassem um queixume à boca, nem à vontade uma só fraqueza!

— Meu Deus! — dizia consigo o jesuíta pensativo — que insondável mistério é a vida humana, e como o mais velho e experiente no conhecimento das paixões fica pequeno e humilde a cada instante! Cuidei que sabia alguma coisa do coração, porque o estudei primeiro em mim, e depois nos outros. Vaidade das vaidades! Uma criança ignora talvez menos. O forte sucumbiu, e prostrou-se à desgraça; o soldado afeito a desafiar a morte, não se atreveu com medo da solidão a separar-se do amor; e uma donzela melindrosa cheia de ilusões, na flor da formosura, no maior extremo da ternura, achou de repente o ânimo dos heróis, e a abnegação dos mártires! Ontem ela é que tremia; hoje ela é que nos consola!... Aonde reside o segredo disto?...

Como se adivinhasse as meditações do visitador, Cecília ergueu a vista, e disse-lhe com o delicado sorriso que tanto pungia nos seus lábios:

— Se me afirmassem, padre Ventura, que isto havia de suceder, e que eu resistia e tinha forças para vir aqui, para tornar a vê-lo e a escutá-lo, sabendo que o amo, sabendo eu o amor com que ele me estremece, dizia que era impossível, e protestava morrer primeiro. E veja! Sou de todas as criaturas a mais infeliz, porque no mundo aonde cabe o mendigo, não me cabe o coração; e assim

mesmo posso com a cruz, trago os olhos enxutos, e a saudade corta-me, mas não me mata!

— Louve a Deus, filha, e creia na sua bondade! — respondeu o jesuíta com os olhos arrasados de água. — Ele gradua-nos as forças conforme o sacrifício.

— Creio em Deus, padre visitador, e hoje mais do que nunca! Quer que lhe diga? No Céu, aonde não há reis, nem príncipes, aonde tudo é amor e júbilo, o esposo há de unir-se à esposa, e aqueles que as vãs soberbas do mundo separaram não hão de formar senão uma só alma e uma paixão. Creio em Deus, peço-lhe fé e conformidade, e hei de ressurgir da sepultura aonde vou penar, nos braços dos serafins, cantando os louvores eternos, e velando em espírito e sem crime por quem... teria nascido para mim, se um reino e um povo não valessem mais do que o extremo de uma mulher. No excesso do amor, acho até a mágoa suave, porque me sacrifico para ele ser livre e poderoso; para ele reinar como um grande príncipe!... A mim basta-me a saudade!... e a notícia de que se lembrará alguma vez do tempo em que... sonhámos sem saber o perigo!

O padre Ventura tinha tudo disposto no paço para o desenlace do seu plano.

Diogo de Mendonça, que tomava a peito a sorte de Jerónimo, mas com as precauções de hábil cortesão, encarregou-se de proporcionar uma audiência à educanda. Instruído da verdadeira causa da ira de sua majestade, acrescentou com um sorriso, e um movimento de ombros particular, que os mares se iam acalmando, e que o benfazejo coração de el-rei não resistiria às súplicas de uma menina formosa e compassiva.

O conde de Aveiras, e D. Luís de Ataíde, desejosos de concorrerem da sua parte para a soltura do mancebo, e o primeiro zeloso como amante em cumprir as ordens de Catarina, ajustaram acompanhar a donzela até à porta do gabinete do príncipe, ocultando-lhe o nome, e esperando a ocasião que a sabedoria do visitador julgasse mais oportuna para ela ser introduzida.

Ao mesmo passo, e sem nenhum deles o suspeitar, o corregedor do crime, aproveitando a entrada, que o seu génio e veia

chistosa lhe davam com o soberano, perdeu o receio desde que teve nas mãos o papel escrito pelo noivo de Teresa, e sem demora expôs a cabeça resolutamente ao temporal, sustentando, contra as já minoradas repugnâncias do monarca, uma contestação que faria empalidecer os áulicos de ofício, se assistissem à prática que a esta hora se estava travando entre o príncipe e o vassalo!

Tudo conspirava portanto a favor de Jerónimo; e como succede não raras vezes, até os acasos caíam para o lado dele!

Desde que há inteligências em uma praça, indiferente é entrar pelas portas, ou por uma de suas brechas.

Foi o que aconteceu ao padre Ventura e a Cecília logo que chegaram. Munidos do competente aviso, nenhum dos oficiais menores do paço opôs dificuldades; e até o porteiro da cana arregaçou os círculos das suas três barbas para dar um gracioso ar de riso ao plenilúnio da face, cumprimentando a devota roupeta de Santo Inácio, de que era irmão indigno.

El-rei despachava em um gabinete que abria para a sala da galé por um dos lados, e deitava sobre o eirado pelo outro. Os archivos de guarda tinham ordem de deixar passar o secretário das mercês, logo que saísse o corregedor do crime, e o camarista de semana, conde de Aveiras, esperava com o ministro (bastante impacientes ambos) que terminasse a conferência do Camões com sua majestade.

Na corte até o relógio é origem de ciúmes e de inquietações.

O tempo concedido a qualquer súbdito, sobretudo notando-se a boa sombra do soberano, calcula-se escrupulosamente, e serve de regra a fim de se graduar pelos quilates do valimento o ódio espontâneo e a curvatura de dorso, devidos ao ditoso mortal assim honrado.

Diogo de Mendonça, que estava a merecer, e que sabia que tinha grandes inimigos, ensarilhava os dedos uns nos outros, silenciosamente, com a pasta debaixo do braço.

O conde, amante e confidente, tinha pressa de fazer um serviço agradável à sua noiva, e de colher um segredo no caso de ele existir.

Ambos, pois, e por motivos diversos, encomendavam pouco a Deus a pessoa do Camões, mostrando no rosto se não cuidado, pelo menos alguma apreensão.

Neste momento apareceu o jesuíta, trazendo pela mão a educanda, coberta do seu véu, e trémula de todas as comoções que deviam combatê-la em tal lugar, e próxima a entrar num lance para que se tinha preparado, mas que assim mesmo a sufocava.

Apenas os passos subtis do seu aliado escorregaram ao de leve pela alcatifa, e o sorriso fino e penetrante daqueles olhos italianos lhe fez uma interrogação, o secretário das mercês adiantou-se. Depois de beijar na testa a neta de Lourenço Teles, segundo o costume, e de a confiar à proteção do conde e de D. Luís (que passeava perto) pegou na mão ao visitador, correu a vista em redor com vigilância, e pondo os dois ombros direitos (caso raro!) encaminhou-se sem mímica para um quarto reservado, fechou a porta, e atirada a pasta com arremesso para cima da mesa de reposteiro vermelho, disse, meneando a cabeça e olhando fito:

— Sabe vossa paternidade, que eu dava muito dinheiro por estar outra vez em Holanda, apesar da humidade e da sopa de cerveja?

— Porquê? — redarguiu o padre, investigando o olhar perscrutador, que ele lhe dirigia. — Acha-se em perigo? Sua majestade já entrou em Salento, ou mandou tirar para o estudar o papel de Idomeneu?

— Salento é uma história! Antes Salento! Sabe que mais? Roque Monteiro, tenho medo que venha acima de água, e que me deite ao fundo a mim com dois penedos aos pés. Falei a el-rei no caso das cartas de Saboia; disse-lhe o que ajustámos; ouviu-me tocando tambor sobre a copa do chapéu; e creio que não riu pouco da triste figura que eu fiz. Demónio! Depois despediu-me com um tom muito sério, acrescentando, que ele examinaria! O que há de ele examinar? Não sente nisto as pegadas do lobo?

— Vossa senhoria é apreensivo. E o papel deu-lho?

— Certamente. Fechado e lacrado como o recebi das mãos de vossa paternidade.

— Muito bem! — concluiu o jesuíta serenamente.

— Muito bem?! Muito mal, digo eu! Há dois dias, que não pude tirar de el-rei senão um leve aceno de cabeça. Estou à espera, à saída do despacho... Sua majestade lembrar-se-á de me dar cama e mesa em uma de suas torres? Esta demora com o correedor do crime!...

— Melhor o há de fazer Deus! — atalhou o jesuíta, sorrindo.

— O desafogo de vossa paternidade é que eu agradeço! — acudiu o ministro. — É verdade que quem há de ir para a cadeia e padecer sou eu! Porém mereço-o pela minha nímia boa-fé. Meti-me como um parvo na boca do leão...

— Pelo contrário, parece-me que se tirou — disse o padre, dando ao rosto uma sombra de ironia.

— Parece-lhe a vossa paternidade? Pois a mim não! E o caso de ir de alçapões abaixo em São Julião, ou no Bugio, não se resolve com a vaidade de meras conjeturas. Também ao conselho da fazenda pareceu a semana passada que dois e dois eram cinco, e el-rei pôs-lhe por cima em bela letra que eram quatro!...

— Pode ser. O conselho devia saber somar. Mas quanto aos papéis, sei decerto que el-rei já os examinou.

— Vossa paternidade sabe, e não teve dó de mim, tirando-me da aflição em que estou? — exclamou o ministro, erguendo os braços, e assestando os óculos à pressa. — Pois eu não sou tão discreto, e por isso direi...

— Que os regimentos para o governo da América foram assinados anteontem, e estão a expedir-se? Não me queria dizer isto? — interrompeu o visitador, placidamente.

— Queria, queria; mas!... Tomara eu saber aonde se metem os curiosos que informam a vossas paternidades?! Têm olhos e ouvidos em toda a parte.

— Não se admire. É porque fazemos pouca bulha, e cabemos em qualquer lugar. Sei o muito que a Companhia deve neste negócio a vossa senhoria; e não lhe oculto que era o maior que podíamos ter no tempo atual. Agora vou mostrar-lhe que não somos ingratos, nem pouco zelosos. Conhece esta letra e estes

selos? — acrescentou, abrindo o peito da roupeta, e mostrando-lhe um maço de papéis.

— É a letra de el-rei, que Deus haja!... São as malditas cartas de Saboia! Ah! — E todo alvoroçado e convulso de alegria, Diogo de Mendonça abraçou o vácuo umas poucas de vezes, e deixou cair os óculos e partirem-se no sobrado, o que era sempre o seu rasgo usual nos grandes movimentos trágicos. — São elas em corpo e alma! — acudiu de novo, estendendo a mão para os receber.

— Um instante, se permite! — acudiu o padre, conservando-os sem lhos dar. — Não deseja saber o modo por que se realizou o milagre?

— Depois, depois! — gritou o secretário das mercês. — É preciso ver primeiro se o ladrão de casa não deixou alguma esquecida na pasta...

— Antes, antes! — repetiu o jesuíta, rindo, e negando-lhas. — Quanto a saber se falta alguma, como o segredo de estado proibia a vossa senhoria abrir o maço, e sei que era incapaz de uma curiosidade pueril contra as ordens de el-rei, não vejo a maneira de se esclarecer... Sobretudo estando elas dentro de uma capa, e com os selos firmes.

— Tem razão vossa paternidade! — disse o diplomata um pouco mortificado da lição. — Três mil vezes razão! O que maravilha é estarem os selos inteiros depois de alguém ler... porque leu, ou adivinhou, como quiserem!

— Se fizesse a honra de me ouvir, e é o que lhe peço há meia hora, não se admirava.

— Sou todo atenção! Desculpe vossa paternidade os movimentos naturais...

— Pois bem! — prosseguiu o italiano com um gesto, que obrigou o secretário a engolir o resto do discurso. — O papel lacrado, que por conselho meu entregou a sua majestade, encerrava a história de toda a infame intriga de Roque Monteiro, contada por mim, e atestada pelo ladrão subalterno... aquele célebre Tomé das Chagas que nós conhecemos...

— Ah! E depois? — acudiu Diogo de Mendonça com ansiedade.

— Depois, el-rei nosso senhor faz-me a graça de não me olhar mal, e ordenou ao conde de Aveiras, que me fosse chamar da sua parte, porque me queria ouvir.

— Grande ideia tivemos! teve vossa paternidade, quero dizer. Eu não inventei nada, nem a pólvora, que é obra dos frades. E chamam-me esperto! Mas queira continuar, e desculpe as interjeições!...

— Sua majestade ouviu tudo da minha boca.

— Tudo? — atalhou o ministro um pouco sobressaltado. — Também a história da nossa conferência no meu gabinete?

— Essa era para os cegos de lá; quero dizer: essa devia-lha contar Roque Monteiro, se a soubesse; felizmente ignora-a; porque vossa senhoria e eu somos pouco chocalheiros.

— Famoso! Famoso! — exclamou o diplomata, esfregando as mãos.

— Como esperava, e lhe assegurei — prosseguiu o visitador — el-rei formalizou-se com a insídia de Roque Monteiro; e duas palavras que deixei cair sobre a justiça de Trajano, acabaram de vencer a nossa causa no seu espírito...

— Muito bem! Se lhe tocasse na continência de Cipião duvido que fizesse o mesmo — interrompeu o secretário, rindo e beliscando a orelha com delícias. — Sua majestade, que Deus guarde, leu com fruto a história de Salomão... Imita-o na sabedoria, e... em tudo o mais. Nosso Senhor seja louvado!

— Cipião era republicano, e pareceu-me pouco delicado citar a el-rei exemplos que não viessem de um trono — redarguiu o italiano com o sorriso cheio de finura. — O caso é que sua majestade, acabada a audiência, disse-me que fosse descansado, que ele daria uma severa lição a Roque Monteiro; e quanto a vossa senhoria, que lhe guardasse segredo, mas que ainda o estimava mais depois do seu ato de sinceridade...

— Grande príncipe! Note vossa paternidade os talentos verdadeiros que mostra, distinguindo as boas qualidades dos seus vassallos. El-rei acha-me sincero, e alguns detratores acusam-me justamente do contrário... Que deitem fogo hoje a essa mina e

verão! Eu é que hei de rir. E depois, senhor padre Ventura, depois? Estou sempre a interrompê-lo. É um mau hábito.

— Depois el-rei pegou na pena, e passou ordem a Roque Monteiro para entregar ao portador *todos* os papéis de estado que estivessem em seu poder. O portador era eu.

— Percebo! Que triste cara havia de fazer com vossa paternidade ao lado! Até um besouro se ria dele!

— Nada; achei-o muito dócil, muito discreto. No princípio quis honrar-me até com uma falsa confidência; mostrei-lhe que sabia o seu jogo; falámos muito do tratado de Methwen, que teve a glória de negociar... e despedimo-nos bons amigos.

— Mas vossa paternidade com os papéis na mão?

— Está claro. A que ia eu lá? O Sr. Roque Monteiro foi logo ao paço, e encontrou sua majestade a tempo que subia a escada de mármore para ir à galeria do terraço. El-rei deixou logo cair a viseira, o que o torna outro, e voltando para ele só meio rosto, disse-lhe: «Roque Monteiro, está o tempo lindo para uma jornada até à província. Quando parte?» Vinha pedir exatamente as ordens de vossa majestade! (respondeu o seu amigo, que também desde ontem receio que o seja meu). «Pois bem (repetiu sua majestade) aproveite a ocasião, vá ver as suas terras, e demore-se. A lavoura é útil à alma e ao corpo!» Depois deu-lhe a mão a beijar sem lhe pôr os olhos, e acabou de subir, não acrescentando mais.

— Roque Monteiro desterrado?! Bravo!

— Eu tinha dito a vossa senhoria que Roque Monteiro havia de achar o tempo bonito para uma jornada às suas terras.

— Tinha! Tinha! Mas parece-me ainda um sonho.

— Aqui tem agora as cartas; el-rei insinuou-me que deseja que vossa senhoria lhas entregue pessoalmente. Como está satisfeito com os seus serviços, é provável que lhe dê algum testemunho hoje mesmo...

— Vossa paternidade é mágico? — gritou o diplomata, radioso.

— Não senhor, sou exato. O decreto que o nomeia secretário de estado acha-se lavrado. Logo o ouvirá da boca de el-rei. Agora

trate de ser bom cavaleiro: os primeiros-ministros de facto, e não de direito, parecem-me os mais seguros.

— Se os tratados das potências se executassem como o nosso, senhor padre Ventura — disse Diogo de Mendonça, abraçando-o — não andava o mundo em guerra. Como hei de agradecer a vossa paternidade tanta amizade?

— Desejando-me boa viagem, e dando-me as suas ordens para Itália.

— Então deixa-nos? Agora que eu mais precisava dos seus conselhos...

— Vossa senhoria não precisa senão de duas coisas para ser grande ministro: vontade e ação! Querer deveras, e obrar sem medo!

— E o nosso Jerónimo? — perguntou o ministro para fugir de um terreno desagradável.

— Vamos ver se o milagre se faz! Receio que tenhamos de nos contentar com um perdão pouco generoso. El-rei duvido que o deixe ficar em Lisboa, e que se esqueça daquela estocada...

— Ah! A que não deitou sangue ainda me assusta mais! — acudiu o ministro pensativo. — A ferida perdoava el-rei... bastava que Jerónimo uma destas noites se deixasse apanhar em algum passe ligeiro de espada preta; mas cioso e altivo como é sua majestade em amor e poder...

— El-rei nosso senhor permite que o padre Ventura chegue à sua real presença! — disse da porta o conde de Aveiras.

O secretário das mercês engoliu à pressa o resto das reflexões, e pegou na pasta, alquebrando o ombro. O jesuíta inclinou-se em silêncio, e seguiu o camarista de semana.

O príncipe estava em uma cadeira de braços, de belo lavor, com espaldar e assento de veludo. Diante dele a mesa, coberta de um pano franjado do mesmo estofó, achava-se cheia de papéis, sobre os quais, e ao acaso, descansavam alguns volumes. A escrivaninha de prata maculada de tinta, e uma pequena pasta verde, que sua majestade fechou logo que se franziu o reposteiro para abrir passagem ao visitador, mostravam que el-rei tinha passado a manhã a trabalhar.

As cortinas das janelas desciam em grandes pregas tomadas em garras de prata; e o forro das paredes de damasco escarlate, com filetes doirados, formando molduras largas, davam ao aposento pequeno e oblongo um aspeto nobre, mas severo.

Segundo o cerimonial de então, só havia no aposento a cadeira em que o príncipe se assentava. Dois tremós de pau-santo, de talha alta e voltas de dragão nos pés, guarneciam os lados carregados de objetos curiosos da China e do Japão.

Defronte da mesa do despacho, com o mostrador virado para o rosto de sua majestade, admirava-se em uma banca de charão e madrepeírola o magnífico relógio de sala, esculpido como um primor de Benvenuto Cellini, e menos precioso pelo ouro, do que pela raridade dos labores. Este relógio, presente de Luís XIV a D. Pedro II, tinha um registo de música, ao som do qual saía uma risonha procissão de figuras bucólicas cada vez que batia as horas.

Apenas o jesuíta ajoelhou, e lhe beijou a mão, o príncipe, sorrindo-se, mandou-o levantar, e virando-se para ele com bondade, disse:

— Estimo vê-lo, padre Ventura! Tenho sobre que o ouvir.

O visitador inclinou-se com profunda cortesia, e aguardou calado as ordens do soberano. Sua majestade corria entretanto pelos olhos um papel. Erguendo-se, dirigiu-se para o italiano com a fisionomia aberta e certo fulgor na vista.

— Sei que vossa paternidade é prudente e de bom conselho! Apesar de ser ditado comum, que em Itália não se fala senão para enganar, espero o contrário da sua parte, quanto ao que vou dizer-lhe. Medita-se restituir o conde de Castelo Melhor a todas as honras, e ao seu exercício no conselho de estado. O que passou, acabado está; e depois do seu desterro ele prestou grandes serviços: especialmente no caso da rainha de Inglaterra, D. Catarina, nossa tia... Persuado-me, pois, de que foram os seus inimigos, e não as suas obras, que provocaram o desagrado de sua majestade, que Deus tem em glória. O que lhe parece? Disseram-me que o conde e os padres de São Roque não viveram bem em outro tempo... fale!

— O que passou, acabado está, vossa majestade o disse! — redarguiu o jesuíta serenamente. — Nós, e o conde de Castelo Melhor, ao princípio não nos entendemos; é exato; e depois estivemos em guerra; também é verdade. São duas coisas que facilmente se explicam; porém hoje não há razão para nenhuma delas; e com grande satisfação ouço da augusta boca de vossa majestade as generosas resoluções da sua magnanimidade. A restituição do conde ao conselho honra o monarca, e serve o estado. Não está o reino tão abundante de sábios e de políticos consumados, que possa dispensar o voto de um homem como ele. Beijo a mão a vossa majestade pela graça que me concedeu, ouvindo-me!

— Mas asseguram-me que o conde está cego, ou quase cego? — observou o príncipe.

— Talvez; ignoro; mas os desgostos, e a leitura que tem tido, acho natural — respondeu o italiano. — Assim mesmo com pouca vista estou firmemente persuadido de que há de ver melhor as coisas, do que muitos que não cegaram sobre os papéis de estado.

— Bem! Noto com prazer que sabe ser justo e sincero, sem exceção de amigos, ou de inimigos. Duas palavras agora a respeito de outro negócio. O que houve entre o cavalheiro Methwen e Roque Monteiro no ajuste do tratado do comércio? Quero a verdade toda. Os exemplos severos em um reinado novo são tão necessários como os atos de magnanimidade em favor dos inocentes, ou dos menos culpados.

— Vossa majestade concede-me alguma liberdade, sendo precisa, para dizer o meu voto?

— O que não perdoaria era a falta dela. Diga!

— Há rigores impossíveis, senhor! Não se costuma punir os erros dos súbditos sobre a efigie venerável dos monarcas.

— Explique-se; não o percebo! — acudiu el-rei, olhando fito para ele, como suspenso.

— Obedeço! Roque Monteiro praticou esse ato de sua livre vontade, ou por ordem do soberano? Se o ato fosse próprio, respondia

ele, e era justo; mas se a coroa estiver adiante, e o negociador atrás, por cima de quem se há de passar para o punir? Uma sentença decapitava a memória do amo a pretexto de castigar o ministro! E os bons filhos, como vossa majestade, são tão respeitosos, que preferem sempre fechar os olhos a correrem em processo com a glória de seus pais...

D. João V deu dois ou três passeios, e, tirando algumas cartas da pasta, mostrou-as ao jesuíta, dizendo:

— Sabe o que está nestes papéis, e de quem foram?

— Vossa majestade não se dignou dizê-lo ainda.

— São informações preciosas acerca da negociação do tratado. É a conta do que se levou por ele aos Ingleses, ou antes do que nos custou a nós! Só o padre Sebastião de Magalhães à sua parte ganhou um dote de vinte mil cruzados para casar duas sobrinhas. Devo sabê-lo, e não punir? Dar-me-ia tal conselho?

— Vossa majestade permite que responda?

— Fale sem receio. A sinceridade agrada-me sempre.

— Senhor, caindo no lume por acaso esses papéis, o que sucedia?... — insinuou o padre, sem elevar a voz ao tom de pergunta, porém fazendo uma pausa, que desse lugar à resposta.

— Ficavam salvos os homens! — atalhou el-rei, mostrando pouco agradável semblante à hipótese.

— Pois bem. Se eu fosse o monarca já ardiam. Para pena dos criminosos (se algum existe) basta o desagrado do soberano. A memória do Sr. D. Pedro II pede este sacrifício. A paz do reino não o exige menos. Se os povos desconfiassem de que os vendiam aos mercadores de fora, e que a beca dos ministros cobria a venda, não era bom; era péssimo. Paro aqui.

— É o seu conselho? — perguntou D. João com aspeto severo, e o sobrolho carregado.

— Não sei outro; e muito sentiria que tivesse a desgraça de não merecer a benevolência de vossa majestade.

— Bem! Muito bem! — acudiu o príncipe mudando repentinamente de fisionomia, e com sinais de visível satisfação. — O seu voto foi o meu; e a prova é que Roque Monteiro parte

amanhã de Lisboa para a sua casa da província, ignorando o verdadeiro motivo das minhas ordens. Para não ficar com escrúpulos, figurei-me agastado com a sua opinião, e procurei animar a contrária... Padre Ventura, há ocasiões em que não posso fiar-me senão de mim. Ainda bem que Deus ilustra o rei, e o encaminha pela estrada que pisaram os mais idosos. Graças lhe sejam dadas por todo o sempre!

Esta devota jaculatória de sua majestade tinha por fim disfarçar a imensa satisfação do seu orgulho.

O príncipe, vendo as próprias ideias propostas e aprovadas, sem suspeita de lisonja, por um homem com reputação de sábio e de político, não soube conter a alma, e não o pensando, descobriu a feição predominante do carácter. Conforme notámos na sua conversação com o secretário das mercês, o jesuíta, que já conhecia o desterro de Roque Monteiro, e por ele guiara as suas reflexões, sorria-se, por dentro, da facilidade com que os monarcas se iludem, e tomam por luminosas ideias a habilidade com que são aconselhados.

Neste caso, louvando o que sua majestade praticara, e fingindo não o conhecer, o padre Ventura sem esforço nomeou dois homens grandes em um instante: em primeiro lugar o príncipe, que se julgou desde logo experiente como Sólon; em segundo lugar a si mesmo, que pela virtude de ajuizar, como sua majestade, subiu interiormente no conceito real, ganhando em mérito na proporção devida! Assim se inventam no mundo coisas raras!

D. João V deixou correr em silêncio um ou dois minutos, consagrados a saborear no mais secreto da consciência as delícias desta adulação italiana, veneno fino, que lhe insinuavam com as austeras aparências da verdade.

Mas se o espírito estava contente, e a cabeça desvanecida; se o rei se julgava predestinado por Deus com a sabedoria inata, o mancebo sentia ainda o coração bater-lhe no peito, e as ilusões florirem-lhe na imaginação. Segundo o belo dito de Carlos V em Hernâni, a coroa ainda não tinha transformado o homem em águia imperial, a ambição ainda não afugentara o amor no seu voo impetuoso.

Sua majestade, ao passo que admirava em si mesmo, com invejável ingenuidade, os dotes próprios do soberano, não tinha forças para se arrancar ao jugo suave das paixões, que dias antes eram o enlevo da sua alma, e o paraíso das suas ilusões.

A imagem de Cecília, suscitada a todos os momentos pela saudade, e exacerbada pela ausência e pelo terror dos perigos a que a julgava exposta, cada vez instava com mais força, e tomava maior poder sobre a sua vida.

Achando-se livre, depois da morte de seu pai, logo suspendeu a partida do conde de Vilar Maior para Viena de Áustria; e sem se atrever a decidir, afagava mais ou menos, segundo as fases por que passava o espírito, o projeto de seguir os exemplos novos, elevando a filha de um súbdito obscuro às honras do diadema.

Luís XIV, adiantado em anos, provado pelos reveses, cheio de experiência e desenganos, não oferecera a mão a madame de Maintenon, e não gozava com ela, sendo rei, das doçuras da felicidade conjugal?

A severa figura do velho monarca de França, cuja autoridade em assuntos de governo era tão reconhecida, não lhe proporcionava um argumento irresponsável para os antigos conselheiros de seu pai?

Por cobrir os ombros com os arminhos reais, e cingir na cabeça a coroa de ouro, deixara o soberano de ser homem, e devia unir-se sem amor, e contra o amor, a uma estrangeira que não podia suprir no seu coração o lugar que outra ocupava?

A contestação que acabava de ter com o Camões do Rossio, e da qual lhe resultara o pleno convencimento da inocência de Jerónimo, e a certeza de que a ternura de Cecília fora sempre e exclusivamente sua, assegurara maior império ainda ao afeto, acabando de desvanecer as últimas sombras do ciúme.

Cavalheiro, tinha a sua palavra empenhada, e desonrava-se faltando a uma dama. Amante (embora príncipe), parecia-lhe que o trono seria um degredo e uma solidão, se não visse ao seu lado o anjo, cujos extremosos olhos juravam à sua alma que a dela não vivia senão de esperança.

Ainda que o mundo e a distância os separassem, não bastava a memória e a saudade para fazerem das duas existências uma só? Não era o rei o primeiro fidalgo da monarquia? Quem lhe negaria o direito de pegar na mão de qualquer senhora, e de a tornar igual a si, e superior às outras?

Com o carácter e a vontade tenaz que a mocidade exaltava nas grandes ocasiões, D. João V advogava em segredo perante a sua consciência, como rei, os desejos e interesses que o seu coração nutria como homem. Antes de declarar uma resolução irrevogável, sondava em todos os sentidos a fortaleza do seu ânimo, certo de que a havia de necessitar no caso de romper com as tradições da corte, e de antepor à aliança política a aliança de amor.

O que mais o suspendia, era o receio de passar por menos hábil e prudente aos olhos dos vassallos, que podiam olhar o seu enlace como a precipitação ferosa e juvenil de um mancebo, que tinha a cabeça fraca e o espírito pequeno para chefe do seu povo, visto principiar pelo sacrifício das razões de estado, e pelo desprezo da sabedoria áulica!

A púrpura impunha-lhe deveres; o ofício de reinar obrigava-o à abnegação; querer não era tudo; os lisonjeiros inclinar-se-iam; os descontentes murmurariam; nem uns nem outros valiam meia hora de cuidado; mas os imparciais? Mas a Europa, cujos gabinetes fitavam os olhos no sucessor, tão moço, do terceiro soberano da casa de Bragança?

Não sabendo conter-se, nem vencer-se, teria força para conter e vencer os mais? Seu irmão D. Francisco, seus inimigos de Castela e de França, não aproveitariam o desgosto da fidalguia, as queixas do povo, a pobreza do erário, e o mau efeito de um passo temerário para lhe maquinarem a ruína, e apregoarem a incapacidade?

Nesta luta da ambição com o afeto, o príncipe maldizia às vezes o encargo da soberania, e invejava a isenção humilde, mas feliz, do mais obscuro dos seus vassallos. A coroa figurava-se-lhe um presente funesto, que depois de aceito, separava o rei de todos, e até do próprio coração. Descer do trono para dar a mão

à donzela sem jerarquia, em nome da recíproca ternura, não era expor-se à sátira geral, e desaparecer da cena?

O cetro larga-se com esplendor, quando se larga com a ostentação da filosofia e de uma grandeza de alma sobranceira às maiores honras; assim o deixara Cristina de Suécia; porém trocá-lo pelo cajado dos pastores, e sair do paço para abrigar a felicidade doméstica debaixo do teto rústico e campestre, mereceria o mesmo louvor, acharia alguma desculpa?

E que achesse! Consumado o sacrificio, perdido o sólio, e satisfeito o mútuo afeto, o rei, abdicando na flor dos anos, nunca mais teria saudade do trono? O horizonte ficaria puro e claro para ambos até ao fim; o pomo da discórdia não rolaria entre eles, lembrando-se um de mais, e procurando o outro esquecer sempre?

Tais eram as reflexões do príncipe à chegada do padre Ventura; e segundo se vê, o seu espírito obrigava o fiel da balança a inclinar-se, ora a uma, ora a outra parte. Vendo o jesuíta, que sabia a história dos seus amores, e os não condenara, nem descobrira, D. João V resolveu esclarecer-se ouvindo o voto deste homem, cuja serena razão lhe inspirava respeito e confiança.

O que era (a seu ver) um segredo para todos, não o podia ser para o visitador; e com ele estava em segurança, e falava em liberdade. Apesar disso não se atreveu a correr de repente o véu. Preferiu aproximar-se pouco a pouco. Na alma dos mancebos a timidez une-se à audácia; esta quase sempre está na ação; e aquela nas palavras.

Sentando-se e disfarçando a comoção interior, com o mais agradável sorriso que ainda tinha mostrado, sua majestade desceu as pálpebras meio cerradas, e desviando a vista da intuição do seu interlocutor, disse lentamente, e com afetada indiferença:

— Padre Ventura, a primeira vez que nos encontrámos em Santa Clara, estávamos longe de supor que tão cedo quisesse Deus experimentar-me com a pesadíssima cruz do governo dos meus povos. Prestou-me um grande serviço, e empenhei a minha palavra, de que nunca o esqueceria. Ainda que a promessa foi

dita em segredo, e quase aos pés de uma dama, o rei quer pagar as dívidas do príncipe D. João, e tem vontade de o provar. Há alguma coisa em que o meu poder lhe seja útil?

O jesuíta olhou e sorriu-se. A intenção do soberano não lhe escapava; mas julgou mais hábil obrigá-lo a descobrir o seu pensamento; por isso, curvando-se, respondeu com humildade calculada:

— Certo da grandeza de vossa majestade, chego aos seus pés para lhe lembrar a palavra dada em Santa Clara por sua alteza o príncipe real.

— Ah! — interrompeu o monarca, subindo-lhe a cor ao rosto. — E que notícias me traz de todas as pessoas... que lá conhecemos?

— D. Catarina de Ataíde... — disse o italiano.

— Deixemos essa!... — acudiu el-rei à pressa e com um sorriso. — Tenho o conde de Aveiras ao meu lado para saber a todos os momentos que está cada vez mais bela e namorada. Mas Cecília? — acrescentou, pondo-se de pé, e vencendo por um movimento forte a timidez — Cecília, que vossa paternidade sabe que amei... que amo ainda?

— A educanda — redarguiu o visitador serenamente — perdendo as ilusões, e conhecendo que o amor de el-rei não podia pertencer-lhe, morreu...

— Morreu! Cecília morreu?! — murmurou o príncipe, fazendo-se branco, e sentindo no coração um golpe que lhe esfriou o sangue.

— Para o mundo! — concluiu o jesuíta sem se alterar. — Como não podia tornar a amar na vida, escolheu Deus por seu Esposo, e volta a Santa Clara para tomar o véu.

— Sem o meu consentimento? — gritou D. João V, cujos olhos faiscaram, convertendo-se-lhe a palidez no vivo carmin das faces, enquanto o gesto e a vista diziam ameaça e cólera.

— Sem o consentimento de vossa majestade! — replicou o jesuíta com ar de dignidade que sabia assumir nos instantes críticos. — Em pontos de dever e de religião, a consciência passa adiante. Deus é acima de el-rei.

— Muito bem! — acudiu o monarca, reprimindo-se e dando alguns passeios agitados pela sala, para se fazer senhor do seu espírito. Decorridos momentos, e parando repentinamente defronte do visitador, disse-lhe no tom altivo do orgulho ressentido: — Esperamos pela petição de vossa paternidade para vermos se está em nosso poder atendê-la. Fique certo de que desejamos cumprir as nossas promessas.

— Eis a tormenta! — pensou consigo o italiano. — Não importa. Previ sempre que o bom tempo não havia de durar muito. — Levantando depois a cabeça, e com a voz firme e natural de quem não rogava favor e sustentava direito, respondeu, inclinando-se:

— O que venho requerer a vossa majestade não o pedirei à magnanimidade real do seu coração, mas à indefetível justiça da sua verdade. Ainda que o ofendido, como homem, seja el-rei, isso mesmo é de mais para eu estar seguro da sua clemência.

— Ah! — exclamou D. João V, com um gesto carregado. — Continue!

— Um vassalo português acha-se em ferros nas prisões do Castelo por um erro, que a vontade de el-rei não irá decerto agravar em crime de lesa-majestade. Cego de ciúmes injustos, mas sinceros, teve a desgraça e o desacordo de não desviar a tempo a sua espada, e um sangue precioso e sagrado derramou-se...

— Fala de Jerónimo Guerreiro, capitão nos meus exércitos, e preso por tentativa de assassinio sobre a pessoa do príncipe real? — atalhou D. João V com severidade. — O que pede ele? Faltou-se às leis? Negaram-lhe a justiça ou a defesa?

— Pede a liberdade que lhe é devida. Ele não podia ferir o príncipe, nem el-rei! — acudiu o jesuíta com a maior placidez.

— Engana-se, padre Ventura. E a prova é que não só levantou a espada contra mim, como trespassou com ela uma senhora, debaixo da guarda e lealdade do príncipe, do primeiro cavalleiro destes reinos!...

— Sei perfeitamente — respondeu o padre com respeitosa dignidade — que el-rei é o primeiro cavalleiro, e que preza esta

qualidade; sei também que a guarda da sua lealdade foi sempre e deve ser a mais sagrada; mas ignorava que os príncipes fizessem de reis nas trevas, escalando os jardins dos vassallos, e expondo-se a encontrar os que ali defendem a honra e a inocência. Por isso há pouco disse que Jerónimo Guerreiro não tinha ferido a vossa majestade. A razão, era porque vossa majestade, como soberano, não podia estar anónimo diante dos seus vassallos, nem descer a lugares aonde eles defendendo-se, o acutilassem!

— Padre Ventura!... — exclamou D. João V, irado e medindo-o com a vista. — Escolhe o pior meio de alcançar o meu perdão.

— Não venho pedir perdão, mas justiça a el-rei; peço licença para o tornar a repetir! — replicou este friamente.

— Acha então vossa paternidade, que o vassallo pode levantar a mão sem crime contra o monarca? — disse o príncipe.

— Perdoe vossa majestade! Acho que um cavalheiro não se esconde nem engana; entendo que o soberano não pode descer do trono para ser parte e juiz dos seus vassallos, em vez de protector. Quando se sobe por cima dos muros, e se aproveitam as trevas, quando toma uma donzella por confidente, o monarca ficou no paço; quem se arrisca é o particular. Vossa majestade dirá na sua sabedoria, se houve ofensa em eu julgar que tomando este caminho, el-rei sabia que de noite, e não entrando pela porta, queria correr o perigo de sair na ponta de um florete, se o vassallo, fora de horas, achasse a sua honra de menos, e a sua casa infamada. O soberano foi posto para pastor e defensor da grei. Se ao contrário disso tivermos o leão devorando o rebanho, maculando a inocência, e pondo em conflito a virtude... parece-me lícito atirar-lhe, porque na escuridão vê-se o homem, e não a coroa; e o poderoso que tira as insígnias, e se disfarça na capa de aventureiro, é um tirano que se vingá por ser com ele o que a lei permite que se faça aos outros. Neste caso, creio firmemente, que a haver necessidade de perdão... não é ao rei, é ao súbdito ultrajado que importa ver se pode dar-se.

D. João V mordeu os beiços com tanta raiva, que os ensanguentou; porém as suas diligências para se reportar foram infructuosas.

Inflamado o rosto, e com arremessados movimentos precipitou-se quase em duas passadas do fundo do aposento, e achou-se diante do visitador, que a sua explosão não desarmou da serenidade habitual. O príncipe irritado com a advertência austera, e ainda mais com a fortaleza do jesuíta, exclamou:

— Agora percebo! Queriam arrancar-me o perdão de um criminoso, para Cecília não ficar sem esposo! O plano era sagaz; infelizmente para os autores, leio na sua alma! Veremos a quem enganam. Quanto ao assassino, a justiça dirá se as distinções de vossa paternidade são mais fortes do que as leis e a minha coroa. Não é novo nem raro, que a Companhia de Jesus defenda o regicídio; é verdade que em presença do monarca foi hoje a primeira vez! Diga-me, padre Ventura, *quando Deus passa adiante do rei*, é para o súbdito roubar ao seu príncipe a vida e a ternura... que o fazia feliz? Cuida que hei de permitir que Cecília seja de outro; e que a pretexto de falsas generosidades posso consentir em que a sacrifiquem ao homem que ousou...

— Quem ousou — atalhou o italiano com a fronte ereta — não foi ele, foi vossa majestade! Quem se esquece do ofício de rei para se lembrar da vingança, e fazer do cetro uma vara de tirania, não somos nós, é aquele que a sua consciência acusa. A quem disse o monarca o seu nome e a sua qualidade? Teve medo de Deus, ou teve vergonha dos homens, quando se ocultou? Senhor! na minha idade deviam poupar-se-me as injúrias, porque tenho muito a viver na eternidade, e muito pouco a esperar do mundo. Não formo nem desfaço projetos. Se encontro algum desgraçado dou-lhe a mão, eis o meu pecado! Esse mancebo, exposto ao ódio do príncipe, não ama Cecília, nunca a amou. Alucinado por um erro desculpável, cuidou que perdia em uma hora a esperança e a felicidade; e achando nas trevas um estranho aos pés de uma mulher que julgava sua, fez o que fariam todos... defendeu-se, e defendeu-a!

— Ferindo a ambos?! — interrompeu el-rei.

— Não! Querendo ferir o sedutor, que de noite e com o rosto encoberto se introduzia numa casa honrada. Se el-rei não entende

isto, ou, o que é muito pior, se não quer escutar senão o seu resentimento, desgraçado povo, e triste rei! Nesse caso dou ao Céu as graças por ser de dias apenas a minha estada aqui; escusam os meus olhos de se encher de lágrimas, e o meu coração de mágoa, vendo um reinado que principia por onde acabaram os mais detestados e cruéis.

— Quem fala desse modo não pode dizer se irá para fora do reino, ou se ficará sepultado numa torre! — bradou o príncipe.

— É verdade. À saída da barra não é só que estão os xavecos mouros. Perdoe vossa majestade se cuidei que os Argelinos não cativavam em Lisboa!... Levantarei as mãos a Deus se permitir que dentro mesmo de um estado católico eu alcance a coroa do martírio... Aqui, ou em Tunes, desde que se padece pela verdade, tudo é servir a Cristo e confessar a sua fé.

Estas palavras proferidas com o ar tranquilo de quem aguarda o infortúnio, como amigo, tiveram a virtude de fazer cair em si o rei, a seu pesar dominado pela força de alma daquele velho inerte, que entre as garras do leão parecia sossegado, como se ajoelhasse a Deus no interior do seu oratório.

Inclinado a tudo o que era grande e saía do comum, D. João V sentiu retirar-se a cólera, e acudir a reflexão. Aplacado o primeiro ímpeto, e feito um exame mais sereno, conheceu que a razão não estava toda do seu lado, e que por isso mesmo que tinha o poder, a verdadeira majestade exigia dele um sacrificio.

Sentando-se, e guardando silêncio por alguns instantes empregados em estudar com a vista o rosto do visitador, e em aplaudir secretamente a sua firmeza, desarmou-se subitamente do aspeto severo que tomara, e abrindo a fisionomia com um sorriso em que era fácil notar um resto de amargosa ironia, disse-lhe:

— Sabe, padre Ventura, que pode haver debaixo dessa humilde roupeta tanta soberba, como na púrpura e nos arminhos dos monarcas? Quem nos observasse há pouco diria que estávamos tratando de potência a potência, e que vossa paternidade era o mais poderoso...

— E não se enganava senão em uma coisa, senhor! — respondeu o italiano com o mesmo semblante plácido.

— Qual?

— Em supor que eram potências iguais! À que eu represento, pedindo justiça e advogando a causa dos que choram, têm-se curvado os impérios e os cetros!... A coroa de vossa majestade é de oiro, que é metal quebradiço; enquanto a de Deus, de quem sou ministro indigno, é de estrelas e de glória... Os homens reinam dias, Ele reinará por todo o sempre. O soberano está acima dos outros homens, mas Deus a um aceno da sua mão depõe os potentes. As suas vaidades, que se levantam como o pó, um sopro as abate, outro sopro as faz erguer.

— Tem razão. Mas com uma diferença. O seu reino não é deste mundo...

— Perdoe vossa majestade. Cristo disse, que o reino dos apóstolos chegava onde chega a consciência humana.

— Bem! Então vossa paternidade crê que estou em pecado, que erro como homem, e que ofendo como rei punindo os que infringem as minhas leis? Não se recorda de um dos mandamentos que diz: — não matarás?

— Decerto; menos em defesa própria; porque no amor do próximo o termo de comparação somos nós mesmos; e el-rei é muito justo para não conhecer que a honra vale a vida. Eis o motivo por que apelo da ira e do ressentimento do príncipe real para a consciência do senhor D. João V, cujo cetro é a primeira vara de justiça dos seus povos.

— E apela bem! Diga-me: no meu lugar, ferido por um vasalo, e desacatado diante de testemunhas deixava pisar a coroa?

— Não, se a coroa estivesse na cabeça de el-rei! Mas aonde estava ela no jardim de Lourenço Teles?

— Mas Jerónimo conheceu-me; cometeu o crime sabendo o que fazia!

— Ponho a minha confiança no coração de vossa majestade; e se me permitisse uma pergunta...

— Fale!

— Se o soberano fosse o vassalo, e o vassalo o monarca, vendo ou julgando ver (o erro foi esse!) a mulher que amava escutando a ternura de outro, o que fazia, el-rei não, mas o príncipe D. João, como cavalheiro?... Vossa majestade é a verdade e a justiça viva; à voz da sua consciência me dirijo!

El-rei sorriu-se, levantou-se, e pôs-lhe a mão no ombro. Depois acrescentou com ar nobre e mais desassombrado:

— A prova de que ela foi o juiz, é que o príncipe, subindo ao trono, obteve de el-rei que escrevesse esta ordem de soltura! Bastava ter cruzado a espada com o seu vassalo para o soberano não poder ser rei, se quisesse ficar sendo cavalheiro... Ouvei-o para o experimentar, padre Ventura. Sabe que mais? Não torne a excitar assim a cólera dos monarcas, porque o dito vulgar não afirma sem motivo que é brincar com as garras do leão. Houve um momento, em que estivemos em perigo ambos. A verdade, quando se carrega, fere!... Deixemos, porém, isso. O seu protegido conte que não corre perigo. Sei que não ama Cecília; mas os seus loucos ciúmes foram talvez a causa...

— A causa é o amor que ela consagra a vossa majestade. Para não servir de obstáculo à sua glória...

— À minha glória? E se eu a entender de diverso modo? Por ser monarca hei de por força arrancar o coração do peito, ou fechá-lo a todos os afetos...

— Para os reis há só um amor possível e único...

— A glória!

— Não, senhor! A ventura dos seus povos!

— Mas em que pode a ternura de Cecília ofender os povos?!...

— Se vossa majestade permite, ela mesma responderá!

— Como? Pois!?... — exclamou o mancebo alvoroçado.

— Espera à porta uma audiência de el-rei... — redarguiu o padre.

— Uma audiência!?

— Uma audiência, senhor. É só para entregar a vossa majestade um retrato e vários papéis, que não podem pertencer senão à rainha de Portugal...

— E vossa paternidade sabe se eu?...

— Sei que vossa majestade deseja ser, e há de ser um grande rei. Ora, para o conseguir, a primeira coisa é vencer-se; dar um grande exemplo! Cecília vem beijar a mão do seu soberano, e pedir-lhe o esquecimento da temeridade, que por ignorância cometeu, levantando os olhos para o príncipe D. João. Ela e eu esperamos que el-rei não saiba o que a nós todos convém que não lembre mais!

O monarca, com as faces inflamadas e a mais profunda comoção na voz, tocou a campainha sem lhe responder.

O conde de Aveiras abriu a porta, e sua majestade lançando-lhe a vista severamente, disse:

— Conde, mande entrar a senhora que pediu uma audiência, e retire-se depois!

Daí a um momento Cecília entrava na sala, e colhia no rosto do padre Ventura o valor necessário para sustentar a sua firmeza.

D. João V, pálido e trémulo, com a paixão no olhar amoroso e no sorriso, apesar de impotentes esforços para se dominar, precipitou-se, recuou, e por fim caiu de joelhos a seus pés, exclamando com um gemido de dor e de júbilo ao mesmo tempo: — Cecília!

A donzela vacilou, inclinou-se para o príncipe que não queria levantar-se, nem ceder-lhe a mão, e não podendo também conter o coração deixou correr em fio as ardentes lágrimas, enquanto lhe fugia da boca um suspiro, verdadeiro eco da alma ansiosa, o doce e amado nome de João!

Em um dos ângulos do aposento, o mais longe possível deles, o visitador, calado e melancólico, assistia a esta cena, e sentia as pálpebras húmidas e o peito confrangido.

Assim passaram os primeiros momentos.

Apesar de todos os protestos, Cecília perdeu o valor na presença do mancebo, e não pôde fugir aos seus carinhos, nem arrancar-se do seu lado.

Colhendo novas esperanças nos belos olhos, turvos de pranto, o príncipe cada vez apertava com mais força a tímida mão, que nem se negava, nem se atrevia a corresponder-lhe. Enfim, por

um desses ímpetos de paixão, que a vontade é incapaz de sujeitar, D. João exclamou:

— Eles não hão de separar-nos, Cecília. Não vês a saudade nas lágrimas de ambos? Como é possível esquecermos isto e vivermos depois? Pelo doce nome do nosso afeto, pela coroa de meu pai...

— A coroa!... — murmurou a donzela dolorosamente. — A coroa separa-nos! Porque não sou eu mais do que nasci, ou porque não havia Deus de permitir que vossa majestade fosse meu igual?... Não tenho dote para merecer a mão de el-rei...

— Não fales assim. Tens esse coração, aonde eu sei que reino sobre todos... O rei pode querer tesouros, desejar impérios; mas o homem não vive senão de amor; e esse, querida, és tu a única de quem o aceita. Dando a mão ao príncipe, ainda ele te fica devedor.

— Não, não! — acudiu a irmã de Teresa com um sorriso cheio de maviosa melancolia. — De que serve tornarmos a adormecer, se havemos por força de acordar? Bastantes lágrimas me custou já o primeiro engano! O amor de el-rei é o seu dever, o santo dever de estimar os seus povos e a sua glória. Vossa majestade não pode descer, sendo o primeiro, e eu não devo subir sendo a última... Entre nós e as ilusões está o mundo, está o trono...

— Que esteja! Sou cavalheiro; dei a minha palavra...

— Venho restituí-la! — redarguiu a donzela. — Se a primeira vez que nos vimos eu soubesse que era vossa majestade... seria hoje menos desgraçada. A promessa que recebi foi de um igual, e não de el-rei. Desse nada podia ouvir nem aceitar em penhor de estima, senão... o esquecimento. Se em Santa Clara vossa majestade me dissesse que o príncipe D. João é que jurava pela sua alma, e com extremo, a mesma paixão que eu senti havia de vencer-me, e nada do que sucedeu acontecia! O que pedi não foi a coroa; nunca tive a loucura de sonhar com impossíveis! Quem amei não foi o herdeiro do trono, foi o cavalheiro, cujo apelido ignorava, porque o meu coração não quis saber senão o doce nome que lhe dava... Desejei outra coisa que não eram

honras; e tinham-me prometido mais; pedi amor, somente amor, e o afeto não se vende, senhor, paga-se como se recebe, puro, extremoso e inocente. Estou enfadando a vossa majestade; mas é pela última vez. São as últimas palavras. Vim aos seus pés para pedir perdão e esquecimento; perdão, porque me enganei ou me enganaram; esquecimento, para expiar o meu erro na sepultura de um convento...

— Nunca! — clamou o príncipe com veemência. — Não me acuses; ouve! Se dissesse tudo, se confessasse que era o filho mais velho de el-rei...

— Vossa majestade poupava-me a dor da eterna viuvez a que estou condenada! Se pudesse esquecer, julga el-rei que estava agora aqui, pensando o que padeço? Depois dos dias que passaram, acorda-se, mas para tomar ódio à vida... Não me queixo; não derramo lágrimas; o que digo é só para que me oiça aquele, que amei, e amo ainda pela sua memória, como se estivesse morto. João, foi malfeito; não o merecia! Um cavalheiro não me enganava!... Acabei, senhor. Falemos dos vivos.

— Falemos da nossa esperança, do nosso amor, como, falávamos...

— Quando ele vivia, e eu na minha alma o amava como esposo?! — interrompeu a donzela, severa. — Não se lembra vossa majestade da palavra que lhe dei diante de Deus, e no segredo da noite? Se fosse rei, amavas-me? perguntou. Aceitavas a coroa e o trono para reinar comigo? Qual foi a minha resposta, senhor? Ignorava tudo; supunha que a verdade era um riso; mas o coração falou como agora. Não amo el-rei, amei a outro, e esse morreu, perdi-o quando achei nele a vossa majestade! Viúva sem ser esposa, órfã tendo pais extremosos, o que procuro é um retiro aonde não chegue o mundo, e aonde sem crime continue a amar... a minha saudade. Quando o confesso a vossa majestade, e acrescento que o meu último suspiro será para Deus, e o penúltimo para a ternura que jurei, disse tudo. É necessário uma determinação invencível, como a que tomei para não esconder nada. Sabe vossa majestade a razão? Sou como se estivesse morta.

O amor e a saudade que posso dar, sepultei-os no meu túmulo; e o coração se palpita, não vive do que é, vive do que foi. Olho para tudo, como para mim. Não tenho já que esperar, tenho só de que chorar, e de que me arrepender.

— Cecília, meu amor! — exclamou D. João com as lágrimas a correr em fio — não me digas que nos havemos de apartar. Deus não uniu duas almas para os homens as separarem! Escuta; peço-te de joelhos; não me levanto enquanto não ouvir o sim da tua boca...

— Senhor! Veja vossa majestade que não estamos sós!... — atalhou a neta de Lourenço Teles, fazendo todos os esforços para o obrigar a erguer-se.

— Aqui não está el-rei; e não há olhos que se atrevam a ver, quando os dele choram e suplicam. É o homem que amaste, é o coração que juraste fazer feliz, que te pede que o não desterres do paraíso...

— Senhor! — exclamou ela, desatando em pranto. — Vossa majestade tenta de mais a fraqueza do meu ânimo. João! — ajuntou mais baixo, e deixando fugir para ele banhada de lágrimas suaves, a vista que foi beijar o olhar terno e queixoso do mancebo — isto não pode, isto não deve ser. Aos meus pés o rei!...

— É o seu lugar, pedindo perdão e confessando o erro.

— Não me queixo. Perdão de quê? Aqueles momentos do nosso sonho foram tão belos e fazem-me tanta saudade, que agradeço até o engano a que os devo. João, deixa-me conservar pura ao menos, já que perdi tudo, a chama que aviva a tua imagem na minha alma. Não podemos tornar a ver-nos sem crime; separados, temos a saudade para nos dizer a ternura que jurámos...

— Não, não! A saudade, o amor que resta dos mortos e dos ausentes, não me consola; quero ao meu lado o anjo que é a alegria e a luz da minha vida. Compadece-te! Deus mesmo castiga, mas perdoa. Não me condenes por orgulho!...

— João, nem uma palavra mais se ficas de joelhos! Cuidava eu que, vindo aqui, não teria que chorar senão as lágrimas de uma despedida eterna. Não as faças correr de vergonha e de remorso!

O príncipe levantou-se. A mágoa lia-se-lhe no semblante desfigurado. A vontade irresistível pintava-se-lhe na vista flamejante. Apenas se pôs de pé procurou com os olhos o sítio aonde ficara o padre Ventura. Debalde! O jesuíta, apenas viu de joelhos o monarca, tinha-se retirado subtilmente, porque era muito hábil para se expor a presenciar fraquezas, que pudessem amargar um dia ao orgulho real. D. João V agradeceu interiormente ao visítador este rasgo. Sem testemunhas o seu afeto não corava, podia dizer tudo, e humilhar-se.

Pegando com meiga tristeza na mão de Cecília, o mancebo acrescentou com a voz cortada, e os olhos arrasados de água:

— Hás de ouvir-me! Se te revelasse quem era, não me deixavas nem a esperança: e perder-te, vês tu, era e será sempre arrancarem-me o coração. Se o ciúme, se a loucura de Jerónimo não cortasse de repente ao fio da espada os nossos juramentos, cuidas que não tinha disposto tudo para te unir à minha sorte? Só depois de esposa saberias que te dava a coroa, dando-te a mão. Deus não quis! Bastou uma hora para confundir os meus projectos, e na desesperação a que chegava desejei a morte. Acreditei que a mesma noite me roubava amante e pai!... E via-me obrigado a esconder a dor, e a sofrer comigo o martírio! Imagina que tormentos!... Porque me acusas? É um crime ansiar a ventura, e calar-me sabendo o perigo? Leio no teu peito, sei os tesouros de amor e generosidade que ele encerra. Princesa descias do trono, e oferecias-me a mão para eu subir... Não é verdade?

— Sim — replicou a donzela corando. — Quisesse Deus que eu fosse rainha, e tu o vassalo!

— Assim o esperei. Se me não dissesse, era o mesmo, adivinhava o que fazias...

— Chamava-te esposo, ainda que pisasse a coroa aos pés! — atalhou vermelha, e sem ser senhora do seu ímpeto. Um instante depois, conhecendo que fora sincera de mais, baixou a cabeça, e pôs os olhos no chão sem ocultar as lágrimas.

— Tu o disseste! — exclamou o príncipe com a fronte radiosa, e o ardor da paixão na vista. — Chamavas-me esposo, e não olhavas

ao sacrifício?! Como queres que amando-te mais do que ao trono, mais do que a mim próprio, faça menos? Palavra de rei não volta! Dei a minha, e já não me pertence. Para te não perder, sendo vassalo, e apesar de todo o orgulho, juro que subia até te alcançar. Responde agora! Mandas que desça para ficarmos como éramos, ou como parecíamos, e não envenenarmos de saudades mortais a flor dos anos? Ponho a escolha na tua mão. É a minha vida que entrego. Uma palavra tua, e o rei cai de joelhos para se levantar ditoso, não reservando de quanto servia de inveja à ambição, mais do que a sua espada e o seu nome de cavalheiro. Entre a felicidade e a mágoa comprando por um sorriso a felicidade, acho pequeno preço, embora fique de menos a coroa aos pés de ambos... Tenho-te a ti. É de mais para esquecer o resto!

Estas palavras, proferidas com a veemência, e no tom persuasivo do amor ardente, comoveram a donzela. Pousando-lhe a mão no ombro, e deixando-lhe cair sobre a mão um ósculo e uma lágrima, a irmã de Teresa disse sufocada:

— Não tornemos a sonhar, João. Achas ainda pequena a dor do primeiro golpe? Sei o teu afeto; não digas mais; sei. Basta-me perguntar ao meu coração. Mas o rei está primeiro do que o amante...

— O rei não pode viver, nem quer viver, fazendo o homem desgraçado! — atalhou o príncipe beijando-lhe a mão.

— Pois sim! Custa-nos a dizermos adeus à esperança; a separarmo-nos de metade da nossa alma. Chora-se; a chaga dói; porém no fim de anos tudo acaba. Olha! Eu que sou mulher, que não tenho reinos, nem povos para me consolar, fazendo-os ditosos; eu que vivia de te amar na ausência, de te esperar com ternura, e de te adorar no meu coração, estou conforme, não me queixo; e mais o véu de religiosa, e a cela de um convento, na tristeza e na solidão, é o que vou procurar!... João, não será preciso muito amor para te perder, e ainda mais para vir aqui despedir-me e jurar-te, que a última luz dos meus olhos será a tua imagem; que o último desejo da minha vida é a tua glória!... Não há remédio; antes uma agonia só, do que os pesares e os remorsos

eternos no meio das flores do nosso afeto. Ele nasceu tão puro, que seria crime deixá-lo manchar pelos outros, ou por nós.

— Se alguém tivesse a ousadia de suspeitar, somente de suspeitar, a candura e a inocência da tua alma!...

— João, o poder de el-rei não chega à consciência; a calúnia anda de rastos, e não se pisa senão com o pé. Para a matar é necessário descer... Imagina o que seria a inveja, se de repente uma donzela sem jerarquia, só porque alguns dotes de espírito ou de corpo cativaram o soberano, fosse elevada ao trono, e tivesse abaixo de si as filhas dos duques, e dos fidalgos!... O que diriam essas damas, que, sendo tanto, nunca se atreveram a subir com o orgulho aonde queres que eu suba pelo teu amor?

— Em te vendo acham justa a minha escolha!

— É ilusão tua. Vendo-me detestavam-me ainda mais. Olha, os teus vassalos não são amantes; são vassalos, são homens. O cetro obrigá-los-ia a calarem-se; mas o ódio cuidas que por isso seria menos forte? Por fim conseguiam separar-nos, armando enredos, tecendo falsidades; não se resiste aos maus, por mais que digas, quando as aparências estão por eles. E depois de alguns momentos, satisfeita a paixão, seríamos infelizes. Não! Quero ao menos, já que a desgraça tinha de vir, que me encontre inocente. Fujo de ti, porque desejo amar até ao último suspiro. Não queiras tirar às minhas lágrimas a doçura da saudade; as do remorso (tu não sabes!) amargam e não consolam. Sei como ardem, eu que as chorei por uma irmã, acusada sem culpa, e sobre aquele, que desde a infância olhei como se fosse do meu sangue!... Diz, João! El-rei não soube nada do que se passou com o príncipe real? Aplacada a ira, fez logo justiça a reflexão? Mandaste soltar Jerónimo, e vais dar-lhe provas de que não só perdoas, como esqueces? Vês! Tenho ciúmes ainda; não do coração que brevemente vais dar a outra; mas da tua glória. Estimo-te; e hei de ser fiel à memória do primeiro e único afeto da minha vida; não sofreria que os outros te estimassem menos. Hás de ser um grande rei; entendes! Quero que o preço por que te cedo a ventura me não custe tanto. Responde! Jerónimo está inocente, porque o seu delito é o nosso... foi já solto? El-rei lembrar-se-á de que descendo ao

túmulo, Cecília lhe pediu que fizesse por amor dela a felicidade de Teresa, de sua irmã, que ia tornando desditosa?...

O mancebo, que a ouvira cada vez mais pálido, redarguiu:

— A rainha de Portugal é que há de decidir da sorte de Jerónimo. Entrego-a nas suas mãos.

Era ainda um subterfúgio; uma espécie de coação do amor para suplicar e vencer. A donzela, porém, como se não percebesse, ergueu a cabeça, e com a vista severa, replicou:

— A rainha de Portugal não deve saber da mocidade do príncipe real, senão que ele é seu esposo! Quererá el-rei que o inocente gema em ferros até esse tempo?

D. João V não respondeu. Depois de uma pausa em que a dor e a ternura se lhe pintaram no rosto, foi ao bufete, dobrou um papel e deu-o a Cecília. Depois, sentando-se na cadeira, e escondendo o rosto entre as mãos, deixou correr as lágrimas.

O papel era a ordem de soltura de Jerónimo.

Nada mais angélico, mais extremoso do que a luz suave e aveludada que as pupilas da donzela despediram entre prantos sobre a cabeça pendida do mancebo.

A resignação, a piedade, o amor em toda a sua eloquência brilhavam nela.

Depois, enviando-lhe sem que ele visse, na ponta dos dedos de rosa, um beijo em que respirou todo o perfume da alma namorada, aproximou-se, e disse-lhe com a voz meiga e irresistível, que era o eco magoado do seu coração:

— Um homem, João, não chora! Tem ânimo para si e para os outros. Se eu fizesse o mesmo, o que havia de ser de nós?

Descobrindo as faces afogueadas, e com os olhos ainda roxos, o príncipe encarou-a admirado. Sorrindo-se, e beijando-lhe a mão com a mais casta vermelhidão no rosto, ela acrescentou:

— Bem! O príncipe foi digno do seu nome! Este papel diz-me que el-rei esqueceu tudo como rei. Agora eu. João, ouve! Estas cartas e este retrato são da rainha de Portugal. A freira, que vai ser, tem a saudade por companheira; do mundo, que deixa, nada passará a grade... Bastam-lhe as penas e as memórias!

— Nunca! — exclamou o príncipe. — Não nos havemos de separar assim; não quero; não consinto. Tenho combatido comigo, tenho feito o possível por vencer, excede as minhas forças... Se queres salvar o rei, não desesperes para sempre o homem! Cecília, se amasses como eu, tinhas medo...

— De arrastar a tua glória pelas murmurações do povo, e pelas zombarias dos soberanos? — acudiu ela. — É verdade; se escutasse a paixão, e me fizesse surda ao dever, punha a coroa na cabeça, ainda que os festejos fossem risadas e pasquins!...

— O padre Ventura é que te persuadiu disso? — perguntou o rei, ameaçando com a vista o lugar aonde estivera o jesuíta.

— O padre Ventura — retorquiu a irmã de Teresa serenamente — disse-me só que receava que me faltasse o ânimo para este lance. Tinha razão; mas eu é que não contava que, além das minhas mágoas, havia de precisar também valor para resistir às injustiças de vossa majestade.

— Para ti sou amante, não sou rei! — gritou D. João com ar sombrio.

— Para mim vossa majestade não pode ser senão o rei! — atalhou ela; depois, passando para a ternura mais suave, ajuntou: — João, cuidas que o sacrifício não me foi doloroso? Crês que saio do mundo, do amor e da esperança, para a sepultura e para a saudade, ficando o coração como estava, e a alma sem lágrimas? Oh, se pudesses ver os golpes e o sangue que salta deles! Combati comigo; fiz diligências por me enganar; lembrou-me tudo para ser feliz!... Olha, não se morre aonde eu vou morrer, senão quando não nos resta a sombra de uma ilusão!... Temos de nos separar, para sempre... Choras? Olha para mim, lê no meu rosto, e verás o que me custa; mas é preciso. El-rei não pode amar senão no trono, e eu nasci tanto abaixo, que os seus olhos nem me devem conhecer! O homem... sabes se o adoro; porém, revelando-lhe o segredo da minha paixão, confessando-lhe que ela sobrevive ao sonho do nosso encanto, jurei fechar logo sobre mim a grade do claustro, e esconder o rosto para nunca mais o ver, nem ser vista dele senão... em saudades. De que serve lutarmos

contra o infortúnio? As cartas e o retrato que te dou, já não são precisos para a minha alma viver com a tua; e a pureza do afeto que nos uniu, quer que mesmo depois de morta ninguém possa ter de mim uma suspeita. De joelhos te peço: aceita o que não pode pertencer-me; salva a tua e a minha honra!

Ele, com a voz tomada, recebeu os papéis, e ajoelhando também, encostou a cabeça ao ombro dela. Arquejante e convulso só ali tornou a sentir as lágrimas, e pela última vez uniu as suas às de Cecília... Decorridos alguns minutos, a donzela parecendo beijar-lhe o rosto com a luz afetuosa das pupilas, disse:

— Então? Não havemos de ter valor para nos lembrarmos do amor sem remorso?

O príncipe não respondeu; mas tapou o rosto com as mãos.

— João — continuou ela com o mesmo extremo — queres que te ame sempre, e que morra abençoando a hora em que te vi?

A dor não deixou ainda abrir os lábios ao mancebo.

— João, pelo doce nome da nossa ternura tem dó de mim! Não esqueças que não nos separando, e não podendo amar-nos sem crime, eu hei de morrer desprezada de todos, e de mim, se me não salvares! Não respondes? Queres a minha honra, e não o meu amor? Tua esposa não hei de ser; juro! Escolhe; decide: queres que seja menos!?

O príncipe pôs-se de pé, olhou para ela por instantes, e com um soluço que dilacerou o peito a ambos, exclamou:

— Não! Morre para o mundo. Vai para o convento!

Depois fulminado, sem fala, e sem luz nos olhos, como se um raio o tivesse ferido, ficou imóvel.

— Obrigada, João! Obrigada! — acudiu Cecília. — É verdadeiro, é santo o amor que se despede assim! Adeus, para nos encontrarmos no Céu. Lá ninguém impede os serafins de exaltarem a glória de Deus, e de se unirem. Adeus!... Sinto que o ânimo foge, e que mais tarde não teria forças para me separar daqui. João, amo-te, adoro-te como nunca mulher te há de amar! Pela última vez o juro!

E por um ímpeto irresistível cingiu-lhe o colo nos braços, apertou-lhe a cabeça sobre o coração, e pousou-lhe os lábios ao de leve sobre a testa.

Um instante depois, o rei, a quem tudo isto se figurava sonho, viu-a afastar o reposteiro, abrir a porta, e desaparecer no corredor. Ia a lançar-se adiante para a ver ainda, quando o desalento e a reflexão o detiveram. Era inútil!

Cecília, baixando o véu para ocultar as lágrimas, correu para o visitador, dizendo com ansiosa opressão:

— Consumou-se o sacrifício! Padre Ventura, nunca julguei que doesse tanto. A morte custa menos!

Atrás destas palavras vieram as lágrimas e os soluços. O jesuíta comovido não soube senão responder-lhe:

— Ânimo! Deus há de premiá-la!

Ao mesmo tempo D. João V, com a palidez no semblante, dizia ao seu camarista de semana sem levantar a vista:

— Conde de Aveiras, entregue este alvará a Diogo de Mendonça. É a sua nomeação de secretário de estado. Diga-lhe da minha parte, que estes três dias não há despacho. Que ninguém entre nos meus quartos!

O conde inclinando-se silencioso saiu logo; e o monarca, encerrado na sua câmara, chorou sem testemunhas e em liberdade. Era o tributo que pagava pela coroa, perdendo no mesmo dia as doçuras do amor, e as ilusões da mocidade. O batismo da amargura fazia-o homem!

Nessa tarde Jerónimo foi solto, e aos pés de Teresa abençoou o infortúnio que passara.

Cecília, vendo-os alegres e namorados, sorria com a boca e chorava com a alma. Uma vez, porém, não pôde reprimir os suspiros, dizendo à sua amiga Catarina de Ataíde:

— Como Deus é justo! A eles fê-los ditosos; a mim, para me castigar mais, pôs-me diante dos olhos o espetáculo das venturas que não mereci. Oh! cada vez sinto maiores saudades do meu convento!

Prantos e um beijo, eis a resposta da noviça.

Que mais podia ela dizer àquela agonia inconsolável?

XLI

CONCLUSÃO

Oito dias depois das apaixonadas cenas a que assistimos, pelas dez horas da manhã achava-se Lourenço Teles no seu escritório, tendo à direita da ampla poltrona, em que balouçava o corpo, a solene figura do abade Silva, e à esquerda, (*a sinistra*) como ele dizia, o procurador de São Domingos, Frei João dos Remédios, cuja boca risonha, rosadas faces e maliciosos olhos anunciavam uma saúde florescente.

O velho erudito trajava uniforme rico. Além das galas usuais do vestido, notava-se-lhe um adicionamento importante nas joias e bordaduras. O seu Horácio, companheiro fiel, via-se aberto em uma das páginas das sátiras, e duas folhas de papel cobertas de linhas tremidas e muito juntas, encerravam as observações do eterno adversário do escudeiro servente da marquesa das Minas.

De vez em quando o comendador alçava os óculos, encolhia os ombros, e lançava a vista com impaciência em direção à porta. O papagaio, espanejando-se, cabeceava, e batia as asas, sem obter a menor carícia; e Minette, enrolada a seus pés sobre o tapete, abria languidamente uma fresta dos olhos para espreitar o estado das coisas, tornando depois à sonolência em que dormitava.

No rosto e na pessoa do abade não havia diferença. Era sempre o mesmo aspeto venerando, a mesma calva, o mesmo gesto grave. O chapéu de borlas de torçal e ouro descansava sobre os joelhos, e a bengala dominava-os na altura de dois palmos com o castão de porcelana de gigantescas proporções.

O autor da biografia maravilhosa do capitão Viriato tinha um caderno nas mãos, meio enrolado, e acabava de o ler a Frei João; curto nas dimensões, mas infinito na substância, este novo opúsculo tratava de pintura antiga, e dizia mais acerca do Grão Vasco, e de Francisco de Holanda, do que naturalmente eles souberam de si e da sua vida.

Pode assegurar-se, que em vinte páginas de texto e setenta de notas, a verdade e a razão nunca passaram por igual tormento. Lourenço Teles, segundo o costume, não se esqueceu de disparar contra as invenções mais cruas algumas frechas, ervadas pelo estrépito motejador das pitadas e pelo gargarejo irónico do riso. O investigador das bexigas doidas, na forma do inveterado estilo, também se tinha escandecido, retorquindo; e o frade, constituído no perigoso ofício de árbitro dos desempates, não alcançou sem custo uma trégua entre as potências beligerantes.

À hora em que estamos, as hostilidades haviam cessado, e os dois campeões restauravam as forças, e amolavam a censura próxima no silêncio.

— *Alea jacta!* — exclamou o erudito, recorrendo à caixa e aspergindo de grãos de rapé a alvíssima tira da camisa. — Estava escrito, traduziria um turco! Fica-me em casa um filho no amor, e tenho de menos uma neta querida! Quem me diria que Cecília!... Frei João, sabe que desconfio! Debaixo das flores está a víbora! *Latet anguis!* Não é natural. Uma menina formosa, galante e alegre de coração, tão satisfeita connosco há um mês, aborrecer-se da sua sorte de repente, e fugir do mundo, da companhia de seu avô que a adora, de sua mãe que via nela a luz dos olhos, e teimar em se esconder na grade de um triste convento? Não repare, padre-mestre! Mas por força há história oculta nisto. Cecília padece desgosto grande... e não hei de consentir que ela nos deixe, sem saber a

causa. Já a mandei chamar. Filipe desta vez achou algum juízo no seu barrete de dormir. Meu sobrinho não quer que lhe falem na sombra de uma freira, quanto mais tê-las na família!...

Ouvindo estas palavras, Frei João dos Remédios levou sobresaltado a mão à cabeça, e repeliu o barretinho de seda da testa para a nuca.

O abade assumiu ar expectante e melancólico, exigido pelas circunstâncias, e gemeu pelos cantos da boca uma espécie de suspiro em forma de comentário.

Entretanto o domínico julgou-se obrigado a dizer alguma coisa, e ajuntou:

— Decerto, meu antigo amigo, a alma de um avô, que é duas vezes pai, não há de ver esta separação com os olhos enxutos.

— Mas que quer? Deus escolhe, quando chama. Cecília achou-se tão perto da sepultura, que mediou as vaidades do mundo, e fez no seu coração o sacrifício delas. É o voto quase *in articulo mortis*: e só a Santa Sé a pode desligar...

— Tenha paciência, Frei João; mas não acredito uma palavra da sua explicação — acudiu o comendador com impetuosidade. — Se todos os que adoecem gravemente se levantassem da cama em hábitos religiosos, os frades e freiras não cabiam na Terra... Minha neta, se não houvesse motivo forte, tinha muito juízo, não fazia promessas loucas, e contra a natureza...

— Sr. Lourenço Teles — atalhou o procurador formalizado — veja as heresias que está proferindo. Loucura é o mundo e os seus enganos. Amar e servir a Deus, quando a vocação e a graça nos chamam, nunca foi constranger a natureza...

— Bem, bem! — observou o erudito, caindo mais em si — também sou cristão, tenho vivido e espero morrer na Igreja Católica e Apostólica Romana; mas confesso-lhe, que nunca passo por uma dessas prisões ao divino, chamadas mosteiros, sem se me apertar o coração... Quantos maus religiosos por um sincero! E donde nasce o erro? Das falsas vocações.

— Por isso antes do voto se dá ao noviço o tempo necessário para refletir! — retorquiu o frade mais aplacado. — Sei que lhe

custa separar-se de sua neta; porém se a graça a tocar, e ela quiser tomar o véu, faço justiça à sua alma temente a Deus, Sr. Lourenço Teles; creio firmemente, que embora a carne chore, no fundo do seu coração há de levantar louvores ao Céu!

O comendador vencido, mas não convencido, assentiu inclinando secamente a cabeça.

Neste momento entrou Cecília, pálida e mais graciosa ainda com a lânguida tristeza do rosto, do que nos dias em que os olhos negros e cheios de brilho alegravam e seduziam pela malícia inócua a quantos a contemplavam.

— Estávamos falando de ti! — disse o erudito beijando-a na testa com infinito extremo. — Agora mesmo perguntava eu ao nosso Frei João, que mal faria o avozinho à sua neta para ela o deixar só nos poucos dias que lhe restam, quando sabe que é a satisfação e o orgulho da sua velhice?! Não chores; não há menina bonita, nem olhos engraçados, molhados de lágrimas!... Vamos! É preciso não ser criança, ter muito juízo e muito ânimo. Então a minha filha não me diz nada, não me consola?... Quem feriu esse coração que era tão bom e tão ligeiro?... Amas alguém, Cecília? Tens receio de que não te deixemos ser feliz? Tens um amigo fiel em mim; conta-me as tuas mágoas, que prometo que não saís daqui senão contente e sossegada... Vejamos! Amas, não é verdade? Lê-se-te nos olhos, percebe-se por tudo...

— Amo, é verdade, meu avô; porém amo sem esperança! — replicou a educanda, acariciando as cãs do velho, e enchendo-o de meiguices, ao passo que o pranto corria, e o coração se rasgava de novas dores.

— Sim?! — acudiu o velho com bondade, e fitando-a cheio de orgulho. — E tens medo que não te correspondam? Com esses olhos, com essas feições que parecem de anjo?... Será erro do meu afeto, mas é impossível que não te amem também a ti!

— Meu avô, a maior desgraça é que sou amada, e...

— Ah! E choras, desconsolas-te, e queres fugir de nós? O que é isto?

— A verdade. Disse tudo a minha mãe; e deu-me razão. Para evitar maiores desgostos devo sair desta casa, e recolher-me a um

convento para fazer as minhas reflexões. Se me curar, se puder viver no mundo, saiba que hei de correr logo a pedir-lhe perdão de joelhos, pelas penas que lhe tenho causado; se Deus me não der forças para tanto...

— Metes-te freira, e julgas que teus pais e eu havemos de consentir? Da minha parte já te desengano; nunca!

E o erudito agitado sorvia o seu rapé, e apertava com ternura a neta nos braços, como se deste modo pudesse impedir de lhe escapar.

Ela com um sorriso e uma voz tão suaves, que faziam arrasar de água os olhos do velho, e até os do abade, acrescentou, pegando-lhe na mão:

— Amo, e não posso ser feliz! Diga, meu avô, quando o afeto é uma paixão, e a vida se reduz à esperança dele, a mulher que se estima, que deseja entregar a sua alma pura, e o coração virtuoso como os recebeu, não sendo esposa, e sentindo-se viúva pela dor, que lugar há de escolher? Aonde quer que fique e feche os olhos? Que véu há de baixar entre si e o mundo?... Se fosse um capricho, um delírio, cuida que me via como estou, firme, mas inconsolável? Pergunte a minha mãe se posso existir fora do convento; o senhor Frei João que responda. O dever não permite que eu siga outro caminho.

Lourenço Teles, suspenso, olhava para todos, afagando Cecília. No fim de alguns instantes exclamou:

— Ouvirei tua mãe e Frei João! Se for assim... irás para o convento; porém depois de prometeres duas coisas.

— Quais, meu avô?

— Primeiro que tudo entrases como secular, e não como noviça. Para servir a Deus basta o coração; o hábito não faz o monge.

— Estou pronta — respondeu ela.

— Bem! Assim temos sempre a ponte para voltar atrás, sendo possível. Agora a segunda condição é que todos os oito dias, aos domingos, o avozinho há de ver a sua feiticeira, e tê-la ao pé se si desde a manhã até à noite...

— Oh! meu avô!...

— Não há oh! nem ah! é assim; aliás não dou licença.

— E deixa-me ir amanhã?

— Deixo.

— Então?... sim! Tenho tanta pressa de estar só... com Deus!

O convento para onde vou...

— Qual convento, nem meio convento! — gritou da porta o capitão Filipe da Gama com a sua rusticidade habitual. — Tomara eu tornar a ouvir-lhe essas tonteiras! Nada de histórias! Se tem faniquitos cure-os em casa; não seja tola!

Dizendo isto, o nosso amigo introduzia a sua pessoa entufada numa casaca de seda, prodigiosa pela amplidão dos canhões e das mangas, e pela fartura das abas. No estofo cor de chocolate, a bordadura de ramagens de matiz tomava um palmo de largo e dois dedos de alto, acompanhando as orlas desde o peito até às extremidades.

O chapéu podia servir de modelo a um pagode china. As fivelas dos sapatos pareciam duas rãs. Lourenço Teles indignado com a grosseria das palavras, ainda se enfureceu mais, quando o vestuário exótico se lhe desenhou diante dos olhos. Consumindo com rapidez a pitada que tinha entre os dedos, o velho erudito formalizou-se, avivou os olhos, e estendendo a mão disse para o sobrinho:

— Isso não são modos de tratar senhoras!

— Cecília não é senhora, é minha filha! — redarguiu o capitão, amortalhado nos imensos laços de fita cor de sangue.

— Vossa mercê é um alarve; um marujo! — disse o latinista, fulminando-o. — Cecília há de ir para o convento. Prometi-lho eu. Saiba que há razões no mundo para uma menina desejar a solidão...

— Aí vem o tio com os seus xaropes refinados! — berrou Filipe, esticando a tira da camisa. — Que tal achas este colete, Frei João? — perguntou virando-se para o frade.

É impossível descrever a cólera que se apoderou de Lourenço Teles, ouvindo estas amabilidades exacerbadas pela rústica interrupção. Tremendo exclamou:

— Não componho xaropes, nem confeitos; tomo o partido de minha neta contra a brutalidade de um selvagem, como vossa

mercê, nascido e criado no tombadilho do seu xaveco, donde a minha desgraça o trouxe a esta casa para vergonha dela!...

— Está bom, tio, não nos enfademos. A rapariga quer ir para a gaiola como o verdelhão... é tola, e acha quem lho consinta?... Seja feita a vossa vontade. Não meto nisso prego nem estopa. Contanto que depois não venham com choradeiras, nem com lamentações. Se eu não fosse um pobre homem, que levam pelo nariz, esses bichancros tinham o remédio que eu sei. Tudo isto são namoricos e carpideiras da moda. Criam-nas à lei da nobreza, aí têm o suco. Acabam por asneira, e principiam por asneira!... Lavo as mãos. Aonde está Madalena?

Não é fácil prever aonde chegaria a ira do comendador com tal discurso, se a mãe de Cecília não viesse interrompê-los.

Abriu-se a porta da sala, e o conde de Aveiras, dando a mão a D. Catarina de Ataíde, chamou a irmã de Teresa para o seu lado.

Diogo de Mendonça Corte Real e o padre Ventura entravam a esse tempo na sala por outra porta, e atrás deles o tabelião. É inútil explicar, que nesta manhã se assinavam as escrituras de casamento de Jerónimo Guerreiro e do conde de Aveiras.

Enquanto se liam as cláusulas, o secretário de estado chamando Cecília de parte, entregou-lhe um papel fechado, dizendo:

— Sua majestade, lembrado das suas promessas, encarregou-me de lhe entregar isto. É o dote de Teresa. A minha fada branca não quer abrir?

— Não! — respondeu ela fazendo-se pálida. — O Sr. Diogo de Mendonça, que está no segredo, escolha a ocasião como coisa sua. Eu já não tenho ânimo para mais.

— Há outros... que dizem o mesmo — acudiu o diplomata com um gesto particular.

— É que a nódoa desta dor dura muito tempo! — murmurou a educanda, limpando a furto uma lágrima. — Não julga que fiz o que devia?

— Acho que teve um rasgo de valor que não era de esperar dos seus anos, nem do excesso do seu amor... Console-se; havemos de ver dias mais alegres. O tempo tudo gasta.

— Menos a saudade...

— Também essa, querida menina. — A sua mocidade enviou do afeto e das ilusões. Neste momento tem ódio ao mundo, e deseja-se longe dele; deixe correr o tempo; nada de precipitações; e verá que os vinte e cinco anos já não são os dezoito. Animo, muito ânimo, e esperemos em Deus! Quem teve o seu valor para uma coisa, há de mostrar a mesma constância em tudo.

Ela não respondeu, mas o sorriso melancólico dos seus lábios dizia tanto!

Depois das assinaturas e dos parabéns do estilo, Lourenço Teles fez um sinal ao seu escudeiro confidente, e Jasmin, em uniforme grande, aproximou-se com uma caixinha de veludo. Era o presente de noivado do comendador. Aberto o cofre achou-se uma rosa de esmeraldas e rubis de grande preço. O velho com galantaria afetuosa cravou-a ao peito de Teresa, beijando-a em ambas as faces, ao passo que dizia com ar de riso para Jerónimo:

— São privilégios de velho, meu amigo. Espero que não haverá desafio por este furto!

O mancebo beijou-lhe a mão, e deixou cair sobre ela duas lágrimas.

— Agora eu! — disse o secretário de estado, rompendo o selo de papel que trazia, e entregando-o à noiva. Ela sobressaltou-se à leitura, e soltando um grito de júbilo, lançou-se nos braços de Cecília, murmurando-lhe ao ouvido:

— É a tua vingança contra a fortuna! Oh, querida irmã, porque hei de sentir neste dia as tuas lágrimas a arderem no meu coração?

A educanda pôs o dedo na boca, e sorriu-se. D. João V efetivamente pagava como rei as suas dívidas. O papel era a nomeação de Jerónimo Guerreiro para o posto de coronel dos terços de infantaria da capitania do Maranhão e Grão Pará, e os termos do despacho ainda lhe aumentavam o valor.

O padre Ventura, aproveitando o instante em que todos se apinhavam em volta do novo coronel, pegou na mão de Cecília, e levando-a para o vão da janela disse-lhe com bondade, olhando-a fitamente:

— Sabe quem vi ontem?

— Foi João! — exclamou ela, subindo-lhe a cor ao rosto. — Falou-lhe?

— Falei. Sabe por quem me perguntou?

— Adivinho, meu padre! — redarguiu a educanda, baixando a vista, e fazendo-se branca.

— Então?... Persiste na ideia de tomar o véu, e de sepultar-se para sempre no convento?

— Persisto! Quem perdeu o que eu perdi... não escolhe!

— Ora pois! Não se precipite, não se aconselhe com a mágoa, tendo ainda na alma as primeiras lágrimas, que ela custa. Dê tempo ao tempo. El-rei está resignado, e conforme com a sua sorte; pediu-me que a animasse para fazer o mesmo.

— Tão cedo, e já me esqueceu? — acudiu ela, não podendo conter este grito de amor.

— Vê, filha! Aí tem como a voz do mundo é ainda forte no seu coração. El-rei não a esqueceu, e duvido que a esqueça!... mas obedece-lhe, e conhece que lhe deve um grande sacrifício... Porque não faz uma viagem longa, em vez de se enterrar na escuridão do claustro? O remédio para a saudade nesse grau de dor é a ausência... Pense, aquiete o espírito, e resolva. Está muito nova para dizer no princípio da sua vida, que chegou ao fim.

— Mas vossa paternidade bem vê que não tenho já que desejar, nem que esperar!

— Não sabemos. O futuro só Deus. Veja! O Sr. D. João V, cedendo às súplicas dos seus vassallos, e às últimas palavras *de alguém que preza mais do que a si*, manda partir o seu embaixador para Viena de Áustria. Pede a mão da arquiduquesa.

Fazendo esta revelação, o jesuíta penetrava com a vista escrutadora no íntimo da alma de Cecília.

Quis ver o efeito, e apreciar por ele o verdadeiro estado do seu espírito. Apenas ouviu a notícia, a irmã de Teresa sentiu dentro de si uma revolução. O ciúme e o orgulho arrancaram-lhe lágrimas de sangue, dessas que não acodem às pálpebras. As faces fizeram-se logo cor-de-rosa. As pupilas faiscaram. A voz,

cortada na garganta, em vão procurou romper. Enfim, passados momentos, e mais senhora das paixões, retorquiu com certa ironia:

— É uma felicidade para o reino! Sua majestade fez bem, como rei, em não dar mais de oito dias de luto aos seus afetos! — E apontando para Catarina, que de longe a observava, acrescentou: — Voltemos! Já se nota a nossa falta!

— Bem, bem! — disse o visitador com o seu fino sorriso e esfregando as mãos. — O mal terá remédio! Há de lembrar-lhe muito tempo, mas o amor, que decide da vida e acaba connosco, ainda não é esse.

Aproximando-se da mesa, então, virou-se para Jerónimo e disse-lhe rindo:

— Apesar do meu voto de pobreza, também hei de fazer um presente ao noivo: vai partir para a América brevemente; não acha, Jerónimo, que uma recomendação nossa em seu favor para os padres daqueles lugares, não seria de todo inútil? A Companhia pode alguma coisa ali.

— Vossa paternidade sabe que o respeito e venero...

— Sei. Por isso escrevi isto. Deixe pôr o selo!

Era uma ordem secreta aos prelados das missões, para ajudarem em tudo o irmão Jerónimo Guerreiro, passada em nome do geral; o que equivalia a uma fortuna rápida, pelas imensas relações do instituto naquelas partes.

Queimando o lacre lentamente, o padre Ventura tirou o anel do dedo, e com a chapa de ouro gravada nele, selou a fita pendente, e o lugar em que a uniu com o papel. Apenas acabava, Diogo de Mendonça, pegando-lhe no braço, levou-o para um sítio apartado, e encarando-o fixamente, disse-lhe sorrindo:

— Recebeu os alvarás que se expediram?

— Ontem mesmo. E parto hoje.

— Hoje?

— Daqui a duas horas.

— Para Roma?

— Porque o diz?

— Porque a cabeça falta ao corpo. A sede da Companhia é na sede do orbe católico, e o geral não pode estar por muito tempo ausente dela. Faz falta aos pés da cadeira de São Pedro!

— O geral está em toda a parte!

— É verdade! — disse o ministro sorrindo. — Por sinal que estive em Portugal, e só duas horas antes de nos deixar, é que adivinhei por esse selo o segredo da sua vinda. Quem me diria que o padre Ventura se chamava Miguel Ângelo Tamburini? Mas eu com a minha experiência sou indesculpável. Homens assim não se encontram abaixo dos primeiros lugares, sobretudo em um instituto que sabe o modo de os conhecer e aproveitar.

— Já que descobriu a presença do geral da Companhia, saiba que parte para não tornar. Queira dar-lhe as suas ordens para Roma!

— Pois despedimo-nos para sempre?

— A menos que não o veja no Vaticano como embaixador de Portugal. Os meus negócios aqui estão concluídos; e asseguro-lhe que pondo o pé no escaler, levo saudades. O geral da Companhia fez justiça ao merecimento, e assinou com ele um tratado de aliança. Posso contar que mesmo longe me ficará um amigo para continuarmos a harmonia das duas potências?

— Ah, padre Ventura! deixe-me dar-lhe o antigo nome da nossa amizade; indo-se o corpo, como quer que fique a sombra? Já não tenho a quem recorrer nos casos delicados!...

— Miguel Ângelo Tamburini tem o coração do padre Ventura, e sabe todos os segredos dele... Adeus! Um abraço como amigos, outro como aliados. É natural que não nos encontremos senão na eternidade; mas os homens como nós, Sr. Diogo de Mendonça, se já são velhos para as amizades violentas, são experientes e firmes na estimação recíproca. Eu vou trabalhar na reforma de uma potência que julgo opulenta de mais; não adormeça, e trabalhe também em engrandecer um reino, ao qual Deus concedeu tudo, menos pilotos que o dirijam... A hora adianta-se. Hoje, ao pôr-do-sol, Lisboa já será como um sonho de mais na minha vida atribulada...

E, apertando a mão do ministro, veio colocar-se detrás de Cecília. Neste momento Jerónimo dizia à educanda:

— E tu, Cecília, que eras a nossa fada, não me prometes ao menos um bom desejo?

Ela meditava consigo, baixando a vista. De repente ergueu a cabeça, e lançando os braços ao colo de Teresa, exclamou:

— Jerónimo, o desejo que formei, é viver ao lado de minha irmã, se partem cedo para o Brasil.

— Dentro de um mês!

— E eu que vou tomar o fresco até à linha, ainda que tu chores como uma fonte, Madalena! — gritou Filipe com um gesto protetor.

— Filipe, e nosso tio? — disse a mãe de Cecília, soluçando.

— Ah! o tio sábio?! Vem também, é um beliche mais. Olé, meu santinho — ajuntou batendo uma grande palmada no ombro do abade Silva, que deu um pulo. — Graças ao dia de festa que é, perdoo-lhe aqueles trocos...

— Quais trocos? — acudiu o oráculo admirado.

— A meia dúzia de beliscões, que lhe prometi na sela de Frei João. São contas justas.

Lourenço Teles não ouvia nada absorto nas reflexões que subitamente o acometeram. Por fim acordando com um suspiro, virou-se para Cecília, e disse-lhe sorrindo:

— Tu que estás uma viuvinha tão nova e galante queres ser como a esposa de um velho solteiro e triste, tendo piedade da sua idade e solidão?... Se prometes consolar-te, achas em mim o amor de um segundo pai... apesar dos meus setenta anos, faço ainda esta viagem que é a última. Aonde está o nosso coração está a pátria!...

É escusado dizer que Cecília prometeu. Os abraços e os beijos repetiram-se. Só o abade não ria. O erudito voltou-se para ele e disse-lhe:

— Vamos, abade, tente-se também. Venha ler o episódio do Adamastor diante do Cabo da Boa Esperança!...

— E a senhora marquesa das Minas... que não passa uma tarde sem me consultar?

— Não tenha cuidado. A senhora marquesa toma logo uma modista e chama um cabeleireiro para o substituir! Mas aonde está o padre Ventura?

— O padre Ventura — disse Diogo de Mendonça — não existe já. Quem aqui tivemos e partiu para bordo de volta para Roma foi Miguel Ângelo Tamburini, geral da Companhia de Jesus. Dá-me licença que lhe vá dar o último abraço no pacote?

Um mês e nove dias depois saía uma nau para o Brasil, e à popa, lançando um adeus saudosos ao Tejo, os olhos de Frei João dos Remédios, que fora ao bota-fora, distinguiram até muito longe a figura do comendador encostado ao braço de Cecília no meio de toda a sua família.

D. João V nesse momento achava-se no eirado do paço, que deitava para o rio, e tinha ao seu lado o secretário de estado. Enquanto o óculo pôde alcançar a nau, el-rei não o tirou dela; quando se lhe tornou inútil, fechando-o, e sumindo duas lágrimas com as costas da mão, disse muito pálido a Diogo de Mendonça:

— Expeça as cartas de crença ao conde de Vilar Maior. Quero que parta dentro de três dias para Viena de Áustria.

Era também o fim do sonho. Aquele navio à vela eram as ilusões da sua mocidade que fugiam para não voltarem!

Índice

- 7 Nota prévia
- 11 Introdução
- 31 Nota bibliográfica

A Mocidade de D. João V

- 45 Prólogo da primeira edição
- 49 I – A verdade de um rifão
- 57 II – Vale mais só que mal acompanhado
- 69 III – Um retrato no convento
- 77 IV – O hábito não faz o monge,
mas o véu não faz a freira!
- 85 V – *Petrus in cunctis est Petrus in vinculis*
- 101 VI – De um argueiro faz-se um cavaleiro
- 113 VII – Ulisses abraça Penélope!
- 127 VIII – Pelo amor se ganha o Céu!
- 137 IX – Onde não se espera vem o bem!
- 145 X – Luz e sombra!
- 157 XI – Muita bulha para nada!
- 169 XII – Filipe em terra de amigos
- 189 XIII – Nem tudo o que luz é ouro!
- 199 XIV – *Ecce sacerdos magnus!*
- 219 XV – Uma serva de Deus!
- 235 XVI – Nem eu, nem tu
- 249 XVII – Mentira e verdade
- 259 XVIII – Enquanto venta molha a vela!
- 279 XIX – Antes quebrar que torcer
- 295 XX – Sua alteza o Infante D. Francisco!
- 309 XXI – Duas potências!
- 327 XXII – Um português antigo
- 335 XXIII – Nem só a rosa é flor
- 347 XXIV – As três graças
- 365 XXV – Sobre queda couce

- 389 XXVI – Ir buscar lâ e vir tosquiado
409 XXVII – A paz, ou a guerra?
431 XXVIII – Não há gosto sem pesar
439 XXIX – Confidências
453 XXX – Nem sempre o amor com amor se paga!
469 XXXI – Todos falam, e poucos entendem!
493 XXXII – Um fio no labirinto!
519 XXXIII – Dentro e fora
539 XXXIV – Ao luar
567 XXXV – Um raio de luz nas trevas!
589 XXXVI – Revelações
603 XXXVII – Tantas vezes vai a bilha à fonte!
619 XXXVIII – Depois das causas os efeitos!
641 XXXIX – Depois de purgatório a redenção!
661 XL – Sou rei!
697 XLI – Conclusão

Design

**Henrique Cayatte
com Susana Cruz**

Fontes tipográficas

Títulos

**Acta | Dino dos Santos | 2010 © DStype
Neutraface | Richard Neutra / Christina Schwartz | 2007 ©
House Industries**

Texto

Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts

Papel

Coral Book Ivory 90 g

Impressão e acabamento

Imprensa Nacional-Casa da Moeda



Rebelo da Silva

1822-1871

Luís Augusto Rebelo da Silva nasceu em 1822 e faleceu em 1871, em Lisboa. Fez estudos superiores incompletos na Universidade de Coimbra, tendo-se desdobrado depois por vários campos de atividade: política (foi par do Reino e ministro da Marinha), literária, historiográfica e pedagógica, neste caso como professor de História no Curso Superior de Letras. Próximo de Alexandre Herculano, cujas pisadas procurou seguir, Rebelo da Silva colaborou no *Panorama* e soube explorar, como escritor, a voga do romance histórico no nosso romantismo. A popularidade que *A Mocidade de D. João V* conheceu motivou uma adaptação teatral pelo autor, com colaboração de Ernesto Biester. No plano da produção literária e além do título referido e aqui editado, foi autor de *Rausso por Homígio* (1842-43), *Ódio Velho não Cansa* (1848), *Contos e Lendas* (1860), *Lágrimas e Tesouros* (1863) e *A Casa dos Fantasmas* (1865); no campo da historiografia e entre outros estudos, publicou uma *História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII* (1860).

Maria de Fátima Marinho

Maria de Fátima Marinho é professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde tem lecionado literatura portuguesa. É investigadora do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória») e autora de diversos estudos acerca das relações entre literatura e história, com destaque para o volume *O Romance Histórico em Portugal* (1999). Foi diretora da Faculdade de Letras e vice-reitora da Universidade do Porto.

Rebello da Silva
A MOCIDADE DE D. JOÃO V

A *Mocidade de D. João V* é um romance histórico inicialmente publicado em quatro volumes (1852-53). Nele, a história dos amores contrariados do príncipe e futuro rei D. João V cruza-se com o cenário e com as intrigas políticas dos inícios do século XVIII; destacam-se nessas intrigas os esforços da poderosa Companhia de Jesus para condicionar quem haveria de ser o monarca. Conforme o próprio autor afirma, o romance procura ser um «quadro, quase familiar, dos costumes portugueses do século XVIII».

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LINGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

ISBN 978-972-27-2688-7



9 789722 726887